

J. M. S. DAURIGNAC
S. FRANCISCO XAVIER
APÓSTOLO DAS ÍNDIAS

Índice Geral

O CASTELO DE XAVIER (7 de abril 1506
- 1524) - PARIS (1524 - 1536)

ITÁLIA- PORTUGAL (Novembro, 1536 -
Abril, 1541)

MOÇAMBIQUE - PENÍNSULA DAQUÉM
DO GANGES (Abril 1541- Setembro 1545)

MALACA - ILHAS MOLUCAS - VOLTA A
MALACA (Setembro 1545 - Janeiro 1548)

VOLTA PARA A PENÍNSULA DE AQUÉM
DO GÂNGES (Janeiro 1548 - Maio 1549)

JAPÃO (Maio 1549 - Novembro 1551)

VOLTA ÀS ÍNDIAS ILHA DE SANCIÃO
(Novembro 1551 - Dezembro 1552)

NO CÉU (Dezembro 1552 - 1555)

APÊNDICE

NOTAS

O CASTELO DE XAVIER
(7 DE ABRIL 1506 - 1524)
PARIS
(1524 - 1536)

Índice

I. O CASTELO DE XAVIER - NOBREZA
DA FAMÍLIA - XAVIER E SUA MÃE

II. MIGUEL NAVARRO - O JOVEM
PROFESSOR - RETRATO DE XAVIER

III. NO COLÉGIO DE SANTA
BÁRBARA - XAVIER E FABRO

IV. O COLÉGIO DE MONTAIGU - O
ESTUDANTE MISTERIOSO

V. CONVERSÃO DE XAVIER - DE QUE
SERVE AO HOMEM...

VI. OS VOTOS DE MONTMARTRE -
CRIMINOSO PLANO

VII. MIGUEL NAVARRO - EMISSÁRIO
DO INFERNO - CARTA DE XAVIER A
SEU IRMÃO

J. M. S. DAURIGNAC

S. FRANCISCO XAVIER

APÓSTOLO DAS ÍNDIAS

O CASTELO DE XAVIER
(7 DE ABRIL 1506 - 1524)

-

PARIS

(1524 - 1536)

I. O CASTELO DE XAVIER - NOBREZA DA FAMÍLIA
- XAVIER E SUA MÃE

Na extremidade oriental da Navarra espanhola, não longe da pequena cidade de Sanguesa e no vale de Aibar, eleva-se majestosamente um escarpado rochedo cercado por uma fortaleza cuja origem remonta aos primeiros tempos do feudalismo. Abrigada pelos Pirinéus e colocada como sentinela avançada sobre os confins da Navarra, parece guardar a entrada e desafiar o Aragão a transpor os limites da sua fronteira.

As ameias, cuja plataforma é cercada, as besteiras das suas fortes muralhas, as seteiras em rocha dura que formam as suas trincheiras, atestam ainda hoje os assaltos que teve de sustentar no tempo em que cada um dos diversos soberanos que reinavam na velha Espanha estavam continuamente em guerra com os seus vizinhos, cujos direitos contestavam.

Este antigo solar ali situado como um ninho de águias, era somente acessível por uma rampa natural que ia terminar ao primeiro andar, cuja porta era guarnecida de grossas barras de ferro.

Do lado oposto descia-se pelo andar inferior, para um vale onde uma igreja e algumas habitações, em mui pequeno número, formam a aldeia dependente da jurisdição do castelo.

Esta antiga fortaleza é o castelo de Xavier.

No começo do século XV a única herdeira da família de Aznarez y Xavier, descendente dos primeiros soberanos da Navarra [1], levou este feudo para a casa de Azpilcueta pelo seu casamento com D. Martinho, único descendente daquela nobre família e que ocupava um dos primeiros cargos na corte. Na sua morte, não deixou D. Martinho de Azpilcueta outros herdeiros do seu nome além de um filho dedicado às ordens sacras, e uma filha que reunia em si todas as qualidades desejáveis para poder honrar todos

os títulos e feudos de, seus pais.

O rei de Navarra, João III [2], tomando o lugar de pai da bela e rica herdeira D. Maria de Azpilcueta de Aznarez y Xavier, que reconhecia como sua parente, escolheu, de entre os fidalgos da sua corte, aquele que julgou mais digno de uma tal aliança, e deu-lhe por esposo D. João de Jasso, senhor de Idochim, que ele estimava com afeição e ternura.

D. João era um dos homens mais distintos da sua época, presidira, por longo tempo, o Conselho do seu soberano; exercera o cargo de seu embaixador extraordinário junto dos reis católicos Fernando e Isabel [3]; gozava de grande reputação nas letras, e o seu talento, a sua inteligência e integridade nos negócios públicos, a completa lealdade do seu caráter e a solidez das suas virtudes, granjearam-lhe a estima e a afeição de todos os cortesãos.

Não querendo o rei de Navarra que se extinguissem, na pessoa de D. Maria, as nobres famílias de que era única descendente, determinou que D. João de Jasso acrescentasse, ao seu nome e às suas armas os nomes e as armas dos Azpilcuetas e dos Xavieres.

Convencionou-se, além disso, e foi uma das condições do contrato, que se deste casamento proviessem muitos filhos, o último adotaria o apelido e as armas dos Xavieres com o fim de conservar, pela descendência deste, a recordação da mercê que o rei Thibaud I [4] fizera, 250 anos antes, à família de Aznarez, da casa-forte, e das terras de Xavier, em remuneração dos bons e leais serviços que ela havia prestado à coroa [5].

Deus abençoou generosamente a união de D. João e D. Maria, não somente pelos numerosos filhos que lhes deu, mas também pela graça que aprouve conceder a dois de entre eles. Todos os seus filhos, a exceção do último, seguiram a carreira das armas na qual se haviam nobilitado seus avôs, e todos se distinguiram nela, tanto pelas suas virtudes como pelo seu valor a talento.

Uma só filha concedeu Deus aos votos de D. João e D. Maria, feitos desde os primeiros anos da sua união. Bela e virtuosa, como sua mãe, adquirira Madalena a confiança e a afeição da rainha Isabel, que a chamou para junto de si na qualidade de sua dama de honor a sua favorita.

Não podia, porém, Madalena, no meio do bulício e dos prazeres da corte, dedicar-se, como desejava, as obras de caridade e às orações, com fervorosa devoção Crescia-lhe de dia em dia o amor de Deus, e a sua posição na corte absorvia-lhe todo o tempo que desejava consagrar a religião. Todos os seus desejos eram entregar-se inteiramente a Deus, porém via-se forçada a distrair-se, e isto lhe se tornava intolerável. Finalmente, o seu tédio pelas grandezas e prazeres do mundo cresceram a tal ponto, que abandonou a corte e retirou-se para onde Deus a chamava.

As santas religiosas que a guerra forçara a abandonar a Franca, vieram refugiar-se na Espanha, próximo de Valença, na pequena cidade de Gandia, a ali viviam sob a rigorosa severidade da sua ordem.

O mosteiro de Santa Clara de Gandia gozava do credito do mais austero da Espanha, a foi sem dúvida por isso que D. Madalena de Azpilcueta o escolheu e preferiu, e era certamente para ali que Deus a chamava, porque desde o começo do seu noviciado causou a sua santidade, tida como um prodígio, a maior admiração, a poucos anos depois foi ela escolhida para suceder a abadessa que falecera.

Deus fazia conhecer muitas vezes os seus desígnios à devota Madalena. Revelou-lhe um dia que a morte que lhe destinava seria serena e tranqüila como o sono da inocência; porém fez-lhe conhecer, ao mesmo tempo, uma das suas religiosas, anunciando-lhe a morte mais tormentosa da natureza.

A caridosa abadessa empenhou-se desde logo para com Deus, suplicando para si aquela morte de tormentos, e que a divina Bondade reservasse e concedesse à sua religiosa a que fosse mais amena. Conheceu, por inspiração divina, que a sua súplica seria atendida e bem depressa teve a prova.

A religiosa que a abadessa vira na sua revelação, morreu, pouco depois,, sem sofrimento algum e parecendo gozar antecipadamente das alegrias celestes e que fazem a felicidade eterna. E mais tarde, em 1532, Madalena adoeceu, a gangrena corroeu o seu corpo extinguindo-o lentamente, e baixou à sepultura sofrendo todos os horrores que produzem essas humilhantes decomposições e as cruéis dores que as acompanham. Mil vezes mais pesarosa com os sofrimentos da alma do que com os do corpo, suportou este longo martírio com uma coragem e resignação heróicas, e expirou bendizendo a Misericórdia infinita que se comprazem em purificá-la assim nesta vida.

Francisco, era o último filho de D. João e D. Maria. Nascido a 7 de Abril de 1506, no castelo de Xavier, cujo feudo se lhe destinava, tomou dele o nome; porém tendo mostrado desde a infância a mais verdadeira dedicação pelo estudo, a ponto de seus pais conhecerem logo que ele tinha uma decidida vocação pela vida eclesiástica, quiseram que seu irmão imediato, anterior na idade, também adoptasse o apelido de Xavier, que desejavam conservar e perpetuar na sua descendência.

Francisco cresceu e à medida que a sua robusta inteligência e talento se desenvolvia, a sua dedicação pelo estudo tornava-se em paixão profetizadora de ditoso futuro.

Os outros seus irmãos só aspiravam às distinções na profissão das armas; Francisco, conquanto possuísse todos os predicados para nela brilhar com todo o esplendor, não tinha por aquela carreira inclinação alguma, e fácil era prever-se que não seguiria senão a das ciências.

Cursou tudo quanto se lhe podia ensinar em Navarra, com a maior brevidade e admirável distinção; e como uma tal facilidade e tais progressos não podiam deixar seus pais em dúvida sobre a resolução que tinham a tomar, resignaram-se estes a secundar as suas prodigiosas disposições, mandando-o para a Universidade de Paris. Este sacrifício era imenso. Já os filhos mais velhos se achavam apartados da família, prometendo tornarem-se dignos do seu nome.

D. Madalena entrara, alguns anos antes, para o mosteiro de Santa Clara, e desta numerosa família, o último filho, aquele que recebera às últimas carícias prodigalizadas à infância, o único que ficava e fazia as delícias do lar paterno pelos amáveis dotes do seu espirito, ia apartar-se também e para muito mais longe! Mas os interesses do seu futuro assim o reclamavam, e seus pais souberam ser generosos para com este seu filho muito amado.

Francisco tinha então dezoito anos, havia já concluído os seus estudos preparatórios e desejava completar o curso de filosofia; partiu, pois, em seguida, e logo que chegou a Paris entrou no colégio de Santa Bárbara.

II. MIGUEL NAVARRO - O JOVEM PROFESSOR - RETRATO DE XAVIER

A Universidade de Paris era, no século XVI, a mais notável de todas; concorriam a frequentá-la estudantes de todos os pontos da Europa, e as províncias da França tinham ali alguns colégios, que, pela maior parte, foram fundados pelos bispos em benefício da mocidade das suas dioceses. Todos estes estabelecimentos agrupados entre a porta de S. Miguel e a abadia de S. Germano-das-Près, deram a este quarteirão o nome de País-Latino, e ainda há pouco, não obstante a desapareição dos seus numerosos colégios, se chamava Bairro-Latino.

Em um dia do mês de junho de 1533, por um calor abrasador, um mancebo que parecia ter de vinte e cinco a vinte e seis anos, subia precipitadamente a rua principal de S. Benedito-le-Bestournet [6], parecendo esquecer-se do copioso suor que em bagas lhe corria pelo rosto e do sol que o queimava com seus raios ardentes.

A sua cútis de cor trigueira e os seus cabelos dum negro de azeviche, indicavam nele um sangue meridional; o seu gibão listrado, suas calças de tufos e de fino estofado, mostravam que pertencia a classe superior à de simples artista; porém a ausência dos bordados e outros adornos ricos no fato, deixavam também supor que não pertencia à nobreza.

Dobrou pela rua das Noyers, tirou o gorro quando passou por diante da capela de Santo Ivo [7], e descobrindo grupos de estudantes que saíam dos colégios próximos, exclamou: "Muito bem; chego a propósito, as aulas acabam agora".

Estugou o passo, tomou pela rua de S. João de Beauvais e parou junto à casa que tem hoje o n° 7, e em cujo terreno se achava então situado o colégio de Beauvais [8]. Ali enxugou o rosto lavado de suor, cruzou os braços, encostou-se à ombreira da porta e esperou.

Deviam ser pouco agradáveis os pensamentos que naquele momento o preocupavam, porque as suas sobrancelhas enrugadas, os lábios apertados e o fulgor que lhe brotava dos olhos, davam à sua fisionomia um tal aspecto, que as patrulhas e os polícias que ali o vissem não o julgariam indigno de vigilância. Dirigindo a vista para a torre do muro de S. João de Jerusalém [9] lembrou-se, sem dúvida, que deixara de render homenagem àquele lugar santo, porque tirou em seguida o seu gorro, e, assim descoberto, fez um reverente sinal da cruz, que terminou por denunciar a sua nacionalidade. Era evidentemente um espanhol. Quando acabava de se cobrir, pondo o seu gorro inclinado sobre a orelha direita, sentiu ligeiros passos atrás de si, e voltando-se rapidamente para aquele que, sem dúvida, esperava, disse-lhe este, apertando-lhe a mão

- Viva S. Tiago! eu não vos faltei, D. Francisco.

- Porque não entraste, Miguel? perguntou-lhe este último.

- Eu desejava ver-vos a sós por um instante e vós andais sempre entretido com a vossa classe. Anúis a que dêmos um passeio à volta da cerca do edifício? Tenho só duas palavras para vos dizer:

- Da melhor vontade.

Depois de atravessarem a rua, entraram na que seguia ao longo do muro da cerca do mosteiro, que se estendia até à rua de S. Jacques. Naquele momento o semblante de Miguel não apresentava o menor indício das paixões

que nele se refletiam um momento antes; parecia gozar unicamente de alegria e confiança. Contudo, um observador atento e minucioso teria reconhecido a dissimulação no seu sorrir e a hipocrisia no seu olhar.

Francisco, a franqueza e a lealdade personificadas nada podia descobrir, porque nunca havia notado enganadoras diferenças nas maneiras naturalmente ásperas de Miguel Navarro. Conhecia-o, sim, algum tanto desregrado na sua conduta, leviano nas suas ações e volúvel nas suas afeições; porém sabia também que era dele afetuosamente estimado, e que Miguel não hesitaria em expor por si a sua vida. Muitas vezes havia já experimentado a sua dedicação, e ninguém mais sensível que Francisco para testemunhar verdadeira gratidão em prova duma amizade sincera.

Miguel estava, portanto, seguro de ser acolhido com a maior benevolência, não obstante a distância social que separava as duas famílias.

Miguel, como já se terá compreendido, pertencia à burguesia; circunstâncias particulares determinaram seus pais a fazê-lo estudar, e mais tarde, por conselhos e com auxílio dalguns fidalgos, mandaram-no para Paris, a fim de ali concluir os seus estudos, na esperança de que se abria para ele a carreira literária.

Recomendado a Francisco, Miguel ganhou a sua simpatia pela natural viveza do seu temperamento e alegria do caráter espanhol; os benefícios que recebia, o apoio que nele encontrava e os amigáveis conselhos do seu jovem protetor, tudo contribuía para enraizar esta amizade.

Francisco era em tudo diametralmente oposto a Miguel. Amável, belo, de porte elegante, airoso em seus ademanes, distinto em suas maneiras, e bastava vê-lo para se reconhecer nele a nobreza da sua origem. Sua admirável inteligência, a sua paixão pelo estudo, as brilhantes qualidades do seu espírito, davam-lhe uma incontestável superioridade sobre todos os mancebos da sua idade.

A sua fronte alva e pura, a frescura e viveza das suas cores, a tranquilidade nas suas ações, indicavam completa ausência das paixões más.

A franqueza e energia do seu caráter, a elevação e a delicadeza dos seus sentimentos, a bondade e generosidade do seu, coração, reflectiam-se nos seus grandes olhos azuis, onde muitas vezes se revelava o gênio, e cujo olhar meigo e penetrante exercia uma atração magnética em todo aquele que dele se aproximava.

Tinha o nariz bem feito, a boca expressiva: e agradável, o sorrir amável e benevolente; os cabelos castanhos, cujas ondulações pronunciadas faziam sobressair o vivo da sua cor e a alvura da sua fronte; a altura, um pouco acima da mediana e admiravelmente proporcionada; e, finalmente, todo este conjunto duma harmonia perfeita, fazia de Francisco um tipo da maior distinção, e dava-lhe um encanto irresistível. Era impossível vê-lo sem experimentar desejos de o conhecer de mais perto, e não se podia conhecer sem se amar.

Tendo apenas a idade de 27 anos era já professor de filosofia no colégio de Beativais com notável distinção, e acabava de sair da sua aula no momento em que Miguel Navarro chegava à porta do colégio para o esperar à saída.

Quando os dois amigos entraram na pequena rua de L'Enclos, Miguel apressou-se em aproveitar os curtos momentos que havia pedido.

- D. Francisco, disse ele, sem o menor embaraço, ao jovem professor, deixei-me arrastar na segunda-feira a S. Dinis, e...

- E a bolsa ficou exausta, não é assim?

- Oh! não me resta mais que um pobre maravedi, senhor!

- Confesso-vos, Miguel, que não compreendi ainda o encanto do Landi [10]; é de um tão mau gosto, duma tal loucura, que lamento sinceramente ver-vos tomar parte naquilo. Ajudar-vos-ei, contudo, uma vez que estais necessitado; a demora dum mensageiro meu tem-me em apuros neste momento, mas pedirei recursos a um amigo para vos ser útil: vinde amanhã a Santa Bárbara.

- A Santa Bárbara! exclamou Miguel; vós sabeis, D. Francisco, que não gosto dos exortadores!

- Confesso que ele é pouco agradável, mas descubro-lhe, cada dia, novas e admiráveis virtudes que me fazem apreciá-lo e estimá-lo.

- Não vejo que chegue a tanto. O que ele procura é aproximar-se de vós com o fim de conquistar a vossa confiança e amizade, e arrastar-vos a mendigar como ele.

- Tranquilizai-vos, Miguel, eu não me deixarei arrastar até tão baixo.

- Seria isso um novo trarão de nobreza para a vossa ilustre família!... Este Ínigo sabe demais que vós não sois plebeu como ele!...

- D. Ínigo é de nobre linhagem, Miguel; pertence a uma das mais distintas famílias da Espanha; sei isso por D. João de Madeva que a conhece, e eu também conheço alguns membros dela.

Miguel mordeu os lábios, empalideceu, os músculos do seu rosto contraíram-se, abafava. Ninguém melhor do que ele conhecia a origem daquele que chamava, com o fim de ridicularizar, "o homem das exortações"; mas mui poucos espanhóis em Paris conheciam este Ínigo que se ocultava sob as mais pobres e humildes aparências, e Miguel supunha que D. Francisco também o ignorasse ainda. Dissimulou o melhor que pôde a violenta contrariedade que experimentava, e respondeu:

- É um motivo a mais, senhor, para se recluir a sua influência sobre vós. Noutro tempo evitáveis-lo e não respondíeis às suas sentenças senão por epigramas; hoje estimai-lo e viveis juntos; ele seduziu já o Padre mestre Pedro, e estou certo que...

- Vejamos, Miguel, replicou Francisco, a vossa dedicação por mim cega-vos; deixemos este assunto, e vinde amanhã de manhã a hora em que eu esteja só.

E sem notar a expressão que se pintava no rosto lívido de Miguel Navarro, o jovem professor tirou da sua bolsa algumas moedas que lhe deu para as primeiras necessidades, e separaram-se.

Miguel voltou pelo mesmo caminho, e Francisco dirigiu-se para o colégio de Santa Bárbara, onde morava.

III. NO COLÉGIO DE SANTA BÁRBARA - XAVIER E FABRO

Francisco encetou o curso de filosofia com desejos e propósito firme de se distinguir entre todos os seus condiscípulos e assim o conseguiu, porque a sua inteligência não admitia dificuldades, e trabalhava com ardor insano. Dele se dizia, que "nunca estudante algum conseguira, em Paris, tanto com tanta facilidade".

De entre todos os alunos da sua classe, Francisco extremou Pedro Fabro, um dos mais notáveis pela sua assiduidade ao estudo, mais atraente e simpático pelas qualidades da sua alma e do seu coração. Xavier, encantado da sua modéstia, da sua afabilidade e da tranquilidade do seu espírito, desejou aproximar-se dele, e Pedro, que pelo seu lado admirava a vasta e robusta inteligência do jovem Navarrês, assim como apreciava o seu nobre caráter e o encanto que derramava em torno de si, julgou-se muito feliz por se ver por ele estimado. Bem depressa os dois amigos não tiveram mais que um só quarto e partilhavam os seus entretenimentos e trabalhos, os seus prazeres e desgostos; tudo, finalmente, se tornou comum entre eles, e os progressos de cada um faziam a alegria de ambos.

Deus preparava assim a execução de seus altos desígnios num e noutro, porque uma tal intimidade estava em oposição com as idéias da época.

Pedro Fabro, filho dum agricultor de Villaret, próximo de Gênova, tinha sido guardador de gado na sua infância. A sua terna piedade, o desenvolvimento extraordinário da sua inteligência e o desejo que tinha de estudar o latim, resolveram seu pai a confiá-lo a um professor da vizinhança, cujo mérito conhecia.

Pedro estudou ali com tal aproveitamento, que D. Jorge Fabro, seu tio, prior dum mosteiro em Chartreuse, reconhecendo aquelas disposições julgou conveniente adiantá-lo nos estudos, quanto possível fosse, e obteve de seu irmão que se fizessem os arranjos precisos para o mandar para a Universidade de Paris a fim de ali seguir um curso de filosofia.

Era um sacrifício para a mediocridade da sua fortuna, porém o pai de Fabro, verdadeiro cristão, para não resistir à vontade de Deus para com seu filho, resignou-se a sofrer faltas pecuniárias, e as saudades que esta separação e longa ausência lhe deixavam, e enviou Pedro para o colégio de Santa Bárbara.

Xavier, ligando-se a este jovem estudante, reconheceu nele uma modéstia original e uma simplicidade rústica provenientes, sem dúvida, do seu nascimento e das suas ocupações anteriores; mas, coisa admirável no século XVI, o soberbo espanhol, o descendente dos reis de Navarra, aquele cujos irmãos eram admitidos com distinção na corte de Aragão e de Castela, sendo ele também, com a maior honra, recebido na de Francisco I [11], escolheu para o seu íntimo amigo o filho dum pobre agricultor, dum aldeão da Sabóia, com quem vivia em fraternal intimidade!

Que diferença, pois, nos seus caracteres, nos seus hábitos, na educação, nos gostos e nas idéias! Pedro era duma piedade de anjo. Francisco, educado sob princípios religiosos, conservava e acatava os seus deveres e preceitos essenciais, mas não passava disso. Era orgulhoso e altivo, delicado em pontos de honra, algum tanto vaidoso da sua pessoa e da superioridade das suas brilhantes faculdades. Pedro era humilde, ingênuo, modesto, chegando a ser algum tanto tímido e não se orgulhando dos seus progressos e dos louvores que recebia dos professores pelo seu grande mérito.

Os dois amigos trabalhavam com igual ardor nesta aprazível intimidade, que nem por um momento fora interrompida, e calculavam, com alegria, que, continuando a seguir por aquele modo os seus estudos, e com tão igual resultado, receberiam os graus no mesmo dia e partilhariam, ainda juntos, deste último aplauso e triunfo. Não tinham, pois, tempo a perder; este pensamento animava-os, incitava-os, e eles trabalhavam com mais ardor cada dia, e com tal assiduidade que nada os distraía.

Porém a presença de Francisco fazia cada vez maior falta no solar de Xavier. Os dias pareciam ali mais longos, os serões não tinham encantos desde o dia em que o espírito alegre, a animação e o carácter amável do jovem estudante deixara de dar vida àquela solidão. Decorrera dois anos depois da sua partida, e dois anos de separação do filho, era já longo tempo para os corações daqueles pais!

D. Maria esforçava-se por dissimular a sua tristeza, porém D. João era mais franco, por isso falava muitas vezes em chamar para junto de si o seu filho mais novo; e D. Maria conseguia sempre dissuadi-lo desta idéia, a bem dos interesses do seu muito querido Francisco, continuando ambos a sofrer a ausência e o isolamento, cheios da maior abnegação e paciência.

D. Madalena, sua filha, então abadessa do mosteiro de Santa Clara, gozava de tão grande fama de santidade, que de muito longe a vinham consultar, e provado estava que ela recebia luzes proféticas, porque os factos o justificavam.

D. João escreveu-lhe consultando-a se devia ou não determinar o regresso de Francisco [12]. A santa abadessa, inspirada por Deus, respondeu a seu Pai: -"Se a glória de Deus vos é cara, deixai meu irmão em Paris, a fim de que depois da filosofia ele estude a teologia, porque Deus me revelou que Francisco era o vaso de eleição destinado a levar para as Índias o facho da Fé".

Esta magnífica e inesperada nova produziu uma inexprimível mistura de impressões no nobre solar!... Que esperanças lhes restavam agora de tornar a ver aquele que espalhava ali tanta alegria e tanto encanto!... Qual seria o destino que a Providência tinha em vista dar-lhe?...

Que direção tomaria ele para ir... para as Índias? pelo meio de povos infiéis cuja selvageria e natural crueldade inspiravam terror?!... E ao mesmo tempo, que felicidade, que glória para aquele pai e aquela mãe, aos quais Deus se dignava fazer anunciar, por um de seus filhos, cuja santidade era conhecida em todo o reino de Valentia, que o seu Francisco tão querido era o "vaso de eleição" destinado a levar o Evangelho aos vastos países de além-mar, de pouco conquistados pelas armas européias...

D. João e D. Maria souberam agradecer a Deus esta grada, oferecendo-lhe o doloroso sacrifício cujo preço era aquele Xavier conservou-se, pois, em Paris; ali continuou o seu curso de filosofia e terminou-o duma maneira tão distinta, que se lhe ofereceu imediatamente uma cadeira daquela faculdade no colégio de Beauvais; porque então ninguém podia ser agregado à Universidade, e obter o grau de doutor em teologia se não tivesse ensinado a filosofia por sete anos consecutivos.

Assim como o haviam desejado os dois amigos, Pedro Fabro foi recebido como professor em artes ao mesmo tempo que Xavier, e também por distinção.

Ao receber a sua nomeação para a cadeira do colégio de Beauvais, Francisco tomou a mão de seu amigo e disse-lhe com o sentimento de franca

cordialidade que fazia o encanto da sua vida de estudante

- Pedro, eu lecionarei no colégio de Beauvais, porém, conservarei o meu quarto de estudante de Santa Bárbara e não nos separaremos.

- Considerar-me-ei muito feliz, respondeu-lhe Pedro, porque estou resolvido a seguir um segundo curso de filosofia, antes de começar os estudos de teologia, assim gozarei muitos anos mais da vossa companhia.

- Era isso o que eu desejava, replicou Xavier; vós podíeis mesmo seguir o curso de teologia morando no colégio de Santa Bárbara, e conquanto os nossos trabalhos sejam hoje diferentes, ser-nos-á mais agradável a vida comum, porque trabalha-se mais e descansa-se melhor, quando se está ligado como nós.

- Assim gozaremos, pois, esses tantos anos; mais tarde... o futuro pertence a Deus!...

- Sim, não pensemos, por agora, na nossa separação; falaremos nisso em 1534, e, por tanto, temos muito tempo.

IV. O COLÉGIO DE MONTAIGU - O ESTUDANTE MISTERIOSO

O vasto edifício ocupado hoje pela biblioteca Santa Genoveva, no ângulo da rua dos Sete-Caminhos, era-o no século XVI pelo colégio de Montaigne [13].

No ano escolar de 1528 a 1529, notava-se, no número dos alunos, que seguiam a classe das humanidades naquele colégio, um estudante que parecia ter já passado, há muito tempo, a idade dos estudos clássicos. Todos perguntavam quem poderia ser este personagem que vinha assim enfileirar-se entre tão jovens estudantes para receber a mesma instrução que eles, numa idade em que, de ordinário, o homem não aprende a não ser pelo hábito intelectual ao qual ele parecia estranho.

O seu traje não era como o dos outros. Em lugar da longa batina dos estudantes da Universidade, usava a toga dos velhos, notável pelo grande comprimento; não trazia o gorro inclinado para a orelha direita, mas sim um chapéu de abas horizontais, colocado no meio da cabeça e sem inclinação, como se usa hoje: naquela época consideravam isto uma enormidade.

Nada mais era preciso para excitar a curiosidade entre os estudantes e os professores. Faziam-se mil conjecturas, comentava-se transmitiam-se várias observações; porém o estrangeiro inspirava tal respeito que ninguém ousava dirigir-lhe perguntas, não encontrando em torno de si senão olhares benevolentes, e não permitindo que corresse a crítica, excitada pela curiosidade, a não ser na sua ausência.

Nas proximidades da terminação das férias, que seguiram as aulas, e as quais o desconhecido freqüentara com rigorosa regularidade, soube-se de repente, que este misterioso personagem era acusado de sortilégio e magia. Contavam-se coisas de arrepiar os cabelos, acrescentando-se que ele havia sido denunciado ao inquisidor Mateus Ori, prior dos Jacobinos, e esperava-se que fosse condenado à forca- ou à fogueira.

Asseguravam alguns que era o menos que ele merecia, atendendo-se a que dois anos antes fora condenado em Espanha por igual crime e que sofrera muitos

meses de detenção nas prisões de Alcalá e Salamanca.

Não se falava no Bairro Latino senão deste importante assunto, quando, poucos dias depois desta surpreendente nova, se soube que o inquisidor reconhecera a inocência deste grande criminoso e que até falava dele com profunda veneração, sem contudo nada dizer que pudesse deixar penetrar o mistério com que o desconhecido insistia em encobrir-se.

Expirara o tempo das férias; as aulas estavam já abertas, os alunos haviam voltado aos seus estudos; D. Francisco tornava a apresentar-se com o mesmo brilhantismo na cadeira que lhe estava confiada, e na qual granjeara a maior reputação, e Pedro Fabro continuava a trabalhar com a mesma coragem e dedicação pelo estudo.

Nada parecia, pois, fazer mudar a vida íntima dos dois amigos, quando um dia o doutor Penha que tinha sido seu professor de filosofia e que o era ainda de Fabro, os viu passear, depois do jantar, coze um dos seus novos discípulos, do qual todo o colégio se preocupava com muita curiosidade.

Era um homem de 40 anos, pròximamente. O seu andar grave e algum tanto precipitado denunciava algum sofrimento, o que se notava também nos seus movimentos contrafeitos. Conquanto fosse mais baixo que Francisco, a sua beleza mui notável era mais varonil, as suas ações mais enérgicas; talvez esta diferença lhe viesse da idade.

A sua cor bronzeada indicava o homem habituado a grandes fadigas; os seus olhos azuis, algum tanto profundos e cheios de fogo, deixavam entrever uma alma muito preocupada, uma inteligência superior, uma vontade que devia ultrapassar e vencer todos os obstáculos; porém só a convivência e a intimidade podiam descobrir aquela expressão habitualmente oculta ao observador pelas grandes pálpebras guarnecidas de longas pestanas, que ele trazia sempre inclinadas para o chão.

O doutor Penha vendo-o com os dois amigos, dirigiu-se a Fabro e tomando-o por um braço levou-o consigo, deixando Francisco só com o estrangeiro. Este procedimento não pareceu agradar ao nosso jovem, professor, porque poucos instantes depois subiu para o seu quarto, aonde Pedro se lhe reuniu em seguida

- Tiveste grande paciência todo este tempo, Francisco, disse-lhe ele entrando.

- Que querieis, meu caro amigo; ele continuou a exortação, na vossa ausência, e eu fiz-lhe observar que perdíeis com isso e que para evitar o trabalho de repetir na vossa presença, seria melhor deixar a continuação para amanhã.

- Mestre Penha veio falar-me dele, pediu-me que lhe repetisse e explicasse as lições, e eu aceitei.

- Fizeste muito bem; na sua idade é mais fácil estar a repetir sempre as mesmas sentenças do que aprender a filosofia. Mestre Penha disse-vos alguma coisa que saiba deste misterioso estudante?

- Nada absolutamente. Ele começa a excitar a curiosidade em Santa Bárbara como em Montaigu, e não se inquieta com isso. Dá-se pelo nome de Ínigo, e eis tudo quanto Mestre Penha sabe e que nós sabíamos também.

Alguns meses depois, Fabro, que apreciava cada vez mais o estudante de quem era repetidor, significou a Xavier o desejo que tinha de o admitir como

terceiro companheiro de quarto, e a Providência, que dispunha sempre as coisas para conservar a melhor harmonia entre os dois amigos, serviu-se da condescendente amizade de Xavier para o fazer consentir naquilo que muito o desgostava, a vida em comum com um honre-m que lhe era antipático. Fabro exercia, porém, tal influência no coração de Francisco, que podia pedir-lhe tudo sem recear nem sequer a aparência duma recusa.

- Da melhor vontade, respondeu ele, uma vez que vós o desejais; contudo imporei somente uma condição.

- Qual é ela?

- Que ele nos exortará só de dia, e nunca de noite! Não lhe suponho a intenção de nos impedir o sono.

- Meu caro amigo, ele pode ser levado pelo encanto da própria eloquência, e isto seria um grande estorvo para o nosso repouso, e demais, nós temos boa memória para a todo o momento termos presente o seu inevitável: Quid prodest!

Pedro sorriu docemente, mas do fundo do coração agradecia a Deus o ter concorrido para esta aproximação, da qual muito esperava a bem do seu caro amigo.

Convencionou-se, pois, que o novo estudante viria instalar-se, como terceiro habitante do quarto dos dois amigos, logo que terminasse alguns negócios que o retinham fora por algum tempo ainda. No entretanto Ínigo repetia constantemente a Francisco estas palavras divinas que o desesperavam: "De que serve ao homem ganhar todo o universo se vier a perder a sua alma?" e não obtinha em resposta mais que um gracejo, uma palavra de desprezo e ordinariamente um profundo silêncio, o que era ainda mais ofensivo. Porém Ínigo não desanimava.

Pedro, cujos progressos na vida espiritual eram notáveis desde que lhe dera inteira confiança, esforçava-se em concorrer com a sua influência, e não era mais feliz.

Os progressos de Xavier nas ciências e no mundo lisonjeavam a sua vaidade a ponto de o tornar surdo à palavra evangélica, que não cessavam de lhe recordar.

Num dia, Ínigo depois de lhe ter falado por longo tempo sobre as vaidades do mundo, com tão mau resultado como sempre, terminou com as mesmas palavras celestes

De que serve ao homem ganhar todo o universo, se vier a perder a sua alma?
- Vós o compreendereis um dia, D. Francisco acrescentou ele.

- De que serve ao homem estar a pregar todo o dia se não consegue senão perder o seu tempo? replicou-lhe Xavier em tom de mofa.

- Cumpre com o seu dever, e aquele que não procura aproveitar, falta ao seu, D. Francisco.

Francisco continuou a trabalhar sem responder.

Dois dias depois Ínigo apresentava-lhe estudantes capazes de poderem apreciar o seu mérito, e aos quais havia feito os maiores elogios da ciência e eloquência do jovem professor. Queria levá-lo pelo lado fraco, conhecendo, além disso, que Francisco tinha um coração o mais sensível e o mais reconhecido. Agradeceu a Ínigo com delicadeza,

reprendendo-se interiormente por o haver tratado até então com tanto rigor.

A partir daquele dia renunciou ao seu sistema de defesa por epigramas, e suportava com paciência, sem responder, as importunas maçadas de Ínigo.

Dali a pouco, achando-se Francisco com D. João de Madeva, falou-lhe de Ínigo do mistério com que ele se envolvia, da curiosidade que excitava e da edificação da sua vida. D. João compreendeu tudo imediatamente.

- Como! disse ele a Xavier, vós o vedes todos os dias, viveis com ele e ainda não descobristes quem ele é?

- É impossível arrancar-lhe o seu segredo

- É o mais novo dos de Onhez, Ínigo de Loiola! É o belo pajem do rei! o valente oficial que desapareceu após a tomada de Pamplona, e que depois se tornou um Santo; porém é uma santidade que desagrade muito aos seus irmãos e que bastante os mortifica. Um de Onhez, vestido como um mendigo, vivendo de esmolas, pregando por toda a parte!... Sua família tem procurado por todos os meios retê-lo junto de si, mas a exaltação de Ínigo tem resistido a todas as instâncias.

Francisco ficou desorientado! Podia D. João continuar a falar por muito tempo sem ser atendido. Xavier conhecia a família de Ínigo, não pessoalmente, mas sim pelos seus irmãos que estavam na corte dos reis católicos e que a conheciam; além disto a sua família tinha sempre mantido relações com a dele, e era este Ínigo que ele, Xavier, havia olhado, desde o princípio; como um homem de nascimento baixo, e que mais tarde tratara com tanta ironia! E agora é que apreciava quanto havia de heroísmo na vida pobre e humilde de D. Ínigo! As reflexões sucediam-se umas às outras, mas os seus progressos no mundo e as esperanças no futuro traziam-lhe violentos remorsos de consciência e esta luta desassossejava-o.

No mesmo dia do seu encontro com D. João de Madeva, Francisco comunicou a Pedro Fabro o que viera a saber, e confessou francamente a D. Ínigo que reconhecia nele toda a verdade. Desde aquele momento a mais sincera amizade os uniu; porém Ínigo não possuía mais que o lado humano de Francisco, conquistara uma grande parte do seu coração, mas da sua alma nada; esperava, portanto, e esperava muita porque via o combate interior com que lutava o seu amigo, e observava-o com grande ternura e vivo interesse, sem dar-lhe a entender que o havia compreendido.

Pedro Fabro acompanhava-o em orar ardentemente pela alma que lhes era tão cara e esperavam assim pelo momento da graça, que solicitavam com toda a confiança nas suas orações.

Por aquele tempo estava Ínigo a acabar o seu curso de filosofia, e Pedro resolvido a fazer voto de pobreza e a partilhar da santa vida do seu amigo, dispôs-se a ir a Sabóia tratar de alguns negócios do seu interesse e dar o último abraço de despedida a sua família. Partiu, pois, com a esperança de que Ínigo, que se achava estabelecido, havia já alguns dias, no seu quarto comum, conseguiria conquistar a alma de Francisco durante a sua longa ausência, pois que contava demorar-se muitos meses na Sabóia.

Depois da partida de Fabro, pôde Francisco estudar melhor as perfeições de D. Ínigo, e quanto mais o admirava, mais se arrependia da injustiça das zombarias que lhe dirigira tão inconsideradamente; tornou-se amável e atencioso para com ele, estimava-o verdadeiramente, mas não passava além.

D. Ínigo não conseguia, portanto, o que mais ambicionava, e não obstante a luta interior que Francisco experimentava, e que ele observava e seguia, via-o, contudo, continuar ávido pela glória que passa, e pouco disposto a querer alcançar a que é eterna. De tempos a tempos repetia-lhe: "De que serve ao homem ganhar o universo, se vier a perder a sua alma, caro Francisco?"

E ele nada mais dizia.

V. CONVERSÃO DE XAVIER - DE QUE SERVE AO HOMEM...

Estavam as coisas neste pé, no dia em que Miguel, obrigado por falta de dinheiro, o viera pedir ao jovem professor no colégio de Beauvais; e nós sabemos que Xavier, depois de lhe ter dado algumas moedas para as primeiras necessidades, lhe pedira que voltasse na manhã seguinte.

Na tarde daquele dia, Francisco acabava de interromper o seu trabalho, ao qual não se tinha podido dedicar com o seu habitual zelo, quando sentiu abrir-se levemente a porta do seu quarto para dar passagem a D. Ínigo; este ruído, ainda que fraco, fê-lo estremecer como se respondesse secretamente aos íntimos pensamentos que o preocupavam.

Aproximando-se de Xavier, D. Ínigo estendeu-lhe a mão mostrando envolvê-lo num olhar o mais terno e paternal. Xavier dissimulando do melhor modo que pôde a sensação que lhe causava aquele olhar, apressou-se em dizer ao seu amigo

- Tendes-me dado tantas provas de amizade, meu caro senhor, que não hesito em pedir-vos uma nova. Quereis prestar-me um serviço?

- Da melhor vontade, meu amigo; tudo quanto eu possa fazer por vós, fá-lo-ei com o maior prazer; falai, caro Francisco.

- Tivestes a bondade de me emprestar dinheiro a última vez que me faltou pela demora do mensageiro encarregado de receber a minha mesada [14]; acho-me hoje nas mesmas circunstâncias, e se pudésseis emprestar-mo de novo, muito grato me deixaríeis.

- Sabeis que eu estou sempre à vossa disposição, e muito vos agradeço a confiança que me dispensais, D. Francisco.

- Um amigo meu pediu-me que o tirasse dum pequeno embaraço pecuniário, e eu, não o podendo servir neste momento, lembrei-me de recorrer a vós, certo de que me obsequiaríeis.

- Certamente e de todo o coração; vós é que muito me obsequiais dando-me ocasião de vos ser útil, crede-o.

Francisco dirigiu ao seu amigo um olhar indecifrável para qualquer outro que não fosse aquele a quem era dirigido. Ínigo compreendeu-o e procurou aproveitar o momento que a divina Providência parecia proporcionar-lhe para penetrar na alma que se mostrava, enfim, disposta a abrir-se.

- D. Francisco, disse-lhe ele muito comovido, o vosso coração é muito bom... em extremo sensível!.., Oh! meu amigo! sim! ele é muito nobre, muito grande, muito generoso para se prender à terra! Não foi feito para este mundo! As vossas próprias reflexões vo-lo terão

feito sentir, porque vos acho menos alegre que de ordinário, há já algum tempo, e hoje especialmente pareceis-me triste e preocupado; estou convencido, pois, que alguma coisa vos atormenta interiormente...

- O que me atormenta, respondeu Xavier, não é tanto o vosso Quid prodest!... É a necessidade de vos dizer que sinto e me arrependo de vos ter conhecido e apreciado tão tarde, manifestando, tantas vezes, que as vossas palavras me eram desagradáveis. Horroriza-me esta injustiça, sinto que tenho sido mais que injusto aos vossos olhos e o meu coração mo recrimina; eis, pois, tudo. Quanto às minhas idéias do futuro, não as posso sacrificar. Reconheço a vossa bondade, a generosidade do vosso coração e todas as mais qualidades que vos adornam e que eu admiro e respeito; maravilham-me, sobretudo, as vossas virtudes e a vossa perfeição, mas não me julgo destinado e digno de imitá-las, não me sinto com vocação para renunciar aos meus empreendimentos presentes e àqueles que espero para o futuro.

- Mas, caro Francisco, vós obrigais-me a opor-vos ainda o Quid prodest da vossa embirração: "De que serve ao homem ganhar o universo se ele vier a perder a sua alma?"

"A vossa ambição é nobre, eu não o contesto; mas a que se dirige para o Céu, para a eternidade, não o é ainda mais? E se visais a um fim que reconheceis ser menos belo, menos nobre, menos duradouro, é isto digno duma alma como a vossa? Se não existe outra vida mais que a deste mundo, a razão está por vós; porém, se a vida deste mundo é curta e a do outro eterna, é loucura não trabalhar senão pela glória fugitiva da terra e perder assim a da eternidade..."

"Francisco, podeis dizer-me em que se tornaram os ricos, os poderosos, os felizes desta vida que morreram há algum tempo? Viveram de ambições, conquistaram fortunas, honras, e os louvores dos homens; conseguiram o seu fim, obtiveram tudo que ambicionavam e de tudo gozaram... Mas o que lhes resta agora, depois da morte, de tudo que desfrutaram na terra? O que encontraram de tudo isto às portas da eternidade?"

"Ah! sim, meu amigo! tornarei a dizer-vos ainda, e vós reflectireis mais sèriamente: De que serve ao homem ganhar o universo, se vier a perder a sua alma?"

- Eu posso amar a ciência, posso ser sensível à glória que reina em torno dela, sem contudo condenar-me por isso.

- Tendes a certeza do que dizeis? Não. Sabeis, ao contrário, que Deus vos pede que façais por Ele todo o sacrifício desde já, e nada mais sabeis. Não exponhais, pois, a saúde da vossa alma num talvez!

- Sacrificar tudo! encerrar-se o homem num pequeno círculo de idéias estreitas...

- Estreitas! Elas abraçam todos os séculos passados e por vir, a eternidade inteira, e vós as achais mais estreitas do que as vossas, que se limitam a esta vida e não abraçam senão alguns anos?

- Eu não posso deixar de dizer-vos que acho algum tanto baixas as vossas idéias de perfeição, quando vejo que elas vos levam a estender a mão à caridade, andar mal trajado e a suportar toda a sorte de injúrias... Oh! não! nunca poderei partilhar essas idéias!

- Achais baixo aquilo que eleva e engrandece a alma! Chamais vil o que a aproxima de Deus! Não ignorais, de certo, que ela se eleva e se aproxima

d'Ele em proporção e à semelhança de Nosso Senhor, pela prática das virtudes, cujo exemplo nos deu durante a sua vida mortal...

"Francisco, vós sois dotado duma razão bastante clara e dum grandioso coração para deixardes de compreender tudo isto."

"Prossigamos, meu amigo; eu conheço quanto é esclarecido o vosso espírito, e quanto é bom e leal o vosso coração e o vosso caráter; muito bem! dissei-me agora o que achais mais racional e mais proveitoso; sacrificar agora aquilo que prezais para ter segura a felicidade eterna, ou gozar hoje desses bens pelo preço duma pena eterna?"

"Respondei".

Falando-lhe deste modo, D. Ínigo aproximou-se do seu jovem amigo e tomou-lhe a mão que sentiu estremecer entre as suas, adivinhando a luta que se travava naquele coração tão ardente de 27 anos. Francisco não respondeu.

- O vosso silêncio responde por vós, lhe disse migo; fiquemos nisto, e eu me convenço de que vós mesmo me direis amanhã: "De que serve ao homem ganhar o universo se vier a perder a sua alma?"

- Não aguardarei para amanhã, respondeu-lhe Francisco com voz comovida; confesso-me vencido... Porém não posso sacrificar tudo como entendeis! É impossível!

- Compreendo que acheis impossível, por esta tarde, porém uma natureza como a vossa, não pode reconhecer a verdade sem se render e sacrificar por ela com a mais completa e cega submissão.

Francisco não replicou. Ínigo levantou-sé, deu alguns passos pelo quarto, e depois, parando, ficou a contemplar o seu jovem amigo que parecia absorvido nas suas reflexões; não tardou, porém, muito que os seus olhares se encontrassem. Francisco tinha os olhos cheios de lágrimas. D. Ínigo aproximou-se então dele e abriu-lhe os braços, aos quais Xavier se deixou atrair, entregando-se completamente comovido...

O homem do mundo, que pouco antes se confessara vencido, rendia-se agora de todo. O amigo estreitou-o ao seu coração com o semblante radiante de inexprimível satisfação! Podia, finalmente, entregar a Deus e entregar-lhe toda inteira aquela formosa alma que conhecia ser predestinada a coisas mui grandes, e que pelos desígnios da Providência, devia ir, mais tarde, fundar o reino de Jesus Cristo no meio das nações bárbaras, fazendo reviver entre aqueles povos a luz já consumida e que, outrora irradiara à voz dos primeiros apóstolos.

Francisco estava de todo convertido; sentia intimamente que Deus o queria e o chamava para si... mas ele tinha tanto a sacrificar que pediu ainda alguns dias para reflectir. D. Ínigo contava, com toda confiança, na retidão e sinceridade do seu amigo para não duvidar um instante sequer do resultado das suas reflexões na disposição em que o via.

- Tornaremos a falar, lhe disse ele, quando vos aprouver. Sim, meu amigo; dispõe do tempo necessário, reflexionai perante Deus, e segui depois a sua divina inspiração.

PLANO

Miguel Navarro, pontual à entrevista que lhe concedera o seu jovem protetor, apresentou-se em sua casa na manhã seguinte à hora convencionada, e não podendo dissimular inteiramente o mau humor que se lhe conservava ainda do diálogo da véspera, atreveu-se a soltar de novo algumas expressões ásperas e zombeteiras, que D. Francisco repeliu com uma só palavra:

- "É demais!" disse ele, dando-lhe o dinheiro que vinha buscar.

Miguel empalideceu a esta palavra, cujo alcance compreendeu. Receou perder de todo a amizade e benevolência de Francisco, se o deixasse sob aquela impressão de descontentamento, e apressou-se a reparar o que ele chamava uma negligência. Tomou as mãos do jovem senhor de Xavier e beijou-as com tanta afeição e sinais de arrependimento, que o comoveram.

- Não pretendi afligir-vos, Miguel disse ele, mas sim fazer-vos compreender que não deveis falar daquele modo, de hoje em diante, em minha presença. Estimo e respeito D. Ínigo; e olvidemos isso.

Miguel estava consternado; a lembrança de alguns nobres espanhóis, que abraçaram por voto voluntário a pobreza, depois de convertidos por D. Ínigo, apresentava-se-lhe como um fantasma aterrador. Lançou-se aos pés de Xavier e suplicou-lhe, banhado em lágrimas; que não desonrasse a sua ilustre família, imitando D. Amador e D. João de Castro.

- Ide, Miguel, lhe disse Francisco, deixai-me a liberdade de dispor de mim sem necessidade de vosso consentimento: sei que a afeição que me dedicais é o que vos leva a falar-me desse modo; mas muito estimaria que fosse esta a última vez.

Miguel retirou-se devorado de tristeza e de raiva; perguntava a si mesmo qual seria o modo de se vingar de D. Ínigo e vingar ao mesmo tempo a família de Azpilcueta. Concebeu e rejeitou vários projetos, até que se decidiu a esperar, confiado em futuras inspirações.

Dias depois, D. Francisco declarava-se abertamente como um dos discípulos do seu caro mestre na vida espiritual, anelando o momento em que lhe fosse possível fazer um retiro sob a sua direção e seguindo os Exercícios Espirituais que D. Ínigo, inspirado pelo Céu, escrevera em Manresa.

Passava-se isto nas proximidades das férias. Logo que elas começaram, Xavier deixou o colégio e afastou-se do bulício do mundo para ir viver durante algum tempo, a sós com Deus, no retiro e na penitência.

Passou os quatro primeiros dias sem tomar alimento algum; a sua pungente dor por ter ofendido a Deus, e o seu desejo de o servir dali em diante, eram dois sentimentos tão ardentes da sua alma magnânima e verdadeira, que ele ligava os pés e as mãos, tanto quanto lhe fosse possível, antes da oração, e assim se apresentava em presença de Deus como uma vítima disposta a ser imolada; não deixava o cilício, jejuava todos os dias e orava sem cessar.

Enquanto Francisco Xavier se tornava um novo homem no seu retiro, o demônio, rugindo de raiva, apossava-se da alma de Miguel Navarro para lhe inspirar o infernal pensamento de subtrair ao Céu esta magnífica conquista, inutilizando o instrumento que ali o retinha.

D. Ínigo, como dissemos, habitava só o quarto dos três amigos; era,

pois, favorável o momento, e se Miguel o deixasse escapar, poderia não ter outra ocasião igual.

A rua de Santo Hilário era completamente deserta durante a noite: além disto o convento do Carmo que ficava próximo, só se abriria em caso de necessidade; os conventos são casas de asilo e os seus vigias não podem prender ninguém... E, sobretudo, confiava que a família de Azpilcueta o protegeria, se preciso fosse, pois que era em defesa de sua honra que ele se expunha!... Assim raciocinava o espirito do mal na alma de Miguel Navarro.

Uma noite, pois, próximo da meia-noite e dias antes de terminar o retiro de Xavier, poder-se-ia ver uma sombra deslizar-se na escuridão e andar ao longo do muro do colégio de Santa Bárbara, na rua de Santo Hilário. Esta sombra parou no ponto correspondente ao ângulo formado pelo edifício com o passeio. Parecia escutar... porém o silêncio não era interrompido em torno dela, anão ser pela respiração abafada e pelas palpitações precipitadas dum coração que ela só sentia naquele momento.

Seguro por este lado, Miguel, porque era ele, tirou da, algibeira uma corda de nós que lançou rapidamente sobre o muro e por ela subiu com ligeireza; escutou de novo... Nada!

O vento era tão ligeiro que não fazia agitar nem uma só folha das árvores do passeio; nem uma só luz alumiaava as janelas; tudo dormia, tudo estava em profundo silêncio... e Satanás a impeli-lo sempre; e eis que Miguel se agarra à corda e nela se deixa balançar... Acorda é sólida, pode subir por ela... sobe, chega ao alto do muro e acha-se muito próximo da janela de D. Ínigo... Calcula os movimentos necessários, introduz a mão para dentro do seu gibão... e ela sai armada duma navalha catalã... Avança cautelosamente, e vai, finalmente, levantar o frágil caixilho da janela...

- Onde vais tu, desgraçado? que vais fazer? gritou uma voz vibrante, terrível, fulminadora como uma repreensão do Céu[15].

Miguel ficou aterrado! olhou por todos os lados... Não descobriu ninguém!... Escuta, todo trêmulo... O silêncio por toda a parte... exceto na sua alma...

- Meu Deus! meu Deus! murmurou o culpado, é S. Miguel, meu patrono!

E em seguida landa a mão à vidraça da janela, agita-a febrilmente, abre-a e precipitando-se para o interior da câmara, vai lancear-se dominado pelo terror, aos pés de D. Ínigo cuja oração interrompe; ali, de joelhos, faz a confissão do seu crime, implora o perdão e obtém-no.

O inferno estava vencido, triunfava o Céu.

Na volta do seu retiro, Xavier começou os estudos de teologia, e dirigido sempre pelo seu santo mestre, fez rápidos progressos no caminho da perfeição.

Ofereceram-lhe em vão um rico canonicato em Pamplona; recusou-o, por não ambicionar outras riquezas que não fossem as do Céu.

D. Ínigo, vendo-o tão seguro, e forte, comunicou-lhe os seus desejos de ir trabalhar na conversão dos judeus e infiéis que habitavam a Terra Santa. Xavier respondeu-lhe que o seguiria por toda a parte para onde ele

fosse.

Pedro Fabro dera-lhe, meses antes, igual resposta.

No ano seguinte, 1534, Fabro recebeu as ordens sacerdotais e celebrou a primeira missa a 22 de julho. D. Ínigo, que aguardava aquele momento para reunir em torno de si todos aqueles que havia conquistado para o serviço de Deus, aconselhou-os a que se preparassem para aquela reunião por meio de penitências corporais e de longas e frequentes orações, a fim de atraírem a luz e a inspiração divina sobre a vocação de cada um em trabalhar pela salvação das almas, e maior-glória de Deus.

No dia fixado, os seus discípulos, em número de sete, reuniram-se a ele como fora combinado. Todos, homens de ciência, de elevado mérito e de reconhecida inteligência, contemplaram-se por um instante com mútua admiração, experimentando, cada um deles a mais viva comoção que se traía pelas lágrimas involuntárias que derramavam.

- "Compreendendo a comoção que experimentaríeis, lhes disse Ínigo, quis que ignorásseis os nomes dos vossos companheiros escolhidos pelo Céu, com o fim de deixar os vossos corações mais livres em seguir as inspirações de Deus. Conheço que desde que vos vistes, o vosso zelo, a vossa coragem e a vossa confiança redobraram de vigor. Convenço-me de que Deus vos chamava a todos para uma empresa de muito grande importância. E se cada um de vós, em separado, é capaz de grandes empreendimentos, muito se pode esperar dos vossos trabalhos achando-vos reunidos para um único fim, por um único pensamento e com um único interesse, a glória de Deus e o bem da igreja! Tivestes tempo bastante para consultar, em presença de Deus, a vossa vocação, e vindes hoje declará-la."

"Por mim, não tenho mais que um só desejo: e vem a ser, conformar a minha vida com a do divino Modelo, socorrido da sua graça. A santidade pessoal de Jesus Cristo não foi julgada suficiente: padeceu, sofreu e morreu pela salvação dos homens. Desejo, pois, esforçar-me por imitá-lo quanto seja possível às minhas poucas forças. Trabalhando pela minha própria salvação quero dedicar-me à salvação dos meus irmãos".

Depois patenteou-lhes a dor que sofria a sua alma por ver que os Lugares Santos, que tinham sido banhados pelo sangue divino, se achavam transformados em verdadeiros infernos, e comunicou a resolução que tomara de ir trabalhar pela conversão dos infiéis da Terra Santa.

"Que feliz seria eu! exclamou ele, se me fosse permitido derramar o meu sangue, por uma tal causa, sobre aquela terra, regada pelo sangue do Redentor! Tenho esperanças de que um dia me será concedida uma tão grande felicidade! Confiado nestas esperanças, estou resolvido a entregar-me, a consagrar-me inteiramente a Deus, dedicando-me tão somente ao seu serviço para nunca mais pertencer senão a Ele, por um solene voto; desejo dedicar-me irrevogavelmente à pobreza voluntária, à castidade perpétua e à viagem para a Terra Santa!"

Toda a alma de D. Ínigo parecia transportar-se para os seus discípulos à medida que ele lhes falava, e tal era a impressão e o respeitoso entusiasmo que experimentavam, que supunham escutá-lo, ainda algum tempo depois de ter cessado de falar. Despertados daquele êxtase, exclamaram espontaneamente e a uma só voz:

- "A Terra Santa! À Terra Santa!"

Em seguida todos se comprometeram a seguir o seu querido mestre na vida e na morte, e mestre e discípulos abraçaram-se com a maior ternura e comoção,

com solene promessa de se amarem, de ali em diante, como irmãos, dos quais seria Ínigo o chefe, o irmão mais velho.

Combinaram depois no plano que deveriam seguir e concordaram em que terminados os seus estudos teológicos, dirigir-se-iam a Veneza e dali seguiriam para a Palestina, se a Providência lhes concedesse, no decurso dum ano, os meios necessários para esta viagem. Se, porém, depois de esperarem em Veneza aquele tempo, não pudessem, por quaisquer circunstâncias alheias à sua vontade, julgar-se-iam desobrigados do seu voto relativamente à Terra Santa, e iriam a Roma entregar-se à disposição do soberano Pontífice.

Adoptado este plano unanimemente, fixou Ínigo o dia da festa da Assunção de Nossa Senhora, para o solene juramento que depositariam aos pés da Rainha do Céu, rogando-lhe a sua intercessão para que o mesmo juramento fosse agradável ao seu Divino Filho. Combinou-se também que cada um se preparasse para um tão sublime oferecimento das suas próprias pessoas, por meio da oração, do jejum e de castigos corporais.

Existia então em Montmartre e junto do muro da cerca da célebre abadia que coroava a montanha, uma capela da invocação dos Santos Mártires. E era crença geral que S. Dinis e seus companheiros haviam sido martirizados naquele lugar [16].

Este santuário, dependente da abadia, para onde se faziam peregrinações com o fim de venerar e pedir graças especiais ao apóstolo dos Gauleses, tinha uma capela inferior menos freqüentada: foi esta capela subterrânea que Ínigo escolheu para a sua consagração e a dos seus discípulos. Eles deviam reunir-se ali sem mais testemunhas.

A 15 de Agosto de 1534, efetivamente se reuniram todos. Pedro Fabro, que era o único sacerdote, celebrou o santo sacrifício da Missa. Antes da comunhão, quando ele se voltou para os seus irmãos, tendo nas mãos o Sagrado Corpo de Nosso Senhor, todos, um após outro, pronunciaram os votos de pobreza e castidade, e o de irem a Terra Santa trabalhar na conversão dos judeus e infiéis, ou de se entregarem à disposição do soberano Pontífice; em seguida receberam a comunhão com seráfico fervor!

Acabava de nascer a Companhia de Jesus.

À Espanha coube a glória de haver recebido do Céu o primeiro pensamento desta santa instituição, pois que no momento em que o imenso amor de Deus pelos homens brotou do seu Coração, este nasceu no de Ínigo de Loiola, então em Manresa, na Catalunha. Mas era em Paris que a Companhia de Jesus devia nascer. O seu primeiro berço devia ser ali onde os primeiros Apóstolos dos Gauleses receberam a morte das próprias mãos daqueles que vinham evangelizar e salvar!...

Assim, pois, não daremos, daqui em diante, ao eminente fundador da Santa Companhia de Jesus e ao mais ilustre dos seus apóstolos, senão os nomes de Inácio e Francisco, não somente porque depois que se tornaram tão célebres, só foram conhecidos por esses nomes franceses, mas também porque temos quase os mesmos direitos que os de Espanha, em os reivindicar como nossa glória e nossa propriedade. Foi, sim, na Espanha que eles nasceram, mas foi na França, em Paris, que Xavier se converteu e renunciou ao mundo e a si próprio; foi em Paris que Santo Inácio e seus discípulos se entregaram ao serviço de Deus e à salvação das almas: foi em Paris finalmente, que eles estabeleceram e firmaram as bases dos estatutos da sua Ordem.

Isto foi no tempo em que a cidade se honrava de adoptar o glorioso título de Mãe da Companhia de Jesus. Talvez o torne a adoptar algum dia!...

Na capela inferior dos Santos Mártires, via-se uma lâmina de bronze na qual a cidade de Paris fizera gravar, em latim, uma inscrição destinada a perpetuar a memória da fundação da Companhia de Jesus, e, a fazer recordar que este lugar foi o berço da Ordem célebre que reconhece Santo Inácio de Loiola por pai e Lutécia por mãe[17].

Que foi feito desta inscrição?... Que foi feito da capela em que ela estava colocada?... Que foi feito do mosteiro de que esta capela era dependência?... Tudo desapareceu, até o próprio nome do lugar abençoado em que S. Dinis recebeu a palma do martírio em troca do seu sangue.

Esta gloriosa morte não é hoje recordada ao povo de Paris senão pela barreira dos Mártires...

VII. MIGUEL NAVARRO - EMISSÁRIO DO INFERNO - CARTA DE XAVIER A SEU IRMÃO

Xavier já não pertencia a si; havia-se dado inteiramente a Deus, dedicara-se de todo ao seu serviço e à salvação das almas, e dali em diante todos os instantes da sua vida iam ser exclusivamente empregados no cumprimento deste duplo voto.

Vivendo sempre em companhia de Inácio e de Fabro, aperfeiçoara-se naquela escola, seguindo os conselhos e a direção do seu santo mestre com a docilidade de uma criança e com a humildade do mais perfeito religioso.

No ano seguinte, 1535, devendo Inácio fazer uma viagem a Espanha, ficou convencionado que Xavier lhe daria amplos poderes para regular os seus negócios de família e do seu interesse porque receava-se que os irmãos do nosso jovem Santo o impedissem de voltar, se ele em pessoa fosse vê-los e fazer suas despedidas. Mas Satanás havia tomado a vanguarda.

Miguel Navarro, por um momento aterrado pelo maravilhoso obstáculo que a Providência opusera à sua primeira tentativa de vingança, voltava bem depressa aos seus antigos sentimentos de ódio e de baixa inveja.

Xavier não ocultava, por modo algum, a transformação suas idéias, vistas e ambições. Guardava unicamente segredo com respeito aos votos que fizera, e convencia-se de que o da pobreza não seria obrigatório na prática exterior, senão depois de concluídos os estudos teológicos.

Miguel seguia de longe os progressos daquele que Santo Inácio lhe arrancara, e depois de ter procurado todos os meios de o tirar das suas mãos, julgou ter encontrado o melhor e apressou-se a pô-lo em prática.

Partiu para Navarra, foi ao castelo de Obanos, onde habitava o capitão D. João de Azpilcueta, irmão mais velho de Francisco, e em termos os mais persuasíveis para mostrar o interesse que o animava, apresentou-lhe Xavier inteiramente ligado a um miserável herético acusado de sortilégio e magia, e fez ver que ainda era tempo de chamar Francisco para o grêmio de sua família se quisesse salvar a sua honra e a sua vida.

Francisco acabava de saber desta infame calúnia nas vésperas da partida de Inácio para Espanha, e então não quis perder esta ocasião de escrever ao seu irmão mais velho sobre este assunto; este longo fragmento da sua carta

dará completa idéia do nobre caráter e do grandioso coração de Xavier, assim como da consideração -que ele tinha pelo seu querido mestre.

Ao Capitão João de Azpilcueta, no Castelo de Obanos:

Paris, 25 de Março de 1535.

"...Não deixo partir pessoa alguma para a Espanha sem a encarregar de uma carta minha para vós, senhor; porém tenho todo o fundamento para supor que estes testemunhos da minha amizade não vos chegam à mão com exactidão.

Sei que é imensa a distância de Paris a Obanos, que as dificuldades dos caminhos aumentam as das comunicações, e julgo que é esta a causa de me ver privado de vossas notícias com a frequência que eu desejo. É, sem dúvida, este o único obstáculo que embaraça as nossas relações, tão caras ao vosso coração como são ao meu.

Se eu não tivesse recebido tantas provas e tão convincentes da vossa afetuosa solicitude por mim, não atribuiria senão a negligência de alguns mensageiros e à impossibilidade em que se vêm os outros, em satisfazer os nossos desejos. Reconheço pelas provas de amizade que de vós tenho recebido, assim como pelo que vários dos nossos amigos me têm dito, a grande parte o interesse que tomais nos trabalhos e vicissitudes por que tenho passado neste solo estrangeiro.

Sei que na vossa aprazível residência de Obanos onde gozais de todos os bens de fortuna, tomais um vivo interesse pela penosa posição em que me vejo muitas vezes, na vida trabalhosa e de estudos a que me dedico com tanto ardor.

Conheço que se me falta muitas vezes o necessário, esta privação não é imposta ao vosso irmão senão por motivos independentes da vossa vontade.

É provável que não estejais suficientemente informado das necessidades tão multiplicadas da minha posição em Paris cuja narração seria infinitamente longa e para mim duma dolorosa amargura. Porém, tudo suporto, sustentado na confiança íntima que tenho da vossa bondade para comigo; não duvido que no momento em que tivésseis conhecimento das minhas variadas necessidades, apressar-vos-íeis em providenciar generosamente [18], proporcionando todos os melhoramentos possíveis a uma vida demasiadamente restrita e mortificada.

Encontrei-me há poucos dias com o R. P. F. recentemente chegado a Paris para cursar os estudos da Universidade. Falámos de vós, senhor, muito detidamente e tanto quanto me podia satisfazer naquele momento, porém, no correr da conversação, ele deixou-me perceber as queixas graves que pessoas mal intencionadas vos fizeram contra mim, e sendo instantemente rogado, contou-me com minuciosidade toda a verdade. Se me acreditardes convencer-vos-eis que tudo quanto vos hão dito é falso; que são calúnias forjadas, com a mais odiosa perfídia, com perverso fim de desacreditar a vossos olhos este vosso infeliz irmão; teríeis então piedade dele, eu o sei, conhecendo que tem sido tão cruelmente vilipendiado pela mais execranda

falsidade, e sentiríeis então toda a dor que o oprime.

Contudo eu vos afianço, irmão e senhor, que me penaliza menos esta difamação contra mim, do que o desgosto que deveis experimentar e que o sinto na minha alma. A vossa grande afeição por mim permite-me avaliar o doloroso golpe que esta tão horrível calúnia deve ter produzido no vosso nobre coração.

Estes infames impostores não rezearam comprometer na sua vergonhosa calúnia, o mais perfeito, o mais santo de todos os homens, mestre Ínigo! Julgareis da pureza da sua vida e das suas intenções nesta viagem que ele vai fazer. Vai ter-se convosco no grêmio da vossa família: ele vos entregará esta carta em mão própria. Credes que se ele fosse tal como o odioso pincel da calúnia vos figurou, se não tivesse a mais plena, a mais justa confiança na sua inocência, iria entregar-se assim, e desarmado, à mercê daqueles que tão cruelmente o ofenderam? É porque não pretende por modo algum subtrair-se às suas vistas.

Demais, para anular a desagradável impressão que em vós causou, senhor, e para que possais apreciar a graça que Deus se dignou conceder-me, relacionando-me intimamente com o excelente mestre Ínigo, declaro-vos aqui solenemente, pela minha alma e minha consciência, e sob a firma da minha assinatura, declaro-vos a vós, senhor meu irmão mais velho, e que por tantos títulos mereceis o respeito e a ternura do meu coração, que sou devedor das maiores finezas a D. Ínigo, e que elas são de tal ordem que me considero incapaz de as recompensar como merecem.

Em ocasiões de falta de dinheiro em que me tenho visto muitas vezes, por causa da grande distância que nos separa a sua bolsa tem-me sido sempre aberta, e quando porventura ele não pudesse obsequiar-me com a sua, recorria, por minha causa, à de seus amigos.

Mas de todos os serviços de que lhe sou devedor, o mais precioso, o mais importante, é o cuidado com que ele tem preservado a minha inexperiente mocidade dos perigos deploráveis a que me tenho visto arrastado pela convivência de homens que não respiram senão a heresia[19], e que infeccionam atualmente toda a cidade de Paris.

Estes desgraçados ocultam a corrupção da sua fé.e dos seus costumes, sob a máscara sedutora do seu espírito, dum falso amor pela humanidade, e de algumas outras virtudes hipócritas.

D. Ínigo mostrou-me e provou-me as armadilhas perniciosas com que a fingida amizade desses homens me procuravam seduzir por todos os modos, confiados na minha inexperiência; foi ele que me pôs tudo a descoberto. Assim afastou de mim tantas e tão grandes desgraças, beneficiando-me por tal modo, que não poderia recompensar-lhe nem pelo preço do Universo inteiro, se possível me fosse. Sem o seu auxílio ser-me-ia impossível livrar-me da intimidade desses mancebos que, sob uma aparência sedutora, possuem corações purulentos de heresia e cheios de perfídia; os factos mo têm provado...

Eu vos rogo, eu vos imploro, senhor meu irmão, que recebais mestre migo com toda a ternura que o vosso coração me dedica, dispensai-lhe todos os obséquios que por mim teríeis feito se para aí fosse; que aquele a quem me confesso o mais agradecido dos homens, receba de vós todas as finezas e todo o agasalho que eu teria direito de esperar da vossa amizade. Eis aqui, pois, o pedido que vos dirijo em meu interesse, e eis aquele que agora vou fazer pelo vosso.

Aproveitai a ocasião de gozar da proveitosa companhia deste sábio por excelência, a quem Deus aprouve adornar e encher de dotes os mais preciosos; dai-lhe o mais íntimo conhecimento dos projetos que tendes em vista. As suas observações, os seus conselhos, são sempre ditados pela sabedoria e pela prudência, e deles tirareis grande proveito e bem agradáveis consolações, eu o asseguro e peço-vos que acrediteis na minha experiência.

Podeis abrir-lhe os vossos pesares, os vossos desgostas, os vossos escrúpulos, se os tendes, e faiei o que ele vos aconselhar. A experiência vos provará que eu não estou iludido na confiança que me inspira este homem eminente e tão em graça de Deus.

Quanto ao que me diz respeito, ele vos dará todas as notícias que podeis desejar, e que estimareis cheguem ao vosso conhecimento. Crede tudo quanto ele vos disser, como se o ouvísseis da minha própria boca, por isso que ninguém há melhor do que ele que conheça o fundo da minha alma; ele está senhor de todas as particularidades da minha vida privada; sabe avaliar, melhor do que eu, as minhas necessidades e pode informar-vos o modo como me podeis ser útil...

...Beijo respeitosamente, senhor, as vossas mãos e as da senhora minha cunhada e cara prima[20]. Fico rogando a Deus que vos encha de suas bênçãos, que vos conserve felizes e que ouça todas as orações das vossas piedosas e generosas almas. São estes os meus sinceros votos.

Vosso servo muito dedicado e vosso irmão mais novo,

Francisco Xavier".

Pelo estilo desta carta se conhece que é dirigida ao chefe da família.

Xavier tinha perdido seu pai; o seu irmão mais velho substituíra-o. D. Madalena, sua irmã, havia já falecido também; D. Maria vivia ainda para chorar aqueles que perdera, e a ausência dos que a vontade de Deus conservava afastados de si, e entre estes o seu muito querido Francisco, que ela sabia ser "o vaso de eleição" destinado ao apostolado nas Índias...

Feliz!... e pobre mãe!...

O inferno ficou ainda por esta vez vencido ria pessoa de Miguel Navarro e de seus cúmplices.

A presença de Santo Inácio, a sua vida santa, os numerosos milagres que

Deus concedia às suas orações, dissiparam pronta e completamente em Navarra as impressões produzidas pela calúnia, e no castelo de Obanos, como no de Xavier, agradecia-se a Deus pelas bênçãos e consolações, que para ali havia levado consigo o pai espiritual de Xavier.

ITÁLIA- PORTUGAL

NOVEMBRO, 1536 - ABRIL, 1541

Índice

I. DE PARIS A VENEZA -
MORTIFICAÇÃO E VENCIMENTO PRÓPRIO

II. DE VENEZA A ROMA - TRABALHOS
E FADIGAS - AUDIÊNCIA DO PAPA

III. MARIA DE ORDEZ - JERÔNIMO
CASALINI - ZELO DE XAVIER

IV. EM ROMA - PARTIDA PARA
PORTUGAL

V. DE NOVO EM BOLONHA - CARTA DE
XAVIER - DESPEDIDA

VI. PASSAGEM POR ESPANHA -
CHEGA A LISBOA

VII. EM LISBOA - DECISÃO DE S.
INÁCIO - SUBMISSÃO E ALEGRIA DE
XAVIER

VIII. AS DESPEDIDAS - AUDIÊNCIA
REAL - O EMBARQUE

ITÁLIA- PORTUGAL

NOVEMBRO, 1536 - ABRIL, 1541

I. DE PARIS A VENEZA - MORTIFICAÇÃO E
VENCIMENTO PRÓPRIO

Tinha-se, combinado, como já fica dito, que os discípulos de Inácio se reuniram em Veneza, nos primeiros dias do ano de 1537. Nessa data era já o seu número mais crescido.

Arrastados pelo poder do exemplo, três mancebos, igualmente distintos nas Ciências, e notáveis pelos seus merecimentos pessoais, haviam-se incorporado aos nossos ferventes religiosos com a resolução firme de partilharem da mesma vida de pobreza, humildade, obediência e devoção. Eram dois padres, Cláudio Lejay e Estêvão Brouet, e um secular, João Codure. Todos três haviam feito iguais votos em dia da festa da Assunção de Maria, e Xavier e seus irmãos renovaram os seus na mesma

ocasião.

Partiram, pois, com destino a Veneza, em número de nove: Francisco Xavier, Pedro Fabro, Diogo Laynez, Afonso Salmeron, Simão Rodrigues, Nicolau Bobadilha, Cláudio Lejay, Estêvão Brouet e João Codure. Puseram-se a carrinho a 15 de Novembro de 1536, vestidos de longas batinas, levando cada um o seu bastão na mão, o breviário debaixo do braço e o rosário pendente exteriormente sobre o peito, com o fim mostrarem, nos países protestantes que tinham de atravessar, a sua dedicação à religião católica; levavam às costas pequenos malotes com alguns livros e manuscritos.

Empreenderam a jornada a pé, esmolando pelo caminho, e porque a guerra com Carlos V tornava impraticável uma grande parte da fronteira, viram-se na necessidade de alongarem muito mais o seu itinerário, passando pela Lorena, seguindo pela Alemanha e atravessando pela Suíça para alcançarem a Itália.

Xavier, que se considerava feliz por ver realizado aquilo que o seu zelo e fervor religioso tanto desejara, seguia corajosamente seus irmãos, havia já muitos dias, quando repentinamente lhes declarou, com a mais pungente tristeza, que não os podia acompanhar por que se não sentia com forças de prosseguir mais para diante:

- Porque motoro? perguntaram-lhe os outros imediatamente. Estais doente, não é assim?

- Sim... é verdade...

- E não há que duvidar, disse Fabro, que o conhecia mais de perto; o vosso semblante denuncia grandes sofrimentos. Que tendes?

- Tenho alguma febre... e conheço que não posso, andar mais... Continuai, meus amigos, a jornada sem mim... eu vos alcançarei em breve.

- Que vos deixemos aqui! que vos abandonemos! Por certo que não. Deve haver nesta aldeia, ou nas suas proximidades, um médico; recorreremos a ele para vos tratar e não vos deixaremos.

- À palavra médico, Francisco empalideceu e dirigindo ao seu amigo um olhar suplicante, disse-lhe:

- Oh! não, imploro-vos que me deixeis aqui e partais.

Fabro, porém, insistiu, e Xavier viu-se forçado a confessar toda a verdade àquele que possuía, há muito, toda a sua confiança. Eis o que ele veio a saber.

Que um dos maiores prazeres de Xavier, nos seus passados tempos de infância, eram as corridas e outros exercícios do corpo, nos quais se tornava notável e causava admiração, pela grande agilidade e graça dos seus movimentos. Era tão destro em todos os exercícios ginásticos, e executava-os com tal destreza e perfeição, e isto junto à sua natural elegância e notável beleza, produzia um tal entusiasmo nos espectadores, que o levaram a comprazer-se com aquele gênero de divertimento, orgulhando-se dos aplausos que recebia.

Esta vaidade foi amargamente lamentada por Francisco, desde que compreendera a ilusão dela, e no desejo de a expiar imaginou ligar fortemente as pernas, até acima dos joelhos, com rijos cordéis e por tal modo, que depois de alguns dias de jornada, lhe produziram tão grande

inchação que encobria completamente as ligaduras já enterradas na carne. O jovem Santo sofrera até ali com a maior resignação aquela tão dolorosa tortura, sem que nenhum dos seus irmãos e companheiros suspeitasse o suplício que se impunha.

Fabro comunicou imediatamente aos seus companheiros esta triste descoberta; transportaram o querido doente até à aldeia mais próxima e chamaram um cirurgião que declarou desde logo ser a operação impraticável.

- Só Deus, disse ele, pode evitar os funestos resultados que devem sobrevir, tendo em atenção a causa porque o sacrifício foi feito. Tentar retirar as ligaduras, é expor o doente a morrer durante a operação.

Xavier, cheio de confiança na bondade infinita, e certo de que ela não permitiria que ele servisse de obstáculo à pronta partida dos seus irmãos, rogou-lhes que suplicassem a Deus esta prova da sua proteção à empresa encetada.

- O cirurgião tem razão, disse ele, é necessário pedir a Deus que me livre; Ele o fará, tenho nisso toda a confiança.

No mesmo instante todos se entregaram à oração; era quase noite. O doente dormiu e teve um sono tranqüilo; na manhã seguinte viu-se que as ligaduras tinham caído por si em pequenos fragmentos, a inchação havia desaparecido de todo, extinguiu-se a inflamação, os cordéis não tinham deixado o menor vestígio sobre a pele, e Xavier sentia-se cheio de saúde.

Depois de fervorosas orações em ação de graças, puseram-se de novo a caminho. A passagem dos nossos peregrinos pela Alemanha não foi isenta de perigos.

Os heréticos, reconhecendo a sua ortodoxia pelo rosário que ostensivamente levavam, apupavam-nos com ultrajes e ameaças. A Providência, porém, que por eles velava, mimava-os a suportai todas estas provas sem se lastimarem, e ate agradecendo do fundo do coração e pedindo a Deus a conversão destes pobres desgarrados; graças a esta proteção divina, chegaram salvos a Veneza a 8 de janeiro de 1537.

O seu santo mestre recebeu-os com lágrimas de ternura e bondade paternal. Desejava que os seus amados discípulos fossem apresentados ao Sumo Pontífice antes de partirem para a Palestina; porém a viagem para Roma não podia também ser desde logo efectuada, e nesta contrariedade distribuiu-os pelos diversos hospitais de Veneza, cabendo o dos incuráveis a Xavier.

Para se poder avaliar os progressos que o nosso Santo havia já feito, sob a direção de Santo Inácio, recordemo-nos do que ele era no colégio de Santa Bárbara, quatro anos antes, e vejamo-lo agora no hospital dos incuráveis, quando lhe disseram que existia, numa sala vizinha, um doente com uma úlcera tão repugnante, que era necessário uma coragem sobre-humana para se poder aproximar dele.

Nunca, até então, o elegante Francisco pudera ver uma úlcera; tinha por esta espécie de doença um tal horror instintivo, que o fazia fugir imediatamente; porém era já, outro, tornara-se um homem novo; via-se por tal modo transformado que ouvindo falar do doente, que todos evitavam, o seu semblante irradiou-se de alegria.

Reconhece que era esta a ocasião de vencer uma repugnância que lhe parecia invencível, mas da qual esperava triunfar com o auxílio de Deus.

O seu presado mestre, D. Ínigo, muitas vezes lhe dissera:

"Francisco, lembrai-vos que se não adianta no caminho da virtude, senão quando se tenha triunfado de si próprio! É tão rara a ocasião para um grande sacrifício, que não se deve deixar escapar!"

Era esta, pois, para Xavier uma daquelas ocasiões que ele não devia deixar passar. Pediu para ver o doente; aproximou-se imediatamente dele, cheio de força e de coragem... Porém o cheiro que exalava e ele sentia, fez-lhe tal repugnância que lhe _pausou uma grande comoção e vacilou nauseado!... Era chegado o momento de triunfar de si mesmo para dar um passo mais na renda da virtude, segundo a máxima do seu santo amigo.

Firme neste pensamento, vai desenvolver toda a generosidade do seu caráter: por maior que seja o sacrifício ele o fará.

Xavier cai de joelhos ao lado do doente, abraça-o carinhosamente, fala-lhe de Deus, consola-o e anima-o, em mau italiano, é verdade, mas com tão caridosa expressão que se tornou muito mais eloqüente do que o poderia ser na mais apurada linguagem. Descobre imediatamente o membro ulcerado... A repugnância cresceu!... Porém o jovem Santo quer triunfar a todo o preço, porque sabe que o combate se dá sob as vistas de Deus!

Aproxima o seu belo rosto do membro purulento e empalidece... a natureza revolta-se... Xavier sente-se desfalecer... Apressa-se, por isso, a levar os seus lábios para a hedionda chaga! Beija-a! e para ir mais longe... chupa-a!!!

Deus esperava esta última vitória.

Xavier considera-se então mais feliz por ter triunfado de si, do que havia sido até ali pelos seus brilhantes feitos do mundo.

Por este único traço da sua vida, se pode julgar do emprego que ele deu ao seu zelo, à sua caridade, e à sua mortificação durante as seis semanas que viveu neste lugar de sofrimentos. Enfermeiro e servente dos doentes pobres, preferia desempenhar os serviços mais vis, julgando-se feliz por expiar com aqueles exercícios de caridade, sem glória aos olhos dos homens, a vaidade que de contínuo lhe remordia a consciência.

Não era sem luta que ele dominava as suas repulsões naturais. Julgava-se nobremente vencedor pelos bons resultados que obtivera; porém ficava-lhe ainda uma repugnância a subjugar: a vista dum cadáver fazia-lhe mal, e deles procurou fugir sempre... mas conseguiu ainda mais este sacrifício, aproximando-se e amortalhando todos os cadáveres dos pobres que morreram naquele hospital, durante a sua residência ali.

Queria triunfar completamente de si; procurava aproveitar todas as ocasiões de se sacrificar, a fim de avançar dia a dia pelo caminho da virtude.

Os doentes afeiçoaram-se desde logo aos desvelos e cuidados de Francisco Xavier; até então nunca haviam experimentado cuidados tão cheios de doçura e de afecto.

Ele dispunha de lenitivos para todos os sofrimentos, ânimo para todos os pesares, palavras meigas e consoladoras para todas as dores, e, finalmente, duma caridade evangélica. para todos, fazendo-os amar com o mais notável desinteresse.

"Que virá a ser de nós, diziam os doentes, se tivermos a desgraça de o ver deixar o hospital?!...".

Infelizes e pobres doentes

II. DE VENEZA A ROMA - TRABALHOS E FADIGAS - AUDIÊNCIA DO PAPA

Pelos fins da Quaresma daquele ano partiram de Veneza os discípulos de Inácio de Loiola com destino a Roma.

Tiveram uma jornada longa e bem penosa; andaram sempre a pé e pedindo esmola, que muitas vezes lhes era negada.

"Caminharam durante três dias ao longo da borda do mar, para se dirigirem a Ravena, sem poderem obter um bocado de pão, sequer. Depois dos sofrimentos e fadigas passadas em Veneza, era isto demasiado para os não extenuar completamente; alguns de entre eles caíam por não poderem dar um passo mais, e isto causava o maior desgosto aos companheiros."

"A humidade da estação, que era excessivamente chuvosa, expunha-os também a contínuas incomodidades: depois de se molharem durante todo o dia, passavam muitas vezes as noites em pleno ar, e consideravam-se felizes quando encontravam uma pouca de palha para lhes servir de cama e se cobrirem!"

"Como não tinham dinheiro para pagarem a passagem dos rios, viam-se na necessidade de deixarem aos barqueiros, umas vezes uma velha faca, outras um tinteiro ou qualquer coisinha do seu uso, e muitas vezes até parte dos seus pobres vestuários."

"Numa destas ocasiões em que se viram embaraçados por não poderem satisfazer um barqueiro descontente e impertinente, um deles, que não era ainda sacerdote, viu-se forçado a deixar o seu breviário em hipoteca, além de ficarem os seus companheiros em reféns."

"De volta, com o preço exigido, os desembarcou e percorreu a cidade de Âncona esmolando para desempenhar o seu breviário."

"...Muitas vezes tiveram de percorrer grandes distâncias com água até à cintura e mesmo até ao peito. Um dos viajantes recebeu a graça duma imediata recompensa às suas fadigas, porque achando-se doente duma perna, em consequência de aquecimento do sangue, permitiu Deus que saísse completamente curado deste banho inoportuno."

"Em Ravena tiveram os peregrinos viajantes um momento de repouso, porque foram recebidos no hospital, mas não lhes deram senão um só leito. Três de entre eles, mais fatigados do que os outros, deviam ser preferidos; e quando notaram a repugnante indecência das roupas da cama, decidiram utilizar-se dela mais por penitência do que por necessidade."

"Simão Rodrigues, que era um dos três, renunciou a ela e estendeu-se no chão, achando este leito mais duro, é verdade, porém mais decente do que aquele que se lhe oferecia. Logo, porém, sentiu remorsos por haver fugido àquela mortificação e prometeu castigar-se na primeira ocasião que se lhe deparasse..."

"No prosseguimento da jornada, os que encontravam os nossos peregrinos,

estrangeiros todos, igualmente vestidos e dirigindo-se para Roma, consideravam-nos como homens maus que vinham a Itália com o fim de solicitarem perdão de faltas cometidas, ou de serem absolvidos de crimes enormes."

"Caminhavam três a três, um Padre e dois minoristas, espanhóis e franceses, tão unidos pelo coração como se tivessem a mesma pátria ou nascessem da mesma mãe. Cada um deles sofria mais pelos seus companheiros do que pelos seus próprios males, e sem cuidar de si, se ocupavam em consolá-los e socorrê-los".

O P. Bártoli, a quem tomámos este trecho, reproduz também um notável fragmento da descrição desta viagem escrita por um daqueles heróicos peregrinos, e que não resistimos ao desejo de fazê-lo conhecido dos nossos leitores, persuadidos de que o trecho citado se refere ao nosso Santo.

"Quando eu percorria Ancona, diz aquele Padre, para recolher esmolas com que pudesse desempenhar o meu breviário, descobri na grande praça um dos nossos, que, molhado e de pés descalços, se dirigia às mulheres do mercado pedindo-lhes, ora uma fruta, ora alguns legumes. Parei a observá-lo, e recordando-me da nobreza do seu nascimento, das riquezas --que ele havia abandonado, dos seus grandes talentos naturais, da vastidão de seus conhecimentos adquiridos e das virtudes que tanta importância e consideração lhe teriam dado no mundo, senti-me por tal modo impressionado que me reconheci indigno de ser companheiro de tais homens".

Citemos ainda, seguindo o P. Bártoli, um patético ato de bondade da divina Providencia em favor desses heróis evangélicos que haviam deixado tudo para imitarem Jesus Cristo e fazer adorar a sua cruz.

"Depois de terem passado três dias em Loreto, aonde puderam gozar largamente das doces alegrias, da piedade e algum repouso, puseram-se a caminho para Roma, e chegaram a Tolentino de noite sem terem sequer um bocado de pão para reparar a fome e as fadigas do dia. Chovia copiosamente, e não encontraram pelo caminho uma alma a quem pudessem estender a mão à caridade."

"Três de entre eles iam na frente, outros seguiam ao longo dos muros, algum tanto abrigados da chuva, e um só caminhava pelo meio da rua, não temendo molhar-se nem enlamear-se mais do que o estava já, quando inesperadamente viu dirigir-se para ele, através da lama, um homem de bela aparência, de figura agradável, segundo ele pôde julgar. Este homem deteve-o e tomando-lhe a mão depositou nela algumas moedas, retirando-se em seguida sem dizer uma palavra."

"Logo depois chegaram a um albergue, onde encontraram pão, vinho e figos secos, magnífica refeição para eles e para alguns mendigos com os, quais repartiram" [21].

O primeiro cuidado dos nossos viajantes, logo que chegaram a Roma, foi o de visitar as principais igrejas, e quando acabavam de cumprir aquela piedosa peregrinação, um personagem que nenhum deles havia notado, veio direito a Xavier, atravessando a rua, e apertando-lhe a mão, exclamou:

- Será verdade, caro Francisco? sois vós que eu encontro aqui neste estado desprezível e vestido dum tão estranho modo?

- Sim, senhor Pedro, sou eu mesmo; porém mais esclarecido por mestre Ínigo, tocado da graça divina e disposto a não viver senão para a glória de Deus e para salvação das almas.

- E mestre Ínigo também está em Roma?

- Não, senhor; ele espera-nos em Veneza onde o deixámos para vir aqui, por ordem sua, apresentarmo-nos ao Soberano Pontífice e pedir-lhe a sua bênção e autorização para irmos trabalhar pela conversão dos infiéis na Terra Santa.

- Pois bem! meu caro Francisco, vinde ao palácio da corte de Espanha, onde eu resido durante a minha permanência em Roma, na qualidade de enviado extraordinário do nosso soberano o imperador e rei, e eu me encarrego de solicitar prontamente uma audiência de Sua Santidade.

Francisco Xavier aceitou imediatamente, e com ele os seus irmãos, o meio que a Providência lhes proporcionava. Ficou, pois, combinado que ele iria na manhã seguinte, com Pedro Fabro, ao palácio da corte de Espanha para combinarem com D. Pedro Ortiz sobre o importante assunto que ali os levaria.

Pedro Ortiz, enviado extraordinário de Carlos V junto da Santa Sé, conhecera e tratara intimamente com Francisco Xavier e Fabro em Paris; afeiçoara-se ao nosso jovem santo como se afeiçoavam todos que o conheciam, e por isso lhe fez as mais vivas instâncias para que aceitasse um quarto no palácio da embaixada, porém foi em vão. Francisco negou-se a deixar o asilo que obtivera no hospital espanhol, asilo que ele compartia com os seus irmãos e onde exercia a caridade nos momentos em que podia dispor de si.

Pedro Ortiz fora em Paris um dos mais implacáveis adversários de Inácio de Loiola; havia empregado todos os meios e todos os esforços possíveis para impedir que o jovem senhor de Xavier se deixasse arrastar para aquele caminho de pobreza e humilhações, que não podia compreender, e tornava a encontrar agora o amável e elegante Navarrês estendendo a mão, como um mendigo, pelas ruas da capital do mundo católico; achava-o pálido, desfigurado, magro e quase desconhecido.

D. Pedro procurou averiguar as causas desta transformação, e quando teve conhecimento das fadigas e privações de todo o gênero que aquela santa caravana havia suportado desde Veneza até Roma, quando soube que todos aqueles corações pulsavam de alegria no meio de tantos e tão acerbos sofrimentos, quando pessoalmente reconheceu quanto o nosso Santo se julgava feliz com o seu viver de abnegação e de penitência, Pedro só pôde admirar. Apressou-se a falar ao Papa Paulo III, que ocupava então a Santa Sé, dos discípulos de Inácio, cujas virtudes se aliavam a uma grande sabedoria, dos seus desejos de obterem a mercê de serem admitidos a beijar os pés do pai comum dos fiéis, e a pedir-lhe a sua bênção apostólica e a necessária permissão para irem trabalhar na conversão dos infiéis da Palestina.

O Papa, em extremo satisfeito por saber daquele grande zelo da glória de Deus e pela salvação das almas, exprimiu o desejo de os receber na manhã seguinte e pediu a D. Pedro Ortiz que lhos apresentasse.

Foi dos mais benévolos o acolhimento do Soberano Pontífice aos nossos devotos peregrinos; Paulo III, desejando ouvir aqueles jovens doutores da Universidade de Paris, propôs-lhes algumas questões teológicas, que eles trataram com tanta proficiência, modéstia e humildade que o Sumo Pontífice ficou encantado de os ouvir.

- Sou feliz, lhes disse ele, por ver em vós reunida tanta ciência a uma tal modéstia. Que poderemos fazer em vosso favor?

- Santo Padre, nós solicitamos a vossa permissão para irmos à Terra

Santa pregar a doutrina de Jesus Cristo, nos mesmos lugares em que Ele deu todo o seu sangue pela salvação do mundo, e suplicamos a Vossa Santidade que se digne conceder-nos a sua bênção para que ela nos garanta a de Jesus Cristo em todos os trabalhos que desejamos empreender.

- Convencemo-nos que será quase impossível, atualmente, a viagem à Terra Santa, respondeu o Papa; por que achando-se declarada a guerra, serão interceptadas as passagens e estes obstáculos serão, sem dúvida, de longa duração; porém o vosso zelo pode ser empregado muito útilmente em outros lugares.

Abençoou-os em seguida com paternal afeição, deu-lhes uma considerável esmola e concedeu, aos que não eram ainda sacerdotes, permissão para receberem as sagradas ordens de qualquer bispo e em qualquer parte, na qualidade de pobres voluntários.

Depois desta audiência, voltaram os nossos viajantes a Veneza, onde Xavier retomou o seu ser-riço dos doentes pobres do hospital dos incuráveis. Ele e seus irmãos renovaram os seus votos perante o núncio do Papa, Jerónimo Varolli, arcebispo de Rosana, e pouco depois, a 24 de junho, foram conferidas as ordens sacras pelo arcebispo de Arbe, Vicente Nigusanti.

Considerando-se o nosso Santo muito feliz por poder trabalhar com mais eficácia ainda na salvação do próximo, revestido como se achava do caráter augusto que acabava de receber, desejava preparar-se por um longo retiro para a celebração da sua primeira Missa.

Um dia, depois de ter pregado na povoação de Monte Felice, a quatro léguas de Pádua, voltava a Veneza por um caminho diferente do que seguira na ida, para lá, quando descobriu uma pobre cabana em ruínas completamente abandonada e cujas entradas estavam obstruídas pelos materiais amontoados... Dirigiu-se para ali, desembarçou a porta da cabana e entrando viu que as paredes estavam fendidas e o tecto de colmo todo aberto, reconhecendo que estava desabitada e que a sua situação era completamente isolada:

- "Que bem estarei eu aqui, só e com Deus somente"! disse ele para si, com sensível demonstração de alegria."

E logo na manhã seguinte veio tomar posse da morada que escolhera a fim de se entregar ali, sob as únicas vistas de Deus, a todos os exercícios da mais rigorosa penitência, a um jejum diário e a contínuas orações.

Não saía da cabana senão para ir mendigar o seu pão nas proximidades; depois de ter obtido o necessário para não morrer de fome, voltava à sua solidão, martirizava o corpo e depois repousava por alguns momentos, deitando-se sobre aquele solo húmido e nu. Passou assim quarenta dias no gozo de consolações divinas e de sacrifícios contínuos do seu corpo.

Terminado o seu retiro, voltou Francisco para junto do seu amado mestre, então em Vicência, para onde foram chamados todos os seus irmãos, e teve a felicidade de celebrar os santos mistérios pela primeira vez, achando-se todos eles presentes, auxiliado das suas orações e dos seus votos. A sua comoção era tão forte, e corriam tão abundantemente as suas lágrimas, que os assistentes também as não puderam conter.

Conquanto fosse naturalmente robusta a saúde de Xavier, não pôde resistir a tamanhas austeridades: alguns dias depois da primeira Missa adoeceu gravemente, e foi necessário tratá-lo como a um mendigo, porque ele queria viver e morrer na mais completa pobreza.

Levaram-no para o hospital, e ali, o nobre Xavier, o ilustre descendente dos antigos reis de Navarra, não obteve mais que metade dum leito! Foi colocado ao lado dum doente pobre que lhe era desconhecido...

Deus fazia-lhe expiar assim os sentimentos de orgulho e as ambições de glórias vãs que haviam por algum tempo alimentado a sua mocidade:.. mas derramava ao mesmo tempo tais consolações na sua alma, que Xavier, longe de recordar-se do que havia deixado, julgava-se feliz por ter um sacrifício mais a oferecer, e agradecia à divina Misericórdia que se dignava oferecer-lhe assim tão preciosas ocasiões.

Nos seus estudos da Escritura Santa, Francisco Xavier invocava muitas vezes S. Jerónimo; pedia-lhe que lhe fizesse compreender as dificuldades que encontrava e a luz fazia-se no seu espirito; resultou dali que da parte do nosso Santo nasceu uma dedicada devoção por aquele Santo doutor da Igreja.

Numa noite, quando Xavier se achava ainda doente no hospital de Vicência, julgou ver em sonhos, circundado de glória, o Santo que ele gostava de invocar nos seus estudos. Pareceu ouvir distintamente que ele lhe dizia, depois de meigas e fortificantes palavras, como as que costumam vir do Céu à terra:

- Muitas e maiores tribulações vos esperam em Bolonha, onde passareis este inverno acompanhado somente de um dos vossos irmãos; os outros serão mandados para Roma, Pádua, Ferrara e Sena.

Estas palavras impressionaram profundamente Francisco. Duvidou duma aparição real de S. Jerónimo, mas não podendo esquecer-se das palavras que ouvira, não podendo disfarçar a consolação que experimentava, e vendo as melhoras do seu estado de saúde, tomou o partido de nada dizer, nem mesmo ao seu santo mestre, e de esperar pelos acontecimentos futuros. Poucos dias depois achava-se completamente curado.

Até ali havia decorrido o ano durante o qual Santo Inácio e seus discípulos se achavam comprometidos a esperar os meios de passarem para a Palestina. A guerra não lhes deixava esperança alguma de poderem embarcar, era chegado, pois o momento de se tomar uma decisão relativa ao segundo voto: o de se porem à disposição do Soberano Pontífice.

Reuniu, pois, Inácio os seus discípulos e lhes fez ver que desembaraçados como se achavam da peregrinação para a Terra Santa, ficava-lhes o cumprimento do voto de irem a Roma receber do Papa o destino que ele julgasse dever dar-lhes, e achando inútil que todos para ali fossem, resolveu que ele próprio iria a Roma acompanhado de Pedro Fabro e Diogo Laynez; que Xavier e Bobadilha iriam pregar em Bolonha, Rodrigues e Lejay em Ferrara, Codure e Mozes em Pádua, Brouet e Salmeron em Sena.

Francisco Xavier, quando ouviu assim designadas pelo seu mestre, as cidades que lhe haviam sido indicadas por S. Jerónimo no seu sonho, convenceu-se que não tinha sido uma ilusão, e mais ainda vendo que o seu destino pessoal era Bolonha; não obstante isso guardou ainda segredo das suas anteriores impressões.

Antes de terminar esta reunião, deu Santo Inácio detalhadas instruções aos seus discípulos, acrescentando que achando-se eles reunidos em nome de Jesus com o fim de trabalharem pela sua glória, a sua associação devia ter, dali em, diante, o nome de

Companhia de Jesus

III. MARIA DE ORDEZ - JERÔNIMO CASALINI - ZELO DE XAVIER

Maria de Ordez, nobre rica e santa mulher, irmã-confrade da Ordem Terceira de S. Domingos, estava possuída dum tão grande desejo de ir acabar os seus dias junto do túmulo deste santo fundador da Ordem, que, logo que se viu desligada dos laços de família que a prendiam a Espanha, aceitou as propostas da sua amiga Isabel Casalini, de Forli, que a convidara a ir a Bolonha a fim de a acompanhar no seu retiro e ali viverem como duas irmãs. A senhora Isabel habitava o presbitério de Santa Lúcia com seu tio Jerónimo Casalini, cura daquela paróquia, homem muito notável pelos seus conhecimentos científicos, pela sua piedade e outras virtudes.

Reunidas já as duas amigas e com o propósito de se não separarem dali em diante, iam todas as manhãs ouvir Missa à capela do túmulo de S. Domingos, quando um dia Maria de Ordez impressionada pelas maneiras do Padre que a celebrava, o fez notar a Isabel. Ambas dirigiram para ele olhares perscrutadores e ambas se compenetraram dum mesmo sentimento de admiração e respeito.

Para elas não era ele um padre da terra, mas sim um enviado do Céu; Isabel contempla-o por um instante, crendo em uma aparição celeste; depois, deixando cair a cabeça e apoiando-a entre as mãos, prostra-se, profundamente humilhada, aos pés de Deus, e sente naquele momento passar-lhe pela mente todas as misérias da sua alma, como jamais se lhe afigurara com tanta realidade; as lágrimas correm-lhe silenciosas e abundantes... Dirige de novo as vistas para o Padre, e nota que dos seus olhos também as lágrimas correm, porém apresentando no semblante uma espécie de irradiação divina...

Isabel não se enganara: aquelas lágrimas, a expressão seráfica, o modo de orar do Padre, testemunhavam evidentemente as delícias que enchiam a sua alma.

Acabada a missa, Isabel possuída de vivos desejos de falar ao Santo, que acabava de a comover tão profundamente, intenta pedir-lhe alguns conselhos espirituais, mas como ousar aproximar-se dele, se os seus desejos e os seus ela se julga tão indigna! Comunica temores à sua amiga... D. Maria achava-se do mesmo modo impressionada, e ainda muito comovida, responde-lhe somente:

-Vamos juntas!

Concordes nisto, mandaram pedir ao santo Padre a bondade de as receber por um instante; obtiveram-no, e logo que se acharam em sua presença ficaram por tal modo impressionadas da maneira como ele falou de Deus, que, depois de terem recebido os seus preciosos conselhos, correram imediatamente a participar a sua descoberta ao venerável cura

-Meu tio, diz-lhe Isabel, ele não é um homem, é um anjo!...

- Donde é ele? donde vem?

- É espanhol. Donde vem, ignoro-o; tudo quanto sei é que ele fala de Deus como nunca até hoje tenho ouvido falar, e que é duma beleza que nada

tem da terra! Quando dirige o olhar para o Céu, estou certa, meu tio, que ele vê a Deus! Nunca vi expressão semelhante; é celestial!

- E ele mora no hospital! ajuntou D. Maria.

- Sim, meu tio, replicou Isabel, e nós não o podemos deixar ali. Ide vê-lo e suplicai-lhe que venha habitar o presbitério!

- Oh! sim, senhor, disse Maria, Deus deve abençoar generosamente os lugares por onde ele passa!...

- Muito bem, minhas filhas, eu irei vê-lo e farei quanto me seja possível para obter que honre o presbitério com a sua presença.

As duas amigas estavam já adiantadas em idade. O bom cura sentia que aquela exaltação, conquanto inteiramente natural do caráter italiano, devia ter, nestas duas santas almas, uma causa de grande valor.

No mesmo dia dirigiu-se ao hospital e pediu para ver o Padre espanhol que naquela manhã tinha celebrado a missa no altar do túmulo de S. Domingos.

- Ah! responderam-lhe, é o Padre Francisco! Que santo, senhor cura! que felicidade experimentareis se o virdes e o conhecerdes! Vinde, vinde contemplá-lo de longe na sala onde ele trata dos doentes.

- De que Ordem é ele?

- Nada sabemos, senhor, a esse respeito; dizem somente, quando lhes perguntam, que são noviços e da Companhia de Jesus.

- Pois eles são muitos?

- Dois, senhor, e verdadeiros Santos.

Tinham chegado à entrada da sala onde Francisco Xavier se dedicava, como em Veneza, ao tratamento dos enfermos, e com resultado muito superior para a glória de Deus, pois que já então falava o italiano mais facilmente.

O cura de Santa Lúcia, logo que o viu compreendeu a justa exaltação da sobrinha e de Maria. E se ele tivesse querido patentear, naquele momento, tudo quanto sentia, prostrar-se-ia aos pés do jovem santo e lhe pediria a sua bênção.

Falaram por muito tempo de Deus, e o bom cura rogou, suplicou e obteve do amável Xavier, que não sabia negar o que pudesse conceder, que aceitaria hospitalidade no presbitério, com a condição, porém, de não se utilizar da mesa do bom cura.

- Senhor, disse-lhe o nosso jovem santo, eu fiz voto de viver de esmolas, de não comer senão o pão que mendigar, e quanto seja compatível com o meu ministério: permiti, pois, que me conserve fiel a este meu voto, ou que continue a habitar o hospital.

O cura, contentando-se e julgando-se feliz por o poder ter ao menos debaixo do seu tecto, aceitou as suas condições, e desde a manhã do dia seguinte Xavier estabeleceu-se em sua casa e na maior liberdade de poder ali viver como lhe aprouvesse.

Ia todas as manhãs oferecer o santo sacrifício da Missa à igreja de Santa Lúcia, depois ouvia as confissões de grande número de pessoas que concorriam ao seu confessionário.

Visitava em seguida os encarcerados, nós quais só a sua presença bastava para produzir uma salutar impressão, colhendo, além disso, admiráveis frutos da sua insinuante palavra.

Terminada a visita aos presos voltava a ver os seus queridos doentes do hospital, e pela tarde reunia as crianças para lhes fazer o catecismo; depois disto pregava à parte do povo, cujas ocupações durante o dia privavam de ir à igreja em outra hora.

O povo, subjugado pela sua palavra, coaria em seguida ao tribunal da penitência, e o retinha ali muitas vezes até hora avançada. Voltando a casa, entregava-se à oração e assim passava uma grande parte da noite.

Esta vida de trabalhos, um jejum quase contínuo e outras austeridades de que nunca se dispensou, suportando as intempéries dum inverno excepcionalmente rigoroso, era mais que suficiente para deteriorar a mais robusta saúde. Além disto, S. Jerónimo revelara ao nosso Santo, por ocasião da sua doença em Vicência:

- Uma maior tribulação vos espera em Bolonha, onde passareis o inverno.

A tribulação profetizada, foi uma violenta febre intermitente, que, resistindo a todos os meios empregados para a combater, reduziu o nosso jovem santo a um grau de debilidade e de aniquilamento que fez recear pela sua vida. Isto produziu uma grande dor em toda a cidade de Bolonha onde ele havia convertido tantos pecadores, consolado tantos aflitos, reconciliado tantos inimigos e feita grande bem a todos!

Logo que as suas forças o permitiram, Xavier continuou a exercer o ministério da pregação, da confissão, da instrução das crianças, do cuidado dos doentes e dos presos, e tudo isto com a ardente febre que o devorava e os sofrimentos que a acompanhavam.

Porém chegou um momento em que a natureza sucumbiu: Aba tido a ponto de não poder ter-sé de pé; mas sempre devorado pelo seu zelo religioso, arrastava-se até à porta da rua, sentava-se em um banco de madeira e ali se esforçava ainda em chamar os transeuntes à contrição dos seus pecados; pregava-lhes a necessidade da penitência, falava-lhes da misericórdia infinita dum Deus que morreu 'pela salvação do mundo.

Conhecido, amado e venerado, como era o nosso Santo, aquelas pregações, tanto mais eloqüentes quanto mais impossíveis pareciam no estado em que ele se achava, produziam maravilhosos frutos.

Cada pessoa que passava e ouvia a voz do venerando apóstolo, se aproximava imediatamente dele; cercavam-no, escutavam-no de joelhos, e muitas vezes os soluços dos seus auditores cobriam a sua voz quase extinta e que ele sustentava por um grande esforço. Algumas vezes extinguia-se-lhe completamente aquele jovem apóstolo, de trinta e dois anos apenas, conservava-se ali, aniquilado, débil, pálido e exânime como se a morte tivesse passado por ele!

Devotado à salvação das almas e querendo dedicar-se a este santo ministério até ao seu último suspiro, ali se deixava ficar, com a cabeça caída, o corpo apoiado à parede, esperando o momento em que a sua voz pudesse ainda por um instante secundar o seu zelo, que nenhum outro sofrimento podia enfraquecer; naquele estado, contudo, só a sua mista impressionava e produzia numerosas conversões. De noite ocupava-se de Deus e não dispunha senão de alguns momentos para dormir.

Jerónimo Casalini desejava cuidar dele como um pai cuida dos seus filhos; porém não pôde conseguir o seu intento e nada alcançou do espírito de mortificação e zelo que animava Francisco, vendo-se obrigado a admirá-lo e a agradecer a Deus por lhe haver concedido, na sua misericórdia, a graça de ver de tão perto a santidade sobre a terra.

O bom cura procurava aproveitar-se, para o seu progresso espiritual, de todos os instantes que o seu heróico amigo lhe concedia durante a sua doença, porque se entregara à sua direção, assim como sua sobrinha e Maria de Ordez. Afirmava-se que Francisco Xavier vertia abundantes lágrimas em todas as sextas-feiras quando dizia a missa da Paixão, e que muitas vezes tivera grandes transportes no santo altar, e acrescentavam:

- O Padre Francisco fala muito pouco; mas cada uma das suas palavras parece vinda do Céu.

É que o nosso jovem Santo se lembrava sempre, com pesar, dos prazeres que gozara na convivência da sociedade, onde os encantos do seu espírito eram apreciados e louvados a ponto de iludir o seu amor próprio, e expiava agora esses pequenos gozos da sua vaidade, por todos os meios que o seu arrependimento lhe sugeria.

Os Santos, segundo o mundo, perdoam-se voluntariamente dos prazeres desses pequenos triunfos; os Santos, segundo Deus, exprobram-se e expiam-nos...

Até então cedera a febre que minava a saúde de Xavier, e uma carta do seu querido mestre Inácio, chamando-o a Roma pelos fins da Quaresma, o fez partir de Bolonha quase furtivamente para evitar a explosão de dor que ele esperava se declarasse em toda a cidade com a notícia da sua partida.

- Jamais, disse o cura de Santa Lúcia, quando o Santo deixou o presbitério, jamais será ocupado por outra pessoa o quarto que foi habitado pelo santo Padre Francisco Xavier.

- Enquanto nós vivermos, ajuntava a sobrinha, ninguém mais habitará esta câmara abençoada! e nós, meu tio, iremos sempre orar ali.

IV. EM ROMA - PARTIDA PARA PORTUGAL

Miguel Navarro, por um momento horrorizado de si próprio, e cedendo à voz da consciência, pedira a Santo Inácio, o favor de o admitir no número dos seus discípulos. Inácio, sempre pronto a acolher em seus braços o arrependido, aceitou aquele que pouco antes era o seu mais cruel inimigo, e tratou-o com bondade verdadeiramente paternal; porém Miguel, bem depressa desgostoso de uma vida tão santa, retirara-se e readquirira todos os sentimentos de vil inveja que nele havia excitado a conversão de Francisco Xavier.

Depois de ter buscado em vão um novo meio de se desfazer de Inácio, por ter a sua consciência cheia de remorsos "ou por qualquer outro motivo desconhecido", diz o Padre Bártoli, voltou de novo ao combate; reunindo-se a Santo Inácio em Veneza pediu-lhe a sua readmissão na Companhia.

Desta vez a experiência motivou a recusa, e então, ofendido no seu orgulho, jurou que a sua vingança seria terrível e tão medonha como a afronta que acabava de receber. Inácio ia partir para Roma; era

necessário precedê-lo ali.

Miguel chega à cidade santa, encontra ali um dos seus Muitos amigos, Ramon Barrero; este regozija-se dos vergonhosos sentimentos que Miguel lhe confia e não hesita em propor-lhe um pacto infame.

Combinam-se com Pedro Castilho e Francisco Mudarra, juntos se dirigem a Frei Agostinho, monge da Ordem dos Eremitas de Santo Agostinho, pregador célebre e luterano oculto, que procurava iludir a fé dos seus ouvintes, entusiasmando-os com a sua eloquência, e reunidos tratam de perder Inácio de Loiola por todos os meios que o inferno pudesse sugerir.

Miguel declara que é rico e que empregará o seu dinheiro até ao último real, se necessário for, para se vingar daquele que lhe arrebatou Francisco Xavier; o monge aceita tudo; traça-se um plano de campanha, e aguarda-se a chegada dos que juraram perder.

Assim que Inácio e seus discípulos se acharam reunidos em Roma, pelas proximidades da festa da Páscoa do ano 1538, distribuíram desde logo entre si os diversos bairros da cidade para neles trabalharem pela salvação das almas e defesa da verdade, contra os erros e prejuízos que os partidários de Lutero buscavam introduzir e propagar.

Bem depressa descobriram que Frei Agostinho semeava a heresia nas suas prédicas e não deixava de atrair um grande número de pessoas impressionadas e sempre ávidas de ouvirem a sua brilhante e persuasiva palavra. Contudo procuraram certificar-se disto pessoalmente, e depois de o terem ouvido pregar por muitas vezes, julgaram dever adverti-lo dos perigos a que expunha a fé dos seus ouvintes.

Esta advertência, embora feita com as maiores atenções e a mais sincera urbanidade, irritou o orgulho do religioso luterano que se achava comprometido naquela empresa, e que pondo de parte todas as considerações, e julgando também que era chegado o momento de dar um golpe decisivo, atreveu-se, o fogoso pregador, a apresentar à vindicta pública em um dos seus sermões, os novos apóstolos que defendiam tão valorosamente a doutrina da Igreja; acusava-os de heresia, esperando assim paralisar o zelo que os animava e afastar de si as suspeitas que nasciam.

Ao mesmo tempo Miguel Navarro, que pagara largamente para aquele fim, era autor de uma denúncia em forma, contra Inácio de Loiola, ao governador de Roma, Benedito Conversini; assegurava sob juramento, e prometia provar, que D. Inácio de Loiola havia sido duas vezes condenado na Espanha, a primeira em Alcalá, a segunda em Salamanca, e uma terceira vez, em Paris, pelo crime de sortilégio e de magia.

Todo este negócio fez grande ruído e produziu geral sensação, sem contudo desanimar as vítimas daquele odioso trama.

Inácio e os seus presados discípulos viam-se isolados, abandonados de todos e apontados a dedo nas ruas de Roma como heréticos que não tardariam a ser condenados pelo tribunal da Inquisição, não ousando ninguém aproximar-se deles com o temor de os fazerem duvidar da ortodoxia da sua fé.

Mas esta grande prova de sofrimento devia ter um fim; Deus ali estava!...

Os caluniadores foram convencidos de impostura e acabaram por se confessarem culpados.

O pregador herético, revestido de um hábito religioso e que servia para

encobrir os seus sentimentos de proselitismo, teve de fugir e foi completamente desmascarado em Génova; Pedro Castilho foi condenado a prisão perpétua; Francisco Mudarra e Ramon Barrem foram queimados em efígie, e teriam também sofrido uma longa prisão se Santo Inácio não tivesse intercedido por eles; Miguel Navarro foi condenado a degredo por toda a vida[22].

Ainda desta vez o demônio fugira rugindo; o inferno fora vencido.

Naquela época a fome assolava a cidade de Roma, e os discípulos de Santo Inácio dedicavam-se com admirável caridade a socorrer as vítimas deste horrível flagelo.

Xavier, cuja saúde recuperara finalmente algum vigor, exercia o santo ministério na igreja de S. Lourenço in Damaso, e na de S. Luís dos Franceses, e o mais consolados resultado correspondia aos seus trabalhos.

Todo o tempo que lhe sobrasse depois das pregações, confissões e instrução das crianças, dedicava aos pobres, que, extenuados pela fome, arrastavam-se e morriam pelas ruas. Procurava para eles algum asilo, pedia aos ricos um bocado de pão para minorar a fome e prolongar-lhes a vida; conduzia à última morada, em seus braços, os cadáveres, e os moribundos para os asilos de caridade que para eles obtivesse, proporcionando-lhes, finalmente, todos os socorros que os pudesse chamar à vida. Tratava deles, consolava-os, punha-os em santas disposições, e se lhe não era dado salvar sempre a vida do corpo, salvava-lhes ao menos a das almas.

No meio destes penosos trabalhos desejava o nosso Santo outros ainda mais cruéis. Tudo isto nada era para o zelo que o animava. Falava muitas vezes do bem que se poderia fazer nos grandes países conquistados pelos portugueses nas Índias orientais, e da felicidade que gozariam aqueles que obtivessem a graça de serem para ali mandados, expostos a todos os sofrimentos, a todos os perigos e a todas as privações inseparáveis de um tal apostolado.

Era tal a sua preocupação que quase diariamente, nos poucos momentos que concedia ao sono, sonhava que tinha em seus braços ou às costas um negro sofrendo penas horríveis. Então ouvia-se-lhe gritar, no excesso do seu amor a Deus e do seu zelo pela sua glória:

"Ainda mais, Senhor! ainda mais!"

Disseram-lhe, um dia, que D. João III, rei de Portugal, solicitara do soberano Pontífice a graça de lhe conceder seis Padres formados na escola de Inácio.

D. Diogo de Gouveia, reitor do colégio de Santa Bárbara na época em que Francisco, Fabro e Inácio ali estiveram, voltara depois a Portugal. Enviado a Roma, pelo seu governo, a fim de ali tratar dum negócio de interesse da coroa, veio encontrar naquela cidade os seus antigos discípulos de Santa Bárbara, e presenciou os trabalhos dedicados que prestavam durante a fome aqueles cujas brilhantes faculdades e prodigioso talento ninguém melhor do que ele conhecia, e que mostravam não saber praticar senão atos de humilhação e caridade. Comunicou a sua admiração ao rei seu soberano, cujo zelo pela glória de Deus ele conhecia, pedindo-lhe que solicitasse alguns destes santos Padres para evangelizar as Índias orientais.

O rei de Portugal, aceitando gostoso esta proposta, acabava de escrever ao seu embaixador D. Pedro de Mascarenhas encarregando-o de dirigir aquele pedido ao Papa em seu nome. O Papa deixou o negócio à decisão de Inácio, que resolveu não dever conceder mais que dois dos seus discípulos

para aquele apostolado, porque ele não tinha até ali mais que dez.

Xavier sentiu o seu coração palpitar com maior força quando soube desta decisão; e, contudo, poderia pensar em si para um tal destino? Não, porque se julgava mil vezes indigno daquele favor! Não sabia, é verdade, qual dos seus irmãos merecesse mais para poder ser escolhido; achava-os todos tão perfeitos, que não via senão em si a exceção e humilhava-se profundamente perante Deus por aquela incapacidade.

Enquanto se tratava este negócio, Inácio ocupava-se em constituir a sua Companhia em Ordem religiosa, e em submetê-la à aprovação do soberano Pontífice. Comunicara todo o seu projecto aos seus discípulos e lhes rogara que reflectissem maduramente, perante Deus, sobre a escolha daquele a quem deveriam dar o título de Geral, logo que o Papa tivesse aprovado os estatutos da Sociedade e a tivesse autorizado.

Chamado naquela ocasião pelo rei, o embaixador de Portugal, e encarregado de acompanhar os dois Padres que lhe tinham sido prometidos, empregou este as maiores diligências e instâncias em os obter desde logo, e para que a sua partida fosse o mais breve possível Inácio designou então Simão Rodrigues e Nicolau Bobadilha; não se lembrou de Xavier, e o nosso Santo achou muito natural que o seu querido mestre não o tivesse escolhido para uma tal missão.

Simão Rodrigues achava-se então em Sena e Nicolau Bobadilha no reino de Nápoles, e ambos voltaram à ordem de Inácio. Rodrigues, ferido de febres intermitentes, mal podia ter-se de pé, mas mesmo assim ia obedecer: embarcou imediatamente em Civita-Vecchia no primeiro navio que se fazia de vela para Lisboa. Bobadilha adoeceu logo que chegou a Roma, mas como não estava ainda designado o dia da partida, esperava recuperar as forças perdidas, para poder obedecer também...

Xavier humilhava-se cada dia mais da sua indignidade, por ver os mais perfeitos do que ele destinados para aquele apostolado, que ocupava dia e noite o seu pensamento.

A partida do embaixador fora finalmente fixada para o dia imediato. Sabe-o o nosso Santo, e faz ardentes votos pelo bom êxito dos seus irmãos; orava por eles com todo o fervor da sua alma, quando Inácio o chama.

- Francisco, lhe disse ele, eu havia designado Bobadilha para a missão das Índias, porém aprouve ao Céu escolher um outro. Sois vós que ele acaba de designar hoje mesmo, e eu vo-lo anuncio em nome do Vigário de Jesus Cristo...

Xavier, prostrado aos pés do seu santo mestre escutava no maior recolhimento de gratidão e humildade.

Inácio continuou: - Aceitai a missão de que Sua Santidade vos encarrega, como se Jesus Cristo em pessoa vo-la tivesse intimado, e alegrai-vos por encontrardes nela o cumprimento do ardente desejo de que nós todos nos achamos animados: levar a fé para além dos mares. Não é somente a Palestina, ou uma província da Ásia que tereis de evangelizar; são países imensos, estados inumeráveis, o mundo todo! Aquele tão vasto campo é digno da vossa coragem, é digno do vosso zelo! Ide, Francisco; ide, meu irmão, onde a voz de Deus vos chama, onde a Santa Sé vos -envia, e desenvolvi todo o fogo que vos anima!

As lágrimas de Francisco corriam até ao chão; porém eram lágrimas de felicidade!

- Pai da minha alma, respondeu ele, como pudestes vós pensar em mim para uma missão que exige um verdadeiro apóstolo? Eu sou o mais inerte, o mais fraco, o mais incapaz e o menos virtuoso dos vossos discípulos! E é por isso que eu me considero duplamente feliz!

"Meu Padre, eu obedecerei ao mandato de Deus! Estou preparado e pronto a sofrer tudo e com a maior alegria do meu coração, para a salvação dos pobres índios e Confesso-vos, hoje, meu amado Padre, que há muito tempo o meu coração suspirava pelas Índias; porém não me atrevia a confessá-lo senão a mim próprio, por isso que me julgava indigno duma tal graça. Ah! Eu espero em Deus, que naqueles países idólatras, encontrarei o que a Terra Santa me recusou.

"Espero também que terei a felicidade de ali morrer por Jesus Cristo!...".

Inácio tinha já feito levantar o seu amigo: apertava-o ao seu coração de pai, profundamente comovido.

Francisco significou-lhe quanto o apostolado das Índias ocupava o seu pensamento e o seu espírito, a ponto de o acompanhar até nas suas horas de sono; em seguida apressou-se a remendar a sua batina, abraçar os seus amigos e ir prostrar-se aos pés do Soberano Pontífice para lhe pedir a sua bênção. Paulo III, rendia graças a Deus desde que o rei de Portugal lhe manifestara o desejo de fazer pregar o Evangelho nos países infiéis que lhe eram sujeitos, porque contava como seguro o triunfo da Cruz em todos os lugares onde os discípulos de Inácio a levassem. Recebeu Xavier com benevolência verdadeiramente paternal, felicitou-o pela sublime missão que ele ia desempenhar, e disse-lhe:

- "A soberana Sabedoria dá sempre a graça necessária para suportar os encargos que ela impõe, embora eles sejam superiores às forças humanas! Vós tereis muitas ocasiões de sofrer; mas deveis lembrar-vos sempre que no serviço de Deus não se consegue o bom êxito senão pelo caminho dos sofrimentos, e que se não deve ambicionar a honra cio apostolado senão caminhando pelos traços deixados pelos Apóstolos, cuja vida foi sempre uma pesada cruz e uma morte de cada dia."

"O Céu vos envia a seguir os passos de S. Tomé, o apóstolo das Índias, na conquista das almas; trabalhai ardente e generosamente em fazer reviver a fé nas terras em que ele a semeou! e se Deus permitir que possais derramar o vosso sangue pela glória de Jesus Cristo, oh! considerai-vos feliz de serdes o escolhido para morrer por uma tal causa."

"É tão belo morrer mártir!"

Xavier, compenetrado das palavras do soberano pontífice, e parecendo-lhe ouvir a própria voz de Jesus Cristo, respondeu algumas palavras duma tão profunda humildade e de zelo tão ardente, que Paulo III depois de o ter abençoado, o abraçou por muitas vezes com extrema comoção.

No momento de partir, na manhã seguinte, Xavier prostrou-se aos pés do seu querido Padre Inácio para lhe pedir a sua bênção; o seu coração, naquele momento, cumpria um grande sacrifício, continha tanta dor como alegria.

Inácio abraçou com ternura aquele filho que tanto amava e que ia separar-se dele, sem dúvida para sempre. Apertou-o dolorosamente, mas com todo o afecto, ao seu coração, pois que ele também fazia um grande sacrifício!... Porém a glória de Deus o chamava, e pai e filho se achavam votados inteiramente à sua glória, à sua maior glória...

Abraçavam-se pela última vez, quando Santo Inácio descobriu, por acaso, que o seu amado discípulo desprezara completamente as precauções mais necessárias para tão longa viagem.

Oh! meu Francisco! lhe disse ele, apertando-o de novo ao seu coração paternal, - é muito! é demais! nem ao menos alguma roupa de lã para abrigar o vosso peito contra os grandes frios!

E despojando-se da sua camisola de lã, forçou o seu filho espiritual a vesti-la.

No derradeiro momento da partida, Francisco depositou nas mãos de Laynez uma declaração escrita, regando-lhe que a fizesse conhecer aos seus irmãos, no dia em que eles se reunissem para elegerem um Geral. Esta declaração, damo-la aqui dividida em três partes, tal qual a achamos reproduzida na série das Cartas de S. Francisco Xavier.

DECLARAÇÃO DE FRANCISCO XAVIER

"Eu, Francisco, declaro, que, quando Sua Santidade haja por bem aprovar o nosso Instituto, concordarei em tudo quanto a Sociedade estatuir, nas Constituições e Regras que ela estabelecer pelo órgão daqueles dos nossos que possa convocar e reunir em Roma; e como Sua Santidade envia alguns de entre nós em diversas missões, fora de Itália, e por este motivo não nos poderemos reunir todos, declaro por este escrito, que me comprometo a aceitar e a ter por bom e válido tudo quanto for estatuído em interesse da Sociedade, por dois ou por três dos nossos irmãos que se reunirem para aquele fim. Assim, por este autógrafo, digo e prometo ratificar tudo quanto por eles for feito.

Escrito em Roma, a 15 de Março de 1540.

FRANCISCO".

SUFRÁGIO

"J. H. S. Eu, Francisco, devendo deixar o meu voto sobre a escolha daquele que deve ser elevado à prelatura da nossa Sociedade, e a quem todos devemos obedecer, declaro e afirmo, sem instigação alguma, que me parece justo, em testemunho da minha consciência, que este seja o nosso antigo prelado, o nosso verdadeiro pai, Dom Inácio, que nos reuniu com tão grandes dificuldades e trabalhos. Declaro mais que nenhum outro está em melhores circunstâncias do que ele para nos conservar, dirigir e fazer-nos adiantar no caminho da perfeição, porque ele nos conhece a todos em geral e a cada um em particular; e digo também, na maior sinceridade da minha alma, como se me achasse à hora da morte,, que depois do seu falecimento, julgo acertado eleger-se para Geral o Padre mestre Fabro, e neste momento Deus me é testemunha de que digo somente o que penso; e em fé do que assino o presente escrito.

Feito em Roma, a 15 de Março de 1540

FRANCISCO".

OUTRA DECLARAÇÃO

"Depois de convocada a Sociedade e que ela tenha eleito o seu Geral, prometo, eu, Francisco, hoje e para sempre, obediência perpétua, pobreza e castidade. Assim, pois, Padre Laynez, meu mui prezado irmão em Jesus Cristo, rogo-vos, pelo servido de Deus Nosso Senhor, que apresenteis, na minha ausência, e em meu nome, ao Geral que elegerdes, ó testemunho da minha vontade, com os três votos religiosos, pois que, neste momento, eu prometo observá-los desde o dia em que ele for nomeado.

Em fé do que assino o presente escrito do meu próprio punho.

Feito em Roma, a 15 de Março de 1540.

FRANCISCO".

V. DE NOVO EM BOLONHA - CARTA DE XAVIER - DESPEDIDA

Toda a população de Bolonha se achava em grande agitação na sexta-feira de Páscoa do ano de 1540. Homens e mulheres, jovens e velhos, ricos e pobres, todos iam e vinham em grande alvoroço; um raio de felicidade parecia brilhar em cada semblante, e de todos os lados se ouviam trocar as mesmas palavras:

- Sabeis a novidade?
- Sim, acabam de me contar, e vou transmiti-la aos outros...
- E eu também! Que bênção sobre Bolonha!
- Sabe-se se ele se demorará muito tempo?
- Ninguém o sabe! Acaba de chegar... e não passa aqui senão a noite!...
- Oh! se ele tornasse a partir sem que nós o pudéssemos ver! Rezemos a Nossa Senhora! roguemos-lhe que nos permita ouvi-lo ao menos uma vez!

E ajoelhavam-se, com a piedade nativa daqueles tempos de fé e de doces esperanças, que valia muito mais do que o cepticismo destruidor dos nossos dias; ajoelhavam-se diante da Imagem da Virgem colocada no nicho que ficava por cima da porta do edifício, cuja entrada guardava e protegia os habitantes, falando-lhe bem alto, sem temor dos sorrisos dos que por ali passavam:

"Virgem Santíssima! se ele deve partir amanhã, impedi-o! Que nós o possamos ver e ouvi-lo, e que ele nos abençoe ainda uma vez!"

Naquele momento propala-se o boato de que o cura de Santa Lúcia se acha muito satisfeito por ter visto aquele de quem tanto se ocupava: ainda mais, que dele se apoderara, que o conduzira a sua casa, e que ali estava! Então o povo dirige-se precipitadamente para o presbitério; quer entrar, quer saber... Produziam um barulho atoador; o cura aparece a uma janela, com um gesto indica que quer falar e o silêncio se restabelece:

- Meus filhos, disse ele, vinde amanhã às seis horas da manhã a Santa Lúcia e sereis satisfeitos...

- Obrigado! obrigado! senhor! exclamava o povo a uma voz.

Na manhã seguinte, desde as quatro horas da madrugada, toda a população se dirigia a Santa Lúcia, e foi necessário abrirem-se as portas àquela hora. A igreja estava cheia, a ponto de não poder conter nem mais uma pessoa; o Santo que se esperava, o nosso S. Francisco Xavier, a instâncias do cura, disse a missa no altar-mor e falou de Deus àquela multidão ávida de o ouvir e que o escutava aos soluços, por que sentia que lhe seria de novo arrebatado.

Xavier viera com o embaixador de Portugal, não trazendo por bagagem mais do que o seu breviário, a bênção do Vigário de Jesus Cristo e a do seu amado pai, Santo Inácio de Loiola.

No século XVI não se viajava tão fácil e rapidamente como hoje. As estradas eram quase intransitáveis, as viaturas muito raras, os caminhos de ferro desconhecidos. Montava-se então em bons e fortes cavalos, mais próprios para resistirem a longas viagens do que para velozes corridas; se se quisesse levar mulheres, faziam-nas montar na garupa e cavalgava-se assim por montes e por vales; os que não podiam ter cavalgadura, viajavam a pé.

D. Pedro de Mascarenhas, na qualidade de embaixador, tinha a sua carroça; a sua comitiva acompanhava-o a cavalo, e os domésticos a pé. Ele pusera também à disposição do nosso Santo um cavalo, porém a bondade do coração de Xavier não permitia que o reservasse só para si; fazia utilizar dele os criados, por turnos, e ele era quem o montava o menos possível; este arranjo satisfazia de algum modo o seu zelo e a sua caridade.

Quando se achava a pé, sustentava, com mais liberdade, largas conversações com os companheiros de viagem, e depois de os ter entusiasmado pela sua amável benevolência e habitual alegria, falava-lhes das suas almas e fazia-lhes compreender que deviam temer e amar a Deus.

Quando descansavam nas hospedarias, era para o embaixador e para os principais da sua comitiva que se dirigiam as atenções do Padre Francisco, mostrando-se para coxas eles amável, espirituoso e atraente.

- O rei aguarda-o para o enviar às Índias, dizia D. Pedro, mas quando o conhecer quererá por certo deixá-lo em Lisboa.

- Ou mesmo na corte, acrescentava o capelão, por que ali prestaria valiosos serviços.

- Nunca vi tão elevada distinção pessoal aliada a uma tão grande santidade, prosseguia o embaixador; o rei não o deixará sair de Portugal.

D. Pedro tinha sabido pela sua gente que onde as camas eram insuficientes, jamais o Padre Xavier se utilizava da que lhe reservavam; obrigava àquele que a não tivesse a aceitá-la. Convencia-se, pois, de que o Santo tinha o maior empenho em ser útil a todos, e até aos criados de serviço; avaliava, finalmente, toda a importância do tesouro que tinha tido a felicidade de adquirir para o seu soberano.

Descansaram alguns dias em Loreto, e Xavier, por si próprio, vai dizer-nos, na seguinte carta que escreveu a Santo Inácio, qual o benefício para a religião que para ali levaram.

Bolonha, 31 de Março de 1540.

"Que a graça e o amor de Nosso Senhor Jesus Cristo nos venha sempre em auxílio. Amen.

No santo dia da Páscoa recebi a vossa carta por via do senhor embaixador. Não posso descrever-vos qual foi a alegria e consolação que experimentei naquele momento; só Deus o sabe.

É verdade que não nos veremos mais na terra; não nos correspondemos senão por cartas; porém no Céu, ah! será face a face! e então como nos abraçaremos! e uma vez que nos não resta outro meio de nos consolarmos mutuamente a não ser por cartas, não me deixarei acusar de negligência.

Em qualquer parte do mundo que eu esteja, só, ou em companhia dos membros da nossa Sociedade, nunca me esquecerei do que tão sabiamente me dissestes no momento da nossa separação: É necessário que as colônias estejam ligadas às metrópoles coma as filhas a sua mãe.

Conservarei e entreterei sempre convosco c com a nossa Casa de Roma íntimas relações, e vos darei exatas e pormenorizadas contas de todas as nossas ações como as filhas submissas devem proceder para com suas mães.

O senhor embaixador tem-me obsequiado tanto que eu não poderei provar-lhe a minha gratidão senão nas Índias. Ouvi a sua confissão e a de algumas pessoas da sua comitiva, no domingo de Ramos, na igreja de Nossa Senhora de Loreto e todos receberam, da minha mão, a sagrada comunhão.

No dia da Páscoa celebrei na capela de Nossa Senhora e o nosso bom embaixador conseguiu que todas as pessoas de sua casa, que é muito religiosa, comungassem ali com ele. O capelão, que se recomenda instantemente às orações de vós todos, promete acompanhar-me às Índias.

Apresentai os meus respeitos a Dona Faustina Ancolina. Dizei-lhe, eu vos rogo, que rezei uma missa pela alma do seu Vicente, cuja recordação me é tão cara como para ela, e que amanhã celebrarei outra por sua própria intenção. Dizei-lhe também que se convença de que, mesmo nas Índias, me não esquecerei dela.

Rogo-vos que me recomendeis ao meu querido irmão D. Pedro; não lhe deixeis esquecer a promessa que me fez de freqüentar os sacramentos; fazei com que se comprometa a mandar-me dizer se tem cumprido a mesma promessa, e quantas vezes; dizei-lhe mais, que se ele quer ser ainda útil a seu filho, ao seu querido Vicente, que é também meu, é necessário que perdoe aos que o mataram, e pelos quais o próprio Vicente intercede no Céu.

Vejo-me aqui mais ocupado no tribunal da penitência do que o estava em S. Luís de Roma.

Desejo-vos cordialmente toda a sorte de bens, e conquanto não faça menção de cada um de vós em particular, não esqueço nenhum; crede no vosso irmão em Jesus Cristo, e

vosso servo,

Francisco".

É o próprio Santo que o diz: ele achava-se absorvido pelas confissões em Bolonha. O embaixador concedeu alguns dias de demora ao público, e o Santo, querendo, por seu lado, satisfazer a todos, quase que não saía da igreja. Porém foi geral a dor quando se soube que o Padre Francisco Xavier ia para as Índias! Foi um luto público para Bolonha! O povo chorava em altas vozes pelas ruas, na igreja e em toda a parte onde o viam, em todo o lugar onde se falava dele; mortos queriam segui-lo para onde ele fosse.

- Iremos para as Índias convosco, meu Padre! levai-nos! permiti que vos sigamos!

E ouviam-se lamentos, soluços e gritos de dor que dilaceravam o coração tão terno, tão amável de Xavier! Ele não pôde impedir que o povo em multidão o acompanhasse, à sua partida, até uma grande distância, chorando sempre com a maior consternação, e repetindo sem cessar e sem fim as seguintes palavras de dor:

- "Nunca mais!... Oh! não nos veremos mais!... Não nos abençoareis jamais!...".

Era esta uma prova sensível para o coração impressionável do Santo tão amado! O próprio embaixador se comoveu vivamente, assim como as pessoas da sua comitiva.

Nunca se vira coisa semelhante por causa de um Padre de aparência tão humilde, tão pobre, e tão despretensiosa, e ninguém poderia esquecer, em toda a sua vida, aqueles comovedores adeuses.

A esta população, de joelhos no caminho, recebendo, em soluços e brados de dor, a última bênção do apóstolo que tanto amara, e que não tornaria a ver senão no Céu: o próprio Santo, que não tendo já palavras de consolação para aqueles que assim choravam a sua ausência, abençoava cada um com sua mão bendita, deixando correr lágrimas de ternura e reconhecimento...

Este quadro era extremamente comovedor e devia deixar uma perpétua memória. Quando a caravana se pôs a caminho, deixando o povo ainda ajoelhado, o jovem santo voltou-se e dirigiu-se-lhe ainda uma vez:

- "Meus bons e queridos irmãos Bolonheses, eu não vos esquecerei nem mesmo nas Índias! Orarei por vós todos os dias; rezai também por mim!...".

Nada mais disse, e dirigindo o seu cavalo em seguimento dos que o precediam, deixou os Bolonheses, que se conservaram no mesmo lugar por todo o tempo em que puderam seguir com a vista aquele que eles tão saudosamente choravam. ,

A viagem devia ser longa, porque estava convencionado que de Roma a Lisboa, deviam ir sempre por terra; em cada dia se adiantava um criado da comitiva para preparar alojamentos.

Num dia, o embaixador, descontente pela maneira como o seu correio se desleixara naquele serviço, repreendeu-o severamente.

Antônio conteve, em presença de seu amo, a explosão da sua cólera,

porém na manhã seguinte, violentamente encolerizado, montou a cavalo, picou-o de esporas e partiu como um furioso.

Xavier, testemunha desta fuga, não lhe disse nem uma palavra; recebeu irritá-lo em vez de o acalmar; contudo prevendo os perigos daquela corrida louca que Antônio levava, o Santo monta a cavalo e parte em seguimento do desgraçado correio que encontra estendido no chão, por debaixo do seu cavalo morto e cujo peso o sufocava. Xavier apeia-se, desembaraça-o, levanta-o, monta-o no seu cavalo e, tomando as rédeas, o conduz à mão até à primeira aldeia. Ali o faz descansar e lhe presta todos os cuidados de que ele carecia. Logo que o viu melhor, disse-lhe:

- Meu pobre Antônio, o que teria sido da vossa alma se tivésseis morrido naquele estado?

A voz de Francisco era tão meiga e tão penetrante naquele momento, que foi direita ao coração do culpado e ali vibrou sensivelmente.

- É verdade, meu Padre, respondeu ele derramando copiosas lágrimas; o que teria sido de mim sem a vossa caridade ?

E Antônio confessou-se e mudou de vida.

Deixemos agora Francisco Xavier contar ele mesmo os incidentes desta longa viagem.

S. FRANCISCO XAVIER À COMPANHIA
DE JESUS EM ROMA

Lisboa, 3 de julho de 1540.

"Que a graça e o amor de Nosso Senhor Jesus Cristo sejam sempre conosco. Amen.

A nossa viagem de Roma a Portugal durou três meses e em todo este tempo Nosso Senhor Jesus Cristo nos encheu de suas graças; nunca lhe poderemos agradecer.

Em meio de tantas fadigas e dificuldades, o senhor embaixador e toda a sua família, gozaram sempre de perfeita saúde. Por uma proteção especial da divina Providência, escapámos de grandes e variados perigos, e é seguramente devido a Ela que nós somos devedores da prudência e sabedoria com que o senhor embaixador se houve durante toda a viagem; a sua casa tem sido dirigida com tanta ordem e regularidade, que parece. mais uma comunidade religiosa do que uma casa secular.

É pelo exemplo que ele tem sabido manter esta disciplina. Recebia muitas vezes os sacramentos, e todas as pessoas da sua comitiva cumpriam este dever tão freqüentemente e em tão grande número, que me via forçado a apelar-me do cavalo e parar no caminho, no primeiro lugar favorável, para confessar os domésticos e seus filhos, porque, nas hospedarias, faltavam-me tanto o tempo como a facilidade de ouvir todas as confissões.

Na nossa travessia dos Alpes, Deus manifestou milagrosamente a sua proteção para com um dos nossos companheiros de viagem, que vós conhecestes em Roma. É aquele que tendo desejada abraçar a vida religiosa adiara a

execução daquele desígnio, por fraqueza e preguiça e acabou por desistir dela.

Uma larga corrente, de profundidade incerta, atravessava o nosso caminho; a sua temeridade levou-o a tentar o vau: fizemos-lhe todas as observações para o dissuadir daquele intento; mas tudo foi inútil; ele lança-se a cavalo através da corrente. Apenas dá alguns passos, eis que a impetuosidade das águas faz rolar, num abrir e fechar de olhos, cavalo e cavaleiro, tão longe, como a distância que vai da vossa casa à igreja de S. Luís, e isto à nossa vista! Na margem ressoavam os nossos gritos.

Naquele momento, Deus foi sensível às orações e as lágrimas de D. Pedro de Mascarenhas e de toda a sua comitiva, pela vida daquele desgraçado que estava evidentemente perdido: por um milagre admirável, vimo-lo de repente sair dos abismos da morte.

Confessou-me depois, que quando se sentiu arrastado pelas águas e precipitar-se para o abismo, se lamentou e arrependeu dolorosamente de ter sido infiel à sua vocação e de ter desprezado as ocasiões que a divina graça lhe proporcionara tantas vezes, e que ele bem quisera remir. Protestou-me que naquele momento terrível para a natureza, ficara menos aterrado do perigo que corria, do que dos remorsos da sua consciência, que lhe exprobravam o ter passado a vida sem pensar na morte.

O que sobretudo o afligia, era o haver desprezado a sua vocação pela vida monástica, vocação de que jamais duvidara. Foi cheio destes pensamentos que ele nos foi restituído para nos servir de exemplo; a fim de que não sejamos nunca levados a imitá-lo.

O seu rosto pálido, quase inanimado, dava uma expressão terrível às suas palavras! Parecia escapado os infernos. Quando nos falava das penas da outra vida, a sua voz, a sua expressão eram tais que teríeis dito que ele acabava de atravessar os fogos eternos!

Discorria sobre isto com tanta força e energia como se os tivesse experimentado, repetindo incessantemente que aquele que se houver descuidado durante a vida de se preparar para a morte, não espere, quando ela se lhe apresente repentinamente, recordar-se de Deus e dos seus julgamentos.

Os discursos deste homem, que não podiam ser fruto da leitura, da meditação, nem de estudo, mas sim e unicamente da experiência, produziram um vivo interesse entre as pessoas da nossa caravana.

Quanto a mim, quando penso nisto, fico penosamente impressionado da negligência de tanta gente que conheço e que vejo do mesmo modo adiar a execução de bons pensamentos e dos desejos de servir a Deus, confessando, contudo, que aquela idéia os preocupa instantaneamente.

Tremo quando me lembro de que o tempo que lhes foge em cada dia, pode faltar-lhes repentinamente, e que então será já tarde!"

Francisco Xavier tinha a convicção de que era devido às orações do embaixador e das pessoas da sua casa, o evidente milagre que restituíra a vida ao escudeiro; porém D. Pedro e os que o acompanhavam não hesitaram um momento sequer em atribuí-lo ao Padre Francisco, que todos olhavam como um Santo.

A neve ainda cobria uma grande parte das montanhas quando a caravana atravessou os Alpes. O secretário do embaixador apeara-se do cavalo numa passagem perigosa; mas a neve não permitia, à vista mais perspicaz, reconhecer o sítio em que se punha o pé, e cada um temia por si. Um grito desesperado se fez ouvir inesperadamente. O secretário havia desaparecido. Avança-se com precaução, e olha-se pela inclinação rápida dum imenso precipício... Os seus vestidos estavam embaraçados nas asperezas dum rochedo, estava suspenso sobre o abismo, o peso do seu corpo vai arrastá-lo, o fato vai rasgar-se pela ação do mesmo peso, e ele perecerá da mais horrível morte! Ninguém ousa socorrê-lo, o seu salvamento é impossível; quem o tentasse corria a uma perda certa...

Xavier lança-se por aquele horroroso precipício, sem escutar os gritos e as súplicas coxas que buscavam retê-lo. Desce com admirável facilidade até onde estava o secretário, toma-lhe a mão, puxa-o para si, e salvo o restitui ao embaixador, que, maravilhado, não pode crer o que seus olhos viam.

Os viajantes exclamam então a uma voz: "Milagre!" porque Xavier acabava de praticar uma coisa humanamente impossível; e é isto que explica o seu silêncio sobre este facto na sua carta à Companhia de Roma. Porém esta tão sublime modéstia não podia ficar ignorada; existiam muitas testemunhas, qual delas mais impressionada, de que Deus o havia recompensado por um milagre incontestável, cuja recordação não podia extinguir-se em nenhum deles.

VI. PASSAGEM POR ESPANHA - CHEGA A LISBOA

Um extraordinário movimento animava o solar senhorial de Xavier. Toda a família de Jasso de Azpilcueta se achava reunida em torno da nobre castelã, D. Maria, cuja avançada idade não havia envelhecido o coração e lhe fortificara a fé. Seus filhos tinham sabido na corte que o rei de Portugal pedira ao Papa alguns Padres da Sociedade de D. Ínigo de Loiola para evangelizar as Índias, e D. Maria que conservara no coração a predição de sua filha, estava convencida que o seu amado Francisco estaria incluído no número daqueles que Deus escolheria para um tão perigoso e glorioso apostolado.

Bem depressa se espalhou também a notícia de que D. Pedro de Mascarenhas atravessaria a Espanha, que estava já em caminho, e que o Padre Francisco Xavier o acompanhava. Cada pessoa da nobre família esperava ver, na sua passagem, aquele último descendente, cuja infância recebera as carícias de todos, cuja mocidade encantara os primeiros velhos dias do pai, que não existia já, e cuja ausência era uma contínua dor para a mãe veneranda que vivia ainda.

Quase todos os dias um dos criados de D. Maria montava a cavalo, ia a Pamplona, informava-se e voltava no dia seguinte para assegurar que o correio do embaixador não chegara ainda:

"Será amanhã, dizia suspirando a mãe do nosso Santo; esperemos".

E ela esperava, os dias corriam uns após outros, e o seu filho não aparecia! Desde aquele em que começara a esperar a felicidade de o tornar a ver. D. Maria quase que se estabelecera numa janela donde descobria o caminho que conduzia a Sanguesa e donde a sua vista alcançava a grande distância por ser um dos pontos mais elevados do castelo.

- Há dezassete anos que não vejo o meu belo Francisco, dizia ela algumas vezes; mas se ele vem agora, hei-de reconhecê-lo, por certo!

- Querida mãe! respondiam-lhe seus filhos, bem depressa o tornareis a ver.

- Pedro Ortiz tem-nos mandado dizer sempre que ele é a mesmo belo Francisco. Somente acrescenta que está magro porque este meu querido filho se tornou um Santo, e pratica austeridades que alteram a sua saúde...

Então procurava-se mudar a conversação, porque a pobre mãe não podia ocultar as lágrimas que lhe corriam em abundância, quando se lembrava que a santidade do seu filho o levava a martirizar o corpo, a ponto de enfraquecer a sua robusta constituição. Depois elevava os olhos para o céu com expressão resignada e ajuntava:

- É verdade que ele é de Deus! inteiramente d'Ele!... já me não pertence!

E recaía no seu lânguido e habitual silêncio.

Os dias corriam; o embaixador de Portugal avançava na sua jornada e entrava em Navarra.

- Padre Francisco, disse ele ao nosso Santo, nós não estamos longe de Pamplona, onde devo descansar. Ali vos esperarei.

- Esperar-me, senhor?

- Pois vós não ides ao castelo de Xavier visitar vossa família?

- Não, senhor; agradeço a vossa bondade, mas não posso aceitar.

- Como! acaso esqueceis, meu caro Padre, que ides deixar a Europa talvez para sempre?!

- É provável, senhor.

- Pois muito bem! vós não vedes a vossa família há já muito tempo, e a senhora vossa boa mãe está hoje velha.

- Conheço tudo isso, senhor, mas não é para Xavier que Deus me chama, é para as Índias.

- Meu Padre, é esta uma abnegação que eu admiro verdadeiramente, mas permiti-me fazer-vos observar que a senhora de Jasso deve esperar-vos, e que é impor um sacri- fício muito grande ao coração duma mãe. É por ela, é pois D. Maria, que vos peço, que vos rogo, meu Padre. Ide a Xavier! Dai esta consolação à vossa família!

- A esta consolação, senhor, se ajuntarão a amargura da separação e dos adeuses dilacerantes. Por minha mãe, que eu amo terna e extremosamente, por toda a minha família, que me é tão cara, e por mim mesmo, é melhor que eu evite estes desgostos, e que nos não tornemos a ver

senão no Céu. Ali, senhor, a união será sem separação, a consolação sem amarguras e a felicidade sem estorvo.

O embaixador ia insistir. Francisco conhece e replica:

- Eu dei tudo a Deus, senhor, não me é permitido, portanto, dispor de mim para os outros; não me julgo com esse direito.

O caráter cavalheiresco que o jovem Francisco manifestara em Santa Bárbara torna a patentear-se aqui com toda a generosidade do Santo formado na escola de Inácio, e que não vivia senão do contínuo sacrifício de si próprio.

- Cheio de admiração, D. Pedro de Mascarenhas, sem o dizer a Francisco, modificou as disposições do seu itinerário, por delicadeza para com a família do nosso Santo. Atravessou a cidade de Pamplona, retendo-se ali só por momentos, a fim de renovar as suas provisões e despachar um correio ao rei de Portugal, a quem escreveu para lhe dar antecipadamente conhecimento da elevada santidade do missionário que lhe levava.

Poucas horas depois de os viajantes deixarem Pamplona, apresentou-se ali o enviado do castelo de Xavier... Era já, porém, muito tarde. D. Pedro não dissera onde pernoitaria naquela dia; supunha-se mesmo que alterara o seu itinerário, e ouviram-no dizer às pessoas da sua comitiva que o Padre Francisco Xavier era duma tal santidade que recusara desviar-se do caminho para ir ao solar visitar a sua família.

Além disso, assegurava que ele parecia ter saúde, que era amável e bom para todos em geral, e que em toda a parte onde fosse visto se reconheceria imediatamente nele, não obstante a pobreza do seu traje, um grande fidalgo da velha Navarra espanhola.

"Eu, por mim, reconheci-o perfeitamente!" acrescentava com orgulho o estalajadeiro de Pamplona, que sentia duplicar a sua importância ao pensar que não somente um embaixador se hospedara em sua casa, mas ainda, porque vira de bem perto o filho da castelã de Xavier, ao passo que ela própria fora privada daquela felicidade..."

Era necessário comunicar-se esta pungente notícia a D. Maria: seus filhos procuraram todos os rodeios possíveis, porém quaisquer que fossem a prudência e a doçura dos meios, um semelhante golpe dirigido ao coração duma mãe causa sempre profunda ferida!

D. Maria agradeceu a seus filhos as meigas carícias que deles recebeu; depois pediu para ser conduzida à capela e ali renovou os votos do seu sacrifício e de ações de graças, oferecendo em holocausto toda a sua dor maternal aos pés do crucifixo de madeira, de tamanho natural, que ornava o fundo da capela.

Este crucifixo fora muito venerado por Francisco na sua infância... e D. Maria comprazia-se em falar-lhe do seu querido ausente; parecia-lhe então que as forças e a generosidade se lhe aumentavam, e que recebia tesouros de bênçãos para si e para o filho tão amado, que nunca mais tornaria a ver.

Entretanto chegava Francisco Xavier a Lisboa, e não obstante todas as instâncias de D. Pedro, foi pedir hospitalidade onde Simão Rodrigues a recebia, no hospital de Todos-os-Santos. O Padre Rodrigues, doente dumas febres intermitentes, esperava o acesso no momento em que o seu querido irmão Xavier se apresentou na sua presença: a alegria de o receber, e a

natural virtude do nosso Santo foram mais eficazes que todos os remédios até então empregados: abraçando o seu santo amigo, o Padre Rodrigues sentiu-se curado e a febre não lhe voltou mais. Os dois amigos achavam-se separados desde longo tempo e por isso foi mútua a alegria de se tornarem a ver.

Eis o que escreveu o Padre Francisco Xavier à Companhia de Jesus, em Roma; ouçamo-lo na narração que faz das suas impressões e do acolhimento que recebeu do rei. Dá-se ali a conhecer melhor, pela expressão dos íntimos sentimentos que patenteia.

"... À nossa chegada a Lisboa, encontrei mestre Simão Rodrigues que esperava um acesso de febre quartã; mas desde o momento em que nos vimos e nos abraçámos, foi tal a alegria, que a febre lhe desapareceu, depois dum mês de sofrimento, e a sua saúde conserva-se perfeita. Ele trabalha com extremo zelo e com bom resultado na vinha do Senhor.

Contamos aqui muitos amigos dedicados, a maior parte distintos pela sua posição ou nascimento, mas vejo com pesar que nos será difícil visitar todos em particular. Naquele número noto muitos que se inclinam para o bem, que desejariam servir a Deus, e que seria prestar-lhes um grande serviço ir em auxílio da sua indolência por meio dos Exercícios Espirituais, e forçá-los, por qualquer modo, a executar o que eles protelam dum dia para outro.

Muitos despertariam da sua letargia, se se lhes fizesse sentir francamente o aguilhão desta profunda verdade: que, não encontrarão a paz onde não existe a paz.

Seria necessário, sobretudo, fazer sentir isto àqueles que parecem querer empregar todos os meios de cansar a Providência arrastando-a, por assim dizer, para toda a parte onde os seus caprichos os levam e que se obstinam em recusar a ir onde ela os chama, entregando-se de todo às suas paixões desregradas e tornando-se surdos às santas instâncias com que ela os solicita.

São mais dignos de compaixão que de inveja, aqueles que vemos caminhar tão penosamente por veredas tortuosas e escarpadas, e através de mil precipícios e mil perigos, pois que só têm a esperar uma ruína certa.

Três ou quatro dias depois da nossa chegada a Lisboa, o rei dignou-se chamar-nos à sua presença e recebeu-nos com a maior benevolência. Ele estava no seu gabinete só com a rainha. Durante mais de uma hora de audiência interrogou-nos sobre o nosso modo de vida, sobre as circunstâncias que nos levaram a conhecer-nos uns aos outros, e que nos fizeram reunir ao depois; sobre o nosso fim principal, e, finalmente, sobre as perseguições de que fomos objecto em Roma.

Suas Altezas[23] ouviram com prazer tudo quanto lhes narrámos sobre o modo como as nossas casas são regidas e as funções a que o nosso plano, as nossas regras, o nosso fim nos consagram.

Em seguida o rei fez chamar os infantes, seu filho e sua

filha para nos apresentar e falou-nos com a maior benevolência dos filhos que a Providência lhe concedera, tanto dos que chamara para si como dos que lhe conservara.

Em suma, Suas Altezas nos testemunharam o mais vivo interesse. O rei encarregou-nos especialmente da direção dos mancebos da nobreza, pertencentes à sua corte. Ordenou que todos os seus pajens se confessassem semanalmente e nos recomendou expressamente a execução desta ordem, fundando-se em que todo o mancebo que desde tenra idade haja contraído o hábito de servir a Deus, torna-se, em maior idade, um homem útil ao seu país.

- Se os nobres fossem o que deveriam ser, acrescentou ele, as classes inferiores da sociedade se formariam a seu exemplo.

É na mocidade da nobreza que ele funda as suas esperanças de reforma de costumes de todo o seu reino. E, efetivamente, a regularidade dos costumes do primeiro corpo do estado arrasta a uma reforma geral.

No espírito religioso deste excelente rei, no seu zelo em procurar e promover a glória do Senhor, na sua dedicação tão pronunciada por tudo quanto pertence à nossa santa religião, encontro mais uma forte razão para agradecer a Deus; e a confirmação da nossa Sociedade não pode demorar muito, à sombra dum príncipe que derrama os seus benefícios não somente sobre os nossos que habitam em seus estados, mas também sobre nós todos em geral.

O Senhor Nuncio apostólico teve uma audiência particular com Sua Alteza depois da nossa, e o rei lhe disse que lhe seria muito agradável poder reunir nos seus estados todos os membros actuais da nossa Companhia, obrigando-se ele a destinar para o seu estabelecimento e conservação uma grande parte das suas rendas. Foi o próprio Nuncio que nos referiu isso. Sabemos que muitos dos nossos amigos procuram pôr entraves à nossa partida para as Índias, com o fundamento de que poderíamos aqui colher melhor fruto, tanto no tribunal da penitência como nos Exercícios Espirituais; que conseguiríamos confissões e comunhões mais frequentes, empregando no ministério apostólico o mesmo zelo, o mesmo método de ensinar e pregar que pretendemos adoptar nas Índias. Entre as pessoas desta opinião noto com especialidade o confessor e o capelão de Sua Alteza; um e outro induzem o rei a reter-nos aqui na esperança de que faríamos mais abundante aquisição de almas...".

A humildade de Francisco Xavier convencia-o que alguém influenciava no ânimo do rei; não acontecia porém assim. O rei, encantado pelo bem que os dois Padres haviam já feito, tanto à corte como à cidade, desejava ardentemente retê-los, e o seu confessor assim como o seu capelão eram do mesmo parecer. Ele desejava até que Xavier habitasse no paço, e lhe fizera preparar um aposento que o nosso Santo recusara, preferindo mil vezes o hospital onde, podia estar junto dos doentes pobres e do Padre Rodrigues, e onde podia mais livremente servir a Deus.

O rei queria também que os Padres comessem à sua mesa; porém eles preferiram continuar esmolando o pão de cada dia, e sobretudo conservar a liberdade de seguir a regra, à qual haviam feito voto de serem fiéis até

à morte.

A sua vida tão mortificada, tão humilde, tão perfeita fazia a admiração geral, e quando se comparava com o que Francisco Xavier havia sacrificado, redobrava a admiração pela sua pessoa, e o rei encontrava sempre calorosas aprovações quando expunha os seus desejos de o conservar em Lisboa.

Xavier, conquanto ambicionasse sempre a missão das Índias não mostrava contudo nenhuma preferência, e esperava que Deus dispusesse de si segundo a sua vontade. Escrevia então o seguinte ao seu prezado Padre Inácio:

"...O senhor Arcebispo, que nos é muito dedicado, fez-nos saber que o rei não decidira ainda se nos enviaria ou não para as Índias, por que supõe que nós serviremos a Deus tão bem aqui como ali. Dois prelados, persuadidos intimamente que converteremos alguns reis índios, insistem pela nossa partida. Quanto a nós, enquanto esperamos, ocupamo-nos em angariar companheiros; tenho fé que não nos faltariam se este negócio se resolvesse.

Se permanecermos aqui, fundaremos algumas casas, e para isso encontraremos pessoas que se nos associem muito mais facilmente do que seguir-nos para além-mar. Se partirmos e que Deus, nos conceda alguns anos de vida, com o seu poderoso auxílio fundaremos alguns estabelecimentos entre a Índia e a Etiópia.

Se o Breve concernente à nossa Companhia não tiver sido ainda expedido, consegui, eu vos rogo, que mencione a faculdade de se poderem estabelecer Casas Professas entre os infiéis.

Finalmente, quer nos conservemos aqui, quer nos façamos de vela para as margens do Ganges, em nome do amor e da obediência que em Nosso Senhor Jesus Cristo vos hei consagrado, fazei-me conhecer a regra que devo observar na aceitação dos noviços, e isto desenvolvidamente.

Vós conheceis perfeitamente a fraqueza da minha inteligência; se não vindes em auxílio da minha imperícia nos negócios deste mundo, perderemos a melhor ocasião de ampliar e engrandecer o reino de Nosso Senhor Jesus Cristo.

O mais humilde filho da vossa caridade em Jesus Cristo,
Francisco".

A cidade de Lisboa achava-se já transformada, devido ao abençoado ministério dos dois santos jesuítas; e o rei cada vez mais satisfeito nutria maiores desejos de conservar estes apóstolos com o fim de fazer reviver a fé e a piedade em todo o reino.

A santa vida dos missionários atraiu-lhes discípulos que se ofereceram a segui-los até às Índias, e Xavier, considerando-se feliz por encontrar jovens decididos a secundar o seu zelo, escrevia a Santo Inácio:

"O nosso número cresce; somos já seis. Conheci em Paris todos aqueles que se acham reunidos a nós, com exceção de Paulo e Manuel de Santa-Clara. Deus atendeu

os nossos rogos e coadjuvou os nossos esforços associando-nos estes obreiros para trabalhar na sua vinha e celebrar o seu santo nome por entre as nações infiéis.

Atribuimos às vossas orações as bênçãos que o Céu se digna derramar sobre o nosso ministério, porque os resultados vão além de toda a proporção com as nossas faculdades, nossa ciência e inteligência.

Achamo-nos sitiados no tribunal da penitência; a concorrência é tão grande e composta ordinariamente de tantos personagens eminentes pela sua dignidade, que bem difficilmente podemos satisfazer a todos.

O príncipe Henrique, irmão do rei e grão-mestre da Inquisição, pediu-nos que nos ocupássemos dos presos daquele tribunal; visitamo-los todos os dias e procuramos convencê-los do benefício que a bondade de Deus lhes tem concedido, chamando-os assim à necessidade de praticar a penitência. Fazemos-lhes diariamente uma instrução comum e obrigamo-los a praticar os Exercícios da primeira semana, nos quais eles gozam uma grande consolação e de que colhem o melhor fruto. Muitos de entre eles dizem muitas vezes que Deus lhes concedeu um sublime favor, servindo-se do nosso ministério para lhes fazer conhecer tantas coisas indispensáveis à salvação das suas almas
. ".

Era chegado o momento de se tomar uma resolução imediata. D. João III reuniu o seu conselho e pediu-lhe a opinião sobre este objecto, depois de ter feito conhecer a sua, ou antes o seu grande desejo de reter os dois apóstolos.

À exceção do infante D. Henrique, todos os conselheiros foram da opinião do rei; e anunciou-se aos Padres que não sairiam do reino, onde prestavam tão grandes serviços.

Qualquer que fosse a dor de Francisco Xavier, submeteu-se às ordens do soberano como à voz da Providência e continuou os seus trabalhos. Não se queixou nem mesmo ao seu Padre Inácio, limitando-se a expor-lhe somente os factos com a humildade e submissão habituais, e aguardou a sua decisão.

VII. EM LISBOA - DECISÃO DE S. INÁCIO - SUBMISSÃO E ALEGRIA DE XAVIER

A primeira cadeira de teologia, na Universidade de Coimbra, era ocupada por um sábio professor de tão grande reputação, que perdera no público o seu nome de família, e só era conhecido em todo Portugal pelo do país em que nascera: chamavam-lhe o doutor Navarro [24]. Estudara na França, em Cahors, e depois na Universidade de Tolosa, onde recebeu os seus graus e em seguida exerceu o professorado com brilhante distinção. Daquela cadeira havia ele sido chamado para a primeira de Coimbra; porém conservava uma constante recordação de reconhecimento pela França, confessando que tudo quanto sabia o havia adquirido em Tolosa.

Esta cidade devia orgulhar-se, porque o doutor Navarro, tão recomendável pela sua elevada piedade e grandes virtudes, como pela sua ciência e pelas obras que deixou, era irmão de D. Maria, a piedosa e

veneranda castelã de Xavier e portanto tio materno do nosso Santo.

D. Martinho de Azpilcueta soubera da chegada de seu sobrinho a Lisboa, assim como da reputação de santidade que adquirira na corte e na cidade, e as bênçãos que Deus se dignava derramar sobre o seu ministério. Satisfeito com estas notícias, o doutor Navarro escreveu a Xavier pedindo-lhe que viesse a Coimbra e não recusasse esta consolação ao único irmão de sua mãe.

Xavier testemunhou a D. Martinho o seu reconhecimento pela afeição que lhe exprimia na carta que recebera e lhe respondeu que não podia abandonar os seus trabalhos apostólicos; que ele o tornaria a ver no Céu donde não se separariam jamais.

D. Martinho, convencido de que as suas instâncias não influiriam em seu sobrinho, escreveu ao rei rogando-lhe que ordenasse a Xavier que fizesse uma viagem a Coimbra, donde ele não podia sair por aqueles tempos; oferecia-se, para obter aquele favor, a dar duas lições a mais, sem aumento de honorários, uma de Direito Canônico, outra de Teologia mística, e comprometia-se até a acompanhar seu sobrinho às Índias, a fim de ali se dedicar com ele à conversão dos infiéis.

Xavier, pelo seu lado, conjurou o rei para que lhe não desse uma ordem com a qual a sua consciência se assustava, e o príncipe, desejando ser-lhe agradável, respondeu negativamente.

Francisco Xavier escreveu então a seu tio convencendo-o a que não pensasse na viagem às Índias, cujas fadigas e trabalhos a sua, avançada idade não poderia suportar.

"Eu teria acabado ali os meus dias, diz D. Martinho no seu Manual, se Xavier, por causa da minha idade, me não tivesse julgado incapaz de suportar as grandes fadigas da sua missão, e se ele me não tivesse pedido, na sua partida, que me consolasse da sua ausência com a esperança de nos vermos no Céu".

Este santo Padre, cônego regular de Santo Agostinho, era venerado pela sua piedade, suas mortificações e sua grande caridade. Morreu em Roma, na idade de 85 anos, e foi enterrado na igreja de Santo Antônio dos portugueses, no Campo de Marte.

Santo Inácio de Loiola havia comunicado ao Papa a resolução do rei de Portugal com respeito aos dois missionários, e o Papa deixara ao rei a liberdade de dispor dum e doutro como julgasse mais conveniente para a glória de Deus.

Inácio escreveu então a Xavier pedindo-lhe que obedecesse às ordens do rei como vindas de Deus e se conservasse em Portugal.

Humilhou-se profundamente o nosso Santo com a leitura daquela carta. Até então esperava que Deus faria resolver de outro modo o seu querido superior; hoje reconhecia que era julgado indigno do grande apostolado que desde tão longo tempo era o objecto de seus votos; submeteu-se, pois, e redobrou de zelo nos trabalhos do seu ministério em Lisboa.

Poucos dias depois, D. Pedro de Mascarenhas veio procurá-lo, e lhe disse

- Caro Padre Francisco, as vossas malas estão feitas?

- Sempre o estão, senhor; para onde devo ir? Estou pronto a obedecer

às ordens de Sua Alteza.

- Muito bem! meu Padre, preparai-vos para uma grande missão!

- Eis-me aqui, senhor.

- Às Índias! meu caro Padre, às Índias!

- Às Índias, senhor?... Eu?

Vós, sim, Padre Francisco Xavier! O rei faz-vos embarcar com D. Martim Afonso de Sousa!...

Xavier ficou satisfeitiíssimo; lágrimas de alegria e reconhecimento inundavam o seu rosto, que naquele momento tinha uma expressão mais celeste ainda que de ordinário. Abraçou D. Pedro com enternecimento, e D. Pedro, cheio de admiração por um tão grande zelo e dedicação, agradecia a Deus, no íntimo da sua alma, por conceder às Índias um apóstolo de tamanho valor e de uma santidade tão eminente.

Xavier não lhe perguntou absolutamente nada sobre aquela mudança nas intenções do rei. Ele ia evangelizar os idólatras, partia para as missões mais longínquas e mais perigosas; o seu zelo pela glória de Deus não via outra coisa, não tinha outro fim, e ele julgava-se portanto completamente feliz:

- Não me perguntais, meu Padre, como foi que o rei tomasse uma resolução tão contrária aos seus desejos? disse-lhe D. Pedro.

- Basta-me, senhor, saber que Deus tenha manifestado a sua vontade. Sou tão feliz em partir para as Índias!

- "Eu quero, porém, que vós saibais tudo; estou mesmo encarregado de vo-lo dizer.

O Padre Inácio escreveu-me encarregando-me de propor ao rei a deixar ficar o Padre Rodrigues em Portugal e a enviar-vos para as Índias. Quando o rei leu a carta do Padre Inácio, viu nela uma ordem de Deus, e fez o sacrifício que lhe era pedido.

Eis aqui, pois, meu caro Padre, o que ocorreu e que fez com que eu pudesse trazer-vos uma nova que vos torna feliz e nos aflige, conquanto rendamos graças a Deus por dar às Índias um apóstolo do vosso mérito.

Embarcareis a 7 de Maio próximo com o vice-rei".

Xavier, exultando de felicidade, escreveu imediatamente ao Pai da sua alma, como ele chamava a Santo Inácio, e alguns dias antes do seu embarque dirigiu uma longa carta à Companhia de Jesus em Roma, com o fim de lhe dar conta do seu apostolado em Portugal, das suas esperanças no das Índias e dos sentimentos que ocupavam completamente a sua grande e bela alma.

Esta carta faz conhecer tão exuberantemente a ternura de coração, a extrema humildade e ardente zelo do nosso Santo, que não nos podemos dispensar de a transcrever:

Lisboa, 19 de Março de 1541

"Que a graça e o amor de Nosso Senhor Jesus Cristo sejam sempre conosco. Amen.

As mais satisfatórias notícias da mais carinhosa das mães não dão, por certo, maior alegria ao coração de seus filhos, do que eu experimentei pelas que de vós recebi e que me deram conhecimento do progressivo engrandecimento da nossa Companhia. Atualmente estou ao facto das vossas santas ocupações, dos vossos projetos de estabelecimentos espirituais e materiais, tanto no presente, como no futuro; vejo que dispodes as coisas de-tal maneira que os nossos sucessores, providos de tudo que lhes será necessário para trabalhar no engrandecimento do reino de Deus, possam conseguir o fim para o qual nos dirigimos, confiando tão somente n'Ele. Ah! possa eu, ainda que ausente em corpo, porém mais presente que nunca, possa eu, imitar-vos na vida em que me fazem entrar para o seu serviço.

Sua Alteza aprova manifestamente o nosso modo de viver e de exercer o santo ministério, especialmente depois que a experiência lhe mostrou os frutos que se podem colher para o futuro, se conseguir aumentar o número de obreiros. É disto que lhe veio o desejo de estabelecer um colégio que seja ao mesmo tempo uma casa da Companhia de Jesus. Três dos nossos conservam-se em Lisboa: o padre-mestre Simão, padre-mestre Gonzáles e um outro padre sábio canonista.

Isto não se limita a um simples projecto da parte do rei; é um plano já resolvido. Cada vez que vemos Sua Alteza, ele fala-nos desta determinação, para a qual nenhum dos nossos amigos, nem nós o induzimos: Foi por sua própria iniciativa que o rei se decidiu a fundar esses colégios, e que escolheu Évora para o primeiro. Além disto, todos os dias se apresentam novos indivíduos que pedem para se nos reunirem.

Eu creio que o rei pedirá a Sua Santidade um ou dois membros da nossa Companhia para auxiliar o padre-mestre Simão. A benevolência deste soberano pela nossa Sociedade, exige de nós um grande reconhecimento! Este excelente príncipe deseja o engrandecimento da nossa Companhia tanto quanto nós próprios o desejamos, e unicamente pelo amor do bem, e pelo seu zelo da propagação da fé.

Assim, devemos-lhe um inteiro agradecimento, em nome de Deus, como único meio de podermos corresponder á sua perfeita benevolência; porque ele não se limita somente a conceder-nos um destino, provê a todas as nossas necessidades, escrupulosa e liberalmente.

Se não reconhecêssemos, pois, tais obséquios nas nossas orações quotidianas e no santo sacrifício da Missa, se não nos esforçássemos quanto em nossas poucas forças cabe, em corresponder aos benefícios daqueles que secundam assim o nosso zelo para a glória de Deus, seríamos culpáveis da mais odiosa ingratidão! Se nunca conseguíssemos que o nosso agradecimento estivesse a par das obrigações que devemos ao rei de Portugal, nosso protetor, seríamos indignos de viver!

...Paulo [25], um Português [26] e eu, embarcamos nesta semana para as Índias, cheios de esperanças de aí conseguirmos a mais rica colheita para a Igreja. O testemunho de homens eminentes e honrados, que por

longos tempos habitaram as Índias, não nos deixa dúvida alguma sobre a disposição favorável daqueles povos em receber a luz do Evangelho.

Cumulados dos favores de Sua Alteza, partimos com o vice-rei das Índias, a quem ele rios há recomendado com grande interesse; embarcamos no mesmo navio que ele.

O senhor D. Martim Afonso de Sousa tem por nós uma tal afeição, que reserva para si - o cuidado de prover a todas as nossas necessidades durante a viagem. Quer absolutamente que nós comamos á sua mesa; digo isto, não para nos gabarmos duma honra da qual seguramente poderíamos ficar dispensados; mas para vos dar idéia do apoio e recursos que esperamos encontrar na afeição daquele grande dignitário, na empresa que vamos encetar com tanto ardor: a conversão dos pobres infiéis.

Regozijai-vos, pois, conosco, no vosso zelo pela maior glória de Deus, e felicitai-nos pela felicidade que nos é dada, de ir levar o nome de Nosso Senhor Jesus Cristo ante os reis das nações que vêem e reconhecem já a autoridade do rei de Portugal, na pessoa do seu representante.

As nossas esperanças apoiam-se também no conhecimento que temos de D. Martinho de Sousa que chegará conosco cercado da consideração que adquiriu pelos seus vastos merecimentos e sua longa experiência nos negócios do país, onde permaneceu por muitos anos, e onde deixou uma grande reputação.

E aqui, os próprios cortesãos, cujas disposições vós conheceis, e que são geralmente pouco benévolos a favor dos grandes dignitários, concordam em reconhecer nele a integridade e a lealdade por excelência. Muitos asseguram até que ele é esperado pelos índios com tanto empenho como pelos Portugueses.

O vice-rei dizia-me, há três dias, numa conversa íntima, que nas Índias Portuguesas existe uma ilha povoada de pagãos, onde nem os judeus nem os muçulmanos jamais penetraram, e onde julga que o Evangelho fará rápidos e duráveis progressos. Disse-me mais que o resultado das suas observações lhe fazem esperar que o rei, e a seu exemplo toda a nação, estará disposta a abraçar a religião cristã.

Os homens prudentes que nos cercam julgam muito prováveis os nossos sucessos, a regular pela nossa maneira de viver e aquela com que exercemos o nosso ministério. ,

Quanto a nós, não obstante os sentimentos da nossa pobreza, da nossa incapacidade, sem confiarmos em vãs conjecturas nem em vãos desejos, estamos cheios de esperanças que o Senhor, que nos envia para aqueles povos, até aqui privados de todos os meios de salvação, terá piedade da sua triste cegueira e se dignará aprovar e abençoar o ministério dos seus fracos e inúteis servos. Para pôr inteiramente a nossa alma a descoberto perante vós, dir-vos-ei que é unicamente em Deus que se deposita a nossa confiança numa tal empresa. É Ele somente que nos anima e nos dá coragem. Esperamos que os nossos esforços,

excitados pelo nosso amor por Deus, pela nossa dedicação ao seu serviço, com o único fim de lhe agradar e de trabalhar pela sua glória, serão coroados dos mais felizes resultados, e que conseguiremos arrancar, aqueles desgraçados povos do império das trevas, levando-os ao conhecimento do verdadeiro Deus e da verdadeira religião.

Ah! nós vos rogamos, pelos laços sagrados que unem nossas almas, que nos escrevais depressa, extensamente e todas as vezes que puderdes! Vossas cartas nos chegarão pelas embarcações que sairão de Lisboa nos meses de Março. Pedimos; suplicamos que nos escrevais, pormenorizadamente, as precauções que temos a guardar e a conduta que temos a seguir entre os infiéis.

Conquanto não duvidemos dos socorros que a experiência nos fornecerá, nem por isso careceremos menos das vossas advertências e dos vossos conselhos, para conhecer a vontade de Deus na direção da nossa empresa, porque nos achamos bem persuadidos que o Senhor vos inspirará o que tivermos de fazer, assim como o modo como nos devemos dirigir, e que continuará a servir-se dos intérpretes que até hoje nos tem manifestado os seus desígnios e a sua vontade a nossa respeito.

A principal causa dos meus instantes rogos, é o temor de partilhar o perigo que correm aqueles que, cheios de confiança nas suas próprias luzes, e não considerando nem os tempos nem os lugares, e nem mesmo a sua posição pessoal, recusam consultar os sábios e aceitar os seus conselhos. Privam-se, por este modo, das graças e das luzes que Deus tivesse de lhes conceder, se reprimindo o seu orgulho ante a sua ignorância e sua incapacidade tivessem recorrido aos conselhos daqueles por quem Deus costuma manifestar a sua vontade no serviço que de nós exige.

Nós vos suplicamos, pois, vos conjuramos em nome do Senhor, e pelos laços que nos unem estreitamente em Jesus Cristo, que sejais exato, frequente e minucioso nas instruções e nas ordens que nos derdes, a fim de sabermos com precisão o que devemos fazer ou evitar. Desejamos ardentemente trabalhar pela salvação das almas, conformando-nos com a vontade de Deus, e estamos seguros de reconhecer essa divina vontade nas ordens e nos conselhos que recebermos de vós.

Vossas orações auxiliarão a nossa incapacidade na execução do que julgardes bom indicar-nos.

Uma longa viagem e o contacto habitual de pagãos infectados de todos os vícios, vão expor as nossas poucas forças e a nossa inexperiência a perigos tão horrorosos que deveríamos temer e recuar, se não conhecêssemos que nesta luta seremos auxiliados por uma abundância de socorros proporcionados às necessidades.

Das Índias vos escreveremos pelos primeiros navios que de lá partirem; as nossas cartas serão extensas e minuciosas, e vos enviaremos sempre cópias das que escrevermos ao rei de Portugal.

Este excelente príncipe recomendou-nos na nossa última audiência, em nome de Deus e do nosso amor pelo seu santo nome, que lhe mandássemos notícias exatas e minuciosas das disposições dos povos infiéis para receberem o Evangelho.

Lamentando sentidamente a triste ignorância daqueles povos, nos exprimi o seu ardente desejo de ver cessadas as ofensas que Deus recebe, todos os dias, de tantas criaturas que são obra sua e que redimiui por tão alto preço. Tal é o zelo do rei pela glória de Deus e pela salvação das almas; sinto-me por tal modo satisfeito que rendo continuamente ações de graças ao Céu, por me ter feito conhecer um príncipe que no meio de tão grande poder de que dispõe, se mostra tão penetrado das coisas divinas. Se eu o não conhecesse pessoalmente e de tão perto, duvidaria em crer que no caminho das grandezas, por entre a agitação duma grande corte, possa encontrar-se um coração tão esclarecido e tão cheio de caridade. Deus vela em aumentar nele aqueles tão preciosos dons e em ajuntar-lhes anos sobre anos de vida, pois que os emprega tão bem e tão útil se torna ao seu povo.

A sua corte pode ser comparada a uma comunidade regular. É tão considerável o número das pessoas que em todas as semanas recebem os sacramentos, que nós a todo o momento agradecemos a Deus e o louvamos.

Vemo-nos tão ocupados no tribunal da penitência, que quando mesmo nos duplicássemos não teríamos um momento de descanso, porque este trabalho nos absorve todo o dia e uma parte da noite, não obstante confessarmos somente as pessoas da corte.

Recordo-me neste momento da admiração que manifestaram a este respeito todos os estrangeiros que cercavam o rei durante a sua última residência em Almeirim. Aquele espetáculo no meio duma tão grande e ostentosa corte era para eles a coisa mais surpreendente.

A vista daquele tão grande número de cortesãos que se chega à Sagrada Mesa, todos os domingos e em todas as festas com tanta contrição e recolhimento, causou-lhes uma tal admiração, que bem depressa, arrastados pelo exemplo, muitos quiseram imitá-los.

Se o número dos confessores fosse proporcionado ao grande número de indivíduos de que se compõe a corte, bem poucas pessoas compareceriam em presença de Sua Alteza antes de ter posto em ordem a sua consciência; porque muitos desejam fazê-lo e não o podem conseguir por nos faltar tempo. Por isso, eu vos repito poupamo-nos tão pouco, que o confessor absorve todos os instantes que poderíamos empregar na pregação. Julgo dever preferir a confissão à pregação, não só por ser mais conforme com as regras do nosso Instituto, mas também porque abundam aqui bons pregadores, ao passo que são raros os bons confessores. Nestas circunstâncias julgamos mais conveniente deixar o púlpito para ocupar o confessor.

Depois de todos estes pormenores, e no momento de embarcarmos, só nos resta dizer-vos uma coisa: é que

dirigimos a Deus as mais fervorosas orações para que se digne reunir-nos a vós, de quem não nos separamos senão por Ele e para Ele.

A distância que vai interpôr-se entre nós é imensa; os trabalhos que nos esperam vão absorver as nossas faculdades, e não permitirão que cumpramos o desejo de correr a novas conquistas e obter colheitas mais abundantes.

É bem difícil esperar que nos tornemos a ver mais nesta vida! Qualquer, pois, de entre nós que for o primeiro a entrar na vida eterna e não encontrar ali o irmão que ama em Nosso Senhor não esqueça de rogar por ele a Jesus Cristo nosso Rei, a fim de que o associe um dia à sua glória, assim como a nós todos.

Adeus para todos os meus amigos em Jesus Cristo!

Francisco Xavier".

VIII. AS DESPEDIDAS - AUDIÊNCIA REAL - O EMBARQUE

Via-se apinhado o porto de Lisboa; oficiais, soldados e marinheiros, iam e vinham da praia para a cidade e vice-versa, com carregamentos consideráveis que conduziam para a frota ancorada no porto. Tratava-se de prover de armamentos e víveres cinco grandes navios e alguns galeões reais de que se compunha a frota, prestes a partir para as Índias Orientais.

Solícito na execução das ordens que recebera do rei, D. Antônio de Ataíde, conde da Castanheira, intendente da armada real, veio procurar Francisco Xavier:

- Padre Francisco, lhe disse ele, o rei quer que sejais abundantemente provido de tudo que desejardes para a viagem. Tende a bondade, pois, de enviar-me uma nota 'dos objetos que devo embarcar para vós.

Confesso-me infinitamente grato às bondades de Sua Alteza, senhor; mas eu de nada careço.

- Meu Padre, as ordens do rei são formais; ele insistiu fortemente para que nada faltasse a bordo, do que tiverdes desejado.

- Nada falta, senhor, quando se não carece de nada; rendo-vos mil graças, vejo-me extremamente reconhecido pelo muito que devo ao rei; porém devo muito mais à Providência, senhor, e vós não querereis, por certo, que me desanime e duvide dela neste ponto!

- Muito bem, meu caro Padre, vós sois admirável! permiti que vos diga que devo obedecer ao rei.

- Já o fizestes, senhor.

- Acrescentarei, meu Padre, que a Providência não faz sempre milagres, e não acha que seria provocá-la embarcando-vos para uma tal viagem sem a menor provisão pessoal?

- Ora pois! senhor, vou dar-vos uma pequena relação de livros

religiosos que será útil espalhar entre os portugueses das Índias, que deles estarão privados, e vos pedirei para mim um fato de fazenda grossa, pois que o frio é perigoso, segundo dizem, ao dobrai o cabo da Boa-Esperança.

- Rogo-vos, meu Padre, fazei-nos o obséquio de pedir mais do que isso! fazei-o pelo rei!

- Não sei o que mais possa pedir, senhor, pois que eu de nada mais careço.

- Não podereis servir-vos a vós mesmo, senhor, acrescentou impacientemente D. Antônio; aceitareis pelo menos o criado que se vos der.

- Enquanto eu tiver estas duas mãos, senhor, espero que Deus me fará a graça de permitir que me sirva a mim mesmo

- As conveniências exigem, meu Padre, que tenhais ao menos um! Ides revestido de uma dignidade que não deveis aviltar; o rei disse-me que partíeis na qualidade de núncio apostólico. Será conveniente ver-se um núncio do Papa a lavar a sua roupa a bordo, e a preparar por si a sua comida?

- Peço perdão, senhor, por não poder ceder às vossas tão grandes instâncias; porém, tenho a intenção e mesmo vontade de me servir e de servir os outros o mais possível e conto fazê-lo sem desonrar o meu caráter. Quando não pratico o mal, não temo nem escandalizai o próximo, nem menosprezar e rebaixar a autoridade de que 'a Santa Sé se dignou revestir-me... Não nos iludamos, senhor; cifram-se nisto as misérias humanas, são idéias falsas de decoro e de dignidade que tem feito à Igreja o mal que nós vemos!

D. Antônio não insistiu mais; o tom enérgico de Francisco Xavier, conservando, contudo, a sua extrema doçura, tinha ao mesmo tempo tão grande dignidade e tal nobreza, que o intendente convenceu-se que uma natureza daquela têmpera nunca rebaixaria em nada a autoridade que lhe estava confiada.

Francisco Xavier sabia impor o respeito humilhando-se: é este o segredo dos santos em geral; porém ele parecia possuir esse dom em maior grau do que os outros. Deus assim lho permitia, sem dúvida em vista das inúmeras conquistas a que o destinava.

O rei desejou ver o nosso Santo antes da sua partida e lhe entregou, em mão própria, quatro breves do Soberano Pontífice: um nomeava o Santo missionário núncio apostólico; outro dava-lhe poderes amplos para estabelecer e manter a fé em todo o Oriente; um terceiro recomendava-o ao rei David, imperador da Etiópia, e o quarto a todos os príncipes soberanos das ilhas e da terra firme, desde o Cabo da Boa-Esperança até além do Ganges.

Xavier recebeu aqueles breves das mãos do rei, com o respeito devido ao Soberano Pontífice e à majestade real:

- Senhor, respondeu ele, eu me esforçarei por sustentar o pesado fardo que Deus me impõe e os seus representantes sobre a terra. A minha incapacidade é grande, mas Deus é todo-poderoso; deposito n'Ele somente, toda a minha confiança.

- Examinai tudo, disse-lhe o rei; visitai todas as fortalezas

portuguesas, vede se Deus é ali servido, e dai-nos conta do que há a fazer de melhor para se estabelecer o Cristianismo nas nossas novas conquistas. Escrevei muitas vezes e extensamente acerca disto, não somente aos ministros, umas diretamente à aninha pessoa. Recomendo-me às vossas orações, meu Padre; orai também pela rainha, pelos infantes e por Portugal.

- Durante toda a minha vida, senhor, não me esquecerei das bondades e obséquios com que Vossa Alteza se dignou honrar-me.

- E eu vos agradeço do bem que nos tendes feito a todos, Padre Francisco; vejo-vos partir com dor!... mas é necessário obedecer às ordens de Deus!

Chegara o dia do embarque. O Padre Paulo de Camerini, italiano, e Francisco Mancias, português, que não era ainda sacerdote, acompanhavam o nosso Santo às Índias. O Padre Rodrigues ia ser separado do irmão que tanto prezava; mas o Padre Xavier ia sê-lo da Europa inteira, desta parte do mundo onde deixava as suas mais caras, mais ternas e mais preciosas afeições, e considerava-se feliz em oferecer a Deus um tão grande sacrifício. Dissera muitas vezes:

"A ausência da cruz é a ausência da vida".

O dia da partida para as Índias era, pois, para a sua grande alma, um dia de excesso de vida. Simão Rodrigues acompanhou-o até à ponte da São Diogo que o vice-rei devia comandar. Nô momento da separação, o rosto de Rodrigues inundou-se de lágrimas; Xavier torna a anão do seu amigo, aperta-a coxas afeição e diz a este seu irmão querido:

"Meu querido Simão, eis as últimas palavras que vos vou dizer, porque não nos tornaremos a ver mais neste mundo. Soframos paciente e generosamente a dor amarga da nossa separação. Se nos conservarmos bem unidos a Deus, achar-nos-emos sempre ligados como o estamos hoje e nada haverá que possa romper a nossa união em Jesus Cristo! Para vos consolar, quero, ao deixar-vos, descobrir-vos um dos meus mais secretos pensamentos e a maior das alegrias da minha alma.

"Lembrar-vos-eis, de certo, que numa noite, no hospital de Roma, me ouvistes gritar: Ainda mais, Senhor! ainda mais! Muitas vezes me perguntastes e me pedistes vos explicasse o motivo daquela exaltação, e sempre respondi que preferia nada dizer. Ora pois! agora vo-lo direi, em memória da confiança e da amizade que depositou no vosso coração de irmão."

"Vi então, se em sonho ou acordado, Deus o sabe, tudo quanto devia sofrer pela glória de Jesus Cristo. Nosso Senhor deu-me naquele momento tamanha avidez pelos sofrimentos, que os que se me apresentavam me pareciam insignificantes e eu ardentemente desejava mais. Era esta exaltação da minha alma que me fazia gritar com transporte: Ainda mais! ainda mais! E espero que a divina bondade me concederá nas Índias o que me fez ver em Itália, e que os ardentes desejos que me inspirou ao coração serão imediatamente satisfeitos!"

Os dois irmãos abraçaram-se em seguida e separaram-se derramando copiosas lágrimas, mas lágrimas suaves como eram os seus desgostos, doces e silenciosas como são as lágrimas dos Santos.

Francisco Xavier acabava de revelar toda a grandeza e toda a energia da sua alma na consolação que deixava ao seu amigo. Via-o pesaroso e aflito pela sua partida, pela idéia de o não tornar mais a ver nesta vida, e de

ficarem separados por uma distância que lhe parecia infinita:

"Consolai-vos, lhe disse ele, eu vou sofrer e sofrer muito!"

Era esta a verdadeira consolação dada por um Santo a um coração digno dele e capaz de o compreender! Repugnava à humildade de Xavier fazer conhecer Rodrigues o que Nosso Senhor lhe havia descoberto; era um sacrifício; porém a generosidade de Xavier era superior a todos os sacrifícios. O seu magnânimo coração supõe no do seu amigo tanto amor por Jesus Cristo como ele próprio nutria, outro tanto desejo de sofrer por ele, e de zelo pela sua glória; supõe-lhe todos os sentimentos sobre-humanos que o animam, o desligam da terra e o têm unido a Deus... repete-lhe:

"Consolai-vos, eu vou sofrer e sofrer muito!"

E Rodrigues, bastante Capaz de apreciar e de acolher aquela consolação, estende os braços para Xavier, aperta-o ternamente ao coração, abraça-o sem poder responder-lhe, e deixa-o com o sentimento de não ter sido julgado digno de o seguir para partilhar os seus trabalhos, os seus sofrimentos e. os seus perigos.

O Padre Rodrigues deixou a São Diogo dirigindo-se para terra, quando se deu o sinal; cada navio levantou ferro e a frota aprofundou para o alto mar sob as vistas de Deus e o comando de D. Maninho Afonso de Sousa, que quisera levar Francisco Xavier a bordo do navio em que ele embarcava.

Era a 7 de Abril de 1541, dia aniversário do nascimento do nosso Santo; entrava ele no trigésimo sexto ano.

MOÇAMBIQUE - PENÍNSULA DAQUÉM DO GANGES

ABRIL 1541- SETEMBRO 1545

Índice

I. A VIAGEM - ARRIBADA A MELINDE
- CHEGA A GOA

II. VISÃO PROFÉTICA - TRABALHOS
EM GOA - PARTE PARA OS PARAVÁS

III. NO CABO COMORIM - CARTA DO
SANTO - SENTIMENTOS QUE INSPIRA

IV. NA VINHA DO SENHOR - CARTA À
COMPANHIA DE JESUS

V. EM MANAPAR - VOLTA A GOA - OS
DEMÔNIOS FOGEM - MILAGRES E
CONVERSÕES

VI. EM MANAPAR... MORTOS QUE
RESSUSCITAM - DOM DAS LÍNGUAS

VII. NOITE MISTERIOSA -

JAFANAPATÃO - PRIMEIRO MÁRTIR

VIII. DESMANDOS DE EUROPEUS -
TRABALHOS - CARTAS AO REI DE
PORTUGAL E A S. INÁCIO

IX. CONVERSÃO NO MAR - ARRIBADA
A CRANGANOR

X. EM MELIAPOR - ACONTECIMENTOS
PRODIGIOSOS - EMBARCA PARA MALACA

MOÇAMBIQUE - PENÍNSULA DAQUÉM DO GANGES

ABRIL 1541- SETEMBRO 1545

I. A VIAGEM - ARRIBADA A MELINDE - CHEGA A
GOA

A frota real ganhava o alto mar, e Francisco Xavier ia começar o seu novo apostolado. A equipagem da capitânia S. Diogo conta um milhar de passageiros compreendendo o pessoal militar. Xavier vai ser todo de todos para ganhar a todos. Interessando-se no assunto das conversações de cada um, fala da corte com os gentis-homens, da guerra com os militares, da ciência com os sábios, do comércio com os negociantes, e cativa a todos pela graça, amável benevolência das suas maneiras, e pela distinção nativa da sua pessoa, distinção que nunca perdeu.

O primeiro vício que o seu zelo combateu, em razão das suas perigosas e quase sempre inevitáveis conseqüências, foi o jogo. Propunha jogos inocentes, nos quais mostrava tomar grande interesse; assistia aos jogos sérios quando visse que não os podia impedir, com o fim de evitar os excessos com a sua presença sempre respeitada; algumas vezes até se oferecia a tomar parte neles, a ponto de não poderem passar sem etc e sem a sua amável parceria. Catequizava todos os dias marinheiros, cuja afeição por ele era já tão dedicada e tão respeitosa que bastava uma palavra sua, ou mesmo um sinal, para terminar uma questão ou apaziguar a mais viva desordem entre eles.

Deu-se um dia um movimento extraordinário a bordo da capitânia. Acabava de morrer repentinamente uma criança de oito a dez anos, e todos se admiravam daquela morte tão rápida, procurando averiguar qual poderia ter sido a causa.

- Ele assistia ao catecismo com os outros? perguntou o Padre Francisco
- Não, meu Padre; não assistiu nem uma só vez, lhe responderam.

No mesmo instante se notou no semblante, sempre alegre e risonho do admirável Santo, uma impressão de tristeza que oprimiu todos os corações

- Pareceis experimentar uma viva aflição, por esta morte, meu caro Padre, disse-lhe o vice-rei; não foi devido a falta vossa que o menino deixou de receber a instrução que dáveis, aos outros.

- Se eu o tivesse sabido, respondeu tristemente o Santo, teria seguramente feito com que ele também a recebesse, senhor.

- Então não vos aflijais, meu Padre; não tínheis conhecimento disso,

e portanto, não podeis ter remorsos.

- Recrimino-me pela falta de não ter sabido! Deveria ter procurado saber que uma das crianças embarcadas no mesmo navio que eu, não recebia instrução.

Este zelo do nosso Santo para com todas as almas que o cercavam, operou bem depressa uma maravilhosa transformação nos hábitos dos marinheiros.

Não se ouviam já juramentos, nem blasfêmias, nem injúrias; observava-se a caridade, as conveniências eram respeitadas, e desde o principal até ao mais pequeno toda a equipagem se achava aos pés de Xavier, que era querido como um pai, venerado como um Santo, admirado como um prodígio.

As instâncias do vice-rei para o fazer comer à sua mesa foram sempre inúteis; durante toda a viagem, não obstante a sua dignidade de Núncio, Francisco não se sustentava senão dos alimentos que mendigava pelos passageiros.

Tendo o escorbuto atacado a equipagem, nas costas da Guiné, a caridade de Xavier manifestou-se com um zelo, uma assiduidade, uma dedicação prodigiosa. Os passageiros aterrados pela moléstia não se atreviam a aproximar-se daqueles que se achavam acometidos porque receavam o contágio... O santo apóstolo não se lembrava de si nem um só momento; ia de um doente a outro, distribuía por cada um os cuidados mais urgentes, prestava a todos, e sem distinção, os serviços mais repugnantes com a maior delicadeza, e consolava todos os corações procurando salvar as suas almas.

Tantas fadigas e tantas vigílias alteraram a saúde de Xavier, produzindo-lhe frequentes vômitos e uma debilidade extrema, sem contudo diminuir o seu zelo e paralisar a sua dedicação.

O vice-rei mandou pôr à sua disposição uma câmara maior e mais arejada; o nosso Santo fez remover para ali os doentes de maior perigo e lhes cedeu até o seu leito; ele estendia-se sobre o solo nu, ou subia ao convés e, apoiando a cabeça nas enxárcias, só descansava alguns momentos que a natureza imperiosamente exigia.

Quando o tratamento dos doentes absorvia todo o seu tempo, D. Martinho de Sousa fazia-o servir da sua mesa. Francisco Xavier aceitava tudo ansiosamente, pela felicidade de poder oferecer aos seus queridos convalescentes alguns alimentos mais delicados e mais fortes do que aqueles que lhes davam, e dos quais reservava uma parte para si. Esta troca trazia uma grande consolação ao seu espírito de mortificação e de humildade.

A heróica dedicação do nosso Santo fez-lhe conquistar, da parte da tripulação e dos passageiros da S. Diogo, o cognome de Santo Padre, cognome que adoptaram para ele todos os portugueses das Índias, e que lhe ficou para sempre até mesmo entre os índios. O amável Padre Xavier aceitava com a sua humildade e afabilidade habituais este testemunho de afetuosa veneração, cuja glória dava a Deus.

Escrevendo à Companhia de Jesus em Roma, que chamava sua mãe muito amada, descreve a sua viagem de Lisboa a Goa, dá conta dos seus trabalhos apostólicos, mas deixa em silêncio os pormenores que acabamos de referir.

Goa, 20 de Setembro de 1542.

"Que a graça e a caridade de Nosso Senhor Jesus Cristo

sejam sempre conosco. Amen.

Durante a minha permanência em Lisboa, por mais duma vez vos noticiei, meus irmãos, a minha partida para as Índias com Paulo de Camerini e Francisco Maneias, e cumprindo os vossos desejos, da modo que me é possível, vou hoje participar-vos a nossa chegada e dar-vos notícia da nossa viagem.

Paramos de Lisboa, a 7 de Abril de 1541, e só a 6 de Maio do corrente ano, 1542, é que aqui chegámos [27].

Esta viagem, que é ordinariamente de seis meses, foi para nós de mais de um ano. Viemos embarcados no mesmo navio em que vinha o vice-rei, e só temos a louvar os cuidados e atenções que este nobre cavaleiro nos prodigalizou sempre. Quanto à nossa saúde, ela tem resistido admiravelmente a todas as fadigas da viagem.

Durante toda a travessia, ocupamo-nos em ouvir as confissões, tanto dos doentes como dos que tinham saúde, e pregávamos todos os domingos. Rendo graças a Deus por me ter dado ocasião de fazer ouvir a sua divina palavra sobre o vasto império das águas, de celebrar ali os divinos mistérios e de administrar os seus augustos sacramentos, que são tão úteis e necessários no mar como em terra.

Forçados a arribar a Moçambique ali nos demorámos seis meses com as numerosas equipagens dos cinco grandes navios do rei.

Aquela ilha compreende duas cidades, uma pertencente aos portugueses, e outra aos sarracenos seus aliados. Durante a nossa permanência ali, as equipagens sofreram muito das variadas doenças de que foram atacadas, e perdemos com isto oitenta homens.

Nós dedicamo-nos constantemente aos hospitais; os Padres Paulo e Maneias, como enfermeiros, e eu como capelão, administrando socorros espirituais. Só, carro me achei, mal podia acudir a todos.

Aos domingos pregava o auditório era bastante numeroso, e o vice-rei assistia sempre. Além destas ocupações via-me obrigado a ouvir as confissões de muitas pessoas estranhas aos hospitais.

Eis, pois, coma nós passámos o nosso tempo em Moçambique, eis como aqueles seis meses foram empregados unicamente na glória de Deus e no bem do próximo".

Seja-nos permitido interromper aqui o nosso Santo para fazer notar uma das suas omissões tão habituais como voluntárias.

Diremos primeiramente que o vice-rei tomou a resolução de fazer invernar a armada em Moçambique por causa do escorbuto que assolava os outros ramos, depois de haver devastado o seu, e que esta resolução, a única a tomar-se na perigosa situação em que ele se via, era ainda de algum perigo para todos. Porém era difícil conservar-se no mar nas proximidades do equinócio e no estado de doença em que estavam os marinheiros, que

dificultava o serviço das manobras, tornando-o quase impossível. Foi, pois, absolutamente necessário arribar, e não foi possível fazer-se senão em Moçambique, cujo clima é dos mais malsãos e muito perigoso em todo o tempo para os europeus por causa das águas estagnadas que ali produzem doenças mortais. Os conquistadores, desde que se apossaram daquelas terras, chamaram-na Sepultura dos portugueses.

O vice-rei ordenou que todos os doentes fossem transportados para os hospitais, e Francisco Xavier acompanhou-os com a maior solicitude, não se limitando aos cuidados espirituais como ele quer fazer crer.

Sabe-se que o escorbuto decompõe o sangue, corrompe-o e produz ordinariamente chagas que fazem afastar do doente aqueles que o deveriam socorrer.

O coração de Xavier, magnânimo por excelência, e que não recuava em frente de perigo algum, correu para aquele que se lhe apresentava, coxas todo o heroísmo de que havia dado provas a bordo da nau São Diogo. Os mais repulsivos doentes eram os que ele preferia, porque neles 'encontrava ocasião de vencer a sua natureza profundamente impressionável, à vista de tais misérias corporais. Ali renovou ele muitas vezes, o que fizera em Veneza, recordando-se da seguinte máxima do Pai da sua alma:

"Não se adianta na virtude senão quando se tenha triunfado de si próprio. A ocasião de um grande sacrifício é uma coisa tão preciosa que se não deve nunca deixar escapar".

Xavier sabia dar tanto encanto aos delicados cuidados que prodigalizava aos doentes, que todos eles o queriam quando sentissem aumentar os seus sofrimentos

"Onde está o Santo Padre? Oh! se o Santo Padre aqui estivesse, diziam eles, nós sofreríamos menos! Só a sua presença nos faz tanto bem!"

E quando aparecia o Santo Padre todos o queriam ver ao mesmo tempo, porque todos asseguravam que quanto mais próximo ele estivesse menos sofriam:

"O mais agradável e o mais eficaz de todos os remédios, diziam eles, é a vista do semblante angélico do Santo Padre".

Para os satisfazer o mais possível andava o Santo Padre duma enfermaria à outra, durante o dia, e pernoitava numa cada noite, por turno, repousando somente por alguns momentos sobre o solo nu onde se estendia. Ao primeiro movimento de qualquer doente, ao primeiro grito de dor que de qualquer deles partisse, o Santo levantava-se imediatamente e corria para junto daquele que mais sofria.

Tantos trabalhos e tantas fadigas influíram bastante na saúde, naturalmente tão forte, do nosso Santo.

Uma violenta febre maligna obrigou a que o sangrassem sete vezes em alguns dias, e os delírios constantes que o acometiam deram sérios cuidados. Conservava-se no hospital donde o haviam querido afastar desde a invasão da epidemia, mas onde ele insistira em ficar, não obstante o ar infeccionado que ali se respirava, respondendo a todas as instâncias

"Fiz voto de pobreza, quero por isso viver e morrer entre os pobres, mas nem por isso sou menos reconhecido pelo interesse e cuidados que me prodigalizam".

Todas as vezes que Francisco Xavier recusasse o que lhe ofereciam, sabia juntar tal firmeza à sua humildade, que não se podia esperar vencê-lo.

Logo que o Santo se viu pouco melhor da doença, voltou às suas vigílias e fadigas, arrastando-se, difícil e penosamente dum a outro leito para consolar e animar, ao menos com a sua benevolente palavra, aqueles que não podia servir como de antes.

Um dia, no acesso da febre, viu que acabavam de conduzir para a enfermaria um marinheiro repentinamente atacado; não existiam leitos disponíveis, e por isso o haviam estendido sobre uma cama de palha, onde não tardaria a morrer. O apóstolo levanta-se, aproxima-se da cama do moribundo e quer falar-lhe da eternidade, cujas portas se iam abrir para ele. Naquele momento aparece o médico e aterrado pela idéia do perigo a que o nosso Santo se expõe, pede-lhe que desista da obra de salvação que intenta; mas vendo com pesar que ele o não atende, insiste, dizendo-lhe:

- "Permiti que vos observe, meu Padre, que ninguém aqui está mais perigosamente doente do que vós; deitai-vos, eu vos suplico! conservai-vos em repouso, ao menos até ao fim do acesso; nisto vai a vossa vida".

- "Obedecer-vos-ei pontualmente, caro doutor, eu vo-lo prometo, logo que tenha cumprido este dever imperioso do meu ministério; é uma alma a salvar, os momentos são preciosos e ele não tem um só a perder",

Desde logo fez Xavier transferir o moribundo, da cama em que se achava estendido e sem conhecimento, para o seu próprio leito; apenas o jovem marinheiro foi colocado. no leito do Santo Padre, recuperou os sentidos. Xavier, sempre heróico, deitou-se a seu lado, falou-lhe da sua alma e das misericórdias infinitas do Deus que o ia julgar; confessou-o chamou-o às disposições mais santas, e viu-o morrer com a consolação de o haver salvado.

Cumprido aquele dever, o Santo obedeceu como prometera, e deixou curar a sua febre sem repetir o que o médico julgava imprudente.

Achava-se ainda mal restabelecido quando o vice-rei, cuja saúde sofria com a demora de residência numa atmosfera viciada por tantas moléstias epidêmicas, resolveu prosseguir a sua viagem, e não querendo deixar ali ficar o Padre Xavier, pediu-lhe que o acompanhasse.

Ia pois fazer-se de novo à vela a nau São Diogo, que era a capitânia e que o vice-rei comandara até ali. Na presença de Xavier ordenou ele que a armassem para a partida.

- Senhor, lhe disse o santo apóstolo - que começava desde então a manifestar as vistas proféticas de que foi tão abundantemente favorecido ao depois - senhor, não embarqueis naquele navio! é, sim, o mais belo e o mais forte de entre todos da vossa frota, mas ele se perderá!

O vice-rei tinha tal confiança na santidade do Santo Padre, que não hesitou em embarcar na Coullão, e a deixar a São Diogo que pouco depois se despedaçou contra um rochedo à vista da ilha de Salsete.

Deixemos agora falar o nosso Santo

"Moçambique dista das Índias pròximamente novecentas léguas. Dispondo-se o vice-rei a prosseguir viagem, e tendo a estação das chuvas, deixado doentes de cama muitos homens das equipagens, desejou que algum dos nossos se

deixasse ali ficar para tratar dos doentes, e a seu pedido ficaram em Moçambique Paulo e Mancias e eu o acompanhei para lhe administrar os socorros da religião, no caso que a sua doenças, se agravasse. Eis aí porque a minha chegada a este país precedeu muito a dos meus companheiros, que espero, dum dia para outro, pelos navios que atrás ficaram. Há cinco meses que cheguei a Goa, capital das Índias. É uma cidade admirável e digna de se ver [28], cuja população inteira é cristã.

Os franceses têm aqui uma comunidade numerosa. A catedral, que é magnífica [29], é servida por um considerável cabido; além desta possui mortas outras igrejas. Foi extrema a satisfação que experimentei em ver a cruz de Jesus Cristo assim implantada e glorificada sobre plagas tão longínquas, sobre o antigo solo da idolatria

A nossa viagem de Moçambique a Goa foi de dois meses. Arribámos por alguns dias em Melinde, cidade situada na costa e onde os negociantes portugueses têm uma feitoria.. Aqueles que ali morrem são sepultados em magníficos túmulos que se distinguem pelas cruces que os guarnece. Próximo da cidade vê-se uma alta e muito bela, de pedra doirada, que os portugueses ali levantaram. Não posso descrever-vos o prazer que senti quando vi aquele símbolo da nossa redenção colocado como um troféu em terras de Maomé!

O rei de Melinde veio a bordo cumprimentar o vice-rei, que o recebeu com atenções e afabilidade. Tendo ali morrido alguns homens da nossa equipagem, prestámos-lhes as honras fúnebres com todas as cerimônias usadas pela Igreja, o que produziu grande admiração entre os muçulmanos.

Um dos principais Sarracenos de Melinde perguntou-me um dia se os nossos templos era muito frequentadas, se os cristãos são assíduos nos exercícios públicos da religião e se cumprem com zelo os seus preceitos, acrescentando que entre eles a fé se achava arrefecida há muito tempo; que de dezassete mesquitas que ali tinham, só existiam três e mesmo estas pouco frequentadas; que esta indiferença religiosa o desconsolava e não podia descobrir a sua causa. Um tão grande mal, dizia ele, não pode vir senão dum espantoso crime por nós cometido.

E, depois de termos trocado algumas explicações mais, àquele respeito, acabei por lhe dizer que Deus, soberanamente fiel à sua promessa, não se pode agradar dos infiéis nem das suas orações, e que por isso não permite a propagação dum culto tão detestável a seus olhos.

O que eu só muito ligeiramente pude mostrar ao meu devoto muçulmano veio fazê-lo, duma maneira terminante, um Cachy, doutor na lei de Maomé, declarando-nos que se o Profeta não voltasse a visitá-los dentro de dois anos, ele renunciaria à sua religião. Além disto, notava-se que os infiéis, abandonados aos descaminhos duma vida criminosa, são atraídos aos tormentos do remorso e da desesperação, e que na sua infinita misericórdia, Deus permite sempre que aquele estado de sofrimentos interiores reverta em benefício da salvação de suas almas, fazendo-os voltar a si e a procurar a verdade.

Saindo de Melinde descobrimos em seguida Socotorá, ilha de cem mil passos de circunferência, pròximamente, e ali nos abastecemos de água. É um terreno seco, árido e estéril, que não produz senão tâmara, que aos habitantes serve de pão; os seus únicos recursos são as suas palmeiras e o seu gado, isto é, tâmaras, carne e leite.

Esta ilha está exposta a excessivos calores. Os seus habitantes são rudes e duma ignorância deplorável; não sabem ler nem escrever e nem se pode descobrir entre eles o menor vestígio de letras humanas. Gloriam-se de serem cristãos e o são, se o Cristianismo consiste em igrejas, cruzes e lâmpadas.

Cada bairro tem um diretor espiritual que faz as funções de cura, conquanto saiba tanto como os seus fregueses. Não possuindo nem um só livro, porque também não sabe ler, recita de cor algumas fórmulas de orações.

Quatro vezes ao dia, ao som duma matraca, como as que usamos na Quinta-Feira Santa, se dedicam aqueles pobres cristãos à igreja: à meia-noite, ao raiar da aurora, ao meio-dia e pela tarde ao pôr do sol. Os preceptores nem compreendem a língua da sua liturgia, que eu suponho ser siríaca. Eles têm uma profunda devoção por S. Tomé, que, dizem, foi seu pai na fé. Repetem moitas vezes, nas suas fórmulas, uma palavra que se assemelha à nossa Aleluia.

Os preceptores ou padres não administram nunca o batismo, cujo nome até ignoram. Eu administrei-o durante a minha permanência ali a um grande número de crianças com consentimento, e mesmo a pedido de seus pais, que corriam a apresentar-mas.

A liberalidade deste povo faz um grande contraste com a sua indigência, porque me ofereciam tudo quanto tinham, e vi-me forçado a aceitar-lhes algumas tâmaras para que não supusessem que desprezava o que me ofereciam com tanta franqueza e empenho.

Muito se empenharam e me suplicaram para que ficasse entre eles, prometendo-me que todos sem exceção receberiam o batismo. Movido por tantas instâncias, solicitei do vice-rei permissão para me deixar ali, onde faria uma abundante e já madura colheita. Mas por ser aquela ilha privada de guarnição portuguesa e exposta aos insultos dos maometanos, receou o vice-rei que numa das suas invasões me levassem e me retivessem em cativo. Recusou, pois, assegurando-me que bem depressa eu encontraria outros cristãos, igual necessidade de socorros e de instrução e aos quais ainda seria mais útil.

Assisti às vésperas recitadas pelos padres, que duravam uma hora inteira, repetindo o celebrante sempre as mesmas orações, enquanto incensava, de modo que a igreja se enchia de fumo. Eles têm duas Quaresmas no ano, durante as quais não comem senão tâmaras e hortaliça em muito pequena quantidade; prefeririam antes morrer do que infringir esta abstinência. E se algum de entre eles a infringisse

ficava-lhe proibida a entrada na igreja.

Encontrei um dia, numa povoação, duas crianças cuja mãe era maometana. Ignorando eu a religião de seus pais, quis administrar-lhes o batismo, porém os pequenitos fugiram a correr para junto de sua mãe, gritando que eu pretendia batiza-los. A mãe veio imediatamente encher-me de injúrias, declarando que não consentiria nunca que seus filhos fossem cristãos.

Então os Socotorenses exclamam pelo seu lado, que ela tem razão, que os Sarracenos eram indignos de uma tal graça, e que se a pedissem, eles, Socotorenses, se oporiam em massa, e não consentiriam jamais que um maometano se fizesse cristão. Tal é, pois, o ódio daquele povo pelos Sarracenos.

Tornámos a fazer-nos à vela pelos fins de Fevereiro e aqui chegámos a 6 de Maio, como já disse. Dos cinco navios que havíamos deixado em Moçambique, e que dali largaram pelos meados do mês de Março, o mais considerável [30], e carregado de preciosas mercadorias, quebrou-se e perdeu-se, salvando-se tão somente a equipagem; os outros chegaram a salvamento.

Desde que estou em Goa habito o hospital desta cidade, onde administro os sacramentos aos doentes [31]. É tão grande o número de pessoas que solicitam os sacramentos, além dos doentes, que eu não poderia satisfazer a todos ainda mesmo que Deus me decuplicasse. Acabado o serviço do hospital, emprego o resto da manhã em confessar os habitantes da cidade.

Depois do meio-dia, visito os presos e trabalho por instruir aqueles pobres desgraçados, ensinando-os a acusar os seus pecados e chamando-os a uma confissão geral. Dali volto para perto do hospital, a uma igreja da invocação da Santíssima Virgem [32], onde doutrino as crianças que de ordinário excedem o número de trezentas. Ensino-lhes as orações usuais, o Credo e os Mandamentos. O arcebispo impôs a todas as outras igrejas a obrigação deste sistema de instrução, e isto tem feito convencer a todos da utilidade e da vantagem que dali se pode colher, e todos a uma voz o louvam.

Nos domingos e dias santificados celebro os santos mistérios no hospital dos leprosos que fica fora da cidade, numa povoação dos subúrbios; oiço ali as confissões e administro a comunhão aos que estão presentes. Não há um só naquele hospital que se não chegue aos sacramentos. Desde que fiz ouvir a palavra de Deus àqueles desgraçados leprosos, eles a aceitaram com avidez, e tenho tido a consolação de ser estimado por eles!

Naqueles mesmos dias, domingos e santificados, saindo do hospital dos leprosos, vou à igreja, de que vos falei, e ali prego aos indígenas; depois do meio-dia volto ali para lhes explicar o Símbolo dos Apóstolos, a Oração dominical, a Saudação angélica e o Decálogo. É tal a concorrência que ali afluí que a igreja mal pode conter tanta gente.

Parto brevemente, por ordem do vice-rei, para o Cabo Camarim, que dista daqui pròximamente sessenta e seis léguas[33]. Afiançam que aquele país promete uma rica colheita e eu confio que os meus trabalhos ali resultarão em glória de Deus. Levo comigo três indígenas, que, além da sua língua natural, sabem perfeitamente o português. Dois são diáconos e o terceiro ainda minorista. O vice-rei tencionara primeiramente mandar para ali os Padres Paulo e F. Maneias logo que aqui chegassem.

Que Deus me conceda o seu auxílio em abundância para fazer ali triunfar o seu santo nome e conseguir a sua infinita glória! Que por vossa intercessão Ele me perdoe todas as minhas iniquidades! Eu lho rogo ardentemente.

As fadigas duma tão grande viagem por mar, as do tribunal da penitência, onde eu carrego com os pecados de cada um enquanto gemo sob o peso dos meus, o contacto contínuo e habitual com os idólatras, em solo abrasado por um sol ardente, serão para mim consolações e delícias se eu souber afrontar tudo com o único fim de agradar a Deus; porque estou convencido que as almas que amarem e venerarem a cruz de Nosso Senhor, encontrarão a felicidade nos reveses, nas contrariedades e nas misérias da vida, e que para elas a ausência da cruz será a ausência da vida.

E na verdade, que morte poderá ser mais horrorosa do que a vida que se acha separada de Jesus Cristo? mormente quando se tenha gozado a felicidade de viver n'Ele e por Ele!

Ah! crede-me! não há cruz comparável à vida à mercê das suas próprias paixões, e não há felicidade que possa ser comparada à de morrer cada dia por sua própria vontade para se entregar inteiramente a Jesus Cristo.

Rogo-vos e suplico-vos, meus amados irmãos, que me dêem notícias em particular de cada um dos membros da nossa Companhia, por isso que não me fica esperança alguma de vos tornar a ver jamais, e de poder entreter relações convosco a não ser por escrito. Conquanto eu seja indigno dum tal favor, não mo recuseis! Lembrai-vos que foi Deus que vos tornou dignos de fortificar as minhas esperanças e de sustentar-me pelas vossas consolações.

Conjuro-vos, em nome de Jesus Cristo, que me prescrevais o sistema que devo seguir entre os maometanos e os pagãos, para junto dos quais sou enviado. Deus me falará pela vossa voz; ele me fará conhecer a maneira como o seu Evangelho deve ser anunciado àqueles pobres povos, e como devo trazê-los ao grêmio da Igreja. Pelas vossas cartas conhecerei as faltas que tiver cometido e me esforçarei por corrigir-me.

Confio inteiramente que Nosso Senhor Jesus Cristo lançará uma vista de misericórdia sobre as perfeições e súplicas da Igreja nossa mãe, assim como sobre os seus membros, dos quais fazeis parte, e que Ele se dignará servir-se de mim, tão mau servidor como sou, para propagar o Evangelho por sobre o solo da idolatria. Não duvido até, qualquer que seja a abjeção do instrumento que pretende

empregar naquela obra tão importante, que dela resulte algum dia a vergonha daqueles que, tendo nascido para grandes coisas, se consomem nas pequenas.

Espero que a obra que empreendo será um poderoso incentivo para as mais tímidas almas, especialmente quando elas vejam e reconheçam que eu, pó e cinza, eu, o homem o mais abjeto, atesto como testemunha ocular, que aquela parte da vinha do Senhor se acha privada de obreiros apostólicos. Ah! praza a Deus que o zelo pela sua glória chame para aqui um grande número! Praza a Deus que eu possa consagrar-me inteiramente ao seu serviço e ser para sempre seu escravo!

Suplico à misericórdia infinita que nos dê parte na felicidade eterna para a qual nos criou, que aumente as nossas forças para trabalhar em seu serviço e que nos inspire sempre a mais perfeita conformidade à sua suprema vontade.

Queira Deus que gozeis todos de perfeita saúde!

Sou vosso inútil irmão em Jesus Cristo,

Francisco Xavier".

Julgámos não dever omitir nem uma só palavra desta carta em que a alma do nosso Santo se abre tão completamente. Vê-se ali até que ponto leva a sua abnegação e o esquecimento de si próprio, o ardor do seu zelo pela glória de Deus e pela salvação das almas, assim como aquela brilhante sede de sofrimentos que lhe faz ver a ausência da vida na ausência da Cruz.

Vê-se mais que, para ele, o não sofrer era o mesmo que não se achar ligado a Jesus Cristo, e neste caso prefere a morte. Toda a sua vida, todos os seus trabalhos, todas as fadigas do seu nobre apostolado nas Índias serão a consequência dos admiráveis sentimentos que enriquecem a sua alma, e que ele exprime tão enérgicamente nas páginas que se acabam de ler.

II. VISÃO PROFÉTICA - TRABALHOS EM GOA - PARTE PARA OS PARAVÁS

Um intrépido navegante, cujo nome célebre para Portugal se tornou também célebre para todo o mundo, Vasco da Gama, nunca empreendia uma viagem de longa duração sem se fazer acompanhar dos socorros da religião; levava sempre consigo o seu confessor.

Naqueles tempos de verdadeira fé, que foram tidos como de morta ignorância e de algum tanto de barbárie, via-se geralmente, por mais sábio que alguém fosse, ninguém viver e morrer sem sacramentos; não temiam, é certo, serem taxados de jesuitismo quando praticavam a religião na qual se gloriavam de haver nascido; e contudo os jesuítas só existiam então no pensamento de Deus.

Vasco da Gama, na sua primeira viagem das descobertas, em 1497, chegara até à península daquém do Ganges; explorava a costa do Malabar, e acrescentava a glória que se ligava ao seu nome, quando o seu confessor lhe foi arrebatado pelos índios com alguns dos seus companheiros.

Foi a 31 de julho que os selvagens fizeram um mártir de D. Pedro da

Covilhã, religioso da Ordem da Trindade para a Redenção dos Cativos. Ligaram-no a uma árvore e crivaram o seu corpo de numerosas flechas. Enquanto seu corpo escorria em sangue, o santo mártir fez ouvir palavras proféticas que os seus companheiros acolheram piedosamente, e que foram fielmente consignadas na sua volta, nas Memórias da Biblioteca dotei de Portugal e nos manuscritos da História da Ordem da Redenção dos Cativos, em Lisboa, e sempre conservadas.

"De aqui alguns anos, - disse Pedro da Covilhã, enquanto as flechas indianas choviam sobre o seu corpo e aí se enterravam dilacerando-o-, de aqui alguns anos, nascerá na Igreja de Deus uma Ordem de clérigos que terá o nome de Jesus [34]. Um dos seus primeiros Padres, conduzido pelo Espírito Santo, penetrará até as mais longínquas terras das Índias Orientais, das quais a maior parte abraçará a fé cristã pelo ministério deste pregador evangélico".

Esta predição, que Portugal esperava ver realizada, não teve o seu completo efeito senão cinquenta anos mais tarde. O ilustre fundador da santa Companhia de Jesus, nascido em 1491, tinha apenas seis anos no tempo em que Pedro da Covilhã anunciava nas Índias o "pregador evangélico" que devia para ali levar a fé; este mesmo pregador, Francisco Xavier, só devia vir ao mundo nove anos depois, em 1506 e às Índias só no ano de 1542.

Vimos já como Xavier trabalhava na salvação das almas e pela glória de Deus na cidade de Goa. Pode-se avaliar, pois, os cuidados afetuosos que ele prodigalizava aos leprosos pelas palavras escapadas do seu coração: "Eu não fiz mais do que repetir a palavra de Deus àqueles desgraçados, que as acolheram com avidez e tive a consolação de me ver por eles estimado". Todo o poder da sua voz, auxiliado pela sua amável e terna caridade, se patenteia naquelas palavras. Os leprosos achavam-se encantados, haviam-no amado desde que o ouviam, e estavam ávidos por o ouvirem.

O vice-rei fez-lhe vivas instâncias para conseguir a honra de o ter no seu palácio; o nosso Santo recusou com afabilidade e firmeza, como costumava fazer, respondendo a D. Martim Afonso

- Vós não querereis, estou certo, ver-me infiel ao meu voto, senhor; permiti, pois, que eu não tenha outra morada que não seja a dos pobres.

- Obrigais-me sempre a ceder, meu querido Padre, respondeu-lhe o vice-rei com expressão de pesar; ide. pois para o hospital, já que não posso impedir-vos, mas orai por mim e pelos meus que privais duma grande consolação.

E Xavier foi para o hospital! Estranha habitação para um Núncio Apostólico!

Como o arcebispo de Goa devia ter conhecimento da amplitude dos poderes de Francisco Xavier, o Santo apresentou-se, logo que chegou, no seu palácio arquiépiscopal, entregou-lhe os breves do Soberano Pontífice e prostrando-se a seus pés, pediu-lhe a sua bênção e autorização para exercer o santo ministério nos países submetidos à sua jurisdição.

O arcebispo, D. João de Albuquerque [35], um dos mais santos prelados daquela época, encantado da angélica expressão do nosso Santo, levantou-o imediatamente e o abraçou com um sentimento de afeição de que ele próprio se admirava mais tarde, falando da impressão que a vista do Santo apóstolo nele havia produzido.

Os historiadores de S. Francisco Xavier são unânimes sobre o efeito atrativo da sua presença desde o momento em que se encarava. Compreende-se isto mui facilmente.

Querendo Deus fazer dele o conquistador pacífico de inúmeros povos, concedera-lhe tudo quanto pode encantar e atrair. As suas conquistas não deviam ser de Estados, mas sim de almas; devia possuir o império dos corações para neles estabelecer o reino de Jesus Cristo, recebera em abundância tudo quanto devia facilitar aquela conquista, a mais difícil de todas, e Deus, fazendo reunir a todos aqueles dons a sua graça toda-poderosa, nada havia que pudesse resistir ao apóstolo que escolhera.

A beleza, que o mundo nele tanto admirara, adquirira uma expressão inteiramente celeste, desde que Xavier foi todo de Deus; a atração que inspirava nada tinha de humana; era, uma impressão misturada de respeito, de admiração e de disposição para se ceder à influência e à ascendência que se faziam sentir.

Tinha tão somente o cuidado de chamar a si os corações que desejava conquistar e todos corriam para ele imediatamente.

O arcebispo de Goa beijou respeitosamente os breves do Soberano Pontífice, e devolvendo-os a Xavier disse-lhe:

"Um núncio apostólico e enviado imediato do Vigário de Jesus Cristo não carece de receber dos outros a sua missão. Usai livremente dos poderes que a Santa Sé vos deu e estai seguro de que se carecerdes da autoridade episcopal para os manter, ela nunca vos faltará".

Os sentimentos que o santo Núncio inspirou tão subitamente no coração do arcebispo, cresciam à proporção que este mais de perto o conhecia, e fizeram estabelecer entre eles a mais íntima união, que serviu prodigiosamente de auxílio aos desígnios e bons resultados que o nosso Santo conseguiu no serviço e glória de Deus.

Conquanto a cidade de Goa fosse católica desde a conquista, notava-se que o espírito do Cristianismo estava ali bastante enfraquecido.

Os portugueses, atraídos às Índias pela cobiça, não reconheciam obstáculos à sua ambição; todos os meios eram lícitos para aumentarem a sua fortuna, e, como de ordinário acontece, a sede das riquezas, arrastava-os a toda a sorte de crimes. Faltava a ciência ao clero de Goa, e era por isso nula a instrução do povo. Era chegado o tempo de se cumprir a profecia do Padre Pedro da Covilhã, era chegado o tempo de ser enviado por Deus o seu "vaso de eleição" àqueles países longínquos onde os católicos só serviam- de obstáculo à propagação da fé!

Este estado de coisas tornava a chegada do Santo muito mais apreciável aos olhos do arcebispo, cujo maior desejo era o de secundar o seu zelo por todos os meios possíveis.

Contristado profundamente o apóstolo por ver abandonados os sacramentos por aqueles que tinham maior necessidade de se aproximar deles, porque estavam em contacto contínuo com os idólatras e maometanos, julgou dever começar a sua missão pelos portugueses.

Para atrair as bênçãos divinas sobre a sua importante empresa, entregava-se à oração a maior parte da noite, não concedendo ao repouso senão três ou quatro horas, e mesmo isto estendido no chão junto dos doentes do hospital e levantando-se todas as vezes que eles fizessem o menor movimento, como o vimos praticar no hospital de Moçambique. Depois de

algumas horas de ligeiro sono, de ordinário interrompido, por vezes, voltava às orações, e ao raiar da aurora oferecia a santo sacrifício. Era tão vivo o seu fervor no altar, tão abundantes as lágrimas que vertia, que impressionava em extremo, os assistentes:

" Sinto uma sensação tão extraordinária e agradável quando ajudo à missa ao Santo Padre", dizia Antônio Andra, soldado português, que quisera poder ajudar-lhe todos os dias.

Em seguida à missa ia o nosso Santo dar os bons dias aos doentes dos hospitais, aos quais abraçava, prestando-lhes alguns cuidados e falando-lhes de Deus, que era conhecedor de todos os sofrimentos, assim como abraçava e tratava os leprosos com a mesma dedicação e a mesma ternura e caridade.

Depois de ter mendigado para eles alguns alimentos mais delicados do que aqueles que de ordinário lhes davam, considerava-se muito feliz por lhes levar com que pudessem satisfazer os seus desejos; então o seu rosto angélico irradiava alegria e abraçava mais uma vez os seus pobres queridos agradecendo à bondade divina pela consolação que experimentava.

Concluídos estes trabalhos, visitava os presos, e dali, com uma campainha na mão, percorria as ruas da cidade, convidando e mesmo suplicando aos chefes de família a mandarem seus filhos e seus escravos à instrução que ia administrá-los:

"Fiéis cristãos, dizia ele com a- mais penetrante expressão, fiéis cristãos, mandai vossos filhos e vossos escravos, a fim de que eles aprendam a santa doutrina de Jesus Cristo! -Eu o suplico, mandai-os pelo amor de Deus".

As crianças corriam a cercar o Santo Padre, logo que ouvissem a campainha; beijavam-lhe as mãos, testemunhavam-lhe as mais ternas e afetuosas carícias, e o seguiam à medida que ele ia passando por suas casas, de modo que os primeiros que a ele se juntavam acompanhavam-no a dar a volta à cidade, e assim chegava à igreja escoltado por alguns centos de crianças.

Era belo, era comovedor ver-se aquele jovem Padre assim cercado daquelas inocentes crianças que lhe tributavam tão grande amor como natural veneração. Todas elas recebiam a instrução com igual vontade e a repetiam a seus pais. Iam até fazer-lhes observar quanto o seu procedimento estava em oposição com os preceitos da religião, o que ocasionava sérias reflexões aos pais.

Quando chegavam à necessidade de fazer respeitar a autoridade paternal, sentiam a importância de não dar lugar às insubordinações dos filhos, pelos exemplos contrários às lições que lhes faziam receber. A necessidade e mesmo obrigação de manter os filhos nos limites do dever, levou os pais a cumprirem eles próprios, os seus e a correrem para junto do santo apóstolo, que lhes administrou instrução especial e onde os pobres pecadores se desfaziam em lágrimas.

Vimos já, na carta do nosso Santo, que ele só não podia satisfazer às confissões, que tão numerosas eram elas; em seis meses a cidade achava-se transformada a ponto de se não poder reconhecê-la. Todos queriam confessar-se a Xavier, a fé voltara viva e fervorosa, era, finalmente, uma regeneração completa.

O vice-rei, que tão extremosamente estimava o Santo Padre, dava os mais belos exemplos e secundava com todo o seu poder o zelo apostólico de

Xavier. Uma vez por semana acompanhava-o na visita dos hospitais e das prisões, dando a todos os doentes e encarcerados esmolas e consolações.

Goa tornara-se uma cidade santa.

D. Miguel Vaz, vigário geral do arcebispado, disse um dia a Xavier, quando este lhe significava o desejo que tinha de estender as suas conquistas

- Meu Padre, a costa oriental, desde o cabo Comorim até à Ilha de Manaar, oferece um vasto campo para satisfazer o vosso zelo. É um povo de pescadores chamados Paravás, constantemente inquietados pela invasão dos Mouros e que, tendo sido socorridos contra eles pelos portugueses, se fizeram baptizar para agradar e satisfazer os seus protetores; mas têm de cristãos só o nome, nada sabem do Cristianismo e solicitam instrução e luz.

- Eu para ali parto, caro senhor!...

- Aquela pobre gente acha-se muito disposta a receber a luz do Evangelho, e vós podeis ali fazer maravilhas com o zelo que vos anima; porém devo prevenir-vos, meu Padre, que é aquele o país o mais pobre que se conhece. Estrangeiro algum tem ainda podido resignar-se a estabelecer-se ali. Os mercadores só para lá vão, anualmente, na época da pesca das pérolas; devo ainda acrescentar que os calores são ali intoleráveis para os europeus.

- Mas eu espero que Deus me dará as necessárias forças para lhes resistir, senhor, respondeu Xavier. Quando ele me enviou às Índias, conhecia os diversos climas; deposito pois toda a minha confiança n'Aquele que me mandou, e vou partir.

O santo apóstolo deixou D. Miguel Vaz e foi pedir o consentimento do vice-rei, que quis retê-lo e mandar o Padre Paulo de Camerini para as Costas dos Paravás; mas teve de ceder à firmeza de Xavier, na qual julgava ouvir a voz de Deus. Em seguida deu o nosso Santo as suas instruções aos dois Padres que deixava em Goa; despediu-se afetuosamente dos seus doentes e leprosos, prometendo voltar para os ver; abraçou-os e abençoou-os derramando lágrimas pela sua compungente dor recomendou-lhes que obedecessem à voz dos seus irmãos como à sua própria, que amassem a Deus sobre todas as coisas, que orassem por ele e pelo bom resultado da missão que ia empreender, prometendo-lhes lembrar-se deles todos os dias no santo altar.

Os soluços interromperam por vários vezes o caritativo Padre, que, depois de ter recebido deles as mais sinceras e consoladoras promessas separou-se dos seus queridos doentes, ouvindo ainda de longe os gritos de consternação que a sua partida arrancava aos seus corações.

Igual cena se renovou em cada prisão, e o coração de Xavier estava dilacerado!

Concluídas todas as despedidas, foi ele receber a bênção episcopal e embarcou, a 17 de Outubro de 1542, levando consigo Francisco Mancias e dois jovens indígenas, discípulos do colégio de Goa.

O vice-rei quis oferecer-lhe muitos presentes; porém ele não aceitou senão uns sapatos e um sobretudo de peregrino, de fazenda das mais ordinárias. Quanto às provisões de boca, foi absoluta, como do costume, a sua recusa; não quis dever o seu sustento senão à caridade da equipagem.

III. NO CABO COMORIM - CARTA DO SANTO -
SENTIMENTOS QUE INSPIRA

S. FRANCISCO XAVIER A SANTO
INÁCIO DE LOIOLA

Tutucurim, 23 de Maio de 1543.

Que a graça e a caridade de Nosso Senhor Jesus Cristo nos venham sempre em auxílio. Amen.

De Goa vos fiz mui extensamente, a narração da viagem de Lisboa às Índias, e porque vós o desejais, meu querido Padre, vou falar-vos hoje dos meus trabalhos no Cabo Comorim.

Trouxe em minha companhia alguns discípulos indígenas do Seminário de Goa, que por terem suficiente instrução, receberam já as Ordens. Logo que chegámos, começámos por percorrer os bairros dos neófitos, que, privados de padres para lhes administrar os sacramentos, e não tendo sequer catequistas para lhes fazer aprender o Símbolo, a Oração dominical e a Saudação angélica, nada sabem da sua religião, se não que foram batizados.

Não sendo os portugueses atraídos pelos seus negócios para estes países pobres e estéreis, estão aqui os cristãos inteiramente abandonados. Desde que aqui estou, vou duma aldeia a outra [36], instruindo e baptizando todas as crianças. Tenho conseguido assim purificar um grande número daqueles inocentinhos que verdadeiramente não teriam sabido distinguir á sua mão direita da esquerda.

Aquelas queridas crianças não me deixam tempo para recitar o meu breviário, comer, nem descansar, por um momento; seguem-me por toda a parte, pedindo-me, sem cessar, que lhes faça repetir as orações.

Compreendo que o reino dos Céus lhes pertence verdadeiramente. Como não posso recusar sem impiedade as suas piedosas instâncias, faço-lhes confessar o sinal da Cruz, os nomes do Pai, do Filho e do Espírito Santo, depois do que procuro ensinar-lhes o Pai-Nosso e a Ave-Maria. Noto nestas crianças uma tal viveza de espírito, que, estou convencido, virão a ser excelentes cristãos se puderem ser instruídas.

Encontrei nas minhas visitas um bairro inteiramente povoado de pagãos, que recusavam fazerem-se cristãos, como todos os seus vizinhos pela razão, diziam eles, de que o seu senhor lho havia defendido. Constou-me que entre eles estava uma pobre mulher que havia três dias lutava com os sofrimentos de um trabalhoso parto e que já ali se desesperava de a poderem salvar.

Aqueles desgraçados dirigiam orações ao Céu, mas o Céu não atende os rogos dos infiéis; invocavam todas as suas divindades mas os demônios também eram surdos aos seus

gritos. Eu dirigi-me a casa daquela moribunda com um dos meus companheiros, e olvidando que estava em solo pagão, ou antes, lembrando-me, segundo a letra dos Livros Santos, que "a terra e tudo que ela encerra pertence ao Senhor", invoquei com confiança o santo nome de Deus. Por intermédio do meu intérprete, expus à doente os principais mistérios da nossa santa religião, e, com a divina graça em nosso auxílio, ela deu-nos grandes testemunhos de fé. Perguntei-lhe se desejava, se queria ser cristã; depois da sua resposta afirmativa, recitei o Evangelho que provavelmente nunca se lera naquele país, e baptizei-a...

Mas que aconteceu? Ela crera, ela esperara em Jesus Cristo!... Viu-se livre inesperadamente, durante as cerimônias! No mesmo momento, o pai e os outros filhos solicitaram tão insistentemente a graça do batismo que a todos administrei aquele sacramento e chamei assim para Jesus Cristo aquela numerosa família. A notícia desta milagrosa cura correu em um momento. Fui em seguida procurar os mais consideráveis do lugar; notifiquei-os em nome de Deus, a reconhecer Jesus Cristo seu Filho, por quem unicamente o homem pode ser salvo; responderam-me como os primeiros, que não podiam mudar de religião sem autorização do seu chefe.

Naquele momento, chegou a propósito à povoação um enviado daquele pequeno soberano, que vinha receber os impostos. Fui imediatamente vê-lo e lhe desenvolvi alguns dogmas da nossa fé; mas ele não me deixou acabar, e apressou-se em dizer-me que era cristão de coração que a nossa religião lhe parecia boa, e que deixava a cada um a liberdade de a abraçar e seguir, se o desejassem, porém não teve a coragem de dar o exemplo. No entanto todas as famílias do bairro se aproveitaram imediatamente da liberdade que se lhes concedia, e eu administrei o santo batismo a todos os habitantes sem distinção de idade e de sexo.

Depois de termos tomado todas as medidas para o bem-estar daquela pequena cristandade, dirigimo-nos a Tutucurim, onde temos sido tão bem acolhidos, que esperamos a mais abundante colheita.

O vice-rei consagra uma afeição paternal pelos neófitos, e lha veio provar duma maneira admirável. Todos aqueles habitantes da Costa são pescadores de pérolas, e não têm outro meio de vida, para si e suas famílias, a não ser aquela penosa indústria, Os Sarracenos haviam-lhes arrebatado os barcos de que eles se servem para aquela pesca. O vice-rei tem disto conhecimento, faz equipar uma flotilha, ataca os Sarracenos, bate-os, mete-os. em derrota, faz uma horrorosa carnificina naqueles infiéis e lhes aprisiona todas as suas embarcações com exceção duma só. Depois desta vitória, restitui aos neófitos ricos os barcos que lhes haviam sido levados, e dá aos pobres os apreendidos ao inimigo, coroando assim uma grande vitória por uma eminente obra de caridade.

Foi devido à proteção divina o bom resultado das suas armas, e ele o reconhecia partilhando com os pobres os frutos que colhera.

Os Sarracenos consternados, pelas suas perdas e suas faltas, não se atrevem a levantar os olhos e mostram-se humilhados. Todos os seus chefes e todos os homens capazes de pegar em armas tinham sido extintos pela flotilha.

Os neófitos amam o vice-rei com uma ternura filial. É inacreditável o interesse com que ele me recomenda esta nova vinha. Trabalha agora na execução dum projecto que contribuirá poderosamente para o progresso da religião cristã: vem a ser reunir em uma só ilha, sob a dominação dum rei da sua escolha, todos os cristãos dispersos por estes vastos países, a imensas distâncias uns dos outros.

Se o Soberano Pontífice tivesse conhecimento do zelo e dos esforços de D. Martim Afonso de Sousa na propagação da fé, e o elogiasse publicamente, a fim de excitar iguais sentimentos em todos os dignitários cuja autoridade viria auxiliar poderosamente a religião...

Eu o recomendo, pois, às vossas orações e às da nossa Companhia, a fim de que Deus se digne conceder-lhe os benefícios de que é merecedor, e a perseverança nas suas santas empresas; porque não é aquele que tiver começado bem, mas o que tiver perseverado até ao fim que receberá a recompensa.

Quanto a mim, sustentado pela bondade infinita, sustentado pelas vossas orações, pelo santo sacrifício que vós e os meus irmãos ofereceis por mim, espero que, se nos não for dado tornar-nos a ver neste mundo, nos encontraremos na feliz Eternidade com uma alegria infinitamente maior.

Francisco Xavier".

Omitiu o nosso humilde Apóstolo nesta carta uma circunstância que julgamos dever mencionar.

Foi a seus rogos que o vice-rei veio em socorro dos Paravás oprimidos pelos Sarracenos; aqueles povos dedicavam, é verdade, uma grande afeição a D. Afonso, mas experimentavam por Francisco Xavier uma amizade e uma veneração incomparáveis.

Aqueles sentimentos tornaram-se tais, que os transmitiram, como uma preciosa herança, às gerações que seguiram, e hoje ainda, os missionários encontram vivas, por aquelas Costas, a lembrança do ilustre Apóstolo das Índias, que eles chamam sempre o seu grande Padre.

Vamos encontrar a continuação pormenorizada desta interessante missão das Costas da Pescaria em uma outra carta de Xavier à Companhia de Jesus. Reproduziremo-la quase na sua íntegra, para que o leitor possa acreditar ainda mais naquela grande alma, que soube tão admiravelmente inutilizar-se, por assim dizer, com o fim de se pôr ao alcance das inteligências que pretendia esclarecer e salvar para a glória de Deus que tanto amava.

A data daquela carta diz-nos que havia já mais de um ano que S. Francisco Xavier percorria a Costa e trabalhava, como vamos ver, com uma atividade e um resultado miraculoso.

IV. NA VINHA DO SENHOR - CARTA À COMPANHIA
DE JESUS

S. FRANCISCO XAVIER À COMPANHIA
DE JESUS, EM ROMA

Cochim, 12 de janeiro de 1544.

Que a graça e o amor de Nosso Senhor Jesus Cristo sejam sempre conosco. Amen.

Faz já três anos que deixei Lisboa e é esta a terceira vez que escrevo. Não tenho recebido mais que uma só carta vossa, datada de 13 de Fevereiro de 1542, e tendo o navio que a trazia sido obrigado a demorar-se muito tempo em Moçambique, só me chegou à mão em Novembro último. Deus sabe que prazer e consolação ela me fez experimentar...

Acho-me, com Francisco Mancias, na cristandade de Comorim, que, já de antes numerosa, cresce cada dia mais.

Logo que cheguei, o meu primeiro cuidado foi o de assegurar-me do grau de instrução destes povos, e a cada uma das minhas perguntas sobre os mais importantes dogmas da religião, respondiam-me invariavelmente que eram cristãos, mas que ignorando a língua portuguesa, nada tinham podido aprender dos mistérios e preceitos do Cristianismo.

Convoquei alguns de entre eles que me pareceram os mais inteligentes, e que tinham algum conhecimento, uns do espanhol e outros do português; reunimo-nos por muitos dias seguidos, e conseguimos, depois de grandes dificuldades, traduzir em pouco tempo, um catecismo em língua malaia. Logo que o tive pronto, comecei a percorrer todos os bairros com uma campainha na mão. Reúno assim em torno de mim, duas vezes por dia, os homens e as crianças, e lhes explico o catecismo; um mês tem sido bastante para as crianças o aprenderem perfeitamente. Quando elas o sabem tem de cor, recomendo-lhes que o repitam a seus maiores, aos seus criados e aos seus vizinhos.

Nos domingos, todos se reúnem na igreja voluntariamente: homens, mulheres e crianças todos têm igual desejo de se instruírem.

Ali, começo, em nome da Santíssima Trindade, a recitar, em língua malaia, em voz alta e pausadamente, o Pai Nosso, a Ave-Maria e o Credo, que todos repetem depois de mim, com um prazer e um interesse -bem evidentes. Em seguida repito o Credo, detendo-me em cada artigo, e perguntando a cada um dos assistentes, pessoalmente, se ele crê, do fundo do coração, o que acaba de pronunciar. Todos, cruzando as mãos sobre o peito respondem afirmativamente.

Faço-lhes recitar o Credo mais vezes do que as outras orações, repetindo-lhes que não são cristãos senão aqueles que crêem no que ele encerra.

Depois do Credo, passo aos Mandamentos explicando-lhes

que há no Cristianismo dez leis que todo o cristão é obrigado a observar rigorosamente, e que por aquele preço somente terá parte na felicidade eterna, enquanto que aquele que despreza uma única daquelas leis, será eternamente condenado, se não fizer penitencia.

Todos, em geral, neófitos e pagãos, sentem-se igualmente maravilhados pela sublimidade da lei cristã e da sua perfeita conformidade com a razão.

Concluídas aquelas explicações, renovo ainda a prática do Credo posto em verso; cantamos o primeiro artigo de fé que é seguido desta estrofe de canto:

"Jesus, Filho do Deus vivo; concedei-nos a graça de crer firmemente este primeiro artigo de fé; nós vos oferecemos, para a obter, a oração que vós mesmo nos haveis ensinado".

Cantada esta estrofe, recitamos o Pater. Depois passamos ao segundo artigo do Símbolo, findo o qual cantamos a seguinte estrofe dedicada a Maria:

"Santa Maria, Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, obtende para nós do vosso querido Filho a graça de crermos sem duvidar neste segundo artigo de fé".

Esta segunda estrofe é seguida da recitação-da Ave-Maria. E assim seguimos todos os artigos, ajuntando a cada um a estrofe de canto e a recitação do Pater ou da Ave-Maria.

Para lhes ensinar bem o Decálogo, emprego o mesmo método. Cantamos a primeira encomendação, assim como a oração:

"Jesus, Filho de Deus vivo, concedei-nos a graça de vos amar sobre todas as coisas; para a obter vos oferecemos a oração que vós mesmo nos haveis ensinado".

E recitamos o Pater e em seguida cantamos:

"Santa Maria, Mãe de Jesus Cristo, obtende para nós do vosso divino Filho a graça de observar fielmente esta primeira encomendação".

Cantada esta estrofe recitamos a Ave-Maria. E assim por diante, conformando a oração cantada com o sentido da encomendação que a precede.

Faço-lhes em seguida compreender que quando tiverem obtido da bondade de Deus as graças que acabam de lhe pedir, tudo mais obterão em abundância.

Faço recitar o Confiteor aos catecúmenos, juntos ou em separado; mando-lhes repetir ao depois o Credo, perguntando-lhes, a cada artigo, se eles o crêem firmemente, e depois da sua resposta afirmativa, faço-lhes uma exortação por mim composta em língua malaia, na qual passo em revista os mais importantes dogmas da fé católica, e os deveres que a eles se ligam na vida cristã. Quando os

vejo suficientemente preparados, baptizo-os.

Terminamos todos os nossos exercícios pelo canto da Salve-Regina, a fim de obtermos a proteção da Santíssima Virgem [37].

Para dar idéia do empenho e interesse destes povos em receber a graça do batismo, basta dizer-vos que muitas vezes eu baptizo em um dia populações inteiras; que meus braços caem de fadiga, e que à força de repetir o Credo e as orações, a minha voz, totalmente gasta, acaba por se extinguir e caio desfalecido.

O batismo das crianças produz frutos incríveis; tenho confiança que, com a ajuda de Deus, estas crianças virão a ser em tudo melhores do que seus pais.

O horror que possuem pela idolatria chega a ponto de repreenderem seus pais e maiores quando descobrem que eles prestam culto a algum dos seus ídolos, e correm a denunciá-los. Logo que tenho conhecimento de que algum deles sacrifica aos ídolos, dirijo-me a sua casa com um grande número de meninos que lançam ao demônio mais ultrajes do que de honras eles têm recebido de seus pais e vizinhos. Estas crianças fazem uma guerra acirrada aos ídolos; voltam-nos, quebram-nos, pisam-nos aos pés e cobrem-nos de toda a sorte de ignomínias.

Habitei por quatro meses uma cidade inteiramente cristã, onde trabalhava em traduzir o catecismo, e em cada dia um grande número de indígenas concorria de todas as circunvizinhanças para me pedirem que recitasse orações aos doentes que me traziam e a ir levar o mesmo socorro aos que não podiam arrastar-se até junto de mim.

Durante os quatro meses, conquanto a afluência fosse imensa, e que uma grande parte do meu tempo fosse empregado em recitar o Evangelho a todos os doentes que o desejavam, tenho podido continuar a inscrever as crianças e os adultos, a responder às questões que me vinham propor, a sepultar os mortos... Porém a concorrência crescia cada dia e como eu tinha todo o interesse em satisfazer toda aquela pobre gente, com o receio de que uma recusa enfraquecesse a sua confiança nos socorros da religião, tomei o partido de enviar as crianças, da minha parte, para os diferentes bairros para onde era chamado.

Aqueles inocentes logo que chegavam junto dos doentes, reuniam os parentes e vizinhos, faziam-lhes recitar o Credo, buscando inspirar aos doentes confiança e esperança em Deus, e recitando em seguida as orações da Igreja.

Acontecia que Deus, compadecido da piedade dessas crianças e da das pessoas presentes, restituía a saúde aos doentes e curava ao mesmo tempo as suas enfermidades espirituais. Manifestando assim Deus o seu poder e a sua bondade, estabeleceu o seu reino e a confiança em Jesus Cristo seu Filho, sobre a ruína dos demônios.

Atualmente, não mando as crianças só para estarem junto dos doentes; encarrego-as também de instruir os ignorantes

das povoações, ensinando nas casas e nas ruas os primeiros elementos da religião. Quando concluem o ensino numa aldeia, passam para outra; depois eu percorro todos aqueles lugares; deixo um exemplar do catecismo em cada um, recomendando aos que sabem escrever que o copiem e aprendam de cor a fim de ensinarem aos outros; designo os sítios em que se devem reunir todos os dias santificados, para cantarem as orações e os principais dogmas da religião cristã, escolhendo aquele que deve presidir a essas reuniões.

D. Martim Afonso, que tem em grande estima a nossa Companhia, pelo seu zelo na glória de Deus, resolveu, a meu pedido, que fosse abonada uma goma de quatro mil soldos em oiro, que os indígenas chamam fanons, para os honorários desses presidentes de paróquias. Ele tem feito as mais vivas instâncias ao rei, em todas as suas cartas, para obter alguns membros mais da nossa Sociedade para este país; porque aqui inúmeros povos se acham abismados nas trevas da idolatria por falta de apóstolos que os esclareçam.

Que de vezes me vem ao pensamento, que, se eu o pudesse, transportar-me-ia à Europa; e a despeito de passar por louco, quereria percorrer as academias e dizer a todos aqueles sábios, especialmente aos de Paris, e a todos aqueles homens que têm mais doutrina do que caridade:

"É devido a vós que uma infinidade de almas são excluídas do reino dos Céus!" Ah! prouvera a Deus!, digo a mim mesmo muitas vezes, que esses doutores tivessem tanto empenho pela salvação das almas, como têm pelas ciências humanas! Um dia terão eles de dar contas bem rigorosas da ciência que adquiriram e dos talentos que lhes foram confiados! É possível que esta idéia os assustasse e comovesse! é possível que se entregassem por alguns momentos à oração e ouviriam então a voz de Deus! Talvez fizessem um esforço sobre si mesmos; desprender-se-iam dos seus hábitos terrestres e se entregariam inteiramente à disposição da vontade de Deus. Chegariam, finalmente, a exclamar do fundo do coração:

"Senhor, eis-me aqui; eu sou vosso todo vosso!
Mandai-me para onde quizerdes, até mesmo para as Índias!"

Grande Deus! Quanto a vida lhes seria agradável! que paz gozariam! Com que tranquilidade e confiança eles se apresentariam ao juízo do Deus vivo, do qual ninguém poderá esquivar-se! Então, como o servo do Evangelho, diriam com alegria: Senhor, vós me concedestes cinco talentos, eis aí como eu adquiri outros cinco .

...Deus sabe que, na impossibilidade de voltar à Europa, tenho pensado muitas vezes em escrever para á Universidade de Paris, e particularmente aos nossos doutores Corne e Picard [38] para lhes fazer ver o prodigioso e infinito número de almas que seria fácil chamar ao conhecimento de Jesus Cristo, se os homens estivessem menos ocupados da sua glória pessoal do que da de Deus.

Rogai, pois, meus amados irmãos, rogai ao Senhor das conquistas para que envie obreiros para o seu campo!

O colégio de Goa está quase concluído. Educam-se ali crianças de muitas nações, que são assim arrancadas às trevas do paganismo. Uns aprendem somente a ler e a escrever; outros aprendem o latim. O Padre Paulo, reitor, confessa-os, instrui-os e lhes diz a missa todos os dias. O colégio tem bastante capacidade para conter quinhentos alunos; é dotado em proporção e recebe abundantes esmolas do vice-rei e das pessoasucas.

Os cristãos do país chamam a este colégio: o Seminário da Santa-Fé [39]. Eles têm razão, porque, com o auxílio de Deus, esperamos que, por meio deste seminário, fará a Igreja tão grandes conquistas que estenderá algum dia o seu domínio sobre todo o Oriente.

Entre os pagãos deste país, existe uma classe de homens que se denominam brâames ou brâamanes, eles guardam os templos e servem neles. É uma raça perversa e má, que me faz dizer muitas vezes, dirigindo-me a Deus: Senhor, livrai-me desta carta ímpia, desses homens traidores e perversos.

Toda a sua ciência e habilidade consiste em envolver nas suas ciladas a gente sincera e ignorante. Em nome dos seus deuses fazem levar para os seus templos tudo quanto desejam, e eles, suas mulheres e seus filhos vivem assim a expensas do povo, a quem persuadem que as suas estátuas comem e bebem como os mortais.

Além disto os pobres ignorantes não se atrevem a tomar as suas refeições antes de oferecer ao ídolo uma moeda de dinheiro. Os brâamanes não cessam de aterrar os crédulos, ameaçando-os com toda a espécie de males, se falam à generosidade para com os deuses; e o povo, oprimido pelo terror, apressa-se em satisfazer a cobiça desses impostores.

Os brâamanes desta Costa. estão furiosos contra mim, porque tenho manifestado e provado as suas torpezas. Quando estão a sós comigo, confessam-me, sem escrúpulo, que não vivem senão das suas mentiras; concordam que são ignorantes e dizem-me que eu somente sei mais do que todos eles juntos. Muitas vezes me enviam presentes que eu recuso sempre, a seu pesar, porque eles desejam impor-me obrigações para me orçar ao silêncio. Esforçam-se em lisonjear-me e dizem-me muitas vezes:

Sabemos perfeitamente que não há mais que um Deus, e nós lhe rogaremos por ti.

A todas as suas lisonjas eu respondo como convém, e continuo a trabalhar em desvendar os olhos ao povo.

Uma grande parte daqueles pobres ignorantes recebeu já o batismo mas muitos resistem ainda pelo temor que lhes inspiram os brâamanes.

Desde que estou nestas terras não tenho podido converter mais do que um brâamane, mancebo bastante novo que ensina às crianças os primeiros elementos da religião cristã.

Quando percorro as povoações dos neófitos, passo de ordinário por entre os pagodes que aqueles impostores habitam. Há pouco tive a idéia de entrar em um daqueles templos, onde duzentos brâmanes se achavam reunidos. Muitos saíram-me ao encontro, e depois da troca de algumas palavras indiferentes e de cumprimentos perguntei-lhes a que preceitos os seus deuses ligam a felicidade futura.

Travou-se imediatamente entre eles uma discussão tão acalorada como prolongada para resolverem o que me responderiam; finalmente foi concedida a palavra ao mais idoso.

O velho octogenário pergunta-me então, por sua vez; o que nos prescreve o Deus dos cristãos. Conhecendo eu para onde se dirigia o seu ardil respondi-lhe que não o satisfaria enquanto não respondesse à minha questão. Forçado a descobrir-me a sua ignorância, disse-me que os deuses não exigiam mais do que duas coisas: a primeira não matar as vacas, cuja forma eles tomam; a segunda fazer bem aos brâmanes, que são os seus servos e seus favoritos.

Aquela resposta penalizou-me profundamente! Experimentei no fundo da minha alma uma pungente dor, vendo até que ponto o demônio cega os homens! Pedi então aos brâmanes que me ouvissem, e recitei em voz alta o Símbolo dos Apóstolos e os Mandamentos de Deus. Depois expliquei-lhes em poucas palavras o paraíso, o inferno e o juízo final. Disse-lhes quais seriam os que gozarão da bem-aventurança eterna, e os que serão votados aos suplícios que terão a duração da eternidade, à intensidade do fogo sem fim.

A estas últimas palavras, todos eles se levantaram e todos em chusma me vieram abraçar, exclamando que o Deus dos cristãos é o único Deus verdadeiro, e que as suas leis estão em perfeita harmonia com a razão.

Perguntaram-me se as almas dos homens morriam com o corpo, assim como as dos animais.

Naquele momento Deus me sugeriu um raciocínio para lhes responder tão à medida dos seus desejos e inteligência, que ficaram todos convencidos da imortalidade da alma. Os argumentos pelos quais se busca convencer os ignorantes, não devem ter nunca a sublimidade dos que os nossos doutores empregam nos seus livros; é preciso, antes de tudo, avaliar a capacidade intelectual dessas pobres inteligências.

Os brâmanes ainda me perguntaram, como era que acontecia, que no sono, nós víamos pais e amigos, e nos comunicávamos com eles, - o que, meus amados irmãos me acontece muitas vezes para convosco-; - se Deus é branco ou negro; porque os Índios, que geralmente são negros, atribuem aquela cor às suas divindades. Os seus ídolos pintados de negro e untados dum óleo infecto, têm um aspecto hediondo e repugnante!

Depois de haver satisfeito a todas as suas instâncias, chamei-os a abraçar uma religião que eles próprios

reconheciam ser a única verdadeira. A isto me opuseram os frívolos pretextos de que muitos cristãos temem uma mudança de vida; que isto daria que falar e eles perderiam o único recurso que lhes dá com que viver.

Em toda a Costa não encontrei senão um brâmane com alguma instrução e que se diz ter, sido. discípulo dum nobre e célebre colégio. Procurei vê-lo em particular e ele se prestou da melhor vontade, e sobre as questões e perguntas que lhe dirigi, me respondeu que eles estavam todos comprometidos por um juramento e não podiam revelar nada das suas doutrinas; mas, que por amizade e como exceção para comigo, me falaria abertamente.

Fiquei assim sabendo que o primeiro dos seus mistérios é que não existe senão um só Deus, criador do céu e da terra, a quem somente devem um culto, e que os seus ídolos são só as imagens dos demônios. Possuem monumentos que olham como livros sagrados, e que contêm as leis que eles crêem divinas. Para as ensinarem, servem-se duma língua tão pouco vulgarizada como é o latim entre nós.

O meu brâmane desenvolveu-me também em seguida os seus preceitos divinos, que não vale a pena repetir-vos. Observam e guardam o sétimo dia, recitando nesse dia a seguinte súplica, que repetem por várias vezes: Deus, eu te venero, eu imploro o teu socorro para sempre.

Em virtude do seu juramento recitam esta oração em voz baixa para que ninguém a possa ouvir. O seu livro contém uma profecia anunciando que um dia todos os povos da terra professarão uma única e mesma religião.

O mesmo brâmane me pediu que lhe explicasse também os preceitos do Cristianismo, prometendo-me guardar o mais absoluto segredo. Respondi que nada lhe diria, se ele me não promettesse o contrário, de publicar, por toda a parte e em alta voz o que soubesse da nossa religião. Com a sua promessa, lhe expliquei as seguintes palavras do divino Salvador, e que é a essência do Cristianismo: Aquele que crer e que tiver sido baptizado será salvo. Dei-lhe esta máxima e o Símbolo dos Apóstolos com um extenso comentário; ajuntei o Decálogo e fiz-lhe ver a relação que existe entre o dogma e a moral.

Um dia veio ele procurar-me; disse-me que tinha sonhado que era já cristão, que se achava associado aos meus trabalhos e que experimentara nisto a maior alegria.

Rogou-me em seguida que o admitisse secretamente nos nossos mistérios; mas como esta condição era ilícita, não concedi o batismo. Estou convencido que Deus lhe concederá algum dia a graça de o fazer cristão. Recomendiei-lhe que ensinasse aos inocentes e aos ignorantes que não há mais que um Deus, criador do céu e da terra, e que reina nos céus. Este homem seria já cristão se não se visse retido pelo temor de ser perseguido pelos demônios, faltando ao seu juramento.

Eis aqui tudo quanto os meus trabalhos podem ter de interessante para vós, a não ser que vos fale das alegrias

inefáveis de que Deus se apraz encher aqueles que trabalham em arrotear esta terra inculta e bárbara. Elas são tão abundantes, tão sólidas, que, seguramente, são as únicas de que se pode gozar nesta vida.

Parece-me ouvir um daqueles obreiros apostólicos gritar no maior transporte da sua alma:

"É muito! Senhor, é muito! é demasiado para esta vida!... Ponde um termo à minha felicidade!... Ou, se na vossa infinita misericórdia, quereis cumular-me das alegrias celestes, levai-me desta terra! ela deve ser um vale de lágrimas; transportai-me para a morada dos bem aventurados".

"Aquele que tem gozado destas inefáveis delícias, não pode viver por mais tempo fora da vossa divina presença..."

Meus amados irmãos, é um prazer bem agradável para mim o pensar em vós e recordar-me da vossa amizade, à qual devo a imensa misericórdia de Deus. Eu- repasso muitas vezes pelo meu pensamento os anos decorridos, e é com a mais verdadeira dor que vejo o tempo que perdi e quão pouco tenho aproveitado da vossa amizade, da vossa convivência e da vossa ciência nas coisas de Deus! É às vossas orações, não obstante tão afastado de vós, que Deus me faz a graça de me revelar a imensidade infinita dos meus pecados; é devido às vossas orações também que ele me deu forças e coragem para vir instruir as nações idólatras. Rendo por isso infinitas ações de graças à Bondade divina e à vossa caridade.

De entre todos os frutos que a divina Providência me tem feito colher nesta vida, o que eu mais aprecio é a aprovação e a confirmação do nosso Instituto pela Santa Sé. Tributo a Deus infinitas graças pelo que se dignou sancionar para sempre, por intermédio do seu Vigário, a regra que ele resolveu e ditou a seu servo, o nosso Padre Inácio.

Suplico ao Senhor, - uma vez que pela sua bondade nos reuniu a todos sob a mesma regra, ao mesmo tempo que pelo interesse da sua glória nos separou e dispersou para grandes distâncias uns dos outros-, que nos reúna de novo na morada dos bem-aventurados!

Entre outras intercessões, invoquemos a das crianças que tenho baptizado e que Deus, na sua misericórdia infinita, chamou para si antes que elas tivessem manchado o vestido da inocência. Julgo que serão em número de mil ou mais. Invoco-as para obter a graça de poder fazer, nesta terra de exílio e de misérias, o que Deus quer e à medida dos seus desejos.

O mais humilde dos vossos irmãos em Jesus Cristo,
Francisco".

V. EM MANAPAR - VOLTA A GOA - OS DEMÔNIOS
FOGEM - MILAGRES E CONVERSÕES

Os milagres acompanhavam por toda a parte as pregações de Xavier. Vimos, na caria precedente, que de vários pontos opostos e afastados concorria muita gente a pedir-lhe para recitar o Evangelho aos doentes, então em grande número; que os doentes eram de ordinário curados, e que com o fim de satisfazer a todos ao mesmo tempo, mandava as crianças para o substituir.

Mas o que o Santo não diz, é que ele dava a essas crianças uma medalha, um rosário, uma imagem ou qualquer outro objecto de devoção, que trazia consigo, ou que havia tocado, o que era bastante para lhe comunicar uma virtude miraculosa...

Um dia vieram dizer-lhe de Manapar que um homem, dos mais importantes do país, estava possuído do demônio, e lhe pediam que viesse livrá-lo. O apóstolo, cercado naquele momento duma imensa multidão que instruía, chama um jovem, entrega-lhe um crucifixo que trazia sempre sobre o peito, e lhe ordena que vá sem receio pôr em fuga o demônio:

- "Não volteis sem que o tenhais expulsado vergonhosamente! disse ele ao rapaz".

À chegada do pequeno mensageiro, o possesso faz ouvir os mais medonhos uivos; os seus membros convulsos fazem horror de ver. O rapaz não se assusta: canta as orações que o Santo Padre lhe havia ensinado, ordena ao demônio que se retire e ao doente que beije o crucifixo do Santo Padre; e o demônio obedece e abandona a sua vítima.

Francisco Xavier vai procurar um dos habitantes desta mesma cidade de Manapar e roga-lhe que o escute por um momento, a fim de deixai penetrar a luz no seu espírito, porque o desgraçado índio era ainda idólatra e recusava a instrução de que tanto carecia. Ele rebela-se contra o santo apóstolo e o repele, dizendo:

- "Nunca entrarei na igreja dos cristãos! Se eu tivesse algum dia esta intenção, desejaria que me fosse proibida a entrada!"

Alguns dias depois, foi este índio atacado por homens armados que haviam jurado a sua morte. Ele consegue escapar-se das suas mãos; corre e procura um abrigo contra aqueles que o perseguem rugindo de raiva, e não vê outro senão a igreja dos cristãos; ela está aberta, mas ele acha-se ainda muito distante... Dirige-se para ali a correr, enquanto os cristãos que se achavam reunidos no templo, naquele momento, aterrados pelos gritos dos pagãos e temendo a pilhagem de que as suas igrejas eram constantemente ameaçadas, se apressam em fechar as portas. O desgraçado índio é morto pelos seus inimigos mesmo à porta da igreja, que, na sua impiedade, ele desejara ver fechar-se sobre si no dia em que pretendesse transpor os seus umbrais...

Visitando o Santo uma aldeia da mesma Costa da Pescaria, encontrou um pobre Paravá coberto de úlceras, falto de tudo, inteiramente nu e sem forças já para suportar a vida. O coração de Xavier comove-se profundamente à vista de tamanha dor e miséria. Ajoelha-se junto do doente, e fala-lhe com a voz entrecortada pelas lágrimas; consola-o com uma ternura paternal; lava as suas chagas, das quais ninguém se atreveria a aproximar-se, tão repugnantes eram elas, e cedendo ao seu ardente desejo de mortificações e de sofrimentos, lembrando-se, além disto, da delicadeza da sua natureza, que outrora chegava ao excesso, bebe, uma parte da água

que servira para lavar as chagas do índio!!!... Afasta-se em seguida do lado do doente, que acabava de abraçar com afecto e solícita caridade, e entrega-se à oração.

Alguns instantes depois, levanta-se e volta para junto do doente... O Paravá olha para si, examina os seus membros, tateia-os e abre os grandes olhos... Estava curado! Suas chagas estavam cicatrizadas, seu corpo estava inteiramente limpo e não parecia ter sofrido nunca!

Antônio de Miranda era o catequista do nosso Santo, e por este título lhe era duplamente querido.

Uma noite, foi mordido por uma víbora que lhe causou a morte; o veneno desses répteis é mortal nas Índias. O Santo Padre é chamado; vai imediatamente, mas não vai ocupai-se dos seus funerais; precisa dele para a instrução dos índios, a glória de Deus e a salvação das almas carecem dos seus trabalhos

- "Antônio, diz-lhe o Santo, com voz forte e vibrante, em nome de Jesus Cristo, levantai-vos!"

E Antônio que morrera na noite precedente, levantou-se cheio de vida. As manchas do veneno que o matara desaparecem no mesmo instante. A multidão, presente aquele prodígio, solta gritos de alegria e de admiração; lança-se aos pés do Santo Padre, chama-o o grande Deus, e ele vê-se obrigado a explicar-lhe que não é mais que o instrumento do grande Deus que reina nos Céus e que o enviou às Índias para se fazei conhecer, fazer-se amar, fazer-se servir por todos que o ouvem, e para bem doutros ainda, aos quais espera levar o seu nome.

Em uma outra aldeia morreu uma menina dumas febres violentas e perniciosas do país; a família desesperada, apela para o santo Padre; ele corre e ressuscita a morta, em presença dum imenso número de pagãos, que crêem imediatamente no Deus de Xavier e solicitam a graça do batismo.

Igual prodígio se repete para com um rapaz que perecera da mesma doença, e do mesmo modo numerosas conversões coroam este milagre.

Duma outra povoação vieram pedir ao Santo para que acudisse a dar a vida a uma criança. Na véspera caíxa aquele pobre inocente em um poço, donde o tiraram morto; porém o Deus do santo Padre ressuscitara outros e pode também ressuscitar este. Os pagãos ali estão, esperando e não querendo acreditar nos prodígios que tantos outros viram e de que procuravam convencê-los.

Francisco Xavier não os faz esperar; chega com o mensageiro, e vendo que a criança está moita, ora por alguns instantes a poucos passos do cadáver; depois levantando-se, ordena à morte que deixe o menino, e à vida que se aposse dele, e a morte e a vida obedecem à ordem de Xavier invocada em nome de Jesus Cristo

Os pagãos não chamavam dali em diante o Santo apóstolo, senão o grande Deus da natureza.

Quantos mais prodígios operava Francisco Xavier, maiores eram as austeridades e mortificações a que se entregava. Sua alimentação era a dos mais pobres de entre os índios: arroz e água e nada mais.

Habitava uma miserável cabana de pescador, dormia no chão.

O vice-rei forçara-o a aceitar um colchão e um cobertor; Xavier vira um

pobre deitado sobre folhas secas e lhe dera imediatamente o cobertor e o colchão. Não dormia senão três horas, e não lhe importava a dureza da sua cama para um sono de tão curta duração; não tinha ele a censurar-se de alguns excessos da sua mocidade? Viu-se como, nos arrebatamentos expansivos da sua alma, deplorava aqueles anos que toda a sua vida devia expiar por mortificações tais, que lhe parecia dever duvidar da salvação se não fossem completamente cumpridas. Não podia esquecer-se de que por alguns anos deixara de amar a Deus, a não ser de muito longe, para assim dizer, como o amam muitos cristãos, agora que o zelo da sua glória o abrasa e o devora. As fadigas, os sofrimentos, as privações, as humilhações, são os seus maiores desejos, porque tudo quanto ele sofria naquele apostolado tão penoso, era por Deus, e Deus sofrera tanto por nós!

Ele sofre para salvar as almas e Jesus Cristo deu todo o seu sangue pela salvação daquelas almas! Por isso o Santo apóstolo em nenhuma conta tinha tudo quanto fazia por Deus, e cada vez que os prodígios se multiplicassem nele, mais devedor se considerava.

Xavier havia já conquistado ao inferno uma grande extensão da Costa; ele sozinho não era suficiente para satisfazer as necessidades de todas aquelas cristandades; além disso, a sua presença era reclamada em Goa, onde tinha muitos negócios a regular, e por isso embarcou em Novembro de 1543, com destino àquela cidade, levando dois indígenas que devia deixar no Colégio da Santa-Fé.

Chegado a Goa, deu ao Padre Paulo de Camerini todas as instruções necessárias com respeito à direção e administração do colégio; mandou o Padre Mancias para o Cabo Co morim, tornou a ver e animar as almas que havia convertido para Deus, não se esquecendo dos seus queridos leprosos nem dos seus afeiçoados prisioneiros; finalmente, escolheu dois jovens para o ajudar no seu apostolado; levou consigo João de Artiaga, artista de mérito e fervoroso cristão, e um rapaz indígena destinado às funções de catequista. Um mês lhe foi suficiente para dispor todas aquelas coisas. Durante a sua curta permanência naquela cidade, teve a consolação de ver chegar alguns Padres de Portugal que vinham partilhar os seus trabalhos.

"Viemos encontrar o Padre Francisco em Goa, -mandava dizer o Padre Melchior González aos seus irmãos da Europa; -suas virtudes são tais, que eu não conheço comparação; ele está possuído do amor divino no mais elevado grau; a sua santidade faz com que o olhem como um mártir vivo, e eu nada vos posso dizer que se aproxime do que tenho visto.

Depois da sua partida, deixou-nos um vácuo, que me parece não ter mais companhia. Este valente soldado de Jesus Cristo não bebe nunca vinho e é de mui forte constituição...".

De volta à Costa da Pescaria, donde ele escreveu a admirável carta que atrás transcrevemos, o nosso Santo dedica-se a formar os dois Padres, dos quais procura fazer dois santos apóstolos; volta às suas prédicas, suas instruções, suas fadigas habituais de povoação em povoação, sem que o embarcem as chuvas, os calores, ou outro qualquer obstáculo. O seu zelo não conhece limites. Entretanto mui frequente correspondência com o Colégio de Goa, o qual, dirige por cartas, e com o Padre Mandas a quem não cessa de animar no novo cargo que lhe confiara

"Pelo amor que nós consagramos a Jesus Cristo, lhe dizia ele de Punical, aproveitai todos os vossos momentos disponíveis para me dar conhecimento de tudo que vos diz respeito é aos vossos colegas. Logo que eu chegue a Manapar, darei notícias minhas. Não esqueçais o que vos recomendei na vossa partida: rogai a Deus a necessária paciência no

princípio para vos haverdes com aquela gente. Suponde. que o país que habitais é um purgatório destinado a purificar-vos de todas as vossas faltas, e admirai a infinita bondade que vos permite expiar neste mundo os pecados da vossa mocidade, com grande benefício no mérito e menos penas do que na outra vida".

Em todas as suas cartas a Francisco Maneias, Xavier se assinava: "Vosso irmão que muito vos ama em Jesus Cristo: Francisco".

Quando chegou a Manapar ali encontrou cartas daquele Padre; apressou-se em responder-lhe, dando-lhe conselhos próprios para manter o bem já feito:

"Eu vos suplico, lhe diz ele, que trabalheis para com aqueles homens, que são a escória do gênero humano, como o faria um bom pai para com os filhos desnaturados. Não vos deixeis desanimar, qualquer que seja a perversidade daqueles desgraçados, porque Deus os suporta, com quanto eles o ofendam brutalmente; Ele poderia exterminá-los e não o faz; ao contrário, não cessa de lhes fazer bem. Se ele lhes retirasse por um só instante a sua mão benfazeja, pereceriam todos de miséria.

Eu quereria que imitásseis aquele modelo; nele encontrareis a igualdade de alma que se não deixa enfraquecer por qualquer inquietação, por grave que seja".

E depois de o. ter animado a trabalhar, não obstante os obstáculos e os maus resultados, o Santo acrescenta:

"Enquanto ao mais, a razão e os louváveis exemplos nos dizem que é muitas vezes útil empregar-se a força para vencer a obstinação dos mais rebeldes, naquela nação sujeita a Sua Alteza de Portugal.

"Mando-vos, pois, um oficial de justiça, concedido pelo juiz, com ordem de condenar à multa de dois dinheiros de prata - um fanã - e a três dias de prisão, toda a mulher, que não obstante as proibições, beber daquele licor embriagante a que eles chamam urrac [40]. Fareis publicar esta lei em todas as aldeias e povoações, a fim de que alguma mulher surpreendida em estado de embriaguez, não possa pretextar ignorância.

"Significai aos panchayat [41], que se se beber daqui em diante o urrac em Punical, eu os tornarei responsáveis por este delito. Compeli-os seriamente a corrigirem-se antes da minha chegada, e a vigiarem sobre os hábitos dos seus subordinados. Dizei-lhes que eu se os encontro ainda entregues aos mesmos vícios, autorizado pelos poderes que tenho do pretor, os farei conduzir a Cochim; e não ficarão livres com esta viagem, que se não iludam, porque estou bem resolvido a retirar-lhes todos os meios de voltarem a Punicáb".

Tal era, pois, a firmeza que o grande Xavier sabia juntar à sua tão amável e tão insinuante caridade.

Todos os cuidados que ele empregava nas missões de que se achava afastado, não diminuía em coisa alguma os seus trabalhos e as suas conquistas; internava-se por aquelas terras, só, sem guia e sem conhecimento dos sítios.

"Podeis fazer idéia da minha vida depois que aqui estou, escrevia ele dum lugar cujo nome até ignorava; não compreendendo ninguém e não podendo fazer-se compreender. Contudo, baptizo os recém-nascidos, porque para isto não careço de intérprete, nem tão-pouco para socorrer os pobres, que sabem perfeitamente fazer-me compreender a sua miséria".

Os meninos cristãos eram de ordinário os seus mensageiros para levarem as suas cartas; alguns de entre eles tanto se afeiçoaram ao Santo que não o quiseram deixar; destes se servia ele para catequistas e intérpretes. Deixara um ao Padre Maneias, de quem falava na sua correspondência com o interesse de pai; nada é mais comovedor da parte do admirável apóstolo, preocupado e absorvido por tantos e tão magnânimos trabalhos, como a lembrança que encontramos por aquela criança, numa carta datada de Livare a 23 de Abril de 1544:

"Dizei da minha parte ao pequeno Mateus que continue a ser estudioso, a repetirem as lições que vós lhe dais, em voz alta, em pleno catecismo, a pronuncia-las bem. Quando eu para lá fôr, lhe farei um presente, que, estou certo, lhe causará muito prazer".

A fim de se poder dar uma idéia cabal das minudências em que ele entrava na direção das missões de que se achava afastado, citaremos o final da mesma carta:

"Dizei-me, acrescenta ele, se as crianças são exatas em concorrer às orações, e quantas de entre elas as sabem de cor. Peço-vos que não poupeis nem papel nem palavras, para lhas explicar e fazer-lhas aprender. Aproveitai a primeira ocasião para me satisfazer sobre todos estes pontos.

Que o Senhor seja convosco como desejo que seja para comigo! Que tenhais saúde. Vosso Irmão que muito vos ama em Jesus Cristo;

FRANCISCO".

No entretanto o nosso Santo ampliava o reino de Jesus Cristo com um progresso maravilhoso. Em Tuticorim, recebeu ele cartas do Padre Mancias que lhe causaram o maior pesar pela impossibilidade em que se via de poder ir ter com ele imediatamente, como desejava.

O coração e a alma de Xavier manifestam-se completamente na resposta àquele Padre, e que não podemos resistir ao desejo de a dar aqui, quase integralmente, visto ser o nosso fim fazer conhecer, sobretudo, a vida íntima do grande apóstolo do Oriente.

"Meu querido irmão em Jesus Cristo.

Deus, a quem tudo é conhecido, sabe qual o prazer que eu experimentaria se pudesse estar alguns dias convosco, de preferência a conservar-me em Tuticorim, separado de vós por tão pequena distância.

Mas, sendo a minha presença aqui de absoluta necessidade para terminar as dificuldades que poderiam arrastar esta gente a contendas perigosas, é irremediável que ambos nós saibamos sacrificar esta consolação à preciosa vantagem que o serviço de Deus pode colher desta pacificação, e que nos alegremos de estar onde não desejamos estar, e onde nos retém a mui santa vontade do Senhor, o seu reino e a sua glória.

Ainda mais uma vez vos imploro que não vos impacienteis contra essa desgraçada gente, quaisquer que sejam os seus erros e as suas reincidências. Conheço quão penoso nos é o ver-nos desviados a cada instante dos nossos trabalhos sérios para nos ocuparmos dos seus pequenos interesses; mas é necessário suportar estas importunações com paciência e

serenidade, e prestarmo-nos de bom grado a esses contratempos que nos vêm por todos os lados.

Fazei quanto puderdes; adiai com afabilidade o que não puderdes executar no mesmo momento; consolai com boas palavras aquele que não puderdes servir escusai-vos com bondade por não poder fazer o que vos pedem.

A esperança consola algum tanto aquele que não obtém desde logo o que deseja.

Vós deveis a Deus inúmeras e continuadas ações de graças, e creio que as rendeis devidamente, por vos ter colocado aonde não podeis estar ocioso, quando mesmo o queirais, porque trabalhos sem número vos roubam à porfia todos os momentos da vossa vida; mas o que faz a sua recompensa é o tenderem todos eles para a glória de Deus.

Mando Pedro à vossa disposição; tornai-me Antônio logo que esteja restabelecido, que, julgo, poderá estarem cinco ou seis dias.

A qualquer necessidade a que vos vejais exposto, quer seja de dinheiro, quer de conselhos, escrevei-me imediatamente; não vos podem faltar oportunidades pelos que vão e vêm diariamente.

Suportai esse povo com uma paciência e bons modos tais,, que nada vos possa alterar, com o fim de o arrancar ao vício e leva-lo ao bem. Se alguns daqueles pobres índios são rebeldes a todos os vossos esforços; se não podeis conquista-los pela vossa indulgência, lembrai-vos que a missão que vos foi dada consiste em punir, a propósito, aqueles que o merecem, e a tirar do mal para o bem os que podem ser estimulados.

Que Deus vos conceda os socorros que eu lhe rogo para mim próprio!

Vosso irmão que muito vos ama em Jesus Cristo.

Francisco".

VI. EM MANAPAR... MORTOS QUE RESSUSCITAM - DOM DAS LÍNGUAS

A 19 de junho de 1544, pela tarde, chegava Francisco Xavier a Coimbatour; a população apinhava-se em volta do seu apóstolo tão amado, regozijando-se pela sua volta, há tanto tempo desejada, quando Manuel da Cruz, aproximando-se dele, e esperando que acabasse de falar ao povo, lhe disse em seguida:

- Santo Padre, são muito más as últimas notícias da Pescaria!
- O que há, o que aconteceu lá, meu menino? perguntou o Santo.
- Os Badegás desceram! Saquearam tudo; os Paravás fugiram; morrem de fome nas florestas e nas cavernas!

- Meus queridos Paravás! meu Deus!

E o Santo tinha naquele momento, as mãos juntas e os olhos levantados para o Céu; parecia orar, ao mesmo tempo que as lágrimas lhe corriam pelo rosto.

- Vou para Manapar, onde encontrarei recursos para os meus queridos neófitos, replicou ele; parto imediatamente; amanhã correrei a socorrê-los. Pobres Paravás!

E partiu efetivamente, não obstante ser de noite, não obstante a dificuldade dos caminhos, e a dor que causava aos habitantes de Coimbatour, muitos dos quais quiseram acompanhá-lo para o defender em caso de ataque.

Os Badegás pertenciam a um povo aguerrido do reino de Visnagar, que de tempos a tempos invadiam as Costas e cometiam as mais horrorosas atrocidades.

Deixemos falar sobre isto o nosso Santo:

AO PADRE MANCIAS

Manapar, 20 de junho.

Eu parto para o cabo Comorim, levando vinte barcos carregados de víveres para socorrer os pobres neófitos que uma invasão dos Badegás, mortais inimigos do nome cristão, traz oprimidos de terror.

Eles abandonaram os seus lares e se refugiaram nas ilhas desertas, onde entre rochedos, se acham expostos aos ardores do sol e aos horrores da fome e da sede. Muitos sucumbiram já à miséria!

A sua deplorável situação dilacera-me a alma! Orai, pois, orai incessantemente por nós, e fazei rezar as crianças.

Eu escrevo aos portugueses e aos magistrados da Costa, exortando-os a socorrer estes desafortunados. Na recepção das esmolas não aceiteis nada dos pobres e muito especialmente dos que se fazem rogados, mas somente dos ricos e dos que derem de boa vontade. Em semelhantes colectas deve-se ter sempre em vista a boa vontade e as possibilidades da mão que dá.

AO MESMO

30 de junho.

Desde terça-feira que estou de volta em Manapar. Deus sabe que contratemplos eu tive nesta viagem. Parti com vinte tonas[42] para socorrer e consolar os cristãos: os ventos pareciam conspirar contra mim. Não pude conseguir, nem à força de remos, nem a reboque levar um barco sequer até o promontório! Todos os meios, todos os meus esforços foram inúteis.

Se os ventos cederem eu me porei de novo a socorrer, como me for possível, aqueles pobres desgraçados, na sua

aflição.

Quem poderia ter o coração tão insensível, que sendo testemunha dum tão grande infortúnio deixasse de tentar os últimos esforços de caridade? Não sei mesmo se, de todas as misérias que assaltam a humanidade, a que oprime neste momento aquele infeliz povo, que como nós crê em Jesus Cristo, não é a mais horrível!

Todos os dias chegam a Manapar alguns daqueles desgraçados; vêm em grupos, completamente nus e mortos de fome!...

Estivemos oito dias no mar e sei agora por experiência quanto as tonas são incômodas, especialmente quando é necessário lutar contra o furor dos ventos, furor tal, que todos os esforços humanos não têm podido subjugar.

AO MESMO

1 de Agosto.

Indo por terra, pude chegar, finalmente, ao promontório para visitar e consolar os cristãos que escaparam à ferocidade dos salteadores. Nunca presenciara um espetáculo tão comovedor e horroroso!

Não via diante de mim senão a palidez cadavérica, a nudez, a fome e a desolação!

Além; espalhados pelos campos, cadáveres infectos; aqui, feridos; doentes prostrados, sem socorro, sem medicamentos e lutando contra a morte que os estreitava!

Velhos decrepitos, extenuados, gemendo sob o peso dos anos e da miséria, procurando e esforçando-se em vão a dar alguns passos; mulheres abandonadas, crianças nascidas nas ruas, homens reduzidos á tal estupidez, que nem tentavam procurar socorros... Se um semelhante espetáculo se apresentasse a vossos olhos, o vosso coração experimentaria uma dilaceração inconcebível!

Fiz transportar todos os, pobres para Manapar; a maior parte já aqui estão. Ocupamo-nos agora em prover às suas necessidades mais urgentes: Orai e rogai a Deus Nosso Senhor para que faça chegar a compaixão ao coração dos ricos em favor destes desgraçados acabrunhados por toda a espécie de. misérias.

Alguns dias depois, acrescentava ele este postscriptum a uma carta pronta para ser expedida.

"Neste momento -acabo de receber uma carta de Guirim que me anuncia que os cristãos foram expoliados pelos Badegás; que se salvaram refugiando-sé nos bosques, e que um deles está ferido, assim como um idólatra.- Notícias as mais assustadoras nos afluem de todos. os lados!

Que Deus seja sempre louvado "!

E o Santo corre imediatamente em auxílio da cristandade novamente

acometida; ao mesmo tempo escreve ao rei de Travancor pedindo-lhe que promova todos os meios a seu alcance para fazer suspender a insânia e as devastações dos Badegás.

Aquele príncipe, que se fazia chamar o grande monarca e que ardentemente desejava conhecer o santo Padre, cujos milagres e atos apostólicos levaram a sua reputação grande nome a todos os Estados da península, aquém do Ganges, enviou-lhe embaixadores pedindo-lhe que fosse vê-lo, e prometendo tomar para com os Badegás todas as medidas necessárias, a fim de assegurar a tranquilidade dos Paravas. Em extremo satisfeito o nosso Santo pela ocasião que se apresentava de levar o nome de Jesus Cristo àquela nação inteiramente idólatra, preparou-se para a partida:

"Por entre os perigos a que vou expor-me, escrevia ele a 8 de Novembro de 1544, deposito inteiramente a minha confiança na proteção do Céu, que me virá das vossas orações e das crianças do vosso rebanho. Sob estes auspícios parto e vou afrontar com a maior serenidade todos os perigos de que os cristãos que me cercam fazem os mais horrorosos prognósticos.

São unânimes em assegurarem que vou expor-me a uma morte certa indo por terra; que os habitantes bárbaros daquele país me olham como o esteio, o sustentáculo do nome cristão, e que, por conseguinte, não deixarão de vingar-se pelo ódio e sanha que conservam à nossa santa religião; que é uma das maiores imprudências empreender a pé esta tão longa jornada de trinta léguas.

Mas para vos descobrir completamente a minha alma, vos direi que há certos momentos em que a vida se me tacha uma carga bem pesada. Sinto-me arrastado, a meu pesar, para todos os pontos de que procuram afastar-me.

Vejo e reconheço que é preferível deixar-me massacrar por ódio à nossa santa religião, do que continuar a viver como testemunha impotente de todos os ultrajes com que ofendem todos os dias o nosso Deus, não obstante todos os nossos esforços para os impedir.

Nada me entristece tanto como a capacidade em que me vejo de sofrer os escândalos que cometem todos os dias certas pessoas que vós conheceis!"

Este sentimento expansivo de dor, escapado da grande alma de Xavier, justificava-se pelas prepotências e extorsões que os portugueses exerciam para com os desgraçados índios, e pelo desregramento da sua conduta, que criava obstáculos aos progressos do Cristianismo, ou levava os neófitos a deploráveis reincidências. Porém Deus reservava uma grande consolação ao seu apóstolo.

Quando Francisco Xavier, acompanhado somente de Vaz Fernandes, entrou nas terras do reino de Travancor, a população correu a cercá-lo... não para o massacrar, como haviam receado os cristãos, mas sim para o ver e ouvir...

A língua daqueles povos não tem semelhança nenhuma com a dos países já percorridos pelo nosso Santo; é uma língua inteiramente nova para ele, e contudo fala de Deus àquele povo que o cerca e o povo compreende-o, bate as palmas e aplaude as verdades que ouve!... E Xavier também compreende o que aquela gente lhe diz, e estabelecem-se desde logo entre eles

relações de afecto e longa discussão que maravilha a todos!

Xavier fala aquela língua bárbara e pronuncia-a como um natural de Travancor! Exprime-se com a mesma facilidade como se falasse o português ou o francês!... Era porque o ilustre apóstolo estava sendo "guiado pelo Espírito Santo" como predissera, cinquenta anos antes, o santo mártir Pedro da Covilhã, e o Espírito Santo o favorecia com todos os seus dons, como prova incontestável da sua presença.

Até aqui tínhamos visto Francisco Xavier profetizar e operar admiráveis milagres; porém vemo-lo possuindo agora o dom das línguas. Para toda a parte para onde vá daqui em diante, os povos o compreenderão e ele também os compreenderá; e no seu entender, o compreendê-los e ser compreendido, era o mesmo que ter já feito uma conquista para Jesus Cristo e para a sua Igreja.

Toda a costa de Travancor se submeteu à obediência do Evangelho à medida que Xavier a percorreu, e havendo o rei, a seu pedido, autorizado os seus vassallos a professarem abertamente o Cristianismo, foram imediatamente erigidas quarenta e cinco igrejas pela piedade dos neófitos; em um mês somente baptizou o apóstolo dez mil pagãos!

Em cada aldeia que visitava, reunia todos os habitantes, homens, mulheres e crianças; conduzia-os a um campo, e ali colocava os homens de um lado, as mulheres de outro, e para ser ouvido de todos, subia a uma árvore e lhes anunciava as verdades cristãs. Era tal o entusiasmo dos pagãos quando o ouviam, que logo depois da instrução corriam aos seus pagodes e os destruíam completamente.

" Não posso descrever-vos a alegria que experimento, escrevia o nosso Santo, vendo cair sob o camartelo dos meus novos cristãos aqueles templos e aqueles ídolos que faziam há pouco o objecto do seu culto... Tais são, pois, as conquistas da Cruz sobre o império de Satanás... Ainda uma vez, a minha alegria, e a minha felicidade estão além de toda a expressão possível: a boca e a pena não podem descrever a minha admiração!"

Os brâmanes, desesperados pelos sucessos, muitas vezes o esperavam, na sua passagem, no escuro da noite, lanceando sobre ele um chuvaireiro de flechas, das quais só uma lhe chegou e só pôde ferir muito de leve a pele; deitou algumas gotas de sangue e nada mais sofreu: a Providência velava pelo seu escolhido.

Desconsolados os brâmanes, pelos maus resultados das suas tentativas, tentaram inutilmente outros meios; lançaram fogo a muitas casas, esperando que ele se achasse, refugiado em algumas delas: também isto foi em vão. Deus guardava o seu "vaso de eleição", e todos os esforços do inferno para o quebrar e destruir deviam ser ineficazes.

Os cristãos, aterrados e temendo pela vida do seu amado Padre, cercavam e vigiavam a distância e bem armados, a casa riu que ele se abrigasse; porém numa noite o Santo viu-se forçado a fugir para evitar o incêndio de toda a aldeia em que se achava.

Acompanhado de uma numerosa guarda de neófitos fiéis, ganhou Xavier o campo, subiu a uma árvore, e aí se ocultou entre as folhas esperando o dia; aquele expediente salvou-o da raiva infernal dos sacerdotes idólatras.

Neste meio tempo os Badegás, contra os quais as medidas do rei de Travancor haviam sido improficuas, fizeram uma nova invasão à Costa e atacaram precisamente os pescadores de Travancor, do lado do Cabo

Comorim. Desta vez era um exército sob o comando do naire de Madurá, capitão de conhecida experiência; ruão se tratava, pois, duma surpresa, mas sim duma guerra aberta e declarada.

O rei de Travancor reuniu as suas tropas, pô-las também em pé de guerra e marchou contra o inimigo. Anuncia-se a Xavier esta aflitiva notícia. O apóstolo cai de joelhos, e prostrando a fronte no pó, exclama:

"Senhor! lembrai-vos que sois o Deus das Misericórdias infinitas, o protetor de vossos fiéis cristãos! não abandoneis, pois, à raiva daqueles lobos devoradores o rebanho de que me fizestes pastor! Que os novos cristãos, tão fracos ainda na fé, não se arrependam de a ter abraçado! Que os infiéis não tenham a superioridade de oprimir aqueles que depositam as suas esperanças somente em Vós!"

Depois desta oração, ergueu-se cheio de força, de coragem e de resolução; seu semblante parecia reflectir um raio divino

"Segui-me! disse ele aos cristãos que o cercavam naquele momento; segui-me! Deus é por nós!"

E tomando o seu crucifixo, partiu à testa dos seus cristãos, como o conquistador marcha em busca da vitória. Chegado à planície, pela qual vinham os inimigos formados em linha de batalha, Xavier avançou até ao alcance da voz, ali se deteve, elevou o seu crucifixo, e em tom dum soberano. que fala aos rebeldes, disse:

- Suspendei! Em nome do Deus vivo proíbo-vos que avanceis um só passo mais! e, em seu lugar, vos ordeno que retireis imediatamente!

Os inimigos, fulminados por aquelas palavras, não se atrevem a avançar nem podem retirar-se...

- Que vem a ser isto? gritavam os que estavam na retaguarda. Para diante!

- Não podemos avançar um só passo, respondem os da primeira linha; temos diante de nós um gigante vestido de negro, e que lança pelos olhos flechas de fogo!...

Parecia inacreditável o que ouviam, e por isso alguns de entre os mais intrépidos avançam e vão tomar a vanguarda das tropas... porém o gigante formidável aparece-lhes ameaçador e terrível!

Eis que se resolvem a fugir, e se precipitam uns sobre os outros, despedindo gritos de raiva e de terror; a confusão e a debandada torna-se horrorosa e eles atropelam-se e despedaçam-se; a voz do chefe não é ouvida, e cada um cuida da sua segurança e salvação pessoal, crescendo que não podem efectuar a fuga senão através de mil dificuldades.

Os neófitos, satisfeitos por seu lado, correm a anunciar e a propalar este maravilhoso acontecimento por todas as aldeias vizinhas; a nova chega ao longe, e o rei de Travancor, que chegava, logo depois, à testa dos seus para combater os Badegás, exclama que quer ver o grande homem que acaba de operar aquele prodígio.

Xavier presta-se aos seus desejos; o rei abraça-o, agradece-lhe calorosamente e em termos os mais pomposos, terminando a sua arenga indiana por lhe dizer:

- Eu chamo-me o grande Rei e quero quede hoje em diante os meus vassallos

vos chamem o grande Padre!

- É a Jesus Cristo unicamente, responde Francisco Xavier, é ao Deus dos cristãos que todos devemos render graças; vós não deveis ver em mim senão o instrumento, dos mais insignificantes, que nada pode fazer por si só.

Conquanto o rei não percebesse a resposta do apóstolo, não lhe pediu explicações. Ele não queria para si a religião que não permite o vício; porém pretendia que ela se propagasse nos seus estados para satisfazer a Xavier.

Com este fim, fez publicar um édito pelo qual ordenava aos seus vassallos que obedecessem ao grande Padre como a si próprio; por este édito renovava ao mesmo tempo a autorização de se poder professar abertamente a religião do seu irmão Xavier, grande Padre do reino de Travancor. Para facilitar as coisas remetia o grande Rei, repetidas, vezes, ao grande Padre, consideráveis somas de dinheiro, que ele distribuía pelos pobres.

O nosso Santo percorreu toda a Costa com o mesmo resultado que tivera à sua chegada, porém com maior liberdade. Em Coullão [43], próximo do Comorim, encontrou maior resistência; pregava já por espaço de alguns dias, sem ver cair a seus pés senão um pequeno número de idólatras.

Xavier não estava habituado a ver que a palavra de Deus obtivesse tão poucos frutos; sua alma contrista-se.

Um dia; cercado de pagãos que o ouviam com indiferença, o seu semblante parece inflamar-se repentinamente, sua vista fixa-se no céu:

"Senhor! exclamou ele derramando copiosas lágrimas de dor, todos os corações são vossos! Podeis, se quiserdes, aplacar os mais obstinados, enternecer os mais duros! Dai hoje esta glória ao sangue de Jesus Cristo, ao nome do vosso divino Filho!"

E voltando-se para os seus ouvintes, diz:

- Ora bem! não acreditais na minha palavra? Crede então no que pode ser acreditável! Que provas de verdade quereis vós que vos apresente?

Naquele momento, lembra-se que na véspera um homem fora enterrado nas proximidades do sítio em que estava a falar:

- Abri, disse ele, aquela sepultura que fechastes ontem: tirai dali o corpo, mas certificai-vos primeiro se ele está realmente morto!

Os índios dirigem-se logo em grande número à sepultura que haviam encerrado na véspera, e tiram dali o cadáver:

- Grande Padre, ele cheira já muito mal; não há dúvida que está morto, dizem eles ao Santo que se tinha aproximado do grupo.

- Colocai-o além.

Depositaram o corpo no chão, aos pés do apóstolo, que ajoelhou por um momento, e depois levantando-se cheio de segurança, dirigiu-se ao cadáver:

- Em nome do Deus vivo, te ordeno que te levantes para provar as verdades que prego!

No mesmo instante o morto levanta-se, cheio de vida, cheio de saúde, cheio de vigor, e a multidão bate palmas, chora, tripudia, lança-se aos pés de Xavier e pede o batismo, gritando e exclamando que o único e verdadeiro Deus é o do grande Padre.

Morrera na mesma Costa, em Mutan, na antevéspera, um jovem cristão. Conduziam-no para o túmulo que lhe era destinado, acompanhado dum numeroso séquito de parentes e amigos, porque o falecido pertencia a uma das mais consideradas famílias da cidade.

Xavier encontra o préstito, e comove-se da dor profunda do pai e da mãe, que acompanhavam também os tristes e últimos restos do filho; olha para eles com terna compaixão e os desconsolados pais sentem, naquele momento, passar ante si um raio de esperança. Lançam-se aos pés do Santo e abraçando os seus joelhos, dizem-lhe:

- Grande Padre! restitui-nos nosso filho! Se dirigirdes uma palavra de oração a Deus, ele o ressuscitará! Grande Padre! uma só palavra de oração!

Xavier, enternecido por uma tão grande dor, renova o milagre operado outrora pelo Salvador do mundo, para com a viúva de Naim. Toma água benta, faz um sinal da cruz, asperge o morto e tomando-o pela mão ordena-lhe que, em nome de Deus, se levante, e o rapaz ergue-se, e Xavier entrega-o à sua ditosa família!

No mesmo sítio onde ele foi ressuscitado fez a sua família erigir uma magnífica cruz, e ali vinha, de muito longe, orar e agradecer a Deus um tal milagre. Todo o reino de Travancor quis ver e conhecer de perto o grande Padre, e todos que o vissem prostravam-se a seus pés pedindo o batismo.

Poucos meses foram bastantes para que o ilustre apóstolo conquistasse para Jesus Cristo toda aquela extensão do país. E depois de ter chamado para ali alguns missionários para cultivar aquele campo que produzia tão consoladores frutos, separou-se dos seus queridos neófitos, a fim de ir levar a luz do Evangelho às regiões mais afastadas.

VII. NOITE MISTERIOSA - JAFANAPATÃO - PRIMEIRO MÁRTIR

Era meia-noite; todos dormiam em Jafanapatão depois de um dia de vivas agitações e de cruéis angústias; reinava a tranquilidade por toda a parte; a lua inundava o espaço com a sua suave luz, as estrelas cintilavam no céu; era, finalmente uma das mais belas noites das regiões tropicais.

No vale, do lado ocidental da cidade, a meia encosta, na extremidade duma floresta de caneleiros, ouviu-se um ligeiro rumor, e um homem, que pelo traje e pela cor fácil era reconhecer-se por um europeu, saiu da floresta, olhou à direita e à esquerda, escutou como se temesse alguma surpresa, e seguro, sem dúvida, pela sua observação, desceu a vereda que separava a floresta duma vasta plantação de canas de açúcar, cujas altas -varas o encobriam completamente.

Chegado à base da colina, e entrando num terreno quase descoberto, dirigiu-se a uma árvore que parecia conhecer, e pôs-se a cavar a terra com toda a atividade, suspendendo o trabalho de espaço a espaço para enxugar a fronte, observar de novo e prestar ouvidos por alguns momentos.

Aquele trabalho foi longo porque o estrangeiro não estava, por certo, habituado àquela espécie de fadiga. Quando conseguiu cavar na extensão e profundidade das dimensões que pretendia, afastou-se alguns passos do sítio; ajoelhou e inclinando-se para o solo ergueu-se logo, levando nos braços o cadáver dum índio. Ainda havia sangue no cadáver!...

O estrangeiro beijou aquele sangue, levou o índio morto para a cova que acabava de abrir, tornou a deitar a terra que extraíra, orou alguns momentos, e tomando de novo pela vereda por onde viera, desapareceu na floresta.

Algumas horas depois, cada um voltava à sua vida habitual, e os primeiros índios que passaram próximo do terreno onde o estrangeiro enterrara o cadáver fizeram ouvir gritos de surpresa que atraíram de muito longe todos os insulares disseminados pelos campos. Estes por sua vez também soltam altos gritos; a grande nova espalha-se pela cidade, o rei é sabedor, tudo corre ao vale ocidental, e os gritos crescem com uma espécie de frenesi satânico.

Sobre a terra removida de fresco, via-se distintamente estampado o sinal duma cruz; esta marca era tão perfeita que não parecia ser obra de homem; daí os gritos de raiva do povo pagão excitado pelos brâmanes que viam naquela aparição um infalível caminho para a conversão dos idólatras.

O rei de Jafanapatão ordenou que se lançasse sobre a marca milagrosa uma considerável quantidade de pedras misturadas com terra; porém pouco depois a cruz formou-se de novo sobre aquele montão, tão perfeita como de antes.

"Ordeno, disse a majestade indiana, que se remova tudo quanto ali está, que se calque aos pés, que se destrua! Eu proíbo que a cruz torne a aparecer!"

Foi obedecido com prontidão; a cruz não tornou a aparecer, a multidão retira-se, e os brâmanes fazem ouvir gritos e exclamações de vitória: triunfam finalmente, do Deus dos cristãos!

Na manhã seguinte novo alarme: a cruz reaparece tão bela, tão perfeita como na véspera! O rei é logo avisado, corre para ali e ordena que se revolva tudo de novo em sua presença; quer a todo o preço obrigar o Deus dos cristãos a bater em retirada diante de si. Põe mãos à obra...

Mas, oh! prodígio! aquela cruz, que trabalhavam por fazer desaparecer, renasce luminosa! eleva-se e cresce à medida que se distancia da terra! Chegando a uma grande altura e tomando gigantescas proporções, conserva-se suspensa por muitas horas, e os pagãos maravilhados, exclamam em altos gritos que o Deus dos cristãos é todo-poderoso, que os seus ídolos nunca operaram coisa semelhante, e que a religião do grande Padre de Travancor é a melhor, pois que é a mais forte na luta.

Aquelas palavras são denunciadas ao rei pelos brâmanes; o rei, cuja cólera não conhecia limites, fez publicar um édito pelo qual ameaçava com a morte todo e qualquer vassalo de Jafanapatão que mostrasse respeitar, por qualquer modo que fosse, a religião do grande Padre Xavier, e preferisse o seu Deus aos ídolos reconhecidos como únicas divindades do rei e de todo o país sujeito ao seu domínio.

A sepultura sobre a qual apareceu a cruz maravilhosa está ali para atestar que com um rei como aquele, que então reinava, a execução segue de perto a ameaça, e que ninguém deve contar com a sua clemência.

Aquela sepultura encerrava o corpo do seu próprio filho, o primogênito da sua família; fora votado à morte por ordem do rei seu pai! Ele fora degolado... só por que havia reconhecido a divindade da religião cristã, e por que recusara voltar ao culto dos ídolos; preferira morrer... e morrera com a coragem dos primeiros mártires!

Seu pai ordenara que o corpo fosse lançado ao campo para que servisse de pasto aos animais ferozes; mas as feras respeitaram-no, e Fernando da Cunha, negociante português que instruíra o jovem príncipe nas verdades da fé, viera nas trevas da noite, dar misteriosamente ao mártir a sepultura que lhe havia sido recusada por seu pai...

Eis aqui o que havia excitado a cólera do rei de Jafanapatão. Os habitantes da ilha de Manaar, vassallos daquele príncipe, ouvindo falar dos prodígios operados por Francisco Xavier em toda a Costa da Pescaria, e das inumeráveis conversões que eram a sua consequência, enviaram-lhe emissários para pedir que os viesse instruir e baptizar.

Xavier, que não podia naquela ocasião abandonar os seus neófitos, mandara para ali um dos seus Padres, que em tempo obtivera a mais rica colheita.

Os brâmanes perdiam, assim, os meios de viver comodamente à custa da credulidade dos índios; desnorteados por se verem privados das suas oferendas, e não tendo também o direito de as exigir em nome dos seus ídolos, queixaram-se ao rei dos progressos do Cristianismo nos seus estados, e pediram justiça para um povo que ousava menosprezar a religião professada pelo seu soberano, destruir por toda a parte os pagodes, quebrar os ídolos e desacatar todos os deuses.

O rei, já inimigo da religião que reprovava os vícios a que ele se entregava, deu imediatamente ordem de massacre a todos os cristãos de Manaar, sem distinção de classes e de sexo, e aquela ordem bárbara foi fielmente executada; soubera ao depois que seu filho se dispunha secretamente a receber o batismo, e seu filho havia sido sentenciado à morte, como vimos!

A irmã daquele tirano era igualmente cristã de coração e de vontade; ela instruíra e educara naqueles preceitos o filho mais novo do rei e o seu próprio, e ambos anelavam o batismo; porém vendo a crueldade de seu irmão levada àquele excesso de raiva, a princesa temeu pelas vidas de seu filho e sobrinho, e resolveu afastá-los conquanto lhe fosse muito dolorosa aquela separação.

Confiou-os, pois, a Fernando da Cunha que os tirou secretamente de Jafanapatão e os levou a Manaar, onde deviam encontrar o pai de todos os cristãos das Índias, o nosso Santo, Francisco Xavier, cujo coração se achava dilacerado por aquela monstruosa perseguição. Ele recebeu-os com ternura inteiramente paternal; consolou-os e animou-os com a sua agradável e enérgica palavra, fazendo-os partir em seguida para Goa, onde encontraram, no colégio da Santa-Fé, uma nova família e os ternos cuidados da caridade cristã.

Sabedor o rei de Jafanapatão da fuga de seu filho e de seu sobrinho, expediu ordens para que os perseguissem e os conduzissem à sua presença a fim de os mandar matar.

Fez mais ainda: seu irmão mais velho, a quem ele usurpara o trono e o poder, havia-se retirado para o continente; despachou emissários com ordem de o descobrir, de o anatar e de lhe apresentarem a sua cabeça.

O fugitivo, a esta nova, apressou-se a tomar o caminho de Goa; ali, vendo-se em segurança, sob a proteção dos portugueses, instruiu-se na religião que seu irmão perseguia cozas tanto encarniçamento, e arrebatado de prazer pela sua sã doutrina, pediu o batismo; logo que o recebeu prometeu solenemente fazer pregar o Cristianismo nos seus estados, se algum dia recobrasse seus direitos ao trono de Jafanapatão.

O nosso Santo experimentava então uma grande e bem intensa dor, por ver assim perseguidos e ameaçados todos aqueles que desejassem renunciar os ídolos e reconhecer Jesus Cristo; derramava perante Deus lágrimas abundantes, mas gozava ao mesmo tempo de grandes consolações e escrevia aos seus irmãos de Roma:

"Agradeçamos a Jesus Cristo Nosso Senhor que se digna consolar-nos com o espetáculo do martírio, e que na sua infinita misericórdia e pela sua providência faz reverter em sua glória a perversidade dos homens, servindo-se da crueldade dos réprobos para preencher os tronos reservados aos escolhidos".

O infatigável apóstolo não se deixou ficar inactivo à vista daquela desolação.

Achava-se o vice-rei então em Cambaia, porém o coração de Xavier não cedia senão ante a vontade divina e nunca perante as dificuldades materiais, nem pela má vontade dos homens.

Chamou o Padre Mandas, confiou-lhe o cuidado das povoações da Costa da Pescaria e partiu.

Chegou a Cochim a 20 de janeiro de 1545; ali se deteve para tratar dos interesses daquela cristandade com D. Miguel Vaz, vigário geral de Goa, que ali trabalhava, incansavelmente pela salvação das almas, sob a sua direção, e viu cozas pesar que os obstáculos que se opunham aos progressos do Cristianismo eram bastante difíceis de vencer.

A cobiça dos portugueses, os desregramentos dos seus costumes, a sua severidade e dureza para os indígenas, era espinhos que em extremo mortificavam o coração do nosso Santo.

Os funcionários do governo, longe de secundarem os desejos de D. João III, prestando à religião o apoio das suas autoridades, deixavam-se seduzir pelo oiro dos brâmanes e toleravam o culto dos ídolos na cidade de Goa.

Os cargos públicos eram vendidos aos muçulmanos, ao passo que os cristãos eram deles excluídos. Concedia-se ao rei de Cochim, tributário do de Portugal, a liberdade de confiscar os bens de todos os seus vassallos que abraçassem o Cristianismo.

D. Miguel deplorava amargamente um semelhante estado de coisas que punha entraves a todos os esforços do seu zelo; desejava que Francisco Xavier fosse levar as suas queixas aos pés do trono; porém o grande apóstolo não podia ausentar-se sem perigo para as suas cristandades, e ficou combinado que D. Miguel Vaz embarcaria no primeiro navio a fazer-se à vela, e iria apresentar ao rei, em nome de Xavier, as queixas da religião.

Francisco Xavier escreveu a D. João III com tanta energia, dignidade e santa liberdade, que não podemos resistir ao desejo de reproduzir integralmente a sua admirável carta, na convicção de que ela agradará, não obstante ser algum tanto longa.

VIII. DESMANDOS DE EUROPEUS - TRABALHOS -
CARTAS AO REI DE PORTUGAL E A S. INÁCIO

S. FRANCISCO XAVIER AO REI DE
PORTUGAL

Cochim, 20 de janeiro de 1545.

Senhor

Aprouve a Deus que, Vossa Alteza ficasse penetrado desta grande verdade: que a Providência vos escolheu de entre todos os príncipes cristãos da terra, tanto para fazer a conquista das Índias como para provar a vossa fidelidade e o vosso reconhecimento no cumprimento dos seus desígnios. Deveis estar convencido que se Deus fez a escolha da Vossa Pessoa, foi menos para enriquecer o vosso fisco de preciosas produções e de ricos tesouros do Oriente, do que para dar às vossas heróicas virtudes, ao vosso ardente zelo, à inteligência dos vossos ministros, ocasião de submeter estes países infiéis ao império do Criador e Redentor do mundo.

É, pois, por este justo título que Vossa Alteza impõe aos seus delegados nas Índias um dever imperioso de contribuir com todos os seus esforços para a propagação da fé e para a honra da nossa santa religião.

Deveis estar persuadido, por certo, que um dia Deus tomará contas da salvação de tantas nações prontas a entrar no caminho evangélico se lho fizerem conhecer, mas que, esperando, caminham nas trevas, pelo meio duma sentina de vícios que ultrajam o Criador e precipitam aqueles desafortunados numa desgraça eterna.

D. Miguel Vaz, que ocupa aqui o cargo de vigário geral, leva aos pés do vosso trono uma fiel noção do que a experiência lhe tem provado sobre a docilidade destes povos ao jugo da fé, e sobre as vantagens que se apresentam em se propagar a luz do Evangelho.

Com a sua partida deixa tão grande pesar entre os cristãos deste país, que julgo a sua volta de absoluta necessidade para os consolar e consolidá-los na fé sem falar do interesse pessoal de Vossa Alteza, que pode confiar-se inteiramente neste ministro tão zeloso como inteligente, no encargo de promover a glória de Deus.

Enquanto este fiel e experimentado defensor presidir àquela obra, poderá Vossa Alteza contar com ela com segurança, porque estou convencido que as eminentes qualidades que lhe fizeram adquirir a afeição e o respeito dos povos, por espaço de tantos anos, não lhe deixarão perder ocasião alguma de propagar a religião e de a defender.

É de joelhos que eu conjuro Vossa Alteza, se toma algum interesse pelo serviço de Deus, pelo bem da sua Igreja, por tantos homens religiosos e respeitáveis que habitam estes

países por tantos cristãos recentemente conquistados à fé; se se digna, finalmente, honrar-me neste mundo com um favor qualquer, é de joelhos que eu vos conjuro a que nos volteis Miguel Vaz! ...

...O senhor arcebispo é um prelado duma virtude exemplaríssima; mas vós não ignorais, Senhor, que a velhice e as enfermidades que o oprimem o puseram fora do estado de conservar-se por muito tempo mais à testa duma administração tão penosa a dirigir. Contudo, se as suas forças corporais se acham abatidas, as forças intelectuais parecem crescer proporcionalmente; tal é o favor com que Deus se digna recompensar os que têm por muito tempo suportado o peso dos anos em seu serviço, e consagrado a vida em trabalhar para a sua glória. Sua alma ganha forças à medida que o corpo se debilita: é a vitória do espírito sobre a carne.

Vossa Alteza há compreendido, por certo, a necessidade de restituir ao senhor arcebispo o seu vigário geral.

...Senhor, suplico a Vossa Alteza, apelando para o vosso zelo no serviço de Deus, que acolhais com a vossa bondade e integridade ordinárias, as observações que eu Vos submeto aqui com o maior desinteresse. É somente a glória de Deus e o descargo e sossego da vossa consciência que a isto me move.

Eu conjuro Vossa Alteza a que não se limite a manifestar as suas intenções nas cartas dirigidas aos seus ministros; mas que dê uma publicidade solene às suas ordens, e que as sancione por punições exemplares aos prevaricadores.

Senhor, deveis temer que quando Deus citar Vossa Alteza a comparecer perante Si, o que acontecerá infalivelmente, e talvez em um momento em que menos o espereis, e quando não haja razão nem esperança de declinar aquele tribunal, deveis temer, grande príncipe, que aquele juiz irritado vos dirija estas terríveis palavras de acusação:

Porque não tendes procedido com rigor contra vossos ministros, contra os vossos vassallos que, nas Índias conspiravam contra mim, e não receavam declarar-se em estado de rebelião? Porque razão a vossa severidade não pôde feri-los senão quando eles eram negligentes na arrecadação do imposto e na administração das vossas finanças?

Senhor, ignoro que valor poderão ter as vossas escusas quando responderdes

Senhor, eu escrevia todos os anos para aqueles países, e todos os anos recomendava o maior Zelo, os maiores trabalhos pela vossa glória e pelo literal cumprimento dos vossos preceitos.

Não vos responderá Ele então:

Pois bem; mas vós deixáveis impunes todos aqueles que se mostravam indiferentes a essas ordens, ao passo que severos castigos feriam os que desleixavam os negócios da

administração da vossa fazenda.

Suplico, pois, a Vossa Alteza, e vos conjuro pelo zelo de que vos achais animado para a glória de Deus, pelo hábito em que vos achais de examinar-vos perante Ele sobre o modo como cumpris os deveres inerentes à autoridade real, suplico-vos, que envieis para aqui um mandatário que reúna as qualidades exigidas, a necessária autoridade, e cujas únicas funções sejam as de velar pela salvação das almas que correm aqui grandes perigos, sendo tão inumeráveis.

É necessário que este ministro não tenha de obedecer senão a Vossa Alteza, e seja absolutamente independente de todos os funcionários que dirigem a administração. É o único meio de evitar graves inconvenientes e escândalos opressivos que a religião tem sofrido até hoje.

Que Vossa Alteza estabeleça por um cômputo exato o total das riquezas temporais que Deus lhe prodigaliza destes países, e que dali se deduza o que se dispense aqui no culto e no serviço divino; e depois de apreciar cada coisa no seu justo valor, que Vossa Alteza faça uma partilha legítima entre Deus e Vossa Alteza.

Mas, Senhor, atendei! Regulai isso de modo que a religião e o reconhecimento presidam a esta partilha; que o Criador de todas as coisas, tão generoso, tão pródigo para convosco, não fique lesado, não seja ofendido por uma reserva egoísta e uma meticulosa parcimônia. Não demoreis isto não guardeis para amanhã: qualquer que seja o vosso empenho, será contudo já tarde.

É uma caridade verdadeira, uma caridade ardente por Vossa Alteza, a que dirige a minha pena; porque todas as vezes que os cristãos daqui vêem partir essas torrentes de tesouros que vão encher os vossos cofres, e de que se deixa apenas algumas gotas para as suas necessidades espirituais, que são, contudo, duma urgência importante, parece-me ver este infeliz povo dirigir ao Céu as mais amargas queixas contra um semelhante ato de avareza, exercido em nome da vossa autoridade real...

Eu rogo a Vossa Alteza que envie para aqui o maior número possível de membros da nossa Sociedade; carecemos ter muitos para os disseminar pelas costas de Malaca e pelas terras circunvizinhas, onde já grande número de almas invocam o nome de Jesus.

Os Padres-mestres Diogo e D. Paulo estão no colégio da Santa Fé. Eu nada vos direi do estado desta santa casa; os nossos Padres satisfarão a Vossa Alteza sobre este assunto. Somente rogarei que escrevais a Cosme Anes [44] pedindo-lhe que não abandone este estabelecimento; foi ele que o começou e o tem dirigido até ao presente; é, pois, importante que se não desanime e que lhe dê a última demão. Que Vossa Alteza lhe faça ver a recompensa que Deus lhe reserva no Céu, e que lhe prometais dar uma outra neste mundo, digna desta bela obra e digna da munificência real.

Francisco Mancias e eu habitamos o Cabo Comorim, em meio

dos cristãos que Miguel Vaz convertera. Tenho comigo três Padres indígenas.

O colégio de Cranganor, obra do Padre Francisco Vicente [45] avança com rapidez, e bem depressa ficará concluído se Vossa Alteza continuar a proteger aquela empresa. Tenho fundamentos para esperar que será um fecundo viveiro de homens religiosos, que converterão algum dia todo o Malabar. Suplico a Vossa Alteza que dê ao Padre Francisco Vicente um testemunho de satisfação, concedendo-lhe a esmola que solicita.

Como eu espero acabar os meus dias entre os índios, e não tenho esperança alguma de tornar a ver a Vossa Alteza neste mundo, concedei-me, grande Príncipe, o socorro das vossas orações, a fim de que possamos gozar ambos, na outra vida, dum repouso que não podemos ter nesta.

Rogai por mim ao Senhor, ao mesmo tempo que eu não cesso de lhe pedir por Vossa Alteza: eu lhe rogo que vos conceda a graça de sentir e de proceder em cada instante da vossa vida como o desejareis ter feito à hora da vossa morte.

De Vossa Alteza, o servo

Francisco Xavier [46].

Pela mesma ocasião escrevia o nosso Santo a Santo Inácio pedindo que lhe mandasse Padres da sua Companhia de reconhecida virtude e de saúde robusta e capazes de resistirem a grandes fadigas; e sobretudo, acrescenta ele:

"Enviai-nos homens que possam pôr os nossos neófitos ao abrigo dos insultos e do furor dos pagãos; porque muitas vezes, por um especial favor de Deus, se arriscam aos maiores perigos na defesa destes pobres cristãos, contra a insolência dos infiéis. É uma das ocasiões de martírio que a caridade nos fornece quase diariamente. Mas aqueles que Deus chama para aqui devem lembrar-se que nós todos somos mortais, e que o cristão não pode encontrar morte mais gloriosa do que dando o seu sangue por Aquele que derramou o seu por nós! Vale mais fazer homenagem da vida a Deus do que à natureza".

Xavier escreveu também ao seu amigo Simão Rodrigues, que se conservava ainda em Lisboa, pedindo igualmente para que lhe enviasse obreiros evangélicos. Desta carta se deixa conhecer toda a sensibilidade do amável coração do nosso Santo.

"Em nome de Deus, lhe diz ele, escrevei-me, eu vo-lo rogo! Se o não podeis fazer por vossa mão encarregai a algum dos nossos irmãos! Não economizeis papel, dai-me minuciosas notícias, fazei-me a enumeração de todos os nossos irmãos que estão em Roma, em Portugal e em outros pontos.

Ah! não temos tido neste mundo tão grande alegria como a que gozamos quando lemos as cartas dos nossos irmãos da Europa! Comunicai isto ao meu amigo Pedro de Carvalho. Dizei-lhe que eu o tenho, no meu coração, no número e na confiança dos nossos irmãos; eis porque não lhe escrevo em

particular. Dizei a mesma coisa a todos os nossos irmãos; dizei-lhes que o meu amor por cada um deles é tal, que de boa vontade escreveria a cada um em particular, se não me achasse persuadido de que cada um deles deseja mais que eu escreva uma única carta, que é um compendio útil para eles e necessário para mim".

Isto não era bastante para o coração do santo apóstolo; ele remeteu ainda por D. Miguel Vaz uma extensa carta dirigida à Companhia de Jesus em Roma. Parece que toda a sua alma se expande sobre aquelas páginas, de que citaremos somente dois fragmentos:

"Deus sabe, meus amadíssimos irmãos, quanto maior prazer eu experimentaria vendo-vos do que escrevendo-vos cartas dum distância tão grande que nos separa, e que torna a nossa sorte tão incerta! Mas se Deus quis que os nossos corpos e pessoas estivessem a tão grandes distâncias uns dos outros, a sua separação não tem, enfraquecido em coisa alguma os laços dum amor recíproco; estes laços ligam nossas almas pela mais estreita, pela mais íntima união. Se não nos achamos corporalmente juntos como outrora, ao menos as nossas almas não se separam nunca.

Não será a verdadeira amizade um espelho que reproduz ao amigo o seu amigo? Neste espelho eles se vêem e se falam sempre. Eu gozo desta presença contínua de todos os meus irmãos, mas devo isto às vossas orações; os sacrifícios que constantemente oferecereis por um miserável pecador, entretêm em mim a lembrança constante de vós todos e o meu ardente desejo de estar convosco.

Sim, meus queridos irmãos! Se eu penso tão continuamente em vós, é porque vós pensais ainda muito mais em mim! Que Deus vos recompense! Porque quanto a mim, todas as vezes que avalio tudo quanto devo aos membros da nossa Companhia, não posso deixar de reconhecer a minha insuficiência e confessar a nulidade dos meus meios.

Há oito meses, três famílias consideráveis do reino de Macassar, - distante quinhentas léguas aproximadamente da Costa aonde estou, - se converteram à fé com muitas outras. Pediram, em seguida, de Malaca, cidade sujeita aos portugueses, pessoas capazes de os instruir na lei de Deus, mostrando desejos de viverem, daqui em diante, como homens, depois de terem vegetado por tão longo tempo como brutos. O governador mandou-lhes alguns Padres.

Julgai por aqui, meus queridos irmãos, da colheita que prometem estas terras incultas! Pela minha parte, tenho esperanças e conto fazer neste ano cem mil cristãos. Rogai pois ao pai da nossa família que envie obreiros para o seu campo...

Se ouvísseis estas infelizes vítimas do embuste e da ilusão dizer-vos que estão prontas a receber a semente evangélica, se lha quiserdes levar, quanto pesar experimentaríeis vós, quantos obstáculos não procuraríeis vencer para lhes satisfazer?... Queira o Céu fazer-vos ouvir a sua voz e dar àqueles que ele tiver escolhido a força e a coragem para cumprirem a sua santa vontade!..."

IX. CONVERSÃO NO MAR - ARRIBADA A
CRANGANOR

FRANCISCO XAVIER, depois de se ter combinado com Miguel Vaz, como vimos, embarcou para Cambaia, com o fim de obter do vice-rei a expedição que desejava contra o tirano de Jafanapatão.

Logo que entrou no navio, reconheceu um daqueles fidalgos portugueses cujos escândalos faziam a maior dor do seu coração, e não quis perder esta bela ocasião de ganhar para Deus uma das almas que eram em extremo nocivas à sua glória nas Índias.

Para render este homem refaz-se o nosso Santo de todo o encanto do seu espírito, de toda a sua graça pessoal, de tudo; finalmente, quanto possuía de atrativo e sedutor, até ao entusiasmo.

O fidalgo português sente o encanto; procura a companhia do Padre Francisco, não pode passar sem ele, não se julga feliz senão junto dele. Mas cada vez que o apóstolo lhe fala da sua alma, não colhe mais que sarcasmos e ironias; porém insiste, ofendido contra uma impiedade que lhe sangra o coração. Xavier não desanima; quanto mais o pobre pecador mostra repugnância, mais o apóstolo lhe testemunha bondade e carinho.

O navio ancorou em Cranganor e os passageiros desembarcaram. Durante aqueles poucos dias de demora ali, o fidalgo não pôde resistir ao desejo de procurar a companhia do Padre Francisco, de passear com ele, de aproveitar; enfim, todas as ocasiões de gozar do prazer que lhe proporciona, a sua conversação.

Ao terceiro dia, passeavam eles juntos num denso palmar, quando inesperadamente Xavier, cedendo a uma inspiração divina, descobre-se até à cintura e bate em si tão rudemente com a sua disciplina, que rasga as carnes e o seu sangue corre abundantemente.

O português, que ao princípio olhara para ele com admiração, e mostrando-se estupefacto pelos violentos movimentos do Santo, solta gritos de horror logo que viu correr sangue

- Meu Padre! Que fazeis! Suspendei!... Isso importa um verdadeiro suicídio!...

- Ah! meu caro senhor, vós não quereis compreender as minhas palavras! é por vós, é por amor à vossa querida alma! mas isto nada é comparativamente com o que eu deveria fazer. Custastes muito mais caro a Jesus Cristo, e a sua Paixão, a sua morte, todo o seu sangue, todo o seu amor não tem podido enternecer o vosso coração!...

Senhor acrescentou ele, deixando-se cair de joelhos e levantando para o céu os olhos cheios de lágrimas, Senhor! lançai a -vista sobre o vosso sangue adorável e não sobre o de um pecador como eu!...

- Meu Padre! meu Padre! eis-me aqui! exclama o fidalgo lançando-se aos pés de Xavier; suplico-vos que me confesseis aqui mesmo, não adiemos para mais tarde! não retardemos um só instante!

E fez uma confissão geral, prometeu viver cristãmente e foi fiel à sua palavra. Aquela conversão, tão difícil até ali, consolou e alegrou

muito mais o coração do nosso Santo, porque dela esperava colher importantes resultados em benefício dos interesses da religião.

Chegado a Cambaia, obteve Xavier o que desejava: o vice-rei expediu ordens para reunir as tropas e formar um considerável exército em Nagapatão, a fim de cair de surpresa sobre o tirano de Jafanapatão, que devia ser entregue a Xavier sem condições; porque o Santo apóstolo que esperava o sangue das vítimas intercederia por ele e seus olhos se abririam à luz da fé.

Xavier tomou a estrada de Cochim, e tendo de demorar-se em Cranganor, hospedou-se em casa dum cristão cujo filho vivia numa deplorável devassidão.

O infeliz pai testemunhou ao Santo tão viva dor pela inutilidade das suas observações e dos seus conselhos no espírito do jovem, que Xavier, empregou as mais amáveis expressões para o consolar, e suspendendo-se por um instante, recolheu-se como arrebatado por uma iluminação súbita; depois, com o acento da inspiração e da certeza, disse ao desventurado pai:

- Vós sois o mais feliz dos pais! Agradecei a Deus, meu amigo, porque este filho, que para vós é hoje um objecto de tão amarga dor, se converterá, será religioso da Ordem de S. Francisco e terá a glória de morrer mártir!

Esta predição cumpriu-se literalmente. O jovem pecador converteu-se, entrou na Ordem de S. Francisco, foi mandado para o reino de Candia para evangelizar os bárbaros daqueles países e teve a felicidade de ali morrer mártir.

De volta a Cochim, encontrou ali, o nosso Santo, Cosme Anes que ele havia recomendado ao rei e por quem tinha particular afeição. Em uma das suas conversações, perguntou-lhe Xavier se o ano era bom para os negociantes portugueses

- Excelente, meu santo Padre, lhe respondeu ele, não pode ser melhor. Em mui poucos meses expedimos para a Europa sete carregações magníficas! Eu envio ao rei um diamante dos mais raros, que não custou menos de dez mil ducados em Goa, e que valerá trinta mil em Lisboa!

- Qual é o navio que leva esse diamante?

- É o Atougua, meu Padre. Confiei-o ao capitão João de Noronha.

- Eu sentiria grande pesar se tivesse remetido aquele diamante, tão precioso, por esse navio...

- Então porquê, meu Padre? porque o Atougua fez água uma vez? Mas ele está completamente restaurado, e vós o suporieis novo se o vísseis hoje.

O Santo guardou silêncio. Anes, persuadido de que ele tivesse conhecimento da sorte desta importante embarcação, acrescentou:

- Meu Padre, o vosso silêncio faz-me recear pelo Atougua. Recomendai-o a Deus, porque se ele se perde vou sofrer um considerável prejuízo. Eu não tinha autorização para comprar aquele diamante; se ele se perde, perco eu o seu preço e outras despesas que tive de fazer.

- Farei o que desejais, meu amigo, respondeu simplesmente Xavier.

Algum tempo depois, jantando o- nosso Santo com Cosme Anes, lhe disse:

- Rendei mil graças a Deus, meu amigo; o vosso belo diamante está já em poder da rainha de Portugal.

Mais tarde, recebia Anes uma carta do capitão do Atouguia; ele mandava-lhe dizer que poucos dias antes de chegarem a descobrir as costas de Portugal, se abrira uma veia de água por baixo do mastro grande; o rombo era tão considerável, era tão iminente o perigo para toda a equipagem, que se falava já em abandonar o barco e lançarem-se ao mar. Cortara-se o mastro grande, receava-se que o navio sossobrasse antes de se poder salvar a maioria dos passageiros que queriam lançar-se todos por uma vez às embarcações...

Mas eis que repentinamente a água desaparece! Que prodígio seria este! A abertura é tão grande! Como se operou isto?!... Examina-se a parte aberta e ela estava de todo fechada por si mesma... e o Atouguia, não tendo mais que duas velas, navegava admiravelmente e podia desafiar o melhor navio da armada real! Chegou em muito bom estado ao porto de Lisboa e não parecia ter sofrido; nenhuma avaria se dera também na sua rica carga.

O Padre Xavier deixara Cochim para ir reunir-se armada portuguesa em Nagapatão, em um navio que tocava a ilha da Vaca; desembarcou ali e percorreu o interior da ilha. Encontrou uma família chorando inconsolável a morte duma criança cujos tristes despojos iam ser entregues à terra.

Aquela dor comoveu o nosso Santo; ele consola a família banhada em lágrimas, sabe que é muçulmana e ordena à criança morta que ressuscite em nome de Jesus Cristo Filho de Deus; a criança ressuscita àquele nome.

O apóstolo não tem tempo de instruir aquele povo; porém deixando-lhe a lembrança do prodígio, espera pelo futuro e volta ao mar implorando a misericórdia infinita para aquele povo, que não tivera tempo de evangelizar.

Passando à vista da ilha de Manar, pediu para ali se demorar alguns dias. Logo que desembarcou naquela terra ensopada do sangue de tantos mártires, dirigiu-se à povoação de Passim... Toda a ilha estava infestada pela peste. Quando viram chegar o grande Padre, que tanto amavam já sem o conhecerem, os consternados Manarenses recuperam a coragem, convencidos de que o bom Padre não os deixará sem os ter livrado do horroroso flagelo. Expedem emissários para todas as aldeias vizinhas com o fim de anunciar a chegada do grande Padre dos Paravás, e imediatamente todos os válidos, que excediam ao número de três mil, correm a cercar Francisco Xavier.

- Grande Padre! exclamam eles, livrai-nos da peste! Grande Padre, tudo morre aqui! Contam-se mais de cem mortos por dia! Grande Padre, livrai-nos

- A vossa dor corta-me o coração, meus queridos Manarenses, respondeu-lhes Xavier! Sim, eu vou pedir a Deus, que é o Todo-Poderoso, e cuja bondade e misericórdia são infinitas, que vos livre deste flagelo pelos merecimentos de Jesus Cristo seu Filho, e pelos dos mártires de Manar que vão também orar por vós., Esperai! Eu vos peço que espereis somente três dias. Orai também, orai ao Deus das misericórdias infinitas que tenha piedade de vós, e tende confiança.

Ao terceiro dia a peste cessou, todos os doentes se viram instantaneamente curados e à mesma hora. Tudo quanto restava de pagãos na ilha de Manar

pediu o batismo com instância, não obstante a perseguição aberta contra os cristãos. O Santo apóstolo, depois de os ter baptizado a todos, deixou-os, para voltar à armada naval onde era esperado.

Quando chegou a Nagapatão, teve o desgosto de saber que a armada recusava atacar o rei de Jafanapatão. Um navio português, ricamente carregado que vinha do Pegu, naufragara na costa de jafanapatão; o rei estava de posse da preciosa carga, e os mercadores portugueses, persuadidos de que não obteriam nada, se a armada começasse as hostilidades, combinaram-se a seduzir os oficiais a preço de ouro, e estes recusavam-se ao ataque ordenado pelo vice-rei.

Xavier viu nisto oposição da Providência ao plano que formara; renunciou também a ele e tornou a embarcar para voltar a Travancor. Passando em frente da ilha de Ceilão, lançou sobre ela um triste olhar.

"Ah! desgraçada ilha, disse ele, vejo-te coberta de cadáveres! Rios de sangue te banham por todos os lados"!

Algum tempo depois, D. Constantino de Bragança, e depois dele D. Furtado de Mendonça, faziam passar a fio de espada todos os habitantes da ilha, e o tirano que reinava em Jafanapatão e seu filho foram desapiadadamente massacrados.

O vento, constantemente contrário, forçou o nosso Santo a voltar para Nagapatão. Durante aquela penosa viagem soube que os insulares de Macassar anelavam ansiosos pelo momento em que lhes fosse permitido ouvir-lhe pregar o Evangelho, de que eles não tinham senão uma idéia muito confusa, levada para ali por um mercador português.

A esta nova, exalta-se o zelo do grande apóstolo, que resolve partir no mesmo instante para Macassar, a fim de aproveitar a ocasião dum tão rica colheita, que, dizia ele, não supunha tão fácil; mas carecia antes de tudo de consultar a vontade de Deus.

Na sua chegada a Nagapatão, encontrou Miguel Ferreira que acabava de fretar o seu navio, e que se achava prestes a partir para Meliapor. Xavier aproveita esta circunstância e embarca com ele a 29 de Março, domingo de Ramos, com o fim de ir implorar as luzes divinas junto do túmulo de S. Tomé.

O vento, então favorável, nas costas de Coromandel mudou repentinamente, e obrigou-os a ancorar próximo dum promontório; sete dias decorreram à espera do momento em que pudessem, sem perigo, ganhar o alto mar. O admirável Santo conservou-se por aqueles sete dias em contínua contemplação e sem tornar o mais ligeiro alimento.

No Sábado Santo, somente, a pedido de Diogo Madeira, anuiu em beber um pouco de água, na qual pediu que se fizesse cozer uma cebola. Este facto foi atestado por todo os passageiros.

Naquele mesmo dia, q. de Abril, tornando-se melhor o tempo, puderam levantar âncora e voltar ao mar:

- Capitão, o vosso navio é bastante forte para resistir a uma violenta tempestade? perguntou Xavier.

- Oh! não, santo Padre; é, ao contrário, um velho barco; porém eu não o exponho nunca quando o tempo não está seguro.

- É necessário, pois, tornar a ganhar o porto, senhor.

- Oh! Padre Francisco! como, pois, tendes vós medo com um tempo assim? Eu iria a Meliapor em uma cascazinha de noz com um vento como este.

- Não vos fieis nisso, capitão, poderíeis enganar-vos!

- Meu Padre, olhai para este belo céu, nunca vi melhor tempo para o mar, eu conheço-o; a mais frágil barca estaria em segurança com este vento. Nada temais, Padre Francisco! Confiai em mim, que sou um velho homem do mar. Vós chegareis a salvamento.

Xavier não insistiu mais; além disto os passageiros recusavam voltar ao ancoradouro que haviam deixado. Mas no mesmo instante o mar mostra-se agitado; um ponto negro se apresenta no horizonte; avança e sobe rapidamente, e o navio, jogando em todos os sentidos, ameaça sossobrar, quando uma violenta rajada de vento, retrocedendo-o com uma força prodigiosa, o lança precisamente na rada de Nagapatão, de onde haviam partido.

Imagine-se o pesar do capitão e da equipagem, ao recordarem-se que nenhum de entre eles atendera as advertências do santo Padre.

Xavier tinha de fazer a sua peregrinação ao túmulo do primeiro apóstolo das Índias; para evitar novas demoras, tomou o partido de fazer a viagem por terra e a pé, não obstante a distância e as dificuldades dos caminhos.

X. EM MELIAPOR - ACONTECIMENTOS PRODIGIOSOS - EMBARCA PARA MALACA

Toda a cidade de Meliapor conhecia pela reputação o nosso Santo; causou por isso um movimento geral a sua chegada ali. Gaspar Coelho, vigário da paróquia de S. Tomé, veio pedir-lhe instantemente que aceitasse a sua casa e não teve dificuldade em o conseguir, porque o presbitério se achava ligado à igreja onde estava o túmulo do primeiro apóstolo das Índias, e Xavier lembrou-se que poderia ali passar uma parte das noites.

Reclamavam já o seu ministério, e com o zelo que lhe conhecemos, previa ele já que os seus dias seriam absorvidos pelos trabalhos apostólicos, em vista do deplorável estado de relaxação de costumes em que se achava a cidade de Meliapor.

Logo nos primeiros dias da chegada, fez ouvir a sua poderosa voz sempre abençoada, sempre apoiada pela mais eminente santidade de vida, e logo também nos primeiros dias viu-se cercado dum grande número de pecadores que a sua palavra havia esclarecido e convertido.

A exaltação do povo chegou a ponto de se propalar o boato de que todos aqueles que resistissem às exortações do santo Padre morreriam como réprobos; citavam-se até exemplos horrorosos, e o número de pecadores crescia em torno do santo Padre para ouvir as suas prédicas, para aliviar a sua consciência e para procurar a paz da alma a fim de serem admitidos à graça de Deus.

Alguns pecadores, contudo, - mas em mui pequeno número-, evitavam ver e ouvir o santo Padre, a quem ninguém resistia.

Um deles, rico fidalgo português, cujas devassidões eram o maior

escândalo da cidade, fugia de Xavier com tanto maior cuidado, quanto mais conhecido ele se tornava. Um dia, no momento em que ia à mesa do jantar, o Padre Xavier apresentou-se em sua casa

- D. Jacinto, lhe disse ele afavelmente, desde a minha chegada, aqui, desejo ver-vos e não vos encontro em parte alguma!

- Meu Padre...

- Eu tenho pouco tempo de meu, não posso fazer visitas e venho pedir-vos de jantar; aceitais-me, não é assim? Não achei outro meio de vos ver.

- Certamente... meu Padre... é uma grande honra para mim, balbuciou D. Jacinto.

Xavier foi amável, insinuante, jovial, espirituoso, atraente como o era sempre que a glória de Deus e a salvação duma alma o chamava, porém não falou absolutamente nada ao seu hospedeiro dos escândalos da sua culpável vida.

Jacinto via-se confundido. Perguntava a si mesmo como era que um Santo como o Padre Xavier, que nunca deixava escapar uma só ocasião de conquistar uma alma, e que buscava os pecadores com tamanhas fadigas e um tão ardente zelo, não lhe dissesse uma palavra sequer com relação à sua consciência. A sua admiração cresceu ainda quando viu que o amável Santo o deixava e se retirava com a mesma afabilidade que mostrara à chegada.

Então operou-se na sua alma uma perturbação inexplicável; Jacinto, oprimido pelo pensamento de que o apóstolo havia julgado inútil ocupar-se da sua salvação, porque o supunha incorrigível, não gozou um só instante mais de repouso, e resolveu-se a ir procurar o santo Padre.

- Meu Padre, lhe disse ele, o vosso silêncio confundiu-me! Será porque me olheis como um réprobo que nunca obterá o perdão dos seus pecados?

- Certamente que não, caro senhor. E porque razão? - Viestes a aninha casa, meu Padre, e nem uma palavra me dissestes com respeito à minha consciência!...

- Ah! vós não me teríeis escutado! Preferi guardar silêncio...

- Oh! meu bom Padre, foi este silêncio que me perturbou. Não tenho tido um só momento de descanso depois da vossa visita; sou o mais desgraçado dos homens! Se é tempo ainda, -meu caríssimo Padre Francisco, não me abandoneis!

- Sempre é tempo de recorrer à misericórdia infinita de Deus, querido senhor; porém vós tendes grandes sacrifícios a fazer para pôr em ordem a vossa consciência...

- Farei tudo que quiserdes, meu bom Padre! Tudo sacrificarei, obedecer-vos-ei cegamente, uma vez que não desesperarei da minha salvação.

O Santo ouviu-lhe uma confissão geral, e Jacinto completamente regenerado na sua vida, veio a ser um fervoroso e exemplar cristão.

Os prodígios acompanhavam por toda a parte o grande Xavier. Bento Cabral, mercador português em Meliapor, achando-se de partida para Malaca, foi pedir-lhe a sua bênção e suplicar-lhe que lhe desse em lembrança um objecto qualquer que ele pudesse conservar.

- Eu nada tenho, respondeu-lhe o humilde Santo; não vos posso dar mais que este rosário, que vos será útil, se tendes confiança em Maria.

Bento embarcou e o seu navio quebrou-se contra um rochedo; todos os passageiros e a maior parte dos marinheiros desapareceram submergidos, e os outros salvaram-se sobre uma rocha à flor da água; o mercador está entre eles com o seu rosário na mão. Eles reúnem algumas pranchas, restos do navio quebrado, e lançam-se nelas à mercê da Providência!

O nosso mercador não largava o seu rosário; invoca a Estrela do Mar, oferece os méritos do santo Padre Xavier e perde o sentimento e o conhecimento da sua situação. Não supõe que se acha no mar, supõe-se em Meliapor junto do santo Padre, julga estar a falar-lhe e a ouvi-lo... E eis que de repente torna a si... Vê-se em terra, sobre uma costa que lhe parece desconhecida e cujo nome pergunta aos estranhos que o cercam, porque os marinheiros, seus companheiros de infortúnio, não estão a seu lado. Respondem-lhe que está 'em Nagapatão, e ele publica, com todo o entusiasmo do seu elevado reconhecimento, a maneira milagrosa como foi salvo das ondas.

O navio de Jerónimo Fernandes de Mendonça fazia toda a sua fortuna, e aquele navio foi aprisionado pelos corsários do Malabar em frente do cabo Comorim. Jerónimo, para salvar a sua vida, lança-se ao mar, ganha, a nado, a costa de Meliapor e ali encontra o santo Padre a quem expõe a sua cruel situação.

- Se eu pudesse lastimar-me por ser pobre, respondeu-lhe o caritativo apóstolo, lastimá-lo-ia neste momento! Mas tende coragem, meu caro amigo! A divina Providência não vos abandonará, ela virá em vosso auxílio.

Dizendo isto, o Padre Xavier revolve a sua algibeira, e como penalizado de nada achar nela, dirigiu um olhar suplicante para o Céu e afastou-se alguns passos orando. Torna a meter a mão na algibeira, e voltando-se para Jerónimo, diz-lhe:

- Caro senhor, tomai isto, o Céu vo-lo envia, aceitai, mas não digais nada a ninguém!

E dava-lhe cinquenta ducados de ouro. Jerónimo Fernandes, ébrio de alegria, por ter com que restabelecer os seus negócios e por ser devedor daquela fortuna a um milagre da Providência, empenhou-se em o fazer publicar, não obstante a oposição do santo Padre. Deus quis que o prodígio não pudesse ser contestado, porque aquelas peças de ouro foram reconhecidas como de uma matéria mais pura e de maior valor que a de todas as moedas em circulação nas Índias.

A grande santidade de Xavier produzia em Meliapor tão salutar fruto como a sua palavra, e a cidade inteira reformava-se com um empenho bem consolador para o coração do apóstolo amado de Deus.

Uma das mais satisfatórias conversões para ele, foi a de João de Eiro que depois de haver servido na armada portuguesa, se enriquecera no comércio das Índias, conquanto não tivesse ainda senão trinta e cinco anos. Veio um dia procurar o santo Padre e disse-lhe:

- Meu Padre, venho comunicar-vos um pensamento que me preocupa há muitos dias. Eu desejava servir a Deus o mais completamente possível, mas a pobreza aterra-me; permiti, pois, que me una a vós, que vos acompanhe por toda a parte, e que tome parte em todos os vossos cuidados; eu vos

auxiliarei da melhor vontade nas vossas missões.

- Não está nisto a perfeição evangélica, respondeu-lhe Xavier. Lembrai-vos do conselho dado por Nosso Senhor Jesus Cristo ao jovem do Evangelho que lhe perguntou o que deveria fazer para ser perfeito: Se quereis ser perfeito, lhe disse o divino Salvador, vendei tudo quanto tendes e dai o seu valor aos pobres.

- Pois bem, meu Padre, dar-vos-ei tudo que tenho e vós o dareis aos pobres.

- Não é também desse modo que isto se deve levar à execução. Examinai primeiramente a maneira como vos enriquecesteis nos vossos negócios. Pode acontecer que encontreis algumas restituições necessárias; preparai-vos a fazer uma boa confissão geral, e com a vossa consciência purificada por esta confissão e pelas restituições, obtereis mais facilmente a graça de conhecer a vontade de Deus para convosco.

João de Eiro submeteu-se à direção de Xavier; mas bem depressa a pobreza tornando-se-lhe intolerável, fretou misteriosamente uma pequena embarcação e dispunha-se a partir, às ocultas do santo Padre, a fim de recomeçar as suas empresas comerciais, quando o catequista Antônio veio ter com ele e disse-lhe

- Senhor João, vinde depressa falar ao Padre Francisco; ele espera-vos.

- Enganais-vos, Antônio; é algum outro João que o Padre procura, não pode ser comigo.

- Sois vós mesmo, por que ele me disse: João de Eiro; é urgente, vinde depressa!

Ei-lo, algum tanto desconcertado, e temendo que o Santo, sempre esclarecido por Deus, conhecesse já o seu plano secreto satisfez ao chamamento que lhe era feito.

- Vós pecastes! disse-lhe Xavier, logo que o viu.

- É verdade, é verdade, meu caro Padre! pequei; cedi a uma violenta tentação de voltar ao meu comércio!

- Penitência, pois, meu amigo, penitência! lhe respondeu o apóstolo levantando-o e abraçando-o.

Porque Eiro, não podendo sustentar a suavidade e a penetração do angélico olhar de Xavier, se prostrara a seus pés. Rendeu-se de todo contrito da sua falta, confessou-se, tratou em seguida de vender tudo quanto possuía, deu toda a sua importância aos pobres, reuniu-se ao santo Padre, e o seguiu na qualidade de seu catequista. Antes de largar Meliapor, onde ia deixar tão gratas recordações, escrevia o nosso Santo à Companhia de Jesus, em Goa, a 8 de Maio de 1545:

"...Opondo-se os ventos à minha volta, fui para Meliapor. Ali, sobre o túmulo do santo Apóstolo não cessei de pedir a Deus, por sua intercessão, para que me faça conhecer a sua divina vontade, à qual estou resolvido a ser fiel, com o auxílio da sua graça, por qualquer preço que seja. Aquede que dá o desejo, dá os meios de o cumprir. Deus, na sua infinita misericórdia, lembrou-se do seu indigno servo, pois que eu sinto repentinamente a alma

expandida pela alegria, o coração inundado de delícias, e reconheci que Deus me chamava a Malaca e dali para Macassar...

O Padre Francisco Maneias está em Comorim com alguns Padres do Malabar; o seu zelo é tal, que a minha presença ali é inútil. Os Padres que têm passado a estação das chuvas em Moçambique e aqueles que vieram neste ano de Portugal, poderão ir para Ceilão com os príncipes e senhores daquele país, que para ali voltam.

Quanto a mim dirigir-me-ei para Macassar, com a esperança de que Deus protegerá a minha coagem, pois que foi ele que me inspirou esta resolução, e que em prova de que é de seu agrado encheu a minha alma duma abundância de delícias!

Estou tão convencido da vontade de Deus, que se eu retardasse a execução deste projecto, somente por alguns instantes, julgar-me-ia em guerra aberta com o Céu!

Não me atreveria a esperar mais nada da sua soberana bondade, nem nesta vida, nem na outra. Assim, na falta de navio mercante português, acho-me decidido a embarcar em um barco de pagãos ou Sarracenos.

Tenho tão grande confiança em Deus, cujo amor somente para ali me leva, que sem hesitar, com o único bafejo do Espírito Santo, afrontei todas as tempestades do Oceano na mais débil barca. As minhas esperanças não se acham ligadas nem às velas, nem às âncoras, nem aos marinheiros. Deus unicamente! eis o meu piloto, eis a minha âncora de misericórdia e de salvação!

Ah! meus queridos irmãos, orai, orai constantemente por mim, miserável pecador! Não me esqueçais nas vossas orações diárias, nos vossos santos sacrifícios; recomendai-me a este Deus tão cheio de bondade! É em seu nome que eu vos rogo..."

O que poderíamos dizer do zelo do nosso admirável apóstolo que não estivesse muito abaixo desta ardente e magnífica expansão da sua alma?!...

Ele não pôde partir tão depressa como desejava, e conservou-se em Meliapor até aos princípios de Setembro, e só então embarcou para Malaca, deixando em lágrimas a população que acabava de reformar, e cuja vida se tornara tão edificante, que ao deixar a cidade disse:

"Meliapor é uma cidade das mais cristãs; Deus a abençoará: em poucos anos ela virá a ser uma das mais ricas e florescentes cidades de toda as Índias!"

E aquela predição cumpriu-se, poucos anos depois.

MALACA - ILHAS MOLUCAS - VOLTA A MALACA

SETEMBRO 1545 - JANEIRO 1548

Índice

I. EM MALACA - CURA OS DOENTES -
MORTA QUE RESSUSCITA

II. A VIAGEM - EM AMBÔINO, BANDA
E TERNATE

III. CELEBES, MACASSAR E
TERNATE - PARTE PARA AS ILHAS DE
MORO

IV. NAS ILHAS DE MORO - VOLTA A
TERNATE E A MALACA

V. ARMAS PORTUGUESAS
VITORIOSAS - EMBARCA PARA COCHIM

MALACA - ILHAS MOLUCAS - VOLTA A MALACA

SETEMBRO 1545 - JANEIRO 1548

I. EM MALACA - CURA OS DOENTES - MORTA QUE RESSUSCITA

O nosso infatigável Santo desembarcou em Malaca, a 25 de Setembro, depois da mais feliz viagem, e com a consolação de haver operado muitas conversões no mar, entre os marinheiros e passageiros...

Apresentou-se, sem demora, em casa do governador da cidade, a fim de obter dele os meios de seguir para Macassar; mas o governador, fazendo-lhe saber que um outro santo Padre estava já em missão naquela ilha, e que nenhum capitão sairia com aquele destino senão dali a alguns meses, Xavier conheceu que a vontade de Deus era que ele trabalhasse em Malaca, e no mesmo dia começou as suas pregações.

Estabeleceu-se no hospital, entre os pobres e os doentes, que para ele eram sempre os membros sofredores de Jesus Cristo; e neste pensamento chegou a amá-los com tão grande afeição que, se pudesse, não os deixaria nunca mais.

Na mesma tarde percorreu as principais ruas da cidade, agitando, de vez em quando, uma pequena campainha e repetindo em alta voz:

" Orai pelas pobres almas que estão em pecado mortal! "

A voz do apóstolo era suave, melodiosa, penetrante como uma voz do Céu, e os pecadores que o ouviam nas horas de prazer e de loucas dissipações, sentiam-na vibrar como um remorso no fundo da sua alma, não obstante a agitação exterior a que se entregavam.

A reputação de Xavier havia-o precedido desde muito em Malaca; havia também muito tempo que desejavam e esperavam ver ali, um dia, aquele a quem chamavam o santo Padre, e que todas as Índias portuguesas olhavam como o seu bem e sua propriedade. Por isso, desde a manhã do dia imediato ao da sua chegada, via-se o povo dirigir-se em massa para o hospital; todos

desejavam ver o santo Padre dos portugueses e dos indianos, cujos inumeráveis prodígios tinham produzido tão grande eco por todos os países tributários de Portugal; todas as mães queriam apresentar-lhe seus filhos.

O amável Santo não se recusou a este empenho. Malaca era uma cidade perdida de vícios; ele desejava reformar os seus costumes, e para isto carecia de conquistar desde logo os corações.

Sabendo que o largo do hospital estava repleto de povo, que pedia em grandes alaridos para ver o santo Padre, Francisco Xavier apresentou-se àquela multidão e dirigiu-lhe algumas palavras tão amáveis que produziram lágrimas. Depois aproximou-se das crianças que todas lhe estendiam os braços; abençoou-as e chamou a cada uma pelo seu nome de batismo, como se já as conhecesse.

As mães choram de enternecimento e de felicidade; as crianças mostram compreender e apreciar a graça concedida à sua inocência; agitam-se nos braços de suas mães, sorrindo para o apóstolo, que as abençoava, enquanto os de maior idade procuram aproximar-se dele para beijarem a orla inferior da sua pobre batina, e alguns mais felizes conseguem beijar as suas mãos. Ele ia a entrar no hospital quando um grande grito partiu daquela vasta praça:

- "Santo Padre! santo Padre! não vos retireis sem nos abençoar a todos!"

E toda aquela multidão se pôs de joelhos, e levantando as mãos para o santo Padre, suplicaram que abençoasse os pais assim como abençoara os filhos. Xavier lanceou-lhes a sua bênção, convidando-os a que viessem ouvir as suas pregações e instrução.

Desde a manhã seguinte o concurso foi prodigioso; a catedral não tinha capacidade para conter a multidão que se apresentava a ouvir o apóstolo venerado; mas aqueles cuja presença ele mais desejava, porque eram os mais culpados, não se viam ali!...

Contudo, a perseverança com que ele percorria, todas as tardes, as ruas da cidade agitando a sua campainha e repetindo: "Rogai a Deus pelas pobres almas que estão em pecado. mortal", foi coroada dos mais felizes resultados.

Em cada uma daquelas tardes muitos pecadores caíam em si ao ouvirem aquela voz que parecia vir do Céu para os tirar do abismo em que se achavam submergidos, escutavam o grito da sua consciência; viam o seu desgraçado estado, e apoderando-se das suas almas o arrependimento, fazia-os ir aos pés daquele cujo zelo e caridade assim os chamava.

Alguns resistiram, contudo, àquela voz do remorso, e Xavier, moderando o seu zelo, a fim de mais seguramente os chamar, procurou atraí-los a si pelo encanto do seu espírito e pela graça das suas maneiras.

João de Eiro assegurava que nunca vira o santo Padre tão amável como em Malaca; nunca descobrira tanto atrativo na sua angélica doçura. Conseguiu subjugar assim todos os espíritos. Um daqueles que mais tempo lhe resistira, dizia:

- "O Padre Xavier é o senhor da cidade; ele possui todos os corações".

Aqueles corações que o nosso Santo possuía tão completamente, deu-os

ele todos a Deus; a regeneração foi completa em toda aquela cidade, pouco antes tão pervertida, a frequência dos sacramentos foi restabelecida, e concorriam ao tribunal da penitência com tanto empenho, que o apóstolo não era bastante para acudir àquele excesso de trabalho, conquanto parecesse multiplicar-se, porque ninguém se queria confessar senão a ele.

Além disto, em parte alguma operara Xavier tantas milagres como em Malaca; parecia que o poder divino se tornara seu, pois que tanto se comprazia Deus em conceder tudo às suas orações.

Um dia, Francisco Xavier toma a mão dum pobre doente, prodigalizando-lhe as consolações que o seu coração sabia achar para todas as dores... e eis que o doente se vê curado no mesmo instante! Isto foi bastante; a notícia propagou-se imediatamente, dizendo-se que bastava só tocar-se nas mãos benditas do santo Padre para ficarem curadas as doenças mais rebeldes.

Desde então, todos que sofriam procuravam chegar-se ao Padre Xavier e tocar ao menos na ponta da sua batina os doentes que conseguiam esta felicidade voltavam curados. Bem depressa ele se viu cercado em todas as ruas por onde passava; levavam os doentes para junto dele, pediam-lhe que parasse, que os tocasse, que os abençoasse, e o coração do apóstolo, não podendo resistir àqueles lamentos de dor e de esperança, tocava os doentes invocando o doce nome de Jesus, e os doentes eram curados. Suplicavam-lhe que entrasse nas casas dos doentes impossibilitados de sair; ele entrava neles, ordenava aos enfermos que se levantassem em nome de Jesus, e os enfermos levantavam-se àquele nome.

Antônio Fernandes, jovem de quinze anos, achava-se perigosamente doente, e sua mãe, desconsolada pelos maus resultados da ciência, vai consultar uma célebre feiticeira, apesar de ser cristã; havia sido pagã e sucumbia à tentação que a perseguia de recorrer ao seu antigo oráculo.

A feiticeira Naí leva ao jovem doente um cordão com o qual liga o seu braço e retira-se. Pouco depois, o jovem perdia a fala e lutava em horrorosas convulsões; os médicos, que foram chamados, declaram que ele não resistirá àquela crise. Uma amiga de Joana Fernandes diz-lhe então

- Se chamásseis o santo Padre, ele curaria o vosso filho, tenho a certeza disso.

- Que lhe supliquem, pois, que venha! exclamou a infeliz mãe em soluços.

E o santo Padre correu imediatamente; mas o doente fez ouvir gritos de raiva à sua aproximação, e as suas convulsões redobraram. Xavier, oprimido pelo pensamento de que Deus permitira que o demônio se apossasse do jovem em que se haviam empregado meios culpáveis, pôs-se de joelhos, fez em alta voz a leitura da Paixão de Nosso Senhor, lançou água benta sobre o doente, e as convulsões e os gritos cessaram.

- Dai de comer a vosso filho, disse ele à mãe; amanhã direi missa por ele e logo que esteja em estado de andar o levareis à missa por nove dias consecutivos, à igreja de Nossa Senhora do Monte.

Depois desta recomendação, o Santo desapareceu, e na manhã seguinte, enquanto oferecia o santo sacrifício, Antônio levantava-se cheio de saúde.

Esta cura produziu alvoroço em Malaca pelas circunstâncias que a haviam precedido, e ocupavam-se ainda dela, quando se soube que uma mãe, no

desespero de ver morrer a sua única filha, corria por todos os lados à procura do santo Padre, que se dizia ausente. Ele estava efetivamente ausente e a criança morreu deixando a mãe louca de dor, e perguntando todos os dias pela volta do santo Padre. Finalmente soube da sua chegada; corre ao hospital, põe-se de joelhos aos pés de Xavier e diz-lhe, como outrora a irmã de Lázaro a Nosso Senhor:

- Meu Padre! se vós tivésseis estado aqui, minha filha, minha única filha, não morreria! Eu vos suplico, meu santo Padre, restituí-ma! Se vós quiserdes invocar tão somente o nome de Jesus, ela ressuscitará! Eu vos suplico, meu Padre, fazei-o!

A alma do nosso Santo regozija-se pela sinceridade daquela fé; o seu coração comove-se por uma tão grande dor; eleva os olhos para o céu, invoca o santo nome de Jesus, e diz àquela desconsolada mãe:

- Ide, feliz mãe, vossa filha está viva.

- Mas, meu Padre, há já três dias que ela está sepultada!

- Não importa; ide, fazei abrir a sepultura e aí a achareis viva.

A mãe corre à igreja, faz levantar a pedra que cobre o corpo de sua querida filha e encontra-a cheia de vida e de saúde. As testemunhas deste facto eram numerosas; todos o atestaram sob juramento.

Tão grandes milagres converteram um grande número de judeus e maometanos; ninguém resistia à vista daqueles prodígios constantemente renovados.

Xavier recebeu em Malaca, por um navio vindo de Goa, cartas de Roma e de Portugal. Elas anunciavam um reforço de obreiros evangélicos: os Padres Antônio Criminale, e Nicolau Lancilotti, italianos, e João da Beira, português, haviam chegado a Goa com o novo vice-rei Dom João de Castro.

O nosso Santo, depois de ter agradecido a Deus pela consolação que lhe traziam as notícias dos seus irmãos de Roma e a chegada dos três membros da sua querida Companhia, escreveu ao colégio de Goa para dar pronto destino aos novos missionários. Mandou que os Padres Criminale e da Beira fossem para a Costa da Pescaria com o Padre Mancias, e que o Padre Lancilotti ficasse no colégio como professor.

Até então, Francisco Xavier evangelizava Malaca, havia três meses, com o mais feliz resultado, e dispunha-se a levar a fé às Molucas, quando um dia, durante a sua oração, Deus lhe fez conhecer que a cidade que ele acabava de reformar à custa de tantos trabalhos e na qual havia operado tantos milagres, não tardaria a abismar-se em novas desordens, e que em punição dos seus crimes seria assolada por uma guerra de muitos anos e dizimada por uma peste horrorosa.

Penetrado de doloroso sentimento, transmitiu o santo Padre as ameaças divinas à população, que pressurosa o cercava - no momento da sua partida.

Exortou-os, vertendo lágrimas, a que vivessem sempre como bons cristãos, a fim de evitar a punição que a justiça de Deus reservava à sua recaída no pecado...

Mas no ano imediato, na ausência de Xavier, cada um se deixou arrastar pelo amor dos prazeres, as práticas santas foram insensivelmente abandonadas, resvalou-se por aquele rápido precipício, e viram-se submergidos num abismo de vícios sobre os quais caíram todos os castigos que

o grande apóstolo havia predito.

II. A VIAGEM - EM AMBÓINO, BANDA E TERNATE

FRANCISCO XAVIER embarcou ao primeiro de janeiro de 1546, com João de Eiro, em um navio português que fazia vela para Banda, mas que devia deixá-los em Ambóino. Todos os passageiros eram índios, os marinheiros eram-no também, e uns e outros, maometanos ou pagãos, pertenciam a diversas raças, cujas línguas diferiam por tal modo que não se entendiam senão com os da sua própria tribo.

Em poucos dias o Padre Xavier viu-se tão estimado, tão procurado de todos, que julgou oportuno o momento de dar a Deus todas aquelas almas,, cujo único senhor havia sido até ali o inferno, e sem se inquietar com a diversidade das línguas, começou a falar das verdades cristãs aos que o cercavam. Viu-se então operado um maravilhoso prodígio, desconhecido desde a origem da Igreja Cristã!... Xavier é compreendido de todos ao mesmo tempo, como se falasse a língua materna de cada um; todos se vêem surpreendidos do mesmo assombro, todos experimentam a mesma admiração, o mesmo respeito pelo apóstolo que desde logo lhes havia inspirado tão agradáveis e benéficos sentimentos.

Nenhum de entre eles pensava em recuar diante duma religião que opera tais maravilhas; todos solicitam a graça do batismo, todos se mostram ávidos pela santa palavra de Xavier, todos se fazem cristãos pelo ministério, mil vezes abençoado, do apóstolo tão querido de todos.

Depois de seis semanas de navegação, o capitão, não descobrindo as costas de Ambóino, julgou ter-se enganado na direção; o piloto, partilhando aquele receio, disse-lhe um dia:

- Capitão, eu creio que nós temos seguido uma falsa derrota; pelos nossos cálculos de ontem, deveríamos ter hoje Ambóino à vista...

- Estai tranquilos, disse o Padre Xavier; nós estamos no golfo, e descobriremos Ambóino amanhã antes do nascer do sol.

E efetivamente ria manhã seguinte, desde a aurora, descobriam-se as costas de Ambóino. Como o navio não devia ancorar senão em Banda, Xavier e João de Eiro, passaram para uma canoa com alguns outros passageiros, e a embarcação continuou a , sua viagem.

Quando a canoa ia a atracar, foi descoberta e perseguida pelos piratas costeiros; o navio, já muito longe, não a podia socorrer, ia ser presa, as fustas [47] aproximavam-se, era necessário e urgente tornar a ganhar o alto mar à força de remos, não obstante o perigo que corria uma tão frágil embarcação, cuja carga devia acelerar a sua perda... Mas aquele frágil esquife levava o grande apóstolo e não podia perder-se.

- "Vamos, agora podeis ganhar o porto, disse Xavier aos remeiros; os corsários perderam-nos já de vista e retiraram-se. O perigo está passado e nós abordaremos sem novidade".

De facto, abordaram, pouco depois, impelidos pelo melhor vento, a 16 de Fevereiro de 1546.

Logo que chegou, o primeiro pensamento, a primeira ocupação do nosso Santo foi o de baptizar todas as crianças, porque aquelas povoações eram

cristãs desde a conquista, mas somente de nome:

"... Eu percorri todos os bairros, escrevia ele, e baptizei todas as crianças que pareciam esperar por esta graça para irem gozar da felicidade eterna, porque morriam quase todas depois de a terem recebido.

Durante aquele tempo chegaram oito navios espanhóis comandados por D. Fernando de Sousa, que vinham do México; arribaram aqui e tiveram de demorar-se por três meses. É difícil fazer-se uma idéia cabal dos trabalhos que eles me deram. A mim mesmo me custa a acreditar.

Eu pregava, apaziguava as inimizades dos soldados, confessava, consolava e tratava dos doentes, assistia aos moribundos, fortificava-os contra os assaltos do demônio que não deixa de perturbar as almas naquele terrível momento; penosa obrigação a cumprir para com aqueles que têm vivido em um completo, esquecimento de Deus e dos seus mandamentos!..."

As tripulações dos navios espanhóis vinham infestadas duma moléstia contagiosa de que o humilde Xavier pouco fala, por isso que só ele foi capaz de desempenhar todos os cuidados que reclamava aquela dolorosa situação. Ia dum a outro navio, ou em terra às palhoças, acudir aos atacados.

Viam-se aqueles pobres doentes disseminados pelas praias ao longo da costa, para diminuir a acumulação nos navios por que os insulares recusavam recebê-los no interior e perto deles.

Francisco Xavier exerceu prodígios de caridade para com todos, parecendo multiplicar-se de dia e de noite para distribuir os seus cuidados às almas e aos corpos. Levou a sua abnegação a ponto de enterrar por suas mãos os mortos.

Não se pode compreender, finalmente, como ele podia satisfazer a todos aqueles trabalhos. Contudo, ainda achava tempo para percorrer as casas dos habitantes, a fim de lhes pedir medicamentos e socorros, que algumas vezes lhe recusavam.

D. João de Araújo em cuja companhia havia feito a viagem de Malaca a Ambóino, auxiliava-o muito no socorro dos pobres espanhóis; porém, como a doença se prolongava muito, a caridade de João de Araújo mostrou esfriar-se em prover às necessidades dos doentes que cresciam sucessivamente.

Um dia o caritativo apóstolo mandou-lhe pedir vinho para fortificar um pobre soldado cuja excessiva debilidade carecia daquela bebida; João de Araújo, fazendo aquela esmola, respondeu que era a última vez que lhe dava do seu vinho:

- Quando já o não tiver para mim, onde quererá o Padre Francisco que eu o compre?

Aquela resposta, contada ao Padre Xavier, indignou-o a ponto de não poder conter o sentimento que nele produziu

- Como! exclamou, Araújo quer guardar o seu vinho para si e recusa-o aos membros de Jesus Cristo! Pois daqui a pouco tempo ele morrerá e todos os seus haveres serão distribuídos pelos pobres!

Aproximava-se o mês de Maio que traz o inverno àquelas regiões, e conquanto a doença não estivesse de todo extinta, a esquadra espanhola devia largar daquele porto e fazer-se à vela para Goa.

Francisco Xavier escreveu muitas cartas aos seus amigos de Malaca, onde ela devia tocar; e aos Padres de Goa, onde devia invernar, pedindo-lhes todo o seu interesse, toda a sua caridade para com os pobres doentes dos quais se separava com grande pesar, depois de lhes ter procurado os necessários socorros até ao último momento da partida.

Xavier recolheu frutos abundantes na ilha de Ambóino. Muitas famílias das costas, querendo abrigar-se da pilhagem contínua dos piratas, haviam-se refugiado para o interior das florestas e das cavernas; ele procurou-as, visitou-as, instruiu-as com uma solicitude digna do seu zelo e da sua caridade.

Convertiu todos os pagãos e muçulmanos; fez erigir uma igreja em cada aldeia e designou aquele que devia presidir às reuniões que ali deviam promover, até que chegassem os missionários; numa palavra, fez prodígios em Ambóino como em toda a parte.

A Providência seguia com tanto amor do seu divino olhar, os trabalhos do ilustre apóstolo, que ia levar o nome de Jesus Cristo às extremidades do mundo, que quis dar-lhe um testemunho da sua terna solicitude, de que ele foi o único objecto.

Até ali todos os milagres operados pelo nosso Santo tiveram, por fim a conversão dos pagãos, dos infiéis ou dos grandes pecadores. Alguns escapavam à sua solicitude; seu coração tão sensível à voz da dor, não resistia aos seus lamentos e à sua fé. Mas Deus queria fazer para Xavier especialmente um prodígio que parecesse não ter por fim senão provar--lhe o seu amor.

Depois de ter evangelizado a ilha de Ambóino, quis o Padre Xavier visitar as pequenas ilhas circunvizinhas, enquanto não se lhe oferecesse ocasião oportuna de passar às outras terras mais afastadas.

Acompanhado de João Ragoso e Fausto Rodrigues, deixando João de Eiro na direção dos cristãos de Ambóino, dirigiram-se numa ligeira embarcação para Baranura. Bem depressa se declarou uma tempestade tal que os próprios marinheiros ficam aterrados; já se julgavam perdidos. Francisco Xavier toma o seu crucifixo, inclina-se sobre a borda do barco para o mergulhar naquele mar em fúria... e o crucifixo escapa-lhe da mão! O Santo apóstolo mostra-se em extremo consternado por aquela perda, chora aquele tesouro, que havia operado tantos prodígios, tesouro que o consolara tantas vezes nas amarguras do seu laborioso e penoso apostolado.

Ragoso e Rodrigues tomam viva parte naquela dor do seu Santo amigo, pesarosos ainda mais por não terem meio algum de substituírem, ao menos materialmente, o precioso objecto que as vagas lhe arrebataram.

Na manhã seguinte aportaram à ilha de Baranura, depois da mais perigosa travessia, com o mar constantemente mau e a tempestade permanente.

Decorreu já mais de vinte e quatro horas que o crucifixo caíra ao mar. O Padre Xavier, acompanhado de Rodrigues, dirigia-se para o bairro de Tálamo, seguindo pelo litoral, quando, depois de terem caminhado uns quinhentos passos, próximamente, viram sair do mar e vir para eles um caranguejo trazendo entre as suas garras, que trazia levantadas, o crucifixo de Francisco Xavier! O caranguejo vai direito ao Santo apóstolo e pára junto dele. Xavier ajoelha-se, prostra a fronte em terra, toma o seu amado crucifixo que lhe será dali em diante muito mais precioso, beija-o com todo o amor e reconhecimento de que está cheio o seu coração, e o caranguejo, voltando sobre os seus passos, desapareceu nas ondas [48].

Fausto Rodrigues, testemunha deste milagre, acrescenta, na sua narração, que o Padre Xavier, depois de, ter beijado muitas vezes o seu maravilhoso crucifixo, conservou-se por meia hora em oração, com as mãos cruzadas sobre o peito, agradecendo à divina Bondade um tão admirável prodígio.

Rodrigues agradecia também, pela sua parte, por lhe ter sido permitido presenciar aquela sublime maravilha, de que ele deu testemunho sob a fé de juramento, e que menciona a bula da canonização.

O grande apóstolo teve, contudo, o desgosto de não ser escutado em Baranura, e passou dali a Rosalau, onde também foi mal sucedido. Só encontrou ali um coração acessível à verdade, e por isso só fez um cristão, a quem deu, no batismo, o nome de Francisco e lhe predisse que morreria na graça de Deus, invocando o santo nome de Jesus; aquela predição foi cumprida quarenta anos mais tarde.

Francisco, servindo na armada de D. Sanches de Vasconcelos, governador de Ambóino, foi mortalmente ferido, e até ao seu último suspiro lhe ouviram repetir: "Jesus, assisti-me! Jesus, tende-piedade de mim!"

De Rosalau, passou Xavier a Ulata. Toda aquela ilha estava nessa ocasião envolvida em guerra; o inimigo interceptara os víveres, o rei, cercado por todos os lados, achava-se a ponto de se render. Faltava absolutamente a água e não havendo esperanças de chuva, era necessário depor as armas ou deixar morrer de sede homens e cavalos.

Xavier, cheio de confiança, pede para ser conduzido à presença do rei, oferecendo-se a procurar-lhe água que restituísse ao seu exército a força e a vida prestes a extinguir-se.

O rei recebeu-o com a maior satisfação:

- "Eu venho, disse-lhe o nosso Santo, anunciar-lhes o Deus que é o Senhor Supremo da natureza, que pode à sua vontade abrir as fontes do céu e fazer cair a chuva sobre a terra. Permitti que eu eleve aqui uma cruz, tende confiança no Deus que eu prego, e prometei-me reconhecer o seu nome e submeter-vos à sua lei, se ele vos conceder a chuva que eu vou pedir ara vós".

O rei teria prometido tudo naquele momento; deu a sua palavra e permitiu a ereção da cruz.

Xavier fê-la levantar no ponto culminante da mais alta montanha, e, em meio da multidão que aquele espetáculo havia atraído, implora em alta voz as misericórdias celestes pelos merecimentos do Salvador crucificado, e solicita um pouco de água para a salvação daquelas almas por quem Jesus Cristo deu todo o seu sangue.

E eis que o céu se cobre de nuvens e uma chuva abundante cai durante três dias sobre aquele povo atribulado!

Os inimigos levantam o cerco, cessa a chuva, a palavra abençoada do ilustre apóstolo é compreendida e fortificada, e a ilha toda, arrancada ao inferno, se submete à lei evangélica, outorgada pela Igreja de Jesus Cristo.

Iguais resultados coroam as suas pregações em todas as ilhas circunvizinhas, e o infatigável Xavier volta a Ambóino, donde embarca para Ternate.

Partiu em um barco índio, chamado Carácora que ia de conserva a um outro navio pertencente a João Gaivão, mercador português, e cujo precioso carregamento fazia toda a sua fortuna. Logo que entraram no golfo, de noventa léguas de extensão e perigoso em todo o tempo, os dois navios foram separados pela tempestade; o que levava o "vaso de eleição" salvou-se dos grandes perigos e aportou em Ternate, o de Gaivão perdeu-se de vista.

Desde a sua chegada, Francisco Xavier fez ouvir a sua poderosa voz e atraiu a si um grande número de indivíduos que crescia todos os dias. No domingo imediato, detém-se no meio da sua instrução, parece recolher-se, e depois diz aos seus ouvintes:

"Meus irmãos, orai por João Galeão que acaba de morrer no golfo!"

Três dias depois, o corpo de Gaivão e os destroços do seu navio, eram arrojados pelas vagas às praias de Ternate. O nosso humilde apóstolo, convencido de que ele se livrara de igual sorte por um milagre da bondade divina, escrevia aos Padres da Companhia de Jesus, em Roma:

"...O nosso navio, impelido pela tempestade, foi lançado para cima dum banco de areia que sulcou com a quilha e com o leme na extensão duma légua. Se em vez daquele banco nós tivéssemos encontrado um rochedo à tona da água, teria sido infalível a nossa perda; bastou aquela idéia para produzir um mortal terror em toda a equipagem.

Que de lágrimas vi eu correr! que de gritos e lamentos eu ouvi! Porque parecia que a morte viria dum a outro momento. Porém Deus, na sua misericórdia quis unicamente experimentar-nos, e revelar-nos a extensão do seu poder e ao mesmo tempo a insuficiência dos nossos meios e a fraqueza da nossa inteligência.

Quando nós tivermos compreendido a vaidade das esperanças fundadas no homem, teremos uma absoluta confiança naquele que só por si pode dissipar os perigos que corremos no seu serviço. Compreenderemos então que a natureza inteira está nas suas mãos, e que os terrores que nos inspira algumas vezes estão muito abaixo das alegrias celestiais de que inunda, no próprio momento, aqueles que afrontam os perigos e a morte pela glória do seu santo nome!

A morte não tem horror para a alma que goza em paz aquelas divinas consolações!

Não sei como isto aconteceu, mas quando o perigo passou, conquanto eu esteja ainda muito impressionado, e me faltem expressões para o descrever, ficou-me uma lembrança deliciosa da bondade divina que de continuo me leva a empreender com coragem e a suportar pacientemente os trabalhos mais penosos e de maior perigo. Esta lembrança tem a minha alma num profundo respeito e nutri em mim a esperança de que Deus, na sua infinita misericórdia, não cessará de me dar forças e coragem para trabalhar em seu serviço no futuro com constância e felicidade...".

Nas suas frequentes viagens por mar, conservava o nosso Santo um sossego de espírito e sangue frio que excitava a confiança e a admiração da equipagem e dos passageiros. No momento em que se desenvolvia uma tempestade, ele

fazia um apelo às consciências, exortava a todos a se prepararem para a morte e ouvia as confissões de cada um, depois entregava-se à oração e ali permanecia durante todo o tempo que durava a tormenta, ou pelo menos até que não fosse reclamado o seu ministério; então despertava no mesmo instante da sua contemplação, mas voltava a ela logo que tivesse cumprido o seu dever.

A ilha de Ternate era ainda mais cheia de vícios do que Malaca; mas a voz e a palavra do nosso grande apóstolo, sempre abençoada, sempre fecunda, produziu ali resultados maravilhosos de conversão e de penitência.

Poucos dias depois de haver anunciado a morte de Galvão aos seus ouvintes, Francisco Xavier, celebrando a missa, voltava-se para dizer o "Orate fratres", quando, subitamente, esclarecido por um poder oculto acrescentou, em linguagem vulgar: "Orai também por João de Araújo que acaba de morrer em Ambóino".

Dez dias depois, um navio procedente de Ambóino trazia a notícia daquela morte; acrescentava-se que, não tendo Araújo herdeiro algum, os seus bens tinham sido distribuídos pelos pobres, conforme a lei.

Aquelas duas predições, tão prontamente verificadas pelos próprios factos, contribuíram poderosamente para os brilhantes sucessos das pregações de Xavier. Ele não saía do confessionário senão para pregar, catequizar ou administrar os sacramentos. Perguntava-se como era que ele podia satisfazer a todos aqueles trabalhos e chegava-se à convicção de que seria impossível suportá-los a não ser por efeito dum permanente milagre.

Neaquila, rainha de Ternate, destronada pelos portugueses, sentira redobrar o seu ódio pelos cristãos, por causa da injustiça de que havia sido vítima. Porém aquela princesa ouve a palavra do apóstolo do Oriente, e os seus sentimentos de ódio afrouxam-se, a sua irritação acalma-se, sua alma abre-se para a luz do Evangelho. Xavier baptiza, dá-lhe o nome de Isabel e, descobrindo-lhe disposições piedosas, dirige-a com o maior cuidado e leva-a, em pouco tempo, a uma grande perfeição.

III. CELEBES, MACASSAR E TERNATE - PARTE PARA AS ILHAS DE MORO

A ilha de Celebes, completamente infiel e muito considerável pela sua extensão e população, atraía o zelo apostólico do nosso Santo; para lá foi, evangelizando em primeiro lugar a cidade de Tolo, a mais importante, e bem depressa conseguiu baptizar mais de vinte e cinco mil habitantes. Ali, como em toda a parte, fez erigir igrejas e levantar cruces, e deixando as suas instruções para a manutenção da fé, internou-se pela ilha.

Deve aqui ser consignada a época do seu apostolado em Macassar; os documentos têm a lacuna da data; sabe-se tão somente que ele pregou naquela capital com um tal resultado, que baptizou o rei e sua família.

A princesa Leonor, filha do rei de Macassar, levada pelas circunstâncias para a cidade de Malaca, narrara muitas vezes a Dona Joana de Melo, esposa do governador, os prodígios operados por Francisco Xavier na capital da ilha de Celebes, prodígios cuja memória conservava, conquanto não pudesse precisar a data.

Enquanto o apóstolo ampliava o reino de Jesus Cristo nas principais

idades daquela ilha, vieram comunicar-lhe que o rei de Tolo, que recusara renunciar aos seus deuses para viver mais comodamente no gozo das suas paixões, fazia destruir as igrejas e derribar as cruzes; acrescentava-se que ele obrigava os neófitos a calcar aos pés as cruzes abatidas, e que o terror dominava tudo.

A esta nova, exalta-se o zelo de Xavier. Reúne os seus amigos portugueses, em número tão somente de oito, e diz-lhes

- Deixaremos impune um tal atentado à Majestade divina? Mereceremos o glorioso título de soldados de Jesus Cristo, se não acudirmos em sua defesa, se não soubermos fazer respeitar a sua lei e castigar os revoltosos do seu império? Partamos! tomemos os quatrocentos cristãos indígenas que nos cercam, vamos atacar o rei na sua praça-forte de Tolo, sem nos importar com o número avultado dos seus guerreiros! Que nos importa o número! Deus está por nós; eu vos prometo a vitória!...

- Marchemos, meu Padre! respondem todos os portugueses; estamos prontos a dar o nosso sangue e a nossa vida, se necessário for, por uma só das vossas ordens!

O santo apóstolo abraça-os, aperta-os ao coração, assegura-lhes sobretudo a mais brilhante vitória e enche-os de entusiasmo. Prontamente se organiza o pequenino exército, marcha-se sobre Tolo e quando se achavam já a pouca distância, o grande Xavier detém-se e prostra-se para orar. A sua gente também se detém e ora a seu exemplo, feliz e orgulhosa por se ver comandada por um tal chefe. Ouve-se no mesmo instante uma horrorosa detonação... e as chamas do mais violento incêndio cobrem a cidade e a devoram!

Tolo era dominada por uma montanha... Aquela montanha acabava de abrir-se repentinamente, e lançava, com a mais desesperadora impetuosidade, pedras, cinza, a lava incendiária e enxofre inflamado! Os estilhaços das rochas voam em bocados encandescentes e caem sobre as habitações que abatem e consomem! A terra treme, o solo parece faltar sob os pés dos habitantes que fogem e vão buscar um abrigo nas florestas. O montão de pedras e a lava, que não cessa de sair do vulcão, excede bem depressa a altura das muralhas da cidade, onde não fica nem um só indígena!...

Finalmente cessa o flagelo, o Padre Xavier e os seus soldados entram na praça e tornam-se facilmente senhores dela. Então os culpados correm a cair aos pés do grande apóstolo, confessam publicamente os seus crimes, obtêm o perdão, e a penitência a que se sujeitam prova a sinceridade do seu arrependimento.

Celebes estava conquistada; a fé veio a ser ali viva e ardente; Xavier embarcou para voltar a Ternate, com disposição de levar mais longe o nome de Jesus Cristo

"...A setenta e duas léguas, proximamente, além das Molucas, - escrevia ele aos seus irmãos de Roma-, existe uma terra que se chama Morica, onde a religião cristã tendo sido pregada há muitos anos, foi abandonada por absoluta falta de Padres, e hoje se acha de todo extinta; e os seus habitantes levados à ignorância e barbaria primitivas.

Este país, rico e fértil, é o mais inóspito que existe sob o Céu. É com o veneno que os seus naturais acolhem os estrangeiros, e por esta razão têm afastado os missionários

das suas costas desde muito tempo.

Contudo, em consideração às necessidades espirituais daquele povo, - tanto mais a lamentar porque os seus crimes são a consequência da sua ignorância e da completa ausência da nossa religião e dos sacramentos, - acho-me resolvido a tentar aquela conquista com perigo da minha vida, auxiliado e armado da minha única esperança em Deus, e de seguir com o patrocínio -da sua graça esta máxima do meu Mestre: Aquele que queira salvar a sua alma, a perderá, e aquele que a perder por mim, a raivará".

"...Os meus amigos fazem todos os esforços possíveis para me dissuadirem desta perigosa empresa; às suas lágrimas e aos seus rogos unem eles os quadros mais horrorosos dos factos ali ocorridos, e encontrando-me inacessível a todas as observações e oposições, tomaram a resolução de recorrerem a um outro expediente; fizeram uma grande provisão de contravenenos de toda a espécie; cada indivíduo me leva e me encarecia o seu.

Para contentar a todos e não causar invejas, recusei todas aquelas drogas e não quero outro recurso e outro antídoto mais que a confiança em Deus, que poderia, porventura, afrouxar-se em mim pelos preservativos da ciência humana.

Agradei pois afetuosamente a todos os meus amigos pedindo-lhes o melhor e o mais eficaz de todos os contravenenos: o auxílio das suas orações...".

Vendo o governador de Ternate, D. João de Freitas, que os amigos do nosso Santo não conseguiam destruir a sua firmeza, fez publicar um édito impondo penas severas contra todo e qualquer capitão que recebesse a bordo do seu navio o Padre Francisco Xavier, com destino para a Morica, ou ilhas do Moro" [49].

A esta notícia, dirige-se o heróico apóstolo à presença do governador em audiência pública, e, não tendo em consideração senão o seu zelo, diz-lhe com o acento de nobreza que lhe era natural e a dignidade que lhe conhecemos

- "Eu vos sou em extremo reconhecido, senhor, por uma medida que julgastes dever adoptar unicamente em meu interesse, mas, seja-me permitido perguntar-vos e a todos os meus amigos aqui presentes se credes que o poder de Deus seja limitado? Vós tendes uma bem fraca idéia da graça do divino Salvador!"

"Existirão, pois, corações que possam resistir à virtude do Altíssimo quando lhe apraz enternece-los e convertê-los? Aquela virtude, suave e forte ao mesmo tempo, que pode fazer florescer a planta morta, e do seio da pedra fazer nascer os filhos de Abraão?! Como! Aquele que submeteu o mundo ao império da Cruz pelo ministério dos Apóstolos não poderá também submeter um mesquinho ponto da terra? As ilhas de Moro ficariam unicamente privadas do benefício da Redenção? Quando Jesus Cristo ofereceu todas as nações ao Padre Eterno, como sua herança, teriam sido aqueles povos exceptuados? Eles são os mais bárbaros, eu creio; mas que a fossem ainda mais, é por que eu nada posso só por mim que espero muito deles. Eu tudo posso, confiado n'Ele que me fortifica, e de quem unicamente vem a força dos obreiros evangélicos!"

Notava-se uma tal inspiração na expressão do celeste semblante de

Xavier, que todos o ouviam sem ousarem interrompê-lo, não obstante o enternecimento que cada uma das suas palavras produzia nos corações, que tão carinhosamente o amavam.

Os seus, ouvintes. eram seus amigos e não se achavam privados de todos os sentimentos humanos para com aquele que tão profundamente amavam e veneravam! O apóstolo tão querido continuou

- "Às nações menos selvagens e menos cruéis não faltarão pregadores! As ilhas de Moro são para mim, uma vez que ninguém as quer! Ah! se elas encerrassem minas de ouro, madeiras odoríferas, riquezas preciosas, os cristãos saberiam encher-se de coragem para afrontarem todos os perigos! nada os aterrorizaria! Mas ali não existe, senão almas a conquistar, e para a aquisição daquele tesouro, eles não têm senão indiferença, timidez... e desprezo! Será, pois, necessário, vos pergunto eu, que a caridade seja menos corajosa, menos generosa do que a cobiça- e a ambição? Matar-me-ão, dizeis vós, pelo ferro e pelo veneno!...

"Esta graça não é concedida a um pecador como eu! mas atrevo-me a dizer-vos que, qualquer que seja o gênero de tormento ou de morte que me espere, acho-me pronto a sofrer mil vezes mais pela salvação duma só alma. Oh! se eu tivesse a felicidade de morrer nas suas mãos, talvez que todos eles adorassem o nome de Jesus Cristo!

"Desde a origem da Igreja o Evangelho tem frutificado nas terras incultas do paganismo, muito mais pelo sangue dos mártires do que pelos suores dos missionários. Nada há pois, a recear por mim nas ilhas de Moro; além disto, Deus me chama, os homens não me impedirão de obedecer à sua voz!"

Viam-se lágrimas em todos os olhos. O amável e Santo apóstolo era tão querido em Ternate, que logo que o édito ficou revogado, todos disputavam a graça de acompanhar Xavier às ilhas de Moro, e tais foram os pedidos e as instâncias, que o forçaram a aceitar a companhia de alguns dos seus amigos, e consolar aqueles que não podia levar consigo.

O povo cobria a praia no momento do seu embarque, e só se ouviam gritos de consternação e soluços de dor da parte dos índios, porque cada um deles lhe previa uma morte inevitável e o choravam como chorariam pelo mais carinhoso pai.

Era grande a comoção de Xavier; copiosas lágrimas corriam também dos seus olhos, mas originadas pela dor do povo: era ele o objecto daquela viva dor, via quanto era querido daquela gente que arrancara ao demônio e dera a Jesus Cristo, e o coração do nosso Santo não podia deixar de estar vivamente comovido por tanto reconhecimento e tanto amor.

De pé, sobre a tolda do navio, solicitou as bênçãos celestes para aquele querido rebanho, cujo pastor e pai era ele, deu o sinal de partida, a âncora subiu, e a multidão, ajoelhada na praia, levantou-se, trepou para os rochedos sobranceiros e ali se conservou por todo o tempo que foi possível descobrir-se a embarcação que conduzia o objecto venerado que os deixava cheios de pesares e da mais dolorosa solicitude. Ninguém esperava tornar a vê-lo nesta vida.

"Deus me chama às ilhas de Moro", dissera o ilustre apóstolo ao governador de Ternate e aos que se achavam reunidos em sua casa naquele momento.

Deus o chamava efetivamente e não tardou em prová-lo.

IV. NAS ILHAS DE MORO - VOLTA A TERNATE E A MALACA

A viagem foi curta e feliz, o mar bonançoso e calmo; jamais viagem alguma foi tão fácil, e tão isenta de perigos. Num momento de êxtase, Xavier soltou um grito de dor que atraiu a atenção de toda a equipagem. Tinham-no deixado em oração; correram para junto dele, ouviram-lhe distintamente pronunciai:

"Senhor, Jesus!... Matam aquela pobre gente!"

E o seu olhar, fixo sobre um ponto do mar, permanecia imóvel

- Que é isso, Padre Francisco? o que vedes? a quem matam? perguntou-lhe um dos seus amigos.

O Santo continua em êxtase, nada ouve, nada responde, o seu olhar conserva-se fixo no mesmo ponto, parecia que um raio celeste se soltara.

Os seus amigos depois de o terem contemplado com admiração por alguns instantes, deixaram-no de novo e retiraram-se penetrados do maior respeito e veneração.

Quando o santo Padre saiu da sua contemplação e voltou a terra, dirigiram-lhe novas perguntas sobre o grito aflitivo e as palavras estranhas que lhe tinham escapado. A sua humildade confunde-se, não responde e faz desviar a conversação com a graça e encanto tão conhecido nele. Porém logo que chegaram a uma das ilhas de Moro, viram oito cadáveres de portugueses vertendo ainda sangue!... os naturais da ilha acabavam de os assassinar e tinham abandonado os seus corpos na praia! Deram-lhes sepultura coxas a convicção de que era aquela "a pobre gente" que o santo Padre vira matar.

Cumprido aquele dever, Xavier, acompanhado dos seus amigos, dirigiu-se com todo o ânimo para a primeira aldeia. À vista dos europeus, os naturais fogem, persuadidos de que vinham pedir-lhes contas do sangue português que acabavam de derramar.

O santo apóstolo encontra um meio de os reter: com sua meiga voz canta a doutrina cristã. A voz de Xavier era sã, harmoniosa, simpática como uma voz angélica. Os insulanos detêm-se, escutam-no e voltam para aquele que encanta os seus ouvidos e faz vibrar nos seus corações uma corda até ali desconhecida.

Dirigindo os olhos admirados para o celestial semblante de Xavier, encontram o seu olhar atrativo, e magnético, ao qual bem poucos índios resistiam, e vieram para ele atraídos irresistivelmente. Avançando para os selvagens, o amável Santo estende-lhes os braços; acolhe-os, transmite-lhes o desejo que experimentava há muito tempo de vir trazer-lhes a felicidade da vida presente e a da vida futura... E é atendido, é acolhido, é amado!

"Estas ilhas, disse ele, não se chamarão daqui em diante ilhas de Moro; mas sim da divina Esperança!"

E não se enganava; teve um resultado prodigioso em todo o país, chamado então a Morica Sofreu grandes privações entre aqueles selvagens; foi até mesmo perseguido pelo ódio de alguns, mas a docilidade da maior parte, a

felicidade de haver vencido aqueles povos, de quem pessoa alguma se atrevia a aproximar, e de ter estabelecido naquele país tão temido, o império da Cruz, o reino de Jesus Cristo, eram para o coração apostólico do nosso Santo mananciais de consolações que mal podia exprimir: Assim escrevia a seus irmãos

"...Todos os perigos a que a gente se expõe aqui, todas as privações e incomodidades que se experimentam pela glória de Nosso Senhor Jesus Cristo, são outros tantos tesouros donde dimanam imensas consolações.

As lágrimas que aqui se derramam são tão deliciosas, que não me recordo de haver experimentado alegrias interiores que lhes sejam comparáveis! Nunca suportei com tamanha facilidade os trabalhos que me impus; jamais me lancei aos perigos com tanta intrepidez!

E contudo, eu estava cercado, desde o primeiro dia, de inimigos de natureza feroz, em ilhas desprovidas de todos os meios habituais da vida, e que não oferecem recursos nem no estado de saúde, nem no estado de doença. O verdadeiro nome daquelas ilhas deve ser daqui para o futuro o da divina Esperança.

Encontra-se ali uma raça de selvagens chamada Javares, que julga e crê adquirir a imortalidade matando os cristãos que encontram. A falta de sangue estrangeiro derramam ode suas mulheres e filhos; mas procuram, sobretudo, o sangue cristão.

Uma daquelas ilhas é constantemente agitada por tremores de terra; umas vezes é envolvida por nuvens de cinza e de fumo lançada pelos vulcões, outras vezes é alumiada por chamas vomitadas por esses abismos aterradores.

Os insulanos estão convencidos de que a sua ilha é uma imensa fornalha que consome o próprio rochedo sobre o qual a povoação esta estabelecida. Isto parece verosímil, porque nas frequentes explosões daqueles vulcões, se vêem enormes massas de rochedos lançados pelos ares a uma altura prodigiosa, e nas ocasiões dos temporais, as suas cavernas expelem para as planuras tamanha quantidade de cinza incandescente, que os lavradores dos campos ficam desfigurados ...

...Em dia de São Miguel, durante a minha missa, houve ali um tremor de terra tão violento que julguei ver o altar de todo voltado. Veio-me então ao-pensamento que se travava um combate entre este valoroso arcanjo e os demônios daquelas ilhas que ele expulsava dos seus terríveis esconderijos..."

Os insulanos que assistiam ao santo sacrifício, fugiram precipitadamente, temendo serem vítimas se se conservassem ali até ao fim; o seu santo apóstolo ficou só no altar, e concluiu a missa.

Em três meses o heróico Xavier, que os Moroenses olhavam como um ser sobrenatural, fizera para Deus a difícil conquista daquele grupo de ilhas, apesar dos meios empregados por alguns rebeldes para lhe obstar e destruir os resultados da sua empresa. Tentaram até tirar-lhe a vida; mas a Providência o salvou sempre das traições que lhe armava o inferno.

Perseguido um dia por alguns selvagens, o Santo vê-se detido por um largo rio; descobre próximo de si uma, longa vara, lança-a através do rio, aventura-se sobre aquela fraca ponte, confiado na proteção divina, e salva-se.

Chegara o momento de deixar os Moroenses. Recomendou-lhes as suas instruções, e voltou a Ternate onde foi recebido com demonstrações da mais notável alegria.

Desde a manhã seguinte o seu confessor via-se tão concorrido e com tanto empenho, como o havia sido antes da sua partida; não lhe deixavam nem um só instante de descanso.

Feliz pelas disposições dos seus queridos Ternatenses, o santo apóstolo, que não aspirava senão pelo descanso da eternidade, prestou-se gostosamente aos desejos de cada um, e voltou aos seus trabalhos habituais.

Todos os habitantes de Ternate, sem exceção, se chegaram aos sacramentos com a mais fervorosa devoção. Depois de lhes ter concedido três meses, separou-se deles o grande Xavier para voltar a Malaca e dali para o cabo Comorim a fim de tornar a ver os seus estremecidos Paravás, seus primeiros filhos da Índia. Desejava também fazer uma viagem a Goa para os interesses da Companhia de Jesus nas Índias, porque ela começava a progredir de modo que dava as mais belas esperanças.

Esta segunda ausência de Ternate dilacerou o coração de Xavier; assim se exprime escrevendo a seus Irmãos da Companhia

"...Com o fim de me subtrair aos choros e aos lamentos dos meus presados neófitos, quis aproveitar-me do silêncio e da obscuridade da noite para o embarque. Não o pude, porém, conseguir porque o meu projecto foi descoberto, comunicado em segredo, e no próprio momento me vi cercado por todos os filhos que eu havia criado para, Jesus Cristo!

Confesso a minha fraqueza, pois que me encheu o coração de enternecimento e dor a vista aquele rebanho que com a minha ausência ficava exposto a ser presa do inferno! Pedi-lhes que se reunissem numa igreja que ali recitassem e cantassem o catecismo, do mesmo modo que faziam em minha presença, e que o decorassem. Um Padre muito apreciado e meu sincero amigo consolou-nos prometendo-nos encarregar-se da direção daqueles exercícios de piedade como eu os havia estabelecido...".

Que sensibilidade naquele coração de apóstolo, e que enternecimento, doçura e encanto na maneira franca e sincera como aquele grande e magnífico conquistador de almas exprime o bem que produziu, e a promessa do Padre que o devia substituir: "ele consolou-nos". A sua humildade não lhe permite supor que os seus queridos neófitos sentissem tanto a falta da sua pessoa quando um outro lhes prodigalizasse os mesmos cuidados; parecia ignorar o poder que Deus lhe dera!

Levara o nosso Santo para o colégio de Goa trinta jovens índios para ali serem educados e instruídos com o fim de entreterem e conservarem a fé nas Molucas quando voltassem.

No momento em que o navio que conduzia o apóstolo venerado levantou ferro, um grito de consternação se elevou da praia e retiniu até ao fundo do

coração tão sensível e amável de Xavier; novas lágrimas se escaparam dos seus olhos, retirou-se, entregou-se à oração e ofereceu a Deus a sua dor e os seus votos pelo estremecido rebanho do qual a divina vontade o separava.

Em Ambóino demorou-se Francisco Xavier alguns dias com o fim de reavivar o fervor religioso dos seus neófitos. Quatro navios portugueses se achavam então no porto; visitou as equipagens e fez erigir uma capela à borda do mar

"Passei vinte dias entre os marinheiros e soldados, escrevia ele; preguei três sermões, confessei muitos, acabei com as suas desavenças e lhes disse ao despedir-me: A Pai :da convosco".

Um dia, enquanto ele pregava às equipagens, parou e disse-lhes, depois de um instante de silêncio

"Orai por Diogo Gil; recomendai-o a Deus, por que ele está em agonia em Ternate".

Soube-se pouco depois que Diogo morreu no mesmo dia.

Quando os navios portugueses estavam para se fazer à vela de volta a Malaca, Xavier observou aquele que parecia o mais forte e que sabia estar mais ricamente carregado, e dirigindo-se a Gonçalo Fernandes, a quem o navio pertencia, disse-lhe:

- "Senhor Gonçalo, este navio passará por um grande perigo! Que Deus vos livre dele!"

No estreito de Sabon, o navio choca contra um rochedo, despedaçando o leme e ameaçando abrir infalivelmente o casco; todos se preparam para se lançarem ao mar... Uma vaga, porém, levanta o navio, desencalha-o e leva-o ao largo...

Xavier havia dito: "Que Deus vos livre!" Deus o havia ouvido, o navio estava "salvo".

O nosso Santo visitou todas as povoações da ilha de Ambóino e fez erigir uma cruz em cada uma; uma destas cruzes, colocada pelo próprio Santo, adquiriu no futuro uma grande celebridade por ocasião dum milagre que julgamos dever referir aqui com a maior simplicidade.

A estiagem aterrava o país, e alguns habitantes falavam já em recorrer aos seus antigos ídolos e fazer-lhes oferendas para obter a chuva desejada, quando uma mulher exclamou entusiasticamente:

- "Voltar ao ídolo? Ah! o que diria o santo Padre? Não ternos nós a cruz da margem do rio, e o santo Padre, quando a colocou, não nos disse: Meus queridos filhos, vós vireis para ao pé desta cruz pedir ao nosso Pai que está rio Céu, as coisas de que carecerdes, e tudo quanto lhe pedirdes pelos merecimentos de Jesus crucificado, ela vos concederá?"

"O santo Padre o disse e ele nunca nos enganou! Antes de recorrerdes ao ídolo vinde à cruz comigo!"

A índia arrasta assim toda a povoação para junto da cruz, pede a Deus que lhes conceda a chuva, pois que o santo Padre prometera que se obteria tudo quanto se pedisse pela virtude da cruz; suplica-lhe não permita que se volte ao ídolo, que não é mais do que um demônio. Enquanto ela ora com aquela simplicidade de fé, cobre-se o céu de espessas nuvens, a chuva cai brandamente e continua a cair sem interrupção por todo o tempo necessário

para reparar os prejuízos que a seca produzira.

Francisco Xavier deixou, finalmente, aquele bom povo que comparava muitas vezes aos primeiros cristãos, e embarcou para Maloca, onde chegou em julho de 1547. Encontrou ali os padres João da Beira, Nunes Ribeira e Nicolau Nunes, aos quais ele ordenara que fossem para as Molucas, e esperavam que algum navio se fizesse à vela com aquele destino.

O Padre Francisco Maneias recebera igualmente ordem de partir com eles, porém, persuadido de que a sua presença era necessária no cabo Comorim e que o seu superior não podia avaliar bem as coisas de tão longe, deixou de obedecer. Xavier, apreciando diversamente a santa obediência e considerando-a como a primeira virtude necessária em um bom religioso, não hesitou em expulsar da Companhia aquele membro recalcitrante.

Dois dos missionários que vinham auxiliar o ilustre apóstolo haviam chegado a Goa com mais sete Padres europeus, de entre os quais alguns estavam na Costa da Pescaria. Os filhos de Santo Inácio tinham-se já multiplicado a ponto de poderem destacar nove duma vez para as Índias, mas Xavier pedia ainda e pedia sempre!

Esperando que algum navio se fizesse à vela para as Molucas, deu as suas instruções aos três Padres que para ali mandava; instruiu-os mesmo na missão de Maloca no modo de exercer o apostolado naqueles países, onde tantos frutos respondiam aos seus incríveis trabalhos, e foi para ele uma verdadeira alegria poder guardá-los junto de si por aquele tempo todo, porque embarcaram só pelos fins de Agosto.

O apóstolo estremecido não teve menos que fazer durante a sua permanência em Maloca; todos queriam confessar-se a ele, e escrevia aos seus irmãos de Roma:

"Não podendo satisfazer a todos, fiz descontentes, mas eu lhes perdoei de boa vontade os seus azedumes, porque aquele despeito provava os desejos que tinham de se reconciliarem coa Deus e tornarem-se melhores para o futuro".

Que doce caridade! que tocante indulgência!

João de Eiro viera de Ambóino com o nosso Santo, e sem nada lhe dizer, aceitou uma considerável soma que um rico português lhe deu para acudir às necessidades do santo Padre; mas era difícil ocultar-se uma coisa daquele gênero àquele a quem Deus esclarecia em tudo.

Xavier, que queria viver da pobreza evangélica em todo o seu rigor, achou tão culpável a ação de João de Eiro, que julgou dever puni-lo severamente. Ordenou-lhe que passasse para uma ilha deserta, vizinha de Malaca, onde viveria e pão e água unicamente, e que passaria ali os seus dias em ração; acrescentando:

- Um tal ato de avareza é uma injúria feita à pobreza evangélica; ela deve ser expiada! Ide! não volteis sem que eu vos chame!

João de Eiro amava o santo Padre com tão terna afeição, que nem pensou em resistir e desobedecer; não hesitou nem um instante; deixou-o logo, fez a sua provisão de pão, foi desterrar-se na solidão que lhe era designada, e ali viveu cumprindo a ordem que recebera.

Um dia, durante a sua oração, aparece-lhe a divina Mãe com semblante severo; ele quer aproximar-se... ela repele-o e lhe diz que não deve pretender a honra de entrar na Companhia de Jesus, e desaparece.

Eiro, chamado poucos dias depois por Francisco Xavier, não lhe fala da sua visão; mas Xavier conta-lha com todos os pormenores. Eiro, que desde muito tempo desejava entrar na Companhia, julgou que podia negar o facto procurando persuadir-se que não passava dum sonho, tanto nele como em Xavier, e negou, portanto, resolutamente.

- Ide! disse-lhe o nosso Santo; eu sei a quem me deverei dirigir acerca disto. Vós faltastes à lealdade e amais o dinheiro; não podemos viver doravante juntos; separemo-nos, pois. Contudo, quero que saibais, para vossa consolação, que Deus vos iluminará e vos concederá a graça de vos receber um dia na Ordem de S. Francisco [50].

V. ARMAS PORTUGUESAS VITORIOSAS - EMBARCA PARA COCHIM

"Às armas! às armas! em socorro da praça! o inimigo está às portas!
Às armas! bravos portugueses; às armas! bravos índios! às armas!"

Este grito de alarme retiniu subitamente no meio do silêncio da noite, nas ruas de Malaca, a 9 de Outubro de 1547.

Produziu um geral terror nos habitantes e todos correram às armas; eram duas horas da manhã. O tempo estava quente, um luar sinistro iluminava a cidade inteira; gritos longínquos, alegres e prolongados como os gritos de vitória, e multiplicados por numerosos ecos, misturavam-se com o estrondo das descargas sucessivas de uma formidável artilharia.

Homens, mulheres, crianças, índios, portugueses, toda a população enfim, está de pé em um instante. Cada um procura conhecer o perigo de que é ameaçado; dirigem-se ao porto... Está em fogo!

Todos os navios ancorados são presa das chamas, o incêndio que devora aquele rico meio de defesa, deixa a cidade à mercê dos bárbaros que a atacam tão traiçoeiramente! Contudo ela procura defender-se do interior pelo maior tempo possível, e consegue repelir os assaltantes que investem ferozmente e contam ocupar a fortaleza antes do dia.

Ao nascer do sol, sete pobres pescadores entram na cidade; tinham sido surpreendidos pelo inimigo, que depois de lhes cortar os narizes e as orelhas os enviava, assim mutilados, com uma carta do general em chefe do exército muçulmano a D. Francisco de Melo, governador de Malaca.

Aquela carta, que merece ser transcrita, era concebida nos seguintes termos:

"Bajaja Soora, que tem a honra de levar em vasos de ouro o arroz do grande sultão Alaradim, rei de Achém e das terras que são banhadas pelos dois mares, te ordena que escrevas ao teu rei dizendo-lhe que estou aqui, mau grado seu, lançando o terror na sua fortaleza pelo meu feroz rugido, e que aqui estarei quanto tempo me, parecer. Eu tomo por testemunha não somente a gente que a habita mas todos os elementos até o céu da lua, e lhes declaro pela minha própria boca, que o teu rei é sem valor e sem nome, que os seus estandartes abatidos não poderão jamais levantar-se sem permissão daquele que lhos vence hoje; que, pela vitória que alcançamos, o meu rei tem debaixo dos seus

pés a cabeça do teu, que é desde este momento seu vassalo e seu escravo; e a fim de que tu próprio confesses esta verdade, te provooco e desafio ao combate no local em que me acho, se te sentes com coragem de ousar resistir-me".

O governador não se inquietaria absolutamente com aquela carta se pudesse dispor da sua marinha; porém todos os navios portugueses se achavam destruídos pelo inimigo, e não podia aceitar o combate naval; a situação era, portanto, embaraçosa; mandou pedir ao Padre Xavier que viesse auxiliar com o seu parecer o conselho reunido em sua casa.

Francisco Xavier acabava de dizer a missa a Nossa Senhora do Monte; acode imediatamente ao chamamento de D. Francisco de Melo, que lhe dá a ler a carta de Soora, e lhe pede a sua opinião. Xavier, que, segundo a expressão de M. Crétineau-Joly, - "tinha o velho sangue de fidalgo nas veias" - respondeu-lhe:

- Senhor, o sultão é muito mais inimigo do Cristianismo do que de Portugal. Por honra da religião cristã é necessário aceitar-lhe o combate; um insulto semelhante não pode ficar impune! Se vós suportais aquela injúria deste rei muçulmano, a que se não atreverão todos os outros? Não! não! é necessário aceitar o desafio, e provar aos infiéis que o Criador do Céu e da terra é muito mais poderoso que o seu rei Alaradim.

- Mas, meu Padre, como quereis vós que vamos para a mar? Em que navios quereis que embarquemos? Dos oito que existiam no ancoradouro, só nos restam quatro cascos de fustas arruinadas! e poderiam elas prestar-nos algum serviço contra uma esquadra tão numerosa?

- Quando os infiéis tivessem um número de navios muito mais considerável ainda, respondeu Xavier, não seríamos nós os mais fortes, tendo o Céu por nós? E se Deus está por nós, quem contra nós? Poderemos porventura ser vencidos combatendo em nome de Jesus Nosso Senhor?

O grande Xavier pronunciara aquelas palavras coze um acento tão inspirado, que não deixava hesitação por um só momento sobre o partido a tomar, Dirigem-se todos ao arsenal; Francisco Xavier guia e anima a todos em geral e a cada um em particular: descubrem uma barca chamada Catar, em bom estado e destinam-na para o combate. Existiam sete fustas fora do serviço e ele julga que podem ser reparadas; porém Eduardo Barreto, capitão e diretor dos armamentos, declara a empresa impossível:

- Aos armazéns do estado, diz ele, falta neste momento tudo que é necessário para a obra da reparação e equipamento; demais, o cofre de reserva está absolutamente sem dinheiro.

Xavier agarra-se então aos sete capitães dos navios, membros do conselho; abraça-os e suplica-lhes que se encarregue cada um da reparação e do armamento duma fusta, e sem lhes dar tempo para responder, designa a cada um a sua, com tanta viveza nos movimentos, tanta grada na sua exigência e atração nas suas palavras, que todos aceitam com entusiasmo e empregam imediatamente naqueles trabalhos, mais de cem operários, à sua custa, em cada embarcação. Em cinco dias ficaram elas em estado de serem lançadas ao mar. Andréa Toscano, um dos mais distintos marinheiros, tomou o comando da Catar. Cada capitão vai comandar o barco que reparara, e recebe a seu bordo cento e oitenta soldados. D. Francisco Deza toma o comando da frota.

O heróico Xavier pediu para acompanhar a armada naval; os habitantes de Malaca opuseram-se tenazmente, considerando-se abandonados por Deus, se o

santo Padre os deixasse num momento de tão grande ansiedade para eles. Dirigiram-se em massa à casa do governador para lhe suplicarem que retivesse o santo Padre; D. Francisco de Melo prometeu-lhes pedir aquele favor ao seu apóstolo deixando-lhe, contudo, a decisão:

"Vamos para ali todos! exclamaram eles imediatamente; vamos procurar o santo Padre! ele terá piedade de nós; não rios poderá recusar!"

Efetivamente, Xavier, não pôde resistir às suas solicitações e às suas lágrimas

- Sim, meus queridos irmãos, lhes respondeu ele, eu ficarei entre vós durante todo o tempo desta guerra; orarei convosco pelo triunfo da nossa valente armada, e espero que Deus, combatendo por ela, no-la restituirá vitoriosa.

Aquelas singelas palavras bastaram para acalmar a grande consternação do povo.

Na véspera do embarque da expedição, Xavier, reuniu na igreja os oficiais e os soldados da armada naval:

- Eu vos acompanharia, lhes disse ele, de alma e coração. Vossas famílias pediram-me com tantas lágrimas que ficasse com elas para as consolar e amparar durante a vossa ausência, que não pude resistir às suas instâncias e à sua dor; mas seguir-vos-ei com os meus votos e as minhas orações. Elevarei as mãos para o Deus dos exércitos, enquanto vós arremeteis o inimigo do nome cristão. Combatei com valor, não para adquirir uma glória vã e transitória, mas uma glória sólida e imortal!

No calor do combate, dirigi a vista para o divino Salvador crucificado cuja causa defendeis e sustentais, e em vista das suas veneráveis chagas, não temais as feridas e a morte! Bem felizes vos deveríeis julgar se vos fosse permitido dar vida por vida...

- Meu Padre, exclamaram a uma voz todos aqueles bravos guerreiros, meu Padre, nós juramos aqui, perante Deus e perante vós, combater os infiéis até à morte! Juramos dar o nosso sangue até à última gota pela causa de Jesus Cristo!

-Este juramento impressiona-me profundamente, replicou Xavier, cujas lágrimas traíam a comoção que o dominava. Jesus Cristo ouviu-o, aceitou-o: vós sois de hoje em diante a falange de Jesus Cristo! e eu vou abençoar-vos em seu nome.

No mesmo instante, todos aqueles bravos guerreiros caem de joelhos, o grande apóstolo implora para eles as bênçãos celestes, depois, ouve em confissão a cada um e administra-lhes a sagrada comunhão.

A expedição embarca na manhã seguinte com um entusiasmo que parece pressagiar a vitória. Levantam-se ferros... O navio almirante faz ouvir um ruído medonho!... Abre-se uma veia de água que deixa apenas o tempo necessário para salvar a equipagem, e o navio submerge-se!... O povo cobria a praia; grita vigorosamente contra a partida da frota, pede que se renuncie àquela expedição, revolta-se contra o santo Padre, não obstante toda a veneração, todo o amor que lhe inspira.

A equipagem do navio almirante estivera em tamanha perigo e tão próxima da morte, que aquele povo exasperado pelo receio duma nova desgraça, perdendo a consciência do que diz e do que faz, acusa de imprudente aquele de quem recusava separar-se dois dias antes.

O governador manda chamar o santo Padre, que o enviado encontra no altar quase no fim da missa; ele aproxima-se para lhe falar; o Santo acena-lhe que espere. Depois da missa, Xavier diz ao enviado do governador, sem lhe dar tempo de falar;

- "Ide dizer a vosso amo, da minha parte, que não nos devemos desanimar pela perda dum navio".

Conservou-se ainda por algum tempo em ação de graças aos pés do altar da Santíssima Virgem, e ouviram-lhe exclamar com todo o ardor de sua alma, antes de se retirar

"Meu Jesus, amor do meu coração! olhai-me dum modo favorável! considerai vossas adoráveis chagas! lembrai-vos que elas nos dão o direito de pedir-vos o que desejamos! E vós, Virgem Santa, sêde-me propícia!"

E, erguendo-se, corre à fortaleza, onde a conselho reunido o aguardava:

- Que é isto, pois! vós perdeis a coragem por tão pouco? diz ele ao governador.

- Mas, meu Padre, o povo está exaltado! Fostes vós que promovestes esta triste crise...

- Vamos ao porto, senhor, tudo isto vai arranjar-se, eu vo-lo prometo.

A gente que acabava de escapar da morte estava consternada. Xavier enche-se de toda a sua coragem para lhes dizer:

- Sêde firmes na vossa resolução, não obstante esta desgraça que Deus não permitiu senão para experimentar a vossa fidelidade. Ele vos salvou do naufrágio, como fim de vos obrigar a cumprir a promessa que lhe fizestes sob juramento!

- Sim! sim, meu Padre! nós sustentaremos e cumpriremos o nosso juramento!

Tal foi o grito de expansão unânime da guarnição do navio almirante, ao qual todas as outras respondem com o mesmo entusiasmo da véspera. Apesar disso, o governador, deixando-se influenciar pela oposição dos habitantes, persiste em declarar a guerra impossível... Eleva-se então um brado formidável das fileiras do exército; os capitães encarregam-se de pedir a palavra em nome das equipagens, e anunciam ao governador que os soldados preferem a morte à inação; que eles juraram solenemente a Jesus Cristo combater os infiéis até à última gota do seu sangue, e não cessam de repetir:

"Nós devemos esperar tudo das orações e das promessas do santo Padre Francisco!"

A esta última palavra, Francisco Xavier, ergue-se com tom inspirado que dominava todos os espíritos, e diz ao governador e ao conselho

- A fusta perdida será bem depressa substituída; antes do pôr do sol nos chegarão melhores navios: eu vos anuncio isto em nome de Deus!

Seguiu-se um momento de silêncio, depois do qual ficou convencido que se adiasse a resolução para a manhã seguinte.

O dia correu longo para todos!... O sol estava quase a desaparecer, quando vieram anunciar que do campanário da igreja de Nossa Senhora do Monte, se descobriram duas velas na direção do norte. O governador manda-as reconhecer por um bote: eram dois navios portugueses que vinham de Patana, mas que não deviam tocar em Malaca; pertenciam eles a Soares Galega e a seu filho Baltazar, e cada um comandava o seu.

Achava-se então o Padre Xavier em oração na igreja de Nossa Senhora do Monte; foram ter com ele e disseram-lhe:

- Meu Padre, os capitães dos navios não querem ancorar, e a vossa predição não se cumprirá!

Xavier mete-se no bote que havia reconhecido os navios portugueses e dirige-se para bordo deles. Os capitães apenas descobriram o santo Padre, viraram de bordo, approaram para o bote, recebem-no com veneração e põem-se à sua disposição, eles, seus navios e suas equipagens, para o serviço de Deus e do rei.

Foram recebidos com entusiásticas aclamações do povo, e no seguinte dia de manhã, 25 de Outubro, logo que Xavier enviou ao almirante Deza o estandarte que haura benzido, a esquadilha levantou ferro e partiu.

Não seguiremos a armada, pois que Francisco Xavier renunciara a acompanhá-la; aguardaremos, pois, com ele em Malaca, a notícia do seu triunfo ou da sua derrota.

Um mês depois da partida da esquadra, não se tinham recebido senão notícias indiretas, umas mais assustadoras do que outras; o nosso Santo animava a todos e prometia o mais feliz resultado. Contudo os dias sucediam-se naquela mortal incerteza para as famílias, e aquele povo, sempre pronto a voltar-se para qualquer lado, começava a queixar-se de Xavier; muitos portugueses foram até fazer em sua presença insultantes censuras; porém o angélico Padre respondia àqueles insultos com as mais suaves e humildes palavras, acrescentando.

- Eu vos repito, porque tenho a certeza, que a esquadra voltará triunfante.

Decorreram ainda alguns dias e mesmo algumas semanas na desconsoladora incerteza da sorte da expedição! Num dia dos fins de Dezembro, um domingo, pregava o Santo apóstolo na catedral, entre as nove e as dez horas da manhã. Pára de repente... os músculos do seu belo rosto contraídos pela dor e pelo sofrimento; os olhos abertos; o olhar elevado e fixo: tinha uma expressão seráfica. Depois de alguns instantes volta-se para o auditório; mas fala-lhe em termos enigmáticos e tudo quanto se pode compreender é que ele vê duas armadas, em combate e cujos movimentos e manobras segue com uma agitação que se manifesta em toda a sua pessoa. Finalmente, dirigindo o seu celeste olhar para o crucifixo que tinha diante de si, exclama em voz suplicante:

"Ó Jesus, Deus da minha alma! Pai da misericórdia! eu vos rogo humildemente pelos merecimentos da vossa santa Paixão, para que não abandoneis os vossos soldados!"

Depois abaixa a cabeça, apóia-se sobre o púlpito, conserva-se assim, como abismado pela dor, durante alguns momentos, e levantando-se em seguida todo radiante, exclama:

"Meus irmãos! Jesus Cristo venceu por nós! Neste mesmo momento, os soldados do seu Santo Nome acabam de pôr em derrota a armada inimiga.

Fizeram uma carnificina horrorosa! nós não perdemos senão quatro dos nossos bravos soldados; na sexta-feira próxima receberéis notícias, e pouco depois tornaremos a ver a nossa esquadra".

O governador e as principais pessoas da cidade não duvidaram da visão do santo Padre; mas não aconteceu o mesmo com as mulheres e mães dos marinheiros e dos soldados. E o suave e caridoso Xavier, que tinha empenho de beneficiar tanto os corações como as almas, reuniu todas aquelas pobres desconsoladas ao meio-dia, e repetiu-lhes tudo quanto tinha dito de manhã, consolou-as, fortificou-as por tal modo, que elas o deixaram convencidas.

Na sexta-feira imediata o navio comandado por D. Manuel Godinho, trouxe a notícia duma brilhante vitória; a esquadra seguiu-o de perto.

O nosso Santo conduziu o povo para o porto a fim de receber a expedição, e tendo o seu crucifixo levantado, fez entoar durante o desembarque, cânticos de ações de graças, aos quais todos os vencedores misturavam suas vozes coxas alegria.

A presença do santo Padre fazia crescer a exaltação geral, porque, se eles atribuíam a iniciativa da guerra ao poder da sua influência, atribuíam igualmente o resultado ao poder da sua oração, e não se poupavam de lho patentear com o testemunho do mais vivo reconhecimento.

Tantos elogios, tantos aplausos, apressaram a partida de Francisco Xavier, que, além disso, já se demorara quatro meses em Maluca. Fez embarcar a bordo do navio de Jorge Alvares três japoneses, dos quais falaremos mais tarde; os trinta jovens que trouxera das Molucas partiram no navio de Gonçalo Fernandes; uns e outros foram com o maior interesse recomendados ao reitor do colégio de Goa, que os esperava.

Xavier, tendo de demorar-se na Costa da Pescaria, com o fim de visitar as suas cristandades, embarcou em um outro navio que se fazia à vela para Cochim.

VOLTA PARA A PENÍNSULA DE AQUÉM DO GÂNGES

JANEIRO 1548 - MAIO 1549

Índice

I. EMBARCA PARA COCHIM - VIAGEM
TORMENTOSA - CARTA AO REI DE PORTUGAL

II. RECEPÇÃO DOS PARAVÁS -
VIAGEM A BAÇAIM - VOLTA A GOA

III. VOCAÇÃO DE COSME DE TORRES
E CONVERSÃO DE PAULO ANGELO

IV. EM ADÉM - CONVERSÃO DE
FERNANDO ÁLVARES - MORTE DE D. JOÃO
DE CASTRO - VOLTA AO CABO COMORIM

V. CONSELHOS E LEMBRANÇAS

VI. RECOMENDAÇÕES - PARTE PARA
O JAPÃO

VOLTA PARA A PENÍNSULA DE AQUÉM DO
GÂNGES

JANEIRO 1548 - MAIO 1549

I. EMBARCA PARA COCHIM - VIAGEM TORMENTOSA
- CARTA AO REI DE PORTUGAL

FRANCISCO XAVIER devia experimentar, na sua vida apostólica, todo o gênero de sofrimentos, de privações e de perigos. Deus queria satisfazer plenamente o ardente desejo que lhe havia criado no coração, de sofrer muito, de sofrer sempre, por seu amor e pela sua glória. Ele mesmo vai contar-nos, num fragmento duma das suas cartas dirigida aos seus irmãos de Roma, a sua perigosa viagem de Malaca à costa do Malabar.

Cochim, 20 de janeiro de 1548.

"...A minha volta de Malaca às Índias foi acompanhada dos maiores perigos. Durante três dias e três noites estive o nosso navio envolvido na mais violenta e perigosa tempestade. Não me recordo de ter jamais visto outra tão horrorosa.

A maior parte dos passageiros, aterrados de medo perante a morte que se apresentava a cada instante sob as mais horríveis formas, juravam que se não exporiam nunca mais aos caprichos do pérfido elemento, se escapassem àquele perigo.

Os mercadores viram-se obrigados a deitarem ao mar todas as suas riquezas.

No meio de toda esta desesperadora vozeria eu estava em oração, implorando a Deus a intercessão da Igreja militante, de todos os religiosos e familiares da nossa Companhia e de todos os cristãos; invocava o amor de Jesus Cristo pela Igreja; implorava os merecimentos de todos os bem-aventurados, e nomeadamente do Padre Pedro Fabro [51] e dos outros santos da nossa Companhia, para aplacar a cólera do Pai Celeste.

Depois, para encarecer, por assim dizer, o perdão dos meus inumeráveis pecados, dirigia-me à Santíssima Mãe de Deus, que obtém do seu divino Filho tudo quanto ela pede e depositando toda a minha esperança nos merecimentos infinitos de Jesus Cristo, nosso Redentor, nosso Salvador, gozava, assim sustentado durante aquela horrorosa tormenta, duma paz como não gozo hoje que o perigo passou.

Vejo-me verdadeiramente confundido, quando penso que eu, o mais vil dos homens, tenho sido cumulado de delicias tais, que derramava lágrimas de felicidade, enquanto o perigo que corríamos fazia com que uns gritassem de dor, e outros soltassem rugidos de desespero.

Pedia a Nosso Senhor que me não livrasse daquele perigo, se ele me não reservava para outros semelhantes ou ainda piores, se possível fosse, na vida a que me entregara para a glória do seu santo nome!

Deus me fez conhecer que devo às orações e aos santos sacrifícios dos nossos Padres que lutam neste mundo, ou triunfam já no Céu, o ter-me livrado de muitos pesares que cercavam o meu espírito e de outros tantos perigos que ameaçavam o meu corpo. Digo-vos isto para render a Deus e a vós, meus amados irmãos, o tributo de ação de graças que vos devo e para vos suplicar que unais as vossas às minhas, porque nunca dissimulo a minha insuficiência!

Quando o meu pensamento se dirige para vós, para a minha Companhia, que é a minha mãe, não me desanimo, prossigo no meu caminho! Mas a partida dos navios me obriga a ser lacônico e me força a concluir a minha carta. Quero, pois, terminá-la por este protesto:

"Se algum dia eu te olvidar, oh! Companhia de Jesus, oh! minha mãe! que eu me esqueça da minha mão direita e que perca o uso da razão!"

O perigo que produziu no nosso grande apóstolo tão sensíveis consolações, manifestara-se no estreito de Ceylão; o capitão nunca se vira tão desesperado.

Xavier, como fazia sempre nas proximidades de qualquer tempestade, ouviu as confissões e preparou a equipagem para a morte; depois, retirara-se para uma câmara, tendo só Deus por testemunha, para ali gozar de todas as consolações celestes, quando Francisco Pereira, vendo aumentar o perigo, veio procurá-lo para recolher ainda uma das suas santas palavras e receber a sua última bênção.

Ele vê o Santo Padre de joelhos, com a vista fixa no seu crucifixo, e tão longe deste mundo, que parece nada ver, nada ouvir e nem temer que o navio fosse levado naquele momento para cima de um banco de areia, onde a sua perda era inevitável, assim como a da equipagem. Pereira não se atreve a dirigir-lhe a palavra e retira-se respeitosamente.

Um instante depois, Xavier, saindo da sua contemplação veio pedir ao piloto a corda e o chumbo da sondagem: fez descer o chumbo até ao fundo, dizendo:

"Grande Deus! Pai, Filho e Espírito Santo, tende piedade de nós!"

No mesmo momento o navio detém-se, o mar acalma-se, toma-se ao largo, e ganha-se a salvamento o porto de Cochim.

Pouco depois da sua chegada àquela cidade, recebe o grande Xavier a visita de muitos capitães que, prestes a fazerem-se à vela para Lisboa, vinham pôr à sua disposição os seus navios; ele aproveita o oferecimento para escrever para a Europa.

S. FRANCISCO XAVIER AO REI DE
PORTUGAL

"Cochim, 20 de Janeiro de 1548.

Senhor

As cartas dirigidas à nossa Companhia na Europa, e pelas quais dou conta do estado da religião nas terras de Malaca e nas Molucas, vos terão sido comunicadas, sem dúvida, e terão satisfeito os vossos desejos de conhecer estes pormenores. O mesmo navio levava a minha resposta às cartas com que vos dignastes honrar-nos, vós, Senhor, que pela afeição e benefícios que nos prodigalizais, tendes adquirido o título de principal protetor da nossa Companhia sobre a terra.

Deixo àqueles, cujo zelo pela religião, os leva daqui aos pés do vosso trono, o encargo de satisfazer Vossa Alteza sobre o que diz respeito a cristandade nas Índias, em geral.

Além das informações que eles vos darão, receberá Vossa Alteza, a respeito da ilha de Ceylão, uma memória de Pedro João da Vila do Conde, fiel ministro do Evangelho, que conhece perfeitamente aquela ilha. Ele redigiu aquela memória com a clareza, exactidão e desenvolvimento necessários para o descargo da sua consciência e da vossa, por que é tão importante para ele expôr-vos a verdade, como é importante para vós conhecê-la. A memória vai acompanhada duma carta dirigida a Vossa Alteza e de vários documentos de que eu tenho roteiro conhecimento.

Vossa Alteza procederá segundo a habitual prudência, se, nas ordens que expedir, e na distribuição dos empregos que vai fazer, puder aproveitar-se daqueles documentos que são verdadeiros e fiéis. Julgo que os nossos irmãos terão informado com exactidão e pormenorizadamente a Vossa Alteza acerca da situação das Igrejas de Comorim, de Goa e de outras partes espalhadas pelas Índias, e que cada dia se multiplicam.

Quanto a mim pessoalmente, depois de haver pensado e examinado maduramente sobre o estado destes negócios, pergunto a mim mesmo se deverei expor a Vossa Alteza o que me parece indispensável para a propagação da fé.

O meu ardor pela glória e serviço de Deus fazia-me todos os dias pegar na pena, e o desânimo fazia-me cair das mãos todas as vezes. "Ah! dizia eu a mim próprio para quê? Jamais, sim, jamais os meus projetos serão acolhidos! ..."

Senhor, a este triste pensamento se revoltava imediatamente a minha consciência; ela me arguia se era sem fundamento que o Céu me inspirava aquele intento e me levava para ele todos os dias? Convencia-me então que era em resultado da sua vontade. "Mas, dizia eu ainda a mim mesmo, se deposito aos pés de Sua Alteza a causa das minhas dores, a minha carta não será um ato de acusação contra o meu príncipe na hora da sua morte? e não irá ela agravar mais o rigor daquele último julgamento, tirando-lhe o pretexto da ignorância?"

Ah! Senhor, crêde-me, eu vos suplico! a minha

perplexidade tem sido bem grande! porque a minha consciência me diz que se desejo morrer aqui sob o rigor do clima e do calor, é unicamente com o fim de aliviar a Vossa Alteza, tanto quanto me é possível, do opressivo fardo que sobre vós pesa e de vos minorar algum tanto as desgraças terríveis do julgamento final.

A afeição que consagrais à nossa Companhia é, a meus olhos, dum tão grande valor, que não julgo comprar muito cara a vossa felicidade futura, sofrendo toda a espécie de tribulações e de contrariedades. Entre o meu dever e o perigo que correis, Senhor, são horríveis os tormentos que tem dilacerado a minha alma até ao momento em que tomei o partido de cumprir o dever que me impõe a minha consciência, expondo-vos com sinceridade os sentimentos por longo tempo reprimidos.

Eis aqui, Senhor, o que me faz abrir o coração e enxugar a dor:

Todos os vossos oficiais, todos aqueles que estão à testa dos negócios, se acham expostos a torpes invejas, mui ordinariamente dissimuladas por exterioridades de bondade, e sempre culpáveis, sempre perniciosas, elas os trazem em contínua oposição; eis a razão por que muitas coisas essenciais ao serviço de Deus são desprezadas.

Um diz: O meu direito é fazer isto, eu não deixarei a glória a um tal; um segundo: Isto que eu não feto, não consentirei que outros o façam; e um terceiro se queixa de que os outros nada fazem enquanto ele se acha sobrecarregado de trabalhos.

Em meio destas alterações, fomentam-se as paixões; cada um escreve segundo o seu interesse, não tendo por mira mais do que o seu engrandecimento; o egoísmo domina; o tempo foge e ninguém se ocupa dos interesses da religião.

As mesmas causas produzem os mesmos efeitos no serviço de Vossa Alteza: tudo quanto deveria concorrer para a vossa glória e para os vossos interesses é um acessório de somenos importância.

Para este mal eu não vejo mais que um remédio. Se se applicasse este, o Evangelho faria bem depressa imensos progressos; os cristãos indígenas, hoje desprezados, seriam protegidos; nenhum índio nenhum português se atreveria a persegui-los nem a despojá-los dos seus bens.

Seria necessário que Vossa Alteza fizesse saber por cartas de ordem, ao vice-rei, aos governadores que servem nas Índias, e de viva voz àquelas que enviais para os comandos aqui, que a vossa expressa vontade é que se procure por todos os meios possíveis a consolidação e a propagação do Evangelho; que fareis responsáveis e tomareis severas contas desta parte essencial dos seus deveres, e que serão punidos ou remunerados aqueles que bem ou mal os cumprirem. Seria para desejar que as cartas de ordens viessem explicitas e claras para evitarem comentários e más interpretações; que sempre que se fizesse nelas menção de nós nominalmente, Vossa Alteza declarasse que não é em nenhum

de nós em particular, nem em todos nós em geral que descansais a vossa consciência, mas sim naqueles que investis de autoridade em qualquer lugar que seja, e que todos os magistrados ficam na rigorosa obrigação de fazer instruir nos elementos da religião todos os infiéis submetidos ao seu domínio.

Seria necessário que o vice-rei e cada governador em particular, quando dessem contas da sua administração, vos expusessem com minuciosidade a situação da religião, cada um nos limites da sua jurisdição.

Vós deveríeis-lhes declarar que não daríeis fé senão e unicamente às suas informações. Comprometeríeis a vossa palavra real, nos alvarás que lhes são entregues para entrar em função, a punir severamente aqueles que não apresentassem senão um pequeno número de neófitos durante o seu governo, pois que o seu número pode crescer por toda a parte, e em cada dia, se os funcionários tomarem este negócio entre mãos.

Eu quereria que estas determinações consignassem o juramento solene de se punir na sua pessoa e nos seus bens, no seu regresso a Portugal, todo o funcionário que tivesse posto obstáculos à propagação do Evangelho; a sua fortuna deveria ser confiscada em benefício da confraria da Misericórdia, e a sua pessoa deveria sofrer alguns anos de prisão. Para evitar todo o pretexto de erro e não deixar a nenhum a idéia de poder subtrair-se à severidade da lei, delararíeis em termos positivos, que não seria admitida escusa alguma de qualquer natureza que ela fosse.

Eu poderia tornar palpável a Vossa Alteza a necessidade desta medida pelos factos que se dão de contínuo, mas isto seria fatigar-vos e apresentar, sem motivo, a história das minhas dores mais cruciantes. Dir-vos-ei, tão somente, que se o vice-rei eu os magistrados convencidos da vontade de Vossa Alteza, em um ano, sim, Senhor, em um ano a ilha de Ceylão toda inteira, todos os reis da Costa do Malabar, todo o vasto promontório de Comorim se lançariam nós braços da santa Igreja.

Mas tenho tão pouca esperança de ver jamais em vigor uma tal medida, que me arrependo, quase, de a haver proposto a Vossa Alteza, tanto mais porque tremo pelo receio de que esta carta e as advertências que ela contém tornem um dia mais inexorável o tribunal do Deus vivo! Senhor, eu ignoro se podereis alegar então que não quisestes dar fé às minhas cartas; o que eu sei, o que protesto, é que eu teria guardado silêncio se tivesse podido fazer isto sem cume.

Não tenho determinado definitivamente a minha viagem para o Japão, mas um dos motivos que me fazem decidir por esta partida é porque me desespero de obter jamais dos vossos funcionários o apoio necessário para a propagação e conservação da fé.

Conjuro-vós, Senhor, pelo amor que tendes a Deus Nosso Senhor, pelo zelo que vos anima para a sua glória, que venhais em auxílio dos vossos fiéis vassallos que habitam nas

Índias, e ao meu especialmente, enviando-nos muitos pregadores da nossa Companhia! Posso atestar a Vossa Alteza que todas as vossas cidades e as vossas fortalezas das Índias têm uma extrema necessidade deste socorro.

Durante a minha permanência em Maloca e nas Molucas, eu pregava duas vezes todos domingos e dias de guarda, e muito me constringia vendo quanto disso carecia o povo e a guarnição. Fazia a pregação à missa para os portugueses; depois do meio dia instrua seus filhos, seus escravos e os cristãos indígenas; explicava-lhes o catecismo, capítulo por capítulo.

Uma vez na semana reunia todas as mulheres e explicava-lhes os artigos do Credo ou os sacramentos da Penitência e da Eucaristia. A obra de Deus lançaria profundas raízes nestas terras se se observasse por toda a parte e sempre este método.

Nas cidades de guarnição, ensinava todos os dias catecismo aos filhos dos portugueses, aos domésticos, aos escravos e aos cristãos indígenas. O efeito destas instruções tem sido fazer desaparecer as superstições pagãs, às quais se entregavam os neófitos ignorantes.

Desço a estas minudências para com Vossa Alteza, afim de que possais julgar, pelo vosso discernimento, da necessidade de nos mandar pregadores, e eu vos suplico que os mandeis em grande número. Sem isto os cristãos, forçadamente abandonados a si mesmos, voltariam aos seus ídolos, e a maior parte dos portugueses esqueceriam as práticas do Cristianismo, e não seriam, para o futuro, mais que cristãos de nome.

Na minha volta de Maloca, cheguei a Cochim a 13 de Janeiro [52] deste ano, e ali encontrei o senhor arcebispo. Gozei de grandes consolações nas minhas conversações com ele; admirava a paciência com que suporta as maiores fadigas, visitando todas as cidades de guerra e todos os cristãos das circunvizinhanças de Meliapor, e cumprindo todos os deveres dum verdadeiro e bom pastor.

Por tantos e tão penosos trabalhos, ele não terá nesta vida outra recompensa mais que a que o mundo concede de ordinário aos Santos; ao menos é a única que lhe agouram certas pessoas desta terra. A sua paciência, passada por cruéis provas, que eu conheço, faz, no meu entender, da sua grandeza de alma, um objecto de admiração e de respeito.

Sei que algumas pessoas têm procurado denegrir a sua reputação com respeito à morte de D. Miguel Vás [53], e não duvido que tenham feito chegar a sua calúnia até junto do trono. Sobre isto, a minha consciência deve ao senhor arcebispo um testemunho verdadeiro e sincero. Posso afirmar, - com quanto não possa dizer nem escrever o que sei e donde o soube - posso afirmar, que ele é tão estranho àquele facto como eu que me achava nas Molucas quando se passou.

Ah! Senhor, eu vos conjuro pelo vosso amor a 'Deus,

pelo temor que tendes de macular a vossa consciência, que nada decidais sobre este assunto que possa fazer doei o menos possível este venerável prelado: Se Vossa Alteza mostrasse dar fé a esta acusação, seria para aumentar a coragem de todos os caluniadores da Índia.

A generosidade de D. Pedro Gonçalves, vigário geral de Cochim, com respeito à nossa Companhia, é tal, que eu considero como um benefício feito a mim próprio a sua promoção ao cargo de reitor da vossa real capela, e a admissão de seu sobrinho no número dos vossas pagens.

Nossos irmãos, e eu especialmente, vos dirigimos sinceros agradecimentos. Vós compreendereis o nosso reconhecimento, quando souberdes que a casa do vigário geral é o hospício da Companhia de Jesus; que ele nos prodigaliza testemunhos de uma amizade pouco comum, que a sua hospitalidade excede os limites da caridade vulgar, a ponto de, não contente de nos dar tudo quanto tem, pôr os seus amigos em contribuição para prover às nossas necessidades.

Rogo a Vossa Alteza, em nome da nossa Companhia, que lhe faça expedir, assim como a seu irmão, os alvarás necessários para eles receberem aqui os seus honorários. Um e outro são dignos deste favor. O primeiro recomenda-se pelo seu zelo infatigável na salvação das almas dos vossos vassallos, e o segundo pela exactidão e atividade de seu filho no serviço de Vossa Alteza.

Senhor, eu rogo a Deus que se digne penetrar-vos dos deveres inerentes à vossa dignidade, e que nos dê forças para os cumprir como desejaríeis ter feito na hora da vossa morte.

De Vossa Alteza, o servo,

Francisco Xavier."

O nosso admirável Santo devia ter uma elevada opinião do príncipe a quem escrevia assim; por que se esta carta é digna do grande Xavier, ela honra também o soberano que sabia acolher com reconhecimento aquela linguagem da liberdade apostólica, e dar direito a todos os pedidos que o zelo de Xavier lhe dirigia com tanta nobreza e dignidade.

O mesmo navio que levava quela carta ao rei, levava também uma para Santo Inácio, na qual encontramos o máximo da humildade tão profunda do nosso Santo, e os ternos sentimentos que conservava para com o seu amado Pai, não obstante a grande distância que os separava:

"...Deus conhece, escrevia ele, meu muito querido Pai, o desejo em que ardo de vos ver ainda uma vez nesta vida, para submeter á vossa sabedoria mil coisas que têm necessidade da vossa penetração e do vosso conselho. De mais, a obediência não conhece distâncias... Eu vejo já, nas Índias, muitos membros da nossa Companhia dispersos; mas não vejo entre eles nenhum médico para os nossos males espirituais!

Conjuro-vos, meu bom Pai, pela vossa amizade paternal, suplico-vos por Jesus Cristo vosso Senhor e meu, que lanceis uma visita de piedade sobre aqueles dos vossos filhos

que a Providência chamou para as extremidades da terra! Eu vos peço que nos envieis um homem de alta virtude e de raia santidade, cuja vigilância e vigor animem meu espírito que se deixa algumas vezes enfraquecer!

Espero que o Espírito de Deus que vos manifesta o nosso interior e vos descobre as posições dos nossos corações, vos sugerirá os meios de reavivar a nossa virtude entanguescida..."

Xavier escreveu ainda no mesmo dia ao Padre Simão Rodrigues, para Lisboa, pedindo-lhe pregadores da Companhia, e empenhando-se para que ele apoiasse pelo seu valimento os pedidos que dirigia ao rei:

"...É chegado o tempo, lhe mandava ele dizer, de desvendar os olhos a Sua Alteza, por que ele está mais próximo do que pensa do momento em que o Rei dos reis o citára para o seu tribunal e lhe fará ouvir estas aterradoras palavras: Dai-me contar da vossa administração [54]. Fazei, pois, de moda que ele nos envie socorros para propagar a fé enquanto é tempo..."

O grande apóstolo das Índias, como já dissemos, não conhecia o repouso. Depois de ter escrito todas aquelas cartas, embarcou para Comorim, a fim de visitar de novo os seus queridos Paravás, seus primeiros filhos em Jesus Cristo, que ele amava com verdadeira ternura paternal.

II. RECEPÇÃO DOS PARAVÁS - VIAGEM A BAÇAIM - VOLTA A GOA

UMA vela! uma vela! gritavam batendo as palmas muitos índios colocados em observação, desde a madrugada, sobre a penedia mais avançada das costas do Comorim.

- Uma vela! uma vela! repetiam milhares de vozes sobre toda a extensão da praia: é ele! é o grande Padre! O Sanctissima Trinitas!

- O grande Padre chega!

- Como ele ficará contente de nos ouvir cantar a doutrina cristã para o receber!-e ver que nós nada esquecemos!

- E como ele abraçará Francisco!

Dali a pouco a alegria dos bons Paravás tornou-se mais entusiástica ainda. Aquele navio; que ao princípio se apresentava como um ponto negro no horizonte, foi reconhecido claramente, e, impellido pelo mais favorável vento, avançou com rapidez.

Toda a população das Costas se achava abalada pela chegada do grande Padre: as casas, as aldeias, os campos, os trabalhos, tudo tinha sido abandonado; cristãos e pagãos desejavam ver o grande Padre muito querido, do qual se achavam privados desde muitos anos.

Os Padres Criminale, Henrique e Cipriano tinham continuado entre eles os trabalhos do grande apóstolo, e haviam conseguido conquistar os corações e a confiança dos Paravás; mas nada valia, para aqueles bons índios, como o grande Padre tão amado.

Finalmente fundeou o navio que conduzia o Santo venerado; Xavier é visto, e um imenso grito de alegria, partindo daqueles milhares de homens, vai repercutir no seu coração. Ele faz sinais de afeição àquela massa de povo que cobre a praia; testemunha-lhes também a sua alegria por tornar a ver o seu querido rebanho, e logo que põe o pé sobre a praia, os gritos de entusiasmo são substituídos por cantos da doutrina cristã, aos quais o nosso amável Santo acompanha com sua encantadora voz. Era a prova do prazer que nele produzia o acolhimento dos seus primeiros filhos em Jesus Cristo. Eles assim o cumprimentaram, o seu querido Pai, até à primeira povoação, sem interromperem os cantos.

Xavier parou à entrada da povoação para falar, àquela grande multidão; mostra a sua alegria por tornar a ver os seus Paravás e o prazer que nele causou a recepção que lhe fizeram; felicita-os por se terem conservado fieis na sua ausência, e procurava animá-los para o futuro, quando um índio lhe disse com orgulho que não podia dissimular:

- Oh! isto nada é, grande Padre.

- Nada é, meu filho! Ah! o que há então mais?

- Há, grande Padre, que Francisco, a quem baptizastes e destes o vosso nome, quis morrer pela doutrina: ei-lo, que diga ao grande Padre o que lhe fizeram.

- Vejamos, meu caro Francisco, disse Xavier ao jovem indiano abraçando-o com lágrimas de ternura, contai-me isso; o que vos aconteceu, meu filho?

- Grande Padre, respondeu-lhe Francisco, eu achava-me em um navio português que a tempestade arrojou para um porto muçulmano; o navio foi aprisionado, os portugueses mortos, e a mim, como era índio, quiseram fazer-me muçulmano; eu disse-lhes que era cristão e cantava a doutrina do grande Padre.

Prometeram fazer-me muito rico se eu quisesse renunciar ao meu batismo. Não o quis, e tornei a cantar a doutrina cristã do grande Padre.

Quiseram matar-me, e eu disse: "Matai-me, mas eu cantarei até à última hora a doutrina cristã! O Sanctissima Trinitas! como diz o grande Padre." Então privaram-me de alimento e encerraram-me numa prisão, mas eu cantava sempre a doutrina para morrer cristão!

Oh! sim, eu queria morrer cristão, grande Padre! O Sanctissima Trinitas!

- E como foi que a Providência vos livrou, meu querido filho? perguntou-lhe Xavier, abraçando-o de novo.

- Foi um navio português, grande Padre, que chegou com muitos soldados; eles mataram todos os muçulmanos que se bateram com eles, e quando lhes disseram que eu estava preso vieram buscar-me e me trouxeram para aqui.

O santo apóstolo agradeceu a Deus por aquele triunfo da fé naquele jovem coração; era para a sua alma uma grande consolação! Abraçou repetidas vezes o fiel Francisco, e felicitava-o ainda por haver sofrido por Jesus Cristo, quando vieram aumentar a sua alegria dizendo-lhe que muitos Paravás tinham igualmente resistido a todas as promessas e a todas as ameaças dos infleis.

- Sim, grande Padre, disseram-lhe os confessores da fé que acabavam de se tornar notáveis, nós respondíamos a tudo cantando a doutrina cristã! E a cantaremos até à morte! O Sanctissima Trinitas!

Os índios selvagens não compreendiam o sentido das palavras: O Sanctissima Trinitas! mas tinham-nas ouvido por várias vezes repetir ao seu apóstolo venerado; haviam notado que elas eram nascidas dum impulso do seu coração, que ele as pronunciava com uma acentuação abrasadora, um olhar que parecia perder-se nos Céus, e um ardor. que se traía pelo vivo colorido do seu rosto.

Gostavam tanto de o contemplar no momento em que aquele grito de amor se escapava da sua alma, que a ingrata memória daqueles selvagens as havia conservado como palavras misteriosas e poderosas e as tinham adoptado como a sua mais expressiva exclamação; delas se serviam para exprimir os seus mais vivos sentimentos.

Muitas vezes notavam que quando o seu santo apóstolo ás pronunciava, ardendo no fogo divino de que era favorecido, entre-abria o fato e deixava sair do peito e do rosto raios luminosos, cujo brilho os seus olhos não podiam suportar. Notavam mais, que este prodígio se repetia muitas vezes no nosso Santo.

Muitos escravos fugidos dos seus amos vieram procurar o indulgente Xavier para implorarem o seu valioso apoio, logo que souberam da sua chegada:

- Grande Padre, lhe disseram eles a chorar, nós eramos muito desgraçados com os portugueses: fugimos e tornámo-nos mais desgraçados! Não nos atrevemos a voltar para os nossos amos porque eles nos puniriam; mas morremos de fome! Grande Padre! se vós pedis perdão por nós, não seremos por certo castigados!

E Xavier, cujo terno coração se deixava impressionar por todos os sofrimentos, advogou em favor dos escravos, seus caros filhos, que conseguiram voltar para os seus amos com toda a segurança.

Depois de haver visitado toda a Costa da Pescaria, seguiu o nosso Santo para Meliapor onde reuniu todos os Padres empregados nos serviços das -cristandades, a fim de julgar por si das virtudes, dos talentos, da capacidade de cada um, e de os.empregar da maneira mais vantajosa para o bem das almas e glória de Deus.

Nomeou como superior o Padre Criminale, ordenou que todos aprendessem a língua Malabar [55], a mais vulgarizada, e encarregou o Padre Henriques de estudar os princípios daquela língua, de estabelecer as. regras, de compor uma gramática própria para facilitar o seu estudo aos que fossem destinados ao apostolado da Índia.

O Padre Henriques ignorava ainda o malaio; aquele trabalho parecia-lhe impossível, e nunca pensara em o empreender; mas como o seu superior lho ordenara, empreendeu-o sem calcular as dificuldades, e todos se admiraram da prontidão com que o executou.

A obediência operaria um prodígio.

Xavier mandou traduzir naquela língua, por um indígena, a explicação da doutrina cristã que havia empregado nas Molucas com excelente resultado; deixou instruções escritas e pormenorizadas sobre a maneira como os Padres deviam exercer o santo ministério nas diversas cristandades que lhes eram confiadas, e sobre o modo como deviam tratar com os portugueses para conseguir o maior bem dos neófitos, e finalmente partiu para a ilha de Ceylão.

Depois da sua partida escrevia o Padre Vales aos seus irmãos de Portugal.

"...Não sei explicar a felicidade que experimentei vendo o santo Padre. É um servo de Deus ao qual ninguém pode ser comparado. A sua linguagem a sua presença, tudo nele faz admirar e amar a Deus produzindo o maior desejo de o servir. Ele diz muitas vezes: Louvado seja Jesus Cristo! e diz isto com tanto amar que aqueles que ouvem se entusiasmam...".

Haviam morrido em Goa o irmão e o filho do rei de Jafanapatão, e o tirano via-se inquietado pelas inflexíveis hostilidades dos portugueses. Francisco Xavier, antevendo preciosas vantagens para a Igreja e para a coroa de Portugal num tratado que garantisse a liberdade da religião cristã no reino de Jafanapatão, ao mesmo tempo que tornasse aquele país tributário de Portugal, resolveu propôr ao rei este meio de restabelecer e de consolidar a paz entre os dois povos.

Ele parte, chega a Jafanapatão, faz-se apresentai ao rei e comunica-lhe o seu plano

- Vós estais cercado de inimigos, lhe diz ele; tende-los tanto no interior, como fora; o vosso trono, já abalado, está prestes a cair, ele se abaterá ao primeiro choque que lhe for dado pelos vossos vassallos revoltados ou pelas armas portuguesas. Não seria, pois, melhor firmar o vosso poder pelos meios que vou propor-vos? Estabelecei uma aliança sólida com Portugal; pagai-lhe um tributo, e ele se comprometerá a manter-vos.

- Grande Padre de Travancor, a vossa palavra é sagrada, mas os portugueses são cristãos.

- Eis aí porque eu proponho a condição de publicardes um édito pelo qual permitísseis aos missionários pregar a lei de Jesus Cristo nos vossos estados, e aos vossos vassallos a submeterem-se às mesmas leis sem receio de novas perseguições.

Francisco Xavier, vendo-se atendido, explicou os principais dogmas do Cristianismo àquele príncipe, e obteve a promessa de que ele renunciaria um dia aos seus ídolos e às suas paixões; no entanto, aceitou todas as condições propostas, e um dos seus ministros, encarregado de ir negociar o tratado com o vice-rei, acompanhou o grande Padre de Travancor a fim de ser melhor acolhido sob a sua proteção.

Terminado este negócio, seguiu o nosso infatigável apóstolo para o interior da ilha, e teve a felicidade de converter o rei de Candia e um grande número dos seus vassallos; depois embarcou com o enviado do rei de Jafanapatão. Chegando a moa, a 2o de Março, soube que o vice-rei se achava em Baçaim, distante sessenta léguas; tornou a embarcar com aquele destino.

O vice-rei tinha-se rendido durante a ausência do nosso Santo: Dom João de Castro substituíra naquele cargo D. Afonso de Sousa, e não conhecia de vista Francisco Xavier; mas ouvira falar, na corte de D. João III, da sua eminente santidade, dos seus admiráveis milagres, e viera às Índias com grande desejo de o conhecer. Alegrou-se portanto coxas a notícia da sua chegada a Baçaim, recebeu-o com todas as honras que teria prestado ao embaixador do mais poderoso monarca, e imediatamente ratificou o tratado preparado pelo santo diplomata.

Achando-se ainda em Baçaim o Padre Xavier e saindo uma vez do palácio do governador, descobriu um jovem que atravessava a praça e que dirigindo-se para ele toma a sua mão e a leva aos lábios. Xavier retira-lha, olha severamente para o jovem português e diz-lhe em tom de censura e de autoridade

- Como, Rodrigo! eu encontro-vos aqui?... Quando deixei Malaca não me tínheis prometido partir em seguida para Portugal?

- Mas, meu Padre, o vice-rei deu-me o cargo de recebedor dos dinheiros reais... e eu demorei-me.

- E ele fez-vos deixar Malaca por isso?

- Meu Padre, eu detive-me em Goa onde fora ver o governador que me conservou ali...

- E foi o governador que vos ordenou que passásseis dois anos sem vos confessar! é o governador que vos obriga a viver à mercê de todas as vossas paixões? Vejo com dor que vos precipitais para o fundo dum abismo!

- Meu Padre! meu querido Padre!...

- Nós não podemos estar bem, meu pobre Rodrigo enquanto estiverdes de mal com Deus!

- Pois bem, meu bom Padre, farei tudo que quiserdes; partirei, e obedecer-vos-ei! Confessai-me!...

Dos olhos de Rodrigo de Sequeira corriam copiosas lágrimas; tomou a mão do santo Padre, beijou-a com amor e veneração e seguiu-o para se confessar sem demora.

Rodrigo pertencia a uma nobre família portuguesa, e habitava Malaca, onde, por haver matado o seu adversário em duelo, incorrera na severidade das leis e para se pôr ao abrigo delas se recolhera ao hospital; fora ali que o Padre Xavier o havia conhecido e conquistado a sua afeição e confiança.

Rodrigo regressava aos seus sentimentos cristãos e reconciliado com Deus prometera ao santo Padre deixar as Índias, onde a sua alma estaria sempre exposta a graves perigos, e voltar para Portugal. Então o caridoso Santo, tão delicadamente amável para com aqueles que se sujeitavam, dissera-lhe

- Muito bem! meu amigo, pois que já tenho a vossa promessa de deixar este país e voltar para a Europa, dir-vos-ei que podeis tornar a aparecer, mesmo em Malaca, com toda segurança, porque fui feliz em compor o vosso mau negócio. Não sereis perseguido pela família a quem privastes dum dos seus membros, e o governador concedeu-me o vosso perdão. Parti, pois; voltai para o seio da vossa família e vivei sempre como bom cristão.

Rodrigo prometera... e depois faltara 'à sua palavra! Mas desta vez conseguindo voltar à graça de Deus, por intermédio do ministério de Xavier, pediu a sua demissão ao governador:

- Senhor, lhe disse ele, eu prometi ao santo Padre voltar para a minha família, e é quanto basta, porque fui muito criminoso faltando à minha palavra uma vez! Não conhecia o pesar do Padre Xavier quando incorri no seu descontentamento! Não me exporei mais a isso! Julguei sentir sobre

mim o peso da justiça divina quando noutra dia o tornei a encontrar. Parto com ele para Goa, onde me aproveitarei do primeiro navio que se fizer à vela para Lisboa.

Rodrigo partiu, com efeito, e recomendado por Francisco Xavier aos Padres da Companhia de Jesus residentes em Lisboa, veio a ser um excelente cristão.

O vice-rei, cuja afeição Xavier havia conquistado, viu-o partir com pesar; desejava reformar a sua vida pelos seus conselhos, e queria sujeitar-se à sua direção por alguns meses. Xavier, porém, não podendo naquela ocasião demorar-se em Baçaim, concordou em passar o inverno em Goa, para onde D. João de Castro voltaria logo que tivesse concluído os negócios que ali o detinham; então ele faria uma confissão geral e se conformaria para o futuro com os conselhos e instruções espirituais do santo Padre.

Combinado isto, Xavier deu a sua bênção ao vice-rei, e embarcou.

III. VOCAÇÃO DE COSME DE TORRES E CONVERSÃO DE PAULO ANGELO

Recordar-se-ão os nossos leitores da heróica dedicação de Francisco Xavier pelos doentes duma esquadra espanhola, forçada a arribar em Ambóino na ocasião em que ele ali chegava; lembrar-se-ão também dos prodígios da sua singular caridade, da sua heróica mortificação, do completo esquecimento de si próprio para salvar todos os doentes atacados de escorbuto.

Entre aqueles doentes, achava-se D. Cosme de Torres, padre espanhol, um dos homens mais sábios daquela época, e que pelo seu amor pelas ciências se deixara arrastar à Índia na esquadra de Carlos V.

Tomara grande parte nos cuidados ternos e delicados do nosso Santo, e aquela vida de sublime abnegação parecera-lhe uma maravilha que não acreditaria, se lhe não tivesse sido permitido vê-la e admirá-la, durante quatro meses seguidos, sem diminuir de coragem.

Por seu lado, Francisco Xavier impressionara-se também com as virtudes e piedade de D. Cosme de Torres, cuja reputação de ciência e de santa vida, conhecia desde há muito terno e um a outro se ligaram por uma sincera amizade. Na partida da esquadra o apóstolo das Índias dera ao seu novo amigo uma carta de recomendação para o Padre reitor do colégio de Goa, onde ele foi recebido de braços abertos.

A vida tão perfeita dos Padres daquele colégio havia excitado a admiração do sacerdote espanhol, a ponto de lhe fazer desejar ardentemente a entrada na Companhia de Jesus.

O Padre Lanciloti dirigia-o nos Exercícios espirituais; e quanto mais vivo se tornava o seu desejo, mais ele adiava os votos e queria esperar ainda. Flutuava nesta penosa incerteza, quando o grande apóstolo chegou a Goa para ali passar o inverno, e encontrando-o no colégio, acolheu-o como a um dos seus irmãos, abraçou-o e estreitou-o ao coração exclamando:

- Cosme de Torres! que feliz me sinto por vos ver aqui, meu queridíssimo irmão!

- Sim, meu caro Padre, se me quereis, eu serei dos vossos; achava-me ainda numa constante incerteza; mas vendo-vos, abraçando-vos, fez-se luz em mim; sinto que Deus me quer aqui.

Francisco Xavier tinha toda a segurança naquele apelo. Agradeceu a Deus por uma tal aquisição, e reservando para a conquista do Japão, na qual seriamente meditava, a ciência do novo missionário, encarregou-o de instruir três japoneses, a fim de o familiarizar com as dificuldades da sua língua.

Estes três japoneses, que o nosso Santo mandara embarcar no navio de Jorge Álvares, quando este deixava Malaca, eram um jovem de família nobre e muito rica, chamado Ângelo, e dois dos seus domésticos; o apóstolo do Oriente esperava penetrar no império do Japão, por seu intermédio, com mais facilidade e maiores esperanças de bom resultado.

Ângelo vai contar-nos, ele mesmo, como a divina Providência o levou ao conhecimento do Cristianismo e ao desejo de o abraçar.

PAULO ÂNGELO, PRIMEIRO CRISTÃO
JAPONÊS

AOS PADRES E IRMÃOS DA COMPANHIA
DE JESUS EM ROMA

Goa, 27 de Novembro de 1548.

Que a paz e a graça de Nosso Senhor Jesus Cristo sejam convosco! Amem.

Já que foi do agrado daquele que me criou procurar-me como a ovelha perdida no meio das trevas, para me chamar à luz do seu Evangelho arrancar-me das prisões da morte e dar-me a liberdade e a vida, julgo-me obrigado a recorrer a vós todos para render a sua divina Majestade ações de graças proporcionadas aos grandes favores com que a sua misericórdia infinita se dignou agraciar-me.

Compenetrado e confundido pela minha incapacidade, peço-vos, meus queridíssimos irmãos, que suprais a minha indignidade, e para vos convencer dela, vou expôr-vos aqui os meios extraordinários pelos quais o Pai celeste me conduziu ao grêmio da Igreja do seu Filho único e muito amado.

Estando ainda no Japão, há já alguns anos, e perseguido por inimigos pessoais que conspiravam contra a minha vida, refugiei-me num convento de bonzos.

Um navio português veio ao mesmo tempo fundear no porto, próximo do qual se achava situado aquele convento.

Era precisamente o navio de D. Alvaro Vez que outrora conhecera, e que se apressou em oferecer-me um asilo a bordo; porém, como os seus negócios o demorariam naquele ancoradouro por muito tempo, para a minha segurança teve a bondade de escrever a um dos seus amigos que estava num porto muito afastado, rogando-lhe que me recebesse.

Munido daquela carta, despedi-me de Álvaro, e parti imediatamente para o porto em que devia encontrar Fernando

Álvares, a quem era dirigida a recomendação de que eu era portador. Cheguei ali de noite, e por engano remeti a carta a D. Jorge Álvares, capitão dum outro navio, que me recebeu com amizade, dizendo-me que me levaria consigo e me apresentaria ao reverendo Padre Francisco Xavier, seu amigo íntimo. Consenti nisso.

Durante a viagem, quer fosse para me familiarizar com a idéia de ver o Padre e inspirar-me de ante-mão estima e afeição por ele, quer fosse para me dar algumas noções do Cristianismo, D. Jorge, encaminhava sempre a conversação para Xavier, para as suas virtudes suas grandes ações e efeitos maravilhosos da sua palavra.

Em resultado disso, concebi dois ardentes desejos: o primeiro de conhecer pessoalmente o ilustre e santo personagem, cujas virtudes e encantos me eram exaltados em termos tão magníficos, e o segundo de estudar seriamente uma religião que produz homens tão perfeitos.

Achava-me já tão convencido da verdade daquela religião, que me teria deixado baptizar logo que cheguei a Malaca, se o senhor vigário geral não tivesse rosto no meu casamento um obstáculo àquela graça, por isso que não me devia ser permitido, depois de baptizado, viver com uma mulher idólatra. Causou-me isso um grande desgosto, mas a este desprazer se acrescentou um outro não menos pungente.

Eu viera ver o Padre Xavier e ele achava-se ausente! A porta da Igreja era-me fechada, e aquele que teria podido acalmar e adoçar a minha dor não estava ali!

Desconsolado, desanimado, resolvi voltar para o Japão: a monção era favorável embarquei em um navio que devia deixar-me num porto da China, distante somente duzentas léguas da minha pátria. Cheguei àquela porto e ali encontrei um barco que partia para o Japão; passei para ele, e fazendo-se à vela em seguida, contava tornar a vero meu país com seis ou sete dias de navegação.

Mas Aquele que governa tudo e que dirige as coisas de modo que fiquem cumpridos os seus desígnios, me levou de novo ao ponto donde tinha partido, por meios que só d'Ele são conhecidos.

A vinte léguas das costas do Japão, uma tempestade das mais violentas ameaça-nos dos maiores perigos durante quatro dias, e acaba por lançar-nos sobre as costas da China, que havíamos deixado.

O perigo que eu acabava de passar, trouxe-me muito sérias reflexões. Achava-me fatigado, inquieto, ralado de remorsos, quando vejo dirigir-se para mim D. Alvaro Vaz Foi grande a sua surpresa por me encontrar na China, quando me supunha em Malaca.

Contei-lhe as minhas aventuras, e o perigo pelo qual acabava de passar e de escapar-me; achava-me ainda todo molhado e coberto de espuma do mar. Ofereceu-me de novo o seu navio e convenceu-me a tentar ainda a viagem para Malaca.

D. Lourenço Botelho uniu-se a ele, e ambos me asseguraram que eu ali encontraria o Padre Francisco Xavier, que ele me, consolaria de todos os meus desgostos e sofrimentos, que me instruiria, me baptizaria, me poria no seminário de Goa e me faria ir depois para o Japão com os Padres da sua Companhia.

Segui os seus conselhos e voltei com eles a Malaca. A primeira pessoa que vi quando desembarquei, foi D. Jorge Alvares! Experimentámos grande alegria por nos tornarmos a ver, e no mesmo instante ele me levou à catedral, onde o Padre Xavier abençoava um casamento. Depois da cerimônia, o capitão apresentou-me a ele, dizendo-lhe quem era e por que vinha.

Atento e com os olhos fixos no Padre Xavier, vi o seu amável semblante expandir-se numa grande e santa alegria; depois voltando-se para mim olhou-me ternamente, falou-me com tanta doçura e testemunhou-me tão grande affecto, que me cativou o coração, e julguei-me muito feliz por ver a minha extrema ternura tão completamente correspondida! Na sua comovedora voz, e na doce expressão, reconheci a divina Providência, admirei o seu poder, e adorei os seus impenetráveis decretos!

O Padre Xavier destinou-me desde logo para o seminário de Goa; mas não permitindo a sua visita aos cristãos de Comorim acompanhar-me, enviou-me antes dele, no navio de Jorge Alvares. Ele seguiu-nos de perto, porque nós chegámos no dia 1 de Março, e ele a 4 ou 5 do mesmo mês [56]. Parecia que os ventos e o mar se combinavam para satisfazer os meus desejos.

Eu suspirava por ele e suspirava ao mesmo tempo pelo batismo, e os meus votos foram bem depressa cumpridos. Ele chegou; a minha instrução concluiu-se no colégio, fui baptizado na manhã do Pentecostes, com os dois domésticos que me haviam acompanhado do Japão.

É esta a minha história. Espero que com a graça de Jesus Cristo, Senhor e Criador, de todas as coisas nosso Redentor, que sofreu e morreu na cruz para nos salvar, ela reverta não somente em meu proveito pessoal, mas também em glória de Deus, na propagação da fé e em honra de toda a Igreja.

Quanto a mim julgo-me bem recompensado de todos os meus sofrimentos! Gozo do maior bem que jamais ousava esperar. Cada dia a fé enche a minha alma de nova luz; a verdade e a santidade do Evangelho desenvolvem-se cada vez mais a meus olhos; os benefícios com que tenho sido favorecido, aqueles que constantemente recebo, as alegrias, as consolações de que a minha alma se acha cheia, tornam-me palpável, para assim dizer, o que eu não podia entrever.

Parece-me que adquiri uma vida nova, novas faculdades, e, finalmente, que Deus me criou de novo. Aprendo o que me ensinam com uma rapidez que me admira e me confunde. Foi-me necessário tão poucos dias para eu ler e escrever em língua portuguesa, que a aninha inteligência parece um prodígio que

me faz espantar.

Decorei textualmente palavra por palavra, toda a explicação do Evangelho de São Mateus que o Padre Cosme de Torres me repetiu por duas vezes, e traduzi-a em língua japonesa.

O Padre Xavier propõe-se ir para o Japão e promete associar-me ao seus trabalhos.

Orai, meus irmãos! rogai a Deus que se digne abençoar-nos. Pedi para mim um reconhecimento, uma gratidão proporcionada aos benefícios que tenho recebido! eles são tão grandes que Deus se verá, para assim dizer, obrigado a dar-me forças para sofrer a morte confessando o seu santo nome, para me não deixar na necessidade de ser ingrato.

O meu coração diz-me que não morrerei sem ter visto no Japão um colégio da vossa Companhia para o progresso da fé e para glória de Deus, pela qual eu sou, meus Padres, vosso servo.

Paulo de Santa-Fé.

Depois do seu batismo, pedira Paulo Angelo a Xavier permissão para usar o apelido de Santa-Fé, em memória do colégio onde encontrara a felicidade; autorizado pelo santo apóstolo adoptou aquele nome e não o deixou nunca.

Um dos seus domésticos chamou-se João e o outro Antônio; eles imitavam perfeitamente seu amo no fervor da sua piedade e na prática de todas as virtudes cristãs.

IV. EM ADÉM - CONVERSÃO DE FERNANDO ÁLVARES - MORTE DE D. JOÃO DE CASTRO - VOLTA AO CABO COMORIM

A cidade de Adém, constantemente invadida pelos Turcos, acabava de se recolher sob a proteção dos portugueses que desde muito ambicionavam aquele porto vizinho do Mar Vermelho. O vice-rei fazia aprestar e equipar em Baçaim uma esquadra, cujo comando confiara a seu filho Álvaro de Castro, e dera ordens ao governador de Goa para lhe enviar oito navios armados e equipados, que deviam reunir-se à esquadra em Baçaim, a fim de tomar parte na expedição.

Quando os oito navios de Goa iam levantar ferro, Francisco Xavier sabe que Fernando Alvarez, oficial cujo valor e brilhantes feitos de armas haviam merecido sempre os maiores elogios, fazia parte da expedição e que acabava de embarcar na nau Santa-Fé.

No mesmo instante toma o santo apóstolo o seu breviário, corre ao porto, mete-se num barco, faz-se conduzir a bordo da Santa-Fé e nela embarca exactamente quando se fazia ouvir a voz do comando. Levanta-se ferro, e eis o nosso Santo ganhando o alto mar com a serenidade de um passageiro que empreende uma viagem maduramente reflectida e de há muito preparada.

- Meu caro Padre, diz-lhe o capitão, quando o viu, que grande fortuna para nós! Eu ignorava que acompanharíeis a esquadra, e além disso que

teria a felicidade de vos possuir a bordo!

- Eu também o ignorava, ainda há poucos instantes, respondeu-lhe Xavier sorrindo.

Depois de alguns momentos de conversação com o capitão, o nosso Santo foi reunir-se a Fernando, que não podia fugir-lhe como até então.

Fernando Alvarez era o homem mais irascível e cheio de vícios. Os seus talentos militares e o seu grande valor eram conhecidos, é verdade, mas era tudo quanto nele se podia apreciar. Já Francisco Xavier tentara muitas vezes aproximar-se daquele pecador endurecido; porém sempre fora repellido com uma violência que tinha algum tanto de brutalidade.

O zelo do apóstolo, que por coisa alguma desanimava, satisfazia-se então com a oração, esperando sempre uma ocasião nova. Aquela que se apresentava, parecendo-lhe de todo providencial, dava-lhe inteiras esperanças de bom resultado convencendo-se de que chegara o momento da graça e que dali a pouco faria a difícil conquista que tanto ambicionava.

Conhecemos a abundância de recursos que Francisco Xavier possuía para subjugar os espíritos e atrair os corações; ele pô-los todos em campo, evitando contudo atacar a praça abertamente, antes de enfraquecer os seus meios de defesa. Mostrou-se satisfeito na convivência de Fernando, a ponto de os fanáticos da equipagem se olharem com admiração, e dizerem entre si:

"É incrível que o santo Padre, que é profeta e que tudo adivinha, não saiba o que é Fernando Álvarez. Se ele o soubesse não o veríamos, por certo, em uma tal intimidade com aquele homem de quem todo o mundo foge como de um empestado".

O santo Padre conhecia perfeitamente a admiração que causava; mas persistia, apesar disso, no plano que tinha em vista e do qual esperava colher um bom êxito porque Fernando já procurava o santo e parecia preferir a sua companhia a qualquer outra

- Nunca supus, dizia ele ao capitão, que o Padre Francisco fosse tão amável. É, na realidade, o mais encantador gentil-homem que tenho conhecido! É para lastimar que ele seja padre.

Fernando era um jogador desenfreado. Xavier mostrava interessar-se muito nos seus jogos, e, ouvindo-o jurar e blasfemar, um dia em que perdia consideravelmente, disse-lhe com a mais agradável expressão

- O jogo exige presença de espírito, senhor Alvarez; tende confiança, que não perdereis até ao fim se vos portardes bem.

- Que quereis, meu Padre, eu não sou senhor de mim, respondeu o feroso soldado, cuja brutalidade se tornara proverbial.

Na manhã seguinte, reconhecendo o nosso Santo a estima que Fernando Alvarez já sentia por ele, julgou chegado o momento. Passou o seu braço pelo daquele homem de guerra, e no tom mais insinuante, disse-lhe em voz baixa, arrastando-o para a ponte.

- Senhor Fernando, eu sou muito curioso e desejo muito saber uma coisa que somente vós me podeis dizer.

- Falai, meu Padre.

- Pois bem! disse-me se vos confessastes antes de partir.

- Oh! há já muito tempo que me não ocupo disso, meu Padre.

- Como! bravo como sois, o primeiro sempre na brecha, sempre exposto a ser o primeiro morto, quereis comparecer na presença de Deus com uma consciência tão pesada? Qual é o vosso pensamento?

- Meu caro Padre, julgo que não sou uma boa presa, porque quis confessar-me uma vez, antes de partir para o inimigo, e o vigário rejeitou-me sob pretexto de que me não achava preparado; creio que ele teve repugnância de mim.

- Ora bem! mas eu, que não tenho tal repugnância, quero confessar-vos, Senhor Fernando; não quero que um turco vos mate e lance a vossa alma ao inferno.

- Vós não sabeis a que vos comprometeis, meu Padre !... O negócio é de muita dificuldade...

- Não obstante isso, senhor, deixai-me preparar-vos para fazer uma boa confissão, e vereis que não será mais difícil para vós do que tem sido para tantos outros.

- Fernando não resistiu mais; ouviu o nosso apóstolo, deixou-se subjugar pela sua meiga e poderosa palavra, e prometeu-lhe confessar-seno porto de Coulão, dó qual se achavam próximos. Logo que ali chegaram, Francisco Xavier desembarcou com ele e confessou-o numa floresta que bordava o litoral.

- Meu Padre, disse Fernando, inspiraste-me um tão grande remorso pela minha desregrada vida, que podeis impôr-me a mais rigorosa penitência; prometo-vos fazer tudo que quiserdes para expiação dos meus pecados.

Mas o santo apóstolo impôs-lhe somente a recitação de um Padre Nosso e duma Ave Maria e tão grande foi a admiração de Fernando, que exclamou:

- Pois quê, um Padre Nosso e uma Ave-Maria por esta confissão de soldado? E que quereis, pois, que eu espere depois de ter ofendido tanto a Deus, sem que me seja imposta, e eu cumpra, uma penitência proporcionada, quanto possível, à gravidade dos meus pecados?

- A misericórdia de Deus é infinita, meu amigo, tende confiança; quanto à sua justiça, nós a aplicaremos, eu o espero, respondeu-lhe Xavier com aquela inefável doçura coxas que tanto se fazia amar.

Depois, internou-se na floresta, enquanto Fernando cumpria asna penitência, e ali, como em Cranganor, martiriza-se àsperamente com a disciplina que trazia sempre consigo. Fernando ouve e adivinha o seu pensamento; corre para ele, arranca a disciplina de suas mãos, despe-se até à cintura e bate em si até fazer sangue, porque vira correr também o sangue do santo Padre.

- Meu Padre, meu caro Padre, fui eu que pequei e vós castigais-vos! disse ele em lágrimas.

Francisco Xavier abraça-o muitas vezes, feliz por o ver numa disposição cuja perseverança previa.

- Agora vos confesso, lhe diz ele, que embarquei somente por vossa causa. Quis dar a vossa alma a Deus e tive esta consolação; deixo-vos com a

esperança de que sereis fiel à graça que acabais de receber. Prossegui na vossa viagem; eu volto a Goa e não vos esquecerei diante de Nosso Senhor!

Depois da expedição de Adém, Fernando entrou numa Ordem religiosa onde viveu e morreu santamente.

De volta a Goa, entregou-se o nosso Santo com maior ardor do que nunca a todos os exercícios espirituais, e às austeridades mais penosas, a fim de renovar as suas forças, e de atrair as bênçãos celestes à nova conquista que premeditava. Contudo não descuidou em coisa alguma os seus trabalhos exteriores.

Devorado sempre de zelo e sempre infatigável, voltou às pregações, às confissões, à instrução das crianças e dos escravos, ao cuidado dos presos e dos doentes nos hospitais; parecia multiplicar-se.

Dirigindo e administrando todos os negócios da Companhia de Jesus nas Índias, assim como dos colégios que se achavam ali fundados, ele velava por tudo e tudo precavia, superando todas as dificuldades sem recuar diante de nenhum obstáculo.

Cada um dizia consigo que era impossível, sem milagre, satisfazer ele a tantos e tão penosos trabalhos.

Existia um colégio em Goa, um outro em Cranganor; era necessário estabelecer um terceiro em Malaca e um quarto nas Molucas. Para isto era preciso corresponder-se com Roma e Lisboa, na Europa; com Malaca, distante de Goa setecentas léguas, e com as Molucas que se acham afastadas próximamente mil.

Naquele século a navegação estava longe de adquirir os meios de rapidez e as probabilidades de segurança que a ciência lhe proporcionou mais tarde. A correspondência era, além disto, de muito grande trabalho para o nosso santo apóstolo.

Se muitas embarcações partiam ao mesmo tempo, ou com curtos intervalos uma da outra para aqueles variados destinos, ele escrevia e repetia três vezes as mesmas cartas, prevenindo o caso de que se um navio se perdesse no mar, outro pudesse suprir.

Quando se considera os imensos e magníficos trabalhos do seu admirável apostolado, não se pode compreender como ele pudesse manter aquela volumosa correspondência. É um prodígio dos mais admiráveis, especialmente quando se analisa o cuidado e a minuciosidade das suas cartas a todos os missionários seus subordinados e a todos os Padres encarregados dos colégios que ele havia solidamente estabelecido a despeito de tantos obstáculos e dificuldades.

Todos aqueles afazeres não lhe impediam de consagrar cada dia duas horas, depois do jantar, à oração. Retirava-se para a torre do campanário a fim de não ser perturbado, e um jovem seminarista, chamado André, era incumbido de o advertir quando expirassem as duas horas; durante este tempo o nosso Santo absorvia-se em Deus.

Um dia, André foi adverti-lo, com escrupulosa pontualidade, que o vice-rei lhe concedera uma entrevista, mas Francisco Xavier não o ouviu; achava-se sentado em um banco de madeira, com as mãos cruzadas sobre o peito, os olhos fixos no céu e completamente imóvel. André contempla-o por um instante com admiração; nunca vira coisa que se pudesse comparar com aquela bela e estática figura. Saltam-lhe lágrimas dos olhos, o seu

desejo é conservar-se ali de joelhos junto do santo Padre, que lhe parece uma visão celeste; porém Xavier era esperado pelo vice-rei, e tendo-lhe ordenado que o interrompesse naquela contemplação, forçoso era obedecer-lhe:

- Meu Padre! disse ele finalmente, meu Padre! vós tendes de ir ao palácio do vice-rei, que vos espera.

Francisco Xavier não se move; seu olhar conserva-se na mesma fixidez, na mesma expressão de santidade; só o seu corpo toca a terra, toda a sua alma está com Deus! André não ousa insistir e retira-se respeitosamente, penetrado de veneração.

Duas horas depois, volta para junto do santo apóstolo, que encontra na mesma posição e na mesma contemplação. André vê-se forçado desta vez a chamá-lo para terra, e depois de o ter despertado em vão, muitas vezes, toma a liberdade de tocar no seu braço e de o sacudir fortemente!

Como, disse-lhe docemente Xavier, passaram já as duas horas ?

- Quatro, meu Padre.

- Vamos, pois, imediatamente, ao palácio do vice-rei.

E sai logo levando André consigo, mas à porta do colégio de novo arrebatado e impellido a voltar, diz-lhe

- Deus quer que este dia seja somente para ele; iremos amanhã a casa do vice-rei.

Vimos já no decurso desta história que semelhantes arrebatamentos se repetiam várias vezes no ilustre apóstolo das Índias, e que as mais violentas tempestades e os gritos de desesperação dos passageiros não o distraíam, por um instante sequer, das suas comunicações com Deus, e eles diziam então

"É certo que a tormenta cessará, porque o Padre Francisco está com Deus!"

Durante a sua residência em Goa, retirava-se o nosso Santo, de ordinário, para um pequeno oratório ou capela colocada no fundo do jardim do Colégio [57] e, ali, Deus o cumulava de tais delícias, que muitas vezes o ouviam pedir que moderasse os seus favores

- É demais! Senhor, é demais! exclamava ele.

E entreabria a batina, saía da capela, passeava no jardim e procurava refrescar o peito incendiado pelo fogo divino que o abrasava! Julgava-se só, ou antes, esquecia a terra a ponto de supor que o não viam e deixava escapar do seu coração aquele grito de amor que lhe era habitual e que repetia até durante o curto sono:

"Oh! Jesus! amor do meu coração!"

O grande Xavier, já o dissemos, queria conquistar o Japão, queria conquistar a China e teria querido conquistar o mundo inteiro para o dar à Igreja de Jesus Cristo, e por isso carecia de estar constantemente com Deus para haver, às mãos cheias, os tesouros da sua misericórdia, todas as bênçãos que desejava para as suas magníficas empresas. Carecia também de estar continuamente com ele, a fim de lhe testemunhar o seu ardente amor e o seu imenso reconhecimento pelos favores tão extraordinários com que

o havia beneficiado.

Assim, parecendo-lhe insuficiente o dia, quando chegava a noite, que era para todos a hora do repouso, Xavier, que não queria para si outro descanso que o do Céu, e a quem Deus concedia forças sobre-humanas, saía furtivamente do seu quarto, descia à igreja, e ali ficava absorto, algumas vezes até à manhã do dia seguinte.

Acontecia outras vezes, que a natureza reclamando os seus direitos, uma imperiosa necessidade de dormir se apoderava do santo apóstolo; mas sempre que isto lhe acontecesse, retirava-se triste, lamentando a sua fraqueza; muitas vezes, porém, não se podia resignar a afastar-se da doce presença do divino Salvador. Então, com o amor e o abandono dum filho querido que dorme nos braços maternos, deixava-se dormir sobre os degraus do altar e o mais próximo possível d'Aquele a quem amava.

Depois de alguns momentos de sono, voltava de novo às suas orações, e várias vezes, quando de manhã os Padres entravam na igreja o encontravam em êxtase, com o rosto iluminado, o corpo elevado acima do solo, e sustentando-se, por virtude divina, a uma grande altura.

Todas as vezes que administrava a sagrada comunhão dobrava os joelhos e muitas vezes o viram comungar assim os fiéis, com os joelhos dobrados, mas não tocando a terra; conservava-se em bastante elevação acima do solo para que o prodígio não pudesse ser constatado por algum dos assistentes; então o seu semblante irradiava uma luz deslumbrante. Este duplo prodígio foi em Goa conhecido do público muitas vezes.

Compreende-se, por isso, o empenho que cada um teria em assistir à missa do santo Padre, e a consolação que se gozava em receber dele a sagrada comunhão; compreende-se a confiança e a veneração que ele inspirava; a sua chegada era sempre uma festa; a sua partida causava sempre dilacerante dor.

Um dia, viram-no aparecer à entrada duma rua no momento em que todos fugiam da presença dum elefante demente e furioso

- Meu Deus! o santo Padre! gritam de todos os lados a uma voz: salvai o santo Padre! Padre Francisco! escondi-vos!... meu Padre! santo Padre! ...

O elefante está já longe, o querido Padre é cercado, inquirido, instado com ansiedade de corações assustados... E ele nada compreende

- Como! meu Padre, ele não vos fez nenhum mal?

-Quem, meus filhos?

- O elefante

- O elefante? Eu não vi nenhum elefante!

- É isso possível? Que milagre, meu Padre? Ele ia sobre vós, Antônio e Rafael corriam a salvar-vos, com risco de se deixarem matar, quando ele se lançou entre vós e eles, e fugiu por ali...

- Eu não o vi e ele não me fez mal algum, replicou o humilde Padre.

E acompanhou aquelas palavras com um tão terno olhar que todos que cercavam diziam uns aos outros, quando ele se afastava:

- Como o seu olhar de anjo nos agradecia os nossos cuidados! Como se vê que este santo Padre sabe que nós o amamos!

No entanto, D. João de Castro, que viera reunir-se ao nosso Santo em Goa, como se achava combinado, perigava cada dia de saúde e preparava-se, sob a sua direção, para uma morte que previa muito próxima.

Entregara a administração da província a um dos seus ministros, D. Garcia de Sá, esperando a chegada de D. João de Mascarenhas, o novo vice-rei, e não se ocupando mais do que dos seus interesses espirituais, não recebia senão o Padre Xavier. Bem cedo lhe deu ele a consolação de morrer nos seus braços com os sentimentos duma tão ardente fé e tão inteira confiança em Deus, que Francisco Xavier dizia a propósito:

- Eu tive para consolação de ver morrer um grande da terra como morrem os santos religiosos.

Livre, dali em diante, para deixar Goa, onde o vice-rei já não o detinha, resolvera-se o ilustre apóstolo a embarcar para o cabo Comorim, a fim de tornar a ver os seus queridos Paravás uma vez ainda antes de partir para o Japão; mas a chegada de um navio português que conduzia cinco missionários da sua Companhia, vindos da Europa, deteve-o.

Este reforço de obreiros evangélicos encheu o seu coração de uma grande alegria, e fez-lhe adiar a viagem para as costas da Pescaria.

Fez logo pregar o Padre Gaspar Barzeu, que sabia que era célebre na Europa pela sua eloquência, e de quem toda a tripulação do navio em que viera fazia o mais completo elogio. Depois dele o ter ouvido, destinou-o para o ponto que exigia maior talento.

A chegada dos Padres ruão foi a única alegria que consolou o nosso Santo.

Muitos fidalgos portugueses, passageiros do navio que acabava de conduzir os missionários, profundamente impressionados pelo exemplo de suas virtudes e pela eloquente palavra do Padre Barzeu, solicitaram de Xavier que os admitisse na Companhia de Jesus. O capitão do navio e o governador de uma das mais importantes praças entravam no número dos pretendentes.

O nosso Santo recebeu-os com afabilidade no colégio; encarregou um dos Padres de os instruir nos Exercícios espirituais de Santo Inácio; deu graças a Deus por todas aquelas consolações, e embarcou em 2 de Setembro para o cabo Comorim.

Os cristãos das costas eram de contínuo perseguidos pelos Badegás; Francisco Xavier consolou-os, fortificou-os e animou os missionários encarregados daquelas cristandades, que se viam também muitas vezes expostos à morte.

Depois desta laboriosa digressão, voltou ao mar a 22 de Outubro, com direção a Cochim, donde escreveu a Santo Inácio e ao Padre Simão Rodrigues, pedindo-lhes instantemente que lhe enviassem obreiros para cultivar as suas queridas e numerosas cristandades das Índias, que se multiplicavam tão rapidamente.

Escreveu também ao rei de Portugal pedindo-lhe providências próprias para fazer cessar os tributos com que as autoridades do Governo oprimiam os cristãos da Pescaria; e tendo conseguido que o arcebispo de Goa enviasse D. João da Vila do Conde, seu vigário geral, a fim de levar junto do trono as queixas da sua alma, redigiu a memória que devia ser apresentada ao

soberano e que a sua carta apoiava e recomendava à atenção do monarca.

Adicionou também o nosso Santo, no mesmo papel do memorial, recomendações e instruções dirigidas ao vigário geral, relativas à missão que ele ia cumprir em Portugal [58].

Passou o santo apóstolo dois meses em Cochim, trabalhando sem descanso, não tendo um só instante de repouso, passando grande parte da noite em oração, e, como sempre, alimentando-se apenas com o absolutamente necessário para viver.

De Cochim foi para Maçaim e pediu a D. Garcia de Sá uma carta para o governador de Malaca, a fim de que ele lhe facilitasse a viagem para o Japão; depois tornou a Goa, a dispor-se para a mesma viagem pela qual tão ardentemente suspirava.

A cidade de Ormuz, habitada de gente de todos os países e de todas as religiões, carecia de um missionário tão sábio como virtuoso.

Xavier não mandava, de ordinário, os Padres da Companhia senão para os lugares já evangelizados por ele próprio, e com conhecimento das disposições e recursos para o bom êxito da religião; mas não podendo ir a Ormuz, sem adiar para o ano seguinte a sua viagem para o Japão, indicou o Padre Barzeu para aquela espinhosa missão, e associou-lhe o irmão Ramon Pereira que não era ainda padre.

Mandou os Padres Lancilotti para Coulão, Gonzales para Baçaim, e Cipriano para Socotorá; finalmente nomeou Paulo Camerini superior geral da Companhia nas Índias, na sua ausência, e Antônio Gomes reitor do colégio de Goa.

Deu a Gaspar Barzeu instruções por escrito, tão notáveis, que não podemos omiti-las aqui; por elas se pode apreciar 'cabalmente a sabedoria e a prudência do nosso Santo, assim como o profundo e detido estudo que ele tinha feito do coração humano e dos países que tão rapidamente percorrera. Era necessário um tal gênio para atingir tão prontamente tais resultados.

Julgámos dever resumir as instruções que fazem objecto da secção seguinte, pela sua grande extensão. Elas encontram-se completas no segundo volume das admiráveis cartas do nosso Santo.

V. CONSELHOS E LEMBRANÇAS

INSTRUÇÕES DE S. FRANCISCO XAVIER AO PADRE GASPAR BARZEU NA SUA PARTIDA PARA A MISSÃO DE ORMUZ

Goa, 1549.

A graça e o amor de Nosso Senhor Jesus Cristo sejam convosco. Amem.

A minha ternura e dedicação para convosco não permitem que vos deixe partir para a importante missão de Ormuz, sem vos dar instruções que julgo de grande utilidade para glória de Deus, para a salvação das almas e para vosso progresso espiritual.

O vosso principal cuidado deve ser o da vossa própria perfeição. Considerai, antes de tudo, o que deveis a Deus e à vossa consciência; é o mais seguro meio de colher abundantes frutos nas almas.

Dedicaí-vos ao exercício das mais humildes funções do vosso ministério, com o fim de avançar mais na humildade. Ensinai vós mesmo o catecismo aos filhos dos portugueses, aos seus escravos e às crianças indígenas; não delegueis este cuidado em outra alguma pessoa. Fazei-lhes repetir, palavra por palavra, as orações que todo o cristão deve saber de cor; exercitareis assim a paciência; edificareis o próximo, e a estima que vos atrairá a vossa modéstia vos fará julgar-vos próprio para ensinar, a todos, os mistérios da religião.

Visitai os pobres e os doentes nos hospitais; exortai-os a recorrer ao sacramento da Penitência que vence os pecados, e ao da Eucaristia que é um preservativo contra as recaídas. Quando eles quiserem confessar-se, ouvi as suas confissões, imediatamente, se puderdes. Em seguida aos cuidados dados à alma, tratai do corpo; recomendai aqueles pobres desgraçados, aos administradores dos estabelecimentos, e empenhai-vos em procurar-lhes, além disto, todos os socorros e todo o bem estar possíveis.

Visitai os prisioneiros, persuadi-os a fazer uma confissão geral; mais do que os outros, eles carecem de ser levados a isso, porque existem poucos entre eles que tenham feito jamais uma confissão. Rogai aos irmãos da Misericórdia que se empenhem com os magistrados a fim de obter a sua liberdade, e socorros para os mais pobres.

Servi, em tudo que puderdes, a confraria da Misericórdia, e trabalhai para o seu desenvolvimento.

Encontrareis ricos negociantes que depois de se terem confessado, terão de restituir o que tiver sido mal adquirido, e vos confiarão o dinheiro destinado à restituição, não sabendo a quem ele é devido. Depositai a soma toda em poder do tesoureiro da Misericórdia, a fim de não serdes iludido no modo de o empregar; porque muitas vezes aquelas pessoas que vos pareciam dignas de merecer a esmola pela miséria que vos acusariam, não seriam senão impostores, que não surpreenderiam nem iludiriam tão facilmente a boa fé dos confrades da Misericórdia, cuja principal missão é distinguir os verdadeiros pobres daqueles que não têm senão a aparência de pobreza.

Estareis, além disso, mais em liberdade para o exercício do vosso ministério, que deve ser todo consagrado à conversão das almas, porque a distribuição de esmolas rouba muito tempo, causando distrações e embaraços.

Finalmente, por este meio, prevenireis as queixas e suposições daqueles que, dispostos a maldosas interpretações, julgariam talvez que sob pretextos de satisfazerdes as dívidas dos vossos penitentes, converteis em vosso proveito uma parte do dinheiro que vos é confiado.

Trabalhai para com as pessoas que se disserem vossos amigos, ou para com aquelas com que tiverdes relações sociais, como se elas devessem vir a ser algum dia vossos inimigos. Deste modo não fareis nem direis nunca o que possa tornar-se contra vós num momento de cólera. Vêmo-nos obrigados a tomar estas precauções com a mocidade do século que, em geral, olha os filhos da luz com desconfiança e malignidade.

Não cuideis menos, de tudo que diga respeito ao vosso progresso espiritual. Tende por certo que fareis grandes progressos no desprezo de vós mesmo e na união corri Deus, se regulardes todas as vossas palavras e ações pela prudência.

O exame particular vos ajudará muito; não deixeis jamais de o fazer duas vezes por dia, ou pelo menos uma vez, seguindo o nosso método, quaisquer que sejam as vossas ocupações.

A pregação é um bem geral; de todas as funções do ministério evangélico, é dela que se tira melhores frutos. Pregai, pois, o maior número de vezes que puderdes; mas evitai de avançar proposições duvidosas; não tomeis por assunto dos vossos sermões senão verdades incontestáveis, claras e que por si mesmas produzam a reforma dos costumes.

Fazei sobressair a majestade infinita de Deus e a enormidade do pecado que o ultraja. Imprimi nos espíritos a crença da aterradora sentença que será fulminada contra os réprobos no dia do julgamento final.

Apresentai com todos os recursos da eloquência, os suplicios eternos para os que forem condenados. Falai, finalmente, da morte e da morte súbita aos que vivem na indiferença e no olvido da sua salvação, com uma consciência carregada de crimes.

A todas estas considerações acrescentai a da paixão e morte do Salvador dos homens, mas fazei-o de uma maneira tocante, patética, própria para excitar nos corações uma viva dor dos pecados cometidos, e a comovê-los até às lágrimas. Eis aí o que eu desejo que exponhais e torneis bem claro nos vossos sermões.

Não admoesteis nunca em público os magistrados e os principais funcionários, cujo procedimento vos pareça irregular e repreensível. Quando eles se confessarem convosco fazei-lhes as vossas observações no sigilo do tribunal da penitência e, em caso contrário, ide fazer-lhas em particular. Eles são de ordinário orgulhosos e susceptíveis: uma advertência pública, em vez de lhes ser útil, os irritaria e torná-los-ia furiosos, como o touro acossado e perseguido.

Mas também nunca façais estas advertências antes de grangear a confiança e a perfeição daqueles que tiverdes de repreender, empregando a doçura ou a força, segundo o grau de influência que tiverdes podido adquirir.

Moderai sempre as vossas observações pela doçura da voz, benevolência do olhar, escolha de expressões, e que um

sorriso amável acompanhe as vossas palavras; além disto, fazei ver que um sentimento de caridade é o que unicamente vos inspira. E se virdes que, não obstante estes protestos, haveis ferido as susceptibilidades, abraçai-os, estreitai-os entre os vossos braços e testemunhai-lhes o mais vivo interesse.

A repreensão é de si mesma desagradável e amarga; se for acompanhada de palavras duras e de aspecto severo, os homens habituados às adulações a rejeitarão e se tornarão contra o censor do seu procedimento.

Para a confissão, nos países do Oriente, onde a liberdade de pecar é muito grande e o uso da penitência muito raro eis o método que eu julgo melhor: Quando um pecador, habituado desde muito ao vício, queira confessar-se convosco, induzi-o a empregar dois ou três dias no minucioso exame da sua consciência, correndo a vista sobre toda a sua vida desde a infância, fazendo-lhe escrever os seus pecados para auxiliar a memória.

Não será conveniente absolver depois desta confissão; convém se puderdes fazê-lo afastar por dois ou três dias do mundo, e excitá-lo à dor dos seus pecados e ao amor de Deus, a fim de lhe tornar mais útil a absolvição sacramental; durante este curto retiro lhe ensinareis a meditar; far-lhe-eis repetir alguns Exercícios, da primeira semana [59]; aconselhareis alguma mortificação corporal, como o jejum ou a disciplina, para ajudar a conceber um grande arrependimento dos seus pecados. E caso o penitente se tenha enriquecido por vias injustas, ou infamado a reputação do próximo, fazei-lhe restituir o mal adquirido e reparar o dano feito à honra dos seus irmãos.

Deveis fazer tudo isto durante o retiro; é a ocasião mais própria de exigir dos pecadores esses deveres tão difíceis como indispensáveis. Se vos contentardes com as suas promessas passado o fervor, teríeis o desgosto de os ver recair no precipício de que os não tiverdes afastado suficientemente.

Evitai desanimar, por uma severidade precipitada, os que tiverem começado a descobrir-vos as úlceras da sua alma. Por maiores que sejam os seus crimes, escutai-os com paciência e doçura, vinde em seu auxílio, aliviad a sua vergonha demonstrando-lhes uma grande compaixão, e não vos mostreis admirado por nenhuma das suas declarações, por mais enormes que sejam.

Convençei-os, ao contrário, que tendes tido muitas ocasiões de ouvir iguais confissões, e para que eles não desesperem do perdão dos seus pecados, falai-lhes das misericórdias infinitas de Deus; dizei-lhes que, com a sua graça, vós tendes o poder de curar todas as feridas mortais da alma; animai-os finalmente, por todos os meios ao vosso alcance.

Vereis muitas vezes a língua embaraçada pela vergonha. Nestas ocasiões, devemos cortar este embaraço, e para isto ir, se necessário for, até à descoberta das fraquezas da nossa vida passada; esta confiança abrirá os corações e

os levará a declarações completas.

Ah! quem poderá recusar uma verdadeira e ardente caridade para salvar almas remidas pelo sangue de Jesus Cristo! Mas quando, como, e até que ponto deve este meio ser empregado? É o que a prudência, a experiência, a confiança em Deus vos inspirarão no próprio momento.

Encontrareis cristãos que não crêem na presença real de Jesus Cristo no Santíssimo Sacramento do Altar. Esta incredulidade vem do afastamento dos sacramentos ou do seu contacto habitual com os pagãos, maometanos e heréticos; outras vezes pelo escândalo que dão outros cristãos, e digo-o, com grande pesar e vergonha, pelos Padres cuja vida desonra o seu ministério! O povo, vendo-os subir ao altar sem preparação e sem respeito, supõe que eles próprios não têm fé na presença de Jesus Cristo no sacrifício da missa.

Conseguí que aqueles cristãos vos exponham francamente as suas dúvidas; provai-lhes em seguida a verdade da presença real de Jesus Cristo, e esforçai-vos por lhes fazer compreender que o meio mais seguro de se esclarecerem é sair do abismo dos seus vícios e dos seus erros, é fazerem uma boa confissão geral e aproximarem-se do divino sacramento do altar. Conseguireis assim, facilmente que eles ali concorram muitas vezes com as disposições exigidas.

Não julgueis que tudo fique acabado quando o penitente tenha feito uma confissão para a qual estava de antemão preparado. É necessário ainda aprofundar na sua consciência e apresentar-lhe o que ele não tenha visto. Interrogai todos esses mercadores sobre a origem das suas fortunas, sobre a maneira como operaram as suas transações, sobre a natureza dos seus negócios, sobre os seus contratos de venda e de compra, e encontrareis a usura em tudo, reconheceréis que a maior parte das suas fortunas foi injustamente adquirida.

Quase todos eles têm um tal hábito deste gênero de fraude e de rapina, que não têm nenhum escrúpulo, ou têm tão pouco, que se não preocupam disso. Insisti sobre este ponto com respeito aos governadores, tesoureiros, recebedores e todos os empregados das finanças.

Quando eles se vos apresentarem no santo tribunal, interrogai-os sobre os meios que os enriqueceram tão prontamente; procurai saber por que segredos os seus empregos lhes fornecem,, tão grandes rendas.

Se mostrarem dificuldade em confessarem, insisti suavemente, por todos os meios, com o fim de os fazer falar, mau grado seu, e descobrirei as práticas secretas pelas quais os cobradores dos direitos reais revertem em seu proveito o que deveria ser empregado em utilidade pública. Eles compram as mercadorias com os dinheiros do rei e vendem-nos por sua própria conta; abarcam tudo no porto, forçam o povo a comprar-lhes pelos preços por eles fixados, e este preço é sempre exorbitante e oneroso.

Muitas vezes fazem esperar e sofrer necessidades àqueles a

quem o tesouro é devedor, obrigando-os a uma composição que deixe sempre para eles uma parte da soma devida; e esta locupletação manifesta, este vergonhoso roubo, adornam-no eles com o nome de indústria!

É este o meio que vos indico para que possais saber o que eles devem restituir ao próximo para se reconciliarem com Deus; porque se lhes perguntais, na generalidade, se eles têm praticado extorsões ao próximo, responder-vos-ão que a sua memória não lhes acusa nada a este respeito. A prática serve-lhes de lei, e persuadem-se que aquilo que têm feito e fazem, o podem continuar a fazer sem crime, como se a prática pudesse autorizar o que de si mesmo é vicioso e criminoso.

Não reconheçais nunca um tal direito e declarai àqueles pecadores que para porem as suas consciências em segurança, devem começar por se desfazerem do que possuem mal adquirido.

Logo depois da vossa chegada a Ormuz, ide apresentar-vos ao vigário geral, ponde-vos de joelhos diante dele, beijai-lhe humildemente as mãos. Não pregueis, e não exerçais nenhuma função, do nosso Instituto sem lhe ter pedido licença; obedecer-lhe-eis em tudo. Não lhe apresenteis dificuldades por qualquer coisa que seja; procurai ao contrário ser-lhe agradável pelos vossos serviços e em ganhar a sua amizade pela vossa deferência e disposição em lhe ceder sempre; levai-o ao desejo de fazer os Exercícios espirituais, e consegui que ele faça ab menos os da primeira semana.

Conseguí também o mesmo dos outros Padres, e quando não possais obter que eles façam o retiro dum mês, segundo nós costumamos convencei-os a fazer o de alguns dias; durante aquele tempo, ide desenvolver, vós mesmo, os assuntos das meditações.

Prestai ao governador o respeito e a submissão devidas à sua dignidade; não vos indisponhais com ele, sob nenhum pretexto, nem mesmo quando ele falte gravemente aos seus deveres. Aguardai até terdes conquistado a sua confiança e benevolência pelo vosso procedimento e relações para com ele; então, ide vê-lo sem receio, mostrai-lhe o interesse que ligais à sua salvação, e declarai-lhe com doçura e modéstia, o sentimento que vos causa o perigo ao qual ele expõe a sua alma e a sua reputação.

Fazei-lhe conhecer a opinião do povo, a possibilidade de a fazer chegar aos pés do trono, e a vantagem que ele teria em satisfazer a maioria do público; mas não empreendais isto antes que tenhais a certeza de serdes escutado.

Não vos encarregueis nunca de lhe levar as queixas dos particulares; recusai-vos absolutamente. Desculpai-vos com as vossas funções evangélicas que não vos permitem esperar dias inteiros pelo momento de uma audiência, sempre difícil de obter. Acrescentai que mesmo que tivésseis tempo para essas visitas, e todas as portas do palácio estivessem abertas para vós a toda a hora, pouco resultado colheríeis das vossas tentativas, se o governador é tal como o pintam;

se ele não sente o temor de Deus nem o grito da sua consciência, pouco caso faria das vossas advertências.

Depois dos trabalhos ordinários e indispensáveis para os vossos cristãos empregai todos os momentos que vos sobrarem na conversão dos infiéis. Dai sempre preferência aos trabalhos cujo fruto se estende mais longe. Não prejudiqueis nunca uma pregação por causa duma confissão; não deixeis o catecismo, que se deve fazer todos os dias a hora certa, por uma visita particular ou outra boa obra. Uma hora antes do catecismo não deixeis de percorrer a cidade com o vosso companheiro e de convidar toda a gente, em alta voz a ir ouvir a explicação da doutrina cristã.

Escrevereis de tempos a tempos para o colégio de Goa dando conta dos vossos trabalhos, do modo como exerceis os ministérios sagrados, do fruto que tendes colhido até então, e para consultar sobre os melhores meios de progredir ria glória de Deus. Que as Vossas cartas sejam fidedignas, a fim de que os nossos Padres de Goa possam enviá-las para a Europa como provas autênticas dos vossos trabalhos no Oriente, e das bênçãos que Deus se digna derramar sobre os esforços da nossa mínima Companhia. Que se não insinue nada naquelas cartas de que alguém tenha de se ofender; nada que deixe de ser verosímil, e que não tenha por fim louvar a Deus e servi-Lo.

À vossa chegada a Ormuz procurai relações com os habitantes principais, dos quais tiverdes ouvido dizer bem, porque estes serão os melhores informadores dos costumes e das usos do país. Informai-vos ao depois, por eles, dos vícios dominantes e das fraudes mais geralmente praticadas no comércio, a fim de vos: preparar para esclarecer as consciências, quer seja no tribunal da penitência, quer seja nas relações exteriores.

Percorrereis, todas as noites, as ruas da cidade, recomendando em alta voz a oração pelos mortos e pelos vivos que se acham em pecado mortal. Conciliareis o tom da voz com a recomendação que fizerdes.

Conservai, em todas as ocasiões de crises, o rosto sereno, a fisionomia alegre, o olhar terno e benevolente o humor agradável. Nunca mostreis tristeza nem impaciência; distinguireis aqueles que se mostrarem dispostos a abrir-vos o seu coração. Falai sempre com doçura, sede sempre amável, mesmo quando tiverdes de repreender alguém. A vossa caridade deve dar a conhecer que a falta vos é desagradável, mas não a pessoa que a cometeu.

Nos domingos e dias santificados pregareis, pelas duas horas depois do meio-dia, na igreja da Misericórdia, ou numa das principais igrejas da cidade, depois de haver enviar Raimundo Pereira a percorrer as ruas com uma campainha, convidando o povo a vir ao sermão; isto quando não julgardes preferível irdes vós mesmo fazer aquele convite. Levareis para a igreja a explicação do símbolo dor apóstolos e o regulamento de vida que eu redigi.

Dareis uma cópia daquele regulamento a cada um dos que ouvirdes de confissão, impondo-lhes, por penitência, a

prática em que ele contém, durante alguns dias. Eles se acostumarão assim a uma vida cristã, e bem depressa farão, eles mesmos, por hábito, o que não fariam de outro modo, senão por exceção e por ordem do confessor. E como não tereis tempo de fazer um tão grande número de cópias, aconselho-vos que mandeis copiar uma em grandes caracteres, expô-la em um lugar público, e aqueles que quiserem servir-se dela poderão lê-la ou copiá-la sem dificuldade.

Recorrerão a vós vários jovens que desejarão ser admitidos na nossa Companhia. Examinai-os, e aqueles que julgardes capazes, enviai-os a Goa com uma carta que exprima os seus desejos e as vossas observações sobre os seus talentos. Podereis, se preferirdes, deixá-los convosco; neste último caso, depois de lhes ter feito praticar, durante um mês, os Exercícios espirituais, os experimentareis em fazer instruir o povo sem os tornar ridículos a si próprios. Para este fim ordenai-lhes o serviço dos doentes nos hospitais, prestando-lhes os que forem mais abjetos e mais repugnantes. Fazei-lhes visitar os presos, aprendendo a consolá-los.

Finalmente exercitai vossos noviços em todas as práticas de humildade e mortificação; mas não consintais nunca que eles apareçam em público em trajes ridículos que provoquem a irrisão do povo. E repito, além de lho não ordenar, não o consintais nunca.

Não sujeiteis, indiferentemente todos os noviços às provas que a natureza de cada um recusa; examinai as forças de cada um deles, e proporcionai as mortificações ao seu temperamento, à educação e ao seu progresso espiritual, de modo que possais esperar que a prova não seja inútil, e que frutificará, segundo o grau da graça que lhes for dado.

Se aquele que dirige os noviços despreza estas regras, acontecerá que os que teriam podido fazer grandes progressos na virtude, se tivessem sido prudentemente dirigidos, perderão a coragem e recuarão.

Além disto, essas provas muito fortes para as almas que começam, arredam os corações do mestre dos noviços e lhes fazem perder a confiança. Aquele que forma os jovens para a vida religiosa deve empregar todos os meios para ganhar a sua confiança, a fim de que, abrindo-se a ele com sinceridade e franqueza, lhe descubram as suas inclinações e as tentações que os assaltam.

Se os noviços não tiverem esta franqueza de coração, não se desembaraçarão jamais das armadilhas do demônio e não chegarão nunca à perfeição religiosa.

Estas primeiras sementes do mal germinam e se desenvolvem pelo silêncio; insensivelmente o noviço se desgosta, fatiga-se da disciplina religiosa, acaba por sacudir o jugo de Jesus Cristo, e volta ao mundo, e muitas vezes a todas as suas devassidões.

Entre os noviços, uns serão levados por uma glória efêmera, outros pelo prazer dos sentidos ou por outros erros e

vícios.

A melhor maneira de os curar é fazer-lhes compor discursos contra aqueles mesmos vícios; fazer com que eles procurem todos os argumentos e todos os meios de os combater e de os destruir, e que puguem esses discursos ao povo na igreja ou no hospital, aos convalescentes ou aos outros. É de esperar que aquele estudo e aquela aplicação lhes serão mais úteis do que aos seus ouvintes. Aproveitarão a si próprios os remédios que tiverem indicado aos outros, e não quererão conservar-se na vida donde tiverem querido afastar seus irmãos.

Poreis em prática, proporcionalmente, a mesma indústria para com os pecadores que se não decidirem a fugir das ocasiões do pecado, nem a restituírem o alheio. Quando tiverdes conseguido ganhar a sua confiança, aconselhai-os a que digam a si próprios o que diriam aos seus amigos em iguais circunstâncias, desenvolvendo todas as razões que possam apoiar a condenação da sua dilação ou resistência.

Antes de tratar da grande questão da salvação, assegurai-vos da disposição de espírito daquele que quizerdes salvar. Buscai descobrir se ele está tranqüilo ou agitado por alguma paixão violenta; se se deixa perder voluntariamente, ou se tem forças para reconhecer a verdade quando se lhe apresenta; se é arrastado para o mal pela violência da tentação ou pela sua má índole; se é dócil, de modo que se possa esperar que aproveitará dum bom conselho, ou se é de humor difícil e pouco tratável.

Tudo isto deve ser examinado, a fim de falar a cada um segundo a disposição que tiverdes notado nele.

Usai da maior prudência com os corações duros e difíceis; mas não iludais nunca o doente; não lhe digais jamais nada que possa fazer perder a virtude do remédio ou impedir o seu efeito.

Em qualquer lugar que estejais, embora de passagem, procurai saber, pelos habitantes mais honrados e considerados, não somente quais são os crimes que se cometem mais de ordinário na cidade, e as fraudes mais usadas no comércio, como vos recomendei para Ormuz, mas também as inclinações do povo, os costumes do país, a forma do governo, as opiniões e tudo, finalmente, que diz respeito à vida civil.

Crede-me, o conhecimento destas coisas é da maior importância e utilidade para o missionário, a fim de dar remédio pronto às doenças espirituais, e achar-se sempre preparado para fazer bem a todos aqueles que se lhe apresentarem. Adquirido este conhecimento, nada vos surpreenderá, nada vos causará admiração; manejareis mais facilmente os corações, tereis mais autoridade sobre eles sabereis sobre que pontos vos deveis basear na pregação e o que deveis recomendar com mais instância na confissão.

Desprezam-se muitas vezes os avisos e conselhos dos religiosos, sob pretexto de que eles desconhecem o mundo e

lhes falta experiência dele; mas quando se encontra um que sabe viver e que tem inteira experiência das coisas humanas, admiram-no como a homem extraordinário, abandonam-se a ele, violentam-se voluntariamente sob a sua direção; os seus conselhos por mais espinhosos, são executados. Tal é o fruto maravilhoso da ciência do mundo.

Deveis, pois, trabalhar para adquirir este conhecimento com tanto zelo como empregastes noutro tempo para aprender a ciência dos filósofos e dos teólogos.

Não é somente nos manuscritos e nos livros impressos que se adquire aquela ciência; é nas relações com as pessoas de caráter firme e inteligentes. Com esta ciência colhereis mais fruto do que com todos os raciocínios dos doutores e todas as subtilezas das escolas.

Disporeis de um dia da semana para trabalhar em reconciliar os inimigos ou aqueles que, divididos por questões de interesse, estão a ponto de pleitear. Ouvi as queixas de cada um, proponde-lhes argumentos, buscai fazer-lhes compreender que há mais vantagem em se acomodarem do que envolverem-se em processos intermináveis que arruinam a consciência, a reputação e a fortuna.

Os advogados, procuradores e escrivães que a chicana enriquece, não gostarão disto; mas fazei-lhes compreender que, prolongando ou provocando os processos, se expõem a uma condenação eterna. E se puderdes mesmo chamá-los a um retiro e recolhimento dalguns dias, fazei-o, a fim de que os Exercícios espirituais os esclareçam e mudem as suas disposições.

Não espereis chegar a Ormuz para pregardes; começai no mar, logo que embarcardes.

Não vos esmereis em provar a vossa erudição ou memória, citando muitos textos de autores antigos; citai pouco e escolhei convenientemente as citações. Interessai-vos, sobretudo, em pintar ao vivo o estado das almas abandonadas ao mundo e ao pecado, de modo que elas possam ver reproduzidas nos vossos sermões, como num espelho, as suas inquietações, seus artifícios seus projetos frívolos e suas vãs esperanças. Mostrai-lhes o abismo que assim cavam, descobri-lhes as armadilhas que lhes são tecidas pelo espírito do mal; ensinai-lhes os meios de as evitar, acrescentando que têm tudo a perder se se deixarem prender por elas.

Por este modo cativareis a atenção, por que é sempre escutado quem fala interessando o auditório.

Evitai os assuntos elevados, as questões complicadas e controvertidas, porque achando-se elas além do alcance do vulgo, não produzem senão um abalo sem resultado na restauração das consciências.

Atraireis vossos ouvintes representando-os a eles próprios; mas para isto é necessário tê-los observado e aprofundado; é necessário conhecê-los bem. Estudai, pois, aqueles livros vivos, e neles achareis os meios de vos

tornar senhor dos corações e poder dirigi-los, em seguida, para o caminho que devem trilhar.

Não vos proíbo que consulteis a Sagrada Escritura, os Padres da Igreja, os sagrados cânones, os livros de piedade, os tratados de moral Deus me livre disso! Eles vos fornecerão provas sólidas para estabelecer as verdades cristãs, remédios soberanos contra as tentações, exemplos heróicos de todas as virtudes. Mas tudo isto é frio para os espíritos pouco dispostos a recebê-los, e não se consegue convenientemente senão pelo sistema que vos indiquei, de conhecer o homem por um profundo estudo dele próprio, pintá-lo fielmente e colocar o quadro em tal luz, que cada um possa nele reconhecer-se.

Uma vez que o rei deu ordens para se prover às vossas necessidades, usai deste benefício, e não peçais nada senão às suas autoridades. Recusai, diretamente o que os outros vos queiram oferecer; estareis assim mais seguro de conservar a vossa independência e liberdade apostólica, segundo o adágio: quem prende prende-se.

Porque se nós nos vemos na necessidade de dar um conselho caridoso àqueles de quem tivermos recebido esmolas, somos tratados com altivez, como se a esmola que recebemos os tornasse nossos senhores e lhes desse o direito de nos desprezar.

Acautelai-vos de certos pecadores que se apressarão a procurar-vos, mostrando-se honrados por serem vossos amigos, e procurando captar a vossa amizade com toda a sorte de atenções. Não vos iludais com isso, porque se procuram a vossa convivência, não é, de certo, com o fim de a aproveitar para a correção da sua vida: é para vos fechar a boca e evitarem a censura que merecem.

Sem os repelir, acautelai-vos deles. Se vos convidarem para a sua mesa, não recuseis. Não recuseis também os presentes de pouco valor que estão em uso nas Índias, tais como frutas e água fresca [60], que se não podem recusar sem mostrar desprezo; mas declarai-lhes que não os receberéis senão com a condição de eles aceitarem bem os vossos conselhos, e que vós ireis comer com eles só quando vos for permitido prepará-los para fazerem uma boa confissão e se aproximarem da sagrada mesa.

Quanto aos presentes que vos virdes forçado a receber, mandai-os imediatamente aos doentes, aos presos ou a outros pobres. O povo ficará satisfeito e não poderá taxar-vos de avareza, nem desconfiar da vossa delicadeza.

Quando chegardes a Ormuz, depois de haver considerado e conhecido o estado das coisas, decidireis onde convirá que moreis, se no hospital, na casa da Misericórdia, ou em algum alojamento que não esteja muito afastado.

Se eu vos chamar para o Japão, escrevereis logo ao reitor do colégio de Goa, por duas ou três vias diferentes, a fim de que ele vos substitua por um dos nossos Padres, capaz de missionar a cidade de Ormuz.

Finalmente recomendo-vos a vossa própria pessoa a vós mesmo, meu querido Gaspar; sobretudo, não esqueçais nunca que sois membro da Companhia de Jesus!

Nos negócios particulares, a experiência vos ensinará o que for mais útil para a glória de eus; porque, havendo prudência, a prática e o uso são os melhores mestres.

Lembraí-vos de mim nas vossas orações e nos vossos santos sacrifícios, e recomendai aos que dirigirdes que orem por mim ao Senhor que servimos.

Lede estas instruções todas as semanas, a fim de as não esquecerdes.

Praza ao Senhor conduzir-vos, guardar-vos na vossa viagem, e que esteja, em tudo, sempre conosco!

Francisco.

VI. RECOMENDAÇÕES - PARTE PARA O JAPÃO

Francisco Xavier ia acrescentar mil e oitocentas léguas à distância imensa que o separava, havia sete anos, dos que lhe eram mais caros, das suas mais santas afeições. Mas, no dia do seu sacrifício, ele se votara à glória de Deus, e à sua maior glória, votara-se à salvação das almas, votara-se, finalmente, à imolação contínua de si próprio, e isto para sempre!

E desde aquele momento, o generoso apóstolo, devorado da necessidade de sofrer pelo Deus que ele amava com tão ardente amor, era insaciável de privações e de fadigas, de perigos e de trabalhos.

Os seus amigos de Goa renovaram, naquela circunstância, as cenas de oposição e de desgosto, que se deram em remate para impedir que ele tentasse explorar as ilhas de Moro. Faziam-lhe as mais aterradoras descrições dos perigos da navegação naqueles mares semeados de escolhos, especialmente em ocasião em que os navios portugueses, expulsos de todos os portos da China, e afastados das suas águas, não podiam prestar o menor socorro a quem por audaz coragem afrontasse aqueles perigos. Mas o intrépido Xavier destruía as solicitações de amizade com a mesma dignidade e firmeza como em Ternate: conserva-se firme na sua idéia.

"Os capitães Jorge Álvares e Álvaro Vaz têm a coragem de se exporem àqueles perigos pelos interesses dos seus negócios, disse ele a alguns dos seus amigos empenhados em o reterem, e por que vos persuadis que eu serei mais infeliz do alue eles o têm sido até ao presente? Porque quereis imaginar que o navio em que eu embarcasse seria aprisionado pelos piratas com preferência aos deles? porque o tifo me seria mais nocivo? Vós ides correr todos os perigos por um miserável interesse de comércio, e quereis impedir que eu me exponha pela salvação das almas, pela glória de Deus?"

Confesso que me vejo penalizado pela vossa pouca fé, e que me custa a acusação de imprudência; aflige-me ver que os missionários têm tido até aqui menos coragem que os negociantes. Agradeço-vos, contudo, a vossa solicitude; a vossa amizade enche-me de alegria o coração, mas vejo-me obrigado a resistir-lhe.

A divina Providência tem-me protegido sempre, sempre me tem socorrido, nada alterará, pois, a minha confiança nela. Não me tem livrado já de milhares de perigos no mar? Não foi ela também que me salvou da espada dos Badegás e dos venenos da ilha de Moro? E vós quereríeis persuadir-me agora que não devo confiar-me?

Demais, a minha missão não se limita às Índias; vim com a intenção e o desejo de levar a fé até às extremidades da terra, se possível fosse! Irei, pois, ao Japão!"

Que podiam os amigos do nosso Santo? Admirá-lo e calarem-se: foi o que fizeram, orando ardentemente pela sua conservação.

"...Eu empreendo esta viagem com alegria, escrevia o santo apóstolo ao seu amado Padre Inácio; o futuro sorri-me pelas brilhantes esperanças que nutro do bom êxito dos meus trabalhos no meio daqueles povos.

Os japoneses, todos pagãos, não têm entre si nem judeus nem maometanos, e são muito curiosos nas ciências divinas e naturais ...

...Eu irei imediatamente apresentar-me ao imperador, depois às academias e às universidades, e ali espero fazer triunfar o Evangelho! Paulo de Santa-Fé assegura-me que por uma tradição daquele país, as superstições do Japão vieram de Cenic, cidade situada além da China e do Catai [61].

Logo que me veja estabelecido em meio daquele povo, pôr-vos-ei ao facto dos seus costumes, da sua literatura e do sistema do seu governo. Farei mais, darei esses esclarecimentos minuciosos à Universidade de Paris, para que ela os transmita às outras Universidades da Europa. Levarei em minha companhia o Padre Cosme de Torres e os três japoneses de que já vos falei.

Contam-se mil e trezentas léguas de Goa ao Japão [62]; é necessário passar o estreito de Malaca, dobrar o cabo e seguir ao longo das costas da China.

Não tenho expressões para vos descrever a alegria que sinto quando penso nesta empresa! Ver-me-ei exposto aos maiores perigos que o Oceano pode oferecer: o das tempestades, que são frequentes e terríveis naquelas paragens; o dos escolhos, dos bancos de areia, dos ventos e das vagas que são temíveis naqueles mares desconhecidos, com pilotos inexperientes; finalmente o dos piratas que infestam aqueles perigosos mares.

Os perigos desta travessia são tais, que os nossos marinheiros se consideram muito felizes quando podem salvar um navio por três que se arriscam.

Tudo isto mais me anima. Deus dá-me uma tal convicção de que arvorarei a Cruz de Jesus Cristo sobre aquele solo pagão, que não recuará por maiores que fossem ainda os perigos! Podereis julgar das razões desta convicção pelas memórias que eu vos enviei sobre aquele país..."

"Creio que vós tendes em Roma e em outros pontos, muitos

religiosos nossos que não têm disposição nem para a pregação nem para o ensino dos colégios. Eles seriam muito melhor utilizados aqui para as nossas missões, uma vez que sejam exercitados na prática de todas as virtudes, de uma pureza angélica e de uma força de corpo e de espírito capaz de suportar grandes trabalhos e sofrimentos.

...Não é um pequeno trabalho, asseguro-vos, o de fazer aqui cristãos e conservá-los! É, pois, essencial para nós, que somos os filhos do vosso coração, que nos sustenteis pela força das vossas orações.

Sabeis quanto se sofre em formar e dirigir os que nunca conheceram a Deus nem a razão, e que olham como uma verdadeira calamidade a necessidade de mudar de hábitos criminosos, considerados por eles como uma segunda natureza!

A permanência naqueles climas é muito prejudicial e penosa, já por causa dos sucessivos calores do estio, já por causa das chuvas e dos temporais que ali reinam todo o inverno.

Em Socotorá, nas Molucas, no cabo Comorim, apenas se encontra o necessário para viver; e contudo, os trabalhos do corpo e do espírito aí são imensos, incríveis! É necessário combater sempre resistir sempre com os índios! acrescentai a isto a extrema dificuldade das suas diferentes línguas e dos seus numerosos dialetos.

Finalmente, os perigos para a vida da alma e para a vida do corpo são tão grandes como frequentes. Contudo, e para que todos os nossos irmãos rendam a Deus imortais ações de graças, posso assegurar-vos que todos os vossos filhos que estão nas Índias são amados, e, di-lo-ei até, ternamente queridos de todas as classes do povo: dos pagãos, dos cristãos, dos portugueses, dos índios, dos cidadãos, dos magistrados e dos superiores eclesiásticos...

... Por toda a parte onde existem cristãos, disfruta-se dos nossos trabalhos. Nas Molucas contam-se quatro dos nossos obreiros evangélicos; em Malaca, dois; no cabo Comorim, seis; em Coulão, dois; em Baçaim, dois em Socotorá, quatro; e não obstante as enormes distâncias, todos estão sob a direção de um só.

Goa acha-se afastada das Molucas mais de mil léguas [63], Malaca, de quinhentas; Comorim, de duzentas; Coulão, de cento e vinte e cinco; Baçaim, de sessenta; Socotorá, de trezentas. Em todos os pontos onde estão os nossos irmãos, há um que tem autoridade sobre os outros; mas aqueles que dirigem são tão virtuosos e tão prudentes, que os subordinados encontram a felicidade na obediência ...

...Vós praticareis uma boa ação, bem agradável a Deus e a todos nós que estamos em exílio tão longe de vós, escrevendo-nos uma carta de instruções espirituais, uma carta que fosse como que o vosso testamento, pela qual legaríeis aos vossos filhos das Índias as riquezas espirituais que tendes recebido de Deus tão abundantemente.

Fazei-nos, eu vos rogo, esta caridade, se o vosso tempo puder prestar-se aos nossos desejos!

...Para mim, não vos peço mais que uma graça, e é de designar um dos nossos Padres para celebrar, durante um ano, o santo sacrifício em S. Pedro in Montorio onde o santo Apóstolo foi crucificado, e de me dar, por um dos nossos, notícias circunstanciadas sobre a situação da nossa Companhia, o número dos professores e dos seus colégios, seus trabalhos, e os frutos que ela produz; porque eu dei ordem de fazerem remeter as cartas que vierem de Roma para Malaca, de onde mas enviarão para o Japão, por várias vias, depois de se extraírem muitas cópias.

Oh! vós meu venerável Padre, que sois verdadeiramente o pai da minha alma! é de joelhos que eu vos escrevo, como se estivesse junto de vós; é com os dois joelhos em terra que vos conjuro que insteis com a divina Majestade, em todas as vossas orações, e em vossos santos sacrifícios, que me faça conhecer a sua santa vontade, até que eu tenha um sopro de vida, e que me dê forças para a cumprir!

Peço o mesmo socorro a todos os nossos Padres e Irmãos.

Vosso filho e servo em Nosso Senhor.

Francisco Xavier.

Esta longa carta foi escrita de joelhos por Francisco Xavier; ele não escrevia nunca de outro modo a Santo Inácio. E era com o coração cheio daquela viva e santa ternura pelo Pai da sua alma, seu único Pai em Jesus Cristo, que o heróico apóstolo ia interpor mil e oitocentas léguas leais entre aquela querida afeição e ele! E isto, depois de ter calculado que as cartas de Roma não poderiam chegar-lhe ao Japão senão dois anos depois da sua data!...

Mas, como vimos, a grande alma de Xavier estava ávida de trabalhos, de sofrimentos, de sacrifícios de todo o gênero, e ele próprio acaba de nos dizer, que se tivesse de sacrificar-se muito mais ainda, não teria hesitado: a glória de Deus o chamava ao Japão! E ele escrevia ao Padre Simão Rodrigues:

"O cristão prefere a cruz ao repouso".

O Padre Gaspar Barzeu, partiu para Orznuz nos princípios do mês de Abril de 1549. Xavier, que devia partir oito dias depois dele, escreveu ao Padre Paulo Camerini recomendações em que patenteia toda a sabedoria, prudência, doçura e terna caridade do nosso Santo. A sua pouca extensão permite-nos reproduzir aqui a carta na íntegra,

AO PADRE PAULO CAMERINI

Abril, de 1549.

"A graça e o amor de Nosso Senhor Jesus Cristo sejam sempre convosco! Amém.

De partida para o Japão, venho rogar-vos, pelo zelo que vos anima para o serviço de Deus, e pela vossa adesão ao nosso Padre Inácio e à Companhia de Jesus, meu querido

Paulo, que, conserveis, nas vossas relações com Antônio Gomes, a mais profunda humildade e uma grande circunspecção, de modo que possais viver com ele em doce paz, e que mereçais a sua amizade conservando a sua estima. Procedereis de igual modo com os nossos Padres dispersos pelas Índias.

Conquanto eu os conheça muito intimamente para me achar persuadido de que eles não carecem absolutamente de um superior para os dirigir no seu ministério, devo designar-lhes um a quem tenham de obedecer, a fim de que não percam o mérito e o hábito da obediência; demais, a nossa regra também o quer assim.

É, pois, para me conformar com ela que vos nomeio superior de todos os nossos Padres e de todos os nossos noviços residentes em Goa ou nas Índias. Invisto-vos de toda a autoridade sobre eles com as modificações que vos indicarei, confiado nos vossos conhecimentos, vossa prudência e vossa modéstia. Exercereis estes poderes até que uma autoridade superior e legítima vo-los retire, na forma prescrita pelos nossos estatutos.

Eis aqui agora as restrições que eu julgo dever pôr nos vossos poderes. Escutai-as:

Entendo que Antônio Gomes exerça uma autoridade plena e absoluta sobre todos os noviços portugueses ou indígenas que não fazem parte do seminário. Confiro-lhe a livre administração das rendas e dinheiros do colégio, tanto nas cobranças a fazer como nas despesas que ele julgar necessárias e convenientes.

Não tendes pois, nenhuma inspeção na sua administração, não tendes a pedir-lhe contas dela. Deixareis igualmente à sua discricção a admissão ou rejeição dos alunos portugueses ou índios, não interponhais nunca a vossa autoridade em nenhuma das suas decisões.

Se acontecer que vejais as coisas debaixo dum ponto de vista diferente do seu, comunicai-lhe a vossa opinião, aconselhai-o e acompanhai até esses conselhos de rogos e de instâncias; mas não useis nunca de autoridade, nem lha façais sentir em nenhuma das vossas palavras. É a ele somente que dou o direito de punir as crianças das duas classes. É ele unicamente que fica encarregado da disciplina interna, da distribuição de cargos, da admissão ou da despedida dos domésticos.

Entendo que ele deve gozar, no exercício das suas funções, de toda a liberdade, de toda a segurança, sem ter a recear interpelações ou oposições da parte de quem quer que seja.

Em nome da obediência que tendes votado com toda a liberdade ao nosso Padre Inácio, cujo órgão sou eu, vos suplico, e isto é da maior importância, evitai cuidadosamente toda a alteração, toda a discussão, mesmo toda a aparência de dissabor ou indiferença para com Antônio Gomes! Dai, ao contrário testemunhos recíprocos, e não equívocos, da mais sincera cordialidade, dá mais estreita união,

trabalhando, cada um de seu lado, e segundo os meios que tendes, para a glória de Deus e para o bem comum da Companhia, de maneira a não dar pretexto a nenhum murmúrio exterior ou interior.

Logo que os nossos Irmãos, que se acham em missões nas cidades e aldeias do cabo Comorim, - o Padre Nicolau em Coulão, o irmão Cipriano em Meliapor, Melchior Gonçalves em Baçaim; Francisco Peres em Meliapor, ou aqueles que estão nas Molucas, João da Beira e seus companheiros-, logo que eles vos escrevam para solicitardes do magistrado ou do arcebispo quaisquer graças temporais, que, em certas ocasiões, lhes podem ser de grande necessidade, deixai tudo para vos ocupar exclusivamente do objecto do seu pedido, entendendo-vos com Antônio Gomes, a fim de que ele, do seu lado, empregue generosa e prontamente todos os meios ao seu alcance.

Quando escreverdes àqueles queridos obreiros evangélicos, que suportam os rigores do sol e do calor, que andam cobertos de suor e de pó, evitai sempre deixar correr da pena a mais ligeira gota de fel, a mínima censura! Animaí-os, ao contrário, por todos os meios que achardes mais suaves e mais consoladores na caridade do vosso coração.

Evitai escrupulosamente tudo quanto possa dar-lhes o mais ligeiro pretexto de queixa ou de sentimento, tudo quanto possa ofendê-los ou desconsolar. Provede prontamente e com a generosidade possível à sua sustentação, ao seu vestuário, a tudo quanto a saúde exigir.

Avaliai as imensas e contínuas, fadigas que eles suportam tão corajosamente, dia e noite, no serviço de Deus, sem a menor consolação humana! Isto respeita sobretudo àqueles que estão nas Molucas e no Cabo Comorim, porque eles têm uma pesada cruz a suportar! Ah! guardai-vos em nome de Deus, de agravar a sua situação e de os fazer gemer sob aquele peso.

É um dever de justiça tão importante para vós que guardais as bagagens, socorrer os nossos Irmãos que estão constantemente em armas, que eu vos conjuro, em nome de Deus Nosso Senhor, em nome do Padre Inácio, que nada desprezeis por eles!

Quanto a vós, meu querido irmão, recomendo-vos que continueis a trilhar a senda da virtude, como o tendes feito até aqui; que espalheis em torno de vós a luz do exemplo, e que não deixeis escapar nenhuma ocasião de me escrever. Conto receber numerosas cartas vossas dando-me notícias pormenorizadas do que vos diz respeito pessoalmente, sobre a Companhia em geral, sobre a boa inteligência que reinar entre vós e Antônio Gomes, sobre cada um dos nossos Irmãos que trabalham no cabo Comorim, sobre o Irmão Cipriano que está em Meliapor, sobre os nossos Irmãos que chegarão neste ano da Europa. Enviar-me-eis o número daqueles cujo talento distinto faz destiná-los para pregadores, o dos Padres e o daqueles que não tiverem ainda Ordens. Não me deixareis ignorar nada do que diz respeito às suas famílias, seu número, seus nomes, suas idades, suas qualidades, suas forças físicas, e suas virtudes.

Para esta correspondência duas vias, ao menos, vos serão abertas: duas vezes por ano um navio da marinha real se aparelha em Goa, o primeiro para chegar em Setembro a Bandá, o segundo parte em Abril para as Molucas; mas ambos eles tocam em Malaca, onde o nosso Irmão Peres receberá as cartas a mim dirigidas, e será encarregado de as enviar para o Japão.

Vós me fareis um grande obséquio se todas as semanas relerdes esta resenha das minhas intenções que, à última hora da partida, vos deixo para recordação da minha pessoa, ainda mais do que dos meus desejos. Conto por elas chamar-vos, a vós e a todos os nossos dedicados cristãos a atrair para mim, pelas vossas orações, todas as bênçãos de Deus.

Recomendo a Antônio Gomes, que se chegarem de Portugal bons pregadores, envie alguns para as missões circunvizinhas, por exemplo a Cochim, onde ardentemente se deseja um membro da nossa Companhia; para a costa de Cambaia e Diu. Faço-vos também a mesma recomendação, meu Paulo; tratai isto de combinação com Antônio Gomes.

Se os multiplicados afazeres e cuidados, que vireis a ter com a vossa administração, não vos deixarem tempo suficiente para satisfazer a todos os meus desejos, ordenai a um dos nossos coadjutores portugueses, que colha tudo quanto se diz de um lado e de outro sobre as nossas missões, especialmente sobre a de Ormuz, onde está o Padre Gaspar; tomai também conhecimento de todas as notícias importantes que se espalham em Goa.

Na partida de cada navio para Malaca, fareis de tudo um maço, a mim dirigido, ao qual acrescentareis o que tiverdes de particular a comunicar-me sobre os diferentes estabelecimentos dependentes do colégio de Goa, e sobre as suas localidades, circunstâncias estas que não podeis conhecer ainda.

Não vos tendo a experiência ensinado ainda coisa alguma com respeito aos costumes da costa do Comorim, de Meliapor, de Coulão, das Molucas, de Malaca e de Ormuz, não deveis desviar nenhum dos obreiros evangélicos dos postos que eles aí ocupam; porque, sem o quererdes, poderíeis por uma ordem inoportuna, destruir uma árvore próxima a produzir excelentes frutos. Poderíeis fazer abortar os mais bem concebidos projetos e cujo bom êxito, objecto de longos e penosos trabalhos, estaria a ponto de se apresentar, e faríeis, com as melhores intenções, um dano considerável à religião e à salvação das almas.

Eu vou escrever ao Padre Antônio Criminale para se não arredar do posto que lhe está designado, não obstante qualquer determinação que tenha, e a não consentir, que a pedido de quem quer que seja, se desvie algum dos obreiros que, sob as suas ordens, trabalham no Comorim, ao menos até que as circunstâncias o levem a permitir a deslocação sem inconveniente.

Escrevo também, recomendando outro tanto a cada um dós que dirigem ou ocupam diferentes postos, a fim de que não deixem destruir a sua obra pelo desvio de obreiros necessários ali, e que transferidos ou retirados inconsideradamente, fariam inutilizai as esperanças mais bem fundadas para o engrandecimento do império de Jesus Cristo.

Não interponhais, pois, a vossa autoridade em nenhuma dessas mudanças, e nada ordeneis senão depois dum aturado exame.

Proíbo-vos de fazer vir a Goa, contra sua vontade, algum dos nossos irmãos doentes ou indispostos; certificai-vos de antemão da sua anuência; igualmente quero que aqueles que por motivos graves venham para junto de vós sem permissão ou ordem, sejam bem acolhidos e tratados com a mais terna caridade, provendo-se às suas necessidades. Se, inquietados por um espírito mau, eles vierem por sua vontade ou por conselho de seus irmãos, buscar um remédio a seus males espirituais na penitência ou num recolhimento dalguns dias, proporcionai-lhes todos os socorros com uma solicitude paternal, a fim de não pôr a sua alma em perigo.

Termino rogando-vos instantemente a mais rigorosa exactidão em tudo quanto acabo de vos prescrever, oh! meu querido Paulo!

Sou inteiramente vosso.

Francisco.

Compreende-se a que grau devia levar a virtude da obediência, aquele que possuía um tal sentimento de autoridade e de ordem em todas as coisas, e quão suave e paternal devia ser a autoridade que ele exercia sobre os seus Irmãos. É o mais admirável conjunto de firmeza e de doçura que jamais homem algum possuiu.

Além disto, quem foi nunca mais amado e mais ternamente venerado do que Francisco Xavier?

Chegara o momento da partida.

A 14 de Abril de 1549, o heróico apóstolo embarcou a bordo duma fusta que o conduzia a Cochim onde devia encontrar um navio de partida para Malaca, e ali um outro para ir ao Japão.

O Padre Cosme de Torres, o Irmão João Fernandes [64], Paulo de Santa-Fé e seus dois domésticos, embarcaram com ele.

Levava também, mas para os deixar, um em Malaca e outro nas Molucas, os Padres Manuel Morais e Afonso de Castro.

JAPÃO

MAIO 1549 - NOVEMBRO 1551

Índice

- I. DIOGO DE NORONHA - A VIAGEM -
O JOGO DE XADREZ
- II. CARTAS - RECONHECIMENTO
PARA COM DONA FRÓIS - EMBARCA PARA
O JAPÃO
- III. EM TERRAS DO JAPÃO
- IV. EM FIRANDO E MEACO - O DOM
DAS LÍNGUAS - PERSEGUIÇÕES E
TRABALHOS
- V. MENSAGEM DO REI DE BUNGO - NO
PALÁCIO DO REI - OS BONZOS
CONFUNDIDOS

JAPÃO

MAIO 1549 - NOVEMBRO 1551

I. DIOGO DE NORONHA - A VIAGEM - O JOGO DE XADREZ

Diogo de Noronha não conhecia o grande Xavier senão pela fama; recentemente chegado às colônias portuguesas, testemunhara ao seu jovem parente, D. Pedro de Castro, desejos de ver o santo Padre, de quem ouvira falar com tanta admiração na corte, e Pedro lhe havia prometido a viagem de Goa a Chochim no mesmo navio em que embarcasse o apóstolo venerado, acrescentando:

- Se tu deixas escapar esta ocasião, podes não ter outra; o Padre Xavier parte para o Japão, e só Deus sabe se ele dali voltará.
- Eu desejo vê-lo por causa da sua celebridade, respondeu Diogo, mas não tenho nenhum empenho de me aproximar dele; temo ser atraído para as suas fileiras.
- Tranqüiliza-te, Diogo, o santo Padre é o homem mais amável; ele conversará contigo sobre tudo que conhecer interessar-te, e nada te dirá sobre a tua consciência. Eu te acompanharei e te apresentarei, e ficarás encantado.

Os dois amigos embarcaram na mesma fusta que levava o santo Padre. Pedro apressou-se em apresentar-lhe o seu parente. Francisco Xavier acolheu o jovem Diogo com a sua habitual benevolência; entreteve-o falando-lhe das famílias, dos Noronhas e dos Castros, que conhecera intimamente na corte de Portugal, e dos seus interesses nas Índias, e só a isto se limitou.

Diogo viu-se fascinado, e experimentou um grande pesar quando viu afastar-se de junto de si aquele de quem receara aproximar-se.

- Eu estava persuadido, disse ele em seguida a Pedro que um santo daquela força não sabia senão pregar contra o inferno e fazer milagres...
- E tu viste que ele se acha armado para todos os gêneros de combates; qualquer que seja o assunto da conversação, tem sempre a mesma

superioridade.

- Mas é verdade, perguntou D. Diogo, que ele ressuscita os mortos? Em Lisboa toda a corte está persuadida e tem isto como coisa provada.

- Eu não tenho sido testemunha, respondeu Pedro, mas em Goa, homens sérios e pouco crédulos me asseguraram terem visto. Cosme Anes e Diogo de Borda, que tu conheces, instaram um dia com o santo Padre a dizer-lhes, para glória de Deus, se era verdade que ele tivesse restituído à vida uma criança que se afogara num poço: o Padre Xavier fez-se vermelho e respondeu com embaraço

- Eu! um pecador como eu, ressuscitar um morto! podeis crê-lo? Puseram aquela criança diante de mim assegurando-me que estava morta! e assim, pecador como sou, disse à criança que se levantasse em nome de Jesus Cristo, e ela levantou-se; eis tudo. Deus sabe se ela estava realmente morta.

- Só isso?! disse D. Diogo.

- Mas o que é certo é que nós não faríamos outro tanto, respondeu Pedro.

Diogo suspirou profundamente e deixou escapar uma palavra que encheu de admiração ao seu amigo

- Tu, Pedro, confessas-te!...

Na manhã seguinte, vendo ele o Padre Xavier a jogar o xadrez, tomou o braço de Pedro e levou-o para a ponte, dizendo-lhe com admiração

- Explicar-me-ás tu este enigma, meu caro amigo? compreendes que um Santo jogue o xadrez?

- Para nós, que conhecemos de perto o santo Padre, o enigma é fácil de decifrar-se, ele quer converter aquele com quem joga.

- Tu crês isso?

- Tenho a certeza; não é esta a primeira vez que ele emprega este meio de conversão, e tem sido sempre bem sucedido.

Chegavam então a um porto da costa onde deviam fazer escala; todos os passageiros desembarcaram, e Pedro fez notar ao seu jovem parente que o Padre Xavier, dando o braço ao seu parceiro de jogo, penetrava com ele na floresta próxima; o ar de satisfação que animava o semblante do apóstolo era fácil de interpretar-se.

Quando o sinal do reembarque se fez ouvir, os passageiros apressaram-se a voltar a bordo; Francisco Xavier, porém, não apareceu! Pedro e Diogo internaram-se na floresta em que o haviam visto entrar quando desembarcou; chamaram-no repetidas vezes em alta voz, sempre inutilmente, e desanimados ria sua busca, tomavam já o caminho por onde tinham vindo, quando Diogo disse que vira à direita uma luz estranha, através das árvores, e seguiram a direção do sítio em que se notava aquele fenômeno, que mal podiam crer, conquanto fosse real! E para aí avançaram... O santo apóstolo lá estava em oração; tinha o semblante fulgurante de luz, com as mãos cruzadas sobre o peito, de joelhos, mas não tocando o solo; ele não via nem ouvia nada do que se passava em torno de si:

- Acreditas, agora, que é Santo apesar do jogo do xadrez? perguntou

Pedro ao seu amigo.

- Confesso-me perdido, respondeu-lhe Diogo.

E dizia a verdade. Diogo era vaidoso, leviano, amigo do prazer, e aquela vista produzia nele remorsos: estava pálido, comovido, e desde aquele momento via as coisas de outro modo.

Os dois amigos restituíram à terra aquele que todos buscavam com tanta ansiedade, e a simplicidade de Xavier, voltando às coisas terrenas, a graça e afabilidade com que agradecia aos seus amigos a sua solicitude e obséquio, completaram a conquista de Diogo de Noronha, e fizeram dele um perfeito cristão. Mas o jovem português não veio a saber logo o que se passara entre o jogador e o santo Padre.

Francisco Xavier pouco entendia do xadrez; jogava-o muito mal. Vendo um dos passageiros, Vicente Lopes, entusiasmar-se por aquele jogo e mostrar, pelos seus juramentos, que a sua consciência estava em mau estado, pediu-lhe que sossegasse, no próprio interesse da partida começada, porque aquela grande exaltação podia fazer-lhe perder.

Depois da partida, a conversação foi levada para o estado da religião nas Índias, e o jogador tendo felicitado o santo apóstolo pelos seus sucessos milagrosos, este disse-lhe:

- Nada é impossível a Deus; ele pode mesmo fazer de um jogador desenfreado um cristão exemplar...

- Ah! eu vejo, santo Padre! eu adivinho-vos, mas o milagre seria muito grande, vós não me converteríeis.

Nada é impossível a Deus, senhor.

- Meu Padre, eu amo-vos muito, mas vós não me tereis.

Quero mais uma partida, vamos! - acrescentou ele, dirigindo-se para alguns passageiros portugueses, - quem quer empreender uma partida de xadrez? D. Henrique, não quer mais lutar contra mim.

O desafio de Vicente ficou sem efeito; os seus amigos recusaram-se a satisfazer-lhe a paixão desordenada pelo jogo e fizeram-lhe novas observações que ele desprezou com a sua gaiatice e indiferença ordinárias.

O Padre Xavier foi o único a oferecer-se.

-Vós, meu Padre! Mas vós não conheceis as regras do jogo!

- Que importa? Uma vez que vós sois um jogador de primeira, e eu não valho nem um aprendiz, e sem dinheiro, convencionemos que a aposta da partida seja a vossa consciência. Se eu perder, conservá-la-eis tal como está, esperando uma melhor ocasião; se eu ganhar, vós me entregareis e eu a darei a Deus!

- Pela celebridade da idéia, aceito! Vamos, santo Padre, a minha consciência por aposta!... A partida é minha!

Sentaram-se à mesa do xadrez e logo no começo da partida, Vicente perturba-se; nota no semblante do santo Padre uma expressão muito mais celeste que de ordinário; dir-se-ia que um jogador invisível lhe indica a marcha que deve seguir, os lances que deve executar. Os assistentes mostram-se maravilhados, e cada um pergunta ao seu vizinho se é verdade que

o santo Padre não sabe jogar o xadrez.

Vicente, fora de si, exclama finalmente:

- Meu Padre, vós dissestes que não entendíeis nada do jogo, e sois mais forte do que eu!

- É bem verdade que não sei jogar, senhor Vicente; mas eu pedi a Deus que me desse a vossa alma, e ele quis fazer-me ganhar.

Efetivamente o santo Padre ganhou a partida, e Vicente como homem honrado, devia pagar a sua aposta; assim o fez com lágrimas de dor pela sua vida passada, e de admiração pela santidade do grande apóstolo que acabava de operar a sua conversão por um tal prodígio.

Xavier demorou-se poucos dias em Cochim; mas aquele pouco tempo lhe foi suficiente para arrancar mais uma presa ao demônio: cada um dos seus passos era uma conquista sobre o inferno.

Um português que ele sabia culpado de muitos crimes ocultos, apresentava-se no seu caminho, e ele vai digestamente ao seu encontro

- Oh! senhor Marinho! Estais em Cochim! Estimo muito ver-vos! Como passais?

- Maravilhosamente, meu Padre; e...

- Maravilhosamente? Oh! não...

- Como não?! mas eu vos asseguro que sim, meu Padre!

- É porque vós cuidais só da saúde do corpo; mas eu trato da vossa alma, e vejo-a em muito mau estado! Neste momento meditais uma péssima ação; conheço-vos perfeitamente, e tomo muito grande interesse pela vossa salvação, para vos dar tempo de a praticar. Vinde confessar-vos!

- Meu Padre!... eu não estou preparado; estava longe de pensar nisso; não posso, pois, confessar-me sem me preparar.

- Isso pertence-me, e eu vos prepararei; vinde comigo.

Marinho queria escapar-se à sedução do santo Padre mas era já tarde. A impressão que produziu nele a revelação que acabava de fazer-lhe o nosso Santo era tão forte como a sua repugnância pela confissão, e não sabendo o que fizesse, deixou-se arrastar. Uma vez aos pés do irresistível apóstolo ficou bem depressa vencido e sinceramente contrito.

A grande fama e bons resultados que adquirira o Padre Castro em Cochim, pela eloquência das suas pregações, levaram os portugueses a pedirem a Francisco Xavier que o deixasse naquela cidade; mas o santo apóstolo havia-o destinado para as Molucas onde o seu talento era mais necessário, e foi inabalável.

Afonso de Castro embarcou a 25 de Abril com o nosso Santo, e partiu para Malaca, onde devia encontrar um navio que o conduzisse para o mar das Molucas.

FRÓIS - EMBARCA PARA O JAPÃO

A graça e amor de Nosso Senhor Jesus Cristo sejam sempre conosco! Amém.

"Apresso-me a escrever-vos, meus muito queridos Irmãos, porque conheço a consolação que terão com a notícia da nossa viagem.

Fizemo-nos à vela de Cochim a 25 de Abril, e desembarcámos em Malaca, com a mais perfeita saúde, a 31 de Maio. Em menos de quarenta dias se efectuou a nossa viagem sem a menor indisposição de nenhum de nós, tendo-nos sido o céu e o mar constantemente favoráveis. Não corremos nenhum outro perigo, graças a Nosso Senhor, que visivelmente protegeu a nossa navegação.

O governador, à testa de todos os habitantes daquela cidade, desde o mais pequeno aos maiores, vieram receber-nos ao desembarque com demonstrações de grande alegria.

Na nossa primeira entrevista fiz-lhe conhecer os nossos projetos de viagem para o Japão, e ele me respondeu com os mais obsequiosos oferecimentos, que se apressou em realizar. Nós e toda a Companhia lhe devemos muitas obrigações.

Queria absolutamente equipar à sua custa, e para nós somente, um navio português que nos conduzisse ao Japão, e tê-lo-ia feito se tivesse encontrado um próprio para aquele fim. Não podendo fazer o que desejava determinou-se por um navio de construção chinesa, dos conhecidos pelo nome de juncos, cujo capitão, cognominado o Voador, se achava estabelecido em Malaca, ainda que chinês e idólatra.

D. Pedro da Silva [65] não se contentou com a simples promessa que lhe fazia aquele pagão, de nos deixar nas costas do Japão: lavrou com ele um contrato pelo qual foi convencionado que o Voador poria sua mulher e seus filhos em reféns, em poder de D. Pedro da Silva, que os confiscaria, assim como todos os bens que ele possuía em Malaca e nas Índias portuguesas, se não trouxesse cartas nossas atestando a nossa chegada ao Japão.

Ajuntai àquele importante serviço que o governador nos prestou generosamente, outros não só para a nossa viagem daqui ao Japão, mas ainda para o nosso desembarque e estabelecimento.

A sua generosidade foi ainda mais longe; mandou-nos duzentos escudos para nos fazer abrir o caminho até ao imperador e facilitar-nos a pregação do Evangelho.

Vamo-nos, pois, fazer à vela para o Japão, sem tocar em porto algum da China. Deus favorecerá, eu o espero, a nossa navegação e nos conduzirá sãos e salvos àquele império, onde o seu Santo Nome será, pela primeira vez, glorificado e nós seremos os seus primeiros apóstolos. Afonso de Castro celebrou os santos mistérios pela primeira vez no dia da Santíssima Trindade, com diácono e subdiácono. Um numeroso clero, de sobrepelizes veio processionalmente buscar o novo celebrante à Misericórdia,

onde nós morávamos. Seguimos a procissão que nos conduziu à catedral, e que depois do ofício, nos acompanhou de novo à nossa morada. Ele tinha por assistentes o senhor vigário geral e Francisco Peres.

O Padre Cosme de Torres desempenhava as funções de diácono. Coube-me a mim subir ao púlpito.

O povo experimentou grande prazer em assistir a uma primeira missa celebrada com tanta solenidade como não havia exemplo.

Não me esqueçais, meus amados filhos, e fazei-me lembrado dos nossos Padres e dos nossos Irmãos; recomendai-lhes que se lembrem de mim no santo sacrifício e nas suas orações quotidianas, e que não esqueçam o governador de Malaca, cujos benefícios para a nossa Companhia são tão importantes, que nós seremos incapazes de pagar-lhe se não apelamos para a liberalidade toda poderosa de Deus. Não podemos faltar a este dever sem nos tornarmos culpados do odioso vício da ingratidão.

Mandai-me, Padre Baltazar, notícias do meu amigo Cosme Anes. Dizei-me com que graça Deus Nosso Senhor o beneficia, a sua família e a sua casa.

Falai-me de vós também da vossa saúde e dos vossos progressos na vida espiritual. Dizei-me se tendes trabalhado com desejos de conseguir grandes coisas e sofrer muito pela glória de Jesus Cristo.

Eu estou convencido que, pela amizade que a mim consagrais, fareis tudo quanto vos peço; mas com o fim de não vos subtrair ao dever da obediência, vos ordeno: Estai pronto a partir ao primeiro aviso, pois que é possível que vos chame para junto de mim mais cedo do que esperais...".

A solicitude de Francisco Xavier para com todos os países em que implantara a lei do Evangelho, fez-lhe escrever numerosas cartas aos seus irmãos de Goa, durante as três semanas que passou em Malaca, antes de embarcar para o Japão.

Não deixou de lhes indicar, em todas aquelas cartas, tudo quanto julgou útil para a manutenção da fé naquelas cristandades; deu-lhes conselhos espirituais para eles próprios; fez-lhes inumeráveis recomendações relativas à administração da Companhia, entrando em minuciosos pormenores a este respeito, com a maior previdência em tudo, uma sabedoria de conselho, e uma habilidade que chegava a ser prodigiosa.

Depois de lhes dar contas dos trabalhos e dos sucessos do Padre Peres em Malaca, acrescenta, com a mais penetrante humildade:

"Estou certo e espero que não será a ele que o Senhor dirigirá estas palavras: que fazeis aí todo o dia em ociosidade? a ele que a toda a hora do dia e da noite se acha ocupado em retirar das almas as manchas do pecado, ou a inspirar-lhes o amor de Deus que as criou!... As igrejas não são assaz vastas para conter o seu auditório. A sua conversação é de uma polidez e de uma afabilidade raras; atrai todos para si; igualmente amável, igualmente delicado para com os grandes e pequenos, é obedecido e querido de

todas as classes da sociedade. O seu zelo insaciável levou-o a ser considerado como um apóstolo favorecido de Deus.

Em verdade, meus Irmãos, eu vo-lo confesso, este homem faz-me corar a meus próprios olhos! A vista dos ricos e numerosos despojos com que ele, só, fraco e sofredor, enriquece constantemente a Igreja, a consciência da minha própria incapacidade enche-me de confusão!...

...Expedi para aqui, sem delonga, um Padre que tenha experiência e prática do confessorário, para coadjuvar Francisco Peres, muito sobrecarregado de outros trabalhos. Não há talvez em todas as colônias portuguesas das Índias, uma cidade que tenha mais urgente necessidade de bons confessores como a de Malaca.

O comércio atrai para ali um grande número de estrangeiros, pela maior parte cristãos e que têm necessidade de procurar no sacramento da penitência um remédio contra a fragilidade humana, e se aquele tribunal não lhes for aberto a propósito, correm grande risco de se perderem...".

Em uma outra carta, com data do mesmo dia do embarque, cheio dos seus pensamentos do futuro do Japão, das suas preocupações pelos imensos sucessos da religião nas Índias, de solicitude pelos seus irmãos, por ele disseminados numa extensão de perto de três mil léguas, e cujos interesses materiais o ocupavam até nas mais insignificantes coisas, assim como dos seus interesses espirituais, seu coração encontra ainda tempo e meios de se ocupar generosamente dos amigos aos quais ele crê dever reconhecimento.

Seu magnânimo gênio, sua elevada inteligência, abraçam os mais variados e importantes negócios e dirige-os com uma segurança de vistas, tão sábia providência e tal precisão, que só se pode admirar, e que não é possível apreciar senão lendo a sua correspondência. Mas isto não é bastante para a sua grande alma, é necessário ainda que o seu coração -fique satisfeito!

Ele acabava de escrever ao rei de Portugal em favor de alguns funcionários para os quais pedia recompensas merecidas, e vai escrever ainda aos Padres Camerini e Gomes sobre assuntos bem diferentes...

Encontrou em Malaca, na véspera da partida, um dos seus antigos amigos, Cristóvão de Carvalho, a quem fez observar que a vida agitada que levava era contrária aos interesses da sua alma, e lhe mostrou um vivo desejo de o ver largar o comércio e descansar, de modo que encontrasse o sossego necessário para a vida da alma.

Seus conselhos são aceitos; D. Cristóvão de Carvalho, aliás bom cristão, promete-lhe satisfazer os seus desejos.

Naquele momento ocorre uma idéia ao pensamento do nosso Santo, e põe-na logo em execução.

A. viúva Dona Fróis, prestara serviços à Companhia de Jesus nas pessoas dos Padres do colégio de Santa-Fé e habitava em Goa. Sua filha era boa e virtuosa; Cristóvão de Carvalho não era casado; e Xavier propõe-lhe desposá-la e lhe faz a enumeração de todas as suas qualidades. Bastou isto para a resolução de Carvalho: sem mostrar desejos de querer ver a donzela, promete unir-se a ela, bem certo de que Deus lha

destinou pela boca do santo Padre.

Francisco Xavier escreve no dia seguinte aos Padres de Goa encarregando-lhes a negociação deste casamento; nesta carta não somente não omite coisa alguma que pudesse esclarecer sobre D. Cristóvão, que os Padres não conheciam, mas pede-lhes também que trabalhem por obter do vice-rei autorização, a favor de Dona Fróis, para vender o cargo de seu marido, cargo que, pelo seu alvará -tornando-se reversível para o genro e devendo representar o dote da filha, -estaria abaixo do nascimento de Cristóvão de Carvalho; e acrescenta:

"Se vos opuserem dificuldades, removei-as, mas não vos desanimeis. Fazei todos os esforços, interessai todos os vossos amigos; fazei trabalhar o tesoureiro e todos de quem puderdes lançar mão para determinar o vice-rei e seu Conselho a interpretarem a favor daquela viúva a intenção real na concessão desse privilégio. Que se convençam, efetivamente, de que sua Alteza não teve em vista senão fazer a filha de Diogo Fróis herdeira da recompensa que seu pai merecera. Vós ganhareis a causa ela é muito justa para que Deus, protetor das viúvas e pai dos órfãos, deixe de vos auxiliar.

Se tomo tanto interesse por este negócio, se ponho tanto empenho nas minhas instâncias, é por que estou persuadido que não podemos desprezar nada para o seu bom êxito, sem nos tornar culpáveis de ingratidão para com a nossa benfeitora, mancha vergonhosa que recaíra sobre a nossa Companhia. Empregai, pois, todos os vossos esforços para destruir todos os obstáculos que se opuserem a este casamento, que eu creio ratificado no Céu, e que projectei em interesse da venerável viúva, que nós costumamos chamar nossa mãe, e no da sua modesta filha.

Encontrais em Carvalho um homem sincero e tratável, escrupuloso nos negócios, fiel observador da sua palavra. Ele deseja do coração esta aliança que lhe trará o repouso pelo qual, eu sei, suspira há muito tempo. Isto é bastante para vos fazer compreender o vivo interesse que me inspira este negócio, e para vos fazer apreciar os motivos. Se eu souber que os meus votos se realizam, ser-vos-ei tão reconhecido como se me tivésseis pessoalmente obsequiado. Que Deus nos reúna na sua glória! porque é muito para duvidar que nos vejamos jamais neste mundo.

Francisco".

E agora, se se quiser conheci melhor a disposição íntima do nosso Santo no momento da sua partida para o Japão, é necessário recorrer-se ainda à sua correspondência.

Ele escreve aos seus Irmãos de Roma, datado de Maloca a 22 de julho.

"...Apenas desembarquei recebi de muitos negociantes portugueses cartas do Japão. Elas fazem-me saber que um príncipe japonês, desejando abraçar o Cristianismo, enviara embaixadores ao vice-rei das Índias para lhe pedir pregadores evangélicos. Essas cartas contêm um facto muito notável que eu vou contar-vos.

Numa cidade do Japão, os mercadores portugueses

alojaram-se, por ordem do rei, em uma casa desabitada e que se dizia estai infestada de espíritos malignos. Dali a pouco, ignorando ainda eles o motivo por que se lhes designara aquele alojamento, foram surpreendidos ouvindo uma medonha algazarra até no interior dos seus quartos, e sentindo-se atormentados de golpes, sem verem a mão que os feria, sem descobrirem sequer, não obstante as mais minuciosas pesquisas, a causa daquele estranho acontecimento.

Em uma noite, despertados pelos gritos de um dos seus criados, e tendo corrido precipitadamente e armados, para o sítio de onde vinham os brados, encontraram o criado trêmulo de medo; perguntam-lhe por que gritara e por que tremia. Ele responde que vira o mais medonho espectro, que, preso de terror, fizera o sinal da cruz, e que o espectro desaparecera àquele sinal. E recuperando o ânimo, o criado apressou-se a fazer cruces por todos os pontos da casa; nas paredes, nas portas, nas janelas por toda a parte; e desde aquele momento, não se ouviu mais bulha, nem se viram mais espectros; continuaram a viver ali perfeitamente tranqüilos.

Admirados os habitantes da constância dos portugueses em habitarem uma casa da qual ninguém se atrevia a aproximar-se, porque era a morada dos duendes ou demônios, perguntaram-lhes o que haviam feito para os expulsar. Responderam-lhes então que possuíam um meio certo: o sinal da cruz. Daí a pouco os habitantes daquela cidade colocaram cruces à entrada de todas as casas [66].

Se os nossos pecados não puserem obstáculo a que Deus queira servir-se do nosso ministério, creio que um grande número de japoneses se submeterão ao império da cruz. Contudo, não me decidia a fazer esta viagem senão depois de madura reflexão, mas conheço a vontade de Deus pelos sinais duma tal certeza, que me consideraria como mais miserável ainda do que o japonês idólatra, se não insistisse nesta empresa.

O inimigo da salvação dos homens nada tem poupado para impedir a minha partida; ele teme-nos certamente.

Logo que ali chegar, iremos imediatamente à corte apresentar-nos ao rei e fazer-lhe conhecer as ordens de que vamos encarregados por parte do Rei dos reis. Vamos cheios de confiança em Deus, esperando, sob a sua proteção, triunfar dos seus inimigos. Não receamos a luta com os jurisconsultos japoneses: que ciência poderá ser aquela que não conheça Deus e Jesus Cristo seu Filho? e o que pode ter a rezear aquele que não tem outra ambição mais do que a glória de Deus, outro desejo do que salvar as almas pregando o Evangelho?

É verdade que nós nos vamos achar entre os bárbaros, no império do demônio; mas o que podem contra nós a raiva das potências infernais e a barbaria dos homens? Nada, senão o que Deus permitir.

Uma só coisa há a rezear da nossa parte; é o ofender a Deus. Se conseguirmos evitar esta desgraça, seguros da sua proteção, estaremos igualmente seguros da vitória.

Até aqui, Deus nos tem socorrido poderosamente nos trabalhos empreendidos para a sua glória; ele não nos recusará, na sua misericórdia, os socorros que nos tem prodigalizado até ao presente.

O mais importante é que não abusemos dos dons da Providência; mas eu espero isso das orações da Igreja nossa mãe, a esposa de Jesus Cristo e sobretudo das da nossa Companhia e dos seus filhos; com este socorro, faremos reverter para a glória de Deus os dons do próprio Deus.

Um delicioso pensamento nos enche de ardor e de forças: é que Deus nos vê e penetra nos nossos corações é que ele lê no fundo de nossas almas, que o nosso único fim é de o fazer conhecer e servir, fazer estender o seu império, procurar alcançar a sua glória...

A viagem para o Japão é perigosa, concordo; mas o nosso excelente Padre Inácio dizia-nos muitas vezes que os membros da nossa Companhia devem estar corajosamente acima de todos os receios que os impeçam de ter unicamente confiança em Deus. Eu tenho a convicção de que nunca olvidei aquela recomendação...

...Os japoneses que nos acompanham dizem que os bonzos, sacerdotes do país, se escandalizarão vendo-nos comer carne ou peixe; resolvemos, pois, submeter-nos a uma abstinência perpétua, se necessário for, para não escandalizar quem quer que seja.

Que Deus nos reúna na pátria celeste, porque não sei se nos tornaremos a ver neste exílio! Contudo a santa obediência tem tanta força que torna fácil o que parece impossível.

Francisco".

Antes de deixar Malaca, recebeu Xavier os primeiros votos de D. João Bravo, jovem português, que se deixara converter pela vida de sublime devoção dos Padres Peres e Oliveira; ele renunciara a uma grande fortuna, a uma brilhante posição no mundo e se retirara ao hospital, onde vivia havia três meses sob a direção e regime dos Padres, no exercício das obras de penitência e caridade, não aspirando a nada mais do que à felicidade de vir a ser membro da santa Companhia de Jesus.

Xavier aceitou-o depois de o haver examinado, e deixou-lhe, antes de partir, um regulamento de vida, datado de modo que pudesse revelar toda a sensibilidade do seu coração.

Da capela de Santa Maria do Monte, próximo de Malaca, na noite da véspera de S. João Batista, pouco antes de me embarcar para o Japão, 1549

Daquelas instruções, citaremos tão somente um fragmento que nos parece apresentar o conjunto das sublimes virtudes do nosso Santo, e nos recorda os sacrifícios que teve de fazer para as adquirir.

"Qualquer coisa que façais, em qualquer situação que vos acheis, trabalhai sempre por vos vencer a vós mesmo."

"Subjugai as vossas paixões, segui aquela que os sentidos

aborrecem mais; reprimi, sobretudo, o desejo natural da glória, e neste ponto nada vos perdoeis até que tiverdes conseguido arrancar do vosso coração as próprias raízes do orgulho, a ponto de não somente suportardes voluntariamente que vos rebaixem a todos, mas ainda de mostrar que vos alegrais por serdes desprezado. Sem esta humildade e mortificação, tende por certo que não podeis nem crescer em virtude nem ser útil à salvação do próximo, nem agradar a Deus, nem, finalmente, conservar-vos na Companhia de Jesus.

Obedecei em tudo ao Padre com quem viverdes, e por mais penosas e difíceis que vos pareçam as coisas que ele vos ordenar, executai-as com alegria, não lhe resistindo jamais e não vos escusando nunca, por qualquer causa que seja.

Finalmente, ouvi-o, obedecei-lhe, deixai-vos guiar por. ele em tudo, como se o Padre Inácio vos falasse e ele próprio vos dirigisse!"

Depois de haver assim regulado tudo como se se preparasse para a morte, o ilustre apóstolo do Oriente embarcou-se no junco de Nceda, corsário chinês que pelas suas correrias fora cognominado o Voador, e ao qual ninguém se atrevia a confiar a vida, embarcando a bordo do seu navio !

III. EM TERRAS DO JAPÃO

S. FRANCISCO XAVIER AOS PADRES DA
COMPANHIA DE JESUS RESIDENTES EM GOA

Cangoxima [67], 3 de Novembro de 1549.

A graça e o amor de Nosso Senhor Jesus Cristo sejam sempre convosco! Amém.

De Malaca vos dei minuciosas notícias da nossa viagem e do ocorrido durante o tempo que permanecemos naquela cidade. Venho agora prosseguir na minha narração.

Fizemo-nos à vela de Malaca no dia de S. João Batista, pela tarde, e aportámos ao Japão, por graça de Deus, a 15 de Agosto seguinte. Deus nos deu sempre vento à popa, mas como os bárbaros são mais perversos do que os ventos, o nosso patrão, mudando de intenção, quis mudar de derrota, e loucamente fazia escala em todas as ilhas que encontrava, perdendo assim muito tempo.

Duas coisas nos afligiam vivamente: a primeira era que não aproveitávamos do bom vento que Deus nos dava, e que se viesse a faltar-nos, ver-nos-íamos forçados a ancorar em algum porto das costas da China e aí invernar, perdendo a possibilidade de chegai ao Japão neste ano: a segunda causa da nossa aflição, era que o patrão e a sua tripulação não cessavam de fazer execráveis sacrifícios a um ídolo que arrastavam para a popa do navio, não obstante os nossos rogos e as nossas instâncias para os dissuadir.

Deitavam sortes para perguntar-lhe se sena prudente

aportarmos ao Japão e se teríamos uma feliz viagem; as suas respostas eram umas vezes boas outras más, diziam eles. A meio do nosso caminho, fundeámos numa ilha para aí fazer o fornecimento de lenha e deitar lastro, a fim de nos prevenir contra as tormentas que tornam os mares da China tão perigosos. Ali, a gente da equipagem renovou os seus ímpios sacrifícios para saber se devíamos aproveitar-nos do bom vento; o ídolo prometeu uma feliz travessia, mas que não devíamos perder tempo.

Então levantámos ferro imediatamente, - com grande satisfação nossa. Estávamos todos satisfeitos; os pagãos descansavam. com confiança na fé do seu ídolo, colocado à popa do navio entre tochas, e perfumado com madeira de calambá [68], que queimavam em sua honra, enquanto nós depositávamos toda a nossa confiança em Deus e nos merecimentos de Jesus Cristo seu Filho, cujo nome desconhecido íamos levar às nações pagãs.

Enquanto, pois, assim navegávamos, . à medida dos nossos desejos, tiveram os pagãos ainda a fantasia de consultar o seu ídolo para saber se, chegados ao Japão, poderiam voltar sãos e salvos a Malaca. O ídolo respondeu que chegariam ao Japão, mas que não voltariam a Malaca. Ei-los portanto, consternados e indecisos sobre o que deviam fazer; depois de muito reflectirem, tomaram a resolução de ir invernar à China, para não ir ao Japão senão no ano imediato!

Podeis julgar qual seria o nosso desespero, vendo-nos assim à mercê do demônio transformado em nosso piloto!

Nós íamos fazer aguada a um porto da Conchinchina, e dois contratemos nos vieram no mesmo dia, que era o da festa de Santa Madalena.

Pela tarde, achando-se o mar muito agitado e encapeladas as vagas, começou o nosso navio a baloiçar com violência, conquanto ancorado.

Manuel Sira, cristão chinês, um dos nossos companheiros, não podendo resistir aos balanços, caiu de cabeça sobre a sentina, infelizmente aberta e profunda, e cheia de água. Julgámo-lo perdido, mas Deus salvou-o. Ficou por algum tempo na água até à cintura, e tivemos muito trabalho para o tirar dali. Estava ferido na cabeça e sem sentidos. Enquanto nos ocupávamos em aplicar-lhe os primeiros remédios, eis que um novo balanço lança ao mar a filha do arrais; mas esta não se pôde salvar: o mar estava tão agitado, que todos os nossos socorros foram inúteis, e tivemos, como seu pai, a dor de a ver morrer à nossa vista. Esta desgraça levou Neceda ao desespero.

Era um espetáculo dilacerante o daquele infeliz pai, fazendo ouvir em todo o navio os seus gritos e soluços! A tripulação estava desanimada em vista do perigo iminente que nos ameaçava a todos.

Não sabendo onde tinham já a cabeça, vão lançar-se aos pés dos seus ídolos, passam o resto do dia e toda a noite a fazer-lhes sacrifícios de aves e de toda a sorte de rezas,

supondo aplacar assim a ira das suas divindades. Em um daqueles momentos de delírio, Neceda quis saber, pela voz dos feiticeiros, se sua filha teria também morrido na ocasião em que Manuel estivera para morrer, e a resposta foi afirmativa.

Podeis fazer idéia do perigo que nós corríamos, entregues assim à mercê do demônio e dos seus cegos adoradores, e qual seria o resultado desta viagem se Deus nos houvesse abandonado ao seu furor.

Apurada a minha paciência, à vista dos ultrajes feitos a Nosso Senhor Jesus Cristo por aqueles abomináveis sacrifícios, pedi a Deus que nos não submergisse antes de ter arrancado das trevas aqueles desgraçados, criados à sua imagem, e remidos a preço do seu sangue; ou, se a sua vontade era permitir que eles se conservassem aí enterrados, agravar ao menos os suplícios do nosso inimigo comum, do autor de todas aquelas superstições...

Não estavam ainda enxutas as nossas lágrimas, quando o mar acalmou; levantámos ferro e prosseguimos a nossa derrota. Em poucos dias, avistámos Cantão, porto da China, onde o patrão do barco queria passar o inverno.

Era necessário empregar todos os meios para o forçar a continuar a viagem para o Japão; vendo que os nossos rogos eram de nenhum efeito, ameaçámo-lo com a cólera do governador de Malaca e de todos os portugueses. Deus permitiu, enfim, que ele se rendesse e prosseguimos na viagem.

Daí a pouco descobrimos Ting-Tcheou [69], outro porto da China e já o nosso navio se dispunha a entrar nele para esperai a volta da monção, e depois seguir para o Japão, quando vimos sair do porto uma barca dirigindo-se para nós à força de remos; vinha prevenir-nos que o porto estava ocupado por um tal número de piratas, que ficaríamos perdidos se avançássemos.

Efetivamente do cesto da gávea descobriam-se, a uma légua de distância, as lanchas daqueles corsários.

O nosso patrão não hesitou um momento e pôs-se ao largo; mas o vento repelia-nos de Cantão com tanta força que nos foi necessário avançar para o Japão, contra os desejos de Neceda, da tripulação e do inferno!...

Finalmente no próprio dia da Assunção da Santíssima Virgem, a 15 de Agosto de 1549, tocámos aquela terra, pela qual tanto suspirávamos!

Por não termos podido ancorar noutra porto, desembarcámos em Cangoxima, que é verdadeiramente a pátria de Paulo de Santa-Fé. Fomos aí amavelmente acolhidos pelos seus parentes, seus amigos e seus concidadãos.

De todos os povos bárbaros que tenho visto nenhum pode ser comparado a este pela sua boa natureza. É de uma perfeita probidade, franco, leal, engenhoso, ávido de honras e de dignidades. A honra é para ele o primeiro de todos os bens.

É pobre, mas entre eles a pobreza não é desprezada. A nobreza pobre não é menos considerada do que a rica, e jamais a indigência determinaria um gentil-homem a casar-se para elevar o seu nome pelo auxílio de uma opulência plebéia: julgar-se-ia aviltado.

Os japoneses são em geral obsequiosos. Têm uma decidida paixão pelas armas, que consideram como uma salvaguarda indispensável. Todos andam armados desde o pequeno até ao belho: todos trazem à cintura um punhal e uma espada, até mesmo os jovens de catorze anos, e não admitem que se possa suportar uma palavra ofensiva.

A plebe respeita a nobreza tanto quanto esta respeita os reis e os príncipes, e se honram em os servir e em obedecer-lhes. Aquela submissão vem unicamente do respeito, pois que se julgariam degradados em obedecer por temor.

O japonês come pouco e bebe muito. A sua bebida é um licor produzido pelo arroz fermentado, porque o vinho é desconhecido aqui. Olham como infamante qualquer espécie de jogo, especialmente os de parada, porque o jogador, dizem eles, cobiçou os bens alheios. Se juram o que é raro, é pelo sol. Quase todos sabem ler, o que nos será de grande auxílio para lhes fazer aprender as orações e os principais pontos da doutrina cristã...

Eles ouvem com a maior atenção tudo quanto lhes dizemos de Deus e da religião.

Os japoneses não adoram figuras de animais; rendem as honras divinas a antigos personagens cuja vida, segundo eu pude compreender, se assemelha à dos nossos antigos filósofos. Alguns adoram o sol, outros a lua. Todos ouvem falar com prazer do que se refere a história natural e a filosofia moral. Posto que réus de muitos crimes, condenam, logo que se prove, a enormidade deles unicamente pela luz da razão ...

...A vida dos bonzos é mais criminosa do que a do povo, e contudo eles gozam de grande consideração... Tenho tido muitas conferências com alguns de entre os mais distintos e especialmente com aquele, que pelos seus merecimentos, título e muita idade, -já octogenário-, goza do respeito e até da veneração de todo o país; ele é tido entre os bonzos como uma espécie de bispo; tem o título de Ninchit.

Tenho-o encontrado sempre hesitante sobre as mais simples questões, se bem que as mais importantes, como por exemplo: se a nossa alma é imortal, ou morre com o corpo, responde, ora afirmativamente, ora negativamente.

Se este famoso doutor é tão pouco sólido, na defesa da sua doutrina, o que posso esperar dos outros?

Porém, o que vos parecerá surpreendente, é que ele nos estima muito, e tanto o povo como os bonzos buscam com empenho a nossa conversação. O que singularmente lhes causa admiração, é que nós tivéssemos percorrido seis mil léguas com o único fim de lhes anunciar o Evangelho.

O solo destas ilhas é muitíssimo próprio para receber a semente evangélica; rendei graças a Deus conosco. Se fôssemos completamente senhores da língua do país, fariamos aqui uma grande colheita. Deus queira que a possamos aprender em breve! Já começamos a falar, e em quarenta dias temos feito suficientes progressos para poder explicar os dez mandamentos de Deus.

Não entro nestes pormenores senão para vos levar -a agradecer à Providência o haver aberto ao vosso zelo estes novos países... Estai preparados, porque daqui a dois anos é provável que eu chame alguns de entre vós.

Entregai-vos, enquanto esperais, à meditação e à prática da humildade. Exercitai-vos no vencimento próprio e a passar por cima de todas as repugnâncias da natureza.

Aplicai-vos ao estudo de vós mesmos, a fim de vos conhecerdes: o conhecimento de si própria é a mãe da humildade e da confiança em Deus...

...Não confieis, meus queridos filhos, nas vossas próprias forças, na sabedoria humana, na estima dos outros, para descansardes inteiramente nos braços da Providência. Estareis assim sempre em posição superior, sempre armados e prontos a combater ou a suportar todas as penas espirituais e corporais; porque Deus fortifica os fracos e eleva os pequenos.

Eu conheço um homem que contraiu o hábito de não depositar confiança senão unicamente em Deus, em meio dos mais aterradores perigos, e Deus o tem recompensado por uma maravilhosa efusão de graças, que seria muito longo enumerar aqui.

Mas voltemos à nossa narração.

Os habitantes de Cangoxima não censuraram Paulo por ter abraçado o Cristianismo, e mostraram mesmo estimá-lo mais. Todos o felicitaram por ter tido a fortuna de fazer a viagem das Índias, e por ser o primeiro japonês que descobriu as suas riquezas.

O rei de Saxuma, de que depende Cangoxima, habita a seis léguas daqui; Paulo julgou do seu dever ir apresentar-lhe as suas homenagens, e foi por ele muito bem recebido.

Depois de lhe ter testemunhado o prazer que sentia em recebê-lo, fez-lhe muitas perguntas sobre os costumes, usos, riquezas, forças e poder dos portugueses, e mostrou-se muito satisfeito com as suas respostas. Mas o que lhe pareceu uma maravilha das mais surpreendentes foi um pequeno quadro que Paulo lhe mostrou, que representava a Santíssima Virgem tendo o Menino Jesus sobre os joelhos.

Levado de admiração e de respeito, à vista daquele belo desenho, lançou-se de joelhos em frente do quadro e ordenou aos seus cortesãos que o imitassem.

Apresentado em seguida o mesmo quadro à rainha mãe, ela

ficou dominada do mesmo respeito e da mesma admiração, mandando poucos dias depois pedir a Paulo uma cópia daquela imagem; mas ele não encontrou um pintor capaz de a reproduzir, Pediu então que lhe desse por escrito um resumo descritivo da religião cristã, e Paulo apressou-se em a satisfazer...

Paulo de Santa-Fé, que prega dia e noite o Evangelho aos seus pais e amigos, converteu já sua mulher, sua filha, e muitos dos seus parentes e vizinhos. E isto tem merecido a aprovação de todos.

Queira o Céu dar-nos em breve o conhecimento da língua, para que possamos entregar-nos sem reserva à pregação, porque nós aqui somos como as estátuas: falam-nos, fazem-nos sinais, e nós conservamo-nos mudos!

Voltamos a ser crianças; toda a nossa ocupação é aprender os primeiros elementos da gramática japonesa.

Deus faça a graça de nos conceder a memória das crianças e ter a sua inocência na prática dos exercícios!

Quando viemos para estas regiões atraídos pela sede das conquistas, foi com intenção de fazer uma coisa agradável a Deus, e não fazíamos senão antever as graças com que ele se dignaria um dia favorecer-nos. Mas hoje, vemos claramente que esta viagem é uma felicidade para nós mesmos, e que foi em nosso próprio interesse que ele nos conduziu a este país; porque, para nos tornar mais aptos para o seu serviço, e ter-nos na sua única dependência, quebrou todos os laços que nos ligavam ainda às criaturas, e que teriam podido enfraquecer a nossa confiança nele.

Ah! meus irmãos, eu vos rogo, unias vossas ações de graças às nossas para agradecer tantos benefícios, e que as vossas orações nos preservem do vergonhoso vício da ingratidão

Eu considero como um assinalado benefício da Providência ter-nos trazido para um país onde estaremos ao abrigo dos prazeres da mesa, e onde a própria tentação não nos poderá alcançar.

O japonês ignora o uso da carne, até mesmo das aves; vive só de ervas, arroz, trigo peixe e frutas com que faz as suas delícias: assim, não conhece nenhuma das moléstias provenientes da intemperança, e goza duma excelente constituição.

Existe aqui um grande número de Academias. Se virmos por toda a parte os espíritos dispostos a receber o Evangelho, é provável que escrevamos a todas as Universidades do mundo cristão com o fim de despertar a sua fé, excitar o seu zelo e satisfazer a nossa consciência, pois que elas poderão vir facilmente em auxílio destes povos cercados de trevas, e trazer-lhes o conhecimento da verdade.

Escreveremos aos seus doutores como aos nossos mestres e a nossos superiores, rogando-lhes que nos considerem como o menor de entre eles; e se não puderem vir em pessoa tomar

parte nos nossos trabalhos, rogar-lhes-erros que ajudem ao menos, por todos os meios, aqueles que sejam zelosos e se queiram votar à salvação das almas para glória de Deus, e que achem aqui consolações espirituais muito maiores e mais sólidas do que aquelas que podem esperar ali onde estão.

Finalmente se o trabalho for tal e me pareça dever fazê-lo um dia, não hesitarei dirigir-me diretamente ao Santo Padre e o informarei do estado das coisas, porque é a ele, vigário de Jesus Cristo, pai de todas as nações, pastor de todos os cristãos, que pertencem aqueles que estão prontos a inclinar a cabeça sob o jugo do Evangelho e a entrar no seio da Igreja, sob a autoridade do soberano pontífice.

Apelaremos ainda para todas as comunidades religiosas votadas ao serviço de Deus, e que ardem em desejos de ver glorificar o nome de Jesus Cristo e estender-se o império da Cruz.

Nós os chamaremos para as ilhas do Japão para aqui saciarem a sede que os devora; e se estes vastos países forem estreitos para o seu grande zelo, mostrar-lhes-erros com o dedo o império da China, cuja população e extensão são incomparavelmente maiores, e onde a entrada nos será muito fácil, sob a proteção do imperador do Japão, como espero com a graça de Deus.

O imperador do Japão está ligado por interesses e amizade ao da China, que lhe facilitou a sua chancela para, referendar os passaportes dos súbditos japoneses que queiram penetrar no seu império. Diz-se que muitos têm feito aquele trajeto em dez ou doze horas.

Esperamos, se Deus nos conservar por mais dez anos nesta terra, vermos grandes coisas levadas a efeito, tanto para os que queiram trazer para aqui a luz do Evangelho, como para os que forem por ela esclarecidos e convertidos.

Em dia de S. Miguel, 29 de Setembro, fomos recebidos em audiência pelo rei de Saxuma, que nos acolheu muito bem: "Conservai preciosamente, nos disse ele, todos os documentos da vossa religião, porque se a verdade está por eles provada, eu porei o diabo em furor".

Poucos dias depois, promulgou ele um édito pelo qual dava aos seus vassallos a liberdade de abraçar o Cristianismo. Feliz nova! que reservei para o final da minha carta, com o fim de aumentar, pela surpresa, o prazer que ela vos causará.

Rendei, pois, graças a Deus! ...

...A pena não se esgota quando falo da minha afeição por vós todos, em geral, e por cada um em particular.

Se as almas daqueles que se amam pudessem tornar-se sensíveis aos olhos do corpo, vós vos veríeis todos reproduzidos na minha, meus prezados irmãos, como num espelho, ao menos enquanto a vossa humildade vos não

permitisse reconhecer-vos ornadas de todas as virtudes com que o meu coração se compraz em ornar-vos...

Que o Senhor esclareça os nossos espíritos! que ele nos faça conhecer a sua santa vontade e nos dê a todos forças para a executar pontualmente

Todo vosso em Jesus Cristo,

Francisco".

Depois das dolorosas angústias de uma tão longa e tão penosa travessia; Deus, como vimos, fez passar o heróico Francisco Xavier por uma prova mais penosa, mais dolorosa ainda, quando tocou o solo do Japão para salvação do qual acabava de expor-se a tão grandes perigos. Ele, que possuía, o dom das línguas desde a sua chegada às Índias não compreende uma só palavra da do Japão, que morre por evangelizar. Via-se segundo a sua expressão, como uma estátua. e o zelo devorava-o. Não vê senão pagãos e ídolos em torro de si, e não pode deixar escapar da sua alma a menor centelha do fogo que o anima pela conversão de uns e pela derrota dos outros.

Deus parece retirar-lhe os seus favores no momento em que acabava de sofrer tão amargamente para procurar a sua glória, no momento em que lhes seriam mais necessários do que nunca!

A prova era grande para aquele coração de apóstolo!

Mas Francisco Xavier, cuja humildade iguala o seu zelo, não se desanima um instante. Volta a ser criança, como escrevia a seus Irmãos; aplica-se ao estudo daquela língua tão difícil para um europeu, e atribui aos seus pecados a privação que Deus lhe impõe. E escreve a Santo Inácio, sob aquela admirável impressão, as seguintes notáveis linhas, relativas certamente, no seu pensamento, à suspensão de um favor que lhe havia sido tão liberalmente concedido até ali.

"Eu não poderei jamais avaliar quanto sou agradecido aos japoneses, pois que é a eles que devo o imenso favor que Deus me fez de conhecer a enormidade e a imensidade dos meus pecados.

Até hoje, arrebatado e fora de mim, não havia ainda sondado toda a profundidade do abismo que eles abriram na minha alma; não o vi bem senão no momento em que Deus, no meio das angústias e das misérias pelas quais me experimentava no Japão, me desvendou os olhos e me fez tocar com o dedo a necessidade em que me achava de ter junto a mim um homem que tivesse constantemente os olhos na minha pessoa.

Que à vossa caridade apraza pois, abrir os seus para as conseqüências que pode ter a direção das santas almas dos nossos Padres e dos nossos irmãos, confiadas à minha solicitude!

A misericórdia de Deus me fez conhecer quantas qualidades necessárias me faltam para um tal emprego, e estou tão convencido da minha incapacidade, que julgo deveria antes esperar da vossa bondade o favor de ser colocado sob a direção dos meus irmãos, do que o de ter o pesado encargo de os dirigir".

Não obstante, como já se viu, quarenta dias foram bastantes para o prodigioso Xavier aprendei a língua tão complicada do Japão, de maneira a poder explicar os Mandamentos. Desde que o rei fez publicar o édito autorizando os seus vassallos a abraçar a religião cristã, começou o grande Apóstolo as suas pregações; era escutado com avidez, e ali, como em toda a parte, ele foi amado e venerado.

Os próprios bonzos, que nada queriam da sua religião, queriam a sua pessoa e a buscavam constantemente.

A fé fazia rápidos progressos, pedia-se o batismo com empenho, e já uma grande parte dos habitantes de Cangoxima eram cristãos, quando os bonzos, apercebendo-se desta imensa deserção, compreendem que eles serão aniquilados com a ruína da sua religião, e conspiram a perda dos pregadores estrangeiros, que tanto haviam admirado antes; trabalham por desacreditá-los de mil maneiras; procuram, sobretudo, amotinar, o povo contra eles, inclusive as crianças.

Francisco Xavier pregava um dia na praça pública; um bonzo interrompe-o, insulta-o e dirige-se ao povo:

- Desconfiai, disse ele, deste impostor! é um demônio que tomou a figura humana para vos seduzir!

O povo mostra-se indignado, exprobra àquele bonzo a sua má fé e descobre-lhe o fundo do seu pensamento:

- É porque perdeis as nossas oferendas que quereis impedir que salvemos as nossas almas! Melhor seria para vós que escutásseis o santo Padre e lhe deixásseis salvar também a vossa!

Mas dois somente seguiram aquele sábio conselho desde logo; os outros, prezando muito os seus vícios para os sacrificarem à salvação das almas, continuaram a fazer fogo de todas as suas baterias contra o chefe dos bonzos cristãos.

Então Deus veio apoiar com os seus prodígios a palavra do apóstolo, que devia do mesmo modo renovar todos os milagres operados outrora pelo divino Salvador.

Um dia, passeando o Santo querido dos japoneses na praia, à beira-mar, parou a considerar os pobres pescadores que se afligiam por não recolherem produto algum da sua pesca; as suas redes subiam sempre vazias, e, desanimados, iam cessar aquele seu inútil trabalho:

- Porque vos desanimais, meus filhos? disse-lhes Xavier com a sua doce e compassiva voz.

- Santo padre, hoje não há peixe! O mar não é abundante de peixe em Cangoxima, e há já alguns dias que não recolhemos nem um só!

- Vejamos, tende coragem! Tornai a lançar a rede!

- Mas há já tanto tempo que a estamos a lançar inutilmente, santo Padre!

- Não importa; lançai-a ainda uma vez, e tende confiança em Deus.

Os pescadores obedecem... e eis que mal podem levantar a rede, tão cheia ela estava! Eles não sabem explicar semelhante resultado de uma pesca que

não somente produziu uma quantidade de que não havia exemplo, mas ainda uma qualidade que nunca tinham visto.

Na manhã seguinte e nos subseqüentes dias o mesmo resultado! Desce que o nosso Santo intercedera com as suas orações e rogos, o mar de Cangoxima tornara-se um dos melhores para a pesca, e o milagre continuou ainda depois, durante muitos anos.

Uma pobre mulher, cujo filho tinha um inchaço geral em todo o corpo, ouviu dizer que o Padre Xavier curava todos os doentes em que tocasse. Ela torna o seu filhinho moribundo nos braços, corre ao santo Padre, porque também no Japão, como nas Índias, assim o chamavam, e diz-lhe:

- Meu Padre, aqui vos trago o meu pobre filhinho! Vós vedes que ele vai morrer se o não curardes imediatamente!

A infeliz mãe chorava copiosamente.

O apóstolo dirigiu para ela um olhar que demonstrava a mais consoladora compaixão e que tendo sido para ela uma esperança, entregou-lhe imediatamente o filho, dizendo

- Aqui o tendes! Curai-o, meu Padre!

Xavier toma em seus braços o menino que lhe ofereciam, e diz:

- Deus te abençoe!

E repete duas vezes ainda aquelas palavras; depois restitui a criança a sua mãe, cujas lágrimas se tornaram no mesmo instante em lágrimas, de alegria. Seu filho, completamente desinchado e de perfeita saúde, parecia ainda mais belo do que antes da doença.

Um leproso, com a notícia daquele milagre, espera e conta com a sua cura, se lhe for permitido aproximar-se do santo Padre. Separado de todo o mundo, não lhe é permitido ir procurá-lo; mas ouve falar tanto da sua caridade que se atreve a mandar-lhe pedir uma visita..

O nosso Santo, impossibilitado naquele momento de acudir ao chamamento do infeliz, encarrega um dos seus de lá ir, dizendo-lhe:

"Perguntareis três vezes àquele doente se ele acreditará em Jesus Cristo, no caso em que a sua lepra desapareça, e, se assim o prometer, fareis sobre ele o sinal da cruz, depois de cada resposta".

O enviado do apóstolo executa pontualmente as ordens que recebera; o doente responde três vezes que acreditará em Jesus Cristo, e depois do último sinal da cruz, que seguiu à sua última resposta, a lepra desaparece subitamente!

A fé daquele japonês veio a ser tão viva, que se lhe concedeu desde logo a graça do batismo.

Um fidalgo japonês, ainda idólatra, perdera a sua única filha, e achava-se quase louco de dor. Dois neófitos, seus amigos, falam-lhe dos milagres de Francisco Xavier e induzem-no a pedir ao Santo a ressurreição de sua filha.

O desgraçado pai agasta-se com os seus amigos; supõe que a fé do Cristianismo lhes alterara a razão, pois que no Japão ninguém ouvira ainda falar na ressurreição dos mortos. Nunca nenhum ídolo fizera coisa

semelhante, nunca os bonzos haviam lido nos livros dos sábios uma maravilha daquele gênero: os mortos não podem ressuscitar.

Contudo, os cristãos conseguem inspirar-lhe tal confiança nos prodígios do santo Padre, que o pagão vai lanar-se a seus pés aos gritos de dor que faziam cortar o coração.

Xavier comove-se: afasta-se por um momento com Fernandes, e voltando-se pouco depois para o fidalgo japonês

- Ide, diz-lhe simplesmente o Santo, comprimindo a comoção que experimenta. Ide, vossa filha vive.

- Como?! ela não pode viver, pois que vós não invocastes para isto o Deus dos cristãos!

- Ela está viva, repete Xavier.

E o desditoso fidalgo retira-se cheio de raiva:

- O bonzo cristão mangou comigo, dizia ele; não invocou o seu Deus; não veio tocar a cabeça de minha filha, como faz aos doentes, e diz-me que ela está viva!

E dirigia-se para sua casa, furo de raiva contra o chefe dos bonzos cristãos, quando encontra várias pessoas da sua família que lhe vinham anunciar que a menina voltara à vida. Pouco depois, vê sua filha em pessoa correndo para ele:

- Se vós soubésseis, meu pai, lhe diz ela, abraçando-o, se soubésseis o que me aconteceu! Eu estava mortal. Dois horríveis demônios se haviam apossado de mim e arrastavam-me para um abismo de fogo! Via-me já perdida, quando dois homens de nobre aparência, e com olhares meigos e compassivos me arrancaram de suas mãos. No mesmo instante, voltei à vida como se despertasse dum sono, sentindo-me no mais perfeito estado de saúde
1

- Minha filha! minha querida filha! tu estavas bem aporta, é verdade, e o chefe dos bonzos cristãos te ressuscitou por prodígio do seu Deus, que é muito mais forte e mais poderoso que os nossos; vamos agradecer-lhe!

E o pai e a filha vão procurar Xavier, que estava ainda em companhia de Fernandes. Logo que os viu, a menina exclamou

- Ei-los! eis-aí aqueles que me livraram das mãos dos demônios! Reconheço-os perfeitamente!

Em seguida prostra-se a seus pés, solicitando instantemente, assim como seu pai, a graça do batismo, que lhes foi concedido logo que a sua instrução o permitiu.

Este milagre produziu um grande abalo no povo, que até então não tinha ouvido falar da ressurreição e em cuja língua não existia mesmo a palavra que exprimisse aquela idéia.

Xavier era, pois, para os cangoximenses, inclusive os pagãos, um verdadeiro Deus, muito mais poderoso do que Amida e Chaca, suas maiores divindades.

Muitos se converteram, e os bonzos, ainda mais irritados, juraram um ódio implacável ao célebre apóstolo, cuja reputação se estendia já até às

extremidades do império japonês.

Um homem do povo, por eles pago, insultava-o e ameaçava-o com raiva nas ruas da cidade, em um dia, depois duma das suas instruções. Xavier suportava as suas injúrias, e ameaças sem lhe responder e sem nada perder da sua inalterável mansidão, quando, subitamente esclarecido lá do alto, vê a vingança de Deus prestes a fulminar aquele desgraçado. Olha-o com expressão de piedade, e diz-lhe tristemente:

"Apraza a Deus conservar a vossa língua!"

E no mesmo instante a língua do pagão apodrece! Sai-lhe, mau grado seu, da boca e os bichos nela formigam!... A turba exalta o poder do Deus dos cristãos, os bonzos são mais desprezados do que nunca, e alguns dias depois, a mulher dum dos principais fidalgos da corte, tendo abandonado Chaca e Amida, que ela havia cumulado de donativos com grande liberalidade, recebia o batismo solenemente com toda a sua família.

Os bonzos não tinham já, portanto, meio algum de perseguir e indispor o grande apóstolo com os cangoximenses; a fraqueza deles não podia lutar contra o seu poder e era necessário, contudo, pôr um termo às suas conquistas diárias: Amida e Chaca, inspirou-os.

Os navios portugueses, que de ordinário faziam escala em Cangoxima, acabavam de passar sem ali tocar, e haviam já atingido o porto de Firando, para onde levavam as suas ricas mercadorias.

O comércio de Cangoxima e de todo o reino de Saxuma sofreria com a ausência dos mercadores portugueses; o rei estava irritado, e a ocasião era muito preciosa para a deixarem perder.

Feito este cálculo, os principais de entre os bonzos vão ter com o rei, dizem-lhe que ele incorreu na cólera dos deuses Amida e Chaca, aos quais deve o seu trono; que a Posteridade maldirá o seu nome; que os cristãos dão lá a conhecer o seu embuste, porque foi seguramente o chefe dos seus bonzos que mandou os mercadores portugueses para Firando e os impediu de vir a Cangoxima.

Os Deuses assim quiseram para punir o povo que desertou dos pagodes, e especialmente para punir o rei, cuja fraqueza o levava a permitir aos seus vassallos a renegarem da sua religião.

O rei mostrou-se muito aterrado; os bonzos aproveitaram-se do medo que tinham conseguido incutir na sua crédula majestade para lhe arrancarem um édito revogando o que havia concedido a Xavier, e impondo pena de morte àqueles dos seus vassallos que abraçassem, dali em diante, a religião pregada pelos bonzos europeus.

A esta desanimadora nova, Francisco Xavier só procurou fortificar os cristãos na fé. Todos lhe prometeram antes morrer do que renunciar a ela, e o apóstolo, reconhecendo que não poderia atrair e ganhar mais almas idólatras, retirou-se do reino de Saxufa, para levar mais além a luz do Evangelho

"Despedimo-nos dos nossos neófitos, escrevia ele, mas não sem pesar e sem lágrimas amargas, vertidas de ambas as partes!

Aquela pobre gente não se cansava de nos agradecer por termos vindo de tão longe, através de tão grandes perigos, só com o fira de lhes ensinar o caminho do céu.

Deixei-lhes Paulo, que acabará de os instruir e de os fortalecer na fé cristã".

Foi em Setembro de 1550 que o nosso Santo se separou do seu querido Paulo e dos seus neófitos; demorara-se um ano em Cangoxima. Antes de partir, deu cartas de recomendação aos dois bonzos que havia convertido, e que desejavam visitar as Índias e a Europa.

E não podemos deixar de dizer neste lugar, que Paulo de Santa-Fé trabalhou tanto depois da partida de Xavier, que o édito contra o Cristianismo não teve execução; -que o número, dos idólatras diminuiu consideravelmente, e que o rei de Saxuma instado pelos grandes da sua corte, e além disso compenetrado de todas as virtudes cristãs, escreveu ao vice-rei das Índias, pouco tempo depois, pedindo-lhe Padres da religião de Xavier a quem os japoneses cognominavam, o santo por excelência.

Xavier tomou a estrada de Firando com o Padre Cosme e o Irmão Fernandes; viajava a pé, como sempre, levando o seu altar portátil às costas, quando, não longe do castelo do príncipe Herandono, súbdito do rei de Saxuma, encontrou alguns dos seus cortesãos que lhe pediram instantemente subisse ao castelo a fazer uma visita ao príncipe ou tone.

O santo apóstolo, na esperança de fazer uma nova conquista para Deus, cedeu às suas instâncias.

Herandono, admirado de ver o bonzo cristão, cuja celebridade enchia o Japão, recebeu-o com as mais distintas honras; fez reunir toda a tropa da guarnição, sua família, seus cortesãos, e Xavier, apresentando-se em meio daquela imensa e imponente reunião, pregou imediatamente a fé em Jesus Cristo.

As suas palavras produziram tal impressão, que muitos dos que o ouviam se apressaram em submeter-lhe as suas dúvidas, e dezassete de entre eles, suficientemente esclarecidos, solicitaram o batismo com tanta fé, que o apóstolo lho concede; baptizou-os em presença do seu tone, que, com temor de desagradar ao rei, não permitiu que um grande número recebesse aquele favor. Comprometeu-se porém a fazer-se baptizar ele próprio, e a deixar livres todos os seus súbditos logo que fosse autorizado pelo soberano, que estava convencido não sustentaria por muito tempo o édito que fora forçado pelos bonzos a publicar.

Contudo, aquele príncipe, admirando a doutrina pregada por Francisco Xavier, permitiu a sua mulher pedir-lhe o batismo, que ela recebeu com grande alegria...

E tendo o nosso Santo notado um grande vigor de espírito no intendente do príncipe, encarregou-o do cuidado de fortificar a fé e a piedade dos neófitos.

Designou o sítio que lhe pareceu mais próprio para as reuniões e recomendou que ele as presidisse, que lesse nelas em alta voz uma parte da doutrina cristã, todos os domingos, os salmos da penitência todas as Sextas-feiras, e as ladainhas dos Santos todos os dias.

Quando partia, deixou-lhe uma disciplina de que ele se servira muitas vezes.

O intendente ligava tanta importância àquele instrumento de penitência, que mui raras vezes permitia que os cristãos se servissem dele.

Aquela disciplina fez uma infinidade de milagres, e os sucessores de Francisco Xavier no apostolado do Japão, acharam-na em poder da princesa que a havia conservado preciosamente, depois da morte do velho intendente, e que dela se servia para operar prodígios, assim como dum pequeno livro escrito pela mão do ilustre Xavier, e que ele lhe dera quando dela se separou.

O livrinho continha algumas orações e as ladainhas dos Santos.

IV. EM FIRANDO E MEACO - O DOM DAS LÍNGUAS - PERSEGUIÇÕES E TRABALHOS

O ruído estrepitoso e repentino de numerosas salvas de artilharia, ao qual se misturavam os gritos confusos e prolongados de uma multidão de vozes, pôs em grande agitação toda a população de Firando, levando o terror ao espírito do seu rei Taquanambo.

Malquistado de pouco com o jovem soberano de Saxuma, temia que aquilo fosse uma surpresa deste antigo aliado tornado seu inimigo, e que ele tivesse chamado em seu auxílio os portugueses cujos navios se achavam ancorados nas suas águas.

Como defender-se do formidável canhão dos europeus? A situação era embaraçosa e crítica e importava tomar conhecimento dela desde logo.

Taquanambo, possuído de tão sinistros pensamentos e cheio de terror, despachara um dos seus cortesãos com ordem de se informar com exactidão do que se passava no porto, e esperava a volta do emissário na maior ansiedade, quando este chegou.

Este disse ao rei, dando-lhe completa certeza que todo aquele ruído não era mais do que uma manifestação de alegria da parte das equipagens dos navios; que os portugueses e em geral os europeus, costumam exprimir a sua alegria por meio de tiros de canhão, saudar os seus soberanos com tiros de canhão, e matar os seus inimigos também a tiros de canhão!

- Ora, acrescentou o enviado, os portugueses dos navios ancorados no nosso porto, acabam de experimentar uma surpresa que lhes causou tão grande alegria, que gritaram e dispararam os seus canhões como se tivessem visto o inimigo ou o rei; eis tudo.

- E sabe-se o que foi que lhes causou aquela alegria e entusiasmo? perguntou Taquanambo.

- O que os regozija tanto, é que o grande bonzo europeu, que faz, quando quer, chover sobre a terra e aparecer o peixe no mar, aquele bonzo que restitui a vida aos mortos e a saúde aos doentes, aquele bonzo cristão, cujo Deus é tão poderoso, chegou ao porto num junco do país; os portugueses reconheceram-no de longe, dispararam os seus canhões, soltaram gritos de alegria, fizeram soar todas as suas trombetas, içaram todos os seus pavilhões e abraçaram o bonzo em choros e risos,

Poder-se-ia supor que haviam enlouquecido, se não se' soubesse que aquele grande bonzo é um Deus, e que pouco era tudo- quanto se fizesse por ele.

Encantado o rei por saber que o célebre bonzo cristão estava em Firando, mostrou desejos de o ver, e os portugueses, para darem àquele príncipe uma

idéia da veneração que lhes merecia o seu santo apóstolo, quiseram conduzi-lo ao palácio com grande pompa.

O humilde Xavier não pôde esquivar-se àquelas honras, mormente porque elas deviam engrandecer a religião de que era ministro.

Escortado de todos os soldados das equipagens, coam o estandarte na frente, ao som dos clarins, e cercado dos oficiais e capitães em grande uniforme, atravessou o nosso Santo, as ruas e praças de Firando, e dirigiu-se ao paço de Taquanambo, que o recebeu com o acolhimento proporcionado a pompa que o cercava.

Os portugueses apresentaram-no ao rei como o personagem mais ilustre e como amigo do seu soberano, depois do qual ninguém era mais poderoso do que Xavier, o grande apóstolo das Índias.

E quando eles fizeram saber a Taquanambo que o rei ele Saxuma o havia obrigado a sair dos seus estados, este príncipe, satisfeito pela ocasião de contrariar o seu inimigo tornando-se agradável ao rei de Portugal, deu toda a liberdade ao missionário para pregar a religião cristã no seu reino.

Saindo do palácio, começou Francisco Xavier a falar de um só Deus na praça pública, e o povo veio imediatamente cercá-lo e ouvi-lo.

Vinte dias lhe foram suficientes para fazer mais cristãos do que havia feito em Cangoxima no decurso de mais de um ano.

E como a docilidade e a dedicação daquele povo prometia os mais consoladores resultados, não hesitou em lhes deixar o Padre Cosme de Torres, para ir levar mais longe as suas conquistas.

Partiu, portanto, pelos fins de Outubro de 1550, acompanhado de João Fernandes e de dois cristãos japoneses, Bernardo e Mateus; foi embarcar-se em Facata, para se dirigir de ali a Amanguchi, capital do pequeno reino de Naugata, a mais de cem léguas de Firando.

Sua intenção era de não se demorar em Amanguchi, e de continuar a viagem até Meaco, capital do império; mas tendo conhecimento da desordem de costumes que reinava na capital de Naugata, quis aí lançar, de passagem, a semente evangélica. Espalhava-a às mãos cheias; o seu zelo, excitado pelo pensamento dos crimes que manchavam aquela cidade, parecia mais ardente do que nunca; o fervor da sua oração continua, por todas aquelas almas perdidas no vício, correspondia ao seu zelo; mas Deus quis que ele não colhesse, naquele momento, senão o insulto e o ultraje.

O povo, inclusive as crianças, perseguiam-no apedrejando-o e enchendo-o de injúrias!

Francisco Xavier suportou aquelas humilhações com uma mansidão inalterável, e não atribuiu senão aos seus pecados o nenhum sucesso das suas pregações.

Oxodono, rei de Amanguchi, querendo conhecer por si próprio a doutrina europeia, de que tanto se falava, desejou ver os bonzos da Europa, e reuniu os grandes da corte para os ouvir.

- De onde sois vós? perguntou ele a Xavier.

- Sou europeu.

- Porque viestes ao Japão?

- Para pregar a lei de um Deus único; porque ninguém se pode salvar, se não adorar aquele Deus e Jesus Cristo seu Filho, com um coração puro de vícios, se lhe não render o culto religioso que lhe é devido, se não cumprir, finalmente, a lei divina.

- Explicai-nos essa lei.

Então o santo apóstolo explicou as principais verdades da fé, respondeu às objeções de cada um, falou mais de uma hora, e fez até verter algumas lágrimas ao seu auditório... mas foi tudo quanto conseguiu. Não ganhou nem uma só alma para Jesus Cristo!

Depois de ter assim semeado sem colher durante um mês inteiro, resolveu-se a tomar o caminho de Meaco com os seus companheiros, pelos fins de Dezembro, por uma chuva miúda e nevada que não cessava senão para deixar cair o gelo mais espesso e duradoiro.

O inverno é tão rude e rigoroso no Japão, que as casas se comunicam por galerias cobertas sem sair à rua. Mas a coragem dos quatro viajantes é superior ao rigor da temperatura; ela vencerá denodadamente todos os obstáculos que se opuserem ao seu zelo.

O nosso humilde e intrépido Xavier, cujo exemplo animava os seus companheiros, empreende resolutamente, a pé, com o seu altar às costas, e sem fato de inverno, uma viagem de quinze dias de jornada em qualquer outra estação, mas cuja duração provável não se podia antever pelo tempo da neve, dos tufões tão violentos, tanto em terra como no mar.

Bernardo servia de guia e levava às costas as provisões de boca... um saco contendo arroz torrado. Era aquele todo o recurso que possuíam para se reconfortarem das suas fadigas; e elas foram grandes naquela viagem!

Foram grandes para o corpo; foram grandes para o coração, e para a alma dos nossos heróis, mas a sua coragem não foi abalada.

Por todo o caminho se encontravam torrentes geladas; era necessário atravessá-las; escorregavam, caíam e feriam-se... Não importa! levantavam-se, prosseguiam e chegavam à outra margem, tomando o Santo a mão aos outros três menos ágeis, conquanto mais novos do que ele.

Umaz vezes enterravam-se ria neve até por cima dos joelhos: outras vezes também, depois de terem trepado penosamente os rochedos escarpados das altas montanhas, nas quais a neve era rija e gelada, desapareciam de repente, e iam parar ao fundo dum abismo, de onde não poderiam sair senão por milagre da divina Providência que velava por eles, não poupando nenhuma prova à sua fé.

Aquelas grandes fadigas influíram finalmente na saúde do nosso Santo: ele foi atacado de uma febre que o obrigou a deter-se por alguns dias em Facai; mas logo que se sentiu melhor, seguiu corajosamente o caminho de Meaco.

Em todas as cidades, em todas as aldeias que atravessava, ele anunciava um só Deus e Jesus Cristo seu Filho, por quem unicamente o homem pode ser salvo; mofavam dele. As crianças perseguiam-no gritando: Deus! Deus! Deus! Xavier repetia tantas vezes aquela palavra nas suas pregações, que as crianças a retinham como uma palavra estrangeira que haviam ignorado até então.

Não tendo a língua japonesa o equivalente à palavra Deus para exprimir a

idéia de um poder soberano, o santo apóstolo pronunciava aquele nome em português; era tamanha a admiração dos japoneses, que se riam sem compreender.

Numa cidade em que ele se via escutado com mais atenção do que de antes, falou por mais tempo, explicou a necessidade de fugir ao vício e de praticar a virtude para ser salvo. Aquela estranha doutrina excitou o furor da multidão.

Lançam-se sobre o Santo, arrastam-no para fora dos muros da cidade, condenam-no a ser apedrejado, e ia-se já executar aquela cruel sentença, quando uma tempestade horrorosa, que ninguém havia previsto, rebentou tão violenta, que cada um fugiu precipitadamente a buscar um abrigo.

Francisco Xavier ficou só no meio daquela tormenta, agradecendo à adorável Providência que o livrara assim duma morte certa, para lhe dar tempo de levar mais além o nome de Jesus Cristo.

Contudo os nossos viajantes continuavam a sua jornada para Meaco, através de perigos constantemente renovados e de retardamentos e embaraços tais, que Bernardo, encarregado de dirigir a pequena caravana, muitas vezes enganado pela, neve de que o país estava coberto, se desnor-teava completamente.

Um dia em que ele não conseguia orientar-se suficientemente, viram um cavaleiro que parecia estar seguro do caminho que seguia. Xavier perguntou-lhe se eles estavam na estrada de Meaco.

- Sim, respondeu ele, e eu também para aí vou; se vós quereis seguir-me, vinde, levai-me este pacote que me é de grande embaraço sobre o meu cavalo.

- Da melhor vontade, lhe disse o Santo.

E carregou com um grande alforge, satisfeito por ter sido tomado por um pobre desgraçado que qualquer tinha direito de fazer trabalhar por sua conta. O viajante nem sequer afrouxou o passo do cavalo, resultando disso que Francisco Xavier, esforçando-se por muito tempo em o seguir, caiu na estrada, desfalecido, aniquilado, semi-morto de debilidade e de fadiga.

Os seus companheiros, que não tinham podido caminhar tão rapidamente, não obstante os seus desejos, acharam-no estendido no chão, e mal podendo falar!

Suas pernas e pés, excessivamente inflamados, estavam feridos em vários lugares... Mas não se queixava; esperara chegar assim até Meaco, guiado pelo cavaleiro desconhecido.

Deus, porém, não o permitira, somente lhe dera uma ocasião de se humilhar e de sofrer, e ele agradecia-lhe com todas as forças da sua alma.

Finalmente, depois de dois meses da mais penosa jornada, entrava ele em Meaco, pelos fins de Fevereiro de 1551.

Encontrou aquela cidade absorvida rios trabalhos de uma guerra; não conseguiu obter audiência do soberano, cuja autoridade reconheceu ser nula; e considerando que não era própria a ocasião de anunciar àquela cidade uma religião desconhecida, que condena todas as desordens em que ela se achava abismada, tomou a resolução de voltar a Amanguchi, mas em condições diferentes.

Notara ele que o povo escarnecia da sua pobre batina rota, que remendava por

suas mãos o melhor que podia; mas somos forçados a concordar que aquele meio não era o melhor, e que equivalia quase a uma rotura constante com o povo convinha pois mudá-la.

Notara também que os japoneses eram muito curiosos de todos os produtos da indústria europeia, e convencido de que presentes daquele gênero lhe mereciam a estima do rei, dirigiu-se imediatamente para Firando onde deixara, entregue aos portugueses, os objecto que lhe havia parecido supérfluo levar.

Quando partiu de Meaco, cantava ele os primeiros versículos do salmo CXIII, com um acento que comoveu vivamente João Fernandes, e lhe fez pensar que o seu Padre Xavier se achava interiormente esclarecido sobre o progresso que a religião faria em breve no império cuja capital acabava de deixar.

A sua viagem foi pelo rio, por ser muito longa a jornada por terra, para ser feita a pé; demais, o estado da guerra daquele país tornava-a cada dia mais perigosa. Em Facai, embarcou-se e chegou a Firando.

O vice-rei das Índias e o governador de Malaca haviam-no forçado a levar para o Japão um pequeno relógio, uma espineta, instrumento muito procurado então, mesmo na Europa, e alguns outros objecto desconhecidos nos países que ele ia percorrer.

Francisco Xavier, esperando tudo do efeito daqueles presentes, no espirito do rei de Amanguchi, apressou-se em solicitai dele uma audiência logo que ali chegou.

O rei, maravilhado daqueles prodígios, admirou a inteligência e os talentos dos europeus, e no mesmo dia enviou ao chefe dos bonzos cristãos uma considerável soma de dinheiro que ele lhe devolveu intacta. Xavier recusava-a e pedia somente uma nova audiência para a manhã seguinte, a fim de entregar a Oxodono as cartas do arcebispo das índias e do governador de Malaca.

- É admirável! - disse Oxodono-, os bonzos da Europa recusam dinheiro, e os nossos tudo quanto têm acham pouco!

Na audiência do dia seguinte, ele louvou o bonzo cristão e lhe agradeceu testemunhando o desejo de lhe ser agradável.

- Todo o favor que eu solicito, respondeu-lhe Xavier, é a permissão de pregar a religião de Jesus Cristo nos vossos Estados, porque nenhum homem pode ser salvo senão por ele.

Oxodono, admirando o desinteresse dum tal bonzo, autorizou-o a pregar a religião que inspirava tanta generosidade, promulgou o édito pelo qual permitia a seus vassallos praticar a religião cristã, e proibiu, sob as mais severas penas, que se inquietassem os bonzos daquela religião.

Fez mais ainda; concedeu para morada de Xavier e dos três cristãos que o acompanhavam, uma antiga habitação dos bonzos, desabitada.

"...Logo que ali nos estabelecemos, escrevia o nosso Santo, fizemos lá as nossas instruções, e a afluência dos ouvintes era imensa. Pregávamos duas vezes ao dia, e em seguida a cada discurso, tínhamos uma longa conferência sobre as matérias de que tínhamos tratado, de modo que não cessámos de pregar ou de responder a questões que nos eram dirigidas.

Bonzos, nobreza, gente do povo, tudo, finalmente, concorria em chusma, e os que não podiam entrar ficavam à porta.

O resultado foi que a falsidade das superstições pagãs e as dos seus autores ficou desde logo demonstrada, e que a verdade apareceu brilhante a todos os espíritos.

É notável que aqueles que tinham sido os mais teimosos na discussão, foram as nossas primeiras conquistas. Quase todos eram homens de distinção, que se tornaram os nossos melhores amigos desde que foram cristãos, e nos puseram ao corrente dos mistérios, ou antes das inépcias da religião japonesa dividida em nove seitas.

Esclarecidos por este lado, fácil nos foi entrar na luta, Em cada discussão com os bonzos, mágicos e outros, confundíamos-os imediatamente com os nossos argumentos e raciocínios...".

A ansiedade daquele povo em procurar a verdade junto do santo apóstolo, não conhecia limites.

Não somente durante o dia, mas até de noite, vinham submeter-lhe as dificuldades. Ele não conseguia quase nunca recitar o seu breviário sem interrupção, e conquanto lhe fosse permitido rezar um ofício mais curto que o romano, nunca se aproveitou daquela autorização.

Conta-se até que ele jamais omitira a recitação do Veni Creator antes de cada uma das horas canônicas, e que o seu semblante se animava então como se o Espírito Santo tivesse querido dar um sinal sensível da sua presença sobre o seráfico Xavier.

Julgue-se por isto do sacrifício que ele se impunha, entregando-se incessantemente à discipulação dos que o vinham consultar. Algumas vezes até, nem mesmo lhe deixavam tempo de dizer a missa, e muito menos ainda podia ele dispor dum momento para algum pequeno repouso ou tomar uns ligeiros alimentos: era aos olhos de todos um milagre permanente a que sustentava a sua preciosa existência e lhe dava força de resistir a fadigas que nenhum outro teria podido suportar.

Propunham-lhe as mais difíceis e variadas questões; ele ouvia com serenidade, dignidade e benevolência; depois, respondia a cada um coze tanta clareza, e apresentava a verdade tão palpável, que fazia mudar de opinião a todos.

Um dia em que a concorrência era imensa e as questões mais numerosas ainda que de costume, manifestou Deus o seu poder de uma maneira até então desconhecida. .

Pedia um ao apóstolo amado de Deus explicação da eternidade, que não podia compreender, enquanto outro rogava que lhe desse a do movimento dos astros; um terceiro desejava que ele esclarecesse as suas dúvidas sobre a imortalidade da alma, e um quarto queria saber donde vinham as cores do arco-íris; alguns outros propunham dificuldades sobre a graça, ou desejavam saber como se dão os eclipses do sol, enquanto que outros queriam ainda ser ilucidados sobre as penas do inferno, ou sobre a extensão e a população da terra.

O grande Xavier ouvia todas as questões que lhe propunham cozas a sua

graça e bondade ordinárias. Quando terminaram, levantou-se, lançou sobre a imensa assembléia um olhar inspirado, pronunciou algumas palavras e produziu em todos uma tal suprema e admiração que pareciam atacados de paralisia. Olhavam-se, olhavam para Francisco Xavier, e não achavam palavras com que exprimissem os sentimentos de que se viam possuídos...

Uma só resposta do santo apóstolo operara o mais maravilhoso dos prodígios: resolvera, ao mesmo tempo, todas as dificuldades duma maneira tão clara, tão precisa e tão completa que cada um se julgava sob a impressão dum sonho!

Foi contudo necessário reconhecer a realidade daquela maravilha, e para isso Deus a renovou depois, pelo seu apóstolo privilegiado, todas as vezes que lhe eram apresentadas semelhantes questões em grande número e diversidade e que exigiam muito mais tempo do que aquele de que ele podia dispor.

Os japoneses não quiseram ver naquele prodígio um milagre do poder divino e persistiram por muito tempo em o atribuir á ciência de Francisco Xavier, para a qual, diziam eles, não havia mistério neste mundo nem no outro; o que fazia com que os bonzos dissessem, quando falavam do Padre Torres

"Ele teias ciência, é verdade; mas não pode ser comparado ao Padre Xavier! Não existe outro talento que possa resolver tantas dificuldades por uma, só resposta! O Padre Francisco Xavier é o maior homem da Europa e do mundo inteiro!"

As conversações aumentavam à medida que os espíritos se viam mais esclarecidos, e como a classe ilustrada não carecia já de conferências, julgou Xavier devei cessá-las para se dedicar às pregações nas praças públicas. Elas tornavam-se muito necessárias porque os bonzos das diversas seitas, buscando combater a influência do grande bonzo cristão e o poder das verdades que ele ensinava, se combinaram para o desacreditar publicamente, e esforçavam-se por influir no ânimo do povo contra aquela religião nova que condenava todos os prazeres e excitava a cólera de Amida e Chaca.

Francisco Xavier pregava pois duas vezes por dia num bairro, enquanto João Fernandes pregava noutra, com grande desgosto dos bonzos, cujo crédito diminuía em proporção da confiança que o nosso Santo inspirava.

Os chineses, que o comércio atraía a Amanguchi, tiveram a curiosidade de ver o famoso bonzo europeu, de quem se diziam tantas maravilhas, e correram para a principal praça, logo que souberam que ele ali pregava.

A língua do Japão é bem diferente da da China, mas os mercadores chineses sabiam o necessário para o seu comércio, e esperavam compreendi alguma coisa da doutrina trazida de tão longe, e que aquele bonzo tão maravilhoso não adulterava.

Em presença do nosso apóstolo experimentaram eles um sentimento de respeito que testemunharam pela sua atitude e olhar. Xavier conheceu isto; o seu coração comoveu-se à vista daqueles chineses que o escutavam, e coxas a idéia do seu vasto império que a luz do Evangelho não esclarecera ainda. O seu desejo de ali penetrar, de levar para ali o adorável nome de Jesus Cristo torna-se rasais intenso, mais ardente do que nunca, e lança um olhar de compaixão para aqueles pobres pagãos...

Um novo prodígio se opera! Deus restitui ao seu apóstolo o dom que lhe havia sido retirado à sua chegada ao Japão.

Xavier dirige-se aos chineses que o escutam, e fala-lhes a sua língua

vernácula com a maior perfeição possível! O povo, arrebatado por aquela admirável maravilha, exclama em altos gritos e batendo palmas, que jamais homem algum foi tão grande como o bonzo cristão, e que a sua doutrina não pode deixar de ser superior à dos bonzos japoneses.

Alguns dias depois, o número dos cristãos crescera consideravelmente, e em menos de dois meses mais de quinhentos idólatras haviam renunciado aos seus ídolos e recebido o batismo.

Os grandes e os sábios deram o exemplo; o povo seguiu-os, e o fervor daqueles neófitos era tão manifesto que a única conversação em toda a cidade de Amanguchi era sobre a religião cristã e as suas santas práticas. Eles viam-se tão felizes, que não tinham expressões para testemunharem o seu reconhecimento àquele que viera de tão longe para lhes trazer a verdade, e coze ela a felicidade desta vida e da vida eterna. Xavier chegara ao auge da alegria

"...Conquanto eu esteja já todo branco[70], escrevia ele, sinto-me mais vigoroso e mais robusto do que nunca, porque os trabalhos a que a gente se entrega para instruir uma nação civilizada, ávida de conhecer a verdade, são bem adoçados pela abundância das searas e pela esperança de novas colheitas.

Na maior das minhas fadigas, quando me era necessário satisfazer ao empenho da multidão entusiasta que concorria gostosa às nossas conferências, o meu corpo banhava-se em suor, é verdade, mas a minha alma nadava em alegria!"

"Um dos principais fidalgos deste país, o príncipe Neatondono, assim como sua mulher, deram-nos provas evidentes da sua afeição, promovendo todos os meios para a propagação do Evangelho; mas não pudemos determinar nem um nem outro a abraçar uma religião cujas verdades reconheciam. E porquê Porque eles depositaram grande soma de dinheiro no banco do deus Amida; porque estabeleceram em honra do mesmo deus mosteiros de bonzos e os mantêm ricamente dotados, a fim de que os bonzos orem e roguem sem cessar ao deus Amida que os preserve de toda a desgraça neste mundo que lhes faça participar da sua felicidade no outro. Temiam por tanto perder o capital, o interesse e a recompensa, se mudassem de religião.

Uma circunstância veio aumentar ainda muito o número dos cristãos, com grande desespero dos bonzos.

João Fernandes pregava um dia em uma praça; o povo escutava-o em recolhimento, quando um homem de ínfima classe se aproxima e lhe escarra afrontosa e atrevidamente no rosto!

Fernandes, formado na escola do humilde Xavier, não mostrou alterar-se com o ultraje que recebera; tira o seu tenso com a maior serenidade, limpa o rosto e continua a falar sem mesmo procurar ver de onde partira aquele insulto.

A heróica paciência de Fernandes foi apreciada e admirada como merecia; ela produziu numerosas conversões entre os pagãos que foram testemunhas daquele facto, e achavam-se ali indivíduos de todas as classes. Um deles, notável pelo seu nascimento e pela sua instrução, e que recebera no batismo o nome de Lourenço, veio a ser tão devotado cristão, que, depois de suficientes provas, Xavier o admitiu na Companhia de Jesus.

Ele viera a Amanguchi para se fazer admitir no número dos bonzos, e veio a ser jesuíta!

Tais progressos do Cristianismo, traziam naturalmente a ruína completa dos sacerdotes de Chaca e Amida; o inferno pedia vingança e para isto se trabalhava com todo o ardor.

Os bonzos queixavam-se ao rei; Oxiondono cedeu às suas ameaças, e sem revogar o édito concedido ao Padre Xavier, mostrou-se hostil à religião cristã; mandou confiscar os bens dos fidalgos que a tinham abraçado, e concedeu aos bonzos a liberdade de caluniar publicamente os pregadores europeus.

Aquelas medidas tiveram um efeito oposto, pois que fez crescer consideravelmente o número dos cristãos, ao ponto de chegar a mais de três mil dali a poucos dias, e todos tão fervorosos, tão dedicados, que teriam preferido a morte mais cruel, a ter de renunciar à sua fé.

No meio destas grandes consolações, soube Francisco Xavier que um navio português acabava de chegar ao porto de Figen, a cinquenta léguas de Amanguchi, e a uma légua de Funai [71], capital do reino de Bungo. Escreveu imediatamente ao capitão e aos daquele navio pedindo-lhes os seus nomes, notícias das Índias e da época em que deviam voltar, e expediu Mateus encarregado daquelas cartas.

Admirados e satisfeitos os portugueses por saberem que o seu santo Padre se achava tão perto deles, mandaram-lhe as cartas de Goa e de Malaca de que vinham encarregados, respondendo-lhe que dentro de um mês se fariam à vela para um porto da China onde haviam deixado três navios, um dos quais era comandado por Diogo Pereira, seu amigo, e que em janeiro voltaria às Índias.

Cinco dias foram suficientes para que Mateus fizesse o duplo trajeto por mar.

Xavier recebeu de Goa uma carta do Padre Camerini em que lhe dizia que a sua presença ali era indispensável, a bem dos negócios da Companhia, e suplicando-lhe que viesse imediatamente.

A esta noticia, ele chama o Padre Torres a Amanguchi, confia-lhe aquela florescente cristandade e parte com Bernardo, Mateus e dois jovens cristãos de elevado nascimento, cujos bens haviam sido confiscados pelo rei e que se recusavam a recobrar a posse deles a troco da sua fé.

Lourenço também se reuniu a eles, e, pelos fins de Setembro, de 1551, os nossos viajantes puseram-se a caminho, a pé, com um bastão na mão e levando cada um às costas uma parte das suas poucas bagagens. A viagem teria sido mais curta e muito menos penosa por mar; Xavier, porém, cujas mortificações se uniam ao zelo, quis viajar por terra como os peregrinos pobres.

Caminharam cinco dias a marchas forçadas; mas chegados a Pinlaschau, aldeia situada a quase duas léguas do porto de Figen, as forças abandonaram-no completamente e caiu aniquilado de fadiga; atacado pela febre e violentas dores de cabeça, com os pés extremamente inflamados, não pôde seguir um passo mais.

Mateus, Bernardo e Lourenço continuam para diante e levam aquela triste notícia ao São Miguel, único navio português que se conservava ainda no porto de Figen.

O capitão, D. Eduardo da Gama, convoca imediatamente todos os oficiais e mercadores que estavam em Funai, diz-lhes que o santo Padre está doente a duas léguas do porto e convida-os a montar a cavalo para o ir ver; todos anuem em acompanhá-lo e prestar os seus serviços ao santo Padre, objeto de tanta veneração para os portugueses. A um quarto de légua de Figen, a cavalgada suspende-se admirada, o capitão apressa-se em apeiar e todos os mais põem pé em terra...

Francisco Xavier estava ali. Caminhava penosamente, apoiado ao seu bordão; tinha o rosto pálido, desfigurado, e os cabelos sensivelmente esbranquiçados... D. Eduardo da Gama só o reconhece pela radiante expressão da sua angélica Fisionomia, expressão que com nenhum sofrimento se alterava.

O humilde Padre não ignora os sentimentos que inspirava: convencido de que D. Eduardo da Gama viria ao seu encontro com os portugueses do seu navio, e achando-se um pouco melhor, resolvera pôr-se a caminho.

O capitão, tendo feito inúteis esforços para o obrigar a montar a cavalo, viu-se forçado a acompanhá-lo a pé com todos os seus cavaleiros. A equipagem logo que descobriu o Santo querido ao lado do capitão disparou os seus canhões, içou as bandeiras, os clarins soaram e as aclamações de alegria fizeram-se ouvir ao longe...

Era uma festa para todos!

Aconteceu também em Funai o que acontecera em Firando; a população pôs-se em alarme cheia de terror ouvindo aquelas numerosas descargas de artilharia; o rei sentiu tremer o seu trono julgando-se atacado pelos europeus; o pavor chegara a todos os espíritos.

Um grande da corte apresentou-se, todo aterrado ao capitão do São Miguel, a informar-se, em nome do rei, da causa daquele formidável motim. O capitão mostra-lhe pela mão o santo Padre tão prezado, e diz-lhe:

- Eis aqui, senhor, a causa deste entusiasmo que vos pôs em alarme e vos causou tão grande susto. Nós quisemos dar ao nosso santo Padre Xavier um testemunho da nossa alegria por o tornar a ver. Dizei ao vosso rei que vistes o homem mais ilustre, a honra e glória de Portugal, e das Índias, o amigo mais querido do nosso grande soberano, o homem do mundo mais amado e mais respeitado!

- É, pois, este bonzo cristão que tem feito tantas maravilhas em Amanguchi, perguntou o fidalgo japonês, e de quem os nossos bonzos dizem tanto mal? Eu não vejo nele nada daquela grande celebridade; parece bem pobre, bem mal vestido!

- Isso é verdade, senhor, respondeu-lhe D. Eduardo; mas o nosso santo Padre Xavier, de uma das mais nobres famílias da Europa, renunciou a sua fortuna, assim como a todas as honras da corte, por amor de Deus que nós adoramos, e por dedicação para com todos os homens, a fim de salvar as suas almas pregando-lhes as verdades cristãs.

O cortesão do rei de Bungo não teve que responder, e só se mostrava confundido e admirado do que ouvia. E depois de haver examinado bem o Padre Xavier, apressou-se a voltar para junto do rei a fim de lhe dar conta da sua mensagem.

V. MENSAGEM DO REI DE BUNGO - NO PALÁCIO DO
REI - OS BONZOS CONFUNDIDOS

CIVANDONO, REI DE BUNGO, AO
GRANDE BONZO DE CHEMACHICOGIM [72]

PADRE BONZO DE CHEMACHICOGIM!

Que a vossa feliz chegada aos meus estados seja agradável ao vosso Deus com os rogos dos seus santos.

Quansionafama, meu secretário, foi ao porto de Figen por minha ordem, e tendo vindo comunicar-me a vossa chegada de Amanguchi, trouxe com esta nova a maior alegria ao meu coração.

O vosso Deus não me julgou digno de vo-lo poder ordenar, e por isso vos suplico que venhais antes do nascimento do sol bater à porta do meu palácio, onde vos esperarei com impaciência. Permitti que vos peça este favor, e oxalá o meu pedido vos não seja importuno!

O vosso Deus é o supremo e o mais poderoso de todos os deuses; ele é o melhor dos soberanos que vivem no Céu, e eu lhe rogo de joelhos, prostrado ante o seu vulto invisível, que faça compreender a todos os soberbos quanto a vossa vida santa e pobre é agradável a seus olhos, a fim de que os nossos filhos não sejam iludidos pelas falsas promessas do mundo.

Mandai-me notícias da vossa saúde para me fazer dormir bem a noite, até ao momento em que o canto do galo me acorde anunciando a vossa vinda.

Esta mensagem era levada por um jovem príncipe de sangue real, acompanhado do seu preceptor Poomendono e escoltado por trinta Jovens, pajens da corte. Quando o príncipe chegou a boro do navio, foi recebido pelo capitão, a quem pediu a honra de falar ao grande bonzo de Chemachicogim.

D. Eduardo da Gama, que vira chegar a embaixada, e que suspeitava a causa que a trazia, dera as suas ordens antes de a receber a bordo, mas não quis que o santo Padre fosse prevenido.

Logo que o jovem príncipe disse que trazia uma mensagem da parte do rei de Bungo para o grande bonzo de Portugal, foi dado o sinal, e as praças da guarnição reúnem-se para preceder e seguir a embaixada; entram no grande salão e ali formam em duas alas, destacando-se o capitão e alguns oficiais para irem buscar o nosso Santo a quem acompanham em cerimônia até à sala onde era esperado.

A humildade de Xavier via-se exposta a uma dura prova; mas não contava já ela tantas vitórias quantos haviam sido os ataques? Devia, portanto, triunfar até ao fim.

O jovem príncipe fez entrega da sua mensagem ao grande apóstolo, rogando-lhe que a lesse para poder levar a sua resposta ao rei, e enquanto o santo Padre lia aquela carta, tendo atrás de si e aos lados os oficiais do navio na mais respeitosa atitude, disse o príncipe ao seu preceptor:

- É, pois, tão grande o Deus de Chemachicogim?

- Parece que sim, respondeu-lhe o nobre Poomendono, cerrando os lábios e meneando a cabeça.

- Ele deve ter segredos desconhecidos das outras nações, replicou o príncipe, pois que põe tão ricos navios sob a obediência e poder de um bonzo tão pobre como este! Compreendeis vós que aquele Deus faça disparar o canhão para que todas as nações que ouvem o seu terrível estrondo saibam que aquela pobreza lhe é agradável, quando nós julgávamos que era tão desgraçada!...

- Este bonzo, que é tido como uma virtude, e a pratica para ser agradável ao seu Deus, é sem dúvida mais feliz do que aqueles que são ricos, respondeu o preceptor.

Xavier logo que concluiu a leitura da carta do rei, prometeu satisfazer o seu convite, e o jovem príncipe, maravilhado de ver um bonzo tão honrado e considerado pelos da sua religião, voltou ao palácio dar conta ao rei da sua missão, e acrescentou, falando do exterior tão pobre do bonzo cristão:

- Ele não tem senão a aparência de pobreza, por que é tido como um soberano a bordo do navio; todos lhe obedecem e lhe prestam as honras de rei; os portugueses consideram-se tão felizes em possuí-lo a bordo, que sacrificariam todas as riquezas dos seus navios de preferência a um só cabelo do seu santo Padre!

O rei de Bungo ordenou que se preparasse a mais brilhante recepção àquele grande personagem, e todos se apressaram em executar as suas ordens.

Enquanto se faziam todos aqueles preparativos no palácio de Civandono, trabalhavam os portugueses, de seu lado, por vencer a humildade do seu apóstolo querido!

- Meu Padre, disse-lhe D. Eduardo da Gama em nome de todos, meu Padre, os bonzos têm feito tudo quanto podem para atrair sobre vós o desprezo do povo; eles têm-vos caluniado duma maneira infame! Trabalham, vós o sabeis, para cortar o progresso do Cristianismo. E, pois, do nosso dever, a nós os cristãos nos pertence, honrar a religião que eles insultam e testemunhar a veneração que consagramos ao caráter sagrado daquele que é seu ministro.

É necessário que os japoneses. conheçam e vejam a diferença que existe entre um sacerdote dos seus ídolos e um sacerdote do nosso Deus.

Vós vistes, meu Padre, que foi completo o resultado obtido em Ficando. O rei e o povo reconheceram a divindade da nossa religião, veado as honras que os portugueses rendiam ao seu ministro. Permitti, pois, que nós façamos o que eles fizeram!...

O humilde apóstolo submeteu-se; rendido, deixou vencer as suas repugnâncias em Figen, pelos mesmos motivos que o levaram a deixar-se vencer em Ficando.

Na manhã seguinte, uma chalupa e das de magníficas tapeçarias chinesas e duas lanchas, orna de bandeirolas de vivas cores, subiam o rio até à cidade de Fucheo, residência real.

O apóstolo dirigia-se ao palácio do soberano, acompanhado de trinta portugueses trajados de ricos estofos, cujos bordados de oiro eram matizados de pedras preciosas; todos levavam cadeias de oiro; os seus gorros eram guarnecidos com bordados de oiro e com penachos flutuantes, retidos por

chapas de pedias preciosas.

Os seus escravos, ricamente trajados, enchiam uma das lanchas. Vários instrumentos executavam sinfonias em cada embarcação.

O habitantes de Fucheo, curiosos de querer ver o famoso bonzo, que tinha a reputação de submeter à sua vontade o céu, a terra, os mares, as doenças e a própria morte, enchiam em massa as ruas que devia percorrer o cortejo.

Quansiandono, à testa dos canafamas [73] que comandava, esperava o grande Xavier no cais de embarque, e fez avançar uma liteira real para o transportar ao palácio.

Xavier recusou-a e quis ir a pé. Os canafamas formaram-se em duas alas e deixaram o cortejo passar pelo meio.

Marchava na frente o capitão D. Eduardo da Gama, levando na mão direita uma cana de comando e na esquerda o seu gorro brilhantemente guarnecido, e cujo penacho excedia em grandeza e em beleza, aos dos outros oficiais. Depois dele marchavam, um atrás de outro, cinco oficiais, dos quais o primeiro levava o livro dos Evangelhos coberto por um véu de setim branco; o segundo, uma cana de Bengala, guarnecida de ouro; o terceiro, as chinelas de veludo negro; o quarto, um quadro representando a Santíssima Virgem e coberto dum volante de damasco violeta; o quinto, finalmente, levava um magnifico pára-sol [74].

Xavier vinha em seguida; tinha-se imposto uma batina nova de camaleão, uma magnífica sobrepeliz e uma estola de veludo verde guarnecida de brocados de ouro.

Na sua profunda humildade e amável modéstia, conservava toda a distinção nativa e nada perdera da sua nobreza, o que fazia dizer aos oficiais que lhes era em extremo agradável fazer parte da sua cante de honra, pela circunstância de que a dignidade do seu santo Padre, no meio da pompa de que estava cercado, com uma majestade tão santa, trazia o desejo de se ajoelhar diante dele para receber as suas ordens [75]. Ele caminhava seguido de todos os seus amigos, cujos escravos fechavam o cortejo.

A música militar, na frente e ria retaguarda, alternava as sinfonias.

No largo do palácio seiscentos guardas, de sabres em punho, esperavam imóveis o grande bonzo de Chemachicogim, e soltaram entusiásticos brados de aclamação, logo que o descobriram; avançaram para ele. em boa ordem, sob o comando do seu chefe Fingendono, e, depois abrindo as fileiras, formaram alas aos dois lados da sua passagem. À porta, o capitão D. Eduardo da Gama e os cinco oficiais, que precediam o nosso Santo, voltando-se para ele e fazendo-lhe uma profunda inclinação de reverência, um lhe ofereceu a sua cana de Bengala, o outro as chinelas de veludo; o terceiro abriu o pára-sol sobre a sua cabeça; o que levava o quadro colocou-se à sua direita, o que levava o livro pôs-se à sua, esquerda. Todos estes movimentos se executaram, com a melhor ordem e perfeita harmonia. Atravessaram uma longa galeria passando para uma imensa sala onde se achavam reunidos os gentis-homens da corte em costumes de aparato. Ali, um menino, que um ancião conduziu pela mão à presença de Xavier, inclinou-se profundamente e lhe disse:

- Grande bonzo! que a tua entrada na morada de Civandono, meu senhor, lhe seja tão agradável como a água do céu ao agricultor em tempo de estiagem! Entra sem temor.

Os maus vêem-te pesarosos; a tua presença obscurece a sua vista, e lhes produz a escuridão da noite, mas os homens de bem deram-te o amor dos seus corações, e tua presença causa-lhes alegria e ilumina os seus rostos como o sol da manhã.

Os nossos bonzos, bem longe de viverem pobres como tu o fazes para agradar ao teu Deus, amam as riquezas e dizem que os pobres e as mulheres não podem ser salvos.

Xavier respondeu ao menino, que parecia escutar com um doce e terno interesse:

- Apraza à bondade infinita de Deus esclarecer aqueles pobres cegos com os raios da sua celeste doutrina. Eles reconheceriam então os seus erros sobre este ponto e sobre os outros.

Desta sala, o nosso Santo, levando pela mão, o menino que o acabava de cumprimentar, foi conduzido para uma outra onde se achavam muitos fidalgos magnificamente vestidos. Logo que o viram entrar, prostraram-se diante dele, à maneira e segundo o uso dos japoneses, tocando a terra com a fronte, por três vezes seguidas, testemunho de submissão a que chamam gromenare, e que não prestam senão aos soberanos.

Um de entre eles, avançando, disse a Xavier:

- Padre bonzo santo! que a vossa chegada seja tão agradável ao nosso rei Civandono, como o primeiro sorriso da criança é agradável à sua mãe! Tudo, até mesmo estas muralhas, exulta de alegria em vossa presença! Tudo nos leva ao regozijo e a celebrar com distinção a vossa chegada a estes lugares; nós vo-lo juramos, pelos cabelos da nossa cabeça, que o rei Civandono, nosso soberano, se considera feliz pela vossa visita ao seu palácio, onde fareis conhecer o Deus de quem dissestes tão grandes e tão admiráveis coisas em Amanguchi!

Depois deste discurso, abriu-se unia porta sobre um terraço bordado de laranjeiras, e o Padre bonzo santo foi conduzido por aquele terraço para uma sala mais vasta ainda que as precedentes, onde o esperava o príncipe Facharandono, irmão do rei, cercado da sua brilhante comitiva

- Ilustre bonzo cristão! lhe disse ele, este dia é um dia de festa! É o mais solene do ano para a corte de Bungo!

O rico Civandono, meu senhor, considera-se mais rico neste momento pela vossa presença no seu palácio, do que ele possuísse os trinta tesouros da China!

- Desejo-vos, grande bonzo cristão, uma glória sempre crescente e cada vez mais brilhante! Que o Deus que adorais vos conceda tudo quanto desejardes! Que os votos que fizestes em vir das extremidades da terra até aqui, sejam cumpridos!

Em seguida, o príncipe inclinou-se reverente para o grande bonzo, cuja mão o menino colocou na de Facharandono, e atravessaram a antecâmara do rei entre duas alas de cortesãos, para entrarem, finalmente, na sala de audiência. O rei pôs-se de pé, deu alguns passos para o ilustre bonzo cristão, inclinou-se três vezes até tocar o chão, com grande admiração dos cortesãos, porque era a primeira vez que um rei japonês se baixava àquele ponto, e Xavier, segundo o uso do país, prostrando-se diante dele, ia tocar o seu pé, quando o rei o levantou, por considerar-se indigno de receber aquele testemunho de submissão da parte de um bonzo tão poderoso; tomou a sua mão e o fez sentar a seu lado no trono, enquanto o

príncipe seu irmão tomava lugar sobre um degrau inferior.

Os portugueses e os cortesãos do rei conservaram-se de pé em frente do trono.

Depois de todas aquelas formalidades, o rei, pela primeira vez na sua vida, com prejuízo da etiqueta real, de que os soberanos japoneses jamais se afastam, conversou livremente com o apóstolo que se apressou em falar-lhe da doutrina evangélica, de modo que fosse entendido de todos.

Xavier falava o japonês com tanta perfeição como elegância, o que causou admiração aos seus ouvintes e o rei manifestou-lhe francamente o prazer que experimentava em o ouvir, mas o bonzo Faxiondono, presente à audiência, tentou refutar a doutrina do Cristianismo, e vendo que o rei o animava, persuadido de que ele seria bem depressa confundido pelo grande bonzo cristão, levou tão longe os absurdos do seu raciocínio que excitou a hilaridade do rei, e por consequência, a da sua corte.

Então Faxiondono entrou em um tão violento acesso de cólera, que foi mandado retirar vergonhosamente pelo seu soberano. O bonzo retirou-se lançando sobre o rei de Bungo todas as maldições dos deuses Chaca e Amida.

Era a hora da refeição real, e Francisco Xavier não pôde subtrair-se às instâncias de um soberano cujo coração ambicionava ganhar para glória de Deus; foi, pois, forçado a sentar-se à sua mesa, assim como fora forçado a sentar-se no seu trono; porque o rei lhe disse, para vencer a sua recusa:

- Eu sei perfeitamente, meu Padre, meu amigo, que não tendes necessidade da minha mesa; mas se fôsseis japonês saberíeis que um soberano, neste império, não admite à sua mesa senão os amigos que ele mais preza; é o maior testemunho de afeição que podemos dar-lhe segundo os nossos usos. Permitti, pois, que vos rogue a graça de comerdes comigo publicamente, e eu me julgarei mais honrado do que vós.

Xavier inclinou-se, beijou, segundo o uso, o alfange real, e respondeu:

- Rogo sinceramente ao soberano Senhor do Céu e da terra que reconheça por mim todos os favores com que vós me obsequiais. Que ele vos dê a fé em seu nome, e a graça de o servir fielmente durante a vida, a fim de que gozeis dela depois da vossa morte!

- Que o vosso Deus escute as vossas orações, disse-lhe o rei abraçando-o, mas com a condição de que estarei perto de vós no, céu, que não nos separaremos nunca, e que nos entreteremos sempre com a doutrina celeste que viestes trazer-nos de tão longe.

Durante a refeição, a humildade do enviado de Deus teve de sofrer muitíssimo, por que todo o cerimonial usado no Japão nos banquetes solenes, foi executado rigorosamente, ponto por ponto, e o nosso Santo foi forçado a ver os seus amigos portugueses assistirem de joelhos àquela refeição de honra, assim como os cortesãos, os grandes da cidade, e muitos bonzos pouco lisonjeados de serem testemunhas dos favores concedidos tão generosamente ao chefe dos bonzos cristãos.

Todas aquelas honras lhe atraíram o respeito da população; concorreram em multidão às suas pregações que tiveram começo no mesmo dia e logo que saiu do palácio, e alguns dias depois tornou-se extraordinário o fervor e a solicitude geral. Como em Firando e em Amanguchi, ele não cessava de pregar, de confessar e de baptizar; o sucesso foi imenso.

Os portugueses não o viam, conquanto morassem com ele; se tinham necessidade de lhe falar, só o conseguiam, raras vezes, de noite: Xavier não dormia, orava ou trabalhava sem descanso

- Meu querido Padre, disse-lhe uma noite D. Eduardo da Gama, que desgosto para nós, que vos amamos tão extremosamente, ver-vos oprimido por trabalhos que abateriam vinte missionários! Por favor, poupai-vos! A natureza tem suas exigências; vós não lhe concedeis nenhuma, ela sucumbirá, a não ser por um milagre maior ainda do que aquele que vos tem sustentado até aqui...

- Se me amais verdadeiramente, meu caro Eduardo, respondeu-lhe o heróico Padre, se vós me amais em Deus e para Deus, esquecei-me pois por Deus. Para tudo quanto a natureza exige, contai-me entre os mortos. A aninha alimentação, o meu repouso, a minha vida, finalmente, destina-se a arrancar à tirania do demônio as almas para as quais Deus me chamou das extremidades do mundo.

O capitão não teve nada a responder. Tomou a mão do santo Padre, levou-a respeitosamente aos lábios, e retirou-se cheio de admiração.

O ódio dos bonzos não podia ficar adormecido à vista dos progressos extraordinários do Cristianismo na cidade real. Não podendo desacreditar livremente o bonzo cristão, amado e honrado pela corte, como jamais o fora nenhum bonzo dos ídolos, resolveram discutir com ele nas praças públicas, onde pregava, esperando que a discussão lhes serviria de pretexto aos olhos do povo e de desculpa para com o rei, aproveitando aquela ocasião para insultar o pregador que, desmascarando-os, os arruinava e chamava sobre eles o desprezo público. Porém o triunfo nunca esteve do seu lado. Xavier confundiu-os sempre com todo o poder da eloquência que defende a verdade contra o erro.

Um dos mais célebres entre eles veio um dia provocá-lo na praça principal de Firando, em meio duma imensa concorrência de povo, que a notícia daquela controvérsia havia atraído, não somente da cidade mas também das circunvizinhanças.

Sacai-Feran, o douto bonzo, tão afamado pela sua ciência em todo o reino de Bungo, apresenta-se resolutamente e propõe uma dificuldade a Xavier que, animado do espírito de Deus, lhe respondeu da maneira mais brilhante e vitoriosa.

Confundido por aquela magnífica linguagem, impressionado no íntimo pela graça que Deus concedia à palavra do seu apóstolo, Sacai-Feran cai de joelhos, e sem se inquietar com a indisposição e censura que ia levantar contra si, da parte dos bonzos reunidos para assistirem à derrota de Xavier, exclamou entre lágrimas

"Jesus Cristo, único e verdadeiro Filho de Deus! Eu me rendo a vós! Convenço-me e confesso que sois o Deus eterno e todo-poderoso, e rogo a todos que me ouvem que me perdoem o haver-lhes ensinado uma doutrina que reconheço e declaro ser falsa em tudo".

O efeito desta cena foi prodigioso, pois que mais de quinhentas pessoas pediram o batismo.

Xavier não julgou conceder-lhes aquela graça antes de os ter preparado contra os raciocínios e as subtilezas empregadas pelos bonzos para extinguir a fé nas almas dos neófitos.

Foi esta também a razão que lhe fez adiar o batismo do rei. Exigiu dele uma reforma completa nos seus costumes, e medidas públicas para a reforma dos seus vassallos; quis dele uma submissão tão completa, que pudesse ser garantia de perseverança.

Havia já muitos meses que Francisco Xavier estava em Fuceo; aproximava-se o momento da partida; todos os portugueses que haviam escortado o seu santo Padre à primeira audiência real, o acompanharam á última.

O rei mostra-se extremamente comovido:

- Invejo-vos, disse ele aos amigos do nosso Santo, invejo-vos a felicidade de terem o Padre Xavier convosco! Separando-me dele, experimento o mesmo pesar que sente um filho que se separa de seu pai. Confesso que a idéia de o não tornar a ver jamais é uma amarga dor para o meu coração!

O Santo apóstolo, impressionado à vista das lágrimas do rei, beijou-lhe a mão, prometendo-lhe voltar a vê-lo logo que os seus trabalhos lho permitissem, quando vieram dizer àquele príncipe que o grande bonzo Fucarandono acabava de chegar e pedia para ser recebido, o mais depressa possível, para um negócio que interessava a glória do rei e do Estado.

- Eu sei o que é, disse ele a Xavier. Os bonzos, exasperados pela sua derrota, chamaram este, que é o mais sábio do reino, com a esperança de vos confundir e de reaver para o culto dos ídolos os cristãos que o abandonaram. Mas eu não quero recebê-lo antes do vosso embarque; ele é muito grosseiro e eu prezo-vos muito para expor-vos a esta luta...

- Não temo Fucarandono mais que os outros, respondeu Xavier; eu vos rogo, príncipe, quê o recebais, e que escuteis ainda esta discussão! Que posso recear? Eu tenho a verdade, eles têm unicamente a mentira; estou, pois, seguro da vitória tendo Deus a meu lado!

Aquela conferência teve o mesmo resultado das anteriores. Fucarandono, vencido em presença do soberano, em presença dos cortesãos e dos bonzos que o tinham chamado como a luz do Japão, fulo de raiva, entregou-se a todos os excessos do seu orgulho irritado, e lançou sobre o rei e sua corte tantas e tão horríveis maldições, que foi ignominiosamente expulso por ordem do soberano.

Então a cólera de todos os bonzos ultrapassou os limites; procuravam sublevar o povo contra um soberano que insultava os deuses e atraía a sua vingança sobre o país; fecharam os templos, anunciaram calamidades, excitaram os idólatras contra o bonzo cristão e os portugueses da mesma religião; assustaram finalmente os neófitos que temiam uma perseguição declarada, e se lamentavam pela partida tão próxima do, apóstolo estremecido

- Nós morreremos felizes, meu bom Padre, lhe diziam eles, se estiverdes conosco; mas se nos abandonais, que virá a ser de nós?

Os portugueses, tendo a temer tudo do furor dos bonzos conservando-se em Fuceo, tanto pelas suas pessoas, como pelos seus navios ancorados em Figen, convencionaram voltar a bordo para vigiar os seus carregamentos e dar as ordens precisas em caso de ataque; mas quiseram levar consigo o seu santo Padre.

Xavier recusou-se a todas as instâncias que lhe fizeram; o seu coração

de apóstolo não lhe permitia abandonar os neófitos em um tal momento de prova para a sua fé.

Os seus amigos esperaram ainda, conquanto a partida fosse -urgente, visto os seus negócios sofrerem por aquela demora; resolveram, finalmente, uma última tentativa.

D. Eduardo da Gama foi rogado para ir falar ao santo Padre que não aparecia já na sua residência, e para não desprezar nenhuma instância com o fim de o resolver a partir.

O capitão, depois de ter procurado Xavier por muito tempo, descobriu-o em uma pobre choupana, no meio de oito neófitos que tendo-se declarado contra os bonzos, mais energicamente que os outros, tinham mais a recear da sua vingança.

D. Eduardo não pôde convencer o seu santo amigo.

- Meu querido Eduardo, lhe disse ele, eu seria muito feliz se me acontecesse aquilo a que chamais uma desgraça, e que eu chamo a maior felicidade! Não mereço que Deus me conceda um tal favor, e tornar-me-ia muito mais indigno ainda se embarcasse convosco. Isto seria uma fuga. Que escândalo para os meus pobres neófitos! Não encontrariam eles nisso um pretexto para violarem a sua fé?

Se pelo preço que recebestes dos vossos passageiros, vos julgais obrigado a garanti-los dos perigos que os ameaçam, se vós os fazeis recolher por esta razão para o vosso navio, cuja artilharia os poderá defender, não sou eu também obrigado, ainda que diversamente, a guardar o meu rebanho, a morrer aqui com ele, pelo Deus infinitamente bom que me remiu do pecado a preço da sua vida sobre a cruz? Não sou eu obrigado a assinalar com o meu sangue e a tornar público com a aninha morte, a todos os homens, que devem sacrificar o seu sangue e a sua vida por este Deus de misericórdia e de amor?

- Meu Padre, meu querido Padre, respondeu-lhe D. Eduardo, eu não vos abandonarei! Deixo-me ficar em Fucheo convosco; parto a declarar isto aos nossos amigos e a dar as minhas ordens à equipagem.

O capitão enxugou os olhos cheios de lágrimas, abraçou o santo Padre e correu à pousada dos portugueses, onde era impacientemente esperado

- Então! então! capitão, gritaram eles muito aflitos.

- Então! o santo Padre está firme como um rochedo; ele fica coxas os seus neófitos, e eu declaro-vos que me deixo ficar também. Se insistis em querer partir, cedo-vos o meu navio. Ele está em bom estado, vós tendes bons marinheiros, bons soldados, munições de boca e de guerra, dispõe de tudo, ide para onde quiserdes, pois que eu estou resolvido a partilhar da sorte do nosso santo Padre!

Todos, a uma voz, protestam que os mesmos sentimentos os animam, que abandonam as suas riquezas de bordo à guarda de Deus e da tripulação, e que não sairão da cidade antes do seu amado Padre.

Os bonzos, irritados de despeito, quando souberam do adiamento da partida de Xavier, reúnem-se em número de três mil, chamados a pressa de todos os pontos do reino, e solicitam de Civandono permissão para atacar de novo a doutrina do bonzo cristão. Foi-lhes concedida aquela licença com a condição de que eles seriam mais moderados, e que as conferências se fanam em presença do rei e dos grandes da sua corte, os quais decidiriam de que lado estava a verdade.

Muito adiantados para poderem recuar, os bonzos aceitam, são vencidos pelo grande Xavier, e o rei declara que sendo a doutrina cristã infinitamente mais perfeita que a dos bonzos do Japão, deseja que ela seja propagada nos seus estados, acrescentando que vai despachar um embaixador ao vice-rei das Índias, a fim de lhe pedir, em seu nome, Padres da Companhia de Jesus para evangelizar o seu reino.

Os bonzos enfurecem-se em invectivas contra Xavier; lançam todas as maldições do inferno sobre Civandono e sobre os grandes da corte, e retiram-se levados do maior desespero.

Mas o povo, tendo conhecimento da decisão real, subleva-se contra os impostores que tinham abusado até então da sua credulidade, força-os a fugir e a ocultarem-se nos seus templos.

O rei fez afixar um édito fazendo constar que não receberia mais os bonzos no seu palácio, e ameaçando com as mais severas penas aos que ousassem inquietar os cristãos.

Esta medida aterra os sacerdotes idólatras e força-os a tomar a retirada. Estabelece-se o sossego, o Santo apóstolo foi despedir-se do rei prometendo-lhe apoiá-lo o seu embaixador e de ele próprio designa os Padres da sua Companhia que deveriam ser mandados para o reino de Bungo; depois dirigiu-se, com o embaixador, Mateus e Bernardo, ao porto de Figen onde D. Eduardo da Gama preparava ativamente a partida.

Francisco Xavier achando-se no meio dos seus amigos, a bordo do navio, pediu-lhes que orassem ardentemente não somente pela viagem que iam empreender, mas ainda e especialmente por Malaca.

- O que foi que aconteceu, meu Padre? perguntou o capitão.

- A desgraçada cidade de Malaca, replicou o Santo elevando para o céu os olhos inundados de lágrimas, está sitiada por terra e por orar! Os javaneses e os malaios, em número de doze mil, marcharam contra ela... e D. Pedro da Silva, auxiliado por D. Fernando de Carvalho, não têm podido sustentar os seus ataques! Os javaneses estão senhores da praça e saquearam-na! Dos trezentos portugueses que ela encerrava massacraram mais de cem, e os outros retiraram-se para a fortaleza.

Desgraçada Malaca! essa cidade não é hoje mais que um lugar de horror... A morte!... a carnificina!... mortos milhares de prisioneiros!...

São os pecados daquela culpável cidade que lhe atraíram estes castigos!... Oh! orai, meus amigos! orai muito por ela!...

- Mas isso é horroroso, meu Padre! Como soubestes tudo isso? Nenhum navio aqui chegou...

- Deus mo fez saber, respondeu amavelmente Xavier baixando os olhos.

Esta predição lançou a consternação em todos os corações, porque cada um dos que compunham a equipagem do São Miguel tinha interesses e afeições em Malaca.

Levantaram ferro, sob estas tristes preocupações, a 20 de Novembro de 1551, por um mar semeado de escolhos e perigoso em todas as estações, mesmo para os mais experimentados navegantes.

VOLTA ÀS ÍNDIAS ILHA DE SANCIÃO

NOVEMBRO 1551 - DEZEMBRO 1552

Índice

I. VIAGEM TORMENTOSA - DE NOVO
EM MALACA - VIAGEM DA CHINA

II. VOLTA A GOA - REFORMA O
COLÉGIO - AS DESPEDIDAS

III. CASTELO DE XAVIER - O
SANGUE DO CRUCIFIXO - IMPIEDADE DE
UM GOVERNADOR

IV. CARTA DE XAVIER - VIAGEM
PARA SANCIÃO

V. EM SANCIÃO - A CHINA A VISTA

VI. NA ILHA DE SANCIÃO -
ABANDONO E SOFRIMENTO - O FIM DO
EXÍLIO

VOLTA ÀS ÍNDIAS ILHA DE SANCIÃO

NOVEMBRO 1551 - DEZEMBRO 1552

I. VIAGEM TORMENTOSA - DE NOVO EM MALACA -
VIAGEM DA CHINA

Cinco dias haviam decorrido sem o brilho do sol no firmamento; cinco noites em que nem uma só estrela cintilava no céu; a chuva não cessara de cair em torrentes; as nuvens, ora chumbadas, ora acumuladas pareciam tomar um aspecto mais sombrio ainda; um vento violento, impetuoso, elevava as vagas ameaçadoras a uma altura prodigiosa; a tempestade aumentava visivelmente ...

...De súbito, muitas vozes a um tempo lançam rio espaço um grito dilacerante... e depois... nada!... silêncio de morte! Só se ouve o medonho rugir das vagas!

- Meu Deus! meu Deus! eles foram devorados pelas vagas! a embarcação submergiu-se! Depressa! em seu socorro virai de bordo!...

- Mas, capitão, vós nos fareis submergir também.

- Virai de bordo! eu quero salvá-los!...

- Perder-nos-eis sem os salvar! O menor movimento nos fará sossobrar!...

Não obstante estas judiciosas advertências, do imediato e do piloto, o

capitão ordena a perigosa manobra. Porém logo no começo da execução, uma medonha montanha de água avança e volta a embarcação que não pode levantar-se mais.

Passageiros, soldados e marinheiros, precipitam-se em desespero sobre a ponte; ali se reúnem em grande confusão agarram-se às cordas, evitam os movimentos, tornam a manobra impossível, e soltam gritos lancinantes.

Assim reunidos no interior, são um obstáculo a toda a tentativa de salvação.

A morte é infalível... a submersão é inevitável!... Uma nova vaga mais horrorosa ainda, vem despenhar-se sobre aqueles desgraçados... O que será feito do navio, da sua equipagem,, das suas riquezas!... Tudo se vai perder!.. . tudo vai submergir-se!...

Depois de seis dias da mais feliz navegação, variara o tempo subitamente, e o São Miguel fora impelido pela violência da tempestade, para um mar desconhecido dos portugueses. Decorreram cinco dias desde que se viam batidos por aquela horrível tormenta; o céu, carregado de nuvens, não permitia que se tomasse a altura e a tempestade em sucessivo aumento! O capitão mandara arrasar o castelo da proa e ordenara em seguida que se amarrasse solidamente a chalupa; mas sobrevindo a noite durante aquele trabalho, não permitia receber a bordo Afonso Calvo, sobrinho do capitão, quatro outros portugueses e dez índios escravos e marinheiros, que para ali haviam descido. Algumas horas depois, o furor das vagas quebra as amarras que retinham a chalupa, e os homens, que nela se achavam soltavam gritos de agonia que levavam o desespero ao coração de D. Eduardo da Gama e o arrastaram à imprudente manobra cujo resultado devia ser tão deplorável.

Mas a Providência velava pelo navio que levava o seu escolhido. Deus queria manifestar duma maneira maravilhosa a sua predileção pelo ilustre apóstolo do Oriente, e operar um daqueles prodígios cuja memória se eternizasse.

Francisco Xavier acabava de subir para o convés, e no momento em que a medonha vaga submergia o navio, ouviu-se a seguinte exclamação

"Jesus! Salvador dos homens! amor da minha alma, socorrei-nos! eu vo-lo rogo pelas venerandas chagas que vos fizeram na cruz por nossa causa!"

No mesmo instante, o São Miguel já submergido, volta à flor da água, ninguém morrera! A tempestade diminui, o céu aclara-se e pode-se já orientar e vai-se seguir o rumo da viagem...

- Procuremos a chalupa! diz o capitão.

Os marinheiros sobem pelas enxárcias; olham em todas as direções... Nada! o mar... e só o mar! Não é possível duvidar-se, a embarcação fora a pique

Prossegue-se tristemente na viagem, deplorando-se a desgraça da morte de quinze homens; cada qual, sob a impressão do perigo de que acabava de escapai por milagre, partilha mais sensivelmente da dor do capitão que chora seu sobrinho, e a dos portugueses e dos índios que choram seus amigos ou seus parentes.

Francisco Xavier vertia lágrimas também, porque a chalupa que desaparecera levava dois muçulmanos cuja conversão não pudera conseguir, e atribuindo a obstinação que mostraram tão somente à sua indignidade

peçoal, pedia a Deus, com todas as forças da sua alma, o salvamento daqueles infelizes por um milagre, para se não perderem para a eternidade duas almas que ele tanto desejava arrancar ao inferno. E em seguida, aproximando-se do capitão, disse-lhe:

- Meu caro Eduardo, consolai-vos; a chalupa voltará; a filha virá juntar-se a sua mãe.

Oh! acabou-se, meu Padre! Eu não posso esperar isso a não ser por um milagre... respondeu-lhe D. Eduardo.

Contudo, Xavier havia-lhe dito: "Ela voltará". Aquela palavra era para ele a esperança. Fez ainda subir um marinheiro... Nada! nem um ponto se via no mar! O santo Padre retirara-se dali; depois de duas horas de oração voltou à ponte e perguntou:

- Então! capitão, vê-se a chalupa?

- Não, meu Padre!

- Fazei subir para o cesto da gávea, caro senhor, a embarcação voltará.

- Sim, diz impacientemente Pedro Velho, uma chalupa virá talvez algum dia, mas não será aquela que nós perdemos.

- Senhor Pedro, replicou o nosso Santo, vós duvidais da bondade e do poder de Deus? Isso é não ter fé. Nada lhe é difícil, nada lhe é impossível. Eu pus a chalupa sob a proteção da Santíssima Virgem, fiz voto de celebrar três missas a Nossa Senhora do Monte se ela nos for restituída com os quinze homens, e tenho tanta confiança na misericórdia infinita de Deus que espero vê-los voltar sãos e salvos.

Vejamos, capitão, acrescentou ele dirigindo-se a D. Eduardo, rogo-vos que façais subir um dos vossos para o cesto da gávea!

D. Eduardo, por deferência para com o santo Padre subiu ele próprio com um marinheiro, esteve em observação durante meia hora, e desceu completamente desenganado: o mar não oferecia à vista o menor ponto negro em toda a sua extensão!

Naquele momento, foi acometido o nosso Santo de uma espécie de vertigem que o fez vacilar, e teria caído se Francisco Mendes Pinto o não tivesse imediatamente amparado em seus braços.

- Meu Padre, lhe disse ele, há já três dias que sofreis os enjôo do mar e não tendes repousado nem um só momento; assim adoecereis por certo! Rogo-vos pois, como um favor, que descanseis por algum tempo na minha câmara!

Em todas as viagens do mar, Xavier, por amor à sua santa pobreza, não aceitava a câmara em nenhum navio. Quando ele quisesse isolar-se ia para a do capitão ou dum dos seus amigos, e para dormir estendia-se sobre a coberta, com a cabeça apoiada às cordas. Cedeu, porém, às instâncias de Mendes Pinto e rogou-lhe que fizesse guardar o seu escravo chinês para que ninguém o fosse estorvar.

Mas longe de se entregar ao repouso de que tanto carecia, o santo Padre esteve em oração até ao fim do dia e voltou à ponte no momento em que o sol desaparecera no horizonte.

- Vê-se a chalupa? perguntou ele ao piloto.

- Oh! é preciso esquecermos a chalupa, meu Padre. Como quereis vós que ela tenha resistido a uma tão horrorosa tempestade? E quando mesmo um milagre a tivesse salvo, não a poderíamos ver porque estaria a cinquenta léguas daqui, pelo menos.

- Vós raciocinai muito bem, tudo isso é muito justo, replicou Xavier, mas Deus não faz as coisas a meio: se ele salvou a chalupa por um milagre, pode também por um milagre fazê-la avançar. Antes que a noite venha, fazei subir alguém ao cesto da gávea, e me fareis com isso um grande favor.

- Nada há que eu não faça para vos obsequiar, meu Padre, vou eu mesmo subir até lá.

Mas dali a pouco desce o piloto sem ter descoberto coisa alguma.

- D. Eduardo, disse Xavier ao capitão, a chalupa vem, estou bem seguro disso! Suplico-vos, pois, que ponhais o navio à capa para lhe dar tempo de se reunir a nós!

A ordem foi dada e logo executada, suspendendo-se por muito tempo o seguimento do navio; mas os passageiros, que sofriam assim fortes balanços e não podiam crer na volta duma embarcação submergida, perdem a paciência e gritam com toda a força.

- "À vela! à vela, capitão, à vela! à vela!"

O Padre Xavier lança-se sobre a antena, apoia ali a cabeça e rompe em soluços

- Um pouco de paciência, eu vos suplico! diz ele aos passageiros; a chalupa vem; - e levantando para o céu os Olhos cheios de lágrimas, exclama: - "Jesus! meu Senhor e meu Deus! eu vos imploro, pelos sofrimentos da vossa santa Paixão, que tendes piedade daquela pobre gente que vem para nós através de tantos perigos"!

Depois, baixou as pálpebras e conservou a cabeça apoiada sobre a antena, sem fazer um movimento, sem pronunciar uma palavra; julgavam-no adormecido.

- "A chalupa! Milagre! Milagre! Ei-la"! grita um jovem colocado junto do mastro grande.

Tudo corre, tudo grita, apertam-se, empurram uns aos outros, todos querem vê-la... A chalupa estava ali; os seus tripulantes estavam todos; era uma alegria, uma felicidade, lágrimas, ações de graças a Deus e ao santo apóstolo a quem u devia um tal prodígio; era um verdadeiro delírio!

A embarcação detém-se por si só junto do navio, e conquanto o mar estivesse muito agitado, a chalupa conservava-se imóvel enquanto os seus quinze homens subiam para bordo do São Miguel; ela não vinha avariada, e parecia nada ter sofrido.

Depois das primeiras impressões de alegria, todos se empenham em dirigir perguntas aos que com tanta felicidade haviam recuperado.

- Que um fale por todos, disse o capitão.

- Sim, é melhor! é melhor! dizem todos; que D. Afonso Calvo conte o que lhe aconteceu!

- Muito bem! mas saibam que não nos aconteceu absolutamente nada, disse Afonso.

- Como?! Nada?!

- Não, com toda a verdade. Eu nunca vi um piloto como o Padre Francisco! Ele guiou-nos por entre escolhos e furores do mar, com mais perícia do que o teria feito o melhor e mais prático de todos os marinheiros; nós não experimentámos um só momento de temor, não obstante a violência da tempestade.

Todos se mostraram surpreendidos de pasmo.

O capitão, penetrado da dolorosa idéia de que seu sobrinho enlouquecera em resultado do perigo, lança um triste olhar em torno de si; nota igual impressão em todos os semblantes e recolhe-se a um silêncio cheio de dor; ninguém tem a coragem de lhe dirigir mais perguntas, é um sofrida mento geral.

D. Afonso descobre a impressão causada pelas suas palavras, mas nada compreende

- Que achais, pois, vós todos de tão extraordinário e admirável no que acabo de dizer-vos? perguntou ele.

- O Padre Francisco não estava convosco, meu amigo, disse tristemente o capitão.

- Sim, meu tio, sim capitão, ele estava conosco, responderam ao mesmo tempo quinze homens salvos milagrosamente. Ele pode dizer-vos isso melhor do que nós. Onde está ele?

Procura-se o Padre Francisco; tinha-se retirado; estava em ação de graças.

- Por que, pois, dizeis vós, instou Afonso, que isto não é verdade, quando o vistes chegar conosco e ser o primeiro a subir a bordo do navios'

- Porque ele nos não deixou nem um só momento, respondeu D. Eduardo; além disso, assegurou-me por tal modo que vós viríeis, mostrava nisso tal certeza, que, não obstante todas as aparências, eu esperei e me decidi a demorar o navio, persuadido de que ele não insistiria assim se Deus não lhe tivesse feito conhecer a vossa volta.

- A nós, replicou D. Afonso, dizia-nos ele: "Coragem! meus filhos; eu vejo o São Miguel, seguimos o seu rumo, e nos reuniremos a ele bem depressa! Tende confiança em Deus!"

Os companheiros de D. Afonso Calvo apoiavam com o seu testemunho tudo quanto ele acabava de dizer, quando os dois muçulmanos, que tinham estado a conversar em voz baixa, uniram a sua afirmativa à dos portugueses e dos índios católicos, acrescentando, com uma viva animação, que nem um nem outro tinham visto subir o Padre Xavier para o navio; que eles tinham os olhos sobre ele no momento da abordagem, e que deixaram de o ver de repente, enquanto D. Afonso subia, mas que ao mesmo tempo o viram sobre a ponte do navio.

- Para nós, disse um deles, o facto é suficiente; a maneira como ele

nos trouxe é um grande milagre; a sua presença sobre a chalupa, quando está provado que ele não deixou o navio, é um milagre maior ainda; a religião do profeta nunca fez tais prodígios, e, nós o dizemos abertamente, vamos pedir o batismo ao Padre Francisco! Se Jesus Cristo não fosse Deus, o santo Padre, como vós o chamais, não faria tão grandes milagres em seu nome.

Tudo estava explicado. D. Afonso não estava louco; os seus catorze companheiros não o estavam também. Deus operara uma sucessão de prodígios a rogos do grande Xavier: salvara o São Miguel; salvara a chalupa; conduziu esta ao navio; acalmara a violência da tempestade; tornara sensível a presença do seu santo apóstolo em dois lugares ao mesmo tempo, e tudo isto durante vinte e quatro horas.

Todos tinham pressa de tornar a ver o nosso Santo; desejavam agradecer-lhe, ouvir a sua meiga voz, prostrarem-se a seus pés. Achavam a sua oração muito longa!

Se pudessem interrompê-la! mas isso não era possível: era necessário esperar com paciência, e resignavam-se com pesar quando finalmente ele tornou a aparecer com grande alegria de todos.

Os quinze homens que ele tão milagrosamente salvara, prostraram-se a seus pés agradecendo-lhe coxas lágrimas e pedindo-lhe a sua bênção:

- Meu Padre! fostes vós que nos salvastes! diziam eles, éreis vós que dirigíeis o leme!...

- Não, meus amigos, era a mão de Deus que o dirigia! é a ele que deveis agradecer, a ele somente! responde-lhes o santo Padre, fazendo-se vermelho.

Depois, dirigindo-se ao capitão, disse-lhe

- Agora, à vela! meu caro Eduardo; Deus vai dar-nos a mais feliz viagem.

Treze dias depois, chegavam à ilha de Sanção [76].

Quando deixou o navio de D. Eduardo da Gama, Xavier disse ao piloto Francisco de Aguiar:

- "Vós não morrereis no mar, por mais violentas que sejam as tempestades que afrontardes, e por mais frágil que seja o navio em que embarcardes".

Francisco de Aguiar tinha visto o bastante para crer cegamente nas palavras proféticas do grande apóstolo. A partir daquele momento, nunca mais se importou nem do vento, nem da estação, nem do barco em que embarcava; cantava durante as tempestades.

Surpreendido uma vez por uma borrasca aterradora, em viagem de Tenasserim para o reino de Pegu, num ruim barco em que havia recebido alguns passageiros maometanos, conservava a sua alegria de espírito e não se mostrava pesaroso senão por ter de ver um navio quebrar-se contra um rochedo.

- Como podeis vós cantar, disse-lhe um dos passageiros quando vedes a morte a ameaçar-vos assim?

- O Padre Francisco, nosso santo Padre, predisse-me que eu não morreria no mar! Quando as vagas fossem dez vezes mais elevadas eu não as

temeria e navegaria, através de semelhante tempestade, em um barco de vidro! Mas vós não podeis compreender isto, vós que não sois da nossa religião! O vosso profeta não faz milagres como o nosso santo Padre!

- Se não ficarmos submergidos, será seguramente por um milagre, disse um dos muçulmanos, porque nunca vi tormenta mais furiosa e o vosso barco não pode lutar senão por um prodígio impossível de explicar.

- Prometeis converter-vos, se chegarmos a salvamento?

Sim! sim! exclamaram os infiéis; como não podemos escapar à morte sem milagre, pediremos o batismo em Tavar.

Chegados a Tavar, descobrem sobre a praia muitos barcos quebrados; conhecem que a tempestade causara a perda de muitas vidas e bens e fazem-se cristãos mesmo em Tavar.

O navio Santa Cruz, pertencente ao capitão Diogo Pereira, achava-se no ancoradouro de Sancião, prestes a fazer-se à vela para Malaca, assim como um outro navio português. Xavier, intimamente relacionado coxas o capitão do Santa Cruz, embarcou a bordo; o vento variou repentinamente e tornando-se favorável para aquela direção, levantaram ferro a 3 z de Dezembro de 1551.

- Por um mar tão calmo, disse o capitão, quando se viram ao largo, podemos conversar sossegadamente. Falai-nos do Japão, meu Padre; estais satisfeito? -

- Deus abençoou os nossos trabalhos, respondeu o santo apóstolo; o Evangelho fez magníficos progressos nos reinos de Saxuma, Firando, Amanguchi e Bungo; sente-se somente a falta de obreiros em um solo tão fértil, e eu espero poder enviá-los em breve. Mas é necessário empreender-se também a conversão da China e tratar de aí penetrar logo que eu tenha regulado os negócios e os interesses da Companhia nas Índias para onde neste momento sou chamado. Tenho já um catecismo traduzido em chinês..

- Mas, meu Padre, disse-lhe João Lopes, um dos passageiros, como conseguireis isso? A China, não somente não admite os nossos navios nos seus portos, mas ainda proíbe, sob pena de morte, ou de cativo perpétuo, que qualquer estrangeiro entre no seu império. Alguns mercadores nossos tentaram-no; sabe-se que uns foram mortos e outros acorrentados como malfeitores. Creio, contudo, que só tendes um meio de aí chegar, meu Padre: é com uma solene embaixada em nome do rei de Portugal.

- Esse seria um meio excelente! disseram todos os portugueses; João tem razão, mas a despesa seria enorme.

São necessários, acrescentou Lopes, ricos presentes para o imperador e para os ministros, sem falar das despesas de armamento e outras... O vice-rei não poderá, por certo, sobrecarregar-se delas, hoje que a guerra exige sacrifícios tão consideráveis.

- Compreendo todas essas dificuldades, disse Xavier, mas confio e espero na Providência...

- Meu caro Padre, exclamou o capitão imediatamente, o meu navio e a minha fortuna estão ao serviço de Deus e ao vosso! Eu vo-lo ofereço de todo o coração para a conversão da China l

Xavier apertou ao seu coração o amigo tão digno dele, e abraçou-o com

lágrimas de reconhecimento, dizendo-lhe:

- Aceito! meu excelente amigo, aceito com alegria! Deus vos pagará o que lhe ofereceis tão generosamente. Eu me encarrego de obter do vice-rei a embaixada necessária para a minha entrada.

- Eu só temo uma coisa, meu Padre, acrescentou o capitão, é que se retenha o meu navio em Malaca para o serviço do rei; porque está sendo ali horrível a guerra.

- Sim! respondeu-lhe Xavier. Ela foi bem mortífera! mas Deus, cuja misericórdia é infinita, compadeceu-se. No momento em que a fortaleza, não podendo resistir por mais tempo, ia render-se, os infiéis, dominados por um terror pânico, tomaram a fuga e a cidade está livre.

Francisco Xavier acabava de revelar o que Deus lhe fizera conhecer, com tanta sinceridade e dignidade, que ninguém se atreveu a dizer sequer uma palavra. Depois de alguns momentos de silêncio o capitão replicou:

- Meu caro Padre, vós tendes pressa de chegar a Goa, eu sou obrigado a ir a Sunda, e a estação vai já bastante adiantada para se poder esperar que encontreis, à vossa chegada. a Malaca, um navio pronto a sair para as Índias.

- Antônio Pereira aí está com o seu navio no ancoradouro; ele dispõe-se a fazer-se à vela, para Cochim, nós o encontraremos prestes a partir, e aproveitarei essa oportunidade, respondeu Xavier.

Naquele momento, um pé de vento súbito levanta uma violenta tempestade; era o tufão, perigoso nos mares da China, que se desencadeava com furor.

A tripulação e os passageiros surpreendidos e aterrados suplicam ao santo Padre que os salve, que ore e rogue para obter a bonança.

Xavier não responde; retira-se por alguns instantes para a câmara do capitão, e torna a aparecer sobre a ponte com os olhos elevados para o céu, o semblante animado, ar inspirado... Abençoa o navio em voz alta, e depois acrescenta:

"O navio Santa Cruz não se perderá no mar! O lugar que o viu construir o verá destruir-se por si mesmo. Prouvera u Deus que aquele que partiu conosco seja tão feliz: mas não saberemos senão muito tarde qual foi a sua triste sorte!"

O Santo acabava apenas de pronunciar aquelas palavras quando o furacão cessou, o mar tornou-se tão sossegado como na partida. Em seguida descobriram-se dois marinheiros boiando sobre uma prancha e fazendo penosos esforços para atingirem o Santa Cruz; presta-se-lhes imediato socorro e são recebidos com o maior interesse...

Aqueles marinheiros pertenciam à equipagem do navio que seguira o de Diogo Pereira, e que levado pelo tufão se quebrara contra um rochedo; tudo se perdera, vidas e fortunas. Os dois naufragos que se acabavam de salvar eram os únicos a quem a Providência poupou a vida.

O capitão Diogo Pereira deteve-se em Singapura; uma fragata ia fazer-se à vela daquele porto para Malaca.

Francisco Xavier, de todo confiado na inspiração que recebera relativamente à presença do capitão Antônio Pereira no ancoradouro de Malaca, escreveu-lhe pedindo que retardasse por três dias a sua partida para

Cochim. Escreveu também ao Padre Peres dando-lhe ordens para preparar tudo de modo que ele pudesse embarcar sem demora.

A nova da chegada tão próxima do santo Padre espalhou-se em poucas horas por toda a cidade de Malaca.

"Ah! se ele aqui estivesse, nós não teríamos sofrido tanto nesta horrível guerra! Ele nos teria prestado maiores socorros que o mais numeroso e zoais valente exército"!

Ao desembarque, encontrou o santo Padre a população reunida no porto e empenhada em comunicar-lhe todas as desgraças com que haviam sido oprimidos na sua ausência

- Vede, santo Padre, todo este belo bairro destruído pelos javaneses!... E este, vede, meu Padre, olhai! não reconhecereis por certo esta rua!

- Meus queridos filhos, respondeu o Santo, vós recaístes em tão grandes pecados! tendes ofendido tanto a Deus e admirais-vos que Ele vos haja punido? Fazei penitência! Atraístes sobre vós a cólera de Deus; trabalhai agora por atrair a sua misericórdia; ela é infinita, não esqueçais isto!

Aquele que era acolhido com tanto amor e entusiasmo fazia a sua entrada solene numa cidade, onde era olhado como um soberano, vestido de uma pobre batina, cujos farrapos mal remendados, ameaçavam escapar-se do grosso fio que os retinha. Dois dias depois, o humilde apóstolo ceava em casa do seu amigo D. Francisco de Paiva com alguns outros portugueses.

- Meu Padre, disse-lhe D. Francisco, vós pareceis-me mais formoso, mais belo, esta noite; foi para nos honrar que vestistes essa bela batina?

O Padre Xavier olha-se, examina-se... e diz com surpresa

- Mas é verdade, é uma batina nova!... Como foi que isto aconteceu? Não me reconheço a mim próprio!... Estava convencido que vestira esta manhã a batina que ontem trazia.

A sua admiração divertia tanto os seus amigos, que ele compreendeu a decifração do enigma.

- Esta bela batina enganou-se, agora vejo eu, lhes disse ele; ela buscava o seu dono nas trevas e tomou-me por ele.

Tinha-se com efeito trocado a sua pobre batina por uma nova enquanto ele dormia; ele vestira-a sem dar por isso, passara todo o dia sem pressentir a mudança., e foi necessário que D. Francisco de Paiva lhe dirigisse um gracejo sobre o seu asseio e garbo para que conhecesse a pequena burla dos seus amigos.

D. Pedro da Silva não era já governador de Malaca; estava substituído por seu irmão D. Álvaro de Ataíde da Gama. O Padre Xavier foi visitar um e outro; comunicou-lhes o seu projecto de embaixada para a China, que aprovaram, no interesse da coroa de Portugal, assim como no da religião, e recebeu com alegria a promessa do seu apoio:

- Eu vos seria muito mais útil na execução deste plano, disse-lhe o governador, se acumulassem em mim a intendência da marinha, mas não sou o intendente e ignoro mesmo a quem este cargo, vago desde há pouco, será dado. A minha autoridade limita-se à cidade; contudo, prometo-vos, meu

Padre, empenhar todos os meios a meu alcance. Demais, vós ides ter com o vice-rei, estais na sua graça, podeis fazer uma coisa: pedir-lhe que me nomeie intendente, conquanto seja já governador da cidade; a vossa empresa caminhará às mil maravilhas. Ser-me-á livre equipar um navio da armada real para essa embaixada, e procurarei fazer as coisas de modo que ela se realize!

- Senhor governador, respondeu Xavier, eu apresentarei com a melhor vontade o vosso pedido...

- Não, não, meu Padre! É necessário pedir como um simples desejo da vossa parte. Eu não devo entrar nisso de modo algum!

- Assim o farei, senhor.

E o nosso Santo, a quem Deus não quis esclarecer naquele momento sobre as intenções de D. Alvaro, deixou-o cheio de -esperança e encantado do seu acolhimento.

Diogo Pereira, fiel à sua promessa, deu-lhe trinta mil escudos de ouro para as primeiras despesas, e o grande Xavier, tendo terminado os seus arranjos, embarcou no navio de Antônio Pereira, que só esperava por ele; os três japoneses também o acompanhavam, e fazendo-se à vela para Cochim, aí chegaram a 24 de janeiro de 1552.

II. VOLTA A GOA - REFORMA O COLÉGIO - AS DESPEDIDAS

O jovem rei das Maldivas tinha vinte anos; não era o benquisto dos seus vassallos, e estes, por uma revolta que promoveram, querem o seu trono e a sua vida. Ele abandona um para salvar a outra, e refugia-se na costa do Malabar, esperando que os portugueses lhe prestariam o auxílio das suas armas, e que não tardaria a voltar vencedor aos seus estados.

Mas os exércitos portugueses, espalhados e ocupados nas colônias indianas, em as defender contra os seus vizinhos, não puderam ser empregados em favor do príncipe destronado; tudo quanto se pôde fazer por ele, foi receberem-no numa cidade portuguesa que quisesse escolher para a sua residência. Achava-se então em Cochim e aí ficou, mas numa posição assaz vexatória.

A Companhia de Jesus ofereceu-lhe um asilo na sua casa, e ele, ainda que maometano, e abertamente inimigo da religião cristã, aceitou o benefício que os apóstolos daquela religião lhe queriam fazer para o consolar da desgraça em que os seus vassallos maometanos o haviam cruelmente lançado.

O Padre Herédia empreendeu a sua conversão; ... era coisa difícil. Ele deixou-se instruir voluntariamente e escutou tudo quanto lhe disseram; dotado de uma inteligência notável, compreendia, retinha tudo que lhe ensinavam apreciando, até a verdade, de que nunca duvidou; mas poderia um cristão esperar reinar nas Maldivas?

O jovem príncipe queria recuperar a autoridade real que lhe haviam arrebatado.

- Eu creio, dizia ele ao Padre Herédia, eu vejo que a verdade está do vosso lado; mas se me tornasse cristão os meus vassallos não me reconheceriam jamais.

- E antes preferis perder a vossa alma para a eternidade, do que o vosso trono por algum tempo? perguntava-lhe o Padre.

- Eu desejo reinar!...

- Reinareis no Céu, onde não existem revoltas e de onde ninguém é forçado a fugir...

- Não faleis mais nisso, senhor. Eu não serei cristão enquanto me restar a menor esperança de recuperar a posse dos meus estados.

- Pois bem! replicou o Padre, nós esperamos o nosso santo Padre Xavier; vós sabeis que faz tantos milagres, que, para ele, o maior, o mais admirável, não lhe é impossível. Vereis que ele vos baptizará!

- Eu respondo pelo contrário, senhor, porque ele nada conseguirá contra a minha vontade.

- Não, príncipe, sereis vós mesmo que lho pedireis; não resistireis ao efeito da sua presença.

Alguns dias depois, sacrificando generosamente as suas esperanças, terrestres às esperanças da vida futura, o jovem príncipe, orgulhoso daquela feliz mudança, recebia solenemente o batismo... S. Francisco Xavier abraçara-o à sua chegada.

O nosso Santo não devia demorar-se em Cochim senão até que algum barco se fizesse à vela para Goa. Durante aquela curta permanência, aproveitou a partida de um navio para Lisboa, para escrever ao rei de Portugal, ao Padre Simão Rodrigues, à Companhia de Jesus em Roma e a Santo Inácio.

"Meu excelentíssimo Padre, escrevia ele a este último[77].

Na minha volta do Japão, encontrei em Malaca as vossas cartas.

Deus sabe com que prazer eu acolhi a notícia da vossa saúde, que me é tão cara e tão preciosa!

Os conselhos que me dais enchem-me de consolação! Eles respiram toda a vossa doçura, toda a vossa piedade; leio-os, releio e sobre eles medito; o meu coração e o meu espírito deles se alimentam. Que deliciosa lembrança por mim contém estas últimas palavras que vieram tocar a minha alma: Eu sou todo vosso, de modo que nunca de vós me esquecerei!

Lendo estas palavras traçadas por vossa mão, deliciosas lágrimas sulcaram o meu rosto! E ainda, no momento em que vos escrevo, elas caem sobre o papel, com a recordação daquele feliz tempo em que vós me estreitáveis nos vossos braços, como objecto de um amor tão puro como sincero, e que me segue ainda além dos mares!

É às vossas ardentes orações que eu devo esta protecção divina que, em meio de inumeráveis perigos que acabo de atravessar, por mares e nas terras do Japão, jamais metem abandonado! ...

...Dizeis, no excesso da vossa amizade por mim, que desejaríeis ardentemente ver-me uma vez ainda antes de morrer. Ah! Deus somente, que vê o fundo do meu coração, sabe que viva e profunda impressão fez em minha, alma este terno testemunho do vosso amor!

Cada vez que me recordo, e isto me acontece constantemente, meus olhos enchem-se de lágrimas involuntárias; e quando se apresenta ao meu espírito a deliciosa idéia de que poderei abraçar-vos ainda uma vez, porque nada há que a santa obediência não possa fazer, vejo-me no mesmo instante surpreendido por uma torrente de lágrimas que não posso suspender!"

Esta carta, de que não citaremos mais que estes dois fragmentos, levava por sobrescrito: Ao douto instituidor Inácio, meu santo Pai em Jesus Cristo.

Com aquela excessiva sensibilidade que tinha lágrimas para todas as emoções; com aquela constância nas suas afeições, que de cada uma das suas recordações fazia uma saudade do passado, um martírio no presente; com aquela natureza tão delicadamente impressionável, e algumas vezes tão enérgica e tão poderosa, qual devia ser o mérito do nosso heróico Xavier!

Separado por quase quatro mil e quinhentas léguas, assina-se nas suas cartas escritas ao Pai da sua alma: "O menor dos vossos filhos que estão no exílio tão longe de vós!"

Era um sacrifício de cada dia aquela separação! Mas a glória de Deus chama-o às Molucas, e sem hesitar corre para duzentas léguas mais longe! Ouve a voz de Deus chamá-lo ao Japão, e lança-se através de todos os perigos de que é ameaçado, e interpõe mais seis mil léguas entre a Europa e ele!

Agora entrevê a China, viu os chineses escutá-lo com interesse em Amanguchi; Deus concede-lhe no mesmo instante, o perfeito conhecimento da sua língua, e conclui disto que deve levar a fé àquele império, e não pensa senão em preparar os meios para aí penetrar, felicitando-se por ter de sacrificar uma vez mais as vivas afeições do seu coração à glória e ao serviço de Deus

"Tenho esperanças, escrevia ele à Companhia de Jesus, de que Deus dará entrada na China não somente à nossa Companhia, mas também a todas as outras Ordens religiosas [78], como em campo aberto à santificação de todas, a fim de que façam brilhar todas as suas virtudes no meio daquele povo morto, e que carece de ser chamado à vida! ...

...Ah! que não possa eu pintar-vos as consolações que a Deus aprouve derramar sobre os nossos trabalhos! Oh! se eu pudesse fazê-las compreender às nossas Universidades européias! Assim eu pudesse fazer-lhas gozar e saborear!

Se tantos jovens, que se entregam tão seriamente aos estudos, tivessem aproximado os seus lábios, uma vez que fosse, desta deliciosa bebida, vê-los-íamos bem depressa voltar as suas vistas para as nações infiéis, ambicionar a glória de nelas fazer a conquista das almas em nome do soberano senhor de todas as nações!...".

Naquela ocasião, muitos membros da Companhia de Jesus, disseminados pelas Índias, se dirigiam a Goa, por ordem de Xavier, e outros vendo-se obrigados a irem ali em negócios de interesses das suas cristandades, o nosso Santo, à sua chegada, nos primeiros dias de Fevereiro achou-os quase todos reunidos no colégio da Santa-Fé. E se ele gozava a consolação das infinitas bênçãos com que Deus fizera acompanhar os seus trabalhos, se se julgava feliz por saber que o rei, fazendo justiça às suas reclamações, atendera ponto por ponto os seus pedidos, e a religião fizera os mais satisfatórios progressos nas Índias portuguesas; se lhe causou grande alegria saber que o número dos cristãos se elevava já a quinhentos mil na costa da Pescaria, onde o Padre Criminale estivera a ponto de ser morto pelos Badegás, vivamente o desconsolou e afligiu o estado em que encontrava o Colégio.

O caráter independente do Padre Gomes tinha aí perturbado tudo; ele administrava-o segundo as suas idéias e não segundo o espírito da Companhia; desprezava todas as observações que lhe faziam.. A cidade de Cochim desejava um colégio; o Padre Gomes é sabedor desse desejo e parte para o ir estabelecer por si próprio. Entende-se com o comandante da fortaleza que lhe cede a igreja da Mãe de Deus, sem consentimento do vigário geral e da confraria a que ela pertencia.

O Padre Gomes aceita a doação, a confraria intenta-lhe um processo e ele sustenta-o. O povo habituado à humildade, à caridade, à brandura dos Padres da Companhia de Jesus, não pode tolerar a sua obstinação e revolta-se contra ele. "Se o santo Padre o soubesse!" diziam de todos os lados.

Ele criara inimigos em Goa, e pôs contra si toda a cidade de Cochim. As reclamações subiam frisantes e numerosas; chegaram até junto do trono, foram até ao Santo fundador da Companhia. Foi por isso de urgência chamar Xavier, e o grande apóstolo tudo deixara, transpusera mais de duas mil léguas, e achava-se em Goa.

O incidente ocorrido em Cochim pôde ser reparado.

Francisco Xavier, nos poucos dias que aí esteve, reunira na catedral, o vigário geral, o comandante, e a confraria da Mãe de Deus; de joelhos pedira perdão de todos os escândalos ocasionados pelo procedimento do Padre Gomes, e lhes restituiu as chaves da igreja a que renunciou em nome da Companhia. A confraria, profundamente penetrada do bom exemplo de tão grande humildade e desinteresse, devolveu-lhe as chaves da igreja, fazendo-lhe uma formal doação dela.

Era menos fácil reparar o mal feito ao colégio de Goa. Mas Xavier não vacila ante as medidas que julgou necessárias.

Despediu os jovens portugueses que Gomes admitira ilegalmente; tornou a chamar os jovens indianos que por ele haviam sido expulsos; restabeleceu o seminário tal como era antes; finalmente fez a Antônio Gomes sábias admoestações, acolhidas por este com tamanha altivez que forçaram Xavier a usar de severidade.

Mandou Gomes a Diu, e deu ordem ao superior dos Padres que aí residem para lhe comunicar a sua expulsão da Companhia, e para o obrigar a voltar para Portugal na primeira embarcação que se fizesse à vela para Lisboa.

As ordens do Santo apóstolo foram executadas: Antônio Gomes embarcou para Portugal, mas não chegou ao termo da sua viagem, porque o naufrágio do navio em que ia o mandou para a eternidade ! ...

Acabava Francisco Xavier de receber de Roma o título e os poderes de Provincial da Companhia de Jesus nas Índias e em todos os estados do Oriente. Santo Inácio comunicava= -lhe ao mesmo tempo todos os privilégios que lhe haviam sido concedidos a ele como chefe da Ordem, com poderes de os substabelecer nos outros membros da Companhia que ele considerasse dignos.

Munido daqueles poderes, nomeou Xavier ao Padre Barzeu vice-provincial, e ao mesmo tempo reitor do colégio de Santa-Fé. Forçou a humildade do Padre Barzeu a aceitar aqueles dois cargos, dos quais o investiu perante todos os Padres reunidos, depois do que se ajoelhou humildemente diante dele para reconhecer a sua autoridade.

O Padre Barzeu, profundamente humilhado de ver a seus pés o grande apóstolo do Oriente, prostra-se sem poder pronunciar uma só palavra, e em seguida, tentando de novo expor a sua insuficiência e sua indignidade, foi forçado a obedecer.

Xavier ordena a todos, que seguindo a santa obediência, se sujeitem ao vice-provincial como ao Padre Inácio, e o autorizou a expulsar da Companhia aqueles que procedessem independentemente da sua autoridade, ou que resistissem às suas ordens, quaisquer que fossem as suas virtudes, qualidades e talentos. Sendo a obediência para ele a primeira virtude do religioso,, tudo o mais devia ser tido como de nenhum valor naquele que a não seguisse.

Deu instruções por escrito e pormenorizadas ao vice-provincial sobre a administração temporal e espiritual da Companhia e do Colégio; depois designou a cada um dos Padres o posto que devia ocupar dali em diante, e, regulado e disposto tudo, dedicou-se aos preparativos da sua viagem para a China.

O vice-rei, a pedido de Xavier, deu a Diogo Pereira o título e os poderes de embaixador na China, encarregou-o dos presentes para o imperador e fez tudo que estava a seu alcance para secundar os projetos de Xavier. Por seu lado, Diogo Pereira, fez a aquisição de magníficas casulas de seda, paramentos de altar de brocado, quadros religiosos dos melhores artistas, enfim, brilhantes ornamentos de igreja, destinados a dar aos chineses uma idéia da majestade do culto católico e a predispô-los a favor da religião que se lhes ia anunciar.

A 7 de Abril, escrevia Xavier ao rei de Portugal:

"Nós partimos, sob a proteção de Vossa Alteza com ricos presentes de que Diogo Pereira fez aquisição em parte á custa dos vossos tesouros e em parte dos seus; mas levamos um outro tão precioso, que nenhum rei, que eu conheça, fez jamais tão magnífico a outro rei: é o Evangelho de Jesus Cristo! Se o imperador da China vier a conhecer algum dia o seu precioso valor, a ele ligará mais preço que a todos os seus tesouros.

Confio que Deus lançará, enfim, um olhar de misericórdia sobre aquele vasto império, que esclarecerá aqueles povos criados à sua imagem e que lhes ará conhecer Jesus Cristo Salvador de todos os homens.

Eu parto com Diogo Pereira e um dos nossos Irmãos. O fim desta embaixada é pedir a liberdade dos portugueses cativos naquele país, e propor um tratado de aliança entre

Vossa Alteza e o imperador da China. Mas o meu fim pessoal é o de declarar guerra ao inimigo de Deus e dos homens. E, pois, em nome do Rei dos reis que me apresentarei perante o imperador e perante os seus vassallos, anunciando-lhes que não é ao demônio, mas a Deus seu Criador, a Jesus Cristo seu Soberano Senhor, que eles devem render homenagem!

É uma empresa que pode parecer temerária e audaciosa, a de ir apresentar-me perante um poderoso monarca para o convencer do erro em que vive; se esta missão é já perigosa em face de príncipes cristãos, quanto mais o deve ser em presença da barbaria!

Mas o próprio Deus é o nosso fim, ele só nos anima, ele nos sustentará. Este pensamento enche-nos de confiança e de esperança; apoiados ao seu braço todo-poderoso, ousaremos tudo para a sua glória.

O que poderemos recear? O que teremos a temer? Não devemos recear senão a desgraça de ofender a Deus; não devemos temer senão os efeitos da sua cólera...

...A minha confiança não tem limites; quando considero que para uma missão tão sublime, para levar o facho da verdade a um outro mundo, para assim dizer, ao meio das trevas da superstição e da barbaria, Deus se dignou escolher-nos, a nós, o mais fraco e o maior dos pecadores...

É preciso, pois, que a minha vontade corresponda à confiança e ao fervor que aprouve a Deus inspirar-me na sua misericórdia infinita; é preciso que eu esteja sempre pronto a voar onde a sua voz me chama para ali proclamar a sua divina lei pois que ele quis dar-me os meios por intervenção de Vossa Alteza.

O meu imenso reconhecimento para as pessoas que aqui são os representantes de Vossa Alteza e que me têm auxiliado nos meus planos para a glória de Deus, faz-me solicitar de vós toda a sorte de graças e mercês em seu favor. Os meus desejos foram plenamente satisfeitos. Dignai-vos, Senhor, aceitar os meus sinceros agradecimentos; por mim, conservarei de tudo isto lembrança eterna".

Foi ainda de Goa que o grande apóstolo escrevia a seguinte admirável carta ao Padre Cipriano, na qual, depois de o haver repreendido severamente pela imprudência do seu zelo e pouco império do seu caráter exaltado, acrescenta:

"Até aqui tenho ditado; agora tomo a pena: reconheci a minha escrita e o meu coração.

Oh! meu querido Cipriano! se soubésseis que sentimentos de afeição por vós me tem inspirado esta carta, jamais esqueceríeis Francisco Xavier! tê-lo-íeis sempre presente no espírito, e desramaríeis abundantes lágrimas, considerando a caridade com que o seu coração arde por vós. Ah! se o segredo dos corações pudesse ser penetrado nesta vida, vós veríeis, meu Irmão Cipriano, que lugar tão profundo tendes no meu!

Sou todo vosso e não vos esquecerei jamais.

Francisco".

Aproximava-se o momento da partida.

S. Francisco Xavier empregou as últimas noites que passava no colégio em dar os seus conselhos aos Padres que ia deixar. Muito ocupado durante o dia para lhes dirigir todas as exortações e recomendações que julgava serem-lhes úteis na sua vida de um apostolado tão austero e difícil, no meio daquela mistura de índios e portugueses, consagrava-lhes as primeiras horas da noite, reservando as restantes para a oração.

Escreveu as suas instruções para cada um daqueles cujo posto oferecia maiores dificuldades, e somente as recomendações que deixou ao Padre Barzeu, vice-provincial, não tinham menos de setenta páginas, que se não podem ler sem admirarão desde a primeira até à última linha.

Finalmente, chegada a hora, o ilustre apóstolo separou-se dos seus Irmãos, a 12 de Abril de 1552, e embarcou em um navio da armada real que se fazia à vela para Malaca. A vista de Samatra, uma violenta tempestade ameaça submergi-lo e o capitão fala em alijar a embarcação lançando a sobrecarga ao mar.

- Suspendei! capitão, diz-lhe o Padre Xavier; a tempestade vai cessar antes do pôr do sol, e daqui até lá nada temos a recear.

O capitão, que conhecia o valor das palavras de Xavier, obedeceu e pouco depois declarava-se a bonança. O sol brilhava ainda no horizonte.

Achavam-se próximo de Malaca. O semblante do santo Padre altera-se subitamente; mostra uma impressão de tristeza tal que aflige os que o cercam.

- Vós sofreis, meu Padre? perguntam-lhe.

- Oh! sim, respondeu ele, e muito! Orai pela infeliz cidade de Malaca., porque ela é vítima de uma doença contagiosa que a dizima neste momento.

III. CASTELO DE XAVIER - O SANGUE DO CRUCIFIXO - IMPIEDADE DE UM GOVERNADOR

Todos os membros da nobre família de Azpilcueta de Asnarez se achavam reunidos, havia alguns dias, no velho solar de Xavier, berço de todos. Cada um deles havia recebido sob o seu tecto as primeiras carícias e a primeira educação; cada um aí recebera, mais tarde, a derradeira bênção e o último suspiro de um pai e de uma mãe terreamente venerados, e todos gostavam de reunir-se ali todos os anos com a companheira escolhida e os filhos que ela lhe dera.

Um somente faltava a essas agradáveis reuniões de família; um só se achava sempre ausente, mas este era sempre amado de todos. Demais, aquele que faltava, e cujo lugar vazio à mesa e no lar se respeitava, não era ele o mais magnífico lustre da nobre e piedosa família?

E tanto assim o consideravam, que todos se julgavam mais orgulhosos pelo

grande apóstolo das Índias e do Japão, do que pelos antepassados cujos retratos e armaduras figuravam na grande galeria do castelo. Era mesmo ele, o querido ausente, que não deviam tornar a ver mais neste mundo, que dava lugar à reunião que nos ocupa, reunião antecipada, porque corria o mês de Abril.

Mas, logo nos primeiros dias de Fevereiro de 1552, o castelão de Xavier escrevera a seus irmãos, os quais uns estavam na corte e outros rias suas terras, comunicando-lhes que um acontecimento maravilhoso, ocorrido no solar, e que ele atribuía à grande santidade do seu querido Francisco, lhe fazia desejar a presença deles o mais cedo possível.

Logo que receberam esta mensagem, os irmãos combinaram-se por cartas, e cada um providenciara para se achar no castelo de Xavier nos primeiros dias de Abril, porque as viagens naquela época se faziam por pequenas jornadas, gastando-se nelas muito tempo, mormente quando se levava família.

Na sexta-feira da Paixão, achava-se reunida toda a família, muito cedo, na capela, onde o capelão ia oferecer o santo sacrifício. Todos tinham os olhos fixos no grande crucifixo de madeira, de tamanho natural, de que já falámos, esse crucifixo que D. Francisco adorara e que sua mãe venerava em memória daquele que Deus, no seu amor de preferênciam, arrebatara à sua ternura maternal.

De repente, muitos gritos se escapam ao mesmo tempo;... todas as cabeças se inclinam;... só se ouviam soluços de todos os lados... A maravilha renova-se!... Do crucifixo via-se correr sangue.

Aquele milagre reproduzia-se todas as sextas-feiras; algumas vezes até o sangue perolizava por todo o corpo, como um abundante suor, e as chagas das mãos, dos pés e do coração escorriam em igual abundância.

Esta maravilha manifestara-se pela primeira vez, na primeira sexta-feira de janeiro; renovara-se na segunda, depois ainda na terceira; preveniu-se a autoridade eclesiástica, e o arcebispo, depois de ter sido testemunha do facto, chamara o inquisidor, o governador da província, o comandante da cidadela e todas as mais autoridades de Pamplona para o verificar; todos o haviam presenciado e certificado. Era, pois, natural que o senhor de Xavier desejasse que toda a sua família fosse testemunha daquele prodígio.

Entre as cartas de S. Francisco Xavier, nenhuma encontramos dirigida a sua família durante todo o período do seu apostolado nas Índias : mas não tivéssemos nós outras provas dos sentimentos que por ela conservara senão o milagre do crucifixo, na capela do castelo de seus pais, que esta seria mais que suficiente.

É convicção geral no mundo, que a vocação religiosa extingue com seu sopro todas as afeições de família, e que aquele que se separa dos seus para seguir a vereda pela qual é chamado nada tem a sacrificar do seu lado. A ilusão é completa. Ternos ouvido dizer muitas vezes, mesmo a pessoas religiosas:

"Sim, S. Francisco Xavier é seguramente um grande Santo; mas ele recusou ver seus pais antes de partir para as Índias, e isto é muito duro: Um filho não tem o direito de impor um tal sacrifício a sua mãe! é contra a natureza!"

O que equivale a dizer que um filho, que ouve de um lado a voz de Deus e do outro a voz de sua mãe, e não tem o direito de obedecer à primeira; ou que Deus não tem o direito de pedir um sacrifício heróico àquele que de todo se dedica ao seu serviço e à sua glória.

Se o nosso Santo tivesse menos afeição a sua família, não teria julgado dever oferecer a Deus a privação de a tornar a ver por uma última vez neste mundo. Aquela, sublime abnegação não é contra a natureza; é sobrenatural, o que é bem diferente.

Os que julgam assim aquela heróica ação do generoso Xavier, não leram por certo a sua correspondência. Não penetraram naquela alma tão sensível e tão ternamente expansiva: não compreenderam aquele coração que deixara verter tantas lágrimas pelos sofrimentos do próximo, que achava tão doces consolações para todas as dores, que tinha tão tenras carícias para a infância, que testemunhava uma tão compassiva caridade por todas as misérias...

Não compreenderam aquele a quem os leprosos e os empestados chamavam seu pai, seu amigo, seu consolado! aquele a quem os pobres beijavam as mãos, porque a sua humildade não permitia deixar-lhes beijar os pés!...

Mas Deus sabia tudo quanto o grande Xavier sofria por seu amor e pela sua glória, e parecia querer testemunhar a toda a família do ilustre Santo quão vivas e profundas eram as dores do seu laborioso apostolado, e de que abundantes consolações ele se sustinha naquela vida de imolação e de sublime dedicação pela glória de Deus e pela salvação das almas. Deus queria patentear que compartia os sofrimentos do heróico apóstolo, que afrontava todos os riscos, desprezava tanto os perigos, suportava tantas fadigas por honra do seu nome.

A família do nosso Santo assim o compreendeu: Ela tornou nota dos dias em que o sangue corria mais abundantemente das chagas e do corpo do crucifixo, e, mais tarde, confrontando-se as datas e os factos, foi reconhecido, asseguram os historiadores, que o sangue afluía mais quando o Santo apóstolo corria maiores perigos ou experimentava maiores sofrimentos.

Chegando a Malaca, encontrou Francisco Xavier aquela cidade infestada de uma epidemia contagiosa que devorava os seus habitantes. Os doentes estavam sem socorros; os mortos sem sepultura; os Padres da Companhia de Jesus dedicavam-se àqueles trabalhos sem contudo poderem satisfazer a todas as necessidades. Xavier, que sabia multiplicar-se por todos os modos, faz do colégio um hospital, excita os ânimos, prodigaliza os seus cuidados e suas consolações, não descansa um só instante, faz prodígios, e faz-se abençoar de todos como sempre. Nem ele nem os seus Irmãos foram atacados do contágio.

Tendo a peste diminuído de intensidade, Xavier pensava em preparar a sua viagem para a China, quando entrando um dia por uma rua donde ouvia gritos de dor, procurou a causa e soube que uma devota mulher, que estava desde muito tempo sob a sua direção, acabava de perder repentinamente seu filho.

Francisco Xavier tinha imprudentemente tocado aos lábios a ponta duma flecha indiana, e morrera quase instantaneamente: a flecha estava envenenada.

Xavier entra naquela casa de dor, comove-se de tantas lágrimas, e diz ao morto:

"Francisco! em nome de Jesus Cristo, levanta-te!"

Francisco levanta-se, e tendo recuperado uma vida que lhe foi restituída para a glória de Deus, vai consagrá-la toda inteira na Companhia de Jesus.

Pela mesma ocasião levara o nosso Santo ao governador o alvará de Intendente da Marinha, que o vice-rei lhe concedera em consideração para com Xavier, a quem nada se recusava. D. Alvaro recebeu, com testemunho de sincera gratidão este novo titulo que aumentava consideravelmente a sua fortuna e autoridade.

Xavier esperava que o primeiro uso que ele fizesse daquela autoridade, fosse o imediato armamento dum navio para a embaixada, e por muitos dias esteve nesta esperança sem ver os menores preparativos, quando soube que D. Alvaro jurara que a embaixada se não verificaria, que ele lhe poria todos os embaraços pelo seu poder, e que acabava de dar ordens para que se tirasse o leme da Santa Cruz, a fim de impedir que Diogo Pereira pudesse partir, a despeito da sua opposição.

Havia dois motivos para a opposição do governador.

No ano anterior pedira ele a Diogo Pereira o empréstimo duma soma de dinheiro que Diogo lhe negara, em consequências de ter razões fundadas para suspeitar da sua insolvência. D. Alvaro prometera vingar-se.

A este primeiro motivo de opposição vinha reunir-se a inveja e a ambição. D. Alvaro levara muito a, mal que o não tivessem escolhido para embaixador, e que se tivesse honrado com aquela dignidade um homem de inferior nascimento e que fizera a sua fortuna no comércio marítimo.

Xavier fez-lhe oferecer uma considerável soma para satisfazer a sua sede de ouro, e captar assim a sua boa vontade, mas ficou malogrado. D. Álvaro queria tudo ou nada.

Esquecendo-se dos cuidados que Xavier lhe havia prodigalizado na grave enfermidade que acabara de sofrer; esquecendo-se que o bom Padre fora todos os dias dizer a missa na sua câmara durante todo o tempo daquela doença; esquecendo-se, finalmente, de tudo quanto devia ao Santo apóstolo, D. Alvaro resolveu chegar ao último extremo contra ele.

Os seus mais sinceros amigos fizeram-lhe lembrar as penas impostas pelas leis contra os funcionários que punham entaves à navegação dos navios mercantes portugueses, e o perigo de incorrer no desagrado do rei, recusando ao santo Padre Francisco os meios de propagar e estender a fé; nada pôde dobrar o irascível governador. Tornando a sua cana e ameaçando os officiais que lhe falavam assim em seu próprio benefício, disse-lhes:

- Eu estou já muito velho para aceitar conselhos! Jurei que Diogo Pereira não iria à China nem a titulo de embaixador, nem a titulo de mercador, e declaro-vos que ele não irá enquanto eu for governador de Malaca e Intendente da Marinha! Se o Padre Xavier tem tanto desejo de pregar aos pagãos, se tem tão grande zelo pela sua conversão, que vá para o Brasil! que vá para o Monomotapal...

Francisco Alvares, na sua qualidade de comandante da cidadela, quis fazer valer a sua autoridade para haver o leme da Santa Cruz. Xavier opôs-se. O leme achava-se sob a guarda de soldados sujeitos à obediência do governador, e tê-lo-iam defendido; a pendência teria podido provocar uma revolta geral contra o autor daquela atroz injustiça, e Xavier não queria, portanto, autoriza-la; tentou um outro caminho, quis ensaiar um outro meio.

Pedi a D. João Soares, vigário geral, que fosse levar ao governador as cartas régias, ordenando a todos os officiais de terra e mar todo o auxílio ao seu alcance para secundarem as intenções do Padre Xavier, e o decreto do vice-rei D. Afonso de Noronha, declarando criminoso do

Estado qualquer que pusesse obstáculos à embaixada que enviava à China, em nome do rei D. João III. O vigário geral anuiu ao desejo do santo apóstolo, e levou aqueles documentos a D. Alvaro, cuja cólera, à vista deles, excedeu todos os limites

- Ora! que me importam os interesses do rei! exclamou ele empalidecendo de raiva. O rei assim o quer, eu não o quero! Serei o soberano! A embaixada não partirá!

D. Alvaro de Ataíde achava-se em estado de alucinação; todos os meios empregados para o chamar à razão faziam tornar mais densas as trevas do seu espirito, e aumentar a ferocidade do seu coração. Não contente de desprezar as ordens do seu soberano, expandia-se em palavras ultrajantes para o grande apóstolo das Índias, que sabia ser objecto de veneração para a cidade inteira; mas o humilde Xavier não lhe testemunhava senão a mais cativante caridade em retribuição dos seus culpáveis insultos.

Porém o período da monção ia já a terminar; os momentos eram preciosos; Xavier esgotara todos os recursos da sua humildade para vencer a oposição de D. Álvaro por meios suaves; julgou dever empregar, finalmente, os da severidade.

No século XVI, a ciência não tinha ainda feito grandes progressos; as luzes não se tinham ainda derramado a ponto de extinguir a fé nas almas e torná-las indiferentes aos efeitos das grandes ameaças da Igreja; estava reservada ao século das luzes e do progresso, ao século da perfeição, rir dos seus anátemas, mofar dos seus castigos, desconhecer e desprezar a sua autoridade divina.

D. Álvaro doe Ataíde antecipava a sua época.

Xavier se deixara conhecer ao arcebispo de Goa os poderes que tinha da Santa Sé; os grandes da corte de Portugal, que se sucediam nas Índias na qualidade de vice-reis, sabiam que Francisco Xavier era núncio do Papa; tinham ouvido isto na corte. Mas nos dez anos que o santo apóstolo estava nas Índias, preferira sempre apresentar-se em toda a parte, sob o título mais caro ao seu coração: o de membro da Companhia de Jesus.

Urgia, porém, tentar ainda um meio de vencer a obstinação de D. Álvaro; Xavier resolveu-se a isso. Apresentou a D. João Soares o breve que o honrava com a dignidade de núncio apostólico em todo o Oriente, conferindo-lhe todos os poderes que se ligavam ao cargo; depois entregou-lhe a seguinte petição, rogando-lhe que a fizesse conhecer ao governador:

"A pedido do rei nosso senhor, o soberano pontífice Paulo III me mandou para as Índias, com a missão de aí propagar a luz do Evangelho, fazer conhecer o Culto devido ao Criador do universo, converter à verdadeira fé os homens criados à imagem de Deus. Para dai a esta missão maior eficácia, para afastar mais facilmente os obstáculos que poderiam trazer-lhe embaraços, deu-me o mesmo Soberano Pontífice o título e os poderes de núncio apostólico em todo o Oriente. Enviou o breve ao rei de Portugal, acompanhado de carta sua, confirmando, por este importante carácter a missão que eu tinha tido a honra de receber.

"Chamado para junto do rei, no momento da minha partida para as Índias, Sua Alteza entregou-me o breve do Soberano Pontífice e as cartas de sua confirmação real. A minha chegada às Índias, apresentei esses títulos ao senhor arcebispo de Goa, D. João de Albuquerque, que os reconheceu e aprovou como convinha.

"Hoje, o mesmo senhor arcebispo, me encarrega de levar a fé ao império da China, esperando desta missão os mais vantajosos resultados para a glória de Deus. Podeis convencer-vos dos sentimentos do senhor arcebispo e desta sua intenção, pela leitura da carta que ele dirige ao imperador da China, e que ajunto aqui."

"O vice-rei das Índias, com o fim de facilitar-me a entrada na China e de garantir a minha pessoa, no interesse da religião que prego, despachou um embaixador ao imperador da China, com cartas que provam a autenticidade da sua missão: este embaixador é Diogo Pereira."

"Francisco Álvares, oficial militar, comandante da cidadela e inspetor das finanças de Sua Alteza o rei de Portugal, determinou a execução das ordens escritas do vice-rei relativamente a esta embaixada."

"O governador de Malaca é o único que se opõe ao cumprimento das ordens do vice-rei. Antepõe obstáculos à partida do embaixador, e por consequência à pregação do Evangelho. Impede a liberdade do ministério apostólico numa empresa evidentemente agradável a Deus. Rogo-vos, pois, e suplico-vos com instância, em nome de Deus e do senhor arcebispo de Goa, vosso superior eclesiástico e de quem sois o representante neste país, que expliqueis ao governador de Malaca o sentido dos decretos da Santa-Sé: Qui vero de coetero, que contêm uma sentença de anátema contra aqueles que se opõem ao ministério do nuncio apostólico."

"Conjurai D. Alvaro, instai, suplicai-lhe, em nome do mesmo Deus, que levante os obstáculos que tem posto à nossa embaixada enviada pelo vice-rei e pelo senhor arcebispo. E se, a despeito de todas as vossas instâncias, ele persiste na sua oposição, declarai-lhe que fica desde o mesmo instante expulso do seio da Igreja e que não terá mais direito à sua comunhão."

"Dizei-lhe também que isto não é em virtude da vossa autoridade nem do senhor arcebispo; que não é igualmente em virtude da minha que ele é excomungado, mas sim pelo poder supremo dos Soberanos Pontífices donde dimanam estes santos decretos. Suplicai-lhe em seguida, em meu nome, pelas chagas sagradas de Jesus Cristo Nosso Senhor e pela sua santa morte, que não procure merecer penas tão graves se não quer incorrer para com Deus em castigos cujo rigor ele não poderá prever."

"Tomadas estas medidas, rogo-vos que me devolvais este memorial juntando a ele, por escrito, a resposta do governador, a fim de que esses documentos, apresentados ao senhor arcebispo, me livrem de ser taxado de negligente na execução de uma expedição empreendida sob os seus auspícios. Peço-vos que empregueis a maior urgência no cumprimento deste dever do vosso ministério, porque a estação própria para a navegação nos mares da China está já muito adiantada. O passo que ides dar é uma obra útil para a glória de Deus, e eu desejo-a ardentemente. Não posso crer que D. Alvaro se tenha tornado tão cruel, tão insensível, que queira afrontar a ira de Deus insistindo em opor-se à nossa partida".

D. João Soares não foi mais feliz desta vez do que o fora da primeira.

- O vosso Padre Xavier, brada o governador, é um ambicioso hipócrita, é o amigo dos pecadores e dos publicanos!... Dizei-lhe que eu me rio dele e das suas censuras, e deixai-me tranqüilo! retirai-vos!

O vigário geral nunca havia visto tanta impiedade. Julgou dever, segundo a vontade do nuncio, chegar ao último extremo. Excomungou aquele que acabava de rir-se assim do vigário de Jesus Cristo, de desprezar as suas ordens e de afrontar as mais temíveis ameaças. Francisco Xavier viera às

Índias cobiçoso de sofrimentos, ardendo em desejos de merecer a coroa do martírio neste penoso apostolado, e deplorava todos os dias perante Deus, haver dez anos que trabalhava para a sua glória, no meio dos pagãos e dos infiéis, e ser julgado indigno de morrer pela fé que pregava. As suas cartas provam até à evidência este vivo e profundo pesar. Deus reservava-lhe um gênero de martírio mil vezes mais doloroso e mais amargo à natureza e que ele nunca ousara esperar na sua profunda humildade.

D. Alvaro apossa-se do navio Santa Cruz; dá o comando a Luís de Almeida, a quem impõe vinte e cinco marinheiros que haviam recebido as suas instruções, suas promessas e suas ameaças, e anuncia que o Santa Cruz vai partir para a ilha de Sanção, e que ele o manda a negociar por conta própria. O zelo do ardente apóstolo ilude-se imediatamente por este engodo. Sanção é tão próximo da China!

- Eu partirei no Santa Cruz, diz ele a D. João Soares; Deus me dará, assim o espero, os meios de penetrar em um porto chinês; se eu for preso, que importa! pregarei a verdade aos prisioneiros meus companheiros de cárcere e lhes ensinarei a lei de Jesus Cristo, e eles a poderão fazer conhecer aos outros. Partirei!

Diogo Pereira via-se forçado a viver oculto em Malaca para evitar a cólera insana e as vinganças do governador que já o havia arruinado apossando-se do Santa Cruz e das riquezas que faziam o seu carregamento. O coração de Xavier sangrava de dor com a idéia da inteira ruína da família de seu amigo.

"Deus é testemunha, escrevia-lhe ele, da intenção que me guiava a vosso respeito; se ela não tivesse sido pura e reta eu morreria de pesar! Vou embarcar-me, esperarei a bordo a hora da partida, a fim de não ver a vossa família cuja ruína me dilacera... Que Deus perdoe ao autor de tantas desgraças!...

Não vos peço senão uma coisa: é que não venhais ver-me; a vossa presença me esmagaria. E contudo, espero que este desgosto reverterá em vosso proveito, porque não duvido que o rei faça tudo quanto eu lhe pedi para vós, e que vos indemnice generosamente de todos os sacrifícios que tendes feito pela causa de Jesus Cristo.

Mandei despedir-me do governador. Que Deus perdoe àquele homem porque sua sorte é digna de lástima! Oh! ele será punido mais severamente do que pensa...".

Com aquela pungente dor no coração, com a que lhe causava o estado espiritual de D. Alvaro, com o pesar que experimentava por ver todos os seus projetos transformados pelo inferno, o grande Xavier trata os negócios da Companhia como se gozasse do maior sossego, da mais perfeita liberdade de espírito. Escreveu muitas cartas para Goa, ocupou-se de diversas missões, deu conselhos espirituais aos seus irmãos e, - que nos seja permitido esta minuciosidade para dar uma idéia dos cuidados com que ele considerava tudo -, depois de ter dado conselhos ao Padre Barzeu sobre o modo de converter as moedas das Índias para as fazer passar ao Japão, recomendou-lhe que enviasse estofos de lá de Portugal aos Padres que habitavam aquele país onde o frio é muito rigoroso.

O Santa Cruz ia fazer-se à vela. Francisco Xavier fora pela manhã à igreja de Nossa Senhora do Monte e ali se detivera; estava ainda em oração quando o foram advertir, pela tarde, de que havia chegado o momento de levantar ferro. D. João Soares, acompanhando-o até o navio

perguntou-lhe se ele se não despedia do governador.

- Os fracos de espírito são fáceis em se scandalizar, meu Padre, disse-lhe ele, e daí nascerem ressentimentos contra vós.

- Senhor, D. Alvaro não me verá mais nesta vida! Eu o esperarei no juízo de Deus! respondeu-lhe Xavier.

Depois, detendo-se junto da igreja vizinha do porto, eleva os olhos para o céu, ora em alta voz pela salvação de D. Álvaro de Ataíde, com um acento que parecia inspirado.

E logo que cessa de falar; prostra-se com a fronte no pó e conserva-se assim por alguns instantes em silêncio; quando se levantou trazia o semblante animado, dos seus olhos partiam raios, parecia dominado pelo espírito da justiça divina... Tira as sandálias, bate uma contra a outra, sacode-as numa pedra, e exclama, sempre coza a mesma animação: "Eu não levarei nem o pó desta cidade pecaminosa! A cólera de Deus paira sobre ela! Aquele que a governa, D. Álvaro de Ataíde, será preso, encarcerado, espoliado, e todos os seus bens serão confiscados... Ele levará deste mundo a pena merecida pelos seus crimes!..."

A imensa multidão de povo que se reunira em torno do santo Padre para assistir ao seu embarque, emudeceu de admiração e de pesar, ouvindo as palavras proféticas do ilustre Xavier. Silenciosas lágrimas foram o último adeus daquele povo desolado ao seu apóstolo querido, tão indignamente tratado pelo governador duma cidade, onde tanto bem praticara!... e que ele deixava para sempre!... [79].

IV. CARTA DE XAVIER - VIAGEM PARA SANCIÃO

S. FRANCISCO XAVIER AO PADRE
GASPAR BARZEU

VICE-PROVINCIAL DA COMPANHIA DE
JESUS EM GOA

Da Baía de Singapura, 28 de Julho de 1552.

Meu querido Irmão

A graça e o amor de Nosso Senhor Jesus Cristo sejam sempre convosco! Amém.

Não podereis jamais fazer completa idéia das inquietações e desgostos que acabo de experimentar em Malaca!

Não podendo narrar-vo-los por minha mão, deixei esse cuidado a Francisco Peres; por mais incrível que vos pareça a sua narração, é contudo verdadeira.

Eu parto para as ilhas da China, vizinhas da cidade de Cantão; parto desprovido e abandonado de todo o socorro humano, mas cheio de confiança na proteção divina. Espero que os idólatras serão os que me abrirão o caminho pois que os cristãos mo fecharam, afrontando audaciosamente as leis da Igreja e a cólera do Céu.

Consegui que o senhor arcebispo expedisse ao seu vigário geral um decreto de excomunhão; ela deve ser lançada nomeadamente contra o governador de Malaca e seus cúmplices, que puseram embaraços à execução de um projecto tão útil à religião. Obtive que esse decreto fizesse menção da minha qualidade de nuncio apostólico nas Índias e em todos os estados do Oriente, honra que me foi conferida por Paulo III de gloriosa memória, pelos breves de que o senhor arcebispo teve conhecimento.

Não procedo deste modo senão pelo interesse da propagação do Evangelho, a fim de que os esforços dos seus pregadores não encontrem mais obstáculos na perversidade dos funcionários públicos.

Não seria capaz de solicitar um semelhante ato da autoridade eclesiástica, contra quem quer que seja, por meu interesse pessoal; mas vejo-me resolvido a empregar todos os meios para fazer considerar em toda a parte, como membros expulsos da Igreja, aqueles que desobedecerem aos decretos dos Santos Padres.

Qualquer que seja a sua desgraça, não consentirei jamais que se use para com eles de moderação, a fim de que, caindo em si, busquem um remédio a seus males e para que no futuro não ousem embargar no seu caminho os nossos Irmãos que, a bem da religião, terão de ir para as Molucas, para a China ou para o Japão. Não desprezeis, pois, nada para que esse decreto chegue o mais cedo possível.

Dos quatro companheiros que me seguiram, fiz partir três para o Japão: Baltazar Gago, Eduardo da Silva, e João de Alcáçova. A monção era ainda favorável, eles embarcaram em um bom navio, e Deus queira que cheguem a salvamento a Amanguchi, onde encontrarão Cosme de Torres e João Fernandes. Não deixei comigo senão Cristóvão e Antônio, o Chinês; ambos estão muito pesarosos, tanto pelos seus próprios desgostos, como pelos meus... Deus seja louvado em tudo!...

A Santa Cruz chegara a Singapura [80] e aí se deteve por alguns dias, dos quais o nosso Santo se aproveitou para escrever várias cartas, e entre elas encontramos uma dirigida a um neófito japonês, pobre, ignorante e sem educação; termina por estas afetuosas palavras: Tu és o amigo do meu coração. O sobrescrito tem a seguinte direção: A meu filho João; e no reverso; João, meu filho, joio Bravo te lerá esta carta.

Durante aquela paragem, escreveu também ao seu amigo Diogo Pereira consolando-o e animando-o; remeteu a seu cuidado as suas cartas ao vice-rei e a D. João III e esta última aberta, para que Diogo tivesse conhecimento e julgasse por si do interesse com que a sua causa era advogada. O Santo recomenda ao seu amigo que envie a sua carta ao rei por uma pessoa segura, e depois acrescenta:

"Mas o que vos recomendo especialmente, é que vos lanceis nos braços de Deus e que tenhais nele uma confiança tanto mais íntima quanto maiores forem os vossos males. Ali, unicamente, achareis consolações para as vossas desgraças e

força para as suportar.

Peço-vos, em nome de todo o vosso amor a Deus, em nome de toda a afeição que tendes, que recorrais ao tribunal da penitencia, vos aproximeis da Mesa Santa, deponhais aos pés da Cruz todos os vossos ressentimentos, façais o sacrifício à vontade divina, e chegueis a ter como um bem para vós, todos os acontecimentos que Deus houve por bem permitir. Esperai, como eu, que esta tempestade não será senão momentânea e que, longe de vos prejudicar, ela se tornará em vosso proveito e em vossa honra.

Eu conservo em minha companhia Francisco Vilas, e levo-o comigo para a China, não somente porque os seus serviços me são extremamente úteis, mas ainda porque ninguém melhor do que ele para cuidar dos vossos interesses durante a viagem e auxiliar o vosso encarregado, Tomás Escandelho.

...Sou de opinião que faríeis bem se dirigísseis ao rei um memorial circunstanciado sobre as vantagens prováveis de um comércio entre a China e Portugal, por meio de uma feitoria que os ministros do rei procurariam obter em Cantão. Quisera que fizésseis remeter um memorial semelhante ao vice-rei das Índias, porque eu, por meu lado, escrevo a Sua Alteza sobre o mesmo assunto. Ajuntai o vosso memorial à minha carta, sob' a mesma capa, com este sobrescrito: Ao rei nosso senhor, da parte do Padre mestre Francisco. Mas não confieis este maço, que deve ser entregue ao rei em pessoa, senão a um homem duma fidelidade provada, e duma autoridade e mérito reconhecidos...

O vigário geral de Malaca pediu-me que escrevesse por ele a Sua Alteza; eu satisfaço os seus desejos, conquanto ele nada tenha feito do muito que poderia fazer no interesse da nossa embaixada à China, ou antes a bem da religião que ele sacrificou o favor de D. Álvaro... Engana-se completamente quem põe de lado Deus, o autor, a origem de todo o bem, para firmar as suas esperanças nos homens!...

Quanto a mim, vingo-me daqueles de quem tenho de me queixar, prestando-lhes todos os serviços que posso. Deus saberá infligir-lhes a punição que merecem, e vós mesmo, meu caro amigo, sereis testemunha dos castigos que a justiça divina lhes reserva. Tenho piedade deles, confesso-vos: temo que as desgraças que os ameaçam lhes pareçam algum dia muito rigorosas".

O capitão da Santa Cruz saiu de novo ao mar a 23 de julho. O pessoal da embarcação compunha-se de quinhentos homens, compreendendo os passageiros. A navegação foi feliz durante muitos dias; esperava-se chegar assim, sempre levados por boxe vento, quando, mui próximo do termo daquela longa viagem, se declara subitamente uma calmaria podre que faz parecer que o navio se conserva ancorado.

Prolongando-se esta calma por muitos dias, viam-se ameaçados de falta de viveres e sobretudo de água, que já se começava a recusar, além duma certa medida fixada para cada um; mas qualquer que fosse a economia desta distribuição, continuando a durar a calma, faltou totalmente

a água, os doentes eram numerosos, e o vento não voltava.

Cada homem que morria era lançado ao mar, e cada um esperava a sua vez, porque todos se sentiam morrer devorados pela sede, mais cruel ainda do que a fome.

Tinha sido enviada a chalupa em descoberta de alguma ilha onde se pudesse fazer aguada... Ao sexto dia não tinha ainda voltado! Chega finalmente ao sétimo. Cada um se arrasta à amurada, esperando descobrir algum sinal do resultado, antes da abordagem... Ela nada trazia! Tinha estado à vista da ilha Formosa, mas não pudera aí chegar; toda a esperança estava pois perdida!... Achavam-se à capa, havia catorze dias. Um dos passageiros propõe aos seus companheiros de infortúnio irem suplicar ao Padre Francisco para obter de Deus um pouco de água para não morrerem...

- Sim! sim! respondem todos a uma voz, com o coração cheio de esperança; sim! o santo Padre nos salvará! Deveríamos ter-lho pedido muito antes! Vamos todos!

E aqueles pobres doentes recorrem a Francisco Xavier.

- Santo Padre Francisco! tende piedade de nós! Vós podeis dar-nos água! Pedi a Deus, ele não vos recusará!

- Pois bem! respondeu ele, recitemos juntos as ladaínhas dos Santos, a fim de que eles nos obtenham o que desejamos.

Quando esta oração terminou, disse-lhes:

- Ide, tende confiança. nos merecimentos de Jesus Cristo, pelos quais tudo se pode obter.

Em seguida, recolhe-se por alguns instantes; depois, voltando à ponte, toma pela mão um menino, desce com ele à chalupa, e ordena-lhe que prove a água do mar. O menino prova e rejeita-a

- Que gosto tem esta água, meu menino? pergunta o nosso Santo; é doce ou salgada?

- É tão salgada, meu Padre, que eu não pude bebê-la.

- Prova-a de novo, meu querido menino.

- Oh! como é boa! Não está já salgada, meu Padre!

Xavier fez logo fornecer a embarcação, e cada qual, oprimidos pelos ardores da sede, empenhava-se em fazer encher os copos.

O primeiro que levou a água aos lábios achou-a salgada: mas o Santo fez o sinal da cruz sobre o copo, e a água tornou-se excelente no mesmo instante. Nunca, diziam os marinheiros, haviam encontrado água com tão agradável gosto.

Os árabes maometanos, passageiros da Santa-Cruz,

esclarecidos por aquele prodígio, pedem o batismo; um só, conquanto intimamente convencido, faz exceção: não podia confessar-se cristão na sua pátria, e conserva-se infiel. Poucos dias depois, o seu único filho, de idade de cinco anos, brins cando muito próximo da amurada, cai ao mar, e nenhum esforço humano o pôde salvar. O pai encerrou-se por três dias com o seu desespero, e tornou a aparecer, mas sempre inconsolável. As doenças ocasionadas pela falta de água tinham matado tanta gente, que, marinheiros e passageiros, ocupados de seus pesares pessoais, pouca atenção haviam prestado àquele acidente.

Os árabes, além disso, não se comunicavam com os portugueses e coxas os índios, entre os quais a maior parte ignorava a perda do menino.

O Santo apóstolo, retirado em uma câmara no momento daquela desgraça, ignorava-a também, e vendo o pobre infiel desfeito em lágrimas, pergunta-lhe, com a sua ordinária bondade, o motivo de tão grande dor. O infeliz pai desfaz-se em soluços:

- É, respondeu um marinheiro, porque ele perdeu há dias um seu filho; caiu ao mar.

A desesperação do árabe parece redobrar então, os seus gritos penetram o coração de Francisco Xavier, que toma afetosamente a mão do pobre pai e lhe pergunta com a sua meiga voz:

- Prometeis-me crer em Jesus Cristo e submeter-vos à sua lei, se Ele vos restituir vosso filho?

- Oh! sim, prometo! Sim! eu serei cristão... Mas passaram já três dias!... É impossível!... Temos avançado tanto depois disso!... Ele está bem longe! meu pobre filho...

- Tende confiança em Deus e em Jesus Cristo seu Filho, replicou o nosso Santo; pedi-lhe que vos restitua vosso filho, e prometei-lhe reconhecer a sua lei e abraçá-la de todo o vosso coração.

Três dias depois, antes de nascer o sol, achavam-se sobre o convés somente os marinheiros de serviço... Dão um grito de surpresa... O filho do árabe, aquela criança que eles tinham visto desaparecer entre as ondas, seis dias antes, esta ali, a alguns passos!... É ele!... interrogam-no. A criança nada sabe: lembra-se somente que caiu ao mar, mas não sabe como voltou para o navio: é tudo quanto pode dizer.

O pai louco de alegria e fiel à sua promessa, pede o batismo para si, para sua mulher, seu filho é seu escravo. O menino recebeu o nome de Francisco, em lembrança daquele a quem devia a vida.

Em seguida surgem no ancoradouro da ilha de Cinchea, a equipagem comunica aos insulanos e aos mercadores estrangeiros, que aí estavam em grande número, os dois grandes milagres operados em alguns dias pelo apóstolo das

Índias;, mostram. o menino ressuscitado e a água do mar tornada tão doce e tão agradável que se não conhecia outra comparável; acrescentam que muitos marinheiros e passageiros a conservam em memória do prodígio de que tiveram a felicidade de ser testemunhas, e também ela esperança de que ela curava os doentes, pois que, nas pela se viram curas maravilhosas operadas pelos objetos que o santo Padre havia tocado.

Todos os habitantes de Cinchea se dirigem em multidão à praia para verem, ao menos de longe, o Santo de quem lhes diziam tão admiráveis coisas; mas de sessenta maometanos, índios e etíopes, desejosos de o vexem de mais perto, vão a bordo do Santa Cruz que o nosso Santo não deixara e encontram-no sobre a ponte.

Francisco Xavier, penetrado do espirito divino, acolhe-os coxa o olhar inspirado que subjugava as massas, e anuncia-lhes as verdades cristãs com um poder de palavra que os faz cair a seus pés solicitando a graça do batismo. O grande apóstolo, comovido pelas suas instâncias e pela ardência da sua fé, concede-lho imediatamente...

Então um novo prodígio, um prodígio desconhecido, fixa a atenção das inumeráveis testemunhas reunidas na praia. Enquanto o ilustre Xavier dá a Jesus Cristo a conquista que acaba de fazer em seu nome; enquanto imprime o selo. do Cristianismo nas frentes, que se abaixam diante dele, o seu corpo eleva-se a proporções sobrehumanas! Os homens que o cercam parecem umas crianças ao pé dele! Um grito unísono se deixa ouvir sobre a praia, todos se ajoelham sobre a ponte do navio; mal se crê o que se vê. Estêvão Ventura, que se achava no meio da multidão, destaca.-se dela e vai para bordo do Santa-Cruz... O santo apóstolo tinha os pés sobre a ponte do navio, a sua prodigiosa elevação tinha uma causa sobrenatural de que ele não podia duvidar.

Depois da cerimônia do batismo, Francisco Xavier reapareceu a todas as vistas na sua estatura natural, sem que ninguém, entre as numerosas testemunhas que se achavam sobre a ponte, se apercebesse do momento da transformação, de modo a poder dizer como ela se havia operado. Tinham-no visto maior que um gigante enquanto baptizava e viam-no com a sua própria altura depois do batismo; era. o que podiam afirmar. Deus acabava de mostrar assim quanto era grande, para ele, o apóstolo que escolhera para levar o seu nome aos extremos do Oriente.

Deixaram Cinchea e dirigiram-se para Sancião donde sabiam acharem-se próximos, mas temiam que se tivessem enganado na direção; o capitão mandou a chalupa reconhecer a costa que tinham à vista: três dias se passaram sem que a embarcação voltasse, e supunham-na por isso levada pelo tufão e quebrada contra algum escolho:

- Traqüilizai-vos, dizia Xavier, a chalupa está em bom estado, ela há-de voltar trazendo-vos provisões da ilha de Sancião, da parte dos portugueses; e muitas embarcações que ali estão no ancoradouro virão também ao vosso encontro.

A chalupa voltou no quarto dia, carregada pelos portugueses de provisões de boca, e muitas embarcações metam ao encontro da Santa-Cruz que levava o Padre querido de todos os portugueses do Oriente.

V. EM SANCIÃO - A CHINA A VISTA

AO PADRE FRANCISCO PÉRES

Do porto de Sanctião, 22 de Outubro de 1552.

Meu muito querido Irmão,

A graça e o amor de Nosso Senhor Jesus Cristo sejam sempre convosco! Amen.

Com o auxílio de Deus, eis-nos chegado a Sanctião [81], afastados de Cantão cento e vinte milhas aproximadamente. Fiz construir em terra uma cabana onde, todos os dias, tenho celebrado os santos mistérios até ao momento em que fui acometido duma enfermidade que durou quinze dias. Graças a Deus vou recuperando as forças, e a minha convalescença vai em bom caminho. Trabalho, confesso, termino as desinteligências, apaziguo as questões entre a gente das equipagens, ocupo-me, finalmente, de tudo que pode tornar-se em glória de Deus.

O comércio atrai para este porto muitos mercadores chineses de Cantão. Os nossos portugueses estão empenhados em achar entre eles algum que quisesse encarregar-se de me introduzir naquela cidade, mas nenhum tem querido até agora atender a proposta alguma: vai nisso, dizem eles, a vida e a fortuna daquele que fizesse uma tal tentativa, se o mandarim, governador da cidade, o viesse a descobrir.

Contudo os nossos portugueses conseguiram encontrar um negociante de Cantão, que parece muito honesto, e com o qual convencionei por duzentas peças de ouro, cujo valor lhe darei em pimenta. Por este preço ele se compromete a transportar-me em um pequeno barco, em que não levará senão seus filhos e alguns escravos, a fim de que o mandarim, sabendo da minha chegada à cidade, não possa descobrir por quem e como aí fomos introduzidos.

Está, além disso, comprometido a nos conservar em sua casa a mim e os meus companheiros durante três ou quatro dias, com meus livros e nossa pequena bagagem; ele nos conduzirá, passado este tempo, pela madrugada, à porta da cidade, sobre o caminho que vai directamente à morada do mandarim. Então eu irei ao encontro do governador, dir-lhe-ei que vim com o fim de fazer, conhecer a lei divina ao imperador da China; e lhe apresentarei as cartas do senhor arcebispo de Goa.

Todos os mercadores chineses nos olham com alegria e desejam muito, dizem eles, o bom resultado do nosso plano.

Eu não ignoro os perigos que corro; os chineses

fizeram-mos conhecer. O primeiro, é que o mercador que trata conosco, depois de ter recebido o preço convencionado, nos não lance numa ilha deserta, ou mesmo ao mar, para se subtrair a toda a censura; o segundo é que o mandarim nos não castigue, mandando-nos para as masmorras ou ao suplicio; porque há pena de morte contra todo o estrangeiro que põe o pé sobre o solo do império, sem que tenha para isso permissão. Há ainda outros perigos pessoais muito mais graves e que seria longo enumerar; desejo contudo dizer-vos algumas palavras.

Entre aqueles perigos, o principal é o de perder a confiança em Deus. Porém, como é Ele mesmo que nos inspirou o desejo desta viagem, como nós não a empreendemos senão com o fim de satisfazer a sua vontade, para levar o nome de Jesus Cristo ao meio daquela nação pagã; como não temos outro fim mais que o de estender o império da sua Cruz; o maior, o mais iminente de todos os perigos seria duvidar da sua proteção e do seu socorro.

Todo o inferno conjurado nada pode contra nós sem a permissão de Deus, único todo-poderoso: se ele está por nós, os obstáculos aplanar-se-ão. Eis porque queremos ser fiéis às seguintes palavras de Jesus Cristo: Aquele que preza a sua vida neste mundo, a perderá; aquele que a perder por mim, a recuperará .

Espero de dia em dia o mercador de que vos falei, Deus queira que não me veja enganado nas minhas esperanças!

...Que Deus Nosso Senhor nos preste o seu auxílio e a sua luz, a fim de que possamos entrar um dia na sua glória!

Vosso irmão, o menor em Jesus Cristo.

Francisco".

Não era permitido aos portugueses, chamados pelos seus negócios à ilha de Sancião, estabelecer aí abrigos duráveis; era-lhes proibido habitações a não serem cabanas construídas com pranchas, esteiras e ramos de árvores, à borda do mar.

Foi um abrigo deste gênero que se levantou para o heróico apóstolo do Oriente; a fim de que pudesse nele celebrar os santos mistérios; quanto a si, pessoalmente, contentou-se com partilhar da cabana de um mercador, e foi assim que ele viveu ali durante perto de três meses.

Entre os portugueses que então estavam em Sancião, encontramos Pedro Velho que, vindo do Japão para Malaca a bordo do São Miguel, havia sido testemunha dos grandes milagres operados por Xavier durante aquela viagem. Pedro Velho possuía uma fortuna considerável; o nosso Santo não o ignorava e recorria muitas vezes à sua bolsa para os pobres que ele próprio não pudesse socorrer.

Um dia, Xavier, que segundo ele próprio disse, se ocupava de tudo que pudesse resultar em glória de Deus, buscava Pedro, de cabana em cabana, e finalmente o encontrou jogando com um dos seus amigos e perdendo mais do que queria

- Senhor Pedro, disse-lhe ele, eu procurava-vos para vos pedir dinheiro.

- Empregais bem o vosso tempo, Padre Francisco! Vêde o que tenho perdido

- Tenho uma pobre órfã para casar, e careço de um pequeno dote; contei convosco para a salvar do perigo que corre. Vejamos, dai-me uma soma suficiente! Tendes dinheiro às mãos cheias...

- Contudo, santo Padre, vás não tereis nada do que lá está.

- É isso verdade, caro Pedro?

- Tão verdade, meu Padre, que aí tendes a chave da minha carteira. Ide lá tirar tudo o que quizerdes, com a condição de que não tocareis no que lá está!

O santo Padre, levando a chave, retira-se depois deste gracejo de Pedro, e vai abrir a sua carteira que continha quarenta e cinco mil escudos de oiro.

Alguns dias depois, fazendo Pedro Velho as suas contas, acha intacta a soma de quarenta e cinco mil escudos. Penalizado por aquela discricção de Xavier, diz-lhe:

- Como! meu santo Padre, vós não tomastes a sério a oferta que vos fiz ultimamente de casar a órfã que me recomendastes?

- Sim, senhor, tomei o suficiente.

- Não tomastes nada, meu Padre, e sinto-me com isso mortificado...

- Asseguro-vos, senhor Pedro, que tirei da vossa carteira trezentos escudos de oiro, que vos serão bem contados um dia, porque estão bem empregados.

- Meu Padre, eu acabo de fazer as minhas contas a minha carteira encerrava quarenta e cinco mil escudos quando vos dei a chave, e estão ainda lá. Deus vos perdõe por isso, padre Francisco, pois eu esperava que tirásseis ao menos metade.

Francisco Xavier, subditamente esclarecido viu o milagre que ignorava, e pronunciou estas palavras proféticas:

- Pedro, a intenção que tivestes, foi agradável Àquele que perscruta os corações e pesa os seus movimentos. Ele terá isso em conta e vos restituirá um dia o cêntuplo do que houverdes dado. Prometo-vos, de sua parte, que vos não faltarão jamais os bens temporais, e que se vos acontecerem desagradáveis acidentes no comércio, vossos amigos se esforçarão por repará-los. Anuncio-vos, além disso, que seleis advertido do dia da vossa morte.

- Meu Padre, todas as vossas palavras são para mim como as de Deus; mas permiti que vos pergunte como serei prevenido do momento da minha morte, qual será o sinal certo?

- Quando achardes o vinho amargo, preparai-vos, porque não tereis mais que um dia a viver.

Veremos mais adiante se esta predição foi cumprida.

Alguns dias depois, Manuel de Oliveira, recorria a Xavier, com alguns

outros portugueses

- Meu Padre, que desgraça, t O São Vicente foi levado pelo tufão. Acabamos de ter esta noticia: ele ia de Macau para o Japão, nós somos todos interessados na sua carga, e é uma perda imensa para todos nós. Rogai a Deus que no-lo conserve!

O apóstolo orou por alguns instantes e disse em seguida aos interessados do São Vicente:

- Não há nada a temer pelas vossas riquezas: o São Vicente foi levado, é verdade, mas a força que o impeliu, conduziu-o ao porto onde devia ancorar, e não sofreu nenhuma avaria.

Os portugueses conheciam o valor das palavras do seu santo Padre; confiados nele esperaram a volta do seu navio, que, do Japão onde se devia demorar pouco, tinha de chegai a Sancião em dia quase prefixo. Porém o São Vicente não chegou no dia esperado.

- Meu Padre, o nosso navio devia estar de volta, segundo a vossa predição, disse Manuel ao santo apóstolo; talvez se tenha perdido. Que desgraça seria!

- Não tendes fé, Manuel, respondeu-lhe Xavier. Eu prometi-vos a volta do São Vicente sem avaria, estai seguro de que o tornareis a ver antes do fim da semana. Ele está no mar, e em muito bom estado.

- Deus vos oiça, meu Padre!

Dois dias depois, chegava o navio ao porto de Sancião, são e salvo, e sem ter experimentado nenhum acidente desagradável, não obstante a violência do tufão que havia enfrentado.

A ilha de Sancião era de ordinário inquietada por animais ferozes que destruíam os seus produtos, devastavam os campos e atacavam os habitantes; mortas vezes até as crianças eram arrebatadas e devoradas por aqueles terríveis habitantes das florestas. Queixavam-se àquele que parecia dispor do poder divino; suplicavam-lhe que afastasse aquele flagelo permanente.

Uma noite, ouve o santo Padre o rugir dos afamados tigres próximo da sua cabana. Sai, vai direito àqueles terríveis animais, faz sobre eles uma aspersão de água-benta e ordena-lhes, em nome de Jesus Cristo, que se retirem e não tornem a aparecer. Dóceis àquela poderosa voz, ou antes, forçados a obedecê-Ia, retiram-se e não voltam mais.

No entanto tudo estava pronto para a execução da perigosa empresa que o seu zelo inspirava.

O mercador chinês que se tinha encarregado de o pôr em território de Cantão não esperava senão as suas ordens; o que devia servir-lhe de intérprete acabava de retirar a sua palavra; mas, conquanto Antônio de Santa Fé, discípulo do colégio de Goa, tivesse esquecido a sua língua materna, Francisco Xavier contava com a fraca reminiscência que lhe restava; demais, não lhe havia concedido Deus a graça de fazer compreender os chineses que o tinham vindo ouvir na praça pública de Amanguchi, e não havia permitido que ele também fosse compreendido? Se, agora, aprouve à divina Providência privá-lo de intérprete que julgava ter conseguido, saberia substituí-lo por outros recursos, que ela unicamente conhecia e de que pode dispor á sua vontade.

Nesta confiança, vai o grande Xavier despedir-se do capitão general.

- Meu caro Padre, disse-lhe o capitão, suplico-vos que espereis que todos os navios portugueses tenham partido. Se fordes retido em Cantão, pelo único motivo da vossa entrada em terra interdita aos estrangeiros, arrependei-nos-erros de havei facilitado os vossos projetos, e os mandarins se apossarão dos nossos homens, dos nossos navios, das mercadorias e do oiro que eles encerram. Isto seria a ruína e o luto de todas as nossas famílias.

- Esperarei da melhor vontade, senhor capitão, respondeu docemente o bom Padre; livre-me Deus de ocasionar jamais tão grandes desgraças i Não tentarei passai à China senão depois da, partida de todos os vossos navios, podeis contar com isso.

O mercador chinês[82] aproveitou-se desta detença para voltai a Cantão onde os seus negócios o chamavam, e prometeu tornar a vir logo que os navios portugueses se tivessem feito à vela.

O nosso Santo, para satisfazer quanto possível a todos os portugueses acampados em Sanção, aceitara partilhar das cabanas dalguns deles, por turno, porque todos queriam tê-lo junto de si.

Um dia celebrou a missa sem ter visto Diogo Vaz, espanhol, em cuja casa morava então. Depois da missa lançou um olhar sobre os assistentes e perguntou em voz alta:

- Onde está o meu hospedeiro?

- Santo Padre, respondeu-lhe um dos seus amigos, ele partiu sem prevenir ninguém.

- Ah! replicou o santo Padre com ar inspirado que impressionou vivamente os ouvintes, o que foi, pois, que o apressou? Onde o leva a sua triste sorte? Ele procederia melhor se esperasse o junco chinês que comprou.

Soube-se pouco depois que Diogo Vaz, arribado em frente de Malaca, havia desembarcado; que se internara numa floresta para ai buscar madeira própria para compor o seu navio, e que tinha sido morto a golpes de machado por bandidos indianos. O Santo contava com o seu navio para ir a Sião, no caso que não pudesse penetrar em terra chinesa.

Aproximava-se o momento da partida geral: Francisco Xavier escreveu por aquelas diversas embarcações ao Padre Barzeu, Padre Peres e a Diogo Pereira, a quem renovava a expressão dos seus pesares e da sua dor; dava-lhe ao mesmo tempo ânimo e conselhos espirituais mais sólidos e afetuosos. Não obstante haver já expedido ordem ao Padre Peres para deixar Malaca, reitera-lha na seguinte carta:

"...Ordeno-vos expressamente, lhe dizia ele, que não desistais da idéia que deveis ter tido de sair de Malaca segundo as minhas ordens. Proíbo-vos que vos deixeis vencer e enternecer pelos rogos e instâncias de quem quer que seja.

No estado a que chegaram as coisas, não vos conserveis por mais tempo naquela cidade indigna de vossos cuidados; não percais aí um tempo e trabalhos que mais utilmente empregariéis em outra parte. Podereis aí deixar o nosso Bernardo junto de Vicente Viegas. Ele continuará a ensinar às crianças os elementos da religião, da gramática e da literatura; mas deixo isso à vossa

disposição; vós julgareis se será melhor levá-lo do que deixá-lo, e fareis o que melhor vos parecer.

Penso que convém entregardes a Vicente Viegas, quando partirdes, as chaves da nossa casa da cidade e as da pequena residência que se chama de Nossa Senhora do Monte; por causa da capela, e que está situada nos arredores.

Rogar-lhe-eis a bondade de se encarregar da guarda daquelas casas; deixar-lhe-eis uma ata em duplicado da doação perpétua que o senhor arcebispo fez delas à nossa Companhia; pedireis a Vicente uma ata pela qual ele declare que tem aguarda daquelas duas propriedades pertencentes à nossa Companhia; na partida para Cochim levareis originais daquelas atas, e chegado ao vosso destino, as enviareis, por via segura, a Goa, para aí serem depositadas nos arquivos do Colégio.

Eu despedi Vicente Alvaro Ferreira da nossa Companhia; não desejo que ele volte às Índias no mesmo navio em que vós fordes. Se não tiverdes outro, ou que ele não queira absolutamente separar-se de vós, permito que vos acompanhe, mas sob a condição expressa de que ele vos prometerá entrar numa outra Ordem religiosa; neste caso dirigi-lo-eis com tal caridade que possa afirmá-lo na sua boa resolução.

O intérprete de que vos falei cedeu à vergonha e abandonou-nos; agora somos só três: o chinês Antônio de Santa-Fé, Cristóvão [83], e eu. Nós persistimos na nossa resolução porque confiamos no auxílio de Deus.

Orai por nós, eu vos suplico! porque corremos perigo de uma cruel escravidão: mas estamos consolados e fortificados pela idéia de que vale muito mais ser escravo pelo único amor de Deus, do que comprar as doçuras da liberdade pelo preço de uma baixa e ignóbil fugida da Cruz de Jesus Cristo, e dos trabalhos dolorosos que lhes estão ligados.

Se o mercador chinês, que prometeu fazer-nos entrar na China, viesse a faltar à palavra, estou resolvido a embarcar-me para o reino de Sião, a fim de me aproveitar da embaixada que o rei envia ao imperador da China. Por outro lado, consta-me que aí se apresta um navio que deve entrar no porto de Cantão, e introduzindo-me ali, chegarei antes do fim do ano ao cúmulo dos meus votos. Conseguirei, finalmente, pisar a terra por que suspiro tão ardentemente!..."

Aquela grande preocupação levava muitas vezes o nosso Santo à praia do lado da cidade de Cantão, dirigia as suas vistas para aquela terra de promessa, e dizia aos amigos que o acompanhavam:

- Oh! quando porei eu o pé naquela terra tão próxima e que eu não posso pisar ainda? Quando me concederá Deus a felicidade de aí levar o seu nome?

Não receio nem o cativoiro nem os suplícios. Chegar à China! Não peço, não desejo senão esta graça, da qual, contudo, me reconheço bem indigno!... Quererá Deus empregar, um instrumento tão vil numa missão tão gloriosa?...

E grossas lágrimas se escapavam dos olhos do humilde apóstolo, com o pensamento de que a sua indignidade fosse talvez um obstáculo à realização do seu voto mais querido, e acrescentava:

- Eu seria tão feliz em morrer por Jesus Cristo!... Mas este favor é tão sublime para um pecador como eu!...

No meio dos seus temores e das suas esperanças por aquela China tão desejada, ele não se esquecia dos interesses espirituais dos Padres espalhados pelas Índias, nas Molucas, no Japão e em todo o Oriente. Cada navio que partia de Sanção levava páginas dignas da grande alma de Xavier. Achamos, numa carta dirigida ao Padre Barzeu, vice-provincial, estes notáveis conselhos, que dizem o alto apreço que ele ligava à obediência e à humildade religiosa:

"...Por ter ocasião, recomendo-vos que veleis atentamente sobre vós próprio; sem isto, eu não poderia ter confiança em vós.

Não vos esqueçais de reler muitas vezes as instruções que vos deixei à minha partida, e de as pôr exactamente em prática, sobretudo no que diz respeito à submissão do espírito, de que vos prescrevi o uso diário. Lembrai-vos que tendo os olhos fixos sobre o que Deus opera pelo vosso ministério ou pelo de nossos irmãos, não os deveis afastar da vossa miséria e vosso nada.

A minha amizade por vós todos me faria desejar ver-vos, todos juntos, meditar e passar uma revista ao que Deus tem feito e ao que faria se não tivésseis posto obstáculos a seus desígnios.

Estimaria mais que reflectísseis acerca disto do que ver-vos extasiados sobre as maravilhas de que tendes sido instrumentos nas suas mãos.

A primeira reflexão vos fará corar de vós mesmos e vos inspirará sentimentos de profunda humildade, descobrindo as vossas fraquezas e misérias; enquanto que a outra vos traria, facilmente, pensamentos de orgulho, e faria uma desordem vergonhosa na nossa Companhia, se ela viesse a introduzir-se aí: Vós não sois mais que os transmissores do bem do próximo; não sois mais que os instrumentos de que Deus se dignou servir-se para operar as suas maravilhas; não esqueçais isto..."

"Guardai-vos, meus Irmãos, de pecar contra o voto da santa obediência, causando a menor delonga na execução das minhas ordens ...

...Dirijo-me a vós em particular, mestre Gaspar; suplico-vos que não vos esqueçais de executar ponto por ponto, tudo quanto vos hei prescrito. Não vos julgueis, presumindo a minha morte, desembaraçados da minha autoridade, e tornados ao vosso livre arbítrio. Recordo-me que uma das minhas longas ausências fez cair alguns de entre vós, neste erro. Como não morrerrei senão quando Deus quiser, quaisquer que sejam os meus desgostos da vida e meus desejos da morte, é em vão que a curiosidade do homem se esforce em pressagiar a minha última hora. Digo-vos isto a

fim de que não prefirais o vosso juízo às minhas vontades, como vos tem acontecido doutras vezes, se é que vos lembra. Deus sabe se tendes sido prudente ou insensato...

Prestai toda a vossa atenção ao que vos vou dizer ainda.

Sêde rigoroso na admissão dos indivíduos que se apresentam a entrar na nossa Companhia.

Quando aqueles que admitirdes tiverem passado por um exame rigoroso e um inquérito severo, fazei-os passar também por todas as provas do serviço e da aprendizagem doméstica.

Examinando alguns deles que têm sido admitidos, não posso deixar de desconfiar do juízo daqueles que os apreciaram. Os seus progressos vão tão pouco além dos primeiros elementos da perfeição, que só vejo neles homens que o interesse, honra e crédito da Companhia exigem imperiosamente a exclusão dela, como os factos o têm provado.

Não posso deixar de apresentar um exemplo na pessoa de Álvaro Ferreira, que mandei riscar do registo da nossa Companhia, e que vos proíbo de aceitar no vosso colégio, se ele aí se apresentar. Se ele quiser entrar numa outra Ordem religiosa, podeis auxiliá-lo por todos os meios a vosso alcance; mas acautelai-vos em evitar que se lhe abra de novo a porta da nossa Companhia, quaisquer que sejam as instâncias que ele vos faça; porque, de minha convicção íntima, fiz uma lei expressa, em toda a amplitude dos meus poderes, e sei que ele não convém de modo algum ao nosso Instituto.

Se esta carta fôr parar às mãos de um outro que não seja o reitor Gaspar Barzeu, qualquer que ele seja, deverá julgar como prescrito a si próprio o que aqui ordeno a Gaspar Barzeu.

Francisco".

Esta carta é datada de Sanção, a 13 de Novembro de 1552. Dois dias depois todos os navios portugueses se fizeram à vela; só ficou no porto o Santa-Cruz.

VI. NA ILHA DE SANÇÃO - ABANDONO E SOFRIMENTO - O FIM DO EXÍLIO

A ilha de Sanção, inculta, estéril, desabitada do lado do porto, não oferecia recurso algum em si. Os portugueses, como já dissemos, não podiam estabelecer ali senão pequenas cabanas em que habitavam o tempo necessário para o seu tráfico com os mercadores chineses que ali vinham reunir-se-lhes, e depois da sua partida, aquela parte da ilha era um deserto inabitável, especialmente durante os grandes frios, e D. Álvaro de Ataíde não ignorava isso. Certo de que Xavier encontraria obstáculos quase invencíveis ao seu projecto de penetrar no império chinês, ordenara ao capitão do Santa-Cruz que não deixasse o porto de Sanção senão depois da partida de todos os navios portugueses, que não recebesse, sob pretexto algum, o Padre Francisco a bordo [84] e que lhe não fosse

útil em coisa alguma em qualquer serviço de que ele carecesse; sobretudo devia-se economizar os víveres da equipagem e não consentir que deles se dispusesse a favor do Padre Francisco.

D. Álvaro esperava sem dúvida que o santo apóstolo do Oriente morresse de frio, de fome e de pesar em terra inóspita onde os seus companheiros o abandonariam.

O nosso Santo fizera voltar a Malaca, pelo último navio português que levantara ferro com aquele destino, Tomás Scandelho e Francisco de Vilas, que Diogo Pereira encarregara de o acompanhar, o primeiro até Sancião, o segundo até Singapura somente; mas Francisco Xavier resolvera, como já vimos, conservar Francisco de Vilas, que muito desejava não o deixar, e escrevia ao seu amigo

"Francisco presta-nos todos os serviços que está a seu alcance prestar-nos; eu vo-lo mandarei com Manuel Chaves, e vós lhe perdoareis por ter vindo até aqui, porque se existe culpa, ela é inteiramente minha".

O mercador chinês não tinha voltado, os dias decorriam, o frio fazia-se sentir cada dia mais, não era já possível sair para o mar, e o capitão que não pudera determinar-se a abandonar o nosso Santo na ilha de Sancião, calculava, inquieto, todos os embaraços da situação, quando, a 20 de Novembro, Xavier, sustido por Antônio de Santa-Fé e conduzido por Francisco de Aguiar que guiava a embarcação, veio pedir asilo na enfermaria da nau Santa Cruz.

O capitão olha para o grande apóstolo... seu coração não pode resistir aquela vista. Se está perdido na sua volta a Malaca, se o governador lhe vai fazer sofrer os efeitos das suas ameaças, ele os sofrerá: mas não abandonará aquele que só tem feito sempre bem a todos e que salvou a equipagem de uma morte infalível na calmaria por que passou na viagem; não repelirá de si aquele que é objecto de amor e veneração para todo o Oriente [85]. Recebe portanto o nosso Santo, que vai ocupar um lugar entre os soldados e marinheiros da enfermaria, e de quem Francisco de Aguiar vai tratar com ternura filial:

- Francisco, disse-lhe o Santo doente, isto não será para longo tempo; eu terei a felicidade de deixar esta vida a 2 de Dezembro.

E tomando o seu crucifixo, beija-o com efusão, aperta-o ao coração e parece absorvido no seu amor.

Ele sofria duna dor no lado, acompanhada de forte opressão e de violenta dor na cabeça; experimentava todos os sintomas duma congestão pulmonar.

Luis de Almeida estava resolvido a invernar no porto de Sancião; quanto aos marinheiros, eles não se inquietavam de modo algum com a cólera do governador de Malaca. Jorge Álvares, que ficara como passageiro na Santa Crus, prodigalizava os seus cuidados ao nosso Santo, de quem era amigo, e prometia não o deixar; Francisco de Aguiar, Cristóvão e Antônio de Santa-Fé partilhavam da sua dedicação.

O baloiçar do navio fazia recobrar todos os sofrimentos de Xavier, e ele pediu que o tornassem a levar para terra; levaram-no para a praia e como soprava com violência o vento norte, Jorge Álvares fê-lo transportar para a sua cabana. Ali estenderam-no sobre uma esteira, abrigaram-no contra um frio glacial, com algumas pranchas mal unidas e uma cobertura de ramos secos!...

O seu amor pela santa pobreza não podia fazer-lhe desejar mais completa miséria. A sua ardente sede de privações, de sofrimentos, de sacrifícios de todo o gênero, vai ser enfim satisfeita!

Ele sabe que vai morrer ali à vista daquele império chinês pelo qual tão ardentemente, suspirara, e no próprio momento em que esperava transpor o braço do mar que o separava daquela terra de promessa!... Sabe que vai morrer a seis mil léguas das suas afeições mais queridas... que vai morrer em um solo pagão, em absoluta privação de todas as consolações de que a Igreja é tão rica para com os seus filhos que deixam a terra!...

O apóstolo incomparável que dera milhões de almas à Igreja de Jesus Cristo, o ilustre conquistador que fez avançar de três mil léguas os limites do seu império, Francisco Xavier nada tem a esperar dos seus tesouros!... sabe que ela não virá, naquela hora suprema, trazer-lhe a palavra santa que absolve, a unção sagrada que purifica, o alimento diurno que consola, e fortifica!... Sabe que ela não fará ouvir a oração em torno do seu ataúde, e que a sua bênção não cairá nem mesmo sobre o pedaço de terra que vai receber os seus restos mortais!...

Tudo devia ser dor, sacrifício, amargura de coração na ultima hora daquela vida magnífica! ou antes a morte do grande Xavier devia ser admirável, heróica, sublime como a sua vida...

Deus acabava a imolação da vítima!

Jorge Álvares quis fazer sangrar o santo doente.

- Eu consinto, disse-lhe Xavier, mas é inútil: devo morrer na sexta-feira próxima.

O cirurgião sangra-o e ofende-lhe um nervo; o doente desfalece, e voltando a si, experimentou violentas convulsões que contudo não puderam alterar a serenidade do seu angélico rosto. Não deixava escapar o menor lamento e só se ocupava do Deus que se dignava amá-lo muito para querer ser a sua única força, sua única consolação, no momento em que ele ia ter a suprema recompensa, a sua eterna felicidade.

O mal agravava-se com grande rapidez, a sangria foi renovada, as vertigens e convulsões repetiram-se também.

A 28 de Novembro, o nosso Santo doente caiu em delírio; então foi revelado a todos que o cercavam, toda a grandeza do sacrifício que Deus exigia do seu zelo: ele não cessava de falar da China, do seu desejo de aí levar a fé, da felicidade de dar a Deus todos aqueles milhões de almas, ou de morrer pelo Evangelho que lhes ia anunciar.

Pelo fim do dia, perdeu a fala, que recobrou a 30; mas a sua debilidade era extrema; só falava para orar. Ouvia-se-lhe repetir amiudadas vezes:

O sanctissima Trinitas!
Jesu, fili David, miserere mei!
Monstra te esse Matrem!

A 1 de Dezembro, mandou conduzir para o navio a sua capela e os seus livros, dizendo a Jorge Alvares:

- Morrerei amanhã às duas horas.

E dirigindo a vista para Cristóvão, disse-lhe com o acento de uma profunda piedade: "Ah! desgraçado!" Acabava de ser esclarecido sobre a

reincidência espiritual deste índio que, de volta a Malaca, recaiu nos seus hábitos criminosos e morreu miseravelmente.

No dia seguinte, sexta-feira, 2 de Dezembro de 1552, pelas duas horas da tarde, Francisco Xavier apertou ao coração o crucifixo que nunca deixava; beijou-o com uma viva expressão de amor e de felicidade, olhou para ele derramando lágrimas de consolação e de esperança; e pronunciou distintamente e em alta voz: In te Domine speravi, non confundar in aeternum!...

E inclinou-se para ele!... Somente o corpo do ilustre apóstolo do Oriente existia sobre a terra... sua grande alma estava no Céu! ... para sempre!

Na capela do castelo de Xavier, o crucifixo milagroso deixou de derramar sangue desde sexta-feira, 2 de Dezembro de 1552, pelas duas horas da tarde...

NO CÉU

DEZEMBRO 1552 - 1555

Índice

I. O TRIUNFO -IMPIEDADE DE UM GOVERNADOR

II. CASTIGO DO GOVERNADOR - TRASLADAÇÃO DO CORPO - CHEGA FINALMENTE A GOA

III. CARTA DE D. JOÃO III - CULTO - OUTROS MILAGRES

IV. INCORRUPÇÃO DO CORPO DO SANTO - CULTO - MAIS MILAGRES

NO CÉU

DEZEMBRO 1552 - 1555

I. O TRIUNFO -IMPIEDADE DE UM GOVERNADOR

A nova da morte do santo Padre tão amado, todos os portugueses da Santa-Cruz romperam em soluços.

Os marinheiros desembarcaram com todo o pessoal do navio; todos queriam ver e venerar o corpo do grande apóstolo, todos queriam beijar-lhe os pés e as mãos, recomendarem-se às suas orações, e testemunhar-lhe o amor e o reconhecimento que ele havia grangeado de todos os corações!

O santo corpo foi conservado até ao terceiro dia, domingo, estendido sobre a esteira que cobria o solo da cabana.

Jorge Alvares, Francisco de Aguiar, Cristóvão e Antônio de Santa-Fé, tiraram-lhe a sua pobre batina da qual repartiram entre si os preciosos pedaços, acharam sobre o seu peito uma pequena boceta contendo a assinatura de santo Inácio, os nomes dos Padres com os quais o nosso Santo tinha vivido em Roma, a fórmula dos seus votos, e uma parcela de osso do apóstolo S. Tomé, sob cuja proteção ele pusera o seu apostolado das Índias.

Revestido o corpo de seus hábitos sacerdotais, foi posto num esquife que se encheu de cal viva, a fim de que a carne fosse consumida logo e os ossos pudessem ser removidos na volta da nau Santa-Cruz.

Os portugueses tinham erigido uma cruz num prado, na base da colina que domina o porto; foi ao pé daquela cruz que Jorge Alvares fez depositar o esquife. Levantou-se um montículo de pedras ao lado da cabeça e um outro aos pés, e isto foi tudo!...

Francisco Xavier tinha previsto esses tristes funerais... Para ele, o sacrifício devia ir mesmo além da morte! Deus nada lhe poupou! Mas bem depressa também nada poupará para manifestar a glória do imortal apóstolo.

Dispondo-se Luís de Almeida a fazer-se à vela para as Índias, depois dos grandes frios, suplicou-lhe Jorge Alvares que não deixasse o corpo de Xavier em Sancião, assegurando-lhe que ele podia encarregar-se de o conduzir, por isso que pelas precauções tomadas só teriam de transportar os ossos já despojados da carne pela cal.

O capitão enviou dois dos seus homens com ordem de abrir o esquife e verificar o seu conteúdo. Esta abertura fez-se a 17 de Fevereiro de 1553, dois meses e meio depois da morte de Francisco Xavier.

Encontrou-se o seu rosto fresco, corado, sereno... o Santo parecia dormir. Os ornamentos não estavam alterados. Examinando o corpo, ele parece cheio de vida. Um dos homens corta um fragmento de carne, acima do joelho... o sangue salta! Correm ao navio, e levam a preciosa relíquia ao capitão; ele quer julgar por si próprio... cai de joelhos diante daquela grande maravilha, correm-lhe as lágrimas, não pode crer no que vê!

Em alguns instantes toda a equipagem da Santa-Cruz havia corrido para o prado e rendia homenagem ao corpo venerando do santo Padre. Todos se aproximaram, beijaram-lhe os pés e as mãos, e certificaram-se de que se exalava deste santo corpo um perfume que não tinha nada com que se comparasse sobre a terra.

Deitou-se de novo no esquife a cal que se tinha retirado, levaram religiosamente aqueles restos maravilhosos para bordo da Santa-Cruz, e pouco depois, fez-se à vela para Malaca, onde chegou a 22 de Março, com a mais bonançosa viagem.

Estava sendo aquela cidade de novo infestada de todos os horrores da fome e da peste, e os Padres da Companhia de Jesus não se achavam ali para prodigalizarem às vítimas desses destruidores flagelos os tesouros do seu santo ministério e da sua sublime dedicação. O capitão da Santa-Cruz, tendo expedido a chalupa para anunciar à cidade a chegada do santo corpo, a clerezia, a nobreza e o povo, vieram de tochas na mão, recebê-lo ao porto, não obstante a disposição de ódio do governador, e conduziram-no processionalmente à igreja de Santa Maria do Monte, que pertencia à Companhia de Jesus.

Os pagãos e os maometanos incorporaram-se espontaneamente na multidão para

renderem homenagem àqueles restos venerandos; Diogo Pereira parecia acompanhar os de seu pai; a sua dor era dilacerante!

- Qual é a causa deste lúgubre motim? perguntou D. Alvaro, deixando uma mesa de logo e abrindo uma janela que deitava para a praça do governo.

- É, provavelmente, respondeu-lhe um dos jogadores, o funeral do Padre Xavier, pois que o seu corpo devia chegar hoje.

- Que fanáticos! Eles verão bem depressa as honras que eu reservo ao seu santo Padre!

Depois das cerimônias religiosas, foi retirado o Santo do esquife que o encerrava; levaram-no para o cemitério dos pobres, lançaram-no numa cova muito pequena, forçando-o muito para ali entrar, e calcaram aquela terra "com pesadas alavancas" - diz o catequista do Santo, testemunha ocular-, e lhe abriram e achataram o nariz no estado em que vós o vistes em Goa, e quebraram-lhe o costado direito!... Eram aquelas, sem dúvida, as honras que o sacrílego governador havia prometido prestar a Xavier [86].

Naquele mesmo dia, cessava a peste em toda a cidade, os doentes viam-se milagrosamente curados, e embarcações carregadas de víveres, ancoravam no porto e vinham pôr termo à fome. O grande apóstolo recompensava assim as provas de veneração que os habitantes de Malaca acabavam de lhe prestar, a despeito da culpável governador, cuja malvadez tinha atraído sobre eles os castigos do Céu.

O corpo de S. Francisco Xavier, retirado do seu esquife, ficou assim indignamente enterrado na terra, na imundície!... E desgraçado daquele que tivesse ousado subtrai-lo àquela profanação...

Por aquele tempo o Padre João da Beira, voltando às Molucas, por ordem de Xavier, com o Irmão Manuel de Távora, chegou a Malaca no correr do mês de Agosto, e não pôde resolvei-se a embarcar para o seu destino, sem ter visto o que restava do seu amado superior. Por seu lado, Diogo Pereira desejava desde muito tempo poder prestar ao seu Santo amigo as honras merecidas pela sua incomparável vida; mas o terrível governador estava ali. O Padre João da Beira insistia, contudo:

- Somente vê-lo! dizia ele a Diogo; em seguida o tornaremos a enterrar e Deus saberá um dia mudar as circunstâncias de maneira que nos dará a consolação de prestar ao seu santo apóstolo as honras que merece.

- Pois bem! meu Padre, lá iremos pelo meio da noite, a fim de não sermos surpreendidos, respondeu-lhe Diogo Pereira.

Na noite de 15 de Agosto de 1553, dirigiram-se eles para o sítio em número de seis: o Padre Beira, o Irmão Manuel de Távora, Diogo e Guilherme Pereira e dois outros portugueses. Descobriram o precioso corpo e acharam-no tão fresco como se a vida, o não tivesse deixado; o lenço branco que cobria o belo rosto de Xavier estava molhado com o seu sangue!... Os amigos do nosso Santo prostraram-se diante daquele prodígio, e derramaram lágrimas de sentimento pela profanação de que eram testemunhas.

- "Levêmo-lo! levêmo-lo! disseram eles em voz baixa e todos ao mesmo tempo: a Providência nos protegerá."

E tomando nos braços o querido e venerando corpo, removeram-no para uma pequena ermida que Diogo Pereira possuía fora da cidade, convencionando

conservá-lo ali até que Deus lhes permitisse fazê-lo transferir convenientemente para Goa. Diogo Pereira fez-lhe construir uma de madeira preciosa e forrada de damasco; colocou-se uma almofada de brocado por baixo da cabeça do Santo, cobriu-se-lhe com um pano de tecido de oiro, e pôs-se uma tocha acesa na câmara. Esta tocha devia ter uma duração de dezoito horas; ardendo, porém, noite e dia durou dezoito dias!

Nessa ocasião estando um barco prestes a fazer-se à vela para as Molucas, julgou o Padre Beira dever deixar o Irmão Távora junto do corpo de que se via forçado a separar; encarregou-o da vigia e guarda daquele querido depósito e de o acompanhar a Goa logo que se oferecesse ocasião, e partiu ardendo mais que nunca em zelo pela glória de Deus e pela salvação das almas. Dizia-se que parecia que o espírito do grande Xavier passara para ele.

Logo depois da sua partida, o Padre Alcáçova, vindo do Japão, desembarcava em Malaca, onde devia esperar que algum navio se fizesse à vela para Goa; reuniu-se a Manuel de Távora para honrar a santa relíquia do seu Padre tão amado, na morada solitária de Diogo Pereira, pedindo todos os dias a Deus ocasião de a transportar com segurança para a metrópole das Índias portuguesas, onde a veneração pública o esperava impacientemente.

II. CASTIGO DO GOVERNADOR - TRASLADAÇÃO DO CORPO - CHEGA FINALMENTE A GOA

Num dos primeiros dias do mês de Fevereiro de 1554, antes do nascer do sol, um navio de guerra lançava âncora no porto de Malaca. Era numerosa a sua equipagem, formidável o seu armamento. O desembarque efectuou-se sem delonga e no maior silêncio; havia mistério e solenidade naquele aparato.

As portas da cidade abrem-se... O capitão, os oficiais e um destacamento de tropa apresentam-se, parlamentarara por alguns instantes, entram na cidade e vão diretamente ao palácio do governador.

Os soldados cercam o palácio e tomam todas as saídas; os oficiais, entre os quais se distingue um personagem cuja autoridade superior se adivinha pelo respeito que se lhe testemunha, penetram no interior.

Bem depressa se manifesta grande agitação nas ruas de Malaca, á nova do misterioso desembarque e da entrada silenciosa de um grande personagem cercado de oficiais e de homens de guerra. É geral a ansiedade para que o acontecimento seja conhecido; uns vão, outros vêm e todos procuram informações...

Finalmente sabe-se que a hora da justiça de Deus soara para o grande culpado; que D. Antônio de Noronha acabava de chegar para o substituir na qualidade de governador da cidade e de Intendente Marítimo, e que trazia a missão de o prender e de o enviar a Goa com boa e segura guarda.

Poucos dias depois, D. Alvaro de Ataíde, declarado criminoso de estado, atravessava as ruas de Malaca, escoltado por soldados e oficiais encarregados de guardar a sua pessoa, e é obrigado a embarcar para Goa, donde o vice-rei o mandou para Portugal para ali ser julgado pelo tribunal real.

Reconhecido criminoso de alta traição para coro a Igreja e para com o Estado, foi condenado a prisco perpétua, sendo confiscados todos os seus

bens.

Passados alguns anos, o seu corpo cobriu-se de úlceras, viu-o desfazer-se aos bocados e reconheceu que a justiça de Deus o fulminava; acredita-se que este grande pecador apelou para a sua misericórdia e que morreu arrependido.

Diogo Pereira, cumulado de honras pela corte, foi generosamente indenizado pelo rei das perdas que lhe havia feito sofrer a invejosa cobiça do seu inimigo; ficou assim, pois, cumprida a dupla predição do nosso Santo.

Ia largar para Goa o capitão Lopes de Noronha; o Padre Alcógova e o Irmão Távora, fizeram embarcar no seu navio o mais precioso tesouro das Índias, e embarcaram-se também com ele a bordo do navio Santa-Ana.

Este velho navio oferecia tão pouca segurança, que ninguém se atrevia a tomar passagem nele; porém logo que se espalhou a notícia de que ele levava o corpo do santo Padre, os passageiros apresentavam-se á, porfia; disputava-se a felicidade de fazer aquela viagem tão junto de quem era já honrado publicamente desde que se deixou de temer a cólera do sacrílego governador.

Porém, uma tempestade das mais violentas vera bem depressa experimentar a fé dos confiantes passageiros. O navio é lanceado sobre um banco de areia e a quilha enterra-se tão profundamente, que todos os esforços de manobra são infrutíferos para o desembaraçar.

- Santo Padre, gritam todos, desembaraçai-nos! vós estais aqui, o navio não pode perder-se!

No mesmo instante, um golpe de vento eleva a quilha, o navio sobe, e volta a flutuar por si mesmo... Estava salvo!

No estreito de Ceilão, um novo perigo mais aterrador se apresenta ainda. A embarcação choca contra um rochedo, o leme foi arrebatado, o navio fica encalhado, e não se compreende como ele se não reduziu a pedaços pela violência do choque. Corta-se a mastreação, procura-se aligeirar o peso, vão-se lançar as mercadorias ao mar.

- Não! não! o santo Padre há-de-nos salvar! dizem os passageiros cheios de confiança no precioso tesouro que possuem.

O capitão faz conduzir para a ponte a uma do apóstolo das Índias; todos caem de joelhos à roda daquele protetor tão querido; falam-lhe como quando ele se achava cheio de vida e que com uma palavra ou sinal aplacava as tempestades. Um ruído terrível se deixou imediatamente ouvir, o Santa-Ana deslisa-se ligeiramente entre dois rochedos e sai ao largo. O rochedo acabava de se abrir para o desencilhar!

Chegam, finalmente, ao ancoradouro de Cochim. Todos os habitantes da cidade correm a prestar homenagem de veneração e de saudades àquele a quem eles queriam como a um pai, e de quem se consideravam os primeiros filhos. Tocam o porto de Baticala; ali o mesmo entusiasmo, os mesmos sentimentos de dor e saudades, o mesmo amor.

A esposa de Antônio Rodrigues, oficial do rei, doente desde muito tempo, assegura que ficará curada se a levarem para o navio, para junto da uma venerada. Cedem às suas instâncias, e ela recupera a saúde.

A vinte léguas de Goa o vento torna-se contrário e o navio não pode

prossequir. O capitão Lopes de Noronha embarca na chalupa, chega à cidade à força de remos, vai' anunciar ao Colégio a chegada dos restos mortais do Santo Provincial, e narra os perigos por que passaram durante a viagem e dos quais o Santo apóstolo os salvou duma maneira tão milagrosa. Deixemos agora falar o Padre Blandoni então em Goa. Ele escrevia à Companhia de Jesus, em data de 24 de Dezembro do mesmo ano de 1554:

"Melchior Nunes [87] correu a casa do vice-rei a pedir-lhe um bote de dois remos para ir em demanda do navio retido por ventos contrários, e receber a bordo o precioso depósito que conduzia. O vice-rei mandou imediatamente aprestar uma fusta. O capitão Lopes viu fazerem-se aquelas disposições com vivo pesar. Ele rogava e pedia, como uma graça especial, que não tirassem do seu navio aquele poderoso sustentáculo que o tinha milagrosamente salvado dos maiores perigos; mas Belchior e todos os nossos Irmãos ardiam num vivo desejo de Padre, o mais cedo possível, os restos venerandos do seu Padre, e não cederam aos rogos do capitão. Embarcaram sem demora com três dos nossos Irmãos, quatro jovens discípulos da casa, e Mendes Pinto, negociante português que vivera em intimidade com Xavier durante a sua estada no Japão.

O vice-rei pediu a Melchior, quando partia, que não entrasse na cidade sem o prevenir da sua chegada.

Depois de terem navegado durante quatro dias e quatro noites encontraram finalmente os nossos Padres o navio de Lopes de Noronha próximo de Baticala; subiram imediatamente para bordo e fizeram transportar para a sua embarcação a uma de Xavier com todos os ornamentos. Durante aquele tempo, as crianças, coroadas de flores e levando ramos de oliveira, cantavam o Gloria in excelsis, seguido do cântico Benedictus. Os marinheiros empavesavam o navio, disparavam a artilharia e faziam ouvir as suas aclamações.

A sobrepeliz que revestia o santo corpo, conquanto tivesse estado enterrado perto de três meses em cal viva [88] conservava uma alvura admirável; estava tão perfeitamente conservada que Melchior teve desde aquele momento a idéia de a reservar para dela se revestir quando fosse apresentar-se ao imperador do Japão.

O rosto de Xavier estava coberto; as mãos estavam cruzadas sobre o peito; a cor da fita que as trazia ligadas estava tão viva como se naquele momento saísse das mãos do obreiro; seus pés estavam calçados com sandálias.

Melchior veio desembarcar com o seu precioso depósito em Ribandar, distante da cidade meia légua aproximadamente, e o depôs numa ermida consagrada à Santíssima Virgem [89], passando ali a noite com os seus companheiros.

Apesar de se estar na Quaresma os nossos Irmãos fizeram decorar os altares e ornar a igreja. Muitas pessoas queriam que se pusessem em movimento todos os sinos da cidade, mas os nossos Padres opuseram-se a isso e julgaram mais conveniente que se tocasse duas vezes somente como para um serviço fúnebre.

Na manhã seguinte [90], o vice-rei, o cabido, a

confraria da misericórdia, a nobreza, os altos funcionários, os magistrados, nós todos, finalmente, e uma imensa multidão de povo, saímos processionalmente ao encontro do corpo, que fomos esperar ao cais.

As ruas estavam empavezadas em todo o percurso, e tão cheias de espectadores de todas as classes, que mal se podia abrir uma passagem para o cortejo; todas as janelas e telhados estavam atulhados de gente que fazia cair uma chuva de flores sobre o corpo do Santo, à medida que ele passava.

Noventa meninos de sobrepeliz, e levando cada um uma tocha, abriam o cortejo; queimavam-se perfumes em todas as ruas do trânsito; dois incensadores de cada lado da uma envolviam-na numa ligeira nuvem de fumo. Chegados à nossa igreja, o corpo conservou-se coberto; a afluência do povo era tão grande que não se podia expor sem inconveniente. O vice-rei, não obstante o seu ardente desejo de o contemplar, não pôde satisfazer a sua devoção por este motivo.

Tendo, finalmente, a multidão perdido a esperança de o ver, ia-se retirando a pouco e pouco, não ficando senão um pequeno número de pessoas que suplicavam com lágrimas que lhes dessem a consolação de verem o seu bom Padre, e protestavam que não se retirariam sem ter tido aquela felicidade.

Melchior Nunes não pôde resistir às suas instâncias. Fez colocar uma barreira à entrada da capela-mor, e cada um pôde ver o corpo sem dele se aproximar. Todos estavam comovidos de surpresa e admiração, reconhecendo as suas feições: "E contudo, diziam eles, já lá vão seis meses que ele morreu! É isto crível?"

Apenas eles saíram da igreja, toda a cidade foi sabedora do prodígio de que haviam sido testemunhas, e uma grande multidão se dirigiu para a nossa casa com uma brevidade e um interesse inexprimíveis; era uma massa prodigiosa de assaltantes à qual foi impossível resistir. Durante quatro dias e quatro - noites a igreja esteve constantemente cheia. Aqueles que o tinham já visto queriam tornar a vê-lo ainda, e depois ainda outra vez!

Melchior Nunes, julgando finalmente ter feito muito para a satisfação do público, fez colocar a caixa junto do altar-mor e mandou pôr uma barreira em frente para a defender contra a invasão dos fiéis.

Quanto a nós, se experimentamos uma grande alegria por possuímos o corpo de Francisco Xavier, experimentamos outra, maior ainda, só pela idéia de que ele nos protege e intercede por nós no Céu [91]".

Os quatro dias concedidos pelo Padre provincial, às solicitações dos habitantes de Goa fizeram a glória do apóstolo do Oriente, mesmo além do que se esperava. Desde logo os doentes que se haviam feito conduzir para as ruas do trânsito no dia da sua entrada triunfal naquela cidade, que lhe fora tão querida, tinham todos recobrado milagrosamente a saúde.

Uma pobre mãe, cuja filha estava nas agonias da morte, abre a janela no

momento em que o cortejo passava por diante de sua casa, chama. em altos gritos o santo Padre suplicando-lhe que não passe sem curar sua filha, que vai morrer, e o santo Padre atende-a e restitui-lhe a filha, que se levanta cheia de saúde.

Colocaram o corpo em ponto elevado e em posição tal que o povo o pudesse contemplar de todos os lados da igreja, o que impedia a desordem e satisfazia completamente a multidão. Concorriam de todos os pontos da cidade e das circunvizinhanças os doentes e achacados, e todos voltavam curados! Os paralíticos andavam, os cegos viam, e isto parecia mostrar que o santo Padre nada podia recusar aos seus filhos de Goa! A exaltação do amor e do reconhecimento, subiu a tal ponto entre os fiéis que haviam merecido aquela abundância de graças e bênçãos, que até os leprosos puderam vir misturar-se na multidão e pedir ao seu amado Padre que se recordasse dos ternos cuidados e das carícias paternais que ele lhes prodigalizava durante a sua vida! Ninguém se lembrou de os afastar, nem de se afastar deles. Pelo contrário, todos lhe davam ânimo, dizendo:

"Ide, o santo Padre vos curará! ele curou tanta gente!"

E os leprosos viam desaparecer a sua lepra!

O Capitulo cantou a missa da Cruz, na Sexta-feira, na igreja do colégio; os religiosos franciscanos aí cantaram a da Santíssima Virgem, no sábado; ninguém pensou em celebrar um ofício fúnebre pelo apóstolo que havia propagado por todos os países do Oriente a fama dos seus milagres, e que operava tão brilhantes prodígios depois da sua morte.

A nau Santa-Ana abriu-se por si mesma, logo que terminou o desembarque dos passageiros e das mercadorias, e submergiu-se nas águas de Goa, sem que ficasse o menor fragmento!...

No mesmo ano de 1554, chegava a Goa, uma carta dirigida ao Padre-mestre Francisco; esta carta era de Santo Inácio, e chamava o nosso Santo para a Europa. O Padre Polanco, então secretário do célebre fundador da Companhia de Jesus, assegura que Santo Inácio chamava S. Francisco Xavier com a intenção de abdicar nele o titulo e as funções de geral da Companhia...

Esta carta chegava já muito tarde.

O ilustre gigante-havia terminado o seu curso, tinha chegado ao fim. Em dez anos somente, tinha ele transposto espaços tão consideráveis que, segundo os cálculos feitos, se reconheceu que as imensas distâncias percorridas pelo grande apóstolo, bastavam, reunidas umas às outras, para fazer muitas vezes o giro ao globo! [92].

Em dez anos somente, levou ele a fé a povos cuja extensão era de mais de três mil léguas, e plantara a cruz tão sólidamente naqueles países, que milhões de cristãos arriscaram a vida pela sua defesa.

As Índias e o Japão contam magníficas legiões de mártires, e o nome de S. Francisco Xavier jamais será ali esquecido.

III. CARTA DE D. JOÃO III - CULTO - OUTROS MILAGRES

Lisboa, 28 de Março de 1556.

Vice-rei, meu amigo.

A vida e as ações maravilhosas de Francisco Xavier têm sido tão admiráveis, que a sua publicação deve necessariamente resultar em glória de Deus Nosso Senhor.

Eu vos mando, por isso, que façais ouvir as testemunhas em toda a parte onde elas estejam; que procedais a um inquérito sobre todos os atos prodigiosos daquele homem extraordinário, sobre todos os feitos sobrehumanos por ele praticados, sobre todos os prodígios que Deus operou pelo seu ministério ou às suas orações, quer seja durante a sua vida ou depois da sua morte..

Fareis lavrar atas autênticas cujos originais me enviareis. Fareis inscrever todos os factos e todos os inquéritos, dia por dia, com suas datas, nos registos públicos. Este inquérito deverá ser feito por tal modo, que todo o homem que tenha conhecido as particularidades da urda, das ações, dos hábitos de Francisco Xavier, nos países que ele percorreu responda, em consciência e sob a fé de juramento, às perguntas que lhes forem dirigidas.

Vós me fareis uma dupla remessa deste inquérito, firmado com a vossa assinatura e do auditor geral, em número de três cópias, por três vias diferentes. Com isto muito me obsequiareis.

Vice-rei, meu amigo, envio-vos muito saudar.

Eu, O Rei.

Não era coisa muito fácil satisfazer aquele desejo, ou antes obedecer àquela vontade de D. João III. Todos os povos indianos se indignaram só com a idéia deste inquérito; era, no seu entender, levantar dúvidas sobre a santidade do seu santo Padre, e nada havia que pudesse feri-los mais viva e profundamente..

Já os Paravás, na costa da Pescaria, não consultando mais que a sua elevada devoção pelo seu grande Padre tão querido, tinham erigido uma igreja em sua honra, não obstante as representações dos Padres da Companhia. Concorriam em multidão a render-lhe homenagem naquela igreja onde haviam colocado uma imagem sua, e o santo apóstolo, sempre cheio de ternura pelos seus primeiros filhos indianos, concedia-lhes tantas graças, que os milagres não se contavam já; aquela igreja veio a ser a peregrinação mais célebre.

O rei de Travancor, persuadido de que o grande Xavier fosse um Deus, fez-lhe levantar um templo que excedia em magnificência a todos os outros que ele havia erigido em honra de Mahomet, cuja lei seguia.

Sobre a costa do Comorim, os muçulmanos haviam-lhe também consagrado uma mesquita. Todos os infiéis das Índias não o chamavam senão o Deus, o senhor do céu, da terra e dos mares. As imagens do apóstolo do Oriente existiam já em toda a parte, e em toda a parte elas faziam prodígios. O próprio arcebispo de Goa trazia uma ao pescoço e obteve do nosso Santo a cura de uma doença tida então como incurável.

Francisco Nunes, vigário geral de Coulão, num relatório sobre os milagres operados na área da sua jurisdição, diz que foi obrigado a abrir

um poço para dar de beber aos peregrinos que concorriam de toda a parte à igreja que a cidade de Coullão fizera erigir em sua honra. Acrescenta que as igrejas do país, dedicadas a outros santos, perdiam a sua invocação se nela se colocasse a imagem do apóstolo das Índias. Para todo aquele povo passava Padre ou do santo Padre.

Os pagãos tinham por uso jurar tocando um objecto de ferro em brasa, para atestar a verdade do seu testemunho. Depois da morte de Xavier, não juravam senão pelo seu nome, a ser desde logo a igreja do grande e muitas vezes Deus não quis permitir que se mentisse impunemente invocando o nome do grande apóstolo.

Um pagão devedor duma soma considerável a um cristão, nega a sua dívida; supunha ele que nada tinha a recear, pois que não existia prova alguma e nem mesmo testemunhas do empréstimo. O credor obrigou-o, em presença de testemunhas, a jurar pelo santo Padre Francisco que ele lhe não devia nada; o idólatra jura, e, logo que entra em sua casa, é atacado duma espécie de frenesi, no meio do qual vomita todo o seu sangue, e morre proferindo palavras de raiva que causam admiração e horror naqueles que inutilmente buscavam socorrê-lo.

Os japoneses não testemunhavam menos confiança na santidade do ilustre Xavier. A casa em que ele residira em Amanguchi era tida como um lugar santificado pela sua presença; iam aí invocá-lo, pedir-lhe graças extraordinárias, e obtinham uma infinidade de milagres.

Em Saxuma, os cristãos conservavam com veneração uma pedra sobre a qual ele pregara muitas vezes, e a mostravam, com santo orgulho, como o seu mais precioso tesouro. O rei de Ficando, escrevia, em 1554, ao Padre Melchior Nunes, provincial da Companhia de Jesus nas Índias:

"Padre Bonzo Cristão,

O grande e célebre bonzo Francisco Xavier, veio, há-de haver quatro anos, aos meus estados; ele converteu um grande número de meus vassallos à religião de um só Deus, e eu regozijei-me com isso; eu protejo-os contra o ódio dos bonzos de Chaca e de Amida.

O bonzo cristão, que está em Funai, veio duas vezes á minha côrte; ele baptizou muitos dos meus parentes e grandes do meu reino; eu ouvi a sua doutrina, e satisfêz-me muito; ela tocou o meu coração, e eu quero obedecer-lhe e ser cristão; é por isso que as portas do meu palácio se abrirão para vós, se quizerdes satisfazer ao grande desejo que tenho de vos ver.

Eu menti outrora, mas não mentirei mais. Se vierdes ver-me, fareis uma coisa muito agradável ao Deus único dos cristãos que é o verdadeiro, e a vossa vinda encherá de regozijo o meu coração".

O rei de Cangoxima, que S. Francisco Xavier não conseguira converter, encantado da submissão e das virtudes dos cristãos dos seus estados, escrevia também ao Padre provincial pedindo-lhe padres da sua Companhia, e dizia-lhe:

"Antes que os vossos santos mistérios fossem ensinados no meu reino, nós consumíamos-nos queimados por um ar de fogo, e os vossos bonzos foram como ventiladores que refrescaram os corações dos mortais".

Para os habitantes de Cangoxima, o grande Xavier era o ventilador celeste.

O Padre Luís de Almeida escrevia à Companhia de Jesus, que na sua passagem pela fortaleza do príncipe Hexandono, onde Xavier havia convertido um tão grande número de pessoas por meio de uma só pregação, encontrou a mais viva fé em todos aqueles que tinham recebido o batismo da sua mão.

A princesa operava numerosos milagres por meio do pequeno livro de orações que ele lhe deixara, e o intendente obtivera igualmente muitos por 'meio da sua disciplina.

Dirigiram sobre isto um grande número de perguntas ao Padre Almeida que retiveram por quinze dias na fortaleza para dele receberem os socorros religiosos de que se achavam privados.

O rei de Bungo, que tão ternamente amara o santo apóstolo do Japão, mas que não tinha tido a coragem de sacrificar as suas paixões por uma religião que ele reconhecia como única verdadeira, experimentou o efeito da proteção do nosso Santo; converteu-se sinceramente, fez lançar ao mar os ídolos que conservava até então no seu palácio, entregou-se aos exercícios da penitência, e foi finalmente baptizado pelo Padre Cabral.

Em memória do Santo que ele tanto prezara e admirara, e a quem se sentia agradecido pela sua conversão, quis tomar no batismo o nome de Francisco, ao qual ajuntou, para sua maior satisfação, o de Xavier. Dois meses depois do seu batismo, teve guerras a sustentar; foi vencido, destronado e despojado, mas coisa alguma enfraqueceu a sua fé. Respondia àqueles que atribuíam à sua mudança de religião os reveses que sofrera:

Eu fiz voto de viver e morrer cristão; pouco me importa a perda do meu reino! Uma só perda me seria horrível: a da fé! Quanto a mim, empenho-me tanto em a conservar, que desprezo tudo o mais! E quando eu visse o Japão, a Europa, os Padres da Companhia de Jesus e o próprio Papa renunciar a fé em Jesus Cristo, eu a não renunciaria! Se fosse necessário dar a minha vida, não hesitaria, com a graça de Deus, em a dar de todo o coração".

As suas disposições foram abençoadas; recobrou os seus estados e o seu poder, e solicitou com grande interesse a canonização do seu santo amigo, de acordo com os reis de Arima, de Omura e outros soberanos do Japão.

O Grão-Mogol Akebar, maravilhado da fama estrondosa dos milagres operados na Ásia pelo apóstolo do Oriente, despacha um embaixador a Goa para pedir padres da Companhia do grande Xavier, a fim de explicar a doutrina dum Deus pelo qual se operam tais prodígios [93].

O embaixador solicita também, para si, o favor de ver o corpo do célebre santo Padre das Índias, e não se atreveu a aproximar-se daqueles restos mortais antes de ter tirado os sapatos. Todas as pessoas da sua numerosa comitiva o imitaram, e viu-se todos aqueles muçulmanos prostrarem-se muitas vezes, até tocarem com a fronte o pavimento da igreja, antes que se permitissem a honra de dirigir os seus olhares para o corpo dum Santo cujo poder era superior ao do seu profeta.

Os navios que passavam à vista da ilha de Sancião, prestavam homenagem, salvando com toda a sua artilharia, ao lugar em que o grande Xavier tinha deixado a terra, e onde o seu corpo se conservara perto de três meses, privado das honras que lhe eram devidas.

Os portugueses aí fizeram erigir uma capela que posteriormente foi saqueada e destruída pelos piratas, e de que não existem senão ruínas.

Até na Africa o nome de Francisco Xavier era venerado como o do homem mais extraordinário e mais maravilhoso.

Será, pois, para admirar, depois de tudo isto, que os índios, os japoneses e todos os povos que a poderosa palavra do grande conquistador da Igreja havia convertido ao Cristianismo, se ofendessem pelos processos empregados para dar aos seus milagres a autenticidade exigida para a canonização dos santos? Supunham aqueles bons índios que era bastante abrir-se os olhos e olhar em torno de si, pois que os milagres brilhavam em toda a parte.

Achando-se o navio de Bento Coelho a caminho de Malaca para Cantão, adoeceram gravemente, atacados de perigosa enfermidade, alguns passageiros; eles pedem ao capitão que toque em Sanctiã e que os faça conduzir ao sítio do prado em que o santo Padre fora sepultado. O capitão cede àquele piedoso desejo; os doentes deitam sobre as suas cabeças uma pequena porção daquela terra que a presença do corpo venerando santificara, e no mesmo instante todos recobram a saúde.

O navio do Capitão Manuel da Silva fez-se à vela para o porto de Cochim, seguindo a derrota de Bengala. No meio do golfo foi acometido por uma tempestade que o forçou a cortar a mastreação e a lançar ao mar o seu carregamento muito precioso. Todas estas medidas desesperadas não podem salvar o navio, o naufrágio é inevitável... Chamam em grandes gritos o santo Padre que tantas vezes acalmara o furor do mar... No mesmo momento uma terrível vaga semelhante uma montanha, que ia cair sobre o navio e submergi-lo, recua e desaparece ao nome de Xavier!

As contas do rosário do nosso santo foram suficientes para operar maravilhas, assim como os rotos pedaços do seu pobre vestuário, que se tinha dividido com a mais notável parcimônia; eram apenas alguns fios, mas era bastante.

As cruces que ele tinha colocado por suas próprias mãos nos lugares mais elevados, estavam cheias de ofertas ex-voto, não somente dos cristãos, mas também dos pagãos e muçulmanos, em reconhecimento dos favores obtidos por sua intercessão.

A cruz de Cotate, na qual estava a imagem do grande Padre, tornou-se uma das mais célebres pela cura imediata dos doentes que se faziam conduzir para junto dela. Um paralítico encontrara o movimento, um cego recuperara a vista, os prodígios multiplicavam-se todos os dias, e foi preciso tirarem-se cópias da imagem milagrosa que todos queriam possuir.

Gaspar Gonçalves, orgulhoso por possuir uma daquelas cópias que levava de Cotate, chega a Cochim, às onze horas da noite. A meia noite o fogo apoderava-se da casa vizinha à sua, morada de Cristóvão de Miranda. As habitações eram geralmente construídas de madeira e cobertas de folhas de palmeira: num instante o incêndio apresenta imensas chamas. A filha do Miranda perecera naquela fornalha; os habitantes da casa vizinha tinham lançado precipitadamente pelas janelas os móveis, a roupa, tudo quanto puderam salvar por este modo, e cada um se ocupava da sua segurança pessoal, quando Gaspar Gonçalves se lembra do tesouro que possui.

Lança-se de joelhos com todos os moradores da casa, chama o santo Padre em seu auxilio e apresenta às chamas a imagem daquele que não cessa de espalhar as graças do Céu sobre os que o invocam com confiança. No mesmo

momento as chamas abatem-se, o fogo extingue-se, a cidade fica salva dum incêndio geral e inevitável!

Uma piedosa viúva, Lúcia de Velanzan, nascida na China, tinha habitado Malaca onde tivera a felicidade de ser dirigida por Francisco Xavier; posteriormente habitava Cochim, e tendo uma viva fé nos méritos do santo apóstolo, obtinha admiráveis maravilhas por meio duma pequena medalha tocada na sua imagem. Fazia o sinal da cruz com aquela medalha sobre os doentes que lhe levavam, dizendo-lhe: "Em nome de Jesus e do santo Padre Francisco, a saúde vos seja restituída!"

Gonçalo Rodrigues tinha, havia muitos meses, um abcesso junto do coração; não obstante os remédios empregados, aquele abcesso tomara todos os caracteres dum cancro e fazia-o sofrer todos os efeitos dolorosos. Vai procurar Lúcia, ajoelha-se diante dela, pedindo-lhe que o cure com a medalha do santo Padre, e Lúcia tendo feito o sinal da cruz três vezes sobre a parte ulcerada, a chaga desapareceu imediatamente.

Maria Dias era cega e paralítica de todo o lado direito, desde a cabeça até aos pés. Transporta-se para casa de Lúcia que a deixa em sua companhia e lhe aplica todos os dias sobre o lado paralítico uma compressa embebida em água na qual havia banhado a medalha milagrosa. Ao sétimo dia vendo a paralisia curada, Lúcia faz o sinal da cruz coxas a medalha sobre os olhos de Maria, a quem a vista é restituída no mesmo momento e vai imediatamente à igreja da Companhia de Jesus agradecer ao seu benfeitor.

Manuel Fernandes Figueiredo foi curado pelo mesmo meio de horrorosas úlceras nas pernas, de uma disenteria julgada mortal. Por toda a parte, finalmente, os milagres eram inumeráveis.

Ao mesmo tempo, muitas predições do ilustre Xavier se cumpriram literalmente.

A nau Santa-Cruz, depois de ter sulcado os mares durante vinte e dois anos, e ter sido vendida muitas vezes, sempre muito acima do seu valor, por causa da palavra profética do grande apóstolo, a Santa-Cruz deixara um dia o porto de Malaca, e segundo o costume, ia bem carregada. Mal tinha levantado ferro, e o navio vai a submergir-se, faz água, é forçado a voltar ao porto, e pede-se aos capitães que se fazem à vela. para o mesmo destino que levem uma parte das suas mercadorias. Ouve-se então um grito de indignação da praia e dos navios ancorados.

"Então! Vós temeis ir a pique! Não sabeis que o santo Padre nunca Se enganou! A Santa-Cruz não se perderá no mar, ele o disse, portanto é verdade! É necessário que tenhais bem pouca fé! Não vêdes os milagres que ele faz todos os dias e em toda a parte? Vós ofendeis a Deus e ao santo Padre! Tornai a partir sem perda de tempo e nada temais."

E a Santa Cruz voltando ao mar não faz mais água, e chega a salvamento a Cochim.

A reputação deste navio deu-lhe o nome de Navio do santo Padre, e em todos os portos do Oriente, logo que ele chegava, todos os navios ancorados o saudavam com a sua artilharia.

Depois de ter sido comprado pelo comandante da fortaleza de Diu, o navio do santo Padre fez muitas viagens, mas o capitão, julgando-o um dia em mau estado, manda-o a Cochim para aí ser reparado. Fazem-no entrar na doca de conserto. Apenas aí chega abre-se por si mesmo; todas as peças se deslocam, e não resta daquele grande casco, que caía de velhice, senão vigas e pranchas absolutamente inúteis.

A população de Cochim dirigia-se em massa para o porto à notícia de que a Santa-Cruz viera para ser reparada; toda a cidade conhece a predição de Xavier e sabia que este navio tinha sido construído em Cochim; todo o povo foi, pois, testemunha do seu fim.

O capitão Jorge Nunes apossou-se de uma tábua que fez aplicar à sua fragata, convicto de que este destroço conservara uma virtude que a garantisse dos perigos do mar. Parecia-lhe impossível que aquele fragmento dum navio no qual o grande apóstolo viajara durante a sua vida e depois de morte, não fosse o melhor preservativo contra todo o perigo. A sua confiança foi abençoada. Ele empreendeu as mais perigosas travessias por tempestuosos tempos e respondeu sempre aos conselhos da prudência humana:

"A minha fragata leva a prancha do santo Padre: é a prancha da salvação, ela me salvará de todo o perigo".

Com efeito, a fragata, depois de ter resistido aos mais grossos tempos, às mais violentas tempestades, desfez-se por si mesma, como a Santa-Cruz, no porto, de Coulão, onde devia ser reparada.

Pedro Velho, mercador português, habitante de Malaca, e a quem o nosso Santo tinha predito em Sancião que morreria na manhã do dia seguinte em que achasse o vinho amargo, ocupava-se mais, desde aquele momento, dos interesses da sua alma que dos do seu negócio. Vivia em exercício de penitência e de caridade, não obstante a sua posição no mundo, e chegara assim a uma extrema velhice, sem nada perder da sua jovialidade natural, mas sem esquecer a predição do seu bem-aventurado amigo.

Um dia, estando à mesa com muitos convivas, acha o vinho amargo e pergunta aos que o cercam se eles lhe sentem o mesmo gosto; todos respondem que o vinho é excelente.

Pedro Velho, querendo certificar-se se a delicadeza não entrara na afirmação dos seus amigos, faz servir-se doutro vinho e acha-lhe igual amargor. Não lhe resta mais dúvida, a sua última hora é chegada. Faz interior ente a Deus o sacrifício da sua vida e depois comunica aos seus convidados a predição do Padre Xavier.

Terminada a refeição ocupa-se dos arranjos do seu negócio, distribui a sua fortuna pelos pobres, vai seus amigos, pede-lhes as suas orações, convida-os para o seu enterro e faz preparar os seus funerais.

Na manhã do dia seguinte assiste ao santo sacrifício da missa, que era oferecido por sua intenção, e ali comunga como viático...

No fim da Missa estava morto...

IV. INCORRUPÇÃO DO CORPO DO SANTO - CULTO - MAIS MILAGRES

Até então o corpo de S. Francisco Xavier conservava todas as aparências de vida. Tinha a mesma frescura, as mesmas cores, a mesma flexibilidade dum corpo vivo, sendo de admirar aquela maravilha.

D. Dias Carvalho tinha conhecido intimamente o Santo apóstolo e viajado muitas vezes em sua companhia. Vem a Goa para o ver, muitos anos depois da sua morte, e arrebatado de espanto e admiração, exclama:

"Mas ele vive! que frescura! que cores! É ele! ... está, vivo!"

O vigário geral de Goa, D. Ambrósio da Ribeira, aplica um dedo sobre a ferida feita ao santo corpo em Malaca... O sangue corre ao contacto do dedo, e sai também dela água. Este prodígio renova-se ao contacto do dedo de um Irmão da Companhia de Jesus.

Expõe-se um dia o santo corpo à veneração empenhada dos fiéis de Goa. Uma mulher beija-lhe os pés, e esperando não ser vista arranca um fragmento de carne com os dentes e leva-o misteriosamente, considerando-se feliz por possuir aquela preciosa relíquia...

Mas o sangue corre na presença de testemunhas. Era sangue puro, rico e belo!... São chamados os médicos, que certificam o milagre e atestam que é, a seus olhos, o maior dos prodígios.

Em 1812, o Padre Aquaviva, Geral da Companhia de Jesus, pede à casa de Goa que envie a Roma o braço direito de S. Francisco Xavier. Este braço, que havia operado tão grandes prodígios, produziu então um novo e mais admirável ainda.

O corpo foi encontrado com a mesma frescura, a mesma flexibilidade e as mesmas cores, como as de um homem vivo; corta-se o braço pedido pelo superior geral e o sangue corre com tanta abundância como se o corpo estivesse cheio de vida! Embebem-se nele panos que os Padres de Goa enviaram a Filipe IV, rei de Espanha, e recolhe-se em um frasco que se remete com a mão à Casa de Roma. O braço foi dividido entre os colégios de Cochim, de Malaca e de Macau...

O navio que conduzia aquela santa relíquia para a Europa foi encontrado e perseguido pelos corsários; ia ser presa deles quando o capitão exclama:

"Leve-se o braço do santo Padre ao cesto da gávea! Ele porá os piratas em fuga".

A ordem é executada; os piratas viram de bordo, afastam-se a todo o pano e não tornam a aparecer mais.

A corte de Roma, solicitada pelos soberanos do Japão e pelo rei de Portugal, para proceder à canonização de Francisco Xavier, examinou o seu processo, reconheceu vinte e quatro ressurreições juridicamente provadas, e oitenta e oito milagres admiráveis operados durante a vida do ilustre Santo. Uma bula do Papa Paulo V, datada de 25 de Outubro de 1619, declara-o bem-aventurado.

Foi canonizado por Gregório XV, a 12 de Março de 1622, com todas as cerimônias ordinárias, porém a sua morte retardou a publicação da bula, que foi dada por Urbano VIII, seu sucessor, com a data de 6 de Agosto de 1623.

Aquela bula faz menção da maior parte dos milagres que aqui mencionamos, e acrescenta que um cego tendo invocado o apóstolo das Índias, Xavier, aparecendo-lhe, disse-lhe que solicitasse a cura da sua enfermidade durante nove dias seguidos e prometeu-lhe que a obteria com esta condição. O cego obedeceu e recobrou a vista ao nono dia.

Cita ainda um leproso que tendo-se servido, como de um linimento, do óleo da lâmpada que ardia junto do corpo do Santo, a sua lepra desaparecera.

Finalmente a mesma bula menciona que as lâmpadas colocadas diante da imagem

do santo apóstolo em Colate, ardiam muita vezes com água benta tão bem como com óleo; e que aquele milagre convertia um grande número de pagãos.

Em 1670, por um decreto de 14 de junho, o Papa Clemente X fixou a festa de S. Francisco Xavier em 3 de Dezembro, e ordenou, pelo mesmo decreto, que o seu ofício seria do rito duplex para toda a Igreja.

Poucos anos antes, alguns índios tinham feito uma preciosa descoberta: tinham tornado a achar, no alto mar, um caranguejo duma espécie desconhecida, trazendo uma cruz latina sobre a concha, e tendo barbatanas nos pés trazeiros, o que nunca se tinha visto até então. Ficaram admirados do maravilhoso crustáceo, e empenhavam-se em fazê-lo conhecer com o nome de caranguejo de S. Francisco Xavier; porque estes bons índios estavam persuadidos que ele provinha-daquela que a divina Providência se servira para fazer restituir ao santo Apóstolo do Oriente o crucifixo caído no mar das Molucas.

O conhecimento desta descoberta transmitiu-se muito longe, e o sábio Padre Kircher, da Companhia de Jesus, na sua China Ilustrada, publicada em 1667, menciona como novidade, a aparição deste caranguejo, de que, acrescenta ele, não se tinha ouvido falar até ali.

Mais tarde, no começo do século XVIII, um governador, de Pondichéry, pedia a um capitão que se ia fazer à vela para as Molucas, que fosse de Ambóino a Baranura, e que lhe trouxesse alguns caranguejos daquelas paragens a fim de os conservar em memória daquele que havia restituído o crucifixo de S. Francisco Xavier do fundo do mesmo mar.

Não era para si que o governador pedia, mas para um amigo que desejava possuí-lo, o que lhe parecia dever ser uma espécie de relíquia do nosso Santo.

O capitão fez procurar caranguejos desde Ambóino até Baranura, mas em vão; como são, de ordinário, tão comuns em todos os mares, os marinheiros da equipagem não podiam explicar a sua completa ausência em todo o percurso que exploraram com tanta atenção.

Finalmente encontraram um, um só, e este trazia uma cruz sobre a concha! Era o primeiro daquela espécie que se tinha visto naquelas paragens, e foi o único que se pôde levar ao governador porque, não obstante todas as pesquisas, não se puderam encontrar outros de espécie alguma. Este único que foi dado pelo governador ao seu amigo e transmitido aos herdeiros deste, foi levado a França e tivemos ocasião de o ver e admirar. Ele difere daquele que os índios chamam "caranguejo de S. Francisco Xavier".

Neste, cujo desenho vimos, nota-se ao pé da cruz, que parece sair de um pedestal, dois personagens envolvidos em mantos árabes; todas as formas são bem pronunciadas: é um homem de um lado, uma mulher do outro; adivinha-se, sente-se a Santíssima Virgem e São João.

Aquela espécie só se encontra em pleno mar e mui raras vezes; quando o índio tem a felicidade de encontrar um daqueles caranguejos, apossa-se dele e conserva-o com grande respeito, porque é o caranguejo de S. Francisco Xavier.

O único que foi encontrado no mar das Molucas, há-de haver século e meio, traz também a cruz latina perfeitamente formada, porém não tem a figura das personagens à direita e à esquerda. O que o distingue é a forma de três pregos em relevo, por baixo da cruz e veias brancas dos dois lados, cuja disposição sobre o fundo rosado, produz para muitos, à primeira vista, o efeito de três letras I. H. S. formadas pelo fundo e

não pelas veias; a cruz parece sair da letra H e esta letra está riscada por uma linha transversal de pontos em relevo.

Como se explica que seja este o único encontrado até hoje com caracteres tão notáveis? Não se pode supor, tendo em vista a longevidade bem conhecida desses crustáceos, que talvez fosse este o próprio instrumento do milagre, instrumento providencialmente encontrado e conservado, e do qual descende a espécie tão rara, à qual os índios deram o nome do ilustre apóstolo do Oriente?

Depois da morte do nosso Santo, o número das ressurreições obtidas pela invocação dos seus méritos, - reconhecidas pela corte de Roma, juntos os processos da canonização, antes e depois da publicação da bula, - elevava-se, em 1715, à enorme cifra de vinte e sete, das quais quatorze haviam sido obtidas pouco antes.

Nesta época, em 1715, o arcebispo de Malaca certificou oitocentos milagres somente na sua diocese. Naquela cidade de Malaca, onde o grande apóstolo operara tantas maravilhas, não restam outras recordações da sua passagem e de seus magníficos trabalhos, senão as ruínas da sua morada!

Próximo do templo dos protestantes, mesmo no meio do seu cemitério, mostra-se ao estrangeiro um montão de pedras, e diz-se-lhe que foi ali a capela onde S. Francisco Xavier celebrava todos os dias os santos mistérios!... Os pastores ingleses obtiveram este resultado!

Mas não tiveram igual sucesso na costa da Pescaria com os Paravás, que consideram ainda como título de glória o descenderem daqueles que foram baptizados ou evangelizados pelo grande Padre Francisco Xavier. Os missionários reconheceram que a fé se conservara entre eles mais pura e mais ardente do que entre os outros povos indianos.

Quando os holandeses se tornaram senhores da costa da Pescaria, apossaram-se das igrejas e os missionários foram obrigados a ocultarem-se nas florestas. Ali continuavam eles a exercer o seu santo ministério, e os bons Paravás iam todos os domingos para junto deles, assistiam ao santo sacrifício da Missa, e recebiam a instrução que os devia fortificar contra a doutrina dos herejes.

Os vencedores, vendo-se repelidos com perda todas as vezes que tentavam ganhar os índios para a sua religião, fizeram vir de Batávia um ministro protestante, bem certos de que os Paravás não resistiriam à sua eloquência. O ministro provoca à discussão um chefe da casta e esforça-se por lhe fazer compreender e apreciar todas as vantagens da religião protestante. O chefe dos Paravás escuta-o tranqüilamente até ao fim sem lhe opor uma única palavra, e quando o eloquente ministro, fatigado de falar, terminou o seu discurso e perguntou ao seu ouvinte o que pensava do seu raciocínio, este respondeu-lhe

"A fé que nós professamos foi-nos pregada pelo grande Padre Francisco Xavier que operava tantos milagres quantas palavras proferia. Se vós quereis fazer-nos crer a vossa doutrina, provai-nos que ela é melhor que a sua, fazendo maior número de milagres do que ele fez.

Ele ressuscitou cinco ou seis mortos nesta costa; ressuscitai doze.

Ele curava muitos dos nossos doentes; curai-os todos. Quando tiverdes feito isto, nós nos resolveremos".

O ministro, conhecendo que perdia o seu tempo com tais homens tornou a embarcar a toda a pressa.

Em Cotate, onde os milagres do apóstolo das Índias continuavam na proporção da fé e da confiança dos peregrinos, deu-se um facto bem notável no dia da sua festa, 3 de Dezembro do ano de 1699, e que encontramos numa carta do P. Martin, datada de junho de 1700. Este missionário achava-se em Cotate na ocasião do acontecimento.

Todo o povo da costa da Pescara e da de Travancor tinha concorrido em peregrinação à igreja daquela cidade para a festa do grande Padre. Os idólatras e os maometanos concorriam também com zelo igual ao dos cristãos, porque a devoção pelo apóstolo do Oriente, é comum nas Índias a todas as religiões.

Um pagão, cujo único filho estava ameaçado de perder a vista, havia prometido ao grande Padre, se ele curasse o seu filho, dar oito fanons [94], à sua igreja de Cotate. A criança ficou curada, e o pai reuniu-se à multidão dos peregrinos para agradecer ao Santo e fazer-lhe a sua oferta.

Quando saía da igreja, com seu filho nos braços, nota que seus olhos estão num estado mais perigoso do que antes da cura; a criança nada via! O infeliz pai entra na igreja, grita que pecou, que merece a punição que o grande Padre lhe inflige, porque tendo prometido oito fanons só dera cinco. Apressa-se em juntar três outros, tira óleo da lâmpada do Santo e fricciona com ele os olhos da criança...

O mal desaparece imediatamente. A multidão imensa que enchia a igreja foi testemunha daquele duplo milagre.

Xavier é olhado pelos pagãos como sua divindade mais propícia, e é incrível quantas graças eles obtêm.

O P. Martin, durante a sua permanência em Cotate, foi testemunha de um outro facto não menos extraordinário que o precedente.

Aqueles povos costumam associar-se em número de quinhentos até mil. Cada um dos associados deposita todos os meses numa bolsa comum um fanon. Quando a soma se eleva a uma cifra conveniente, reúnem-se, cada associado escreve o seu nome num bilhete, os bilhetes são lançados numa urna e depois de contados uma criança mete a mão dentro, tira um deles e aquele cujo nome sai primeiro recebe a soma total.

Num dos primeiros dias de Dezembro de 1699, um pagão entra na igreja de Cotate, e diz em alta voz ao nosso Santo

"Grande Padre, eu estou associado em duas lotarias; se vós me fazeis ganhar a primeira, dar-vos-ei cinco fanas; eu valo-prometo".

Feito isto, o pagão satisfeito com a sua boa idéia e bem certo de ganhar, pois que havia prometido uma parte ao grande Padre, dirige-se à reunião e anuncia antecipadamente que o seu nome sairá... E sai, com efeito, no meio da alegria de todos os associados.

O feliz sorteado corre à igreja, deposita os cinco fanons, agradece ao grande Padre, e lhe promete dobrar aquela soma se lhe faz ganhar a segunda lotaria. Volta para a praça, anuncia que novamente vai ser proclamado, e o seu nome aparece ainda no primeiro bilhete saído da urna, não obstante todos os meios empregados para evitar qualquer trapaça!

A igreja de Cotate está edificada sobre o mesmo terreno da cabana para onde S. Francisco Xavier se retirava, às tardes, depois de ter passado o dia

todo a pregar, a confessar e a baptizar.

A tradição do país refere que tendo os pagãos incendiado a cabana uma noite, enquanto ele estava em oração, ficou ela reduzida a cinzas, mas o Santo foi encontrado em êxtase sem a menor queimadura; até os seus vestidos haviam sido respeitados pelas chamas, e ele só teve conhecimento do ocorrido quando viu os estragos do fogo.

Os cristãos, em memória deste milagre erigiram uma cruz no lugar onde ele se havia operado; aquela cruz veio a ser objecto duma peregrinação célebre onde se obtinham tantos favores, que uma igreja foi ali levantada logo depois da canonização do illustre apóstolo.

Em Negapatão vê-se unia pequena igreja que os habitantes asseguram estar situada no mesmo lugar onde ele pregava.

Em 1832, indo o R. P. Moré a Calcutá, tocou na costa de Comorim; os Paravás, a quem ele disse ser Irmão do seu grande Padre Francisco Xavier, cercam-no imediatamente e lhe suplicaram com lágrimas que ficasse com eles, prometendo respeitá-lo e obedecer-lhe. O grande nome de Xavier é ainda tido como todo-poderoso naqueles povos.

Não era só nas Índias e no Japão que este nome se invocava com respeito extraordinário; em todas as partes do mundo o Santo correspondia por meio de graças aos que imploravam a sua proteção.

O Padre de Arce, de origem espanhola, ensinava filosofia havia trinta anos no colégio de Córdoba de Tacamant. Foi atacado de uma moléstia mortal, os progressos são rápidos; resigna-se de todo o coração e faz o sacrifício da sua vida. O mal chegara ao maior perigo, quando, possuído duma grande inspiração para lhes resistir invoca a grande glória da Companhia de Jesus, Francisco Xavier, e lhe promete votar-se de todo à salvação dos índios se a saúde lhe fosse restituída.

No mesmo momento o Padre Arce acha-se livre de todo o sofrimento; estava curado contra toda a esperança, e tão subitamente que reconhecendo o milagre os seus superiores permitiram-lhe deixar o ensino pelas missões. Vai para os ferozes "chiquitos", e aí funda uma missão à qual dá o nome de S. Francisco Xavier, que conserva ainda, e em 1715 encontra no meio de seus trabalhos apostólicos, a palma gloriosa do martírio.

Num dos frequentes tremores de terra de Santiago, capital do Chile, o palácio episcopal foi derrubado. O arcebispo, D. Gaspar de Vilarcelo, ficou envolvido nas ruínas; mas ele tinha invocado o grande apóstolo das Índias Orientais no momento do desmoronamento, prometendo-lhe fazer qualquer coisa por sua glória se o preservasse daquela morte inevitável.

O piedoso prelado foi encontrado cheio de vida debaixo das ruínas; não tinha a menor ferida e nem sequer a mínima contusão!

Em reconhecimento daquele milagre compôs em latim as ladainhas de S. Francisco Xavier.

Na Itália, correspondia o nosso Santo por meio de maravilhas a todas as orações que lhe eram dirigidas.

Em 1633, o Padre Marcelo Mastrilli, filho do marquês de Saint-Marzan, uma das mais illustres famílias de Nápoles, achava-se às portas da morte em consequência duma ferida grave na cabeça.

Um operário, trabalhando na igreja, deixara cair um martelo, de mais de

dez metros de altura, que atingiu na cabeça o Padre Mastrilli. Foi tratado imediatamente mas tendo sido esgotados todos os esforços da ciência, que em vão se tinham administrado ao doente, não se esperava senão a morte. S. Francisco Xavier aparece-lhe e inspira-lhe um ardente desejo de ir para o Japão, para ali trabalhar na glória de Deus, e ali morrer pelo seu nome. Fez-lhe proferir o voto de partir sem demora: pôs-lhe sobre a ferida da cabeça um relicário contendo um fragmento da cruz do Salvador, e fez-lhe pronunciar em latim esta oração que nos tem sido religiosamente conservada

"Ó cruz sagrada! E vós Salvador adorado que a inundastes do vosso sangue, eu me consagro inteiramente a vós para sempre! Suplico-vos que me concedais a graça de derramar todo o meu sangue pelo vosso santo nome! Imploro esta graça que o apóstolo Francisco Xavier não pôde obter!

Eu renuncio à minha pátria, à minha família, aos meus amigos, a tudo o que possa embaraçar ou retardar a minha partida para a missão das Índias, e me dedico sem reserva à salvação dos índios em presença do meu pai S. Francisco Xavier".

Depois daquele voto, o doente recuperou subitamente a saúde; o grande apóstolo prometeu-lhe a coroa do martírio, e disse-lhe que rogaria junto de Deus por todos aqueles que o invocassem com fé e confiança durante nove dias seguidos; e depois desapareceu.

O Padre Mastrilli levantou-se logo depois daquela visão, nas melhores condições de saúde; disse missa na manhã seguinte o que causou admiração geral.

Toda a cidade de Nápoles sabia que na véspera só se esperava pelo seu último suspiro e todos viam ou ouviam dizer que ele estava perfeitamente curado.

O Papa Urbano VIII e Filipe IV rei de Espanha, quiseram vê-lo e ouvir da sua boca a narração daquele milagre e ele satisfez os seus desejos. Depois embarcou para Goa, e tendo feito ao grande Xavier o presente de um magnífico túmulo em reconhecimento da graça que havia recebido, partiu com a maior satisfação dos seus superiores, para ir conquistar a coroa que lhe havia sido prometida.

Chegado ao Japão, escreveu a seu pai:

"Eu espero que S. Francisco Xavier acabará a sua obra; por um milagre ele me restituiu a vida, por um milagre me conduziu às Filipinas, por um milagre me abriu a entrada deste Japão tão desejado; espero, pois, que por um milagre também me verei um dia no meio dos verdugos".

Teve, com efeito, a felicidade de ser martirizado no Japão a 17 de Outubro de 1637.

A cura tão pronta do Padre Mastrilli, as circunstâncias maravilhosas que a haviam precedido e seguido, causaram mais impressão, porque a família de Saint-Marzan era da mais alta nobreza napolitana.

A novena a S. Francisco Xavier tornou-se em pouco tempo uma devoção popular tão viva, tão ardente, que em 1652 os calabreses fizeram publicar um grosso volume com as graças extraordinárias que tinham obtido pela intercessão do apóstolo das Índias. Este volume contém 142 narrações de factos milagrosos devidos à sua protecção.

O Padre Portier, da Companhia de Jesus, missionário na Grécia, sofria desde muito tempo duma perna, cujas violentas dores a ciência não podia minorar. Declara-se uma chaga, a cárie ataca os ossos, e os cirurgiões anunciam ao doente que é necessário fazer-se a amputação; mas os seus superiores desejam que aquela cruel operação seja feita em França e ordenam-lhe que vá a Paris na esperança de que a ciência reconhecida dos operadores franceses lhe tornarão a amputação menos dolorosa e os tratamentos serão mais cuidados.

O doente embarcou-se em Constantinopla em 1699. Apenas embarcado, sente uma forte inspiração de pedir a S. Francisco Xavier que o cure, que promete fazer em sua honra a devoção de dez sextas-feiras [95], e começa-a na mesma semana.

Desde a terceira sexta-feira as dores cessam; as partes dos ossos que a gangrena havia atingido desligam-se e caem. O doente, querendo auxiliar o Santo na sua obra maravilhosa, lembra-se de pôr sobre aquela chaga, conquanto em via de cura, um aparelho, da sua imaginação que, segundo ele, devia bem depressa acabar o milagre começado.

Mas S. Francisco Xavier não queria meios humanos, não tinha necessidade de ser auxiliado, e provou-o bem depressa, fazendo-lhe voltar imediatamente todas as dores com que havia sido tão cruelmente martirizado durante mais de dois anos.

O Padre Portier, suficientemente advertido, retirou os remédios que o Santo mostrava poder dispensar; os sofrimentos cessaram de novo, e poucos dias depois a chaga estava sarada, a perna perfeitamente curada, e não restava mais do que uma cicatriz, como lembrança da obra divina obtida pela intercessão e pelos méritos do apóstolo do Oriente.

Pelos fins do último século, Roma, a cidade eterna, experimentou a dor de ver a Companhia de Jesus sempre perseguida pelo ódio do vício e da impiedade, despojada, encarcerada, dispersa, suprimida finalmente... O inferno queria absorver a terra. Contudo, os romanos não invocavam com menor confiança os grandes Santos que a ilustre Companhia havia dado ao Céu.

Em 1788, Anunciada Quartieronni via seu filho quase a morrer em consequência de bexigas. Gaspar tinha apenas dois anos, era única jóia, a única esperança de seus pais. Anunciada chama em seu auxilio o apóstolo do Oriente, declara-lhe a sua dor de mãe e põe o seu filho sob sua especial proteção.

No mesmo instante vê o filho voltar à saúde: S. Francisco Xavier mostrava-lhe que aquela criança se tornara sua.

Antônio de Buffalo e Anunciada Quartieronni, sua mulher, recordaram muitas vezes a seu filho o milagre que lhe havia restituído a vida; inspiraram-lhe um terno reconhecimento para com seu Santo protetor, porque desde a idade de 5 a 6 anos, o pequeno Gaspar gostava de se recolher a orar na igreja de Gear, diante do altar de S. Francisco Xavier.

Mais tarde, elevado ao sacerdócio, ardendo em zelo pela glória de Deus e péla salvação das almas, fundou muitos estabelecimentos de piedade ou de caridade, entre outros os Irmãos de Elite de S. Francisco Xavier ou Ristretta e a Congregação do Precioso Sangue. Esta congregação quis o cônego Buffalo colocar sob o patrocínio do nosso Santo, em memória do sangue milagroso derramado em cada 6.a-feira do ano 1552 pelo crucifixo do oratório do castelo de Xavier. Entre as práticas de piedade recomendadas pelos estatutos, o fundador indica a novena ao Santo protetor

da Congregação do Precioso Sangue, -S. Francisco Xavier.

Em Bolonha, onde o nosso Santo, então no começo do seu apostolado, havia adquirido tanta confiança e tanto amor, a sua memória conservava-se viva em todos os corações e à solicitação dos habitantes, o quarto que ele outrora habitara no presbitério da paróquia de Santa Lúcia, foi transformado em capela onde o povo corria pressuroso a pedir a seu apóstolo querido, com o maior ardor, as graças que desejava. Mais tarde a igreja de Santa Lúcia foi cedida à Companhia de Jesus, assim como o presbitério de sua dependência; e mais tarde, quando foi abatida para se construir uma nova em maiores proporções, o presbitério foi destruído para ceder à igreja o seu terreno, mas a capela de S. Francisco Xavier foi conservada intacta e ficou compreendida na nova igreja.

Em consequência de perseguições que têm tantas vezes honrado a Companhia de Jesus, esta capela foi arrebatada repentinamente à devoção do povo, mas não puderam fazer esquecer aos bolonheses que havia ali morado o grande Xavier, o ilustre apóstolo que seus antepassados tinham tão grande glória de haver conhecido, e que manifestara por numerosos prodígios a lembrança que ele conservava no Céu da cidade onde foi ternamente venerado.

A devoção do nosso Santo estendeu-se até à Alemanha; como em outros lugares ela ali obteve maravilhas, e pelos fins do último século publicava-se em Oberbourg um grosso volume com graças assinaladas que ele havia espalhado na alta e baixa Styria.

No castelo de Xavier, os milagres eram inumeráveis: Transformou-se em capela o quarto em que ele nasceu, e os peregrinos aí concorriam em grande número. Navarra escolheu-o para patrono, é ainda hoje quase todos os navarreses dão no batismo o nome de Xavier, a seus filhos e as peregrinações continuam numerosas àquela capela aberta ao público pelos descendentes do nosso Santo. Todos têm conservado com religioso respeito aquele nobre solar, ilustrado por tão gloriosas recordações.

O castelo de Xavier é ainda o que era em 1524, época em que D. Francisco dele se ausentara para sempre... A capela da nobre família conserva-se como no tempo em que a feliz e desolada mãe do grande apóstolo do Oriente ia ali encher-se de forças para agradecer a Deus tantos sofrimentos e felicidade.

O crucifixo milagroso está ainda no lugar em que D. Francisco o deixou; o sangue maravilhoso, coagulado desde o dia em que o apóstolo das Índias subiu ao Céu, vê-se ainda hoje.

No fim do século XVII, tendo alguns peregrinos ousado subtrair pequenas parcelas, o arcebispo de Pamplona, advertido daquela piedosa temeridade, ameaçou com excomunhão a todo aquele que tentasse renova-la. Desde muito tempo o público não tem entrada naquela capela; é necessária uma autorização particular para ser admitido a contemplar o precioso crucifixo.

Em 1744, por ordem do rei D. João IV, o arcebispo de Goa e o marquês de Castelo-Novo, vice-rei das Índias, acompanhados de todos os grandes dignitários, examinaram os restos de S. Francisco Xavier, e declararam, com todas as formalidades exigidas, a perfeita conservação do seu corpo.

O Papa Bento XIV, vendo os milagres sem número que se obtinham constantemente pelos seus merecimentos, declarou-o protetor do Oriente, por um breve de 24 de Fevereiro de 1747.

Em 1728 o Padre Cicala da Congregação dos Lazaristas, assistiu à exposição das relíquias do grande apóstolo, a 10, 11 e 12 de Fevereiro. Escrevia ele que o concurso do povo havia sido tão considerável naquele ano ali que ultrapassava tudo quanto se tinha visto durante mais de trinta anos, no empenho de vir visitar o santo túmulo. Concorreram gente de todas as partes das Índias. O caixão, de oito pés de comprimento, dois de altura e fechado por três chaves, foi aberto em presença do bispa de Cochim, administrador da diocese de Goa, de todo o clero, de todas as ordens religiosas, do vice-rei e de todos os grandes dignitários e magistrados.

O corpo do Santo estava inteiramente coberto por um véu de sêda que se levantou, e todos os assistentes puderam contemplar o que restava do grande apóstolo do Oriente. Estava revestido de hábitos sacerdotais; a casula, presente da rainha de Portugal [96], e bordada por sua mão, estava perfeitamente conservada. O corpo não tinha o menor indício de corrupção; mas não apresentava as aparências de vida que conservara por mais de um século. "A pele e a carne, escrevia o P. Cicala, estão ressequidas e totalmente unidas aos ossos; as faces brancas; não lhe falta senão o braço direito que está em Roma e dois dedos do pé direito, assim como os intestinos. Os pés, sobretudo, conservam-se na maior beleza" [97].

Em 1859, o rei de Portugal D. Pedro V, ordenava uma nova verificação do estado do Santo corpo. Um dos médicos chamados julga aquela ordem temerária porque havia mais de três séculos que aqueles restos preciosos estavam no túmulo. Mas enganava-se; o processo verbal que a seguir reproduzimos, merece fé.

APÊNDICE

Índice

PROCESSO VERBAL DA ABERTURA DO
TÚMULO DE S. FRANCISCO XAVIER - 12
DE OUTUBRO DE 1859

APÊNDICE

PROCESSO VERBAL DA ABERTURA DO TÚMULO DE
S. FRANCISCO XAVIER - 12 DE OUTUBRO DE 1859

No ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1859, a 12 de Outubro, às 9 horas da manhã na igreja do Bom Jesus, antiga casa professa dos Padres da Companhia, sita na antiga cidade de Goa, onde se acha o túmulo com o corpo de S. Francisco Xavier, com pareceram o Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor Visconde de Torres Novas, Governador Geral do Estado da Índia; o Governador do arcebispado de Goa, a Relação do Estado, Câmara Municipal do Concelho das Ilhas, e outras corporações, autoridades e chefes das repartições deste Estado, abaixo assinados, os quais haviam sido convidados para assistir à abertura do dito túmulo com o fim de se conhecer o estado em que se achava o corpo do mesmo Santo, em virtude da autorização concedida por Sua Majestade, em portaria do ministério da marinha e ultramar n. 100 de 11 de Setembro

[98] do mesmo ano e abaixo transcrita.

E logo com as chaves que existiam na secretaria geral e que foram apresentadas neste ato, se abriu o cofre em que se acha o corpo do Santo e se encontrou revestido de hábitos sacerdotais; depois, os facultativos de que se compõe a junta de Saúde, o físico-mor Eduardo de Freitas e Almeida, o cirurgião-mor José Antônio de Oliveira e o cirurgião da 1.ª classe Antônio José da Gama, tendo procedido ao exame do corpo, acharam o crânio revestido, do lado direito da respectiva pele cabeluda, onde se vêem ainda alguns raros cabelos, e completamente descoberto do lado esquerdo.

A face toda está revestida de uma pele seca e escura com uma abertura do lado direito comunicando com o seio maxilar do mesmo lado, e que parece corresponder ao lugar da contusão de que trata o processo verbal lavrado em 1.º de janeiro de 1782; dos dentes visíveis, só falta um dos incisivos inferiores; existem ambas as orelhas. Falta o braço direito; a mão esquerda está completa, compreendendo unhas, como se disse no processo verbal de 1782; as paredes abdominais acham-se cobertas de uma pele ressequida e algum tanto escura; o ventre não contém intestinos; os pés estão cobertos de uma pele igualmente seca e escura, deixando ver a saliência dos tendões; faltam no pé direito o quarto e o quinto dedos; contudo existem ainda em um deles restos de pele e das falanges num estado muito esponjoso.

À vista disto foi decidido que o corpo e as relíquias do mesmo Santo estão em estado tal que podem ser expostos à veneração pública, a fim de excitar e aumentar a devoção dos povos; e de tudo, eu Cristóvão Sebastião Xavier, oficial-maior da secretaria do Governo deste Estado, redigi este processo verbal, no qual se assinam todas as corporações e autoridades acima mencionadas. E eu Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, secretário do Governo Geral o fiz escrever. - Visconde de Torres Novas. - O governador do arcebispado, Caetano Peres, etc... seguem 57 assinaturas.

Ajuntemos aqui a descrição do túmulo do nosso Santo.

S. Francisco Xavier, está depositado em um caixão de prata lavrada e dourada. Este caixão está colocado em um soberbo mausoléu de mármore negro de Itália, circundado por três altares que ocupam as três faces do mesmo mausoléu, onde se acham esculpidas sobre o mármore, em baixo relevo, e com toda a perfeição artística, as principais ações da vida deste Santo apóstolo.

Este monumento, rico e precioso, merece ser minuciosamente admirado.

Era naquela igreja que vinham outrora tomar posse do poder os antigos vice-reis e capitães generais, e os actuais governadores gerais também continuam aquele uso praticando as mesmas formalidades.

A sacristia é em tudo proporcionada à magnificência deste templo, e vê-se aí uma bela coleção de pinturas e quadros.

Atrás do túmulo, dirigindo-se da sacristia para o convento, vê-se o quadro representando S. Francisco Xavier, segundo se diz, o seu verdadeiro retrato, tirado pouco tempo depois da sua morte. Próximo da porta deste majestoso templo lê-se a seguinte inscrição:

"Sepultura de D. Jerónimo Mascarenhas, capitão de Cochim e de Ormuz, que mandou edificar esta igreja à sua custa; e, em reconhecimento, a Companhia de Jesus lhe consagrou este lugar".

Sobre uma coluna à entrada da porta principal, lê-se:

"Reverendissimus et illustrissimus D. Alexis Menezes, archiepiscopus Goanensis, Indiae primas, Anno Domini MDCVI. d. ma ".

Havia sido anunciado que a exposição do Santo corpo seria pública desde 2 de Dezembro, dia da morte do grande apóstolo das Índias, até 1 de Janeiro de 1860. Mas já se contavam mais de trinta mil estrangeiros chegados a Goa antes do dia da verificação jurídica da santa relíquia. "As ruas desertas da cidade de Goa, viram desfilar uma multidão de povo pertencente a todas as seitas e a todas as religiões. O rio estava coberto de embarcações, e o templo majestoso do Bom Jesus, onde está depositado o Santo, cheio de pessoas distintas que concorreram a este ato solene. Um outro ato semelhante, e que havia excitado talvez menos entusiasmo, tivera lugar, há mais de 77 anos, ao 1 de Janeiro de 1782; porém pouca gente assistiu "[99].

Monsenhor Canoz, da Companhia de Jesus, bispo de Tamase e vigário apostólico de Maduré, convidado a fazer parte dos peregrinos aos quais o governador de Bombaim havia oferecido o seu barco para se transportarem ao lugar da exposição solene do santo corpo, vai-nos dar a interessante descrição daquela cerimônia e dizer-nos a felicidade que ele gozou, junto do túmulo venerado do nosso ilustre Santo. Achamos estes pormenores na carta que ele escreveu ao Rev. Padre Bekx, geral da Companhia de Jesus e tem a data de 10 de Dezembro de 1859.

"A igreja do Bom Jesus, ligada à antiga casa professa da Companhia e edificada por D. Pedro de Mascarenhas em 1592, não tem, diz ele, "senão uma só nave mui larga, e dois braços de cruz, no fundo dos quais se acham, dum lado o altar de S. Francisco Xaxier, e doutro o de S. Francisco de Borja [100]. O altar-mor é dedicado a Santo Inácio...

Atrás da capela de S. Francisco Xavier eleva-se o famoso monumento erigido à memória do apóstolo das Índias pelo grão-duque de Toscam em 1655, e que se distingue através de uma larga grade de bronze dourado e artisticamente trabalhado. É para sentir que esteja encerrado em um espaço estreito e escuro que não permite apreciá-lo como merece. É formado de mármore branco, deixando nos quatro lados da base um largo espaço livre para um altar.

A segunda parte do monumento, colocado sobre aquela base, é ornada no meio de baixos relevos em bronze; representam, dum lado o Santo baptizando pobres infiéis, do outro pregando verdades da salvação, e sobre a terceira face, morrendo, abandonado na ilha de Sanção, próximo da China.

Finalmente a terceira parte diminui gradualmente de largura á proporção que se eleva; está encimada por um magnífico caixão de prata contendo o corpo do Santo e ornado de pequenas colunas entre as quais estão colocados vidros. Tinha-se feito descer aquele caixão para o colocar sobre um estrado elevado no meio do cruzeiro da igreja, e coberto de um tapete verde; mas o caixão forrado de um rico estofado, que encerra o santo -corpo, tinha sido retirado e deposto sobre uma das faces do monumento onde era permitido aos fiéis venerá-lo.

Um dia, depois de ter dito a santa missa no altar oposto, vim prostrar-me diante daquele caixão que abracei com toda a efusão do coração; e até à chegada dos piedosos peregrinos prolonguei com delicias minha ação de graças, meditando sobre as virtudes e merecimentos do Santo que o próprio corpo de Jesus Cristo que eu acabava de receber, santificara duma maneira tão prodigiosa.

Finalmente chegara o grande dia da festa de S. Francisco Xavier que foi anunciado solenemente pelo som majestoso dos sinos da Catedral e de todas as igrejas da cidade, assim como pelas salvas de artilharia.

As tropas, reunidas naquela ocasião, desfilavam com a música à frente, por diante da fachada da igreja do Bom Jesus e iam postar-se na estrada por onde devia passar o governador. Os cônegos da Catedral e a clerezia achavam-se já na capela do monumento esperando S. Ex.. Logo que ele chegou, às dez horas precisamente, começou a procissão que, atravessando o largo corredor do claustro, entrou na igreja. O caixão era levado por seis cônegos com capas de seda prateadas, debaixo do pálio e seguido do governador, do seu estado maior e de todos os funcionários civis e militares do Estado, convidados para aquela imponente cerimônia. Parou junto da barreira do santuário para se abrir o caixão e tirar-se a parte superior.

Então o corpo do Santo, posto a descoberto foi deslizado no interior do mesmo caixão, dando-se em seguida começo a uma missa solene com música que foi interrompida pelo panegírico do apóstolo das Índias.

O administrador daquela casa tinha preparado para nós um lugar na tribuna de onde podíamos contemplar à nossa vontade a procissão. Quanto ao sermão, foi-nos impossível entender uma só palavra por causa da distância em que nos achávamos e do grande sussurro do povo que ia e vinha dirigindo-se para junto do túmulo sagrado, sem prestar atenção ao pregador a quem também não compreendia...

Acabada a missa, um dos sacerdotes de serviço veio procurar-me assim como aos meus dois companheiros, o P. Gard e o P. Charmillot, chegados na véspera de Belgão, para nos introduzir no santuário a beijar os pés do Santo. Eu detive-me em presença do caixão, penetrado de devoção, deixando passar livremente por diante de mim todos os cônegos e os clérigos em serviço. Não posso exprimir-vos meu M. R. Padre, a comoção e o sentimento de alegria e felicidade que experimentei colando os meus lábios sobre aqueles pés sagrados que percorreram tantas regiões longínquas e pisaram tantas vezes esta terra da Índia para anunciar a tão diversos povos, abismados nas trevas da idolatria, a boa nova da paz e da salvação: *Quam speciosi pedes evangelizantium pacem, evangelizantium bona!* - Que formosos pés os daqueles que evangelizam a paz, que evangelizam o bem!

Quanto Deus é admirável nos seus santos, e como ele se compraz em glorificar, mesmo aqui em baixo, aqueles que só têm trabalhado pela sua glória! Eu considerei-me como

delegado, com os meus dois companheiros, em nome de toda a Companhia, numa tão imponente cerimônia, e orei com todo o fervor de que era capaz, pela Igreja e seu chefe nas graves conjunturas em que ele se acha atualmente; por toda a Companhia e por aquele que a dirige; e por todas as missões da Índia e da China, unindo no meu coração o Maduré e Bombaim pedindo para todos os nossos missionários o espírito apostólico de S. Francisco Xavier e para os povos infiéis a graça da conversão.

O meu espírito, entregue a uma multidão de reflexões piedosas, não podia separar-se deste lugar abençoado. Não me achava satisfeito com aquele primeiro ato de veneração; voltei para ali naquela tarde, tornei a ir na seguinte manhã. Porém para satisfazer mais à vontade, a minha devoção, desejei ser admitido a uma visita particular; tinha já falado nisto ao cônego Pereira, vigário geral, encarregado de presidir no domingo à veneração das santas relíquias. Falei ainda ao administrador, depois ao secretário do governador, e fui bem sucedido. Conheceu-se que tinha esquecido colocar debaixo do caixão uma prancha com rebordos e guarnecida de pequenas rodas que devessem facilitar o movimento diário antes e depois da veneração. Foi fixado para o meio dia aquele trabalho e fui para aí convidado com os meus companheiros. Podeis imaginar se nós fomos fiéis ao chamamento. Ajudei por minhas próprias mãos a levantar a preciosa carga que foi deposta sobre o estrado em frente da uma de maneira, que nos deixava todo o vagar para contemplar o santo corpo. Ele está coberto de uma rica casula bordada a ouro e guarnecida de pérolas, presente de uma Rainha de Portugal em 1699, quando S. Francisco Xavier foi declarado defensor das Índias. Mas não era isto que atraía tanto a nossa atenção; ocupávamo-nos mais em fazer tocar os objetos de devoção, imagens, medalhas e rosários a seus pés sagrados.

Naquela ocasião um dos assistentes mandou-me uma fita cor de rosa, medida do comprimento do corpo, que eu envio a Vossa Paternidade. Auxiliei de novo a colocar o caixão no esquife; e foi então especialmente que ajoelhando-me junto daquela cabeça venerável, pus-me a contemplar aquele rosto do apóstolo, que parecia pregar ainda todas as virtudes apostólicas de que deixou no mundo tão belos exemplos, e sobretudo aquela máxima salutar que, saída da boca de Inácio, tinha feito nele uma impressão tão profunda e duradoura, e exercido uma tão maravilhosa influencia para a sua conversão e sua dedicação completa, ao serviço de Deus; aquela máxima que ele citava a todos, especialmente aos felizes do mundo e aos príncipes da terra, que mais precisavam: *Quid prodest homini si mundum universum lucretur, animae vero suae detrimentum patiatur?* - De que serve ao homem ganhar o universo se ele chega a perder a alma?

Reconhecem-se ainda os traços daquele heróico personagem que três séculos não puderam apagar. A pele que cobre o rosto está algum tanto trigueira; a boca entre-aberta dessa ver os dentes; distinguem-se os lábios, o nariz, as fontes; dir-se-iam espalhados sobre o crânio cabelos grisalhos, como encrustado na pele; a cabeça está algum tanto elevada, apoiada sobre um coxim. O braço esquerdo

coberto duma alva preciosa estendido sobre a casula, deixa a descoberto a mão toda, cujos dedos se conservam suspensos e algum tanto separados uns dos outros.

Sabe-se que o braço direito foi cortado em 1616 por ordem do P. Geral Aquaviva e transportado a Roma, onde está exposto no Gesù, no altar de S. Francisco Xavier. Depois daquela amputação, feita numa grande sala da casa professa, o corpo do Santo perdeu aquela frescura e flexibilidade que conservara até ali.

Os pés conservam a sua forma e todos os dedos, exceto os dois pequenos do pé direito que foram tirados.

Entro nestes pequenos pormenores porque me persuado que agradecerá a Vossa Paternidade e àqueles dos nossos que lerem e que sem dúvida invejarão a minha felicidade de ter rosto com meus olhos aqueles restos milagrosamente conservados, que nos pregam tão fortemente a penitência e a mortificação, fazendo-nos ver sobre a terra a glória daqueles membros crucificados pelo serviço de Deus...".

Um fragmento do braço direito do Santo, como já dissemos, foi concedido ao colégio que a Companhia de Jesus tinha estabelecido em Macau; mas sob a influência, ou antes, sob a dominação inglesa, o colégio dos jesuítas foi transformado em caserna e somente a igreja conservada.

Em 1834, uma imprudência dos soldados incendiou a caserna, os socorros foram mal dirigidos, o incêndio devorou os estabelecimentos, alcançou a igreja e não deixou senão ruínas... Não nos enganamos: no meio daquela grande e deplorável destruição um admirável milagre se verificou: quatro estátuas somente foram respeitadas pelas chamas e se conservaram de pé perfeitamente intactas: eram as de Santo Inácio de Loyola, S. Francisco Xavier, S. Francisco de Borja e S. Luís Gonzaga.

Numerosas relíquias dos mártires do Japão desapareceram naquele desastre... A de S. Francisco Xavier foi a única salva!

Poderíamos citar factos ainda mais recentes, atestando que o poder dos merecimentos do ilustre apóstolo, cuja admirável vida nos foi tão agradável escrever, está bem longe de enfraquecer; mas limitar-nos-emos a afirmar que ele se não invoca em vão.

Acrescentaremos aperras que as páginas que acabam de ser lidas foram inspiradas pelo sentimento do mais profundo, mais vivo, mais terno reconhecimento.

Glória a Deus!

Glória a S. Francisco Xavier!

NOTAS

Índice

Notas

NOTAS

Notas

[1] Aznar, conde de Vascónia, descendia de Hunald duque d'Aquitânia, príncipe descendente da raça merovíngia. Em 824, Pepino, rei da Aquitânia, encarregou o conde de Vascónia, seu parente de marchar contra a Navarra e de a submeter à sua autoridade. Aznar obedeceu, fez a conquista desta bela e importante província, tratou os vencidos com toda a moderação, e ganhando assim a sua confiança e estima, viu-se aclamado rei deste povo, não obstante ser ainda seu inimigo.

Aznar, por consideração a Pepino, recusou a coroa de rei e não aceitou senão o título de conde de Navarra. Quando ele morreu em 837, sucedeu-lhe seu filho no título; porém Fortun, seu filho mais novo, proclamado rei de Navarra em 880, aceitou a coroa e foi deste ramo que vieram os soberanos que seguiram até à conquista deste país por Fernando o Católico. Os filhos de Aznar (de que os Navarreses fizeram Aznarez) formaram muitos ramos e aliaram-se por consórcios às casas soberanas da Espanha.

[2] Os historiadores, em geral, não reconhecem João III como rei de Navarra. Aquele que deu causa a esta questão chamava-se João d'Albert, segundo do nome, rei de Navarra por sua mulher Catarina de Foix que sucedeu a seu irmão Gastão

João d'Albert governou a Navarra desde 1483 até 1513. João I, rei de Aragão e de Navarra, usurpara esta última coroa que pertencia a seu filho D. Carlos pelo lado de sua mãe, de quem era o único herdeiro legítimo. Os reis de Castela e de Leão nunca reconheceram o rei de Aragão, João I, como rei de Navarra, e fizeram-lhe uma tal guerra que só terminou com a sua morte. Assim se explica porque os historiadores de S. Francisco Xavier designam o soberano de Navarra que reinava na época do seu nascimento sob o nome de João III, enquanto os que escreveram a história da Espanha não admitem João d'Albert senão como segundo do nome.

[3] Sabe-se que a grande Isabel não tendo consentido em sacrificar os seus direitos a favor de Fernando tomaram ambas o título de rei, a fim de que em igualdade de poder fosse reconhecido tudo que dimanasse da sua autoridade.

[4] P. Bártoli dá a este príncipe o nome de Theobald. Depois de Fortun I, que foi o primeiro rei de Navarra, em 880, até à conquista deste reino por Fernando, o Católico, em 1512, a história não apresenta nenhum soberano deste nome sobre os diversos tronos de Espanha. Além disto, está provado que Tibaud, conde de Campanha, herdeiro da coroa de Navarra por sua mãe, reinou efetivamente de 1234 a 1253, e que Thibaud seu filho, lhe sucedeu. É verdade que em algumas cartas da Idade Média se encontra o nome de Theobald pelo de Thibaud, conde de Campanha; porém nenhuma história o adotou.

[5] Afonso VI, rei de Leão e de Castela, tinha por primeiro ministro, pelos fins do século XI, o senhor de Aznares, chamado pelos antigos historiadores Assurez, Assarez, Ansarez e, finalmente, Bosarez, Afonso VI, na hora de sua morte, confiara-lhe os negócios da coroa e lhe recomendou sua filha a infanta Urraca, que lhe ia suceder. A infanta esposou Afonso I, rei de Aragão e de Navarra cognominado o

Batalhador, que se desgraçou pelos desregramentos da sua vida. Enquanto o rei combatia os mouros Urraca, querendo desembaraçar-se dum censor importuno, exilou o primeiro ministro e Aznarez retirou-se em 1110, com toda a sua família para o condado de Urgel. Na volta aos seus estados, Afonso chamou-o, e para recompensar os seus leais serviços, assim como para o compensar da injustiça de Urraca e da perda de consideráveis propriedades que havia sido forçado a abandonar em Castela, encheu-o de bens e honras, e deu-lhe terras e fortalezas ao norte de Aragão. Este reino estendia-se por um lado até ao Ebro, e por outro até ao rio Aragão, que lhe deu o seu nome. A fortaleza de Xavier achava-se necessariamente, então no reino de Aragão, pois que está situada à esquerda do rio, o que nos leva a crer que entraria no número daquelas que Afonso o Batalhador dera ao senhor Aznares como indenização e recompensa. Esta suposição combina-se com a opinião daqueles que asseguram que a família de S. Francisco Xavier possuía, desde mais de trezentos anos, o castelo em que ele nasceu.

[6] Hoje rua de S. Jacques. O nome de S. Bento-te-Bestournét vinha-lhe então, da igreja de S. Paulo, cujo altar-mor voltado para o poente, contrariamente ao costume estabelecido, lhe havia feito chamar, desde os fins do século XIII, S. Bento-le-Bestourné, por détourné ou mal tourné. No começo do século XVI, tendo Francisco I mandado ampliar a nave, foi colocado o altar no sentido exigido, e a igreja ficou desde então a chamar-se S. Bento-le-Bestourné, por bistourné (duas vezes voltado) e por corrupção, bestournet. A rua sofreu também a mesma alteração de nome, e acabou por tomar o da igreja dos Dominicanos. Por ser esta igreja da invocação de S. Jacques, o povo chamou aos religiosos, a quem o rei a havia cedido, Jacobinos, e porque a sua casa ocupava uma área considerável, ficou também a rua que eles habitavam, coar o nome de S. Jacques que se conservou. Estas duas igrejas foram suprimidas em 1790. A de S. Bento passou a ser uma armazém de ferragens e foi mais tarde demolida com grande pesar dos arqueólogos.

[7] Erigida pelos alunos da Universidade, em honra de santo Ivo, que cursara os seus estudos em Paris e ali merecera o cognome de advogado dos pobres.

[8] Fundado em 1370, por João de Dormans, bispo de Beauvais. Em 1764 foram os seus estabelecimentos adjudicados ao colégio de Usieux, que para ali se transferira, reunindo-se assim as duas fundações. Estes colégios foram suprimidos em 1790.

[9] Depois de S. João de Latrão, esta torre, denominada ultimamente Torre Bichat, datava do século XII, veio a cair, finalmente, sob o camartelo dos destruidores.

[10] Quando foi trazido para França o primeiro fragmento da verdadeira Cruz e depositado na abadia de S. Dinis, o arcebispo de Paris fixou o dia em que o clero, o Parlamento e o povo deveriam ir, em cada ano, verterá-lo solenemente; daqui veio o chamar-se àquela peregrinação a festa do Indicto (La fête de l'Indict).

Mais tarde, por corrupção, se chamou de Landi e finalmente du Landi. Com o tempo, tornou-se ali tão considerável o concurso do povo que trouxe logo o estabelecimento de uma grande feira na planície de S. Dinis.

No século imediato a Universidade uniu-se ao Parlamento para fazerem corpo na solenização da festa, e os mercadores de pergaminho estabeleceram grandes vendas na feira, que o reitor da Universidade lhes proibiu que vendessem a alguém, antes que ele fizesse a provisão necessária para os colégios; porque o papel não entrou em uso na França senão no século

XIV, no reinado de Filipe de Valois. Algum tempo depois, o reitor concedeu férias aos alunos para irem divertir-se no largo da feira, por ocasião da festa do Landi, e tendo sido a feira :prolongada por causa deles, fixou-se o começo dos divertimentos para a primeira segunda-feira depois de S. Barnaé.

Reitores, professores e estudantes reuniam-se no monte de Santa Genoveva, e dali partiam a cavalo para a feira. Os estudantes deram-se a tais excessos, que se seguiram várias questões e desordens violentas com efusão de sangue.

Em vão tomou o Parlamento várias medidas para coibir tão deploráveis cenas; estas grandes desordens terminaram quando se fez transferir a feira para a cidade de S. Dinis.

Mas se os estudantes não se entregavam aos mesmos excessos, se as suas lutas não faziam derramar sangue, havia, contudo, ainda grandes perigos para eles nos seus divertimentos.

[11] L. Ranke, História do Pontificado.

[12] O P. Bouhours dá como causa desta intenção de fazer regressar Francisco, as despesas que trazia a sua permanência em Paris, que ele supunha superiores aos meios de fortuna de D. João de Jasso. É bem difícil admitir-se esta suposição

Uma família favorecida nas duas cortes de Navarra e de Castela-Aragão, e que havia sempre ocupado altos cargos; uma família que possuía muitos feudos por parte de D. Maria, independentemente dos que foram levados por D. João, -conselheiro e favorito de João III que o preferira, dentre todos os fidalgos da sua corte, para esposo duma rica herdeira cujos antepassados tinham o seu sangue real, - esta família podia não ser rica em proporção do numero de filhos, mas não devia ser "pobre".

Xavier não era porcionista em Santa Bárbara; mantinha-se no colégio á sua custa, e sua família, sabendo que o curso de filosofia durava três anos e meio, devia ter calculado os seus meios antes de o enviar a Paris. Não se interrompe assim, por um cálculo falso e impossível, um curso tão brilhantemente sustentado. De outro lado, o P. Bouhours diz, na sua Vida de Santo Inácio, que Miguel Navarro "vivia a expensas de Xavier"; o que prova que D. João dava a seu filho uma pensão suficiente para dois. O P. Bártoli assegura-o igualmente.

O que torna ainda mais inadmissível a opinião do P. Bouhours, é uma carta de Xavier a D. João de Azpilcueta, seu irmão mais velha, - senhor de Obanos, pela casa de sua mulher, - carta pela qual ele se queixa da demora que tem havido na remessa das suas pensões. O coração de Francisco era bastante delicado e muito elevado para expressar uma tal queixa, se não tivesse a certeza de que sua família se achava em circunstâncias de satisfazer o que ele pedia. Mais adiante reproduzimos aquela carta.

[13] Fundado em 1314, por Aycelin de Montaigu, arcebispo de Rouen, este colégio teve os seus estatutos alterados no século imediato, pelo reitor João Standoncht, que transmitiu a austeridade das suas idéias para o regime dos estudantes.

Estabeleceu que a carne fosse absolutamente proibida era todo o ano aos alunos; que só lhes seria concedido uma mui ligeira quantidade de pão ao almoço, um bocado de queijo ou uma fruta para a colação da tarde, e que a ceia seria também de todo proibida. Foi sustentado este regimen por três

séculos, até que foi abolido por um decreto do Parlamento em 1744, sendo o colégio extinto em 1790.

[14] A Universidade tinha mensageiros em seu serviço exclusivo para percorrer as províncias e irem aos castelos receber as pensões dos alunos, que entregavam aos reitores; os estudantes e os professores aproveitavam estas ocasiões para escrever às famílias, que também lhes encarregavam, na volta, suas comissões. Estes eram os correios da Universidade

[15] O P. Bártoli, na História de Santo Inácio, diz que Miguel ouviu esta aterradora voz quando subia a escada. O P. Bouliours e M. A. Fature afirmam que ele subiu por uma escada de mão e entrou pela janela. Esta última versão parece-nos a mais verosímil; teria sido muito difícil ao assassino penetrar no colégio, alta noite, a não ser escalando os muros, porque não tinha cúmplices no interior.

[16] A abadia e a sua igreja tinham então o nome de Nossa Senhora do Monte dos Mártires, nome que por corrupção popular passou a ser Monte-Mártir, e depois Montmartre.

[17] D. O. M. Siste, spectator, atque in hac Martyrum sepulcro, probati ordinis tunas lege, societatis Iesu, quae S. Ignatium Loyolam patrem agnoscit, Lutetiam Matrem. Ano salutis MDXXXIV, Augusti IV, hic nata est: cum Ignatius et Socii, votis sub soeram synaxim religiosa conceptis, se Deo in perpetuum consecrarunt. Ad maiorem Dei gloriam.

"A Deus todo poderoso. Suspendei, espectador, e lede neste túmulo dos mártires a origem duma ordem célebre, a Companhia de Jesus, que reconhece Santo Inácio de Loiola por pai e Lutécia por mãe. Ela nasceu neste lugar, a 15 de Agosto de 1534, quando Inácio e seus companheiros, por votos religiosos, e depois de terem recebido o sacramento eucarístico, se consagraram para sempre à glória de Deus".

[18] Esta reclamação, está tão clara, que não deixa dúvida alguma sobre a causa dos dias de mortificações por falta de dinheiro, que o nosso Santo experimentava várias vezes. Esta carta não era, talvez, conhecida quando o P. Bouhours escrevia.

[19] Os partidários da doutrina de Lutero, afluíam então às Universidades da Europa.

[20] O capitão D. João -de Azpilcueta era casado com uma sua prima paterna.

[21] História de Santo Inácio de Loiola e da origem da Companhia de Jesus, pelo R. P. Daniel Bártoli. Trad. da 2ª edição italiana, 1855, Paris.

[22] Na História de Santo Inácio de Loiola encontram-se todos os pormenores deste singular processo.

[23] Dava-se então aos reis de Portugal o tratamento de Alteza.

[24] Ou, como se dizia então, o doutor Navarra.

[25] Paulo de Camerini, italiano.

[26] Francisco Mancias.

[27] A tradição local é que ele desembarcou primeiramente em

Mormugão, fortaleza portuguesa situada a três léguas de Goa. Com o fim de perpetuar esta memória erigiram as portuguesas uma capela, à margem do rio, no mesmo local em que o santo apóstolo havia, pela primeira vez, posto o pé no solo indiano, e este santuário foi-lhe dedicado.

Conta-se que quando os holandeses vieram, mais tarde, atacar a fortaleza de Mormugão, vendo um soldado que os canhões inimigos estavam apontados para a porta, e não duvidando que ela caísse ao choque 'da metralha, invocou em alta voz S. Francisco Xavier, e que no mesmo instante os projéteis ricochetearam, deixando os seus vestígios impressos na porta em prova do milagre.

(O. P. L. de Gad, Narração da Expulsão das Jesuítas de Macau a 5 de Novembro de 1762. Publicada pelo R. P. de Ravignan no seu Clemente XIII e Clemente XIV. Tomo 2.º).

Não existe já a capela a que o autor se refere e só sim, sobre o portão que dá ingresso à fortaleza real, denominada Porta do Cais, um nicho com uma magnífica imagem do Santo, talhada em pedra e que é ali muito venerada porque é tida como muito milagrosa.

Dentro da fortaleza real existe, porém, uma bonita capelinha da invocação do Santo, construída há bem poucos anos. Consta também que existiu outrora uma outra cate a mesma invocação, mas não sabemos se será a primitiva, nem tão-pouco podemos dizer se a atual foi levantada no mesmo local da antiga, o que nas não parece por que está algum tanto distante do rio e na raiz da montanha afastada da margem sobranceira.

[28] É realmente digna de se ler a descrição da antiga cidade de Goa, que nos dá o curioso viajante francês Francisco Pyrard, na 2ª parte da sua Viagem às Índias Orientais, traduzida em português, e publicada aqui pelo mui erudito secretário geral do governo deste estado, o Sr. conselheiro Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, há pouco falecido em Portugal, para onde regressou depois de mais de 20 anos de relevantes serviços prestados ao governo e às letras no cargo que tão dignamente desempenhou.

[29] Não é a atual a igreja catedral a que se refere S. Francisco Xavier, mas sim a antiga, denominada Catedral do Bispo, cuja notícia nos dá, o distinto falecido oficial-maior da secretaria deste governo Sr. Felipe Nery Xavier, no seu Resumo Histórico da Maravilhosa Vida, Conversões e Milagres de S. Francisco Xavier, publicada no ano de 1859, referindo-se ao que escrevera sobre o mesmo assunto, no n. 4 do Jornal da Santa Igreja Lusitana do Oriente de 1846, o falecido governador deste arcebispado Padre Caetano João Pores, e adicionando alguns documentos e apontamentos colhidos dos arquivos da mesma secretaria.

[30] A nau São Diogo.

[31] Deve ser o Hospital Real o que habitava o Santo, porque na data desta carta, só existiam na cidade de Goa dois hospitais, o Real e o de S. Lázaro; mas este ficava distante, nos subúrbios da cidade e era destinado aos leprosos, aos quais, diz ele, que só visitava todos os domingos. O de Todos-os-Santos consta que foi construído em 1547 cinco anos mais tarde. Sobre o Hospital Real, recomendamos a magnífica descrição que dele dá Francisco Pyrard, na 2.ª parte da sua Viagem.

[32] Sobre esta igreja veja-se o que diz o sr. Felipe Nery Xavier, na sua Tida de S. Francisco Xavier, já citada.

[33] Contam-se perto de duzentas.

[34] É notável que esta profecia foi feita a 31 de julho, que devia ser o dia da morte de Santo Inácio, e aquele em que a Igreja devia celebrar a sua festa.

[35] Fr. João de Albuquerque foi o primeiro Bispo de Goa Veio a este Estado em 1538 e faleceu em 23 de Fevereiro d 1553. A igreja de Goa foi elevada à categoria de bispado em 1534, pela Bula de 3 de Novembro daquele ano.

[36] Ele ia quase sempre a pé, revestido de sobrepeliz e estada, e precedido da cruz, a não ser que as distâncias fossem muito consideráveis.

[37] O Santo apóstolo das Índias consagrava a mais terna devoção a Maria, e morto particularmente à sua Imaculada Conceição, que fizera voto de defender por toda a sua vida contra aqueles que a atacassem em sua presença.

[38] Ele escreveu efetivamente para a Universidade de Paris, mas esta carta não foi encontrada. O doutor João de Rada, navarrês, assegura ter tido uma cópia. A família do nosso Santo teve, sem dúvida, conhecimento dela, porque um de seus sobrinhos, Jerónimo Xavier, filiava-se na Companhia de Jesus trinta unas depois da morte do grande Apóstolo, e em 1595, chegara até à corte do Grão-Mogol, cuja afeição soubera ganhar, e pregava abertamente o Evangelho nas seus Estados.

[39] Este seminário era também conhecido, e mais geralmente, pela denominação de Colégio de S. Paulo, por se achar estabelecido no Convento cuja igreja tinha aquela invocação, e donde as jesuítas se chamaram também Padres de S. Paulo ou Paulistas.

[40] Aguardente.

[41] Chefes do distrito.

[42] Barcos do país.

[43] Ou coilão.

[44] Tesoureiro do rei das Índias.

[45] Francisco Vicente de Lagos, religioso franciscano.

[46] O rei de Portugal concedeu tudo quanto Xavier pedia, e até substituiu o vice-rei, cuja integridade, deixava muito a desejar.

[47] Pequenos barcos indianos.

[48] Teremos ocasião de tornar a falar sobre este caranguejo, e sobre a tradição conservada entre os índios com respeito a este milagre.

[49] Gilolo e as ilhas que a cercam.

[50] Aquela predição cumpriu-se como todas as outras do ilustre Xavier. João de Eiro era já religioso da Ordem de S. Francisco e nela vivia mui santamente, na época em que se colheram informações na índia para a canonização do grande apóstolo, informações nas quais ele concorreu com o seu testemunho, e prestou, sob juramento, todos os esclarecimentos sobre os factos que lhe diziam respeito e que, já de nós

são conhecidas.

[51] O Padre Fabro morreu em Roma a 1 de Agosto de 1564. É a primeira vez que encontramos o seu nome nas cartas de Xavier.

[52] O P. Banhours fixa a data desta chegada a Cochim a 21 de Janeiro. O tradutor das cartas de S. Francisco Xavier, A. Faire, a reproduz fazendo observar que não pode deixar de ser errada. A carta do santo apóstolo ao rei de Portugal corta mui claramente a dificuldade, dizendo que ele desembarcou a 13. É de admirar, pois, que o tradutor não se tenha baseado numa indicação tão positiva e não tenha considerado que as cartas por ele escritas de Cochim em 1548, tem todas a data de 20.

[53] Tinha-se espalhado a boato de que ele fora envenenado pelos pagãos.

[54] O rei D. João III morreu em 1557.

[55] Ou Malaia.

[56] Há erro nesta data. A visita às cristandades das costas da Pescaria, a demora em Manapar, a viagem à ilha de Ceilão, onde a Santo negocia um tratado com o rei de Jafanapatão e converte o de Candia, no centro da ilha, a viagem da ilha de Ceilão a Goa e a Baçaim, tudo isto não podia ser feito em quatro ou cinco dias. Nós preferimos a data indicada pelo P. Bouhours e reproduzida pelo tradutor nas cartas que fixa aquela chegada a 20 de Março. Além disto, achamos igualmente a mesma data de 20 de Março numa carta de Cosme de Torres à Companhia de Jesus.

[57] É de supor que o oratório ou capela, a que o autor se refere, seja a mesma que ainda hoje existe, sem teto, junto das ruínas do colégio de S. Paulo, e que por tradição é conhecida por- Capela de S. Francisco Xavier - e muito visitada desde a exposição do Santo do ano de 1859. Por um mal entendido descuido foi ela abandonada ao vandalismo público, a ponto de ter servido, por algum tempo, de estábulo de gado! Na última exposição de Dezembro de 1878, fizeram-se algumas reparações no seu interior, mas recaiu de novo no abandono em que se acha atualmente. Próximo desta capela e também no terreno da horta, ou cerca do colégio de S. Paulo, existe um grande poço, com uma escada em dois lanços que desce até ao fundo, cujas águas tidas como bentas, são levadas com empenho pelo povo, coma remédio aos doentes.

[58] Estas instruções, escritas e assinadas pelo punho do ilustre Xavier, não trazem data; mas sendo a carta ao rei de 20 de Janeiro de 1549, indica aproximadamente a data deste precioso documento autógrafa, conservado em Paris.

[59] "Primeira semana" é a parte dos "Exercícios Espirituais" de Santo Inácio de Loiola em que se medita sobre a origem e fim do homem e das criaturas, o pecado, e os castigos do pecado.

[60] Nos climas quentes é uso oferecer-se água fresca para beber.

[61] Hoje o Tibet.

[62] São mais de mil e setecentas léguas.

[63] É Provável que S Francisco Xavier só tenha indicado essas distâncias aproximadamente, porque elas foram conhecidas depois como muito mais consideráveis.

[64] Espanhol da Província de Biscaia.

[65] D. Pedro da Silva Gama era filho terceiro do almirante e célebre navegador Vasco da Gama.

[66] Foi isto que trouxe ao príncipe desejos de conhecer a religião cristã, e fez com que ele pedisse pregadores ao vice-rei das Índias.

[67] Ou Kagosima, capital do reino de Saxuma.

[68] Calambá ou Calumbuco, nome que dão na Índia ao pau de áloes e ao de aguila.

[69] Na província de Fakien

[70] Em uma outra tradução lemos: "Conquanto, eu me vá embranquecendo já...". Ele tinha então somente quarenta e cinco anos.

[71] Ou Fucheo.

[72] De Portugal.

[73] Guarda real ou guarda de honra do rei.

[74] Conservado na casa do Gesú em Roma.

[75] M. Crétineau Joly diz que o andar do Padre Xavier "denunciava o gentil homem" (História da Companhia de Jesus).

[76] Ou Chang-Tchuen-Chan, segundo Malte-Brun. Outros chamam esta ilha Sanchão.

[77] De Cochim, a 29 de janeiro de 1552.

[78] Trinta anos mais tarde, o Padre Ricci, da Companhia de Jesus, e a quem dois das seus irmãos haviam preparado a caminho, conseguia, finalmente,, plantar a cruz naquele império. Foram, pois, ouvidos os votos do grande Xavier.

[79] Os historiadores de S. Francisco Xavier não indicam a data da sua partida; mas a -última carta escrita de Maloca pelo santo apóstolo tendo a data de 16 de Julho, e a primeira que ele escreveu da baía de Singapura a de 28, deve-se colocar a sua partida de Maloca a bordo da Santa Cruz entre 16 a 20 de Julho de 1552.

[80] O P. Bouhours não faz menção desta arribada, mas ela está provada pelas cartas do santo apóstolo.

[81] Havia chegado ali nos primeiros dias de Setembro.

[82] O Pe. Bouhours dá-lhe o nome de Capaceca; este nome deve, porém, ter outra ortografia.

[83] Índio ao serviço de Xavier.

[84] O P. Bouliours diz que S. Francisco Xavier teve muito que sofrer por parte de toda a equipagem. Nós, porém, não podemos conciliar esta asserção com a correspondência do nosso Santo e com o testemunho do Padre Aria Blandoni. Em todas as cartas que Xavier escreveu ao seu amigo Diogo Pereira, agradece os cuidados de que tem sido objecto:

"É a vós, meu amigo, lhe escrevia ele de Singapura a 1 de Agosto de 1552, que sou devedor das dedicadas atenções de que sou objecto neste navio que é vosso; dão-nos abundantemente, tudo que precisamos, a mim e aos meus companheiros que estão doentes, e muitas vezes muito alie dos nossos desejos..."

A 21 de Outubro, mandava-lhe dizer de Sanctiã:

"Reconheço a vossa amizade para comigo nas ordens que destes à vossa gente embarcada neste navio e pala maneira como eles as executam. Que Deus recompense Tomás Scandelho; ele prodigaliza-me os maiores cuidados e considerações e dá-me tudo quanto lhe peço com um interesse que não poderei jamais agradecer".

Finalmente, a 12 de Novembro, testemunha-lhe ainda o seu reconhecimento pelo bom proceder para com ele:

"Vós descobristes, meu amigo, o segredo de me cercades de atenções da vossa amizade, não obstante a distância que nos separa. Toda a vossa gente da Santa Cruz me enche de obséquios e agrados, e Tomás Scandelto faz tudo que lhe peço e muito mais, com um interesse, e generosidade dignas dos vossos sentimentos e afeição por mim".

O Padre Aria Blandoni, escrevendo à Companhia de Jesus, em Roma, de Goa, a 24 de Dezembro de 1554, afirma que os marinheiros não abandonaram o Santo em Sanctiã, e que todos os portugueses da Santa Cruz lhe eram ternamente afeiçoados.

[85] Supunha-se que a Santa Cruz não tinha completado a sua carga. E difícil admitir-se esta suposição O capitão Luís de Almeida fazia desde longo tempo um grande comércio com as Índias a China e o Japão; ele sabia que os mares da China são impraticáveis durante as grandes frios; que os chineses deixavam de vir a Sanctiã durante aquela estação e que uma demora de alguns dias o forçaria naquele porto desprovido de todos os recursos.

Nestas condições, será possível supor-se que ele tivesse desprezado efectuar a tempo o seu tráfico comercial? demais, sabia-se que o governador de Maloca, encarregando-o de ir traficar por sua conta na Santa Cruz, lhe deu vinte e cinco marinheiros por ele escolhidos, e aos quais fizera promessas e ameaças secretas que deviam ser executadas na vota.

Sabia-se igualmente que o capitão tinha ordens do governador para, quando ali chegasse, fazer desembarcar Xavier e não o tornar a receber a bordo sob pretexto algum. O P. Bauhours e M. A. Faivre, tradutor das cartas do nosso Santo afirmam-no igualmente; e o capitão Luís de Almeida, que pouco depois entrou na Companhia de Jesus, deve ter deixado documentos verdadeiras sobre este objecto.

[86] Seja porque o temor do governador os retivesse (aos habitantes de Malaca) seja porque Deus o permitisse para maior glória do seu servo, quando tiraram o corpo do esquife, enterraram-no fora da igreja, no lugar onde se enterravam de ordinário os pobres.

Não fizeram sequer a cova de tamanho suficiente, de sorte que comprimindo e dobrando o corpo para ali o fazerem entrar, rasgaram-lhe algum tanto os ombros; dali saiu sangue que derramou um cheiro muito agradável. Foram

ainda tão indiscretos que calcaram a terra que cobria o corpo, pisaram-no em mais de um lugar, como se devesse ser o destino do Santo ser atormentado pelo povo de Malaca durante a vida e depois da sua morte?

Vida de S. Francisco Xavier, pelo Padre Bouhours, tomo 2, pág. 184".

[87] Pelo falecimento do Padre Barzeu a 18 de Outubro de 1553, o Padre Melchior Nunes substituiu-o no cargo de vice-provincial, conforme a ordem que S. Francisco Xavier deixara em carta de prego quando teve de embarcar para Malaca recomendando aos Padres do Colégio que a não abrissem senão depois da morte do Padre Gaspar Barzeu.

[88] O Padre Blandoni, teria podido acrescentar que ela estivera enterrada muito mais tempo ainda.

[89] Igreja Paroquial da invocação de Nossa Senhora da Ajuda.

[90] A 16 de Março de 1554, sexta-feira da semana da Paixão.

[91] o Padre Blandoni tendo sido testemunha dos factos que conta julgamos dever dar preferências à sua narração, que difere em alguns pormenores da do Padre Bouhours

[92] Calcula-se que rio decurso do seu apostolado, desde a sua partida de Paris para Veneza, até à morte, o nosso Santo percorreria mais de trinta e cinco mil léguas!

[93] Em 1579, o P. Rodolfo Aquaviva discípulo do geral da Companhia de Jesus, chegava ao império de Akebat e acolhido com benevolência pelo soberano, pregava livremente a doutrina dum Deus crucificado; mas não houve uma só pessoa que se resolvesse a sacrificar as suas paixões por aquela religião nova, e o santo missionário, julgando que a hora da misericórdia divina não chegaria ainda para aqueles desgraçados infiéis, retirou-se deplorando a sua cegueira. Estava reservado ao grato nome de Xavier fazer brilhar mais deslumbrantemente a seus olhos a luz da fé e de submeter os seus corações ao jugo do Evangelho. Em 1595, o P. Jerónimo Xavier, discípulo do ilustre apóstolo, apresentava-se na corte do Grão Mogol, e fazia curvar todas as frentes diante da Cruz de Jesus Cristo.

[94] Moeda da Índia.

[95] Esta devoção consiste na recitação de dez Pater, Ave e Glória Patri em honra dos dez anos de apostolado de S. Francisco Xavier nas Índias. Este exercício deve ser renovado dez sextas-feiras seguidas.

[96] Era de uso que as rainhas de Portugal bordassem por suas próprias mãos a casula de que está revestido o corpo do Santo. Todos os vinte anos se fazia a abertura do caixão e se mudava a casula; a velha era enviada à corte que fazia as suas generosidades a quem julgava a propósito. (Nota de M. Perrin, citada por Mr. Crétineau-Joly, na História da Companhia de Jesus).

[97] O Padre Cicala acrescenta: "É para notar que o Santo era de estatura muito baixa". A 4 de Dezembro de 1859, Monsenhor Canoz, vigário apostólico do Maduré, acompanhado das RR. PP. Gard e Charmillot pedia, em presença do Santo corpo, a um dos três médicos chamados ao ato da abertura do túmulo, a razão de um tal encurtamento. O doutor explicou-o pela ausência de muitas cartilagens, arrebatadas, vem dúvida, assim como os intestinos, para relíquias.

[98] A portaria é de 11 de Julho.

[99] "Jornal do Comércio".

[100] Atualmente o outro braço da cruz está ocupado pelo altar do Santíssimo Sacramento.